



JARDINS POSSÍVEIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Luciana Souza Bragança

Jardins Possíveis

Belo Horizonte
2021

Luciana Souza Bragança

Jardins Possíveis

Versão Final

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo – NPGAU, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Arquitetura e Urbanismo.

Área de Concentração: TEORIA, PRODUÇÃO E EXPERIÊNCIA DO ESPAÇO

Orientador: Prof. Dr. Frederico Canuto

Belo Horizonte
Escola de Arquitetura da UFMG
2021

FICHA CATALOGRÁFICA

B813j

Bragança, Luciana Souza.

Jardins possíveis [manuscrito] / Luciana Souza Bragança. – 2021.
541f. : il.

Orientador: Frederico Canuto.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de
Arquitetura.

1. Jardins - Teses. 2. Espaço urbano - Teses. 3. Sustentabilidade -
Teses. 4. Ecologia - Teses. 5. Natureza - Teses. 6. Jardinagem
paisagística - Teses. I. Canuto, Frederico. II. Universidade Federal de
Minas Gerais. Escola de Arquitetura. III. Título.

CDD 712.6



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Jardina Possíveis

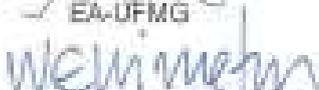
LUCIANA SOUZA BRAGANÇA

Tese submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da UFMG como requisito para obtenção do grau de Doutor em Arquitetura e Urbanismo, área de concentração: Teoria, produção e experiência do espaço.

Aprovada em 13 de setembro de 2021, pela Comissão constituída pelos membros:


Prof. Dr. Frederico Canuto - Orientador
EA-UFMG


Prof. Dr. Rogério Patricio Zechner de Araújo
EA-UFMG


Prof. Dr. Wellington Cascardo Coelho
EA-UFMG


Profa. Dra. Thais de Boalchumchinda Portela
UFBA


Profa. Dra. Cristiane Maria Magalhães
UNICAMP

Belo Horizonte, 13 de setembro de 2021.

Para o Marcelo, o Paulinho, os mestres gatos, a casa moita e todos os seres que a habitam.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que de alguma forma tornaram essa tese possível.

Ao meu amigo e orientador Frederico Canuto.

À Ana Paula Baltazar por me acolher como orientanda no início da tese e a todos os professores do Programa NPGAU. À Paula secretária do NPGAU pela disponibilidade sempre.

Às minhas companheiras de extensão do grupo Natureza Política Marcela Silvano Brandão e Natacha Rena pela possibilidade da realidade transformadora. E a Marcela especialmente pelo companheirismo acalentador. Às minhas colegas do PIAU.

A todos os bolsistas que participaram da pesquisa: Gabriela, Clarisse, Lorena, Alice, Cyntia, Mateus, Luiza. Alguns com bolsa e outros voluntários e igualmente preciosos na dedicação e aprendizado contínuo do cotidiano transformador dos jardins. Vocês são uma parte imprescindível de tudo que foi coletado em campo. Ao Luiz pelo desenho dos mapas. E também aos grupos de Pesquisa Narrativas Topológicas e Indisciplinar por disponibilizar o tempo precioso de alguns desses bolsistas para a pesquisa.

Às professoras Ângela Gomes e Daniela Adil e aos professores Rogério Palhares e Wellington Cançado por generosamente participarem da minha Banca de qualificação e dedicarem um tempo para discutir os jardins. Ao Rogério pela disponibilidade para discussão das Bacias Hidrográficas. Ao Low pela generosidade no compartilhamento de pensamentos e bibliografias sobre o nosso mundo e os outros seres e por me introduzir no pensamento multiespécies. Ao Danilo e ao Alceu por participarem da pesquisa. Ao Alceu pelas melhores conversas sobre jardim. Ao Patrik e à Rebecca pela aula de transcrição.

À PRPQ que financiou a pesquisa Jardins Possíveis que foi a base para todas as reflexões aqui apresentadas e que possibilitou boa parte da pesquisa de campo. Ao Departamento de Projetos pela licença que viabilizou esta pesquisa; NPGAU pelos preciosos meses a mais para finalização da tese.

Aos moradores do bairro São Geraldo que gentilmente abriram seus mundos e seus jardins e tornaram a pesquisa possível. Em especial gostaria de agradecer ao Tata grande articulador dos encontros dos jardins e a Fátima. A minha mãe pela leitura e correção do texto.

E a minha linda família multiespecífica - Paulinho, Marcelo, meus pais, minha irmã e meu cunhado, meus gatos, minha cachorrinha, as maritacas, os passarinhos, minhas plantas - que me fizeram permanecer sã e presente e que me fizeram perceber que o amor pode prevalecer na distopia desses dias de nosso mundo pandêmico assim como nos jardins.

RESUMO

Jardins são microcosmos do infinito, uma cosmologia (MOMGIN, 2013). Que mundos os jardins revelam hoje que podem contaminar a arquitetura e o urbanismo em suas práticas modernas e antropocentradas? O ponto de partida da tese é o entendimento dos jardins historicamente, dos jardins pesquisados como possibilidade e também da história brasileira do relacionamento entre os viventes. Os territórios da pesquisa foram escolhidos a partir do entendimento da água e da bacia hidrográfica como unidade essencial para a vida e o pensamento sobre o espaço. Os jardins possíveis escolhidos para a tese são aqueles onde as pessoas se relacionam diretamente na sua construção bem como esses outros viventes conformando territórios de simbioses “topobiorelacionais”, coletivos multiespécies (TISING, 2019), presentes nas cidades com potência para recriá-la ao reexistirem (MIGNOLO, 2004) ou ao tornarem-se reais. A partir da chave dos jardins a pesquisa se desenvolveu buscando entender como se relacionam humanos e não-humanos. Para a pesquisa, associa-se o possível à característica de geratividade já latente no território e o poder a um regime de visibilidade e invisibilidade que inventa e concatena narrativas (BERARDI, 2019). Nesse sentido, a proposta é tecer uma crítica ao planejamento como uma crítica ao regime de visibilidades, portanto uma crítica a uma forma de poder antropocêntrica, operada também pelos grandes conceitos e narrativas como sustentabilidade e desenvolvimento sustentável. Serão problematizadas também as ideias de natureza, ecologia e movimento ecológico à luz dos mundos dos jardins. A partir disso a pesquisa investiga qual a possibilidade cosmopolítica da arquitetura e do urbanismo com os não-humanos, baseados em alianças afetivas e confluências presentes nos jardins que transborda. Serão apontadas as contribuições no sentido das ideias da Terra viva, Gaia e das confluências cosmopolíticas (STENGERS, 2004). Os jardins tornados visíveis se estruturam pelo cuidado, pelo amor e pela religiosidade. São femininos, o lugar de encontro dos diferentes, repositório de memórias do mundo fora da ordem, lugar da ancestralidade, salvaguarda dos saberes da terra. São microcosmos possíveis, fragmentários e também planetários onde o reconhecimento de cosmovisões não hegemônicas funciona como exemplos de microcosmopolíticas contra coloniais (BISPO DOS SANTOS, 2015). Entre água, solo, sol, vento, animais e plantas há jardins como possibilidades multiespécies de futuros exemplares levantados como hipóteses investigativas para a arquitetura e o urbanismo na conclusão.

Palavras chave: Jardim. Possíveis. Cosmopolíticas. Multiespécie. Cidade. Natureza. Sustentabilidade. Ecologia. Arquitetura e Urbanismo.

ABSTRACT

Gardens are microcosms of infinite, a cosmology (MOMGIN, 2013). What worlds do gardens reveal today that can contaminate architecture and urbanism in their modern and anthropocentric practices? The starting point of the thesis is the understanding of gardens historically, of the gardens researched as a possibility and also of the Brazilian history of the relationship between living beings. The research territories were chosen based on the understanding of water and the hydrographic basin as an essential unit for life and thinking about space. The possible gardens chosen for the thesis are those where people relate directly in its construction as well as these other living beings forming territories of "topobiorelational" symbiosis, multispecies (TISING, 2019) collectives, present in cities with the power to recreate it when they r-exist (MIGNOLO, 2004) or by becoming real. From the garden key, the research was developed in an attempt to understand how humans and non-humans relate. For research, the possible is associated with the characteristic of procreation already latent in the territory and power with a regime of visibility and invisibility that invents and concatenates narratives (BERARDI, 2019). In this sense, the proposal is to criticize urban planning as a critique of the visibilities regime, therefore, a critique of an anthropocentric form of power, operated also by major concepts and narratives such as sustainability and sustainable development. The ideas of nature, ecology and ecological movement will also be discussed in light of the worlds of gardens. From this, the research investigates the cosmopolitical (STENGERS, 2004) possibility of architecture and urbanism with non-humans, based on affective alliances and confluences present in the overflowing of gardens. Contributions towards the ideas of Living Earth, Gaia and cosmopolitical confluences will be pointed out. The gardens made visible are structured by care, love and religiosity. They are feminine, the meeting place of the different, memories repository of the out-of-order world, place of ancestry, safeguarding the land knowledge. They are possible microcosms, fragmentary and also planetary where the recognition of non-hegemonic cosmovisions works as examples of microcosmopolitics against colonials (BISPO DOS SANTOS, 2015). Among water, soil, sun, wind, animals and plants there are gardens as multispecies possibilities of exemplary futures raised as investigative hypotheses for architecture and urbanism in the conclusion.

Keywords: Garden. Possible. Cosmopolitics. Multispecies. City. Nature. Sustainability. Ecology. Architecture and urbanism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Redesenho da paisagem de Itabira pela mineração vista a partir da Matriz Nossa Senhora do Rosário em três épocas: décadas de quarenta e sessenta do século 20 e atualmente	24
Figura 02 - Casa moita	26
CADERNO DE IMAGENS 1: Localização da área de estudo	78
Figura 03 - Bacias Hidrográficas de Belo Horizonte	79
Figura 04 - Bacia Hidrográfica do Ribeirão Arrudas	80
Figura 05 - Bacias Elementares do Bairro São Geraldo	81
Figura 06 - Bairro São Geraldo	82
Figura 07 - Uso e ocupação do solo no Bairro São Geraldo	83
CADERNO DE IMAGENS 2: Da vertente norte permeável ao muro da ferrovia	86
Figura 08 - Área de estudo em 2009	87
Figura 09 - Área de estudo em 2020	88
Figura 10 - Imagem 1 Street view 2009	89
Figura 11 - Imagem 1 Street view 2019	89
Figura 12 - Imagem 2 Street view 2009	90
Figura 13 - Imagem 2 Street view 2019	90
Figura 14 - Imagem 3 Street view 2009	91
Figura 15 - Imagem 3 Street view 2019	91
Figura 16 - Imagem 4 Street view 2009	92
Figura 17 - Imagem 4 Street view 2019	92
Figura 18 - Imagem 5 Street view 2009	93
Figura 19 - Imagem 5 Street view 2019	93
Figura 20 - Rua Souza Aguiar ainda de terra	94
Figura 21 - Linha de trem e mata ciliar do ribeirão Arrudas	94
Figura 22 - Rua Souza Aguiar sem o muro da ferrovia	95
Figura 23 - Rua Souza Aguiar sem o muro da ferrovia e com crianças brincando	95
Figura 24 - Cabras soltas nas ruas do bairro São Geraldo comendo as roseiras do jardim da Ana	98

CADERNO DE IMAGENS 3: Delimitando o Território	102
Figura 25 - Delimitação inicial para a pesquisa	103
Figura 26 - Bairro São Geraldo – Área de estudo	104
Figura 27 - Bairro São Geraldo – Territórios relacionais	105
Figura 28 - Bairro São Geraldo – Morfologia da Bacia Hidrográfica	106
Figura 29 - Bairro São Geraldo – Unidades de relevo da Bacia Hidrográfica	107
Figura 30 - Bairro São Geraldo – Sobreposição das informações	108
Figura 31 - Bairro São Geraldo – Parâmetros de delimitação	109
Figura 32 - Bairro São Geraldo – Território de estudo, delimitação final	110
Figura 33 - Bairro São Geraldo – Território de estudo, delimitação final	111
Figura 34 - Bairro São Geraldo – Território de estudo e territórios de análise	112
Figura 35 - Cartaz de convite para o primeiro Café com Plantas	115
Figura 36 - Histórico de formação do Bairro apresentado para os alunos da disciplina Comunicação Visual o Edifício e a Cidade.	117
Figura 37 - Sinalização existente. Slide apresentado pelos alunos.	117
Figura 38 - Alunos preparando pintura em frente à área pública na Rua Souza Aguiar	118
Figura 39 - Alunos pintando em frente à área pública na Rua Souza Aguiar	119
Figura 40 - Pintura em frente a uma casa	119
Figura 41 - Pintura em frente à área pública na Rua Souza Aguiar	120
Figura 42 - Lambe-lambes com a legenda colados nos postes da Rua Souza Aguiar	120
CADERNO DE IMAGENS 4: Café com Plantas	125
Figura 43 - Cartões usados no segundo Café com Plantas	126
Figura 44 - Placas usadas no segundo Café com Plantas	128
Figura 45 - Cartões com histórias escritas no segundo Café com Plantas	129
Figura 46 - Cartões com histórias escritas no segundo Café com Plantas	131
Figura 47 - Placas e mesa de café no segundo Café com Plantas	132
Figura 48 - Placas instaladas nos jardins do Tata no segundo Café com Plantas	133
Figura 49 - Placas instaladas nos jardins do Tata no segundo Café com Plantas	133
Figura 50 - Fotos antigas do local trazidas pelos moradores, segundo Café com Plantas	134
Figura 51 - Mudas trocadas no segundo Café com Plantas	134
Figura 52 - Varal de cartões do segundo Café com Plantas	135
Figura 53 - Roda de conversa no segundo Café com Plantas	135

CADERNO DE IMAGENS 5: A Várzea Plana e a Rua Souza Aguiar.....	162
Figura 54 - Mapa de localização dos jardins da várzea plana e Rua Souza Aguiar.....	163
Figura 55 - Jardim público da Cida, sofás colocados na área remanescente.	164
Figura 56 - Jardim público da Cida, diversidade de espécies, vasos, mobiliário.	165
Figura 57 - Jardim público da Cida. Dona do bar cuidando do jardim no início da Rua Souza Aguiar.	166
Figura 58 - Jardim público da Cida. Sinalização.	167
Figura 59 - Jardim público da Cida. Guirlanda de CDs.	168
Figura 60 - Jardim público da Cida, bancos construídos pelos moradores.	168
Figura 61 - Jardim público da Cida, área abaixo do jardim com água empoçada.	169
Figura 62 - Jardim da Rosa. Plantas de poder na entrada: pimenteira e comigo ninguém pode, bibelôs.	170
Figura 63 - Jardim da Rosa. Jardim lateral com parreira, azaleia, árvores, vasos, varal e garagem....	171
Figura 64 - Jardim da Rosa. Colmeia de abelha Jataí.	172
Figura 65 - Jardim da Terezinha. Jabuticabeira do jardim de fundos, vasos e banco.	173
Figura 66 - Jardim da Terezinha. Plantas e o cachorro da família entre elas.....	174
Figura 67 - Jardim da Terezinha. Fundos da casa visto da área de serviço com muita variedade de plantas.	174
Figura 68 - Jardim da Terezinha. Vasos.	175
Figura 69 - Jardim da Manuelina. Varanda com vasos.	176
Figura 70 - Jardim da Manuelina. Jardim público cuidado por Manuelina.	176
Figura 71 - Jardim da Manuelina. Jardim público cuidado por ela e bebedouro dos pássaros.....	177
Figura 72 - Jardim da oficina do Maurício, pimenteira, fícus, decoração da fachada.....	178
Figura 73 - Jardim público da oficina do Maurício com rosa de plástico, cactos, ferrovia ao fundo...	179
Figura 74 - Jardim público da oficina do Maurício, inseto no cactos.....	179
Figura 75 - Jardim da oficina do Carlindo.	180
Figura 76 - Jardim da oficina do Carlindo, maracujá gigante.	181
Figura 77 - Jardim da Elisete e Mário, rede, mudário, vasos, árvores e casa do cachorro.	182
Figura 78 - Jardim da Elisete e Mário, ameixeira, pitangueira, mesa, rede.	183
Figura 79 - Jardim da Fabíola, jardim da varanda.	184
Figura 80 - Jardim da Fabíola, horta, barracão, bananeiras e árvores nativas ao fundo.....	185
Figura 81 - Jardim público Betinho e Nilson no início.....	186
Figura 82 - Jardim público Betinho e Nilson, montagem panorâmica.....	187
Figura 83 - Jardim público Betinho e Nilson em 2019.	188
Figura 84 - Jardim público Betinho e Nilson em 2019, vasos e cadeira de vime.....	189
Figura 85 - Jardim Betinho e Nilson, canteiro de dentro da oficina.....	190
Figura 86 - Passarela sobre o metrô no fim do jardim público Betinho e Nilson.....	191

Figura 87 - Jardim Dona Lucinha, sacola de chuchu na frente da casa.....	192
Figura 88 - Jardim Henrique de Xangô, espadas de São Jorge plantadas na entrada do terreiro.....	193
Figura 89 - Jardim público do Tata, bar e casa do Tata com cavalinho de pau instalado por ele.....	194
Figura 90 - Jardim público do Tata, amigas apanhando goiaba em frente ao bar do Tata.....	195
Figura 91 - Jardim público do Tata, balanços instalados em frente ao bar.....	196
Figura 92 - Jardim público Tata e detalhe dos balanços.....	197
Figura 93 - Jardim público Tata e Frente da casa do Capitão sem árvores.....	198
Figura 94 - Cachorros do Tata.....	199
Figura 95 - Jardim das Marias, frente da casa: canteiro de hortaliças, ervas medicinais e flores.....	200
Figura 96 - Jardim das Marias, adubação e rega com garrafas pet.....	201
Figura 97 - Jardim das Marias, frente da casa com flores e ervas medicinais.....	201
Figura 98 - Jardim das Marias, sementeira com fitas para espantar os pássaros.....	202
Figura 99 - Jardim das Marias, pergolado lateral com chuchu e vasos.....	203
Figura 100 - Jardim das Marias, jabuticabeira com repelente natural de mosquitos.....	204
Figura 101 - Jardim das Marias, papagaio da família.....	205
Figura 102 - Jardim das Marias, capela de nossa senhora.....	206
Figura 103 - Jardim público do salão e grade da ferrovia com melão de São Caetano plantado.....	207
Figura 104 - Jardim público do Sr. Geraldo, as três árvores plantadas para os filhos.....	208
Figura 105 - Jardim da escola do Sr. Geraldo e suas mudas.....	209
Figura 106 - Jardim da escola do Sr. Geraldo, passarela plantada e talude ao fundo.....	209
Figura 107 - Jardim da escola do Sr. Geraldo, canteiros laterais detalhe do manjeriço.....	210
Figura 108 - Jardim da escola do Sr. Geraldo, canteiros laterais de flores, frutas e hortaliças.....	210
CADERNO DE IMAGENS 6: Superfícies Côncavas.....	241
Figura 109 – Mapa de localização dos Jardins da superfície côncava – Grota.....	242
Figura 110 - Jardim do cigano, árvores da Grota, taiobas, flores e casa para os cachorros.....	243
Figura 111 - Jardim do Cigano, horta de ervas com matinha da Grota ao fundo.....	244
Figura 112 - Jardim da Adriana, pé de graviola plantado pelo irmão na entrada da casa.	245
Figura 113 - Jardim da Adriana, vasos da lateral da casa com as árvores da Grota ao fundo.	245
Figura 114 - Jardim da Rodaleia, plantas da entrada e galinhas criadas soltas.....	246
Figura 115 - Jardim da Rodaleia, talude desmatado no fundo das casas.....	247
Figura 116 - Jardim José Artur e Lica, espadas de São Jorge, roseira, coqueiro, jabuticaba.	248
Figura 117 - Jardim José Artur e Lica, tronco da canela cortado.	249
Figura 118 - Jardim José Artur e Lica, lateral esquerda do jardim.	250
Figura 119 - Jardim José Artur e Lica, cachorro de estimação.	250
Figura 120 - Jardim Jurandir, flor de hibisco da entrada.	251

Figura 121 - Jardim Jurandir, árvores frutíferas e Grotinha ao fundo.	252
Figura 122 - Jardim Luiz, jardim frontal e lateral aparecendo sobre a fachada.	253
Figura 123 - Jardim Luiz, lateral com árvores frutíferas e espécies plantadas sob elas.	254
Figura 124 - Jardim Luiz visto da Grotinha.	255
Figura 125 - Jardim Marlene, vista geral.	256
Figura 126 - Jardim Marlene, detalhe dos vasos em recipientes improvisados.	257
Figura 127 - Jardim Marlene, vasos da varanda.	258
Figura 128 - Jardim Silvânia, vista da rua com gramado, roseira, casa e palmeiras ao fundo.	259
Figura 129 - Jardim Silvânia, macaco que visita a casa.....	260
Figura 130 - Jardim Silvânia, detalhe das roseiras.....	261
Figura 131 - Conjunto da praça derrubado para construção de um prédio.....	262
Figura 132 - Conjunto da praça derrubado para construção de um prédio.....	263
Figura 133 - Conjunto construído na praça depois da derrubada das árvores do lote.....	264
Figura 134 - Jardim Nayara, árvores e folhagens.....	265
Figura 135 - Jardim José Adão, vista panorâmica da Grota com o Bairro São Geraldo ao fundo.....	266
Figura 136 - Jardim Josés, casa do José filho, bananeiras, pé de limão e árvores nativas.....	267
Figura 137 - Jardim Josés, jardim da varanda de José filho.....	268
Figura 138 - Jardim Josés, construção irregular abandonada sendo retomada pela vegetação.....	269
Figura 139 - Jardim Josés, bananeiras e vegetação nativa.....	270
Figura 140 - Jardim Josés, vegetação próxima à nascente.....	271
Figura 141 - Jardim Josés, laguinho da nascente.....	272
Figura 142 - Jardim Sr. Elias, entrada.....	273
Figura 143 - Jardim Sr. Elias, Recorte feito na laje para manter árvore nativa.....	274
Figura 144 - Jardim Sr. Elias, vista da ponte sobre curso d' água seco da Grota.....	275
Figura 145 - Jardim Sr. Carlo, entrada.....	276
Figura 146 - Área de alagamento no encontro da Rua Coarí com Rua Souza Aguiar.....	277
Figura 147 - Mapa de localização, Jardins da superfície côncava - Talvegue Córrego São Geraldo....	278
Figura 148 - Jardim Tatiane, mudas de tomate plantadas em copos de café.....	279
Figura 149 - Jardim Raimundo, fachada com espaço para jardim a ser plantado no muro recuado..	280
Figura 150 - Jardim Raimundo, jabuticabeira, cadeira, platôs, vasos, pé de cana de açúcar.....	281
Figura 151 - Jardim Raimundo, detalhe da suculenta florida.....	282
Figura 152 - Jardim Raimundo, fundos com árvore nativa, grama e bancos de toco de madeira.....	283
Figura 153 - Jardim Raimundo, vasos e sementeiras.....	284
Figura 154 - Jardim Raimundo, cadeira de vime sob a jabuticabeira.....	285
Figura 155 - Jardim Hélio, fachada com uma de gato no muro.....	286
Figura 156 - Jardim Hélio, árvores.....	287

Figura 157 - Jardim Fátima, samambaia, coqueiro de Vênus, lírio da paz.....	288
Figura 158 - Jardim Fátima, flor de clorodendro.....	289
Figura 159 - Jardim Fátima, cadeira de ferro e detalhe da orquídea e bananeira de jardim.	290
Figura 160 - Jardim Rosane e pai canteiro de margaridas, samambaias, folhagens.....	291
Figura 161 - Jardim Eduardo, entrada da casa.....	292
Figura 162 - Jardim Eduardo, fundos com árvores e gaiolas de canarinhos.....	293
Figura 163 - Jardim Eduardo, galo pedrês.	294
Figura 164 - Jardim Maria, banco e jardim na fachada da casa.....	295
Figura 165 - Jardim Maria, gato de estimação.....	296
Figura 166 - Jardim Adelaide e Renam, entrada com árvores e trepadeiras.....	297
Figura 167 - Jardim Adelaide e Renam, canarinhos.....	297
Figura 168 - Jardim Patrícia, vasos na varanda.....	298
Figura 169 - Jardim Maria Helena, vasos e tampa do reservatório de água da nascente.....	299
Figura 170 - Jardim Maria Helena, vasos na entrada da casa e garagem.....	300
Figura 171 - Jardim Maria Helena, borboleta fotografada pela Maria Helena.....	301
Figura 172 - Jardim Maria Helena, vasos dispostos em conjunto uns sobre os outros.....	302
Figura 173 - Jardim Maria Helena, lança de São Jorge protegendo a entrada da casa.....	303
Figura 174 - Jardim Maria Helena, roseira preferida pela moradora.....	304
Figura 175 - Jardim Mina, poço de água construído pelos donos da casa.....	305
Figura 176 - Jardim Bete e filho, fachada com vegetação vista sobre o muro.....	306
Figura 177 - Jardim Bete e filho, ameixeira, jabuticabeira e árvores nativas.....	306
Figura 178 - Jardim Bete e filho, ninho de passarinho no muro da casa.....	307
Figura 179 - Jardim Bete e filho, vasos na entrada da casa.....	308
CADERNO DE IMAGENS 7: Superfícies Convexas.....	334
Figura 180 – Mapa de localização dos Jardins da superfície convexa – Alto da escola.....	335
Figura 181 - Jardim da Luzia, fachada com as árvores nativas.....	336
Figura 182 - Jardim da Luzia, jardim lateral.....	336
Figura 183 - Jardim da Aloé, entrada da casa.....	337
Figura 184 - Jardim da Aloé que está mostrando suas plantas na lateral da casa.....	338
Figura 185 - Jardim da Aloé, jardim dos fundos.....	339
Figura 186 - Jardim da Aloé, parreira.....	340
Figura 187 - Jardim Terezinha visto sobre o muro.....	341
Figura 188 - Jardim, Terezinha, entrada e canteiro de coração magoado e jardineira.....	342
Figura 189 - Jardim Terezinha, espada de São Jorge com casca de ovos de codorna para adubo.....	343

Figura 190 - Jardim Chico do churrasco, fachada com as árvores da rua e sobre a cobertura.....	344
Figura 191 - Jardim Chico do churrasco, funcionária varrendo folhas e flores para o pé da árvore...	345
Figura 192 - Jardim Chico do churrasco, troncos das árvores dentro do restaurante.....	346
Figura 193 - Jardim Aparecida, entrada da casa.....	347
Figura 194 - Jardim Aparecida, talude plantado com bananeiras, malvavisco e árvores nativas.....	348
Figura 195 - Jardim Aparecida, vasos nas janelas com dinheiro em penca, trapoeraba roxa.....	349
Figura 196 - Jardim com Maria Helena e os canteiros de hortaliças, frutas e flores.....	350
Figura 197 - Jardim Maria Helena, galinhas e patos sendo alimentadas com restos de verdura.....	351
Figura 198 - Jardim Maria Lúcia, canteiro da entrada com brita e vegetação.....	352
Figura 199 - Jardim Maria Lúcia, orquídeas e samambaias da varanda.....	353
Figura 200 - Jardim Marlene, jardim lateral com canteiros, vasos e árvores.....	354
Figura 201 - Jardim Marlene, vasos de suculentas e avenca.....	355
Figura 202 - Jardim Marlene, detalhe do suporte para vasos.....	356
Figura 203 - Jardim Paulo, muro com trepadeira alamanda.....	357
Figura 204 – Mapa de localização, Jardins superfície convexa – Entorno da Rua Silva Alvarenga.....	358
Figura 205 - Jardim Júlio aparente sobre o muro.....	359
Figura 206 - Jardim Júlio, detalhe da trepadeira amor agarradinho.....	359
Figura 207 - Jardim Jaqueline, vasos na entrada.....	360
Figura 208 - Jardim Jaqueline, muro lateral.....	361
Figura 209 - Jardim Mário e mãe, fachada.....	362
Figura 210 - Jardim Mário e mãe, tanque e vasos.....	362
Figura 211 - Jardim Luiza, vista da rua com jardim aparecendo sobre o muro.....	363
Figura 212 - Jardim Cleusa, vasos no terraço e passarela da ferrovia ao fundo.....	364
Figura 213 - Jardim Cleusa, vista dos fundos com bananeiras, laranjeira, limoeiro, cana, parreira....	365
Figura 214 - Jardim Luciana e Marcio, fachada com jardim sobre o muro.....	366
Figura 215 - Jardim Luciana e Marcio, jabuticabeira, bananeira, vasos e canteiros com folhagens...	367
Figura 216 - Jardim Aparecida, fachada com jardim visível sobre o muro.....	368
Figura 217 - Jardim Aparecida, trepadeira do muro de entrada.....	369
Figura 218 - Jardim com vasos, Aparecida e seus cachorros.....	380
Figura 219 - Jardim Aparecida, barracão dos fundos tomado pela vegetação.....	371
Figura 220 - Jardim com Maria Tereza e Zé varrendo a calçada.....	372
Figura 221 - Jardim Maria Tereza e Zé, tomate de árvore.....	373
Figura 222 - Jardim Maria Tereza e Zé, corredor de entrada da casa.....	374
Figura 223 - Jardim Maria Tereza e Zé, galinha Princesa.....	375
Figura 224 - Jardim Maria Tereza e Zé, flor de seda sobre a mesa.....	376
Figura 225 - Jardim Saulo, entrada com árvore e vasos no muro.....	377

Figura 226 - Jardim Saulo: escada, guarda corpo e corredor dos fundos.....	378
Figura 227 - Jardim Saulo, marreco e pavão.....	379
Figura 228 - Jardim Saulo, jardim de pedras com bacia para tartaruga.....	380
Figura 229 - Jardim Saulo, vasos e cachorro.....	381
Figura 230 - Jardim Saulo, gato deitado na cama do dono.....	382
Figura 231 - Jardim Marilda, fachada com gradil permeável.....	383
Figura 232 - Jardim Marilda, orquídea.....	384
Figura 233 - Jardim Marilda, flores das orquídeas.....	385
Figura 234 – Mapa de localização dos Jardins da superfície convexa – Viaduto.....	386
Figura 235 - Jardim Margarida, gradil com jardim da entrada e cabras passeando pelo bairro.....	387
Figura 236 - Jardim Margarida, corredor lateral e fundos.....	388
Figura 237 - Jardim Ana, gradil com jardim visível da rua.....	389
Figura 238 - Jardim com Ana apresentando suas plantas.....	390
Figura 238 - Jardim Ana, lateral da cozinha.....	391
Figura 240 - Jardim Ana, área dos fundos com árvores frutíferas, folhagens e horta.....	392
Figura 241 - Jardim Ana, galinhas.....	393
Figura 242 - Jardim Josué, árvores frutíferas.....	394
Figura 243 - Jardim Josué, varanda com vasos de flor de seda.....	394
Figura 244 - Jardim Maria Eulália, vista da rua.	395
Figura 245 - Jardim Maria Eulália, jardim junto ao muro.	396
Figura 246 - Jardim Josina, vasos.	397
Figura 247 - Jardim Maria das graças, canteiros na rua plantados e cuidados pela moradora.....	398
Figura 248 - Jardim Maria Das Graças, varanda.	399
Figura 249 - Jardim Maria das Graças, coqueiro.	399
Figura 250 - Jardim da rua e Maria das Graças.....	400
Figura 251 - Jardim Maria das Graças, cactos e orelhas de elefante plantados na rua.	400
Figura 252 - Mapa de Presença de jardim, base com curvas de nível.....	402
Figura 253 - Mapa de Presença de jardim, base Google My maps.....	403
Figura 254 - Planta geral Via 710 e detalhe do Bairro São Geraldo.....	407
CADERNO DE IMAGENS 8: PROJETO FLEXIBILIZADO DE ARQUITETURA - Como pensar a Natureza e a Cidade.....	478
Figura 255 - Propostas desenvolvidas pelo grupo das Plantas.....	479
Figura 256 - Propostas desenvolvidas pelo grupo das Plantas.....	480
Figura 257 - Propostas desenvolvidas pelo grupo do Vento, sol, terreno.....	481

Figura 258 - Propostas desenvolvidas pelo grupo da água.....	482
Figura 259 - Propostas desenvolvidas pelo grupo dos animais.....	483
Figura 260 - Propostas desenvolvidas pelo grupo dos animais.....	484
Figura 261 - Placa instalada na Avenida Silviano Brandão, grupo das pessoas.....	485
Figura 262 - Propostas desenvolvidas pelos alunos no segundo trabalho.....	486
Figura 263 - Propostas desenvolvidas pelos alunos no segundo trabalho	487
Figura 264 - Propostas desenvolvidas pelos alunos no segundo trabalho.....	488
Figura 265 - Propostas desenvolvidas pelos alunos no segundo trabalho	489
Figura 266 - Propostas desenvolvidas pelos alunos no segundo trabalho	490

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Gráfico de quantidades elaborado a partir dos dados da Tabela I - PRESENÇA DE JARDIM.....	401
Gráfico 2 - Gráfico de quantidades elaborado a partir dos dados da Tabela I - TAMANHO DO JARDIM.....	401
Gráfico 3 - Gráfico de quantidade de jardins por Tipologia de Uso e Ocupação em unidade elaborada a partir dos dados da Tabela I.....	405
Gráfico 4 - Gráfico de área permeável em m ² distribuída pela tipologia de uso e ocupação das áreas com jardim elaborado a partir dos dados da Tabela I.....	405
Gráfico 5 - Gráfico de localização dos jardins elaborado a partir dos dados da Tabela II.....	412
Gráfico 6 - Gráfico de Distribuição do cuidado dos jardins por sexo elaborado a partir dos dados da Tabela II	413
Gráfico 7 - Gráfico de Distribuição do cuidado dos jardins por faixa etária elaborado a partir dos dados da Tabela II	415
Gráfico 8 - Gráfico de Distribuição do cuidado dos jardins por origem elaborado a partir dos dados da Tabela II	416
Gráfico 9 - Gráfico de Distribuição cuidado dos jardins elaborado a partir dos dados da Tabela II....	418
Gráfico 10 - Gráfico de Distribuição do acesso e posse dos jardins elaborado a partir dos dados da Tabela II	419
Gráfico 11 - Gráfico de Distribuição da motivação para plantio dos jardins elaborado a partir dos dados da Tabela II	419
Gráfico 12 - Gráfico de Distribuição do tipo de plantas por categoria nos jardins, elaborado a partir dos dados da Tabela II	422
Gráfico 13 - Gráfico de Distribuição de espécies de plantas dos jardins elaborado a partir dos dados da Tabela II	422
Gráfico 14 - Gráfico de Distribuição presença de animais de estimação nos jardins elaborado a partir dos dados da Tabela II	426
Gráfico 15 - Gráfico de Distribuição de animais nos jardins, elaborado a partir dos dados da Tabela II.....	428

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE GRÁFICOS

RESUMO

ABSTRACT

PRÓLOGO.....	21
ORGANIZAÇÃO ESCRITA DA TESE.....	30
1. INTRODUÇÃO	31
1.1 POSSÍVEIS	31
1.2 JARDINS COMO POSSIBILIDADE	34
1.3 HISTÓRIA BRASILEIRA VISTA PELA RELAÇÃO ENTRE OS VIVENTES	61
1.4 CAMINHO.....	75
1.4.1 PARA COMEÇO DE CONVERSA	96
1.4.2 PESQUISAS EXPLORATÓRIAS DO TERRITÓRIO	98
1.4.3 DESENVOLVIMENTO DOS QUESTIONÁRIOS E O ESTREITAMENTO DOS LAÇOS	113
1.4.4 APLICAÇÃO DAS ENTREVISTAS, OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE, NARRATIVAS	121
2. NARRATIVAS DOS JARDINS.....	136
2.1 A VÁRSEA PLANA E A RUA SOUZA AGUIAR.....	136
Jardim comum da Cida p. 136 Dona Rosa e os jardins por herança p.140 As plantas que eu planto aqui p.141 Manuelina e a sombra de praça p.142 Maracujá Gigante p.143 O soldado e o enfeite p. 144 O casal e as trocas p.144 Para a vontade de plantar não ficar presa p.146 Chuchu para todos p.148 Sem planta não tem orixá p.148 Tata o ambientalista p.149 Marias médicas p.154 A beleza e a África p.155 Três árvores, três irmãos p.156 Escola de plantas p.157	
2.2 SUPERFÍCIES CÔNCAVAS	211

2.2.1 A GROTA.....	211
Cigano o guardião da Grota p.211 A família de Adriana p.213 O Barranco p.213 Canela e Marapoama p.214 Grotinha p.216 Vasos podem se mudar p.218 A fuga dos animais p.219 Nascente da Grota p.220 Ponte de madeira p.222 Cachoeira da Coari p.223	
2.2.2 TALVEGUES DO CÓRREGO SÃO GERALDO.	224
Nascente tubulada p.224 As plantas agradecem a água da nascente p.225 Casa da mina p.227 Jardins escalonados p.228 Jardim da vitalidade p.231 A professora e seu jardim p.232 Para lembrar p.233 É bagunçado meu jardim p.235 Jardim em casa, jardim na rua p.236 Jardim x família crescendo p.238 Aprendendo p.239	
2.3 SUPERFÍCIES CONVEXAS	309
2.3.1 ALTO DA ESCOLA.....	309
Em memória p.309 Minhas amigas p.310 Secando ovo p.310 Flor é adubo p.312 Planta escuta a gente p.313 Patos, galinhas, horta e flor p.315 Em boa companhia p.316 jardim é vida p. 317	
2.3.2 ENTORNO DA RUA SILVA ALVARENGA.....	319
Maritacas e coquinhos p.319 É um prazer p.319 Boldo cura ressaca p.320 Generosidade p.321 As folhas e os vizinhos p.322 Demolição p.323 Plantar e cuidar junto p.324 O Paraíso p.325 Amor e orquídeas p.326	
2.3.3 ENTORNO DO VIADUTO.....	329
Margarida e seu jardim casa p.329 Jardim e a rua p.330 Flor de seda e a saudade p.331 A rua também é meu jardim p.332	
3. MUNDOS DOS JARDINS.....	401
Presença dos jardins p.401 Os usos e os jardins p. 404 Permeabilidade p. 404 os territórios da água e as políticas públicas p. 406 Percepções da água p. 408 Contradições da água p.410 Unidades de relevo p.411 Lugar dos jardins p. 411 O feminino e o cuidado p. 412 jardins públicos e a erosão de fronteiras p.414 Adultos p.414 Modernização incompleta p.415 Memória p.416 Cuidado p.417 prazer p. 418 cura, poder e religiosidade p.420 Agência das plantas p.423 hierarquias p.424 Diversidades p.425 Animais p.426 Mudança dos tempos naturais p.429 Manejo ecológico p.429 Ausências, disputas e contradições p.4300 casa, família p.431 Outros nomes: mato, mata, arvoredo, floresta, roça, farmácia, paraíso, casa d'água p.431 Amor p.435 Coletivos multiespécies p.438	
4. TERRA VIVA, GAIA, COSMOPOLÍTICA, ECOLOGIA	440
4.1 CONFLUÊNCIAS MICROCOSMOPOLÍTICAS.....	440

4.2 TERRA VIVA, ECOLOGIA, COSMOPOLÍTICA.....	450
5. A PARTIR DOS JARDINS POSSÍVEIS	469
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	498
APÊNDICE A.....	511
APÊNDICE B.....	517
APÊNDICE C.....	532

PRÓLOGO

A tese que se inicia aqui começou muito antes, existe desde a infância. Sou do interior. Morei até minha adolescência em uma casa com um imenso jardim que ocupava a frente, a lateral e o fundo do lote e era indistinto do quintal. Minha família tem um sítio até hoje. Aprendi a lidar com as plantas com a minha avó. Ela trazia de todos os lugares para onde ia uma muda, uma semente, uma flor para secar e tirar a raça. E chamava as netas para plantar. Ela as tinha como companheiras de vida e de viagem. Também aprendi a podar com ela a nossa parreira – tem que ser em mês sem “R” pois senão não frutifica bem - e um entendimento do mundo ao qual pertencemos onde não-humanos tem agencia e construção junto aos humanos e que é chamado de natureza¹. Esse mundo se desenvolvia, com suas relações próprias e trocas, sempre permeados pelo afeto entre viventes no meu jardim. É por isso que esses espaços de encontro multiespécies² são meu lugar de estudo, minha porta de entrada nessa relação que ultrapassa o antropocentrismo do nosso entendimento do mundo.

Minha convivência com plantas e animais sempre foi íntima. Sempre me senti conectada a aqueles que não são humanos: plantas, outras espécies animais, vento, chuvas, montanhas. Na tese, buscarei entender como esses agentes são nomeados, buscando o real entendimento deles a partir do termo não-humanos. O termo “não-humanos” é utilizado por vários autores que fundamentam a escrita desta tese como Bruno Latour, Carlos Valter Porto Gonçalves, Isabelle Stengers, Arturo Escobar, para nomear esses agentes e fazer uma distinção entre os agentes humanos. Mas é também relevante buscar o real entendimento desses agentes, que tentarei identificar nessa tese, a partir de descobrir como chamá-los, ou

¹ O conceito de natureza moderna, seus limites e apontamentos serão desenvolvidos no terceiro capítulo. Esse conceito e suas raízes modernas serão revisitados e questionados à luz das descobertas do campo. Um real entendimento do termo que foi delineado no campo, mais aponta para sua limitação moderna, restritiva e antropocêntrica, colocando de um lado o homem e de outro tudo que não é o homem circunscrito no termo natureza.

² O termo multiespécies será usado a partir de Anna Tsing que coloca a questão da interdependência entre as espécies como central. A autora afirma serem as relações humanas “uma relação entre espécies” (TSING, 2015, p.184). As práticas humanas, tanto culturais quanto históricas, não podem ser consideradas autônomas, esse pensamento teria alimentado nossos ideais de controle sobre as outras espécies e seu próprio encerramento no termo natureza. Assim a autora propõe o termo multiespécies para caracterizar espaços onde os diferentes estão juntos.

também de nomeá-los amigos como faz Dona Aloé.³ É a partir desse entendimento que é construído pelo afeto, pelo amor, pela familiaridade e não pela falta ou pela diferença que constrói afastamento, que seguirá a busca por uma forma de estar no mundo includente, que une todos os seres: um mundo de amor⁴ e amizade que se especializa na cidade e em seus jardins.

Ao mesmo tempo em que o jardim representava um mundo de encontros, a montanha mais alta da cidade de Itabira onde nasci, estava cada dia menor e ia rapidamente se transformando em um buraco de mineração.⁵ O pico do Cauê, antigo pico mais alto de Itabira, foi o local que marcou a fundação da cidade. Ele representa, até hoje, um elemento importante na memória afetiva e espacial de Itabira. No início do século XX descobriu-se que o local guardava uma das maiores jazidas de minério de ferro do mundo. Itabira é hoje uma cidade mineradora. Foi nela que a companhia Vale do Rio Doce em 1942, hoje apenas Vale⁶, iniciou sua operação de extração de minério de ferro justamente no pico do Cauê. Ao retirar do seu nome o corpo hídrico que geograficamente a originou a empresa remete a efeitos múltiplos. Um deles, que tem significado para a tese, diz respeito à invisibilidade dada ao corpo hídrico em nossas cidades e na sua urbanização. Seja essa invisibilidade literal, pela canalização do rio, ou simbólica, como o desaparecimento do elemento da bacia hidrográfica originária do nome da empresa. Além disso, a escala dos processos minerários redesenhou a paisagem de Itabira em poucos anos numa aceleração dos tempos geológicos já que os agentes naturais demorariam milhões de anos para remover essa montanha. A

³ Dona Aloé foi uma entrevistada que se referia sempre às plantas e animais de seu jardim, localizado no bairro São Geraldo, como amigos. A palavra amigos se repetiu muitas vezes nas entrevistas bem como irmão ou irmã, filha ou filho, mãe, companheiro ou companheira.

⁴ O termo amor será usado a partir do neurobiólogo chileno Humberto Maturana, para quem a emoção constitutiva da vida humana é o amor. Ele é a condição biológica do ser humano para a existência da socialização e da linguagem e não sua consequência. O amor é a condição dinâmica espontânea de aceitação por um sistema vivo de sua existência comum com outro sistema vivo. Todavia as emoções não são, para o autor, o que chamamos de sentimento. Do ponto de vista biológico ele explica que as emoções significam disposições corporais dinâmicas e definem os diferentes domínios de ação. O autor também ressalta a negação dessa práxis devido à insistência na racionalidade como definidora da práxis humana.

⁵ A exploração minerária de Itabira e a criação da empresa Vale do Rio Doce marcaram a exploração mais agressiva no século XX das riquezas minerais do subsolo brasileiro, principalmente o ferro.

⁶ Em 2007, após a privatização, a empresa Vale segundo informações presentes em seu site, propôs a remodelação da sua marca para tornar-se uma empresa internacional. Parte dessa remodelação foi a retirada do Rio Doce de seu nome e o redesenho da marca. Em 2009 o novo nome legal foi aprovado em assembleia da empresa. Disponível em: <

mineração que acompanhei cotidianamente é uma manifestação exemplar do Antropoceno⁷, da capacidade humana de criar e transformar a paisagem (FIGURA 1).

O pico do Cauê, seu desaparecimento da paisagem e sua inversão de pico a buraco, foram retratados em vários poemas de Carlos Drummond Andrade, poeta itabirano, entre eles “A montanha Pulverizada” que conta justamente a transformação desse elemento da paisagem em lascas de minério. Ou a transformação da natureza definida a partir da relação afetiva e da memória na natureza a ser explorada e transformada em ativos comerciais. Hoje o pico do Cauê é um buraco inativo de mineração.

A montanha Pulverizada

Chego à sacada e vejo a minha serra,
a serra de meu pai e meu avô,
de todos os Andrades que passaram
e passarão, a serra que não passa.

Era coisa de índios e a tomamos
para enfeitar e presidir a vida
neste vale soturno onde a riqueza
maior é a sua vista a contemplá-la.

De longe nos revela o perfil grave.
A cada volta de caminho aponta
uma forma de ser, em ferro, eterna,
e sopra eternidade na fluência.

Esta manhã acordo e não a encontro,
britada em bilhões de lascas,
deslizando em correia transportadora
entupindo 150 vagões,
no trem-monstro de 5 locomotivas
– trem maior do mundo, tomem nota –
foge minha serra vai,
deixando no meu corpo a paisagem
mísero pó de ferro, e este não passa.

Carlos Drummond de Andrade. Boitempo II – Menino Antigo. 1973

⁷ O químico Paul Crutzen, ao avaliar “o grau do impacto destruidor das atividades humanas sobre a natureza afirmou que o mundo entrou em uma nova era geológica, a do Antropoceno, que significa época da dominação humana. Representa um novo período da história do Planeta, em que o ser humano se tornou a força impulsionadora da degradação ambiental e o vetor de ações que são catalisadoras de uma provável catástrofe ecológica.” Todavia é relevante desconfiar de explicações que colocam o antropoceno como sendo a época em que, finalmente, o “homem” dominou a “natureza” e se atentar para distopia dessa narrativa.

Figura 01: Redesenho da paisagem de Itabira pela mineração vista a partir da Matriz Nossa Senhora do Rosário em três épocas: décadas de quarenta e sessenta do século 20 e atualmente.



Fonte: Acervo da Casa do Braz, Itabira, MG, 1940, 1963 e 2019.

Essas duas realidades - vivências cotidianas multiespecíficas presentes ou apagadas pela mineração por vias da apropriação dos não-humanos pelo capital - tão próximas construíam minha memória espacial muito marcada por essas duas formas de estar no mundo e relacionar-se com ele. Além disso, a importância do corpo hídrico bem como sua invisibilização nas cidades, no planejamento urbano e nas narrativas como na empresa Vale (antiga Vale do rio Doce), são questões que serão abordadas.

Hoje moro numa casa com jardim e quintal no bairro de Santa Tereza em Belo Horizonte. Meu filho a apelidou de “casa moita” (FIGURA 2). A casa moita tem duas mangueiras, uma jabuticabeira, um limoeiro, uma goiabeira, um pé de romã, uma Eugênia nativa preservada, uma pitangueira e uma ameixeira. Essa conformação atrai muitos bichos como um jacu, maritacas, micos, pássaros diversos e até um casal de esquilos além dos meus gatos e da minha cachorra. Tudo isso num espaço de 100m² num jardim nos fundos do lote e um jardim frontal e lateral de 5m² o que representa um pouco mais que 25% do lote. Esses 25% são apenas 5% além da taxa de permeabilidade proposta pela lei de Uso e Ocupação do Solo para o bairro. Nem por isso minha casa deixa de ser uma exceção no meu quarteirão. A aplicação da Lei de Uso e Ocupação do Solo, que propõe 20% de taxa permeável, não se espacializa no bairro, principalmente por questões históricas.⁸ O meu jardim, de onde as folhas e frutos voam e invadem os vizinhos, é motivo muitas vezes de conflitos, pois as folhas são identificadas como invasoras e sujaram os pisos cimentados desses vizinhos. Os elementos vegetais sem controle rígido de poda ou outra ação humana são considerados estranhos no ambiente do meu quarteirão e invasores no contexto da cidade. Elas não conhecem lote ou limite legal de propriedade definidas pelos humanos e se desenvolvem alheias a essa delimitação. A permeabilidade dos relacionamentos entre espécies diferentes para além das normas legais são elementos que provocam este estranhamento em alguns humanos. Tal situação abre alguns questionamentos que serão discutidos na tese: quais os limites da regulação e da fiscalização para produzir esses espaços permeáveis de encontro entre os diferentes? O que de fato podem significar esses jardins?

⁸ A evolução histórica do bairro se desenvolveu principalmente a partir da década de 80 no sentido da ocupação dos jardins e quintais por barracões ocupados preferencialmente por filhos casados do proprietário das casas. Na Lei de Uso e Ocupação do Solo de 1996 a taxa de permeabilidade foi inserida, mas a ocupação desses espaços com barracões prosseguiu (BAGGIO, 2005). Essas tipologias praticadas historicamente por moradores e empreendedores, não são particularidade de Santa Tereza e estão presentes em outros bairros com características semelhantes como São Geraldo onde a pesquisa se desenvolveu.



Figura 02: Casa moita

Fonte: própria, 2020

Na vida profissional de arquiteta trabalhei por anos envolvida em projetos de parques, praças e espaços públicos. Em meio a planilhas de custo, espécies vegetais disponíveis comercialmente e prazos de inauguração, aquele entendimento multiespécie, mais sensível e incluyente do espaço que tinha no meu jardim ia se perdendo. A natureza na cidade, que eu ia ajudando a introduzir por meio dos projetos paisagísticos, deixava pouco espaço para os reais tempos de outros agentes que não os da produção humana, para os afetos e para lugares que realmente construíssem esses espaços de encontro entre amigos viventes.

Que jardins eram aqueles que as políticas públicas construía e o que havia de diferente nos jardins em que as pessoas se envolviam pessoalmente? Que mundos eram aqueles? Para além do jardim, qual relação era essa que se desenvolvia nesses jardins e que era diferente a natureza objetificada e instrumentalizada como imagem e mercadoria por humanos que não se veem como parte dela?

A pesquisa então se inicia na discussão dos jardins dentro do universo da arquitetura e do urbanismo, dentro de suas práticas modernas de construção, reconhecendo a existência de outras relações na cidade que incluem os não-humanos, “fraturando o antropocentrismo fundante dos modos de construir o mundo dessas práticas tão modernas.” A pesquisa se estrutura fundamentalmente no contraste entre as duas realidades anunciadas aqui na introdução: os jardins e a exploração mineral. Ela se inicia em dois entendimentos distintos: da natureza íntima, próxima ou seja, uma natureza “amiga” composta por sujeitos e aquela natureza passível de ser objetificada, instrumentalizada, mercantilizada ou seja uma natureza “recurso”, objeto.

Se existe um afastamento do mundo dos outros sujeitos que não os humanos, também é fato que as pessoas que vivem nas cidades ocupam e operam outras maneiras de habitar a terra. E que para além dos humanos há outros seres. Vivemos também a condição urbana numa comunhão entre diferentes num relacionamento multiespécies. Surge assim a pesquisa Jardins Possíveis. O objetivo da pesquisa é entender, a partir dos jardins, quais são esses mundos onde humanos e não-humanos convivem e como isso se dá na cidade. Nesse sentido proponho entender e explorar a possibilidade de extensão da subjetividade e das formas de alteridade a outros seres que não os humanos.

Nesse sentido, Stengers (2017) propõe reativar o animismo. Em nota o tradutor explica que para Stengers (2017) “‘reclaiming’ é uma aventura tanto empírica quanto pragmática, pois

não significa primordialmente retomar o que foi confiscado, mas aprender o que é necessário para habitar novamente o que foi destruído.” Como habitar as cidades devastadas pelo humanismo e apartada dos outros seres?

Reativar começa pelo reconhecimento do poder que esse meio [científico] tem de contaminar, um poder que não se deixa abalar nem um pouco pela ideia da triste relatividade de todas as verdades. Reativar significa reativar aquilo de que fomos separados, mas não no sentido de que possamos simplesmente reavê-lo (STENGERS, 2017).

A cidade é um espaço de disputas pelo futuro e pelas narrativas. A arquitetura e o urbanismo, embora não tenham a capacidade de definição efetiva dos espaços que é dada pelo poder econômico, envolvem uma relação de poder e política na medida em que ao se projetar são escolhidos quais elementos devem estar representados, deslocam-se e criam-se signos, permite-se omitir detalhes, criam-se convenções próprias, reorganizam-se espaços.

Há sempre algo que escapa aos dispositivos de poder e controle. Seria esse, pois o modo como operam as práticas cotidianas em sua capacidade de subverter. Essa característica se torna possível na medida em que essas práticas acontecem silenciosamente nas brechas do sistema hegemônico. Nesse ponto de vista, Deleuze (2006) amplia o entendimento e afirma que as resistências podem ser engendradas em outro eixo, fora do jogo entre o poder-saber. Esse jogo funcionaria simultaneamente ao das relações hegemônicas, mas tal movimento não anularia necessariamente o outro, impedindo que haja um impasse.

Cotidianamente, as pessoas produzem seu espaço mobilizando saberes importantes. Assim também o fazem os não-humanos, seguindo leis e direcionamentos próprios. Ambos se relacionam nessa construção como nos jardins. Essas potentes interações se transformam em espaço a despeito de estarem presentes nas narrativas oficiais ou de serem propósitos de projeto ou plano urbano. Assim é possível destacar, cartografar e reconhecer essas narrativas por mais invisibilizadas que elas estejam e identificar os “aliados” como denomina Fátima “na busca de uma cidade de todos”.

Nós arquitetos, embora não sejamos de fato os definidores das políticas públicas, dos direcionamentos sobre a construção das cidades e das narrativas a serem consideradas, exercemos um papel nessa disputa. Que agentes seremos nós arquitetos nessa disputa? Qual a possibilidade cosmopolítica da arquitetura e do urbanismo com os não-humanos, baseados em alianças afetivas e confluências presentes nos jardins que transborda?

ORGANIZAÇÃO ESCRITA DA TESE

A escrita será estruturada no prólogo, em outros quatro capítulos e nas considerações finais.

As imagens serão agrupadas, quando pertinente, em cadernos de imagens que contam uma narrativa imagética dos dados apresentados na pesquisa e contam também narrativas próprias.

O ponto de partida é o entendimento dos jardins historicamente, dos jardins pesquisados como possibilidade e também da história brasileira do relacionamento entre os humanos e os não-humanos desenvolvidos na introdução. Também na introdução será apresentado o processo metodológico desenvolvido na pesquisa.

No segundo capítulo serão apresentadas as narrativas dos jardins a partir dos territórios identificados. No capítulo, as histórias serão contadas usando as transcrições⁹ das entrevistas intercaladas com as observações desenvolvidas em campo. Para a fluidez do texto, as falas dos entrevistados transcritas e incorporadas não serão deslocadas dentro do parágrafo como seria indicado pela norma técnica na tentativa de construção de uma narrativa conjunta. Essas falas dos entrevistados, quando usadas literalmente, serão diferenciadas no texto pelo uso de letras em itálico.

No terceiro capítulo serão procedidas as análises dos dados.

No quarto capítulo serão problematizadas as ideias de natureza, sustentabilidade e desenvolvimento sustentável, ecologia e movimento ecológico à luz dos mundos dos jardins. Serão apontadas as contribuições dos jardins no sentido das ideias da Terra viva, Gaia e das confluências cosmopolíticas.

No quinto capítulo como conclusão serão levantadas algumas possibilidades para as cidades, a arquitetura, as políticas públicas e os projetos a partir dos jardins.

⁹ Optou-se na tese por uma transcrição adaptada objetivando a promoção da análise da fala em interação social com foco na análise da conversa etnometodológica onde a descrição e a explicação das competências que os falantes comuns usam e de que se valem para participar de interações inteligíveis e socialmente organizadas (LODER, 2008).

1. INTRODUÇÃO

1.1 POSSÍVEIS

Na pesquisa o tipo do jardim engloba espaços domésticos não hierarquizados, espaços públicos plantados coletivamente além dos espaços de plantio de flores, e vasos. Os jardins escolhidos para a pesquisa serão aqueles onde, de alguma forma, as pessoas se engajam pessoalmente e constroem uma relação com os não-humanos, não necessariamente via políticas públicas. Nessa abordagem a interpretação do conhecimento, significação cultural, manejo e usos tradicionais dos elementos da flora e da convivência com os animais e as relações ecológicas são um modo de entender as relações de afeto entre os diferentes seres e também entre eles e seu lugar.

Começo com o entendimento da noção de possível. Para alguns autores a definição do possível, em oposição ao virtual, é algo que já estaria constituído, estando somente em estado latente, pronto a se transformar no real. O possível é considerado algo previsível e estático, sendo mera consequência à passagem do possível para o real. A virtualização, em contraponto, ampliaria a variabilidade de espaços e temporalidades, o possível seria algo predeterminado pronto para se tornar real (LÉVY, 1996). Entretanto, mesmo dentro da previsibilidade, o possível abarca elementos não hegemônicos que, mesmo com possibilidade de passagem para o real, tem dificuldade para fazê-lo por condições do contexto das cidades.

Para a pesquisa, associa-se o possível à característica de geratividade e, portanto, de criatividade já latente no território¹⁰. O possível é dotado de qualidades. Tais qualidades são potências abstratas que podem ou não se transformar em real, mas tem grandes chances de

¹⁰ De acordo com Souza (2013), a noção de território deve ser tida como um espaço político definido e delimitado por e a partir de relações de poder, que opera sobre um substrato referencial, e que não se limita a ele. São campos de força onde há a materialidade das relações. Dessa maneira, é condicionado pela conexão das pessoas com o espaço, que devido às características do substrato espacial-material e/ou por suas imagens de lugar, projeta suas relações sociais nele. Essa será a abordagem de território para a tese. Entretanto, ao condicionar a existência dos territórios à durabilidade das relações sociais das quais eles são projeções, o autor não considera a atuação de outros agentes capazes de estabelecer relações de poder com o espaço, como os não-humanos. Sendo assim, para a pesquisa seria relevante a compreensão de um processo realizado por agentes humanos e não-humanos como capazes também de estabelecer um território.

fazê-lo. O possível tem as condições essenciais para se desenvolver, realizar ou existir. Nesse ponto é revelador entender, junto a Stengers (2002), que o capitalismo nos enfraquece, pois mata os possíveis e também a política, quando nos tolhe o pensamento com a profusão de desejos já prontos. Procurar e reafirmar os possíveis no território é, pois um ato político de resistência, mesmo que ela não seja confrontativa.

Numa outra abordagem do autor Walter Mignolo, que pensa a partir do espaço latino americano e sua herança colonial, a colonialidade moderna não se inscreveu num espaço vazio de significação, mas sim em territórios onde os humanos e nos não-humanos se relacionavam e conformavam padrões cognitivos próprios. Por isso, “mais do que resistência, o que se tem é R-Existência, pois não se reage, simplesmente à ação alheia, mas, sim, que algo pré-existe e é a partir dessa existência que se R-Existe. Existo, logo resisto. R-Existo” (MIGNOLO, 2004). Assim o termo resistência é ampliado na medida em que abarca tanto o significado de oposição quanto o de existência prévia. Os Jardins Possíveis que buscarei apresentar na tese são territórios de simbioses “topobiorelacionais” presentes nas cidades com potência para recriá-la ao serem ou tornarem-se reais.

Para Berardi (2019) as relações entre o possível, a potência e o poder são uma relação entre o conteúdo, a energia e a forma respectivamente. O possível é toda a diversidade inscrita na constituição presente da realidade, ou seja, a imanência das possibilidades. O possível é sempre plural “um jardim de caminhos que divergem” (BERARDI, 2019 p. 11). Já a potência é a capacidade coletiva de transformar as possibilidades em atualidade, é a energia que transforma possibilidades em realidades. As seleções implícitas (e exclusões) são o que o autor chama de poder na estrutura do presente apresentada na forma de prescrição. O poder é a seleção e imposição de uma possibilidade, e a simultânea exclusão (e invisibilidade) de muitas outras possibilidades. Assim o poder é um regime de visibilidade e invisibilidade que inventa e concatena o que deve ser visto e o que deve ser tornado invisível. Também pode ser visto como um formato, um modelo que só pode ser implementado se aceitarmos os regulamentos prescritos pelo código.

Nesse sentido, a proposta da pesquisa é tecer uma crítica ao planejamento hegemônico como uma crítica ao regime de visibilidades, de prescrições, portanto uma crítica a uma forma de poder antropocêntrica, operada tanto por esse planejamento urbano nas cidades quanto pelos grandes conceitos e narrativas universalizantes como sustentabilidade e

desenvolvimento sustentável. Nesse processo, são invisibilizados uma “biosociotopo” diversidade de possíveis, entre elas as que se desenvolvem nos jardins. É também objetivo revelar o que essas possibilidades podem informar à prática da arquitetura tão imbricada tanto no humanismo quanto nas práticas do neoliberalismo.

O possível será assim a chave para reconhecer e descobrir no território a convivência entre os seres vivos e os elementos do lugar, reconhecendo e inventando formas de coexistência no nosso mundo urbano. Apesar da forma expansiva com a qual a urbanização domestica e coloniza os outros mundos que não os modernos - sejam esses humanos, animais, das plantas, dos rios, das montanhas – haverá sempre outros possíveis dentro de outras cosmopolíticas não modernas. Os jardins serão a forma proposta de visibilizar alguns desses outros possíveis que se desenvolvem nas casas, nas áreas remanescentes, nas praças, nos parques entendidos como artefatos multiespécies que r-existem nas cidades, construídos em reciprocidade pelos não-humanos e os humanos, num processo de dupla afetação. Esse processo é de captura recíproca (STENGERS, 2018), e se constitui quando nenhum dos atores estabelece uma hierarquia de forças preponderante, mas sim quando os dois são contaminados pelas diferenças e proximidades. Embora esses jardins não sejam apenas espontâneos e apesar de não serem também projetados formalmente, há pelo agente humano sempre um trabalho de seleção, através do plantio ou supressão que poderia caracterizar, em algumas circunstâncias, o que o texto nomeia como estrutura de poder. Por outro lado por meio dos afetos constituídos, das características dos não-humanos, pelos tempos naturais respeitados os não-humanos ganham também agência e essa se manifesta nesse processo de dupla afetação.

É a partir dos jardins que minha busca pelo processo de cultivo, pelo cuidado, pela familiarização, pelo parentesco, pelas relações sociais, pelas simbioses, pelo mutualismo interespecífico para além da competição e das sociedades intraespecíficas se inicia. Nessa busca minha hipótese de trabalho é: entender como os Jardins contribuem para pensar a cidade integradamente, pois os jardins são elementos de conexão dos diferentes vivos, de humanos e não-humanos, coletivos multiespécies baseados em alianças afetivas e confluências e constroem uma relação para além das trocas capitalistas no cotidiano. O entendimento da água e da bacia hidrográfica estrutura o entendimento do território de estudo e são elementos cruciais para a vida e os jardins como artefatos multiespécies. Junto

ao mapeamento dos espaços de jardim, a pesquisa busca reconhecer os humanos, os animais, as plantas, a água, o solo, os rios, o vento como agentes da cidade, capazes de conviver como amigos, diante da possibilidade concreta de extensão da subjetividade e das formas de alteridade aos outros seres que não só os humanos.

Os objetivos específicos são: entender como culturalmente significativos, particularmente expressivos, além de ambientalmente mais enriquecedores os jardins onde as pessoas se envolvem pessoalmente. Levantar os jardins públicos e privados em pontos na várzea do Ribeirão Arrudas, analisar o espaço por eles proporcionado, entender a relação entre humanos e não-humanos empreendida em casos exemplares, sistematizar as formas com que eles desencadeiam processos de territorialidades, identificar memórias espaciais e forma de vidas resistentes territorializadas nos jardins, identificar a contribuição dos jardins para as cidades como parte indissociável da vida urbana.

1.2 JARDINS COMO POSSIBILIDADE

Os jardins podem ajudar a entender a produção do espaço a partir de um relacionamento multiespécies¹¹ de humanos e não-humanos como agentes. São a chave analítica escolhida para construir um entendimento do nosso mundo que vai além da natureza produtivista e excludente, para abarcar humanos e não-humanos, problematizando as noções de desenvolvimento sustentável¹², da própria natureza e o planejamento urbano hegemônico. Os territórios da pesquisa serão escolhidos e apresentados a partir do entendimento da água e da bacia hidrográfica como unidade essencial para a vida e o pensamento sobre o espaço como apresentado anteriormente.

Se a articulação sistematizada entre a questão urbana e a ambiental é recente como coloca Costa (2008), sendo que no início do século XX não havia ainda uma articulação íntima entre o espaço urbano e o ambiental na legislação brasileira e no pensamento sobre o urbano

¹¹ Os estudos antropológicos multiespécies têm como um dos pontos de partida a dicotomia entre natureza e cultura e entre humanos e não-humanos, que deve ser ultrapassada. A referência para essa crítica à dicotomia moderna será Bruno Latour. O termo multiespécies será desenvolvido a partir de Anna Tsing.

¹² Podem ser múltiplos os sentidos de sustentabilidade, mas o que prevalece é aquele ligado ao desenvolvimento sustentável, assim como são múltiplas e desiguais as formas de relações multiespécies e há também a que favorece a apropriação dos não-humanos tidos como recursos naturais. Além disso, os próprios humanos são considerados também diferentes de acordo com as possibilidades que apresentam e podem ser considerados recursos.

sistematizado, nos jardins essa articulação acontecia e acontece como prática, produzindo arranjos sócio-espaciais.

Estima-se que a origem dos jardins data de 4000 a.C. . Não por acaso, os primeiros relatos sobre os jardins aconteceram na região da antiga Mesopotâmia e Pérsia, região próxima ao Crescente Fértil¹³. As técnicas de plantio e irrigação desenvolvidas para o florescimento da agricultura deram também suporte ao plantio de jardins. Nota-se que a relação com o corpo hídrico sempre foi essencial para o jardim desde o seu surgimento e tem a água como condicionante de sua existência. Esses jardins tinham um caráter tanto utilitário, com plantio de espécies comestíveis, quanto de deleite, com plantio de flores e ervas perfumadas, e também medicinal, com uso de ervas curativas, mas principalmente um caráter sagrado. O sentimento religioso estava presente no cultivo dos primeiros jardins, onde se acreditava que esses jardins tanto dependiam da vontade dos deuses quanto eram um intermédio de comunicação com esses deuses. Os jardins eram a representação da vontade divina e da relação entre os humanos, as plantas, os animais e os deuses. Eram espaços cercados em uma espécie de templo. Em persa a palavra *pairi-daeza*, em sânscrito a palavra *paradesha*, em caldeu a palavra *pardes*, em grego a palavra *paradeisos*, significavam todas jardim. Esse nome foi transmitido para mitologia judaico-cristã com o nome de Paraíso e nomeou o Éden como Jardim (ROGER, 2014). “A metáfora do jardim como lugar do encontro com a espiritualidade esteve desde sempre relacionado à ideia de paraíso e todos esses paraísos se convertem em um jardim onde vertem águas.” (MAGALHAES, 2015. p.75)

Numa concepção clássica de jardim ele é considerado um microcosmo do infinito, a representação de um mundo, de uma cosmologia. Historicamente podemos destacar algumas dessas representações: os jardins como o microcosmo religioso, o jardim como a representação do poder e mais recentemente o jardim particular como uma projeção individual de ascensão social (MONGIN, 2013).

Para a tese é primordial esse entendimento dos jardins como um microcosmo. Portanto a que cosmovisões eles nos remetem hoje? Que cosmovisões permanecem hoje no território

¹³ O Crescente fértil é a região localizada entre os dois rios, o Tigre, ao norte, e o Eufrates, ao sul, e têm uma importância fundamental no nosso cenário: sem eles, teria sido impossível o desenvolvimento da agricultura que deu a base material à formação das primeiras cidades. Nessa época teve início o processo de domesticação ou de familiarização das plantas e dos animais. E é justamente esse fato que marca historicamente o início de nossa civilização ocidental. (PINSKY, 2001)

mesmo que não representem um único macrocosmo, mas fragmentos especializados? Qual a potência desses espaços na produção das cidades contemporâneas ao revelar essas cosmovisões invisibilizadas pelo planejamento urbano?

O jardim que tem uma dimensão religiosa ou cósmica se apresenta como um microcosmo que faz referência ao macrocosmo. Isso ocorre desde a antiguidade. As práticas de jardinagem refletem mitos começando pelo mito inicial de formação da civilização moderna ocidental judaico-cristã do jardim do Éden. Na história dos jardins ele é originalmente o paraíso onde os homens e mulheres habitam sem pecado e sem desejo como descrito no livro do Genesis. “O jardim espiritual, o jardim do sacerdote, o jardim interior, que é inseparável dos exercícios espirituais como os jardins das freiras de Arequipa¹⁴, são espaços fechados que acolhem o infinito.” (MONGIN, 2013, p.11) Eles são plantados e cultivados como parte do mundo mítico religioso, purificando a relação e a natureza, montando espaços metáfora. Mas nessa purificação os jardins contêm também seu avesso: o do pecado, o do diabólico e da selvageria, o da agência de outros seres fora do domínio humano. A floresta, o selvagem e aquilo que não se pode dominar são associados ao mal. (MONGIN, 2013)

O “Jardim” criado por Deus, que se quisermos podemos chamá-lo de “natureza divina” para diferenciá-la da outra natureza, é repleto de beleza, harmonia, muita luz e onde todas as criaturas são pacíficas e se comunicam entre si. Como reflexo invertido, a natureza herdada pelo homem depois da queda do paraíso é um lugar inseguro, ameaçador, que deve ser domado, repleto de criaturas indóceis, selvagens, com florestas ameaçadoras e sombrias, onde o mal pode se abrigar (BOAES, 2009, p.167).

Uma civilização humana, apesar da proposta de domínio, não controla totalmente os não-humanos e os humanos outros, aqueles sem poder, que também são dotados de agência e alteridade. Tal agência é comparada ao diabólico numa clara purificação e colonização operadas pelas religiões judaico-cristãs que tiveram início no medievo. Como na colonização, embora o processo de força e poder faça sobressair uma cosmologia, há sempre algo que escapa. Se, como coloca Berardi (2019), o poder legitima algumas narrativas ele invisibiliza

¹⁴ Os jardins do convento de Arequipa no Peru são jardins de estilo mouro que se desenvolvem em pátios internos, unem plantas ornamentais e comestíveis e tem presença da água. Neles as rezas, e ritos da religião são professados em contato com esses pátios, muitas vezes solitariamente. O espaço do jardim é essencial para a ritualística.

outras, essas outras narrativas, outros possíveis, entretanto existem e r-existem (MIGNOLO, 2004) no avesso do poder.

Na Europa medieval a hegemonia da religião cristã fez a invisibilidade das outras religiões. As religiões politeístas da antiguidade greco-romana, tradições politeístas europeias e norte-africanas pré-cristãs, denominadas pagãs¹⁵, cultivavam o respeito pelas forças vivas e sagradas da Natureza. O jardim, como possível invisibilizado, surge nessa época como repositório de saberes, como artefato da memória, da ancestralidade e do relacionamento simbiótico multiespécies reprimido e condenado sob a acusação de bruxaria. Os jardins foram uma das formas com que principalmente as mulheres conseguiram resguardar seus conhecimentos.

Tudo aquilo que estava ligado ao mundo vegetal em especial modo ao uso e conhecimento das plantas, foi muitas vezes considerado uma prerrogativa das mulheres. Eram elas as responsáveis pela colheita das ervas e das plantas silvestres e pelos jardins de casa. Eram, inicialmente, chamadas de curandeiras que além de conhecer as plantas a seres usados na culinária, conheciam aquelas com virtudes curativas, sua coleta e seu cultivo (RUSSEL, 2008). Sendo assim, estas mulheres eram vistas como sujeitos positivos por um lado, conhecedoras dos segredos da vida. Mas eram vistas também com desconfiança, devido ao medo que provocavam os seus conhecimentos e práticas (LANGER, 2017). Isto posto, com a ascensão do poder do cristianismo no decorrer do medievo, houve o aumento da intolerância por parte da Igreja em relação às curandeiras que praticavam a feitiçaria. A feitiçaria foi denominada pela igreja de bruxaria que era duramente condenada pelos tribunais da inquisição. Era reconhecido como bruxaria todo o relacionamento pagão com as plantas e os animais e que era principalmente exercido por mulheres.¹⁶

Nem por isso os jardins conventuais deixaram de marcar o medievo com um jardim fechado como alegoria do paraíso perdido denominado *hortus conclusus* e que também continham as mesmas plantas medicinais e ervas curativas (RONCHETTI, 2009). A composições dos jardins domésticos medievais, muitos cuidados por mulheres, havia o cuidado para que

¹⁵ Os termos pagão e paganismo vêm do latim *pagus* (campo) e *paganus* (pagão) significa “camponês” ou “rústico”. Define pessoas ligadas à terra.

¹⁶ O tratado *Malleus maleficarum* redigido entre 1486 e 1487, que servia de base para o julgamento de bruxaria, estabelece a ligação direta ente as mulheres, as plantas, os animais e a bruxaria. Disponível em: <https://www2.unifap.br/marcospaulo/files/2013/05/malleus-maleficarum-portugues.pdf> (Acesso: agosto, 2020)

nenhuma planta pecaminosa sobressaísse e para que o conhecimento botânico ficasse bem escondido dos olhares delatores que eram, principalmente, de outras mulheres. Entre as flores e os vegetais se escondiam as ervas curativas com as quais elas produziam unguentos, beberagens para o exercício da medicina, para a cura e para o controle do próprio corpo e da contracepção. Os jardins com flores, folhagens, arbustos e ervas sem desenhos muito definidos ou geometria precisa como o dos mosteiros serviam muito bem ao propósito de sobrevivência de plantas como mandrágora, beladona, alecrim, cominho negro, alho, hena, cebola, sálvia, calêndula, artemísia, marcela, mil folhas, acônito, dente de leão.

A amizade e a vida comunal onde acontecia a troca de saberes entre as mulheres foi também combatida como sendo contrária ao desenvolvimento da família mononuclear cristã¹⁷. Essas mulheres também produziam além dos jardins um vocabulário próprio para todo seu repertório botânico como forma de proteção de seus saberes que incluía as plantas e ações para as curas, ou seja, tudo aquilo que a religião condenava e punia com a morte.¹⁸

Cultivavam ervas batizando-as com nomes bizarros, evitando que outras pessoas descobrissem seus nomes verdadeiros; o alecrim era chamado de pernas de aranha, lágrimas de moça era a cebola e a pimenta do reino ganhava o apelido misterioso de asas de morcego. Formulavam seus quebrantos encantados misturando essas plantas com sangue de moça virgem, que na realidade era vinho tinto barato e adicionavam beijos de sereias, um nome no mínimo romântico dado pelas bruxas à sal. Estes “trabalhos” só podiam ser feitos em cima de mesas triangulares fabricadas com madeira de ciprestes, colhidas nos cemitérios em noite de lua cheia. Depois do amanhecer voltavam a suas casas para cuidar do jardim que, para dizer a verdade, não tinha nada de mal-assombrado (CANÔVAS, 2003, p.22).

Em *Calibã e a Bruxa*, Federici (2017) descreve o feudalismo e sua transição para o capitalismo como um período de luta porque as pessoas percebiam que estavam sendo afastadas da terra e de suas vidas comunitárias. As mulheres tinham acesso a terra e aos conhecimentos dela advindos, tanto práticos quanto religiosos. A autora coloca a caça às

¹⁷ “Ao mesmo tempo, as amigas femininas tornaram-se objeto de suspeita, denunciadas no púlpito como uma subversão da aliança entre marido e mulher, da mesma maneira que as relações entre mulheres foram demonizadas pelos acusadores das bruxas, que as forçavam a delatar umas às outras como cúmplices do crime. Foi também neste período que, como vimos, a palavra gossip [fofoca], que na Idade Média significava “amiga”, mudou de significado, adquirindo uma conotação depreciativa: mais um sinal do grau a que foram solapados o poder das mulheres e os laços comunais.” (FEDERICI, 2017, p.335).

¹⁸ Uma questão ressaltada pelos autores para o período Medieval e outros mais recentes é a dificuldade de descrever um jardim de que o tempo não guardou vestígios. Dificuldade ainda maior no caso de jardins domésticos. Assim eles utilizam também fontes como a literatura, as descrições das viagens e pintura.

bruxas como o grande evento responsável por aniquilar a participação, a força e a resistência femininas. Essas mulheres construíam sua autonomia a partir do relacionamento multiespécies operado por seu profundo conhecimento de plantas, animais e de seu sítio. É também nessa época que, no nosso mundo ocidental, o processo de sedimentação da ideia da natureza objetiva e exterior ao humano e a ideia de humano apartado e acima de outros seres ocorreu e se aprofundou com sustentação epistemológica do cristianismo.¹⁹

Na época da peste negra e da fome na Europa, essas mulheres se alimentavam de sua coleta, mantinham gatos, ou animais familiares, que afugentavam os ratos, preparavam curas e principalmente mantinham controlada a reprodução. “Os processos reprodutivos estavam em pé de igualdade com a produção”. A caça às bruxas foi uma forma encontrada para retirar das mulheres essa autonomia “enquanto queimavam nas fogueiras morria a resistência ao imaginário do capitalismo que colonizava os corpos” e junto os não-humanos. Ocorreu assim, lentamente, a separação entre a produção e a reprodução, e uma hierarquização da divisão sexual do trabalho. “Enquanto as mulheres eram condenadas como bruxas ou relegadas ao lar, os homens passaram a trabalhar fora de casa e a receber um pagamento por isso. O que sobrou para as mulheres, então, foi o trabalho reprodutivo” em outras palavras produzir mão-de-obra (FEDERICI, 2017, p.333).

A caça às bruxas foi, portanto, uma guerra contra as mulheres; foi uma tentativa coordenada de degradá-las, de demonizá-las e de destruir seu poder social. Ao mesmo tempo, foi precisamente nas câmaras de tortura e nas fogueiras onde se forjaram os ideais burgueses de feminilidade e domesticidade (FEDERICI, 2017, p.334).

É possível também relacionar a colonização das mulheres, dos elementos não-humanos e a “invenção” de uma natureza a serviço do homem.²⁰ Os jardins das “bruxas” medievais se afirmam, nessa época, como possíveis repositórios de preservação da memória e da ancestralidade na “outra face” como coloca Mongin (2013) do jardim religioso dos mosteiros e conventos católicos.

O jardim como espelho do poder foi difundido pela tradição francesa de expressão do poder real absolutista. O jardim e a horta, que eram espaços contíguos, são a projeção do poder real e do homem racional sobre a natureza objetificada, que não engloba esse homem, e é

¹⁹ Essa discussão da natureza será retomada e melhor desenvolvida no terceiro capítulo.

²⁰ A criação invenção da natureza científica e de “um deus fora do jogo” (LATOURETTE, 1994) operada pela religião cristã será discutida no terceiro capítulo.

extremamente controlada, fundamentada pelas ideias do iluminismo.²¹ Os jardins clássicos franceses, como também os italianos, tinham vegetação baixa, geométrica e simétrica. O uso da perspectiva em grandes espaços tinha o objetivo de causar admiração, mostrar o poder e a superioridade do proprietário. Os jardins eram construídos com um plano geométrico preciso e metódico, sendo orientado por caminhos em dimensões monumentais. Nos castelos, as construções que representam o poder estão voltadas para um lago, separadas dele por um jardim composto geometricamente e moldado milimetricamente à força da topiaria²². Os símbolos que exprimem o poder público estão comumente presentes ou mesmo foram desenvolvidos nesses jardins. Mas é também nos jardins do poder que se encontram, como avesso, a manifestação de uma força incontrolável de erotização dos elementos naturais que compunham os jardins domésticos, em contraste, pouco controlados. A razão e as paixões coabitam e coexistem nos jardins do poder (MONGIN, 2013).

Seguindo a evolução histórica o jardim se privatiza e é concebido como a projeção da casa e do indivíduo. Mais ou menos aberto ele é concebido como o prolongamento dessa casa. Como exemplos temos o jardim aristocrático do século XIX, o jardim inglês, a cidade-jardim, o jardim doméstico operário e o jardim popular. Mais que um macrocosmo que tem ampla ascendência o jardim se transforma também na projeção de si num microcosmo fragmentado.

O termo paisagismo é bem mais recente que o termo jardim. Vem do trabalho dos "*landscape improvers*", como se chamavam os desenvolvedores dos jardins ingleses. Eles eram assim denominados, pois trabalhavam a paisagem, de forma a que o trabalhado se mesclasse ou parecesse natural. Tiveram influência dos jardins chineses e japoneses²³ através das expedições ao oriente realizadas nesse período e foram inspirados pelas pinturas de paisagens dessa época. O jardim inglês surge como uma forma de "retomada" de uma natureza bucólica e idealizada pouco presente nas cidades dos séculos XIII e XIX e do início do pensamento tanto do paisagismo, como na crença do esverdeamento urbano como cura

²¹ O Iluminismo como guerra épica para o controle e domínio aos outros seres e a outras ontologias e a delimitação desses outros seres no conceito de natureza moderno será discutido no terceiro capítulo.

²² Topiaria é a técnica de moldar as plantas através de podas, criando formas geométricas ou artísticas e exige precisão e conhecimento sobre o crescimento e desenvolvimento da planta.

²³ O entendimento do jardim como habitat de divindades persiste na cultura oriental principalmente a japonesa.

para os males das cidades. Eles se contrapunham aos jardins geométricos italianos ou franceses e buscavam uma volta à “paisagem natural” edílica. O termo *landscape*, ou paisagismo em português, foi emprestado da "pintura paisagística", que foi a fonte inspiradora, mas começou a ser usado posteriormente.

O jardim doméstico e o jardim operário são jardins que se seguem aos jardins particulares projetados por paisagistas e permanecem, muitas vezes, como repositório das memórias e lugar de cultivo de hortaliças para alimentação e subsistência e as ervas para os remédios caseiros. Por outro lado também carregam símbolos de ascensão social como os jardins milimetricamente podados e os gramados perfeitamente aparados comuns nas classes com maior poder econômico no início do século XX (MONGIN, 2013).

No fim do século XIX e início do século XX as práticas de esverdeamento urbano, “uma prática normativa motivada pela utilização de elementos da natureza como meio para se resolver os problemas herdados do urbanismo industrial” operado por meio dos jardins surgem à medida que os elementos naturais perdiam território. Assim simulacros de “natureza” eram incorporados às cidades por meio de grandes jardins públicos. A proposta da cidade-jardim de Ebenezer Howard é exemplar no sentido de entender o jardim como uma ação corretiva que se fundamenta na dicotomia moderna cidade e natureza, humanos e não-humanos separados em pares opostos. Para Howard a existência de cidades sem jardins “é um sintoma da patologia urbana: um subproduto de altos valores de terra e dos baixos valores de vida” (ANGELO, 2020, p.10).

Angelo (2020) defende, todavia que o esverdeamento não é “uma reação ideológica aos problemas do urbanismo, mas uma prática social impulsionada por um novo imaginário social da natureza enquanto bem moral indireto” onde a urbanização entendida como um processo socionatural define o papel da cultura e dos imaginários sociais nas mudanças urbanas.

A colonização europeia no Brasil trouxe consigo o pensamento iluminista, de crença na superioridade humana sobre os outros seres e posteriormente a superioridade europeia sobre outras ontologias. O processo colonizador avançou sobre essas outras ontologias e sobre os outros seres, bem como sobre o território com amplitude e violência²⁴. Nesse

²⁴ O processo de colonização e o avanço das cidades contra a cena natural e mitológica brasileira foi desenvolvido no próximo subcapítulo da introdução.

contexto a história brasileira oficial dos jardins, aquele de influência europeia não é muito vasta e segundo Dourado (2011), tem início em Glaziou, paisagista francês, e seu ápice com Burle Marx ícone do modernismo brasileiro. Foi mais bem catalogada e descrita principalmente no século XIX com a vinda dos viajantes naturalistas ingleses e no século XX conjuntamente com surgimento do Modernismo Brasileiro.

Esse entendimento da história, não só dos jardins, que coloca como legítimos apenas os jardins de inspiração europeia deixa claro a tentativa, através desses espaços, de construir uma visão moderna do Brasil capaz de fazer parte dos países capitalistas modernos e da colonialidade que legitima apenas o imaginário europeu.²⁵

Trata-se aqui do silêncio no sentido constitutivo da linguagem, em que todo dizer cala algum sentido necessariamente. É o silêncio que atravessa as palavras, que existe entre elas, ou que indica que o sentido pode sempre ser outro, ou ainda que aquilo que é o mais importante nunca é dito. Isso pode ser feito de forma intencional, pela política do silêncio, política em que se produz um recorte entre o que se diz o que não se diz. É o não-dito necessariamente excluído, quando se apagam os sentidos que se quer evitar, sentidos que poderiam instalar o trabalho significativo de outra formação discursiva, uma outra região de sentidos (ORLANDI, 2010, p.144).,

Nesse sentido era preciso uma civilidade que lapidasse a aspereza local, ou seja, o polimento era branco e europeu, enquanto a aspereza ligada à pobreza e o mau, era negra, índia e mestiça (SODRÉ, 1999).

É situado nessa história oficial o trabalho dos naturalistas ingleses e alemães no território nacional como Ludwig Riedel que se destaca pela sua divulgação de plantas ornamentais nativas e sua utilização em espaços públicos no Rio de Janeiro. Também o trabalho da naturalista inglesa Marianne North tem destaque por seu amplo registro dos espaços dos jardins domésticos brasileiros, imagens pouco comuns entre os naturalistas, além da fauna e flora comumente retratadas.

²⁵ O primeiro historiador com publicação de maior circulação do Brasil Francisco Adolfo de Varnhagen, deixa clara sua opção de construir as memórias brasileiras a partir do ponto de vista europeu. Em sua obra História Geral do Brasil de 1854, marco da historiografia brasileira, deixa clara a impossibilidade de construir a nacionalidade brasileira referindo-se a canibais e gentios, num projeto claro de modernização. Ele cunha o termo cabocismo, expressão que se referia a tudo aquilo que não representasse a cultura branca e europeizada e que deveriam ser apagados dessa história. Capistrano de Abreu em contraponto coloca-se contrário ao repúdio do cabocismo numa clara posição contrária ao Império recém derrubado e de reafirmação da República Brasileira (MOURA, 2018).

A influência dos paisagistas e jardineiros franceses é também destaque na história oficial dos jardins brasileiros. O personagem mais relevante dessa história é o trabalho do botânico e paisagista francês Auguste Glaziou, que foi responsável pela maioria dos espaços ajardinados da capital do Império e, depois, da República. Ele empregava várias espécies nativas em seus jardins e participou do desenho de várias capitais brasileiras (DOURADO, 2011). Paul Villon, sucessor de Glaziou, também de origem francesa, foi o paisagista que participou do projeto de Belo Horizonte e sua proposta é interessante para a discussão aqui empreendida.

Belo Horizonte, diferentemente da maioria das cidades brasileiras, foi uma cidade que nasceu a partir de um projeto. Projetada para ser o lugar moderno da república, foi construída sobre o arraial de Curral Del Rey e tinha em seu desenho a proposta de fazer desaparecer, ou esquecer sua marca colonial e rural. Da roça ao urbano, ela pode ser entendida como um projeto de cidade e modernidade construída através do esverdeamento. Para tal era preciso desfazer-se a memória colonial, para época arcaica e caótica, e fazer surgir a forma higiênica moderna como marco de outra civilidade.

A comissão construtora de Belo Horizonte sob o comando do engenheiro Aarão Reis contou com as contribuições do paisagista francês Paul Villon. O projeto proposto, a despeito da topografia, foi composto da superposição de uma malha ortogonal a uma malha diagonal, com praças em lugares concêntricos ao tráfego, amplas avenidas arborizadas e uma avenida perimetral. Um parque, o parque Municipal, foi estrategicamente localizado em um local onde havia o encontro de vários cursos d'água, várias nascentes e onde o ribeirão Arrudas fazia uma curva. O plano foi dividido em zonas concêntricas: urbana, suburbana e rural. As avenidas diagonais tinham a função de facilitar a ligação e o deslocamento de veículos e da população (BRAGANÇA, 2005).

Aarão Reis previu uma expansão da cidade do centro para a periferia, ao contrário do que realmente aconteceu. As zonas suburbana e rural foram ocupadas primeiro pela moradia operária, em razão dos altos preços dos terrenos da zona urbana. Por isso, o centro se tornou cedo um lugar de passagem. Na zona suburbana, não planejada, os assentamentos, a despeito do projeto, guardavam na memória, nos costumes, nos espaços da cidade as vivências que aproximavam elementos não-humanos e a memória rural.

Na década de 40 a cidade recebeu o título de “cidade jardim”. Esse título se deve aos impactos do crescimento econômico e da administração desenvolvimentista de JK que

transformaram ainda mais o espaço urbano de Belo Horizonte. A cidade-jardim utópica de Ebenezer Howard²⁶ já empregava o uso paradigmático do esverdeamento para remediar os males urbanos e era ligada aos preceitos do socialismo. Mas o jardim que se pretendia em Belo Horizonte desde o seu projeto era republicano - higiênico, controlado e delimitado - afastado do jardim colonial do arraial – diverso, não hierarquizado e com pouco controle.

A ocupação inicial da capital fora dos limites planejados e sua origem rural ainda preservada nesses bairros colocou em relevo a necessidade de se construir uma imagem cosmopolita para a capital mineira projetada em contraposição. A ação de reconstruir esse imaginário moderno e urbano em contraponto ao arraial foi levada a cabo a partir do estabelecimento de novos relacionamentos sociais e a delimitação dos não-humanos numa natureza controlada. Embora os bairros periféricos de Belo Horizonte, dentre eles o São Geraldo objeto de estudo da tese, promovessem acesso às plantas, animais, água como um bem direto de subsistência e como um elemento não separado da vivência cotidiana, o imaginário da cidade-jardim proporcionava espaços “verdes” de maneira contemporânea, controlada e reconhecível dentro dos padrões estabelecidos de urbanidade pretendida.

Em seu estudo sobre o Vale do Ruhr, que guarda semelhanças com Belo Horizonte como o passado rural e o projeto de se criar uma cidade-jardim com espaços modernos para o estabelecimento de uma burguesia urbana, Angelo (2020) defende que, projetos de jardins podem ser mobilizados como veículos para propagar “visões normativas muito diferentes do que a sociedade tem dele”. Por um lado projetos de “esverdeamento urbano” surgem como reação à uma cidade industrial poluída onde trata-se de uma ação corretiva como já apontado anteriormente. Essa abordagem parte do entendimento binário da relação entre a cidade e a natureza, humanos e não-humanos. Entretanto também é através dos novos relacionamentos sociais e da própria reinvenção dos significados da natureza que o esverdeamento “ajudou a transformar os trabalhadores agrícolas em cidadãos urbanos

²⁶ A concepção de Cidade Jardim é baseada no pensamento de Ebenezer Howard, para quem a solução dos problemas ambientais e sócio-econômicos da cidade pós-industrial seria a adoção de um modelo urbanístico caracterizado por áreas residenciais de baixa densidade com predominância de áreas verde. Em seu livro *Tomorrow: A Peaceful Path to Social Reform*, publicado em 1898 e republicado em 1902 sob o título *Garden-cities of Tomorrow*, no qual, estabelece o conceito cidade jardim. De orientação socialista, a obra propõe a união entre os benefícios do campo e do meio urbano, através do projeto de cidades novas. Propõe-se, então, um modelo formal de cidade, onde sociedade e natureza estão combinadas de forma a oferecer uma vida ideal ao homem: “a healthy, natural, and economic combination of town and country life”.

reconhecidamente burgueses” (ANGELO, 2020). Cabe aqui questionar se não estamos mais diante de uma mimetização do que de fato de uma transformação.

Para empreender esse esverdeamento modernizador várias práticas de relacionamento multiespécies eram controladas ou proibidas por uso da legislação. O cultivo de subsistência bem como a criação de animais eram proibidos na capital recém criada. O Decreto 1.211, de 1898 (Minas Gerais, 1898) designado como “posturas da cidade de Minas” que regulamentou a aquisição de lotes urbanos, a arrecadação de impostos, a fiscalização das construções e os comportamentos urbanos já anunciava esse projeto. Nesse decreto quaisquer comportamentos de um mundo rural, deveriam ser alterados para se alcançar a civilidade pretendida. Plantas, animais e pessoas deveriam ser regulamentados. Cachorros, cabritos, cabras e carneiros, por exemplo, deveriam ser “matriculados” na Diretoria de Higiene. As praças e parques deveriam conter apenas espécies vegetais ornamentais compatíveis com o desenho pretendido e usadas dentro da civilidade²⁷ proporcionadas por “instalações e aparelhos gymnasticos e pateo arborizado ou jardim para uso de seus moradores” – lugares esses de práticas autorizadas. Assim desde sua construção o projeto da cidade de Belo Horizonte constitui um urbano que tem como razão a invenção dos comportamentos e relações e do próprio conceito de natureza e cultura daqueles que a habitam.

A cultura do jardim doméstico tornou-se economicamente e moralmente útil à medida que a atividade de cultivo e cuidado passou a ser atividade feminina e de crianças prioritariamente. A natureza modernizada deixou de ser o espaço do trabalho e da vida e tornou-se então espaço do lazer. Os jardins, parques refletiam uma “nova paisagem imaginada, bem como novas ideias sobre a natureza se refletiam como um espaço de lazer que transformava seus bens de subsistência material em edificação espiritual e, assim, produzia as condições para que a população experimentasse a natureza como algo cênico” (ANGELO, 2020). Ao tornar-se uma questão feminina perde também seu status e é tomado como algo de menor relevância ao ser comparado com as atividades produtivas. Características sinestésicas como a beleza das flores, o perfume das plantas, o prazer estético no cultivo, a magia criada no convívio com as plantas, a sacralidade das plantas, dos

²⁷ Conjunto de formalidades adotadas pelos cidadãos entre si para demonstrar consideração e respeito mútuo; boas maneiras, urbanidade. Definição dada pelo dicionário de português Michaelis de 2017.

animais e dos ciclos naturais são denominadas coisas femininas e combatidas como fúteis, de menor importância frente à produção. A fragmentação moderna levou também à fragmentação dos espaços das plantas no convívio antrópico. Jardim para as flores, horta para as verduras, quintal para as árvores frutíferas. Aquilo que era jardim passa a ser desmembrado e empobrecido em todas as suas partes, pois a perda da diversidade biológica convivendo junto remete à perda da magia, dos relacionamentos, da variabilidade.

Os jardins que existiam anteriormente em Curral Del Rei e na Belo Horizonte não planejada, bem como em todo Brasil, escapavam das ordenações e correspondiam e correspondem a maioria dos jardins. Macedo (1999) considera a existência de três grandes linhas na arquitetura paisagística brasileira na qual estão inseridos os jardins, sendo: a eclética, a moderna e a contemporânea (MAGALHÃES, 2014). Numa crítica a essa abordagem a historiadora Cristiane Magalhães (2014) propõe inserção do jardim colonial brasileiro como objeto relevante de análise dos jardins brasileiros, mesmo que este não se enquadre completamente na arquitetura paisagística. Nos jardins coloniais estariam incluídos os jardins conventuais e religiosos e os jardins domésticos das cidades. “Excluir esta forma de jardim é esquecer uma significativa parte da história” que é sem dúvida a mais difundida e utilizada no país, “mesmo que sem uma linha projetual definida e, na maior parte das vezes, sem autoria determinada.” Segundo a autora o “típico jardim colonial brasileiro era um misto de quintal, horta, pomar e jardim de flores.” A divisão que separou jardim, quintal e casa veio com a modernização das cidades como já apontado anteriormente e mesmo assim, segundo a autora, não dominou completamente os espaços e o entendimento do jardim.

Os jardins coloniais eram compostos por um local com água, hortaliças, frutas, principalmente os citrinos, legumes em meio a flores e arboreto sem muita hierarquia ou distinção e sem desenho regular. Eram cercados, construídos nos fundos das casas urbanas, nas fazendas e nos colégios religiosos, de uso restrito e familiar. Foram amplamente registrados por viajantes naturalistas tanto em relatos como em pinturas, bem como nos registros dos textos dos religiosos (MAGALHÃES, 2014).

É nesses jardins coloniais que se mesclavam também os conhecimentos indígenas sobre a flora e a fauna. A familiarização das plantas exercida pelos índios e incorporada nos jardins conventuais e também nos domésticos trazia para esses espaços os elementos nativos do Brasil. Eram também nos jardins coloniais que as plantas rituais dos escravos eram cultivadas

às escondidas, principalmente pelas mulheres que trabalhavam nas casas, como no medievo pelas bruxas, dos olhos dos senhores. Era a partir delas que podiam proferir, às escondidas, seus ritos.²⁸

O cultivo de plantas como arruda, caninha de macaco, manjeriço, alfavaca, inhame, saião, pimenta malagueta, feijão guandú, guiné, funcho, hortelã, marcela, alecrim, salsa era comum. Dessa forma, os cultivos dos jardins coloniais surgem como possibilidade de preservação da cultura e da memória daqueles que sofriam com a invisibilização colonial. O ocultamento do universo bantu, iorubá e indígena, bem como do conhecimento de cura e magia das mulheres europeias, remete ao poder do clero e da ciência moderna em ascensão nesse período, encobrindo e reprimindo modos de vida, costumes e manifestações culturais de povos não-europeus ou membros não dominantes como as mulheres.

Retomando assim a história brasileira e da formação de suas cidades e territórios²⁹, além da composição herdada da cultura portuguesa de tradição europeia, principalmente cristã, é preciso entender os jardins também para as culturas indígenas e afro-brasileiras. A existência de diversas formas de se relacionar dos humanos e não-humanos, sejam elas pré-capitalistas e capitalistas, pressupõe uma análise mais detalhada das relações dessas diversas sociedades com os outros seres vivos e com seu lugar na medida em que existem sociedades indígenas, de camponeses, quilombolas, coletoras, articuladas com a sociedade urbano-industrial, tanto na formação histórica quanto atualmente nas cidades brasileiras.

Para as culturas afro-brasileiras, o jardim, inicialmente, faz pouco sentido. Segundo Boaes (2009) no universo africano, não há lugar semântico para a noção de jardim, pois o que predomina é a floresta. A floresta seria o fenômeno total, a natureza manifestando-se ao máximo. Em contrapartida o autor ressalta que no universo judaico-cristão o processo

²⁸ “Os africanos, principalmente das etnias nagô e banto no Brasil, não encontrando as mesmas plantas utilizadas em seu local de origem para os rituais religiosos, alimentares e de cura, testaram e inseriram outras plantas em seu dia-a-dia.” A proximidade das condições climática do Brasil com os países da África Ocidental facilitou encontrarem, nas florestas tropicais e no Cerrado, as plantas para a reprodução e manutenção da sua identidade cultural (GOMES, 2009, p.104). Essas plantas eram cultivadas às escondidas na casa grande. Nesse processo o conhecimento indígena das plantas teve também um papel relevante. Algumas poucas plantas foram trazidas nos navios negreiros.

Orixá é termo yorubano para as divindades. Essa etnia chegou ao Brasil em grande volume a partir do sec XVIII. Antes, os grupos Bantus eram mais numerosos e tinham uma religiosidade distinta. O equivalente bantu a Orixá seria Nkisi ou Inquice. Assim como para os povos da costa da mina chamam-se Voduns.

²⁹ A história brasileira e o relacionamento entre os vivos foi desenvolvida no próximo subcapítulo da introdução.

civilizatório faz surgir o jardim, todavia ele se torna importante no sentido de preservar as espécies na cultura afro-brasileira.

Em seu estudo sobre os terreiros baianos, Barros (1993) ressalta, entretanto, a existência de um “espaço-mato” construído diferente do “espaço-mato” original. Ele seria um jardim onde são cultivados os elementos vegetais indispensáveis ao culto. A presença de jardins como o “Jardim de Umbanda”³⁰ que Pai Ricardo Moura cultiva na fachada da Casa de Caridade Pai Jacob do Oriente na Pedreira Padre Lopes em Belo Horizonte, é um dos muitos exemplos desses jardins. Contudo, a criação deste espaço, para o autor é resultado de uma adaptação diante das condições concretas de funcionamento dos terreiros, de sua localização urbana e normalmente em territórios muito adensados. Assim o que eles chamam de jardim entra nos rituais e territórios da cultura afrodescendente como um resultado da falta do elemento natural em sua plenitude e que acaba tornando-o um espaço cultivado, empalidecendo um pouco a relação entre homens, divindades através dos elementos naturais.

Contudo, para a tese não deixa de ser uma chave de compreensão do jardim como possibilidade de recriação de um mundo, resultante de um processo de desmatamento, urbanização ou, no caso dos negros, também de apartamento da terra natal. Se o sagrado e a sacralização das plantas são uma forma de organização de mundo, que vai além do sentido religioso institucionalizado, de diálogos do simbólico, do sagrado e do profano, o jardim constrói esse mundo possível frente à colonização e posteriormente à modernização. O jardim torna-se a forma da cultura e dos cultos religiosos sobreviverem nas cidades. Portanto os jardins são a permanência da cultura, novamente surgem como repositórios de proteção da memória, que mesmo com perda de representatividade, ganham importância no contexto urbano.

Segundo Levis (2017) muito antes de os europeus desembarcarem na América, os povos indígenas tinham mudado a paisagem da Amazônia ao longo de milhares de anos e os efeitos de suas atividades definem hoje as características da floresta. Segundo a autora, a pesquisa desenvolvida no Instituto Nacional da Amazônia mostra que as plantas que poderiam ser úteis eram cultivadas em jardins e pátios em um processo quase intuitivo de seleção, similar ao que ocorreu no Egito. Assim como há teorias de que também o cerrado, a mata atlântica e a caatinga são paisagens milenarmente antropizadas. A distribuição

³⁰ Os jardins do Pai Ricardo foram visitados durante a pesquisa Jardins Possíveis no bairro Lagoinha.

disjunta do Babaçu, por exemplo, pode ser explicada como fruto de dispersão humana pré-colombiana, e a chamada “mata de cocais”, entre a Amazônia e a caatinga também. Krenak (2019a) também reivindica a Mata Atlântica como um grande jardim, de proporções continentais, composto pela interação dos índios com as plantas e animais no território por quase dois mil anos.

O antropólogo Michael Heckenberger denominou a ocupação encontrada nos sítios arqueológicos situados nas terras hoje habitadas pelo povo Kuikuro, no norte de Mato Grosso de cidade-jardim, “uma espécie de arquitetura amazônica que teria florescido no período pré-colonial. Seria uma forma ‘galáctica’ de urbanismo pré-histórico, sem um centro de comando, mas com aglomerados representando pequenas entidades políticas independentes dentro de um sistema igualitário de poder regional”. A característica marcante desse tipo de ocupação seria a profunda integração dos habitantes com os outros seres e a floresta “que não seria simplesmente mantida intacta, como algo sagrado, mas manejada de maneira a garantir o sustento de seus povos” (PIVETA, 2018, p.21).

Os Achuar são um povo indígena que vive na floresta amazônica do Equador. Para eles cada mulher casada deve ter um jardim perto da aldeia. As plantas são como filhas da mulher que as plantou e que cuida delas. Essa mulher canta “canções sagradas do coração” e ensalmos [cura de doenças por meio de feitiços e rezas, medicina alternativa] mágicos às plantas e ervas de seu jardim, encorajando-as a crescer.” Quando a mulher morre, sua roça é abandonada e sua plantação também morre o que mostra a “relação íntima entre a mulher e o espírito que protege seu jardim” (OLIVEIRA, 2007a). Para as mulheres do povo huni kuin, as pimentas de seu jardim são filhas ou sobrinhas, numa clara familiarização que acontece tanto para os humanos quanto para as plantas, ela é, portanto, conjunta e recíproca.

Assim o jardim foi uma das formas com que os indígenas brasileiros compuseram a floresta originária numa escala de criação, recriação do seu mundo. Também seu conhecimento de domesticação e familiarização das espécies nativas foi essencial para a agricultura bem como para a conformação das cidades e do território desde o período colonial. Mesmo que os jardins das casas se compusessem principalmente por espécies importadas, as espécies nativas também compunham os jardins dos primeiros séculos brasileiros graças, justamente, as técnicas indígenas. Em sua técnica é importante ressaltar a simbiose entre todos os seres,

bem como a relevância no campo simbólico dos mitos nas relações multiespécies, que ainda sobrevivem na cidade contemporânea.³¹

Seguindo agora a história oficial dos jardins o paisagista brasileiro Burle Marx é o ícone do paisagismo moderno nacional. É reconhecido por sua tendência de agrupar a flora em imensos borrões monocromáticos, apresentando plantas como o pigmento de uma pintura de grande porte. Numa aproximação inicial os jardins do paisagista são caracterizados pelo controle dos elementos não-humanos numa composição pictórica. Esse uso decorativo que o paisagista criou nesses canteiros deixa explícita sua relação funcional com o "*Parterre de Broderie*" dos jardins franceses. Esse uso conforma um *display* da apropriação feita da flora nativa e tropical, a ostentação de uma propriedade da qual a cultura oficial burguesa brasileira nunca se importou de fato até a descoberta de seu valor pelo estrangeiro e usado como moeda de troca para as culturas estrangeiras de referência. Por isso, apesar da biodiversidade geral do jardim, os canteiros monoespecíficos com sua estanqueidade e artificialismo são a expressão de uma relação ainda deficiente, e incompleta com os não-humanos. Ao sujeitar o canteiro às formas fixas com fronteiras definidas e intransponíveis, sujeita os outros seres em função do estético, hierarquizando humanos e não-humanos, reafirmando a cisão bíblica.

Seu trabalho com os jardins não pode ser dissociado também da construção da modernidade brasileira e da criação de um país capaz de se estabelecer no mundo capitalista no início do século XX. O paisagista estava "imerso em uma brasilidade em gestação nas artes plásticas, na arquitetura, na música, na literatura, na poesia e também no paisagismo, pelas experiências de Flávio de Carvalho e Mina Klabin Warchavchik" (DOURADO, 2009).

³¹ As práticas agrícolas indígenas são o fator de grande impacto na formação dessa paisagem. Elas não são feitas sob a cobertura das árvores. A "coivara", a técnica usada para os roçados indígenas, consistem na derrubada de pequena área da floresta e sua queima como preparação para o cultivo. Isto é necessário uma vez que no clima tropical a grande precipitação lixivia os nutrientes do solo e os deixa pobres e ácidos, o que foi um problema histórico da agricultura brasileira até a algumas décadas atrás (e sua resolução foi que fez do Brasil o "celeiro do mundo" atual). A queima da vegetação derrubada libera em suas cinzas estas bases e nutrientes que estavam aprisionados nos tecidos vegetais, o que permite uma colheita farta no primeiro ano que, no entanto, declina rapidamente, permitindo apenas três anos mais ou menos de colheitas gradativamente menores até se exaurir completamente. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-projetos/-/projeto/31443/as-terras-pretas-de-indio-da-amazonia-o-entendimento-de-sua-formacao-e-evolucao>. Acesso: janeiro 2021

Se por um lado essa brasilidade verde corrobora para o marketing tropicalista capaz tanto de estabelecer a cultura nacional quanto de internacionalizá-la, por outro diversifica a presença de outros seres, plantas e animais tropicais, nos espaços tanto dos jardins particulares quanto dos espaços públicos como os projetados por Burle Marx. No modernismo mundial os jardins foram praticamente banidos pela suposta incompatibilidade entre o mundo industrial, democrático e urbano, e a tradição rural e aristocrática à qual esteve comumente associado. Para o projeto de esverdeamento moderno bastava o verde genérico do gramado infinito e estandardizado. Não havia tempo para a singularidade do sítio, a duração do tempo, os mitos, os ritos, enfim os cuidados constantes com outros seres incorporados nos jardins.

Os jardins de Burle Marx, estudioso da ecologia das paisagens, mesmo assim tentam criar lugares mais inclusivos, não simplesmente áreas verdes modernizadas e gramadas. Como aponta Dourado (2009), trata-se de outro tipo de modernidade, a “Modernidade Verde” à brasileira, onde sobrevive uma flora e fauna nacional. Entretanto essa modernidade não deixa de carregar as contradições do mundo moderno da produção e dos tempos outros dos seres vivos, das águas e dos lugares.

Seu profundo estudo sobre os contextos naturais brasileiros e as incongruências entre suas aquarelas e seus jardins resultantes apontam essa outra direção. O trabalho de Burle Marx sempre foi pautado no entendimento e respeito para com os elementos vegetais, incorporando a flora brasileira e, conseqüentemente, a fauna em seus jardins. Burle Marx dizia que “apenas iniciava o trabalho dos jardins, pois o tempo e o corpo completariam a ideia” (OLIVEIRA, 2007). Tal afirmação contrasta tanto com a ideia de simples submissão das espécies vegetais em padrões cromáticos para fins estéticos que se faz do seu trabalho, quanto com as atuais restaurações de suas obras que buscam recuperar o projeto original desconsiderando o tempo no trabalho do paisagista.

O paisagista em entrevista ressalta que sua mãe adorava plantas e as relacionava com uma divindade e o incentivava sempre que trazia uma espécie nova do campo. “Roberto que coisa bonita, eu nunca tinha visto, isso é uma espécie de manifestação divina. E no fundo... eu não sou religioso, mas existem forças que não consigo explicar” (OLIVEIRA, 2007, p. 22). Como paisagista brasileiro, surgido no modernismo, com projeção internacional, é relevante a incorporação da flora nativa em seu trabalho. Essa incorporação deu significado e difundiu

uma forma de fazer jardim oficialmente no Brasil que, mesmo que para propagandear o tropicalismo, respeita os ciclos naturais, as espécies nativas e a fauna brasileiras nas cidades e em suas propostas e destaca-se da forma dominante dos gramados modernistas infinitos produzidos até então.

Nesse ponto gostaria de problematizar esses jardins e abrir a hipótese de que o que trai a "modernidade verde" dentro dos princípios do movimento moderno, demonstrando o anacronismo que se pode associar aos "jardins à brasileira" não o que é evidente, sua forma, espécies ou conceito, mas aquilo que é responsável por sua manutenção e da qual tudo o mais se perderia: o intensivo e volumoso trabalho das equipes de jardineiros e trabalhadores. A diferenciação dos próprios humanos menos humanos que outros provem um trabalho braçal, pouco qualificado e que só é possível graças as grandes desigualdades sociais e ao fato deste tipo de mão de obra ser barato no Brasil, evidenciando sua estrutura excludente. Portanto o envolvimento apenas intelectual ou braçal numa estrutura de divisão do trabalho não cumpre o papel de proporcionar um relacionamento multiespecífico completo. Nesse sentido que reafirmo que os jardins estudados na tese são aqueles nos quais as pessoas se envolvem pessoalmente.

Nessa evolução histórica da relação entre espécies e entre essas e o território o jardim esteve presente e como coloca Mongin (2013), se apresentando como um microcosmo, uma paisagem em miniatura até o urbano generalizado contemporâneo. Para o autor o jardim oscila entre o pequeno e o grande, o sublime e o monstruoso, o selvagem e o civilizado, o controlado e o erótico, como um microcosmo em dupla face agora com uma correspondência limitada e fragmentada. O jardim e suas representações sempre trouxeram esse microcosmo em dupla face: humana e não-humana, hegemônica e resistente; da memória e do apagamento das ontologias. Se o jardim é, inicialmente, a ação humana sobre os não-humanos, o contrário também se dá de forma igualmente relevante para sua constituição. A dupla afetação nos jardins também não pode ser esquecida.

Nesse sentido o processo de domesticação das plantas, como coloca Tsing (2015) "é geralmente compreendida como o controle humano sobre outras espécies." Mas que tais relações "podem também transformar os humanos é algo frequentemente ignorado." Não há, segundo a autora, uma linha divisória clara onde "ou você está do lado humano, ou do lado selvagem", pois isto se baseia num comprometimento ideológico com a supremacia

humana herdada pela ciência moderna das religiões monoteístas.³² “Essas histórias alimentam pressupostos sobre a autonomia humana e levantam questões relacionadas ao controle, ao impacto humano e à natureza, em vez de instigar questões sobre a interdependência das espécies.”

Os estudos da autora são “multiespécies”, para os quais, além das ciências naturais, a antropologia é capaz de observar a vida de plantas, animais, fungos, preocupando-se em entender as relações construídas entre diferentes espécies que se entrelaçam dentro de um mesmo ambiente. Os estudos multiespécies buscam fugir do excepcionalismo humano descrevendo o mundo a partir, também dessas outras espécies. A autora ressalta a emergência das paisagens florestais nas relações multiespécies. Na antípoda das relações multiespécies estariam a agricultura intensiva e a monocultura que condenam as espécies à proximidade genética e a hiperdomesticação (TSING, 2019) .

Nesse processo “faltou um ingrediente: removeu-se o amor. Em vez do romance conectando as pessoas, as plantas e os lugares, os monocultores europeus nos apresentaram o cultivo pela coerção. As plantas eram exóticas e o trabalho era realizado à força por meio da escravidão” (TSING, 2015). Tal processo foi amplamente utilizado no país desde o Brasil colônia, com seus latifúndios monocultores com foco na exportação, e que baseia os ciclos econômicos brasileiros nesses grandes ciclos monoculturais e exploratórios: o ciclo do Pau-Brasil, da cana-de-açúcar, do algodão, do ouro, do café, da borracha e atualmente da soja, do gado (FAUSTO, 1996).

Nos jardins essa monocultura e a remoção do amor se espacializa naqueles jardins das plantas exclusivas da moda, da seleção comercial de espécies a serem plantadas nos jardins públicos, no plantio de alamedas exclusivas de palmeiras sem sombra, nos jardins hipercontrolados com defensivos agrícolas e fertilizantes químicos, nos cenários ajardinados e nos gramados ascéticos infinitos onde se é proibido pisar. Esse jardim cenário é muito encontrado em prédios residenciais e comerciais das áreas de classe média e alta, expostos e enclausurados dentro dos aquários dos gradis vitrines de vidro sem nenhum contato com exterior, cuidados por firmas de paisagismo onde não é incomum encontrar placas advertindo aos donos de animais domésticos a presença de substância tóxica aos animais.

³² A participação da religião nesse processo, principalmente as de origem cristã, foi abordada no terceiro capítulo.

Entretanto segundo Tsing (2015), “onde quer que o poder do Estado tenha se atenuado, paisagens de maior biodiversidade e de maior diversidade social continuaram a proliferar. O modelo de confinamento padronizado foi uma força poderosa por si mesma para manter as margens na marginalidade.” Por isso, nesses jardins não-ditos (ORLANDI, 2010) pela história do paisagismo oficial brasileiro, é onde justamente esse elemento o amor, entendido como uma predisposição biológica da vida (MATURANA, 1997) pode ser encontrado com mais proximidade. Nos jardins onde as pessoas se envolvem os espaços se constituem a partir desse amor num relacionamento multiespécies, ou seja, relações construídas entre indivíduos de espécies biológicas diferentes em seu espaço. Estudá-los como um estudo multiespécies quebra a barreira entre o que seria objeto de estudo das ciências humanas e o que seria competente às ciências biológicas e também da arquitetura paisagística. Aqueles jardins, microcosmos dos mundos possíveis, que misturam espécies de todo tipo, que entendem a água e o solo e onde há lugar para o amor, para a memória, para a familiaridade e a ancestralidade e guardam relações com o sagrado serão usados como ponto de partida para o estudo. São esses Jardins Possíveis que se quer entender na tese.

Na contemporaneidade o trabalho do paisagista francês Gilles Clément é relevante para o entendimento do jardim aqui desenvolvido. Para ele o conceito de Jardim é: “uma área, pública ou privada, onde a arte da jardinagem - para o sustento, prazer, parques ou outros programas de acompanhamento, urbano ou rural, é praticada em harmonia com a natureza e o homem, livre da dominação de mercado.” Os jardins são lugares de resistência onde a “diversidade, tanto biológica e cultural, bem como a preservação da água, do solo e do ar é incentivada para o bem comum.” Para Clément, o jardim é, sobretudo, uma reserva planetária sem fronteiras, uma concepção de mundo em sua força vital, capaz de integrar os biomas em toda a abundância de seus elementos, terra, água, ar e a essência de tudo o que é vivo. Para melhor compreender o que é o jardim, o autor desenvolveu seus estudos em três visões tanto únicas como complementares: os jardins em movimento, os jardins planetários e os jardins da resistência.

Clément (2002), ao construir o conceito de “Jardins planetários”, recorre a uma construção utópica, buscando representar uma história da coexistência que por vezes é amigável ou hostil entre as espécies. Ele concebe o mundo como um jardim. Tal construção tem origem nos primórdios dessa relação e passa por todos os continentes tecendo uma história de

peças, animais e plantas pelo planeta. Os limites do jardim planetário são os biomas numa ideia de um continente único. O jardineiro aparece como um agente intermediário, cuja interferência atua no sentido de promover encontros entre espécies que não necessariamente se encontrariam: é a ecologia como parte integrada da humanidade. Os residentes deste continente único seriam cidadãos-jardineiros, participando dos paradigmas desse ecologismo que é o único projeto verdadeiro para o século XXI segundo o autor. Nesse espaço privilegiado, onde o melhor é acumulado, toda a diversidade submete-se, sem barreiras, ao processo evolutivo³³.

O jardim em movimento sintetiza constantes universais, superando circunstâncias, eras e certezas; um movimento de energias percebido em terras negligenciadas (friche), cujo abandono (délaisse) é o fator que viabiliza o desenvolvimento livre das plantas ali existentes com interferência antrópica. A ideia do jardim em movimento e sua marginalidade vêm ao encontro de Tsing e o entendimento de que a biodiversidade se desenvolve nessas margens. Essa margem é colonizada pelas plantas ruderais³⁴, geralmente cosmopolitas. Isto é parte indissociável do processo globalização já desde as navegações. Esse efeito de borda é característico de fronteiras entre áreas antropizadas e selvagens. Beneficia um grupo restrito de espécies em detrimento de comunidades locais com associações exclusivas que abrigam espécies endêmicas nativas e exóticas.

Os cidadãos são vistos como jardineiros, trabalhando na contramão dos espaços aborrecidos do paisagismo arquitetônico e “sim como catalisadores da força maior e predominante da natureza”. Dessa relação surge o conceito de “jardim em movimento” (CLEMENT, 2002c). O jardim em movimento é o resultado do comportamento das espécies plantadas ou não, com seus florescimentos, frutificações, brotações ou mortes sucessivas seguindo os processos naturais sem predeterminá-los ou privá-los da sua natureza dinâmica. Jardins como microecologias sujeitas ao tempo.

Nesse ponto é importante entender que estes encontros propostos não são inócuos. Ao se importar, por exemplo, plantas exóticas para um jardim adjacente a um bioma, haverá

³³ Importante lembrar que grandes extinções fazem parte do processo evolutivo. O papel humano cada vez mais relevante nessas extinções reforça o conceito de antropoceno.

³⁴ O nome planta ruderal vem do grego *rudere* e significa ruína. São aquelas plantas que no processo evolutivo adaptaram-se aos locais antropizados ocupando beira de calçada, lotes vagos e outros ambientes urbanos que são áreas de grande concentração de nitrogênio (LORENZI, 2006).

sempre o risco de que alguma destas novas espécies escape ao controle e torne-se invasora, ocupando o espaço que plantas nativas ocupariam em condições climax e prejudicando toda a cadeia ecológica dependente, podendo extinguir espécies, inclusive. Na verdade, isso já ocorreu em escala global e continua a acontecer. Mesmo que isto seja inevitável no antropoceno, onde o ser humano se tornou a força impulsionadora da degradação ambiental e o vetor de ações que são catalisadoras de uma provável catástrofe ecológica, não caberia aos conscientes deste processo, a longo prazo, evitar sua aceleração?

Fora da ação direta humana, encontra-se o terceiro cenário, o jardim da resistência (CLEMENT, 2002b), receptáculo da diversidade biológica em sua forma mais pura, são os espaços pouco modificados, um terceiro estado que compreende que o planeta Terra, independentemente da ação humana direta, se autorregula e protege a si próprio.

Para Foucault os jardins são heterotopias capazes de justapor em um único lugar real vários espaços que, por suas especificidades, seriam incompatíveis. O conceito de heterotopia desenvolvido por Foucault (2013) também aponta para os jardins como elementos de conexão. As heterotopias “são espécies de utopias realizadas nas quais todos os sítios reais dessa dada cultura podem ser encontrados, e nas quais são, simultaneamente, representados, contestados e invertidos” (FOUCAULT, 2013, p. 14). A heterotopia, lugar outro, contrapõe-se assim ao lugar-comum. É, portanto, o lugar da diferenciação, do que não se submete à identidade niveladora: o lugar do outro no qual o comum se reconhece. É o estranho onde é possível reconhecer o familiar.

Os grupos sociais constroem uma identidade entre seus membros bem como em sua cidade e em seu espaço. Numa situação onde os espaços são projetados por grupos hegemônicos, a cidade tende a se tornar um mesmo espaço. Todavia, cria-se também um lugar de diferenciação, o que quer dizer que a cidade não é feita apenas de lugares dominantes, mas também de lugares outros e dos outros. A cidade é, portanto, lugar de humanos e espaços antrópicos hegemônicos bem como de lugares dos outros criados pela diferenciação. Os jardins seriam, para o autor, o exemplo mais antigo de heterotopia e são esses outros espaços diferentes, que funcionam como a contestação dos espaços onde vivemos. A cidade representaria o antropocentrismo, e o jardim aqui buscado seria o espaço dos relacionamentos com os outros entre eles humanos menos humanos e de sua alteridade na cidade.

Segundo Mongin (2013), no contexto da cidade fluxo, ou do urbano generalizado (MONTEMOR, 1994), o mundo não é dado antecipadamente e é preciso sim reinventá-lo. A correspondência imediata entre o macrocosmo total e o microcosmo dos jardins é, no contexto atual, tanto fragmentária quanto possui uma dupla face. Não há mais totalidades a serem representadas nos jardins. Assim, o jardim não seria só a expressão de um mundo preexistente, mas a manifestação de um mundo singular onde não se formam mais mundos. Seria uma raridade num planeta urbano que falsifica as paisagens, capaz de se abrir como possibilidade, capaz de tanto representar outros possíveis invisibilizados (BERARDI, 2019) quanto de criá-los. O jardim seria uma possibilidade de acesso ao espaço comum. “Se o jardim não é mais um pequeno pedaço do mundo, ele é só ele mesmo, uma brecha, uma reentrância, uma raridade, um componente de um mundo a recuperar” (MONGIN, 2013, p. 12).

O jardim surge então como uma alternativa de recriação do mundo e sua invenção favorece outra relação. Partindo para a análise de Haesbaert (2009) sobre as novas territorialidades, os jardins podem ser um dos elementos capazes de estabelecer uma relação territorial multiespécies.

Os jardins aqui buscados realizam no presente o que se quer ter no futuro. Embora não sejam confrontacionais (MIGNOLO, 2004), procuram se desconectar dos fluxos de mercado através da reciprocidade e construir uma relação multiespécies que abarca humanos e não-humanos para além das trocas capitalistas. E mesmo que tenham um alcance limitado os jardins podem ser exemplarmente pedagógicos.

De acordo com Haesbaert, a noção de multiterritorialidade (HAESBAERT, 2002) aparece como resposta ao processo identificado por muitos como “desterritorialização”. Assim mais do que a perda ou o desaparecimento dos territórios, o que ocorre são processos de (re)territorialização, construindo territórios muito mais múltiplos ou, de forma mais adequada, tornando muito mais complexa nossa multiterritorialidade. Partindo para a análise de Haesbaert (2009) sobre as novas territorialidades dentro da noção de multiterritorialidade, os jardins podem ser um dos elementos capazes de estabelecer uma relação territorial que engloba todos os agentes humanos e não-humanos e, principalmente, um meio experimentado por aqueles que o constroem e compartilham. Configuram-se como uma resistência espacial no território.

É preciso apontar a seguinte contradição à minha hipótese para o estudo dos jardins: o jardim, aquele ligado à ideia de domínio e monocultura, é também parte da estratégia “verde, global e conectada” (MONGIN, 2013), um cenário ou uma vitrine indispensável, uma migalha do urbano generalizado³⁵ e difuso. É primordial à cidade “criativa e sustentável”³⁶ que especializa as relações neoliberais, o consumo de verde e a presença de jardins sem relação interespecífica e sem amor. Os não-humanos são entendidos como objetos, mercadorias do consumo verde. Retomando o mito das necessidades³⁷ de Illich (1990), os jardins podem ser objetos de consumo e aparência confirmando um status social e que são vendidos para aplacar nossa consciência ecológica individualista e que reforçam as relações capitalistas. O verde também como bem moral (ANGELO, 2020) faz parte de projetos de esverdeamento que compõem estratégias de marketing das grandes construtoras bem como de administrações públicas.

Esses jardins objetos, embora colaborem com a infiltração de água³⁸, com o regime das chuvas e, algumas vezes, com a fauna, não favorecem a relação multiespécies. A natureza que se vende nesses jardins objetificados, controlada e utilitária, é conformada a serviço dos humanos, alguns deles, e do lucro. São formas de poder ajardinadas no sentido trazido por Berardi (2019). Esses jardins fazem parte dos ataques empreendidos pelo capitalismo desenvolvimentista contra os outros possíveis nas cidades. É violento e, como coloca Bispo (2015), representam os processos da colonização e da recolonização num modelo “ecocida” e autodestrutivo operado pelo desenvolvimento econômico excludente na contemporaneidade.

É importante também situar a responsabilidade sobre este processo ambiental entre aquelas jogadas para o cidadão, como a captação de água da chuva, taxa de permeabilidade, enquanto que, por outro lado, o volume mais significativo destes processos é desperdiçado ou destruído pela ação livre do capitalismo indiferente. O que deveria ser social vira iniciativa particular. A Indústria destrói mananciais, polui rios e resta para o cidadão a tarefa de arcar com o ônus de salvar recursos. "O lucro é privado, mas o prejuízo é público."

³⁵ A expressão é usada segundo o sentido dado por Olivier Mongin (2009).

³⁶ Jargões muito usados no marketing de cidades.

³⁷ O mito das necessidades será discutido no terceiro capítulo.

³⁸ Normalmente a permeabilidade nas cidade é dada pela imposição da Legislação urbanística ou por algum tipo de compensação ambiental.

Entendendo essa contradição, esses jardins não serão objeto de análise nessa tese. Os entendimentos de Jardim, microcosmos do infinito, ontologias, já foram inicialmente definidos acima, agora será aqui delimitado o recorte pesquisado.

No espaço das grandes cidades, pautada pela predação dos elementos viventes que não os humanos isolados no conceito de natureza, as relações orgânicas de autorregulação do ambiente natural se enfraquecem e o ser humano assume, portanto, a função exclusiva de catalisador da existência³⁹ inclusive de jardins. Na experiência atual de um lado há humanos alinhados e encarnando as potências identificadas com o capitalismo e que condicionam suas ações aos imperativos de lucratividade diante da desordem ecológica num direcionamento inquestionável e inquestionado ao crescimento econômico. Esses são os humanos da mineração, do tamponamento dos rios sob avenidas asfaltadas, do planejamento urbano hegemônico, do desenvolvimento sustentável. São os homens dos jardins de poder e de controle compostos com espécies hiperdomesticadas com as quais o relacionamento é cenográfico.

Do outro lado estão aqueles que aprenderam a existir nas margens, nos interstícios, nas ruínas dos mundos governados pelas potências. Conseguiram manter suas memórias e sua ancestralidade e inventaram para si outras formas de vida, aprendendo a restaurar ambientes degradados, recuperar conhecimentos abandonados, experimentando agenciamentos outros, sejam eles pouco viáveis economicamente ou multiespécies (CANÇADO, 2019). São aqueles que se alinham à terra como potência verdadeira de vida e tem nos jardins uma de suas formas de r-existir. Vão além da oposição binária moderna entre natureza e cultura traçando sua aliança com a Terra e seus seres. Latour (2020) os chama de terranos e os considera aqueles capazes de constituírem nossas únicas chances de abreviar o Antropoceno e restaurar, mesmo que parcialmente, a diversidade eco-ontológica que está em vias de se extinguir.

Esses jardins que sobrevivem nas margens, são microcosmos de outros possíveis. Os jardins pesquisados serão entendidos como esses microcosmos possíveis, fragmentários e também planetários, artefatos multiespécies, produzidos intencionalmente ou não por humanos e

³⁹ A época em que a espécie humana assume o papel de força geológica e onde o capitalismo passa a ser um episódio de paleontologia Stoermer e Crutzen sugeriram dar o nome Antropoceno. O conceito marca um colapso de escalas – a história do planeta e a da espécie humana, antes nas mãos de disciplinas distintas, agora se confundem (VIVEIROS DE CASTRO, DANOWSKI, 2014).

não-humanos, lugar de reconhecimento dos tempos da natureza que existem além dos tempos da produção, de reconhecimento de cosmovisões não hegemônicas como exemplos de microcosmopolíticas contra coloniais (BISPO DOS SANTOS, 2015). Jardins, lugares femininos, onde a escolha das espécies cultivadas são também artefatos das memórias das farmácias das bruxas medievais, das plantas familiares indígenas, dos ritos afro-brasileiros e do amor que se espacializam.

Retorno então para o exemplo que me trouxe aqui, os jardins da minha avó. E os jardins de muitas avós.

O "Jardim de Vó", com aquelas roseiras esgalhadas, corações magoados espalhados e misturados a antúrios, íris, helicônias, espadas de São Jorge, pimenteiras e arruda. Jardins com aquele espaço para a hortelã, a salsa e o manjeriço. Reflete uma visão de mundo. Totalmente 'fora de ordem' formal, mas cuja construção segue uma sequência cronológica, onde cada elemento tem sua posição talvez mais relacionada ao tempo em que foi agregada à coleção ou talvez ao espaço afetivo que ocupe, onde o rigor do podão, do transplante e da supressão não tem vez. Aromas, propriedades fitoterápicas ou valores afetivos se sobrepõem às questões hierárquicas, ordenamentos ou mesmo à própria noção do todo. É errado atribuir a isso o domínio de um princípio feminino? Acho que não... Talvez por isso a Natureza seja uma mãe e nunca um pai. (Trecho da entrevista com Alceu Brito, 2020)

Os jardins para a tese são essencialmente este lugar de encontro dos diferentes. São o repositório das memórias, do mundo fora da ordem, lugar da ancestralidade, salvaguarda dos saberes da terra, condição de sobrevivência, lugar da conexão com o divino: são vários mundos possíveis.

Assim vou começar, metodologicamente, pelo que contam os humanos. Humanos diversos. Muitos não tão humanos quanto outros, separados pelo seu poder de compra. E continuar com a água que compõe a maioria dos corpos vivos e dos espaços do planeta. As aglomerações humanas, principalmente as cidades, que se alastraram pelo planeta e alavancaram o antropoceno, originadas na agricultura tem sua origem intimamente dependente do rio. Esse elemento a água que proporciona a vida e é, via de regra, muito negligenciado pelos humanos que constroem cidades. As plantas esses seres vivos realmente produtores, que transformam luz solar em energia e oxigênio, são espécies vivas primárias em qualquer relação entre as espécies. Não seria diferente nos jardins. São também dotados de significados etnobotânicos, da memória, da cultura humana, da religião e dotados de

inteligência própria e cognição muito próxima dos animais (MANCUSO, 2019). Os animais não-humanos tão próximos pela constituição de seus corpos viventes de nós, são por isso capazes de nos afetar mutuamente. E essencialmente todos também são família e amigos. Entre água, solo, sol, vento, animais e plantas há jardins. Os possíveis. Como possibilidades multiespécies.

Para começo de conversa esses espaços serão chamados e buscados como jardins na possibilidade política de sua existência. Mas eles se transformaram, algumas vezes, em amor, em mato, em grotas, em casa, em ruínas, em retomada. Se “sob o asfalto há a floresta” (CANÇADO, 2019) e “entre ruas há rios” (PRADO, 2013), na camada da cidade que respira onde os viventes se relacionam há jardins. Elementos que proporcionam uma arqueologia dos rios, do cerrado, da floresta de altitude. E que especializam r-existências tanto pela possibilidade de resistir por existir, quanto pela janela de futuro exemplar⁴⁰ como os jardins da minha avó.

1.3 HISTÓRIA BRASILEIRA VISTA PELA RELAÇÃO ENTRE OS VIVENTES

No processo da modernidade houve a subtração da agência dos não-humanos bem como apagamento das culturas não hegemônicas, todavia eles ainda sobrevivem. Os não-humanos são deslocados para o campo da natureza e passam a ser um objeto a ser dominado por um sujeito humano. Mas a agência da “natureza” não deixou de existir e se manifesta. Nessa relação dialética já estamos a muito sentindo as reações por meio das catástrofes ambientais. “Eis aí o paradoxo do humanismo moderno: sua imperiosa necessidade de afirmar uma visão de mundo antropocêntrica, onde o homem é o rei de tudo, o faz esquecer o outro significado do termo "sujeito" – o sujeito pode ser o que age ou o que se submete” (PORTO-GONÇALVES, 2006; p27). Esse processo de submissão, objetificação e separação do outro também está na base do processo colonial pelo qual as Américas e a África passaram e passam. A conquista da América foi tanto de territórios e recursos como de subjetividades, constituindo um modo de destruição do bem comum. Para Bispo, colonizar “é subjugar,

⁴⁰ A definição de exemplo se apoia na distinção construída por Viveiros de Castro entre o modelo e o exemplo. O modelo é tomado pelo autor em seu sentido normativo, impositivo de caráter tecnocrata. É uma simplificação da realidade, pois esta deve se adequar ao modelo colocado. O exemplo se apoia na experiência, na sensibilidade, “na capacidade de inventar e de fazer algo diferentemente igual ou igualmente diferente”. Ele é horizontal, oferece pistas ao invés de dar ordens, é empirista e criador (VIEIRO DE CASTRO, 2017).

humilhar, destruir ou escravizar trajetórias de um povo que tem uma matriz cultural, uma matriz original diferente da sua” (BISPO DOS SANTOS, 2018).

No Brasil o processo de colonização frente a essa natureza existente, incluindo nela os nativos e posteriormente africanos escravizados, iniciou-se com a perplexidade do colonizador português que, ao se deparar com as vastas florestas e os índios nus, associou-os à imagem medieval de paraíso. Por outro lado, sabia-se que essas florestas eram território desconhecido e lugar de seres míticos tão comuns no imaginário medieval europeu. Em 1500 já eram raras na Europa florestas como a mata Atlântica que limitou a colonização no início. O processo de ocupação territorial se deu justamente pela extração de pau Brasil e uma derrubada constante dessa mata e a “domesticação” dos “selvagens” para executar esse trabalho (SILVA, 2015).

As primeiras vilas brasileiras se confundiam com fortificações. Se inicialmente a floresta era a imagem do paraíso, para ocupá-la era preciso o uso da força. O que está fora é o inimigo a ser dominado: “do interior das terras há o temor da mata e seus habitantes. O fogo é a arma do desprotegido, a mata, o inimigo” (SILVA, 2015, p.5). A penetração no território foi lenta, pois a técnica avançada portuguesa não era útil a esse território. Para permanecer na terra, portugueses se aliaram aos nativos para se estabelecer no local. Nessa associação, mesmo que haja o colonizador e os colonizados, a cultura dos povos originários e dos negros também foi incorporada.

A história da formação territorial brasileira não prescinde dessa visão construída não só pelo fogo, pela pedra e pela cal, mas também por componentes advindos da imaginação, mitos medievais e seres fantásticos que integram o discurso do colonizador e o culto da natureza, compartilhado pelos africanos e pelos nativos, embora dentro de concepções totalmente diversas. (SILVA, 2015, p. 6)

No Brasil, construir a cidade foi contrapor-se à cena natural, mitológica e endêmica. A colonização do Brasil coincide com a inflexão do pensamento ocidental onde a racionalização e o afastamento da mitologia pagã, mágica e includente, se desenvolveram para dar lugar ao Humanismo.

Nas primeiras cidades coloniais é característico o surgimento de praças e largos sem vegetação e os lotes alongados que fazem surgir na parte posterior desses lotes manchas verdes. Características incomuns em Portugal, mas propiciadas pelo espaço disponível no Brasil. Mas os verdes interiores de quarteirão são o único acesso da mata à cidade. Segundo

Silva (2015) há uma experiência de ser brasileiro sendo construída nas cidades da colonização que passa pela destruição da mata para fazer valer a civilização. Entretanto “na terra limpa onde surgem vilas e cidades coloniais brasileiras, dormem, em uma espécie de letargia, os mitos da floresta desaparecida” (SILVA, 2015, p. 13). E por outro lado, nos jardins coloniais, retornam traços dessa cultura pagã europeia, indígena e negra misturada aos ideários do colonizador cristão num microcosmo onde havia lugar para os mitos mesmo que a religião cristã os condenasse. Assim os traços da cultura indígena e africana, mesmo que dominados e apagados pela colonização, permanecem ainda hoje como sobreviventes nas cidades brasileiras.

A floresta que cobria parte considerável do território brasileiro antes dos europeus, ao longo dos séculos, cede lugar para espaços vazios depois da derrubada do pau-brasil, para plantações e culturas de subsistência diversas e em escala para dar apoio aos assentamentos e posteriormente à mineração como foi o caso de Curral Del Rei. Cede portanto espaço para o estabelecimento de complexos agrícolas, terras de pastoreio, para a mineração, cidades e povoações. Posteriormente se instalam os ciclos das monoculturas agropecuárias que sobrevivem até hoje avançando sobre os biomas naturais (FAUSTO, 1996).

Segundo Ailton Krenak (2019a), para os índios a colonização do Brasil foi uma invasão. A invenção do Brasil nasce da invasão. No território havia indígenas com história de até 2000 anos. Os guaranis existiam como povos e reivindicavam diante dos andinos sua territorialidade há quase 4000 anos. A população indígena era heterogênea: com populações antigas e recentes.

“A formação que a mata Atlântica apresentou quando os europeus chegaram aqui, que deixaram viajantes e naturalistas encantados, era o resultado de alguns milhares de anos de interação com seres humanos que fizeram esse jardim” (KRENAK, 2019). Dean salienta que a mata Atlântica e demais florestas tropicais originais do Brasil eram já, naquela época uma paisagem humanizada. Isso se deu pela interferência dos índios no ecossistema natural, “e de uma floresta secundária ou sucessória, em função da lavoura itinerante e da derrubada e queimada promovidas pelos primeiros habitantes da terra, as quais eram, todavia, suficientemente limitadas, de modo a possibilitar a recuperação da floresta e o rebrotar das árvores” (DEAN, 1996, p.43). Os indígenas, mesmo transformando seu ambiente, não alteraram os princípios de funcionamento e nem colocaram em risco as condições de

reprodução das florestas. Esse processo, mais que de domesticação, é de familiarização definido pelas relações de negociação, proximidade e complementaridade que se estabelecem (FAUSTO; NEVES, 2018).

Para Kopenawa, “na floresta a ecologia somos nós, os humanos. Mas são também, tanto quanto nós os *xapiri*, os animais, as árvores, os rios, os peixes, o céu, a chuva o vento e o sol!” (KOPENAWA, 2015, p.480). As concepções ontológicas indígenas, mesmo que variem com os povos, vão além da oposição entre humanos e não-humanos, entre natureza e cultura, dualidades tão presentes no projeto moderno colonial. Há uma interação complexa e significa algo diferente do que para a cultura ocidental onde a condição genérica é animal. “A proposição presente nos mitos indígenas é: os animais eram humanos e deixaram sê-lo, a humanidade é o fundo comum da humanidade e da animalidade” (VIVEIROS DE CASTRO, 2007, p.33). Assim o humano não é o especial escolhido por Deus e criado como imagem e semelhança dos cristãos, mas sim condição de origem.

As religiões afro-brasileiras, originadas na cultura de diversos povos africanos que foram escravizados e trazidos para o Brasil, principalmente a partir do sec. XVI são reconhecidas como religiões politeístas de matriz da natureza, pois para elas a natureza possui uma importância central. Segundo Santos e Gonçalves (2011), as questões que marcam a relação com a natureza nas religiões afro-brasileira são: “os significados atribuídos à natureza e a utilização dos elementos e espaços naturais na ritualística, especialmente nas oferendas e sacrifícios.” Segundo Prandi (2009) para os tradicionais iorubas e o os seguidores de sua religião no Brasil, os orixás são deuses que receberam de Olorum ou de Olodumaré, o ser supremo, a tarefa de criar e governar o mundo onde cada um desses orixás seria responsável por alguns aspectos da natureza, da vida em sociedade e da condição humana.

A relação dos africanos com a Terra e os não-humanos, numa abordagem mais geral, os associa e aos orixás aos quatro elementos: água, terra, fogo e ar. De acordo com este pensamento, os quatro elementos estão presentes em tudo, incluindo o ser humano que compartilha com os orixás e com os não-humanos uma essência em comum. Nesta perspectiva, “a conexão humano natureza orixá passa pelo pertencimento em comum a um dos quatro elementos” (GONÇALVES; SANTOS, 2011).

“Existe um milenar provérbio Yorubá que diz “Omi Kozi, Ewê Kozi, Orixá Kozi”, que significa: “Sem água e sem folha, não existe Orixá. [...] Orixá é natureza.” (GONÇALVES; SANTOS,

2011) Falar pois sobre natureza na religião é falar sobre folhas e ervas e suas utilizações. Folha é usada num sentido amplo que pode significar mata, planta, lugar com vegetação. Sua importância como veículo de axé e sua onipresença nos cultos e na forma de ocupar os espaços justifica sua relevância. Mas esses elementos não tem poderes isoladamente necessitando da ação humana e divina (VERGER, 1995). A mata representa o mundo não-humano, domínio de outros poderes com os quais o humano deve se relacionar com respeito. É também o lugar de conhecimento. “De qualquer forma, a mata é apresentada como um espaço ambivalente: lugar do perigo – “é o desconhecido” – e, também, lugar “do saber”. [...] É, portanto, em torno do binômio “proximidade x afastamento” que parece pensar a relação homem/natureza” (GONÇALVES; SANTOS, 2011, p. 12).

Os sacrifícios animais estão presentes na ideia de circulação de energia como a obrigação de retribuir à terra aquilo que ela oferta. É uma forma de estar no ciclo da vida e da morte. Existe também a ideia de que a devolução da energia recebida é algo propiciado pela destruição de um determinado elemento, condição necessária para a sua utilização de um novo modo.

A atitude de respeitar e não destruir as plantas e animais guia-se, sobretudo, pela preocupação com a utilidade que esta tem para os seres humanos. Em resumo, o ato tem como fim o próprio ser humano. “Neste sentido, aproxima-se de algumas concepções presentes dentro do próprio movimento ecológico que, em última instância, está preocupado com o homem e sua sobrevivência” (GONÇALVES; SANTOS, 2011, p. 15).

Essas formas, do branco colonizador e sua cultura monoteísta, humanista e judaica cristã, bem como do branco e principalmente da branca pagã, dos diversos povos indígenas e dos negros escravizados, de conceber e se relacionar com o território e os não-humanos estão na origem da formação das cidades brasileiras. É evidente que o imaginário trazido pela cultura europeia moderna se impôs como símbolo de superioridade e tornou-se hegemônico. Entretanto outras formas, que não a predominante, sobrevivem no território e marcam uma condição resistente pela existência.

Na história da formação do território brasileiro, segundo Milton Santos (1993) predomina a história de um povo agrícola até o início do século XVIII. Tal fato faz com que a memória do relacionamento com os elementos não-humanos seja relativamente recente. Embora como nos alerta Bispo (2015), o trabalho na terra para aqueles da religião monoteísta é castigo por

seus pecados. É a partir do século XX que a cidade realmente se desenvolve e somente no século XIX que a urbanização⁴¹ adquiriu as características que conhecemos hoje.

As cidades surgem baseadas na expansão da agricultura comercial e da mineração e são impulsionadas pela mecanização da produção. Nas primeiras décadas do século XX a urbanização ganha impulso, mas ainda era baseada por funções administrativas e na agricultura. Nas décadas de 40 e 50 do século XX “os nexos econômicos ganham enorme relevo e se impõem às dinâmicas urbanas na totalidade do território” (SANTOS, 1993, p.24) sustentado pelo aumento dos meios técnicos para integração do território e para a industrialização. Entre 1940 e 1980 a população brasileira triplica e a população urbana cresce sete vezes e meia. A paisagem⁴² urbana se reconfigura pela verticalização e pelo surgimento de favelas em áreas ambientalmente frágeis. A falta de alternativa habitacional para as populações mais vulneráveis é uma das questões que pressionam as áreas de interesse ambiental na cidade. Quando não há outras possibilidades habitacionais essas populações se deslocam para áreas de risco ou áreas verdes preservadas, criando um conflito que antagoniza os não-humanos e aqueles nem tão humanos que são esquecidos nas políticas públicas. O real opositor que é a urbanização predatória, colonialista que privilegia o capital imobiliário não é colocado em questão e abre-se o precedente para o “racismo ambiental” como coloca Costa (2008) que condena como antiecológicas as ocupações em áreas ambientais colocando em lados opostos possíveis aliados naturais esquecidos nas propostas modernizadoras das cidades⁴³.

Na segunda metade do século XX a indústria automobilística reconfigura os espaços das cidades brasileiras com a priorização dos transportes particulares. As redes ferroviárias nacionais de cargas e passageiros, antes abundantes, são abandonadas. As vias rodoviárias necessitam de obras maiores e mais impactantes que as ferrovias. A cidade dominada pelos

⁴¹ A urbanização a qual o autor se refere é a urbanização moderna advinda da industrialização e que com ela se confunde.

⁴² A geografia conceitua paisagem como o espaço abarcado pela observação do pesquisador, um processo seletivo de apreensão, que depende do alcance da visão e de elementos da percepção: como sentimos, como ouvimos, de onde estamos (SOUZA, 2013). Santos (1993) fala da paisagem enquanto forma, aparência e essência e sua percepção está sujeita à experiência espacial particular do observador. Souza (2013), por sua vez, reconhece a paisagem como integradora das relações sociedade-natureza e como uma condicionadora da nossa sociabilidade. Para o autor, a paisagem é uma forma, uma aparência — lugar de relações econômicas, sociais, naturais e culturais.

⁴³ Essa discussão vem sendo desenvolvida pelo projeto de extensão Natureza Política, do qual faço parte, no projeto do Parque das Ocupações, localizado no Barreiro, na cidade de Belo Horizonte onde as pautas da preservação ambiental e da moradia são colocadas como aliadas, não sem conflitos, por uma cidade mais justa.

interesses do capital imobiliário sofre com uma urbanização higienista que não considera os processos biofísicos no saneamento e na regulação do solo priorizando vias de transporte automotor e modificação dos ciclos hidrológicos dos rios. Na tentativa de exercer um controle desses elementos da bacia hidrográfica surgem a retificação, a canalização, o tamponamento dos cursos d'água e a construção de vias nos leitos de inundação (HERZOG, 2013). Tal ação, combinada ao uso principal do asfalto como pavimentação causam impactos e problemas como as inundações frequentes, deslizamentos de terra, destruição de moradias. Para resolver tais impactos novamente se faz uso de técnicas ainda mais afastadas dos ciclos naturais com a utilização de grandes obras de macrodrenagem. Os ciclos hidrológicos são objetos constantes de subjugação pela urbanização brasileira, que exigem cada vez mais força e poder para serem controlados. A opção por grandes bacias de detenção e retenção em detrimento da microdrenagem em Belo Horizonte é um exemplo claro desse problema.

Na agricultura esse período representou a mecanização da produção com um controle rígido dos ciclos naturais através de fertilizantes químicos, agrotóxicos, irrigação culminando na expansão da monocultura de exportação. Essa monocultura, principalmente a de soja, avança hoje sobre o cerrado, a savana brasileira grande responsável pelos aquíferos principalmente das regiões sudeste e sul. Além disso, a abertura de estradas iniciadas na década de 60 e 70 do século XX nos biomas do cerrado e da floresta Amazônica vem induzindo a ocupação e consequente destruição para diversos fins como exploração de madeiras, carvão, pecuária extensiva e produção de soja. Esse sistema favoreceu grandes empreiteiras, agronegócio, indústrias agroquímicas, automotivas entre outros negócios focados em grandes empresas potencializando a concentração de renda e a evasão de riquezas (HERZOG, 2013).

Nas décadas de 90 do século XX e a primeira década desse século as cidades passam a sofrer mais intensamente com todo tipo de problema advindo dessa forma de urbanização e do modelo de desenvolvimento econômico: ocupação de áreas vulneráveis, eliminação da biodiversidade e de biomas, impermeabilização extensiva do solo, alteração na paisagem e nos fluxos naturais, poluição, disparidades sociais, perda da cultura e identidades locais, ruptura no fornecimento de energia e água. A autora chama atenção para o novo ciclo exploratório que se instalou no Brasil a partir da descoberta do pré-sal com consequências

ainda por vir, algumas já imagináveis como a reafirmação dos modelos de transporte baseados no automóvel e no combustível fóssil (HERZOG, 2013).

Com os processos de desenvolvimento econômico e urbanização do Brasil em curso e seus impactos no meio ambiente bem como as preocupações mundiais com os impactos das ações humanas sobre o clima, sobre as águas e sobre o planeta surgem no país também as preocupações com uma política ambiental numa escala ampliada. A partir da década de 1930 e principalmente de 1980 são constituídos aparatos legais como instrumentos de mitigação e moderação das ações humanas sobre os não-humanos. Tais ações, na escala nacional estão contempladas principalmente pela política ambiental e pela legislação ambiental.

Nas décadas de 1930 a 1960 não havia propriamente uma política ambiental no Brasil e sim políticas setoriais que tangenciavam a questão ambiental.⁴⁴ A principal preocupação no período era a administração dos recursos naturais de caráter econômico. No Brasil, em 1965 é aprovado no Congresso Nacional o novo código florestal. Considerado um avanço na proteção das florestas na conservação dos habitat naturais e um marco legal relevante do pensamento ecológico brasileiro. Não havia um órgão específico responsável pelo Meio Ambiente a gestão era vinculada ao Ministério da Agricultura (MOURA, 2016; GANEN, 2013). Mas é a partir dos anos 80 que os progressos na legislação ambiental e sua repercussão na sociedade são mais efetivos.⁴⁵ As políticas e legislações dessa década abrem espaço para a integração da legislação ambiental ao planejamento territorial e é considerado inovador para a época, não somente por tratar de um tema ainda pouco discutido, mas por seu caráter descentralizador (GANEN, 2013). Em 1985 foi criado o Ministério de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente ganhando independência de outros ministérios. Com a incorporação das questões ambientais e sua popularização, a Constituição Brasileira de 1988 deu destaque à proteção dos principais ecossistemas brasileiros.⁴⁶ Além disso, delegou aos estados e municípios poderes para legislar sobre seus recursos e ordenar seus espaços.

⁴⁴ As principais legislações eram o Código de Águas, Decreto número 24.643/1934; o Código Florestal, Decreto número 23.793/1934 e a Lei de Proteção a Fauna, Lei número 5.197/1967.

⁴⁵ A principal ação é a aprovação da Lei 6.938/81 que cria a Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA), que organiza o sistema para a conservação ambiental e cria o SISNAMA (Sistema Nacional de Meio Ambiente) – órgão gerenciador, o CONAMA (Conselho Nacional de Meio Ambiente) – conselho deliberativo, e o IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente) – órgão executor e fiscalizador.

⁴⁶ Constituição Federal de 1988, Capítulo do Meio Ambiente, Art. 225.

Em 1991 foi criado o Programa Nacional de Meio Ambiente (PNMA) que representou o primeiro grande investimento, com empréstimo do Banco Mundial, realizado pelo governo federal na área ambiental. E em 1992 foi criado o Ministério do Meio Ambiente. O estabelecimento de penalidades aos crimes ambientais, entretanto, ganhou lei específica apenas em 1998, com a Lei 9.605, conhecida como Lei de Crimes Ambientais. Outro marco legal importante, que chegou em julho de 2000, foi a regulamentação das unidades de conservação, que ocorreu com a instituição do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), com a Lei Federal 9.985. No quadro institucional, foi criada em 2000 a Agência Nacional de Águas (ANA), em 2007 o Instituto Chico Mendes para Conservação da Biodiversidade (ICMBio).

O Brasil adotou até então um modelo de compartilhamento da responsabilidade entre a sociedade e o Estado sobre a questão ambiental. Mas apesar de a legislação ambiental brasileira ser considerada uma das melhores do mundo, a grande deficiência está no sistema de fiscalização das leis no País (MOURA, 2016). O país também é conhecido por uma série de leis “que não pegam” o que demonstra um afastamento do arcabouço legal e do cotidiano dos humanos.

Atualmente é ao neoliberalismo que estamos submetidos. Esse processo atual exacerba a dualidade moderna entre humanos e não-humanos relegados à natureza e agora explorados em escala planetária. A nova fase de acumulação pós-fordista a qual o Brasil, país periférico, está submetido cria abertamente espaços com territorialização⁴⁷ de relações frágeis tornando mais evidente as consequências dessa dualidade e promovendo a lógica da financierização no espaço da cidade. Elementos humanos e não-humanos são assim cada vez mais atores de uma acumulação que propicia a apropriação privada dos bens públicos, a agressão ambiental e a criação de espaços facilmente transformados em ativos imobiliários.⁴⁸

O pensamento ambiental atual, sob o governo Bolsonaro aponta, pelo menos aparentemente, para uma mudança na política pública sobre o ambiente podendo chegar a

47 Se território é um espaço político, pois que territorialização é o processo que visa organizar as relações de poder em um espaço, de tal maneira que se estabeleça um território, a desterritorialização seria, dessa forma, o processo contrário de territorialização. Se este visa à estruturação de um território, aquele por sua vez, tem o objetivo de desestruturá-lo. Por isso, esse processo é geralmente forçado e realoca populações (antrópicas, animais ou vegetais) de um território, a ponto de prejudicar ou extinguir as relações de poder antes existentes.

48 A flexibilização de normas, a orientação de ações do governo por oportunidades de negócios, a competitividade entre entes federativos são algumas das características do neo-liberalismo que tem maior oportunidade de se impor no momento atual.

sua desestruturação se os discursos forem levados a cabo, bem como para a desconstrução completa dos aparatos legais até então formalizados. Serão apontadas três frentes de atuação do atual governo relevantes para a tese: o enfraquecimento da fiscalização sob a forma de contingenciamento de recursos, a emissão de portarias que fragilizam a legislação principalmente no que tange o primeiro ponto da fiscalização e a atuação no campo simbólico, principalmente sob forma de falas e discursos do presidente e seu corpo técnico, ampliando o entendimento da existência de outros mundos, dos não-humanos, dos biomas como empecilhos para o “crescimento do país” .

O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) sofreu corte orçamentário de 24%⁴⁹. Além disso, em fevereiro, o governo exonerou 21 dos 27 superintendentes regionais. Houve uma diminuição de 25%⁵⁰ do número de multas aplicadas por desmatamento ilegal em 2019. A criação de um núcleo de conciliação com poder para mudar e, até mesmo, anular multas realizadas pelo órgão florestal, enfraquece também a atuação do IBAMA.

O Decreto 9.760, de 2019⁵¹, estabelece que os órgãos vinculados ao Ministério do Meio Ambiente, como o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) são obrigados a estimular a conciliação nos casos de infrações administrativas por danos ambientais e seguir um rito estabelecido para encerrar os processos.⁵²

Entretanto está em tramitação o PDL 202/2019 que susta, “nos termos do inciso V do art. 49 da Constituição Federal, os efeitos do Decreto nº 9.760, de 11 de abril de 2019, que altera o Decreto nº 6.514, de 22 de julho de 2008,”⁵³ que dispõe sobre as infrações e sanções administrativas ao meio ambiente e estabelece o processo administrativo federal para apuração destas infrações.

⁴⁹ <http://portaltransparencia.gov.br/orgaos/20701?ano=2019>

⁵⁰ Dados do relatório “The worst is yet to come” do Observatório do Clima. Disponível em: <http://www.observatoriodoclima.eco.br/o-pior-ainda-esta-por-vir/>.

⁵¹ Fonte: Casa Civil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D9760.htm. Acesso: agosto, 2020.

⁵² Fonte: Agência Senado. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/04/30/projeto-susta-decreto-de-bolsonaro-que-flexibiliza-multas-ambientais>. Acesso: agosto, 2020.

⁵³ Fonte: Agência Senado. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/materia/136417>. Acesso: agosto, 2020.

Já o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) presenciou um episódio de censura do governo aos dados de desmatamento sugerindo que esses dados foram forjados. Seu diretor Ricardo Galvão, ambientalista reconhecido mundialmente, foi exonerado.

Do ponto de vista da legislação⁵⁴ houve pouca mudança regulatória.⁵⁵ O governo emitiu apenas dez decretos e quatro propostas legislativas foram enviadas ao Congresso Nacional no tema ambiental. A lei do Saneamento Básico (3261/19) e a MP da Liberdade Econômica (13.874/19) passaram. Entretanto a lei de Liberdade Econômica teve o capítulo relativo ao ambiente vetado. A legislação que propunha a transferência da FUNAI para o Ministério da Agricultura também foi derrotada. E a mais recente, MP da Regularização Fundiária, vai ser apreciada no próximo ano.

É no campo simbólico que o governo atuou com mais ênfase e que de fato representa uma mudança de olhar para outras formas de viver que não a moderna e para os não-humanos. Os discursos tanto do Presidente quanto de seu vice e do Ministro do Meio Ambiente incentivam à degradação ambiental, descredibilizam órgãos de pesquisa e desqualificam povos que não vivem sob a o ponto de vista moderno desenvolvimentista. Os não-humanos são vistos exclusivamente como recurso a ser explorado.

Para esse governo parece real a crença de que a proteção ambiental é uma barreira para os negócios. O seu entendimento da natureza é moderno. A visão de mundo é a de que o homem deve poder fazer uso ilimitado e sem restrições de tudo. Espaços sensíveis e protegidos ou outras formas de viver não cabem no pensamento ambiental defendido. Num discurso no congresso da Fenabreve em São Paulo, no começo de agosto de 2019, o presidente Jair Bolsonaro afirmou que, “com tecnologia, em 20 anos, Roraima teria uma economia próxima do Japão. Lá tem tudo. Mas 60% está inviabilizado por reservas indígenas e outras questões ambientais.”⁵⁶ Ainda nesse discurso ele ironiza os dados do INPE e

⁵⁴ Importante destacar que o desmonte da política ambiental sob ataque de interesses econômicos já vem de longa data. Na esfera nacional o Código Florestal de 2012, a Lei de Regularização Fundiária de 2017 representam retrocessos, bem como em nível estadual, a flexibilização do licenciamento ambiental em 2019, para a qual, há diversos projetos de lei em nível federal, do Senado e da Câmara, da bancada ruralista e outros interesses econômicos que pressionam por uma Nova Lei Geral do Licenciamento Ambiental, desde 2016.

⁵⁵ Painel da Legislação Ambiental. Disponível em:

<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoieZGEyMzBkMWYtNzNiMS00ZmlyLTg5YzgtZDk5ZWE5ODU4ZDg2IiwidCI6IjJiMjY2ZmE5LTNmOTMtNGJiMS05ODMwLTZyNDY3NTJmMDNINCIsImMiOiJF9.> Acesso: agosto, 2020.

⁵⁶ Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante Cerimônia de Abertura do 29º Congresso e ExpoFenabreve - São Paulo/SP. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o->

desqualifica a pesquisa ambiental ao descontextualizar o dado para torna-lo absurdo. “Um número absurdo como aquele de que eu desmatei 88% da Amazônia. Eu sou o 'capitão motosserra.”⁵⁷ Esse discurso demonstra a vontade e a postura antropocênica do presidente.

Ao iniciar o governo foi aventada a dissolução do Ministério do Meio Ambiente e a incorporação da pasta ao Ministério da Agricultura, o que não foi implementado diante das críticas tanto da sociedade quanto da grande mídia. No discurso de posse do presidente essa intenção já aparece: “Nesse processo de recuperação do crescimento, o setor agropecuário seguirá desempenhando um papel decisivo, em perfeita harmonia com a preservação do meio ambiente.”⁵⁸

O governo tentou também desconstruir o entendimento sobre as mudanças climáticas e propôs inclusive a negação do fato. Existe a ameaça de sair de acordos internacionais e o corte na Política Nacional sobre Mudança do Clima. O governo também desistiu de sediar a Conferência do Clima das Nações Unidas, a COP-25 alegando dificuldades orçamentárias.

Como forma de ataque à questão ambiental o presidente também ataca àqueles que não vivem ou produzem sob a lógica desenvolvimentista estabelecida como norma em seus imaginários. As populações indígenas, quilombolas e também as comunidades tradicionais são constantemente apontadas como atrasadas. Elas também são consideradas uma barreira que deve ser superada para a expansão econômica. Hoje cerca de 14% do território brasileiro é de terras indígenas, “mas é preciso entender que nossos nativos são seres humanos, exatamente como qualquer um de nós. Eles querem e merecem usufruir dos mesmos direitos de que todos nós. Quero deixar claro: o Brasil não vai aumentar para 20% sua área já demarcada como terra indígena, como alguns chefes de Estado gostariam que acontecesse.”⁵⁹ Essa fala é clara no que diz respeito à deslegitimação dos outros mundos.

planalto/discursos/2019/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-cerimonia-de-abertura-do-29o-congresso-e-expofenabreve-sao-paulo-sp. Acesso: agosto, 2020.

⁵⁷ Idem.

⁵⁸ Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante Cerimônia de Posse no Congresso Nacional. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2019/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-cerimonia-de-posse-no-congresso-nacional> Acesso: agosto, 2020.

⁵⁹ Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante Abertura do Debate Geral da 74ª Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU)- Nova Iorque/EUA. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2019/discurso-do-presidente-da->

O discurso do presidente na Abertura do Debate Geral da 74ª Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas também ressalta a possibilidade de garimpo em terras indígenas ao mesmo tempo em que defende a soberania nacional sobre esses locais. “O índio não quer ser latifundiário pobre em cima de terras ricas. Especialmente das terras mais ricas do mundo. É o caso das reservas Ianomâmi e Raposa Serra do Sol. Nessas reservas, existe grande abundância de ouro, diamante, urânio, nióbio e terras raras, entre outros.”⁶⁰ Nesse sentido há um não reconhecimento desses povos e de sua ontologia intuindo que eles devem e querem ser incorporados a lógica capitalista e não querem ter sua cultura, formas de vida e territórios respeitados. O ministro do Meio Ambiente, Ricardo Sales encontrou-se com garimpeiros e madeireiros ilegais, sinalizando uma anuência a suas atividades.

Essa política pode ser entendida a partir do capitalismo predatório, seu expansionismo intrínseco e sua visão de ganhos de curto prazo. Mas também pode ser entendida como uma forma de colocar a proteção ambiental como uma pauta partidária da esquerda e, portanto, inimiga justificando seu desmantelamento. Embora por definição a política ecológica deva ser criada e gerida independentemente do eixo esquerda-direita, o discurso do atual governo tenta desqualificá-la como sendo nociva ao desenvolvimento e unicamente de esquerda. Fato que acontece também com a política de direitos humanos. Essa lógica desqualifica o pensamento ambiental e amplia o desconhecimento de sua importância para a sobrevivência do planeta.

O discurso, as palavras e postagens em redes sociais foram outras estratégias usadas pelo governo no campo ambiental. Se não há como provar a intencionalidade desses dispositivos, mesmo assim incitou-se a invasão de terras públicas e as queimadas subsequentes. O presidente interrompeu uma operação de fiscalização do IBAMA e propôs transformar a Estação Ecológica de Tamoios, na região de Angra dos Reis, na "Cancún brasileira". Além disso, durante as crises das queimadas na Amazônia, do pantanal e do derramamento de petróleo responsabilizou organizações da sociedade civil por problemas como o vazamento de petróleo e as queimadas, além de proferir bravatas contra personalidades mundiais como Leonardo de Caprio. Os pronunciamentos inflamados do presidente e seus subordinados não só criaram um imaginário persecutório como desqualificaram a ação técnica e

epublica-jair-bolsonaro-durante-abertura-do-debate-geral-da-74a-sessao-da-assembleia-geral-das-nacoes-unidas-agnu-nova-iorque-eua Acesso: agosto, 2020.

⁶⁰ Idem.

comprometida nos casos citados. Em Davos o ministro da economia Paulo Guedes defendeu que a pobreza é responsável pela degradação ambiental. “O pior inimigo do meio ambiente é a pobreza. As pessoas destroem o meio ambiente porque precisam comer (...)”. Além disso, ressaltou que “somos animais que escapamos da natureza”⁶¹ colaborando para o entendimento moderno e excludente do conceito de natureza que será problematizado no terceiro capítulo.

Os ciclos de crescimento econômico brasileiro, com consequências imediatas nos centros urbanos, foram baseados na exploração intensiva dos “elementos naturais transformados em recursos. Quando entram em decadência, são abandonados, deixando o território arrasado - como vem acontecendo desde a colonização com o pau-brasil, cana, ouro, café” (HERZOG, 2013, p. 71). Tal ação potencializada pela crença num crescimento econômico ininterrupto e pela desconsideração dos não-humanos como sujeitos aumenta a fragmentação e a dualidade moderna e na crença da natureza como categoria externa. Assim o planejamento das cidades reproduz esse entendimento dual e avança com sua ação modernizante sobre os outros: humanos não tão humanos e os não-humanos. E avança também sobre outras formas de pensar e construir espaço. As legislações e políticas ambientais de alguma forma mediarão esse avanço se alinhando aos não-humanos e aos humanos outros, mas não exatamente no sentido de imaginar uma outra forma de desenvolvimento que não fosse a do crescimento econômico às custas da natureza e das outras formas de viver.

Questionar as formas de desenvolvimento, de urbanização, de legislação, é fundamental para construir espaços outros de emergência epistêmica, horizontais e pluriversais principalmente em tempos de exacerbação neoliberal, racismo ambiental e xenofobia. E para tal é preciso “achar os aliados”, se atentar às confluências como nos conclama Bispo (2015) reconhecendo os grupos heterogêneos e plurais que habitam a cidade: sua prática política encarnada, seus enunciados coletivos e multiespecíficos. O meu caminho será com os jardins, onde convergem humanos e não-humanos no mesmo território, e o seu potencial disruptivo e criador da prática social concreta de seus eventuais interlocutores no sentido de vislumbrar seu potencial cosmopolítico.

⁶¹Discurso de Paulo Guedes em Davos 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2019/01/brasil-leva-agenda-de-reformas-e-abertura-comercial-para-davos>

1.4 CAMINHO

O córrego é assim: caminho. Sai daqui da grota, depois ele some por debaixo da Coarí e desce até lá no Arrudas. De vez em quando inunda e dá uma dificuldade para o povo que perde as coisas, mas água carrega a vida com ela. Olha as bananeiras! O que vale na vida é caminhar com a água. (Trecho da entrevista de campo com Mônica)

A partir do rio o caminho metodológico até os jardins será percorrido entendendo que outros mundos, onde é insignificante a dicotomia humanos e extra-humanos, r-existem e são construídos historicamente na memória, nas frestas do planejamento hegemônico, diante da colonialidade moderna. Numa busca por esses outros mundos, esses não-ditos, outros possíveis, caminho com e a partir da água como aconselha Mônica⁶².

A proposta consiste no desenvolvimento do trabalho em etapas com utilização de metodologias próprias de acordo com o objetivo de cada uma delas. Foi empreendida uma aproximação progressiva da questão através de um estudo de caso cujos objetos serão os jardins descritos anteriormente.

Inicialmente foram desenvolvidas pesquisas exploratórias do território que contaram com: conversas informais, fotos, entrevistas exploratórias, mapas e a definição de delimitações territoriais para o estudo. Esse recorte territorial foi pré-definido a partir do entendimento do pesquisador da vertente e do fundo de vale, das unidades morfológicas da bacia hidrográfica escolhida e principalmente da importância da meia encosta como definidora de relações espaciais e cujos limites foram atualizados no campo devido às entrevistas exploratórias.

Num segundo momento foram desenvolvidos os questionários das entrevistas, definidos alguns procedimentos de aproximação como o primeiro “Café com Plantas” e a marcação do território com uma sinalização gráfica materializada em campo desenvolvida junto aos alunos da disciplina “Comunicação Visual o Edifício e a Cidade” da Escola de Arquitetura, Urbanismo e Design da UFMG, também como forma de aproximação das pessoas.

⁶² Fala da Mônica moradora do entorno da Grotta, no Bairro São Geraldo em Belo Horizonte retirada de uma das entrevistas de campo.

No terceiro momento foram aplicadas as entrevistas de caráter etnográfico⁶³ (KAPP, 2020) junto aos moradores, apoiadas tanto na observação participante bem como num levantamento fotográfico minucioso de cada um dos espaços estudados. Como forma exploratória do território, as entrevistas foram utilizadas como caminho para obtenção de dados. Mesmo que o entrevistador não seja neutro nesse processo e não haja como negar seu envolvimento pessoal, elas foram um recurso relevante para se aproximar dos mundos dos jardins. As “entrevistas são oportunidades de uma interação com pessoas e mundos que não existiria por outros meios” (KAPP, 2020).

Foi feito o segundo Café com Plantas. Nesse segundo café, o objetivo foi aprofundar os dados das entrevistas a partir da coleta de narrativas pessoais independentes do questionário, além de criar grupos e descobrir afinidades. Depois da análise de algumas das entrevistas e do segundo encontro foi proposta uma fase de entrevistas narrativas com pessoas identificadas como relevantes para a pesquisa. Foram realizados, até agora, dois encontros com jardineiros⁶⁴ no São Geraldo para aprofundar o trabalho. Esses encontros aconteceram em frente à área pública da Rua Souza Aguiar e se chamaram Café com Plantas.

A última etapa, contou com a reconstrução de chaves de análise, a descrição dos jardins, a análise dos dados, e a apresentação dos resultados com objetivo de entender os jardins e qual a contribuição deles para discutir os mundos possíveis invisibilizados pelo poder do planejamento hegemônico, a bacia hidrográfica, sustentabilidade, planejamento urbano e desenvolvimento sustentável. As fotos e mapas serão apresentados em agrupamentos de cadernos de imagens intercaladas ao texto de forma em que esses cadernos criem suas próprias narrativas e ampliem os entendimentos ao invés de apenas apoiar o texto. Algumas fotos ainda permanecerão no corpo do texto como ilustração, principalmente na introdução e em algumas partes da metodologia.

⁶³ As entrevistas de caráter etnográfico, como entendidas pela autora, “são aquelas inseridas num trabalho de campo em que observação participante e entrevistas se apoiam mutuamente”. Indicam “que o objeto, campo ou recorte da pesquisa é um contexto sócio-espacial concreto, ao qual os entrevistados pertencem e do qual o pesquisador já tem algum conhecimento” (KAPP, 2020)

⁶⁴ Serão denominados jardineiros para a pesquisa aquelas pessoas que cultivam jardins delimitados anteriormente em suas casas, em espaços comuns, em espaços públicos, em seu local de trabalho e que se envolvem diretamente no processo.

Quanto à dimensão do espaço estudado irei fazer um estudo de caso comparativo de múltiplos casos exemplares de jardins encontrados próximo ao Ribeirão Arrudas⁶⁵ e seus afluentes da bacia hidrográfica no Bairro São Geraldo à jusante em relação ao percurso do ribeirão na cidade de Belo Horizonte. Essas áreas foram escolhidas, pois inicialmente existiam elementos naturais importantes para o ecossistema da cidade. Essa relevância é comprovada tanto historicamente, quanto nas falas dos entrevistados que serão apresentadas ao longo do trabalho.

Eu fazia estudo ginásial por correspondência, aí eu vim fazer uma prova em Belo Horizonte para tirar o diploma de curso ginásial meu. Quando eu cheguei a Belo Horizonte, [minha tia] falou comigo assim ó: se você perder aqui não tem problema não. É só você ir para a beira do rio. Você anda a beira do rio que você acha à rodoviária, você acha tudo o que você quer. Então eu fiquei assim: então me mostra o rio. Onde é que é o rio? Aí eles me mostraram onde era o rio e que depois era a Avenida dos Andradas. Ela era toda de árvore em volta. Toda. Apesar de que já tinha esgoto. Mas era toda cercada de árvore. Tudo de árvore de sangra d'água, que eu não sei se você conhece o nome. Mas realmente era sangra d'água e ingá. Então eu não perdi mais em Belo Horizonte porque toda referência minha era o ribeirão Arrudas. Eles falavam rio Arrudas, mas hoje eu sei que é ribeirão Arrudas. (Trecho da entrevista de campo com Sr. Elias)⁶⁶.

Era também conhecida por mim a existência das pessoas que cultivavam jardins nas áreas remanescentes no Bairro São Geraldo. O ribeirão Arrudas é o curso d'água mais importante de Belo Horizonte, a partir do qual a ocupação da cidade se estruturou⁶⁷. Metodologicamente, a área de estudo está localizada ao longo do rio, nos fundos de vale e nas vertentes mais próximas, em pontos com ocupação urbana típica de bairros residenciais de Belo Horizonte. O Caderno de imagens 1: Localização da área de estudo apresenta essa situação (FIGURAS 3, 4, 5, 6, 7).

⁶⁵ A pesquisa Jardins Possíveis aprovada pela PRPq UFMG e iniciada em agosto de 2017 é que contribuiu com dados para a tese. Ela se desenvolve em três pontos da bacia hidrográfica do ribeirão Arrudas: a montante no bairro Barreiro, nos bairros Centro e Lagoinha e a jusante no bairro São Geraldo (FIGURAS 3 e 4). Na tese será apresentado e aprofundado o estudo do bairro São Geraldo (FIGURAS 5 e 6).

⁶⁶ Fala do Senhor Elias, morador do bairro Lindéia, Belo Horizonte, retirada de uma das entrevistas de campo. Essa entrevista foi elaborada no contexto da pesquisa Jardins Possíveis financiada pela PRPQ no território da montante do Ribeirão Arrudas. Embora não seja no território apresentado na tese tem muito a contribuir com a discussão empreendida.

⁶⁷ O ribeirão Arrudas é um importante elemento, dentre outros, mas não o único, em alguma medida, até ignorado, pelo Plano do Aarão Reis. A Serra do Curral sim delimitou a extensão da cidade planejada. Entretanto, dadas as características do sítio natural, muito irrigado e acidentado, e o modelo higienista de urbanização, o sistema viário principal ocupa, quase sempre, os fundos de vale (avenidas sanitárias), ou linhas de cumeada (divisores de águas).

CADERNO DE IMAGENS 1:

Localização da área de estudo

Figura 03: Bacias Hidrográficas de Belo Horizonte



BACIAS HIDROGRÁFICAS DE BELO HORIZONTE

LEGENDA

- MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE
- BACIA HIDROGRÁFICA
- CURSO D'ÁGUA
- TERRITÓRIOS DE ESTUDO
- VIA

FONTES: BHMAP, MY MAPS, LEVANTAMENTO DE CAMPO

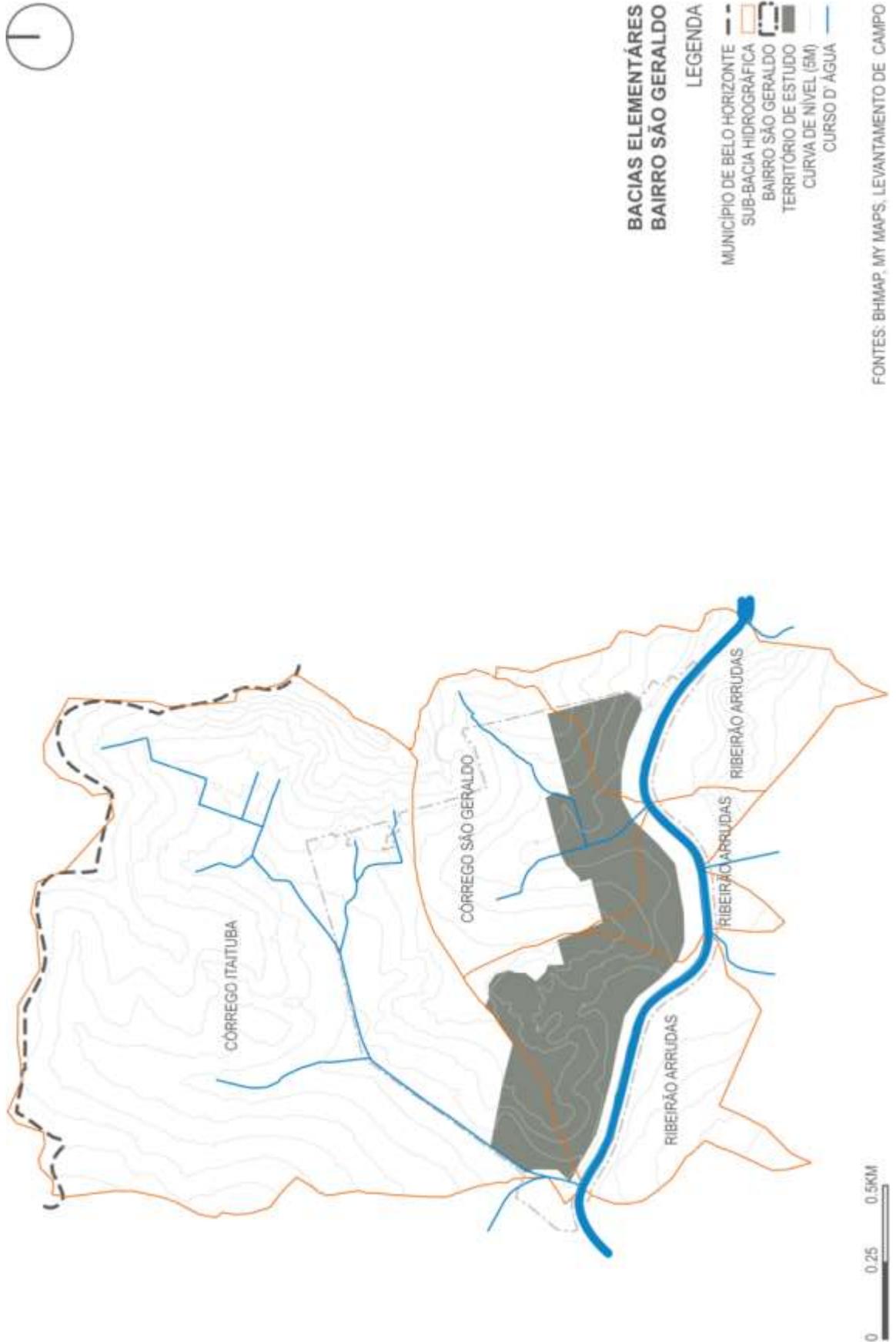
Fonte: Mapa elaborado a partir do BhMaps 2020.

Figura 04: Bacia Hidrográfica do Ribeirão Arrudas



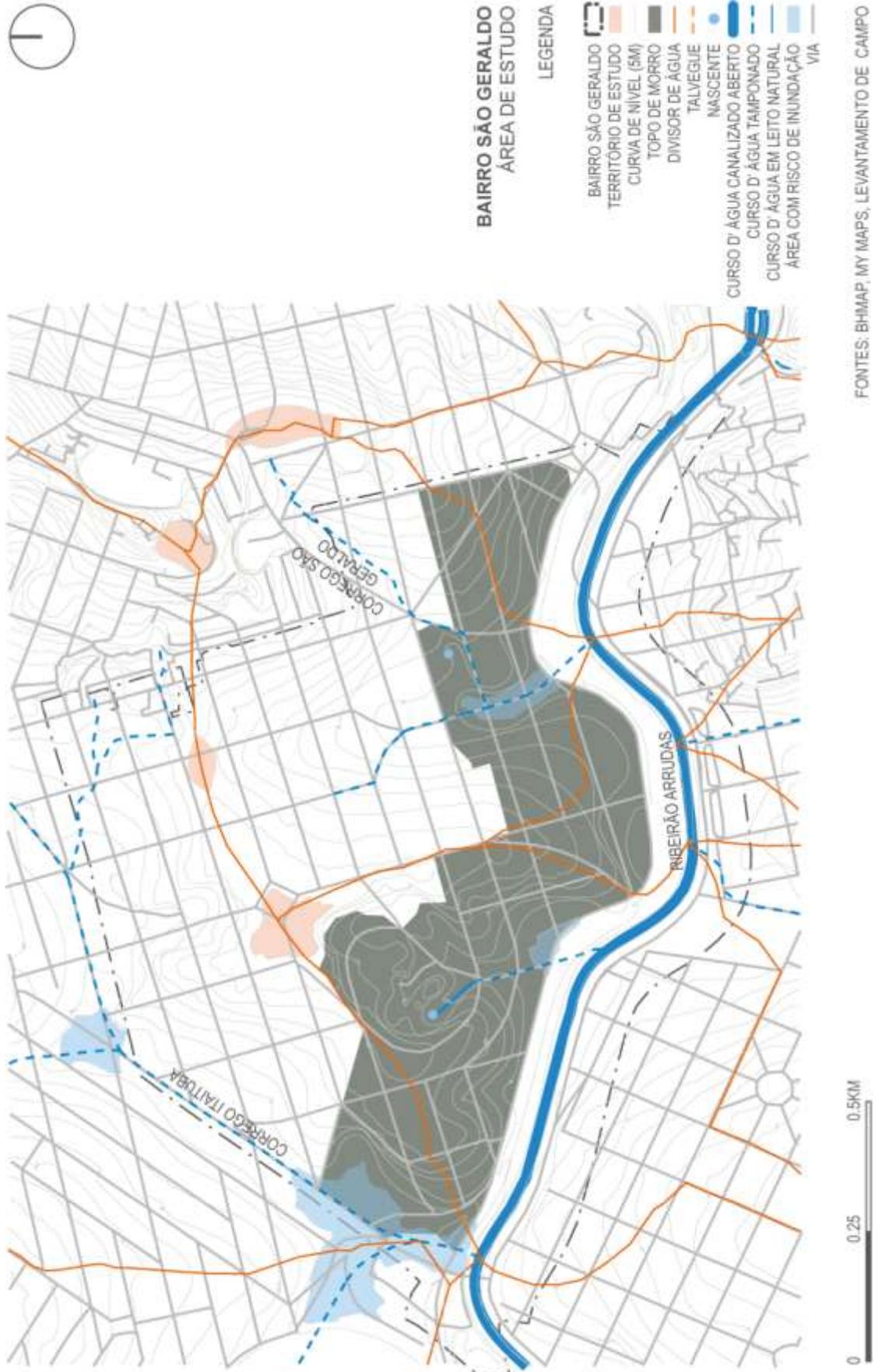
Fonte: Mapa elaborado a partir do BhMaps 2020.

Figura 05: Bacias Elementares do Bairro São Geraldo



Fonte: Mapa elaborado a partir do BhMaps 2020.

Figura 06: Bairro São Geraldo



Fonte: Mapa elaborado a partir do BhMaps 2020.

Figura 07: Uso e ocupação do solo Bairro São Geraldo



Fonte: Mapa elaborado a partir do BhMaps 2020.

Inaugurada em 1887, a relação da cidade de Belo Horizonte sempre foi conflituosa com os cursos d'água. A presença do ribeirão foi uma vantagem apontada pela comissão construtora da capital para sua instalação no território de Curral Del Rei. O projeto inicial da cidade, com ideal iluminista, já previa a canalização do ribeirão Arrudas e seus afluentes em seu médio curso, o que não acontecia a montante e a jusante da bacia, justamente em uma das áreas estudadas. A canalização era prevista como a forma de higienizar a cidade e a manter livre da água, que na época era vista como vetor de doenças. Posteriormente, sua presença no espaço da cidade era diretamente ligada às inundações e ao carreamento dos esgotos. E a justificativa para as canalizações eram as enchentes, o trânsito e a poluição, além de um ideal de modernização. Com a industrialização da cidade os cursos d'água deixaram de ser elementos integradores da paisagem urbana para serem obstáculo ao desenvolvimento dos núcleos urbanos (BORSAGLI, 2016).

Outra questão relevante é a preponderância da circulação como função urbana prioritária e as conseqüentes transformações dos espaços da cidade para favorecê-la. Nesse sentido tornou-se comum a transformação dos fundos de vale em avenidas sanitárias com a canalização do corpo hídrico e seu posterior tamponamento (BRAGANÇA, 2005). Assim a memória do rio foi sendo apagada da cidade de Belo Horizonte e o mesmo associado a problemas urbanos. O bairro do São Geraldo convive até hoje com o canal aberto do ribeirão e com nascentes em leito natural. Tal situação espacial favorece outra relação com a presença do corpo hídrico.

O bairro São Geraldo é um bairro consolidado, de classe média, que tem uma ocupação bem típica na cidade de Belo Horizonte nos bairros periféricos com predomínio de construções de uso residencial, com número de pavimentos inferiores a três, ou seja, com baixa verticalização e predominância de comércio e serviços locais.⁶⁸ No contexto da urbanização extensiva “as periferias, desdobramentos da cidade histórica, desempenham talvez um papel mais importante visto que carregam na sua incompletude e improvisação a dinâmica central da expansão urbana e da reinvenção do espaço social contemporâneo.”(MONTE-MOR, 1997, p.468) Os mundos possíveis articulados pela formas de organização sócio-espacial urbano-rural; formas de resistência gerando importantes atores urbanos; formas de

⁶⁸ Caracterização feita com base nos dados disponíveis no site www.bhmap.pbh.gov.br. Acesso em agosto de 2020.

luta centradas na reprodução e na qualidade de vida e do meio ambiente; “enfim, um conjunto de novas possibilidades que desembocam na luta pela extensão da cidadania, necessariamente capitaneada pela periferia historicamente excluída mas hoje fortalecida” (MONTE-MOR, 1997, p.485) serão buscados nesse local onde, além dos jardins cultivados dentro dos lotes há uma área comum que é compartilhada e construída pelos moradores. Essa dimensão que vai do doméstico⁶⁹ ao comum⁷⁰ e ao público amplia as possibilidades de análise desses territórios.

O bairro São Geraldo teve sua ocupação estruturada pelo Ribeirão Arrudas e pela linha férrea. Localizado na extensão da antiga estrada de Sabará, o bairro era uma fazenda da área rural que foi loteada na década de 50 do século XX quando a Prefeitura realizava obras de captação de água no local. O nome do bairro derivou da Paróquia São Geraldo e era anteriormente conhecido como vila Mariano de Abreu.

A população do bairro é de 13974 habitantes, sendo que 53,6% são de mulheres⁷¹. Até o início da década de 80 a maioria das ruas do bairro era de terra. O vertente norte do Ribeirão Arrudas era bem permeável e havia uma conexão fácil e direta com o a água. Em 1982 as ruas foram asfaltadas. O acesso ao Ribeirão Arrudas era fácil e os trilhos não impediam essa conexão. Muitos relatos mostram que as pessoas pescavam e nadavam nele.

⁶⁹ Os espaços domésticos são definidos pela limitação do lote, ou seja, o limite da propriedade privada. Entretanto, muitas vezes nos espaços com jardins foram amplificados para frente das casas, calçadas pela agência dos envolvidos.

⁷⁰ “No Brasil, a utilização do conceito de comum tem sido objeto de atenção, sobretudo de ativistas e pesquisadores do campo da cibercultura, do meio ambiente e dos estudos sobre o direito à cidade e das comunidades tradicionais. (...) Em inglês, os commons são as terras comunais, bens partilhados entre todos que precedem o processo de organização da propriedade privada que marca o início do capitalismo. Um termo, portanto, absolutamente incorporado à história política-cultural anglo-saxã.” Segundo Silveira a construção do entendimento do comum atualmente passa por três abordagens. Uma primeira onde se entende a gestão coletiva como única forma de se preservar um determinado bem comum de Elinor Ostrom em contraposição à defesa da propriedade privada e do poder punitivo do Estado defendido por Garrett Hardin em relação ao comum. A segunda reúne autores que entendem, a partir de um devir político contemporâneo, “o comum como um conceito político em oposição ao neoliberalismo e de afirmação da democracia: Hardt e Negri, Laval e Dardot” sem voltar ao entendimento idílico de comunidade. O terceiro bloco retoma os trabalhos de Benkler, Michel Bawens e Silke Helfrich, e o conceito de *commons-based peer production*, além de trazer a visão feminista do comum, em diálogo com Silvia Federici que estabelece uma relação fundante entre o comum e o feminismo. Em conclusão o autor alerta: “comum é, ao mesmo tempo, uma forma de gestão de um determinado bem, mas também seu processo social e político de governança” e são as práticas coletivas que decidem, em última instância, se uma coisa ou conjunto de coisas devem ser postas na esfera do comum (SILVEIRA, SAVAZONI, 2018). Para a pesquisa o comum será entendido como um espaço de práticas e gestão coletiva, com uma abordagem feminista e numa escala ampliada como possibilidade de se opor aos processos modernizadores que se amplificam em tempos neoliberais.

⁷¹ Dados do censo de 2010.

CADERNO DE IMAGENS 2:

Da vertente norte permeável ao muro da ferrovia

Figura 08: Área de estudo em 2009



Fonte: Elaborada a partir do Google Maps 2009

Figura 09: Área de estudo em 2020



Fonte: Elaborada a partir do Google Maps 2020

Figura 10: Imagem 1 Street view 2009



BAIRRO SÃO GERALDO- ÁREA DE ESTUDO
JULHO/2009

FONTES: GOOGLE EARTH, MY MAPS, LEVANTAMENTO DE CAMPO

Fonte: Elaborada a partir do Google Street view 2009

Figura 11: Imagem 1 Street view 2019



BAIRRO SÃO GERALDO- ÁREA DE ESTUDO
MARÇO/2019

FONTES: GOOGLE EARTH, MY MAPS, LEVANTAMENTO DE CAMPO

Fonte: Elaborada a partir do Google Street view 2019

Figura 12: Imagem 2 Street view 2009



BAIRRO SÃO GERALDO- ÁREA DE ESTUDO
JULHO/2009

FONTES: GOOGLE EARTH, MY MAPS, LEVANTAMENTO DE CAMPO

Fonte: Elaborada a partir do Google Street view 2009

Figura 13: Imagem 2 Street view 2019

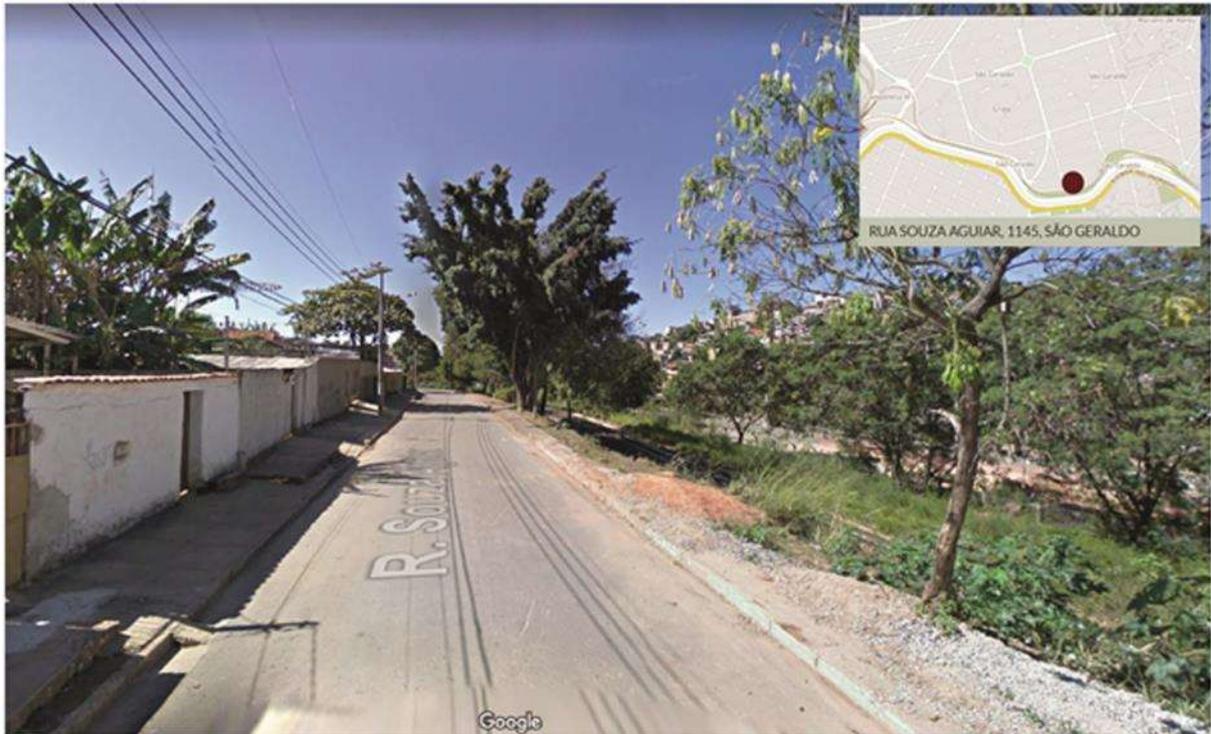


BAIRRO SÃO GERALDO- ÁREA DE ESTUDO
MARÇO/2019

FONTES: GOOGLE EARTH, MY MAPS, LEVANTAMENTO DE CAMPO

Fonte: Elaborada a partir do Google Street view 2019

Figura 14: Imagem 3 Street view 2009



BAIRRO SÃO GERALDO- ÁREA DE ESTUDO
JULHO/2009

FONTES: GOOGLE EARTH, MY MAPS, LEVANTAMENTO DE CAMPO

Fonte: Elaborada a partir do Google Street view 2009

Figura 15: Imagem 3 Street view 2019



BAIRRO SÃO GERALDO- ÁREA DE ESTUDO
MARÇO/2019

FONTES: GOOGLE EARTH, MY MAPS, LEVANTAMENTO DE CAMPO

Fonte: Elaborada a partir do Google Street view 2019

Figura 16: Imagem 4 Street view 2009



BAIRRO SÃO GERALDO- ÁREA DE ESTUDO
JULHO/2009

FONTES: GOOGLE EARTH, MY MAPS, LEVANTAMENTO DE CAMPO

Fonte: Elaborada a partir do Google Street view 2009

Figura 17: Imagem 4 Street view 2019



BAIRRO SÃO GERALDO- ÁREA DE ESTUDO
MARÇO/2019

FONTES: GOOGLE EARTH, MY MAPS, LEVANTAMENTO DE CAMPO

Fonte: Elaborada a partir do Google Street view 2019

Figura 18: Imagem 5 Street view 2009



BAIRRO SÃO GERALDO- ÁREA DE ESTUDO
JULHO/2009

FONTES: GOOGLE EARTH, MY MAPS, LEVANTAMENTO DE CAMPO

Fonte: Elaborada a partir do Google Street view 2009

Figura 19: Imagem 5 Street view 2019



BAIRRO SÃO GERALDO- ÁREA DE ESTUDO
MARÇO/2019

FONTES: GOOGLE EARTH, MY MAPS, LEVANTAMENTO DE CAMPO

Fonte: Elaborada a partir do Google Street view 2019

Figura 20: Rua Souza Aguiar ainda de terra



Fonte: foto de Luísa moradora do bairro, 1980.

Figura 21: Linha de trem e mata ciliar do ribeirão Arrudas



Fonte: foto de Luísa moradora do bairro, 1980.

Figura 22: Rua Souza Aguiar sem o muro da ferrovia



Fonte: foto de Regina moradora do bairro, 1990.

Figura 23: Rua Souza Aguiar sem o muro da ferrovia e com crianças brincando



Fonte: foto de Regina moradora do bairro, 1990.

Em 2011 a linha de trem foi modificada pela companhia Vale, foi construída a transposição dos trilhos por viadutos ferroviários para substituição das passagens de nível. Os trilhos foram deslocados para mais próximo do ribeirão e os moradores da face sul da Rua Souza Aguiar foram removidos. Tal ação deixou uma área remanescente importante para o estudo dos jardins aqui empreendido, pois justamente nessa área os moradores plantam e cultivam jardins públicos. A companhia Vale também pagou pela elaboração de um projeto de um parque nessa área. Esse projeto bem como o dinheiro para sua implantação foi pago à Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Por outro lado a nova linha de trem foi cercada por muros, dificultando o acesso dos moradores ao ribeirão. O Caderno de Imagens 2: Da vertente norte permeável ao muro da ferrovia, traz alguns mapas, fotos atuais e antigas que mostram esse processo (FIGURAS 7 à 23).

Outra questão importante na evolução do bairro é que à medida que as famílias têm seus filhos casados, suas casas são expandidas, na maioria das vezes com a construção de barracões nos fundos. Para abrigar os filhos casados sem condições de construir sua casa própria vários jardins foram suprimidos. Essa situação é comum em bairros residenciais como Santa Tereza (ARREGY, RIBEIRO, 2008).

1.4.1 PARA COMEÇO DE CONVERSA

O ponto inicial para entendimento dos jardins como possibilidade foi apresentado anteriormente e se baseia na relação multiespécies, abarcando todos os agentes na sua definição, em oposição ao conceito de natureza moderno que cria uma relação hierárquica e de domínio sobre os não-humanos⁷² e também de política foram abertas as perspectivas para minha abordagem dos jardins como territórios onde se desenvolvem relações e agenciamentos os quais são o objetivo da pesquisa.

Na pesquisa dos jardins foram buscados esses agentes como uma forma de desvendar as narrativas em evidência sejam elas hegemônicas, marginais ou resistentes. Cotidianamente, as pessoas produzem seu espaço mobilizando saberes importantes. Assim também o fazem os não-humanos, seguindo leis e direcionamentos próprios. Ambos se relacionam nessa construção como nos jardins. Essas potentes interações se transformam em espaço mesmo

⁷² A ideia de natureza moderna foi desenvolvida no quarto capítulo.

que não estejam presentes nas narrativas oficiais ou de não serem propósitos de projeto ou plano urbano. Assim é possível destacar, cartografar e reconhecer essas narrativas, esses possíveis, por mais invisibilizados que estejam. Portanto, esses agentes foram buscados bem como as redes de relações que se desenvolvem entre eles. Para tal serão usadas às narrativas coletadas através das entrevistas, mapas e fotos.

Não há ação que não seja simultânea. O agente está submetido a forças de poder presentes na rede, e também interfere e age nela (LATOUR, 2012). Assim ao entender os agentes e as redes, é possível descobrir espaços outros, relacionais no sentido de incorporar continuamente os processos de subjetivação na construção do conhecimento sobre a cidade e seu espaço.

Deixar emergir na trama urbana esses elementos e as relações entre humanos e não-humanos torna-se assim ferramenta sensível de reconhecimento e recriação do mundo urbano. Afinal, o jardim não seria só a expressão de um mundo preexistente, mas a manifestação de um mundo singular. Seria uma raridade, capaz de se abrir como possibilidade de recriação que escapa do esforço de homogeneização e regularização dominantes (MONGIN, 2013). A proposta é entender as narrativas dos agentes, traçando o mundo a partir das relações do lugar de onde é visto e por quem é visto, entendendo os territórios também na sua potência de desterritorialização e reterritorialização de lugares possíveis.

As cidades se enquadram a partir de uma visão hegemônica na perspectiva dualista moderna, pois são fonte dos maiores impactos causados ao ecossistema. Entretanto, como são ao mesmo tempo lugares onde vivem a maioria das pessoas, têm também potencial para reaproximação e diálogo.

A partir das falas e palavras usadas pelos entrevistados foram mobilizadas para essa análise as noções de memória, ancestralidade, religiosidade e cultura; topofilia e biofilia; afeto, amor e amizade. Além de noções da geografia física no que diz respeito a agentes como a água, o terreno, o clima. Para as plantas e animais serão apontadas também possibilidades a partir das falas dos entrevistados principalmente. Entretanto já nesse capítulo é importante ressaltar as possibilidades multidisciplinares dos jardins.

1.4.2 PESQUISAS EXPLORATÓRIAS DO TERRITÓRIO

Ao passar pelo bairro São Geraldo, onde tenho amigos, sempre observei uma senhora que cultivava uma horta na encosta da Rua Souza Aguiar convivendo junto a um jardim muito bem cuidado, com muitas espécies misturadas, ambos plantados numa área pública remanescente. Além disso, a conformação do bairro onde ainda existem muitas casas, quintais e jardins foram essenciais para que a pesquisa fosse desenvolvida nele. A Rua Souza Aguiar, que se localiza no limite do bairro com a linha férrea, possui, a norte moradias e pontos de comércio e a sul uma área remanescente da alteração dos trilhos do trem. Esses jardins cultivados nessa área remanescente, com espécies comestíveis, flores, cabras e até sofás, foram a minha primeira janela para o bairro (FIGURA 24).

Figura 24: Cabras soltas nas ruas do bairro São Geraldo, comendo as roseiras do jardim da Sra. Ana.



Fonte: própria, 2017.

No primeiro momento foram realizadas visitas exploratórias para aproximação e reconhecimento da área. Essas áreas foram inicialmente demarcadas a partir do Ribeirão Arrudas, incluindo a parte mais baixa da vertente e o arruamento localizado na meia encosta, direcionado principalmente pelo jardim comum, como pode ser observado no

primeiro mapa que levamos para campo (FIGURA 25). Essa escolha foi inicialmente feita para que a pesquisa abarcasse a área mais próxima ao ribeirão Arrudas, conectada com a área comum da Rua Souza Aguiar que representa a área mais plana do bairro, no fundo de vale ou próxima a ele e para que a vivência cotidiana do relacionamento que se desenvolve entre pessoas, animais, planta, água, rio, relevo fosse o que ditasse a aproximação com a área de pesquisa.

Nessas primeiras visitas foram identificados alguns moradores que cultivavam jardins em seus lotes e os responsáveis pelo jardim comum cultivado junto ao muro da ferrovia. As conversas iniciais foram com as pessoas que estavam sentadas nesses jardins públicos e com as pessoas que moravam nas casas onde era possível ver da rua a existência dos jardins. Nas casas, batíamos a campainha, explicávamos a pesquisa, pedíamos permissão das pessoas e conversávamos sobre os jardins. Essas conversas iniciais foram essenciais e direcionaram as delimitações territoriais, algumas pessoas representativas com as quais deveríamos conversar, bem como os elementos relevantes para serem incorporados nos questionários a serem aplicados posteriormente. Além disso, foram registradas algumas histórias do território estudado e das pessoas responsáveis pela sua construção e também de alguns elementos não-humanos relevantes.

Numa dessas primeiras visitas foi descoberto um segundo território de construção comum chamado de Grotta. A Grotta é uma área onde há uma nascente⁷³ que está localizada no interior de um dos quarteirões do bairro e possui uma vegetação significativa. O acesso a esse local se dá pelo interior dos lotes e por um beco. Há um pequeno assentamento informal em uma das entradas da Grotta. Foram também descobertas nascentes em algumas casas próximas ao leito original do córrego São Geraldo.

A partir dessas descobertas no campo foram elaborados mapas para se definir melhor a delimitação do estudo levando em consideração os territórios relacionais construídos por humanos e não-humanos, os principais elementos morfológicos da bacia presentes – topos, eventuais nascentes, foz, cursos d'água/ linhas de drenagem e divisores de água - e as

⁷³ Essa área já havia sido percebida no mapa inicial. A nascente, como uma insurgência do lençol freático coincide, muitas vezes, com essa feição do relevo. A superposição de curvas de nível revelava, de antemão, esses elementos notáveis do relevo. Entretanto, era proposta da pesquisa uma aproximação inicial do território a partir das pessoas. Foi essencial para a incorporação da grotta ao estudo a quantidade de casos sobre ela que ouvimos e a relevância desse elemento para o território.

unidades de relevo (CARVALHO, 2001) – convexas, as várzeas planas e as superfícies côncavas. O mapa inicial foi então reconfigurado, e os limites revistos fazendo-se dialogar, essas duas lógicas, para a delimitação da área de estudo: unidades morfológicas e unidades de relevo do terreno junto à percepção em campo. Ao final, todas essas áreas são abrangidas por um trecho da bacia de contribuição direta do Arrudas que verte diretamente para o Ribeirão. O Caderno de imagens 4: Delimitando o Território traz os mapas usados nesse processo (FIGURAS 25 a 34).

As unidades de relevo, áreas ou superfícies, como definidas por Carvalho (2001) ajudam a explicar os desempenhos dos escoamentos superficiais bem como seus efeitos sobre o território. Num relacionamento entre as superfícies de relevo e a ocupação urbana, o autor propõe as três formas de entendimento citadas anteriormente. As superfícies convexas ou de topo são aquelas que se desenvolvem nas cotas mais altas e nos divisores de água dispersando escoamentos superficiais. As várzeas são as áreas de conformação plana, inundáveis que acumulam sedimentos. E as superfícies côncavas ou de transição entre os topos e as várzeas são aquela que abrigam cursos d'água e as linhas de drenagem. Nesse sentido as várzeas apresentam maiores riscos de inundação, depósito de sedimentos e concentram os maiores impactos da urbanização. Também as superfícies côncavas ou de transição apresentam-se potencialmente frágeis diante desses impactos no que diz respeito principalmente ao risco geológico e ao carreamento de sedimentos. As superfícies de topo são, em geral, mais seguras, suaves e salubres, portanto mais indicadas à ocupação urbana com menores impactos para as áreas de jusante. (CARVALHO, 2001) Essa chave possível de análise abre o entendimento não apenas para os jardins como elementos importantes nas características da ocupação e seus impactos mas sobretudo como elementos da percepção da população sobre essa relação do ciclo hidrológico, da presença ou passagem da água com o território.

A pesquisa se iniciou por dois locais onde, além do lote, os jardins se desenvolviam em um território comum, público ou semipúblico. Assim a Rua Souza Aguiar e a Grota foram os elementos territoriais iniciais a partir dos quais serão apresentadas as narrativas dos jardins. Além deles, os jardins foram pesquisados ao longo de toda meia encosta incluída na pesquisa. As narrativas serão apresentadas a partir do entendimento construído na sobreposição entre as possíveis abordagens do território.

O primeiro deles é o território delimitado pela Rua Souza Aguiar, os lotes lindeiros a ela, o espaço remanescente à sul da rua e próximo ao rio, e a várzea plana do ribeirão Arrudas que contém dois pontos de alagamento onde os córregos da Grota e São Geraldo passam e a foz do Córrego Itaiatúba onde há também alagamento.

O segundo território é aquele delimitado pela Grota, que é uma superfície côncava onde há uma nascente⁷⁴, pelos lotes que estão diretamente envolvidos no caminho das águas e se localizam nos dois lados das ruas Caiçara, Mogoari e Coari. O Terceiro é também uma superfície côncava, possui alguns afloramentos de água nos lotes e foi delimitado pela superfície côncava do córrego do São Geraldo canalizado e pela via de meia encosta da Rua Potomaio.

Os outros trechos, superfícies convexas na sua maioria e algumas superfícies de transição, foram definidos levando em consideração principalmente a vivência mais ligada ao fundo de vale⁷⁵ sendo que as vias de meia encosta são relevantes para essa delimitação. O quarto trecho será delimitados pelo divisor de águas a noroeste na Rua Itaiaté e a leste pela Superfície Côncava. Essa área engloba principalmente superfícies de topo. Esse trecho foi chamado de alto da escola. O quinto trecho é delimitado à oeste pela superfície côncava e a leste pela outra superfície côncava mas é ligada ao divisor de águas representado pela Rua Silva Alvarenga uma rua comercial importante. O sexto trecho é uma área limítrofe, mais alta, próxima ao viaduto e a leste é delimitada pela superfície côncava do córrego São Geraldo a leste e a oeste pelo divisor de águas representado pela Rua Urucaia de onde sai um viaduto que representa um limite claro para as relações espaciais.

Também nas visitas exploratórias foi possível reconhecer pessoas que tem um relacionamento multiespécies nos jardins e que transportam essa possibilidade para a esfera pública, direcionando ações comunitárias, criando laços com a vizinhança e os outros elementos naturais relevantes como caminho da água, árvores que proporcionam sombras e frutas, animais presentes com seus hábitos.

⁷⁴ Essa nascente não é catalogada pela Prefeitura de Belo Horizonte. Mas pude vê-la e fotografá-la para pesquisa e, segundo os moradores ela verte água mesmo em períodos de seca.

⁷⁵ Os topos de morro são articulados principalmente pela Praça do Santuário São Geraldo, pela Rua Silva Alvarenga em seu trecho plano e pela Avenida Itaiaté onde se concentram a maioria dos comércios e serviços do bairro. Os moradores se referem ao 'povo de cima' para falar das pessoas que estão próximos a esses locais.

CADERNO DE IMAGENS 3:

Delimitando o Território

Figura 25: Delimitação inicial para a pesquisa.



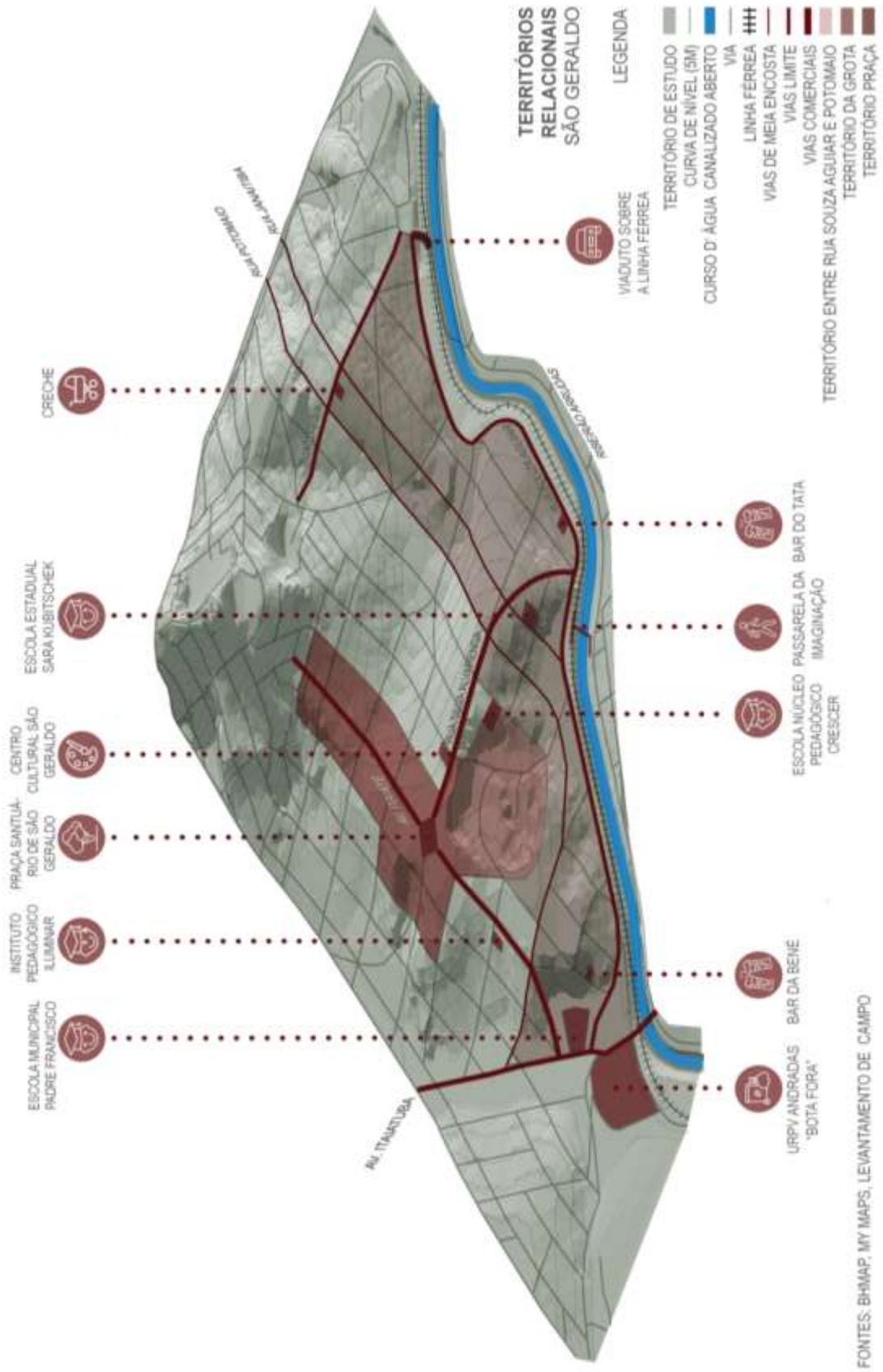
Fonte: Imagem do Google My Maps, 2017.

Figura 26: Bairro São Geraldo – Área de estudo



Fonte: Elaboração própria, 2020.

Figura 27: Bairro São Geraldo – Territórios relacionais



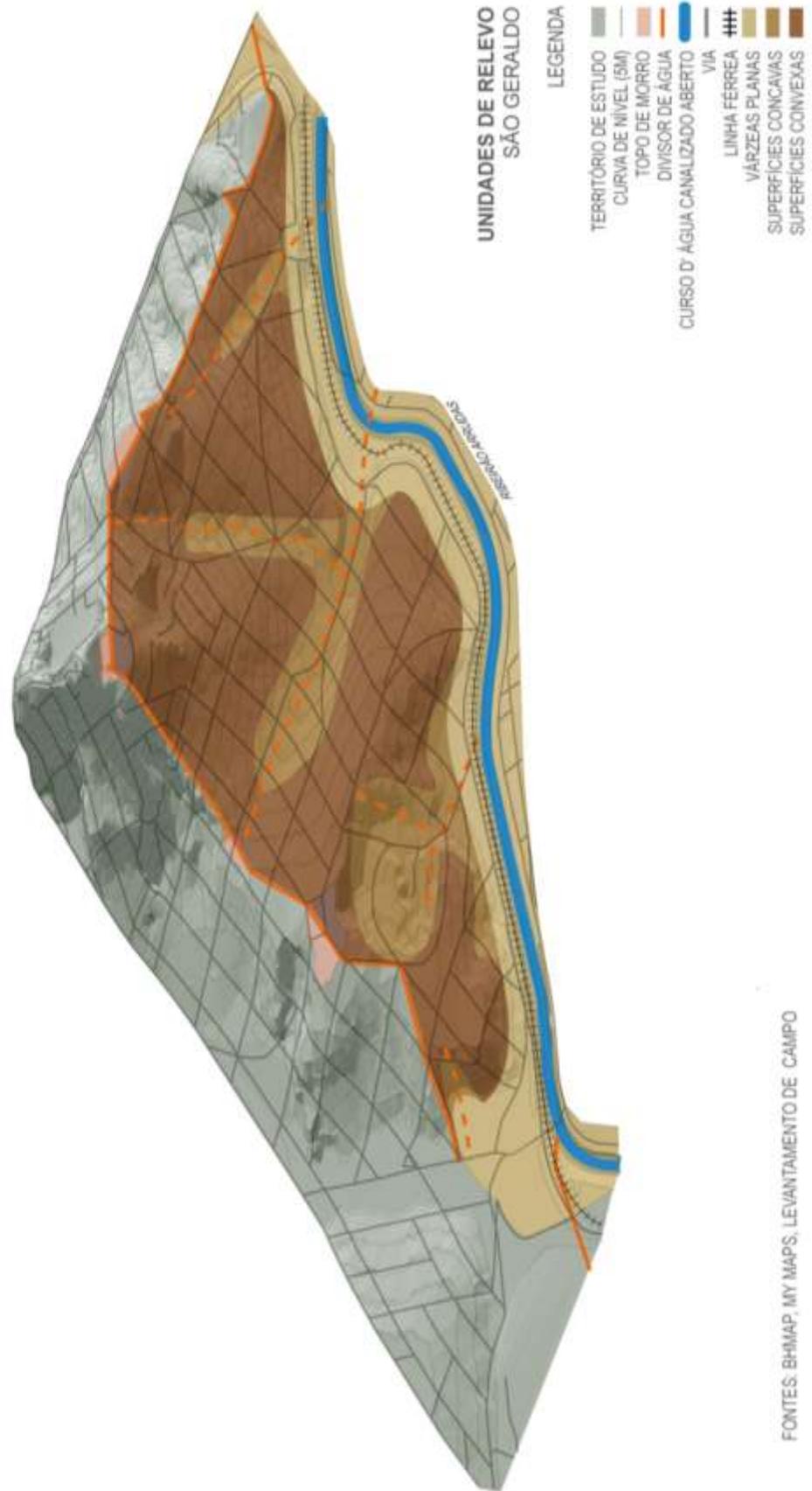
Fonte: Elaboração própria, 2020.

Figura 28: Bairro São Geraldo – Morfologia da Bacia Hidrográfica



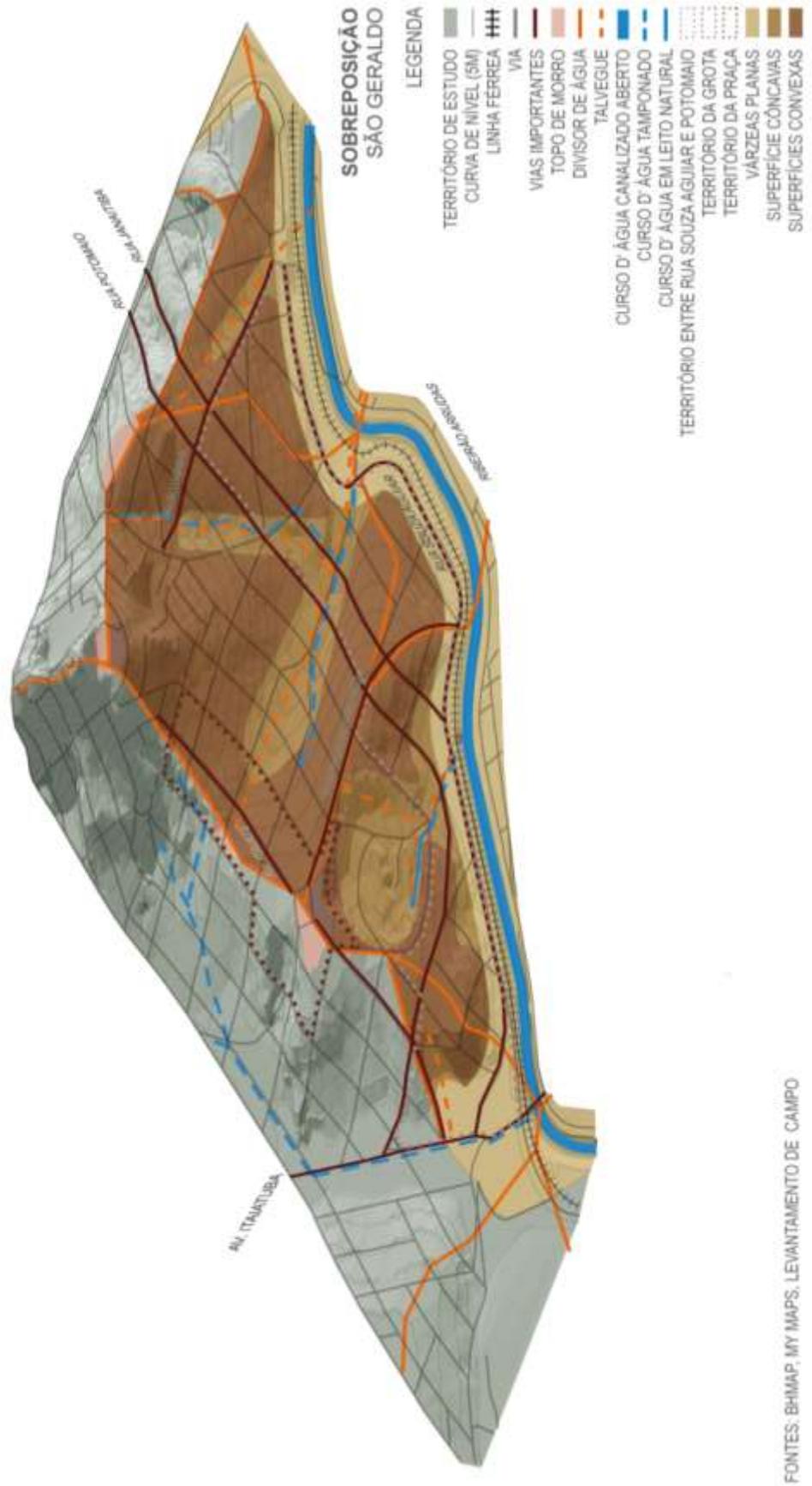
Fonte: Elaboração própria, 2020.

Figura 29: Bairro São Geraldo – Unidades de relevo da Bacia Hidrográfica



Fonte: Elaboração própria, 2020.

Figura 30: Bairro São Geraldo – Sobreposição das informações



Fonte: Elaboração própria, 2020.

Figura 32: Bairro São Geraldo – Território de estudo, delimitação final



Fonte: Elaboração própria, 2020.

Figura 33: Bairro São Geraldo – Território de estudo, delimitação final



Fonte: Elaboração própria, base Google My maps, 2020.

1.4.3 DESENVOLVIMENTO DOS QUESTIONÁRIOS E O ESTREITAMENTO DOS LAÇOS

No segundo momento, passou-se então à preparação para as demais visitas de campo para coleta de dados. Foi inicialmente aplicado um questionário quantitativo. Com ele pretendeu-se fazer um levantamento objetivo e mais rápido da área, focado na identificação de jardins e jardineiros, a proporção dos jardins no território, seu tamanho em relação à casa e ao território, sua localização, gerando dados estatísticos. A etapa primária do processo de identificação dos jardins valeu-se inicialmente da etapa exploratória que identificou pessoas importantes e dispostas a participar da pesquisa e de dados disponíveis através da análise de imagens aéreas do Google. Esses mapas aéreos foram utilizados para descobrir jardins que não eram visíveis da rua. Como ferramenta cartográfica inicial foi utilizada a plataforma digital *Google My Maps* e a plataforma digital BHmaps, que permitem a criação de mapas georreferenciados, disponíveis para acesso *on-line*. Os dados levantados foram checados em campo quando os jardins eram visíveis.

À medida que esse levantamento acontecia, foram identificados exemplos significativos para aplicação de um questionário qualitativo de caráter etnográfico, já que o primeiro não seria o suficiente para captar a narrativa por trás daqueles jardins. Em campo e pelos mapas produzidos com base nas imagens aéreas foram definidas caracterizações dos jardins que seriam mapeadas pelos questionários. Essas caracterizações foram resultado de uma soma de discussões através do cruzamento teórico e os apontamentos percebidos em campo com as visitas de reconhecimento e dos territórios traçados no *Google My Maps*.

Na construção do questionário, estabeleceu-se que seriam levantados: o lugar (que se refere à tipologia construtiva e ao uso do espaço onde se encontra o jardim, as características do mesmo); a origem dos jardineiros e dos jardins; o uso dos jardins; sua mobilidade; a influência antrópica no seu desenvolvimento; os tempos naturais; as relações que eles proporcionam; se há permeabilidade; o acesso das pessoas (público e ou privado); se há geração de renda ou escambo; os elementos não-humanos (animais, vegetação, água, insolação); as espécies vegetais e animais e o porquê delas; a relação das plantas cultivadas com o campo energético espiritual e as origens culturais. Foram compilados e registrados fatores diversos como as histórias de vida dos entrevistados e dos espaços, as espécies cultivadas, as formas de ocupação do espaço do jardim, rede de relacionamentos construídas, as agência dos humanos e não-humanos, construção dos saberes ecológicos e

sua circulação, sociobiodiversidade dos jardins, técnicas de manejo e destinação das espécies cultivadas, as espécies que habitam o território sem a influência humana. O questionário foi testado e modificado em campo, incluindo e excluindo questões. Havia em cada um deles um espaço para registro de observações em campo. Junto ao questionário foi feito um levantamento fotográfico minucioso e anotações na caderneta de campo. O questionário completo encontra-se disponível no Apêndice A.

É importante destacar que o desenvolvimento metodológico em relação à otimização da aplicabilidade dos dois tipos de questionário e posteriormente das entrevistas narrativas foi processual, sendo o método uma construção a partir dos aperfeiçoamentos metodológicos construídos em campo. Nesse levantamento, alcançou-se um total de 873 áreas.

Em seguida, o mapeamento aconteceu em paralelo às visitas de campo e análises de imagens aéreas do território, a fim de que os dados conclusivos pudessem ser obtidos através da sobreposição de informações. Por meio de camadas foram traçados polígonos que identificam a presença ou a ausência de jardins, bem como seus valores de área. Optou-se por seguir a demarcação do parcelamento urbano, adotando como contorno a divisão aparente dos lotes, em razão da identificação das cuidadoras e cuidadores desses jardins, a ser desenvolvida na etapa seguinte. No mapa as camadas se organizam de tal forma: sem jardim, com jardim. Tanto nos mapas quanto em campo foram identificados os locais considerados de maior relevância pra aplicação das entrevistas. A relevância dos jardins foi definida a partir dos seguintes critérios: tamanho aproximado de 20%⁷⁶ do lote no bairro São Geraldo, pois é a taxa de permeabilidade proposta pela Lei de Uso e Ocupação do Solo, a localização próxima a áreas comuns, os jardins particulares das pessoas que cuidavam das áreas comuns e a representatividade do espaço produzido no que diz respeito ao tipo de cobertura vegetal a diversidade da mesma, a presença de animais que favoreçam um relacionamento multiespécies, ligações de ordem religiosa cultural com os jardins.

Nessa etapa foi realizado também o primeiro Café com Plantas. Ele aconteceu na Rua Souza Aguiar em frente aos sofás posicionados na área remanescente próximo à escola e perto do Bar da Bené. A ideia era conhecer os jardineiros e fazer um percurso até o bar do Tata. Esses

⁷⁶ Mesmo entendendo que a taxa de permeabilidade de 20% é arbitrária se aplicada em tudo Território, já que não considera a posição relativa do lote em relação às unidades de relevo, bem como o tipo de cobertura vegetal, sua presença na legislação a torna um parâmetro importante que será problematizado no terceiro capítulo.

dois bares são pontos relevantes que convergem moradores e se localizam próximos a áreas cultivadas no espaço remanescente. Vinte cartazes foram espalhados nos postes do bairro na área estudada, na praça, no sacolão e no supermercado (FIGURA 35). Foram poucos moradores que aceitaram o convite, totalizando 9 pessoas que fizeram o percurso. Era sábado, dia de jogo e o futebol dominou a tarde do café. Entretanto o encontro nos permitiu conhecer um líder comunitário do bairro, o dono da oficina mecânica que tem tanto um jardim interno na sua oficina quanto cuida de uma área pública, além de pessoas interessadas no assunto.

Figura 35: Cartaz de convite para o primeiro Café com Plantas

CAFÉ COM PLANTAS

Jardins Possíveis convida para uma caminhada de identificação das plantas da Rua Souza Aguiar.

Se você planta, cuida ou frequenta algum jardim, sua presença é fundamental!

traga sua contribuição para o lanche coletivo!

DIA 19 DE MAIO, 16H
SAÍDA: CAFÉ COLETIVO
NO BAR DA DONA BENÉ
CHEGADA: BAR DO TATA

JARDINS POSSÍVEIS UFMG

Fonte: própria. 2018.

Foi também proposta a marcação física do território por meio da criação de um sistema gráfico ambiental⁷⁷ com uma sinalização implantada, como forma de chamar a atenção tanto para os jardins como para a pesquisa, buscando o estreitamento dos laços entre a pesquisa, os moradores e entre o território, enfim entre todos os agentes. Essa marcação foi desenvolvida junto aos alunos da disciplina PRJ 075 - “Comunicação Visual o Edifício e a Cidade” da Escola de Arquitetura, Urbanismo e Design da UFMG, ministrada por mim em 2018. A disciplina contou com oito alunos dos cursos de Design e Arquitetura e Urbanismo matriculados e apoio de uma bolsista de iniciação científica.

Os objetivos didáticos descritos na ementa da disciplina foram: compreender as relações sócio-espaciais proporcionadas pelos agentes sócio naturais; relações visuais entre os elementos que compõem o espaço urbano e a arquitetura mediados pela natureza; processos de intervenção na paisagem da cidade por meio da comunicação visual.

Os objetivos gerais da disciplina foram: discutir, apresentar e problematizar as possibilidades da comunicação visual aplicada ao espaço urbano e seus equipamentos, mobiliários e serviços; apresentar, discutir e problematizar a comunicação visual como um importante campo da vida urbana e como ferramenta prospectiva e de informação do cotidiano. Os objetivos específicos são induzir, incentivar e aprimorar a capacidade dos alunos de: pesquisar sobre modos de comunicar na cidade; coletar e interpretar dados culturais, ambientais, físico-geográficos; sintetizar as principais informações; elaborar diagramas, gráficos, mapas temáticos, tabelas, análise crítica; elaborar e produzir um sistema gráfico ambiental; implantar esse sistema gráfico ambiental para tornar visíveis as narrativas da natureza no espaço. No primeiro momento foi apresentado aos alunos o local da intervenção, a história desse local (FIGURA 36), a forma urbana da ocupação e suas peculiaridades, e as pessoas já mapeadas que cultivavam jardins em suas casas e na área comum. Foi também feita uma visita ao local.

⁷⁷O sistema gráfico ambiental tem o cuidado de moldar a informação ao seu contexto, associando-a as questões do lugar, ecológicas e de preservação. É neste sentido que o termo design gráfico ambiental suplanta a ideia de sinalização (*signage*), pois esta diferença semântica reforça e distingue a prática profissional e teórica consciente (design gráfico ambiental) da prática essencialmente comercial (sinalização). Estes projetos precisam ser desenvolvidos com uma visão mais global e interdisciplinar, não somente definindo os conceitos gráficos (tipografia, pictogramas, setas, imagens, grafismos, diagramação e cor) e formais, mas considerando também as demais relações espaciais (VELHO; MAGALHÃES, 2006).

Figura 36: Histórico de formação do Bairro, apresentado para os alunos da disciplina Comunicação Visual o Edifício e a Cidade

histórico

1950 Vila Mariano de Abreu - início de sua ocupação _ obras da prefeitura de água no local

1952 Construção da Igreja de São Geraldo

1980 Até a década de 80 boa parte das ruas eram de terra batida e tinham muitos buracos

1981 Calçamento e asfalto para a maioria das ruas

2011 Transposição dos trilhos por viadutos ferroviários para substituição das passagens de nível

Fonte: própria. 2018.

Figura 37: Sinalização existente. Slide apresentado pelos alunos.



Fonte: própria, 2018.

Após a visita ao local, foi construído pelos alunos um entendimento do território com as características urbanas, os jardins públicos destacados, os elementos relevantes, a sinalização existente (FIGURA 37), as casas e pontos comerciais que cultivavam jardins, a correspondência entre espaços domésticos e públicos.

Foi proposto, então, aos alunos que desenvolvessem o sistema gráfico ambiental com o seguinte objetivo: localizar e relacionar os jardins privados e públicos que se desenvolviam na Rua Souza Aguiar, no bairro São Geraldo em Belo Horizonte. O objetivo de inserir essa sinalização no espaço público da rua era explicitar as relações entre humanos e não-humanos que se desenvolvem nos jardins desse território. Era também inscrever no território a pesquisa e estreitar os laços com os moradores. Finalmente, a proposta buscou também aproximar os jardineiros entre si. Só foi colocada a sinalização em frente às casas das pessoas que permitiram a sinalização. Os alunos propuseram uma pintura no piso, lambe-lambes a serem colocados nos postes que continham a legenda desse mapeamento. Um mapa também foi produzido em papel para ser deixado junto ao Bar do Tata, local de reunião dos moradores (FIGURAS 38 à 42).

Figura 38: Alunos preparando pintura em frente à área pública na Rua Souza Aguiar



Fonte: própria, 2018.

Figura 39: Alunos pintando em frente à área pública na Rua Souza Aguiar



Fonte: própria, 2018.

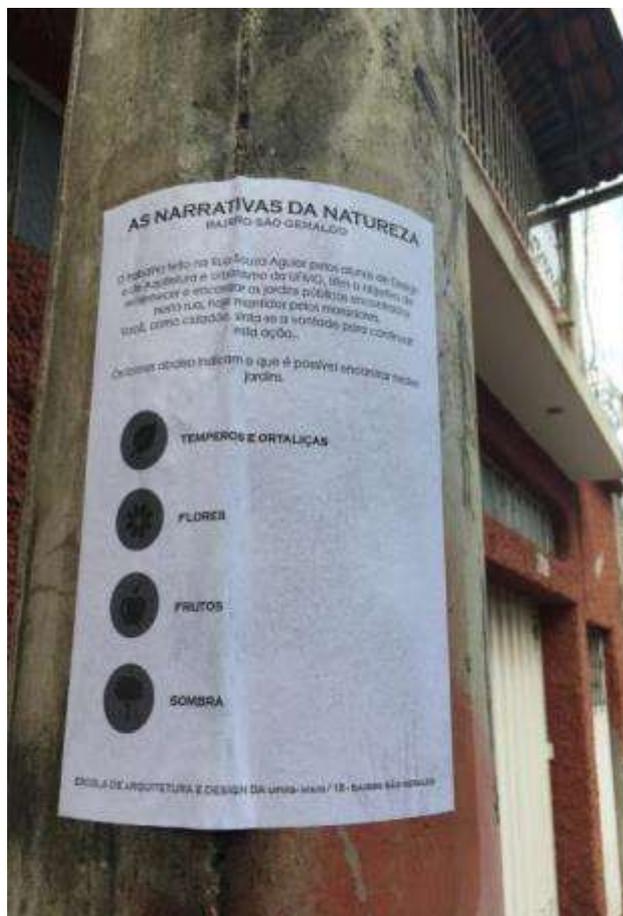


Figura 40: Pintura em frente à uma casa
Fonte: própria, 2018.

Figura 41: Pintura em frente à área pública na Rua Souza Aguiar
Fonte: própria, 2018.



Figura 42: Lambe-lambes com a legenda colados nos postes da Rua Souza Aguiar
Fonte: própria, 2018.



Após a sinalização ter sido implantada foi despertado o interesse de alguns moradores em saber do que se tratava aquela intervenção. Tal ação contribuiu de forma significativa para a aproximação com os moradores, para chamar atenção para aqueles elementos naturais que compunham os jardins comuns e para identificação mútua dos jardineiros.

1.4.4 APLICAÇÃO DAS ENTREVISTAS, OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE, NARRATIVAS.

No terceiro momento foram realizadas as entrevistas de caráter etnográfico, ou seja aquela que tem a inserção num contexto sócio-espacial concreto, junto aos moradores. Com a aplicação dos questionários⁷⁸ foi possível acessar os mundos dos jardins: os jardineiros, as espécies vegetais e animais, os locais, a água e principalmente qual a relação sócio-espacial entre os agentes se desenvolvia neles. As entrevistas foram aplicadas com os jardineiros responsáveis por 65 jardins. O levantamento qualitativo permitiu um entendimento melhor da situação, e também um envolvimento por parte das pesquisadoras no movimento que os jardins produzem.

O uso das entrevistas como método de coleta de dados permitiu acessar experiências subjetivas que seriam difíceis de acessar ou decifrar sem esse instrumento. As entrevistas foram conduzidas por pesquisadoras bolsistas de iniciação científica e por mim na forma de entrevista guiada. A entrevista se inicia com perguntas diretas focadas em respostas objetivas de identificação do entrevistado, como idade, ocupação. Depois se iniciam as perguntas mais abertas que estimulam a contação de histórias relacionadas aos temas propostos. Essas histórias que acontecem em algum espaço físico e social, portanto a sua narração sempre faz menção as percepções e representações a ele relacionadas. Foi dada relevância às narrativas e histórias contadas, pois as relações desenvolvidas nos jardins dificilmente surgiriam em respostas a perguntas apenas fechadas e objetivas. As perguntas mais objetivas, entretanto estavam também presentes no questionário e foram importantes para se obter números relevantes para o entendimento dos territórios.

A observação participante⁷⁹ foi fundamental para essa etapa, pois o contato direto do pesquisador com o espaço, com os agentes e com o fenômeno pesquisado trouxeram outros

⁷⁸ O questionário utilizado durante a entrevista está disponível no Apêndice A.

⁷⁹ A técnica de observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. O

dados para a pesquisa que escaparam da entrevista. Foi possível captar uma série de situações, agentes e espaços transmitidos pela observação dos jardins. Para que isso fosse possível, a entrevista, via de regra, se desenvolvia no jardim pesquisado. Para registrar esses dados foi usado um espaço para observações para cada um dos questionários aplicados. Como complementação e documentação da observação participante foi elaborado um levantamento fotográfico detalhado dos jardins. Esse levantamento fotográfico será apresentado em cadernos de forma que essas imagens possam ter uma maior autonomia e construir uma narrativa própria além de ser entendida como complementação das informações do texto. Esse levantamento vem permitindo identificação de novos agentes, identificação das espécies de plantas, conformação espacial dos locais que escaparam tanto das entrevistas quanto da observação.

Nessa etapa foi feito o segundo Café com Plantas para aprofundamento dos dados coletados nas entrevistas. Esse segundo encontro aconteceu quando já haviam vários questionários aplicados. Já havíamos também estabelecido um relacionamento mais aprofundado com o dono do bar do Tata, importante ator a quem todos identificam como um “ecologista”, um “amante da natureza”. Ele nos deu um suporte muito relevante nesse segundo encontro que aconteceu em frente ao seu bar, tanto no que diz respeito ao mobiliário utilizado quanto na divulgação e até na definição do dia e horário melhores: domingo depois da missa. As fotos estão disponíveis no Caderno de Imagens 4: Café com Plantas. (FIGURAS 43 à 53).

Para o segundo Café com Plantas a ideia foi aprofundar os dados das entrevistas com objetivo de coletar mais narrativas pessoais. Para isso foram desenvolvidos cartões para que as pessoas pudessem escrever neles o seu relato pessoal a partir do agente proposto. Como interface de comunicação e acesso às memórias de cada um foram impressas nos cartões fotos do local colhidas nos questionários já aplicados e nas visitas exploratórias. Os cartões continham também palavras que ajudassem a introduzir o assunto e a conversa. As palavras eram simples e foram escolhidas a partir do entendimento do lugar e dos agentes que o compõem; das ações que explicitam a forma de se relacionar nos jardins. Essas palavras eram: a rua, o quintal, a casa, a calçada, os objetos, o trem, o pixo, o rio, as árvores, as frutas, as mudas, os animais, a terra, a sombra, o cuidado, as trocas, o descanso, o mercado,

observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados. Nesse processo, ele, ao mesmo tempo, pode modificar e ser modificado pelo contexto.

os conflitos, os hábitos, a fé, a história, a prefeitura. Os cartões em branco foram colocados na mesa de café ao lado da comida (FIGURA 43). Um varal foi montado para que as pessoas pudessem pendurar os cartões após escrever sua história neles (FIGURA 53).

Outra interface utilizada para acessar as memórias e torna-las públicas no espaço foram placas (FIGURAS 44, 48 e 49). Foram confeccionadas placas de madeira e durante o Café, estimulamos os participantes a escrever suas memórias relacionadas aos jardins nelas. Essas placas foram colocadas pelos moradores na área pública onde o dono do bar cultivava um jardim com equipamentos de lazer construídos por ele, algumas árvores frutíferas e uma horta. As placas foram pensadas como um sistema gráfico ambiental com o intuito de proporcionar uma conexão visual entre a informação das narrativas e o espaço do jardim comum para encontrar a lógica oculta neles, deixando claras as conexões entre os agentes no espaço.

Esse Café com Plantas contou com muitos participantes, por volta de quarenta pessoas. A mesa ficou cheia de quitutes feitos pelos moradores, alguns deles com frutas, legumes e ervas que eles cultivavam. Algumas pessoas trouxeram mudas para doar e trocar (FIGURA 51). Contamos também com a presença de dois cachorros, vários passarinhos um gato da vizinha, e um tucano. Várias crianças participaram do café. As crianças se divertiram bastante nos brinquedos, balanço e cavalinho, construídos pelo dono do bar, além de improvisar um jogo de bola. Elas também se interessaram bastante pela escrita tanto das placas como dos cartões. Os adultos que compareceram se interessaram também em escrever nos cartões principalmente e contar suas histórias. Essas histórias são elementos importantes para a pesquisa e foram incorporadas no segundo capítulo.

Durante o café, uma moradora trouxe uma série de fotos antigas da Rua Souza Aguiar e do bairro (FIGURA 50). Essas fotos mostravam a rua de terra, os trilhos sem muro, as brincadeiras das crianças, as árvores antigas, sendo muito relevantes para que na pesquisa possam ser entendidas algumas transformações espaciais importantes no que diz respeito principalmente ao contato com a água e a evolução da área remanescente da mudança da ferrovia na Rua Souza Aguiar.

Quando já tínhamos as placas implantadas e vários cartões escritos e pendurados, sentamos para uma roda de conversa com o objetivo de descobrir afinidades, aproximar os jardineiros entre si e com a pesquisa. Nessas conversas incentivamos os participantes a escrever mais

suas experiências. As conversas foram muito esclarecedoras para se desenhar um panorama mais aprofundado da comunidade, para construir e aprofundar laços, descobrir afinidades e criar grupos. Durante essa etapa um assessor de um vereador compareceu ao café para saber do que se tratava o encontro e falar sobre um projeto da prefeitura para o espaço.

Depois da análise de algumas das entrevistas aplicadas guiadas pelo questionário, do segundo encontro do Café com Plantas e da análise das placas e dos cartões escritos nesse encontro foi proposta uma fase de entrevistas narrativas com pessoas identificadas como relevantes⁸⁰ para a pesquisa. Começamos com uma pergunta geral que normalmente é: conte sua história com esse jardim e como você entende natureza. Essa história é estruturada à maneira do entrevistado e com o seu léxico próprio. Não raro o entrevistado nos convida a percorrer os espaços e chama atenção para elementos que compõem sua narrativa. Os pesquisadores apenas escutam e filmam sem fazer perguntas num primeiro momento. Quando os entrevistados terminam sua narrativa os entrevistadores apontam alguns tópicos falados e propõem que o entrevistado ofereça mais detalhes. As entrevistas foram filmadas e transcritas. Foram feitas seis entrevistas.

⁸⁰ Os critérios para definição da relevância das pessoas foram principalmente seu engajamento na produção de jardins, públicos ou particulares, sua ascendência sobre a comunidade além de sua disposição para a entrevista mais aprofundada.

CADERNO DE IMAGENS 4:

Café com Plantas

A SOMBRA

O DESCANSO

O TREM

OS HÁBITOS

AS PLANTAS

OS OBJETOS

O RIO

O DESCANSO

OS ANIMAIS

A HISTÓRIA

AS FRUTAS

A RU

AS O

A CASA



Figura 43: Cartões usados no segundo Café com Plantas
Fonte: própria. 2018.

Figura 44: Placas usadas no segundo Café com Plantas



Fonte: própria. 2018.



A espada de São Jorge é uma planta que para nós espíritas tem um cuidado especial. A mesma assim com o santo guerreiro é vista e tratada como um instrumento de proteção, para afastar as energias negativas. Em nossa crença ela deveria estar em todos os lares.

Cecília Ribeiro

Página anterior:

Figura 45: Cartões com histórias escritas no segundo Café com Plantas

Fonte: própria. 2018.

Próxima página:

Figura 46: Cartões com histórias escritas no segundo Café com Plantas

Fonte: própria. 2018.

No meu jardim tem uma arvore de Umanaca de cheiro. nela apareceram pequenas lagartas coloridas de amarelo e preto. Deixamos as lagartas e dentro de pouco tempo varias casulos surgiram nos entes dos muros. Em pouco tempo varias Borboletas nasceram.

Umex depois Borboletas voltaram para o mesmo Umanaca e colocaram ovos, que nasceram lagartas e todo o ciclo secomeçou.

Todo ano temos borboletas nascendo no nosso jardim.

Certo vez meu sobrinho de 4 anos precisava fazer um trabalho sobre animais e plantas. Fizemos um mini terrario e colocamos duas ~~larvas~~ lagartas e um casulo. As euomas acompanharam todo os dias o desenvolvimento ~~do~~ ate o dia do nascimento da borboleta. Fizem dias de muito espectralivo e alegria para os colegas da turma.

Malthalw

Unoro doo da
rua Aropari
São Geraldo

Figura 47: Placas e mesa de café no segundo Café com Plantas



Fonte: própria. 2018.

Figura 48: Placas instaladas nos jardins do Tata no segundo Café com Plantas



Fonte: própria. 2018.

Figura 49: Placas instaladas nos jardins do Tata no segundo Café com Plantas



Fonte: própria. 2018.

Figura 50: Fotos antigas do local trazidas pelos moradores, segundo Café com Plantas



Fonte: própria. 2018.

Figura 51: mudas trocadas no segundo Café com Plantas



Fonte: própria. 2018.

Figura 52: Varal de cartões do segundo Café com Plantas



Fonte: própria. 2018.

Figura 53: Roda de conversa no segundo Café com Plantas



Fonte: própria. 2018.

2. NARRATIVAS DE JARDIM¹

2.1 A VÁRZEA PLANA E A RUA SOUZA AGUIAR

O bairro São Geraldo, como descrito anteriormente, é um bairro da zona Leste de Belo Horizonte que se localiza a jusante do Ribeirão Arrudas, na vertente norte. É um bairro de classe média com casas e poucos prédios. A configuração da Rua Souza Aguiar é bastante peculiar: está em um fundo de vale, acompanhando o muro e a linha de trem que a separam do rio. Essa separação é recente e aconteceu com o deslocamento da linha de trem. Há um terreno público remanescente dessa mudança da ferrovia que permitiu a análise das relações multiespecíficas tanto na esfera privada da casa quanto na pública, nos espaços remanescentes (CADERNO DE IMAGENS 5). A escolha desse território inicial se deu pelo meu conhecimento de uma senhora que cultivava essa área. Quando chegamos² ao território, a senhora que plantava as hortas que foi o motivo das pesquisas exploratórias, já havia falecido. O local estava com mato. Mas o jardim de flores que ficava ao lado permanecia ainda mais exuberante. Nessa primeira visita ao local, já dando início à pesquisa, conheci a dona do bar no início da Rua Souza Aguiar ao lado de sua casa, na esquina com Rua Mogoari.

No bar sempre tem água gelada que ela armazena e congela em garrafas pet e distribui a quem pede, tem marmitta até às duas da tarde e é onde também se compram fios de cobre. No bar o cardápio é sempre preparado de acordo com o clima e as verduras disponíveis. Perguntamos a ela sobre o jardim bem cuidado que se estende do começo da rua até a porta do bar e que foi o motivo da atenção sobre o bairro, ao que ela respondeu: *ah, isso aí é da Estrangeira, ela é quem cuida*. Essa fala se repete à medida

¹ Para a fluidez do texto, as falas dos entrevistados transcritas e incorporadas não serão deslocadas dentro do parágrafo como seria indicado pela norma técnica na tentativa de construção de uma narrativa conjunta. Essas falas dos entrevistados, quando usadas literalmente, serão diferenciadas no texto pelo uso de letras em itálico. Algumas expressões populares e neologismos serão apresentados entre aspas. As espécies de plantas serão citadas quando forem citadas nas entrevistas pelos jardineiros. As fotos dos jardineiros serão apresentadas com a permissão deles nas entrevistas. Muitos fizeram questão de posar para essas fotos e pediram para aparecer junto aos jardins.

² O plural será usado para as ações de pesquisa de campo porque foram desenvolvidas em conjunto com as bolsistas sem as quais essa pesquisa não seria o que é.

que conversamos com outros moradores, nesse mesmo dia e nas tantas outras visitas seguintes da pesquisa. *Mas eu tenho uma combinação com ela. Eu rego. É que o povo do bar adora sentar lá. E tem as taiobas e o boldo.* Completa a dona do bar reconstituindo a rede de relações que são constituídas pela presença do jardim (FIGURA 57).

O jardim do início da rua é uma coleção bastante heterogênea de espécies vegetais (FIGURAS 55 a 61). Tem várias orelhas de elefante, dracenas de vários tipos e cores, taiobas que a dona do bar serve vez ou outra no almoço, cana da índia, helicônias variadas, alguns cactos, várias marantas, lírios da paz, rosas, boldo para o fígado dos que bebem no bar (FIGURA 56) e espada de São Jorge para a proteção. Essa coleção parece um catálogo do que era moda no paisagismo na década passada acrescido de algumas plantas medicinais e plantas típicas da cultura mineira dos jardins que estavam presentes na casa de nossas avós. A composição e os locais de plantio são diversos: alguns vasos, um carrinho e alguns pneus aparecem como recipientes a serem usados como vasos além do próprio talude e da área contigua ao passeio.

Cida conta que: *a primeira presença de peso é a das castanheiras e dos ficus.* Árvores grandes que geram uma sombra importante na área que, como tem orientação solar norte, receberia sol forte todo o tempo sem elas. A sombra cria as condições para que as pessoas e os cachorros ali permaneçam. Essa presença também *atrai pássaros para o local.* A diversidade de plantas, de origem nativa e exótica, repete a diversidade da fauna e flora tropical do nosso país mesmo que conte com espécies que não estariam lá naturalmente. Com algum tipo de controle, essas plantas tem liberdade para se desenvolver e competir por espaço no ambiente desse jardim. *A gente vê beija-flores, sabiás, bem-te-vis, pombas de asa branca, rolinhas, corujas buraqueiras, maritacas, canarinhos rasteiros, tucanos, micos, esquilos, besouros, louva deus, mosquitos e formigas, os gatos e os cachorros.*

A sombra e o jardim fazem com que as pessoas queiram permanecer no local nos conta Bené. Para isso foram construídos mobiliários pelo Sr. Zé, pedreiro famoso, e pela dona do bar com ajuda dos moradores dos arredores, para proporcionar a permanência (FIGURA 65 E 66). *Temos alguns bancos de concreto e de alvenaria. Uma lixeira de tambor e um caixote. Tudo arrumadinho mesmo!* A sinalização do local também é construída com

placas de madeira pintadas (FIGURA 58). Como acréscimo aos mobiliários fixos, um sofá aparece no local por vários dias da semana e é guardado na casa da Dona Clô (FIGURA 55). Também algumas guirlandas de CD, que mais tarde soube serem para refletir a luz a noite, e um quadro completam o ambiente quase doméstico no qual se transforma o início da rua devido à presença do jardim (FIGURA 59). A presença da guirlanda de CDs também é utilizada por quem tem horta para espantar os passarinhos, mas segundo as entrevistas não é essa a questão nesse espaço.

Esse jardim do início da rua é um território comum que não se define por sua propriedade pública, mas pela sua construção e usos comunitários. É um local onde a casa pode se estender não só como ideia, mas como mobiliários e espaços típicos para o jardim da rua. O jardim está localizado no alto de um talude que fica no fundo de vale onde está toda Rua Souza Aguiar. A presença das plantas evita o desmoronamento e a criação de voçorocas que afetariam as casas que ficam embaixo do talude bem como a estabilidade da própria rua. O jardim garante tanto a estabilidade como um local importante de infiltração de água³. A variedade de espécies e tamanhos das plantas configura um elemento que tanto promove a infiltração quanto retarda a chegada da água no solo, contribuindo para o regime de águas do fundo de vale no qual se localiza. Se o tamanho desse jardim não é compatível com as características de uma mata ciliar, sua caracterização poderia ser por sua diversidade e características descritas anteriormente. As plantas são cultivadas a partir de conhecimentos básicos de manejo.

Ao ser perguntado sobre a água a estrangeira conta que faz questão de diversificar os tamanhos e espécies e de posicionar no *pé do talude as plantas que espalham*, ou seja, de raízes mais densas e que formam redes de proteção para a terra *para evitar que a água crie buracos tem que ser de todo tamanho e qualidade de planta. E também aquelas que tem raiz para os lados. Isso ajuda muito. Água é bom, mas tem que saber lidar*. Ela também conta que *aqui embaixo do jardim inunda quando chove muito* (FIGURA 61). *Mas essa mania de fecha rio dá é nisso mesmo. Quando falo que devia abrir o povo não concorda muito não. Até entendo, mas tinha que ter outra maneira*.

³ A existência da vegetação de estratos variados promove a estabilidade da terra no talude evitando voçorocas, pois as raízes seguram a terra e a diversidade de folhas retarda a chegada da água no solo. A presença de uma área permeável no fundo de vale também facilita a infiltração da água promovendo um melhor funcionamento da bacia hidrográfica.

Cida, a estrangeira, não mora no São Geraldo, alguns contam que ela mora no bairro Horto, outros no bairro Sagrada Família, mas todos relatam que ela sempre vem cuidar do jardim. Próximo à entrada do bairro, onde anteriormente funcionava um campo de futebol, há um bota fora onde é possível encontrar lixos eletrônicos, restos de materiais de construção e também árvores e mudas descartadas. *Assim que a moda muda, muitas plantas jogadas fora lá pelas floriculturas.* Em 2016 Cida começou a resgatar essas plantas e plantá-las no canteiro da Rua Souza Aguiar, junto às árvores já existentes.

Para a estrangeira as mudas são uma vida importante: *E que coisa mais ruim essa de jogar fora vida por moda! Tem muita coisa bonita lá no bota fora. Tudo que dá eu trago e planto aqui. Vida é vida. Moda é um negocio esquisito. Tinha época que eram moda essas plantas coloridas, agora tá tudo lá morrendo. Eu salvo tudo que dá.* Num posicionamento claro contra o consumo e sua necessidade ela questiona a moda dos jardins aproximando-se da crítica proposta e do mito das necessidades (ILLICH, 1990). Esses “jardins de moda” são também objeto significativo do mundo global “verde e conectado” (MONGIN 2013) e existem organizados pelas mudas produzidas comercialmente que alimentam uma troca constante de espécies num ciclo de renovação extremamente controlado e nada natural. Além disso, ela demonstra um claro amor à vida e uma preocupação com protegê-la e salvá-la. *Meio ambiente é isso meio casa meio ambiente e segue uma longa gargalhada. Mas não são só plantas, são filhas.*

Os catadores também são agentes importantes nesse processo. *Isso aqui não seria nada sem os catadores. Eles trazem o material quase de graça para gente aqui.* Conta a estrangeira ao ser questionada sobre as articulações necessárias para que o jardim se desenvolvesse. *Tem os moradores, tem a Fer que é minha ancora aqui, tem a Bené. Isso não seria nada sem todo mundo.* Para que o jardim comum do início da Rua fosse hoje o que é os moradores também são parte atuante.

Cida constrói o jardim à medida que planta fortalecendo as concepções preexistentes e reinventando os espaços comuns a partir da oportunidade que oferece o vazio remanescente e a falta de um projeto público ser implantado no local. Na sua ausência, quem cuida do jardim é Dona Bené e Fer, que junto a outras moradoras e moradores,

rega, arranca as folhas secas, varre as folhas para as árvores e vez ou outra, planta uma muda. É um jardim dos que moram ali próximos.

Próximo a esse jardim público estão Dona Rosa e Dona Teresinha. Elas moram em casas grandes, uma murada e a outra com um grande portão. Da rua era possível ver uma parreira que desafiava os limites do muro e, através de uma pequena abertura no portão, algumas samambaias. A palavra jardim foi, para Terezinha, motivo de estranhamento inicial, *jardim eu não tenho não, tenho umas plantas que planto aqui* e abriam as portas de suas casas, convidando-nos a entrar. Ao percorrermos os espaços a palavra jardim tornou-se constante ganhando várias nuances e foi também abandonada outras vezes: *aqui é um jardim de flores, aqui é um jardim como a gente faz no interior, olha esse jardim para proteger, aqui é quase mata*. A origem das duas são cidades no interior de Minas Gerais. *Eu sou do interior e sempre gostei de planta. Por ensinamento. Herança avisa Dona Rosa*.

As duas construções seguem um estilo parecido: externamente uma vedação em relação à rua, internamente uma casa recuada, criando o espaço para uma pequena varanda onde as plantas já começam a aparecer. Margeando a casa está o jardim lateral e de fundos, grande, onde a sensação é de se estar no interior, em casa de vó, tamanha a variedade de espécies, cores e combinações plantadas em vaso, canteiro e terra. Árvores frutíferas: mangueira, jabuticabeira, goiabeira, ameixa amarela; suculentas; plantas ornamentais; hortas e ervas; cada categoria organizada em espaços próprios, mas com limites fluidos o que faz do jardim um contínuo de espécies vegetais não hierárquico, apresentados um a um à medida que percorríamos seu território. Entremeados ao jardim, varais estendem a roupa molhada, uma tábua de cozinha seca ao sol, regadores, potes vazios. Aposentadas, as senhoras dividem a vida entre cuidar da casa, dos filhos e netos e do jardim. As áreas ocupadas por ambos os jardins nos lotes são grandes e representam aproximadamente 50% do lote, impactando bastante a infiltração de água no solo. Em ambos a diversidade de espécies que convivem nos jardins é grande e o controle tem hierarquia: menor nas áreas com árvores e maior nas hortaliças e flores.

Dona Rosa é costureira, originária de Manhuaçu e conta que seu jardim tem quarenta e oito anos, *o mesmo tempo que levo morando no São Geraldo* (FIGURAS 62 a 64). Logo na

varanda notamos um pequeno altar, com uma Comigo Ninguém Pode, alguns objetos de porcelana que ela conta ter ganhado de presente, algumas pedras, um cristal e um vaso com pimenteiras de plástico. *Meu neto estava brincando esses dias e não pode comer [pimenta], aí eu coloquei essa daí.* Perguntamos se havia algum motivo especial para as pimenteiras estarem ali, na porta de casa, ao que ela respondeu que não. Ainda assim, escolheu deixá-las ali, disse que tem gente que conta que *espanta o mau olhado, sendo assim, melhor deixar* (FIGURA 62). As plantas são dispostas numa hierarquia própria (FIGURAS 62 e 63). *Eu faço assim: plantas de enfeite e proteção na entrada, horta na lateral e o fundo, mas sempre com alguma flor ou folhagem misturada o fundo é mais selvagem e cheio de árvores.* Ao perguntarmos se existe uma planta preferida Dona Rosa é generosa, *gosto de todas.*

Ela também tem muito apreço pelos animais. *Aparece borboleta, tem uns besouros verdes que parecem joias. Agora aparece cada vez menos. Tem abelha jataí aquela sem ferrão* (FIGURA 64). *Tem meus cachorros e o gato da vizinha, tão ladino que me diverte ver a troça dele com os cachorros.*

Rosa não tem boa lembrança do rio. Só se recorda das enchentes e acha ótima a canalização. Mas também reclama do preço da água e *da multa da COPASA* para quem gasta muito. *Fica complicado regar minhas plantinhas sempre.* Rosa também reclama muito que a obra da avenida, a ampliação da via local para implantação da via 710, traz poeira. Segundo ela a poeira mata suas flores. Ela classifica a prefeitura de *insensível aos moradores.* A grande obra viária deve impactar bem mais que com a poeira a ocupação do bairro, pois canaliza um fluxo grande de trânsito para o local hoje bastante tranquilo.

Dona Teresinha mora com o marido, que possui e trabalha em uma oficina de marcenaria integrada à casa (FIGURAS 65 a 68). É de Capelinha, planta por prazer e para consumo próprio. Quando a produção é volumosa não descarta as trocas, *se deu muita alface e a vizinha muita couve, a gente troca.* Junto ao marido e no mesmo espaço do jardim de fundos, cria galinhas para consumo próprio e venda, como um complemento das rendas. Além das galinhas, há um cachorro, um papagaio e rolinhas em seu jardim, animais que ela cuida e conserva como companhias.

Ao perguntarmos se existe uma planta preferida Dona Teresinha é mais específica: prefere a Jabuticabeira, ao pé da qual costuma se assentar para rezar e também passar o tempo (FIGURA 65). *Essa árvore parece com a presença de Deus. Ela conta que veio do interior. Então planta e bicho estão na minha vida. Minha mãe tinha uns jardins lindos. Tudo que é qualidade de planta ela juntava. Eu aprendi e trago aqui* (FIGURAS 67 a 68).

Sobre o rio: *eu me lembro do Arrudas aberto, sem cimento. Era até bonito. Mas eu tinha medo da água no tempo de chuva.*

Um pouco mais adiante na mesma rua, está o jardim de Dona Manuelina, que há mais de dez anos começou a plantar na calçada em frente à sua casa (FIGURAS 69 a 71). A divisão espacial, ela conta, *é do toco de madeira branco para cá* apontando a divisão negociada do cuidado com o espaço. Essa marcação mostra uma territorialidade clara tanto no plantio quanto no cuidado da área comum. O jardim começou com a ajuda do sobrinho, que solicitou à prefeitura o plantio de dois Ipês. Seu desejo era um espaço agradável, com sombra, onde as pessoas pudessem simplesmente ficar como *uma praça mesmo*. A falta de espaço para o plantio em casa também contribuiu para que o jardim em frente se convertesse em uma extensão da casa da Dona Manuelina, que todos os dias às 9h da manhã varre a calçada junto ao jardim. Debaxo das árvores há um banquinho de madeira que *os vizinhos ajudaram a fazer para aproveitar a sombra*.

O limite legal do lote diz pouco ao território desse jardim. Ele se expande do doméstico ao público criando um território comum onde os bichos e as plantas não respeitam esse limite do lote e a senhora contribui para essa expansão por desejo próprio e por *amor por isso aqui. É minha casa. E o amor volta para mim na beleza. É igual essa planta aqui: é só regar que agradece fácil*. Diz dona Manuelina apontando para o dinheiro em pencas.

Nascida em Itambaruci, no interior de Minas Gerais, Dona Manuelina, hoje aposentada do estado de Minas Gerais brinca: *Parei de trabalhar pro Estado e fui trabalhar para prefeitura. E sem ganhar nada*. O jardim foi crescendo, ganhando novas plantas e incorporando-se cada vez mais à vida cotidiana e até a varanda de casa ganhou algumas plantinhas: *samambaias, um pé de boldo e outras mudas para transplantar para o jardim de fora*, as quais ela rega com um sistema simples que a neta ajudou a desenvolver: *como eu já estou mais idosa, não dá para ficar pegando escada para regar, aí eu uso isso aqui-*

aponta para a garrafa pet com água e um pequeno furo na tampa, que utiliza como regador.

Além das plantas, ela cuida dos animais deixando comida para os micos e cuidando para que sempre haja flores para os beija-flores e pássaros que com frequência visitam o jardim. No dia da visita ela nos mostrou a Paineira, que havia acabado de florir. Completa dizendo que há grande variedade de insetos: *joaninha, abelha, borboleta, libélula, besouro... só os gatos e cachorros, que tem na rua, é que vêm, cheiram, mas não entram, aprenderam a respeitar* diz atribuindo comportamentos humanos aos animais domésticos.

Conta também que tem ajuda dos netos e da vizinhança.

Sobre o rio e as águas fala que só sabe das histórias *de quando não tinha a linha e os meninos brincavam nele. Hoje tem essa água aí. Aqui no muro às vezes ajunta umas poças. Fico com medo de entrar para a varanda, mas nunca foi tanta.*

A porta da oficina de Seu Carlindo está sempre aberta. Estreito e comprido o espaço da garagem ao lado de sua casa funciona como oficina mecânica. Ao fundo, um pequeno canteiro com flores, uma goiabeira, algumas hortaliças, uma pequena muda de parreira e um pé de maracujá (FIGURAS 75 e 76). Carregado, o pé estava formando o maior maracujá que já vimos! Ainda verde, seu tamanho era ao menos três vezes maior do que um maracujá tradicional. Ficamos um bom tempo conversando: *Seu Carlindo será que isso é maracujá mesmo? Tá muito grande!* Ele respondia que sim, *você vai ver quando ele terminar de madurar.* Nas visitas seguintes quando passávamos na porta da oficina ele já vinha nos chamar, *vem aqui para você ver o tamanho do maracujá!* Criamos uma cumplicidade de acompanhar a fruta crescer e ficou combinado, quando maduro ele irá nos convidar para tomar o suco! O maracujá assume a função de articular as relações sendo o agente que as motiva e também organiza o espaço do jardim. Ele conta *essa é minha fruta favorita. Eu cuido sozinho disso aqui. Mas tenho gosto.*

Os bichos eu vejo muito passarinho. Outro dia tinha uma saíra. Conhece? É bonito, colorido. Eu espanto só as formigas. Mas não uso veneno não. Veneno é trem que não presta.

Sobre as águas do rio diz que acha *bom que está controlado. Era muita tragédia. Mas tem a Helena que tem nascente em casa e usa para regar as plantinhas dela. Isso eu acho inteligente. Gosto dessas engenhocas. Estou pensando em ter para mim aquela forma de pegar da chuva e guardar. Só não sei se apodrece.*

Bem próximo há outra oficina, a do Sr. Maurício. Embora não haja um jardim expressivo, em meio à decoração colorida da sua oficina, uma pimenteira plantada na porta chamou nossa atenção (FIGURAS 72 a 74). *É planta de proteção. Ela é meu soldado. Melhor que alarme é confiar nela. Nunca teve mal olhado ou desgraça que me pegasse.* Explica o mecânico. Ele também cuida dum jardim público em frente a sua oficina *que está meio feio, sem flor. Mas eu enfeitei.* Diz Maurício mostrando uma flor de plástico.

Na sequencia duas outras casas chamam a atenção pelo tamanho e exuberância dos jardins. A área dos mesmos representa por volta de 30% dos lotes. Os dois jardins são cobertos por grandes arvores que articulam os espaços: mangueiras, ameixas amarelas, abacateiros e jabuticabeiras. A sombra tem um papel relevante. Como nos jardins de dona Rosa, há uma hierarquia do controle que começa na horta e vai diminuindo até as árvores. Também há grande diversidade de espécies vegetais e animais que circulam no jardim.

Elis e Mar são um casal que nasceu e cresceu no bairro. Ela e o marido plantam por prazer (FIGURAS 77 a 78). *Plantar me desestressa. Embeleza, refresca. Atrai bichos e animais silvestres.* As frutas também estimulam trocas com a vizinhança. Ela dá muda, fruta, verdura, chá para a família e para todo mundo que passa. *Sacolão eu nem sei mais o que é. Se der muita manga a gente distribui, congela, faz doce e compota. A fruta dura. E tem os que depois trazem fruta para nós quando aqui não tem. Sr. Geraldo é um desses.*

Elis também conhece o Sr. Geraldo da escola no início da Rua Souza Aguiar e mantém uma troca constante de mudas e lições de plantio com o senhor que conheceu passando na rua e ficou admirado com as mangas. Para ela *ele é muito conservador. Sempre traz chazinho, algumas mudas. Ele passa e toca a campainha: trouxe um chá. E ele é um que faço questão, sempre separo muda e fruta para ele.* Ela não tem planta de preferência. *Aprendi muito a plantar com a internet. Tenho um grupo de whatsapp só de dicas. A*

modernidade ajuda a gente. Mas tem coisa que não funciona igual aos vídeos. Ai é só testando mesmo.

Os animais são um elemento que segundo Elis motivou seu interesse ainda mais pelo jardim. Ela mostra no celular fotos de micos, passarinhos, um calango e insetos. Ela tem um gato que não deixa *bulir com os passarinhos. Eu dou muita comida. Ai fica todo preguiçoso e deixa os passarinhos voarem em paz. Mas faz parte da natureza do bicho. A gente pensa que interfere, mas os bichos soltos como é aqui convivem da maneira que tem que ser. Natureza é que manda.*

A moradora também utiliza as plantas como medicina tradicional e doa para os vizinhos. *É um prazer, as pessoas pedem. Tem sempre um senhor que passa pedindo guaco. Tem uma moça que tem um filho com asma, levou guaco e depois de dois dias voltou pedindo mais. As plantas tem sabedoria que a gente pode usar. Elas curam.* Do rio ela se lembra um pouco. A mãe dela contava que até nadava no ribeirão Arrudas. Ela acha: *uma pena que agora esteja tão longe. Pois eu gosto de água. Quando chove molha tudo aqui. Eu adoro o cheiro.*

Fabi também nasceu em Belo Horizonte e possui um jardim grande (FIGURAS 79 a 80). Ela reconhece o seu espaço de outra forma: *jardim não tem não, tem arvoredos. Tá mais para floresta que a gente põe a mão um pouquinho que para jardim cheio de frufu. Mas tem a minha mão sim.* A partir dessa definição ela reconhece as árvores como os agentes que definem as relações no jardim. Ela cuida do jardim com a mãe que é de Lafaiete *que sabe de um tudo de planta. E ela é doida com os bichos.* Plantar e manejar o espaço sob as árvores é fruto da *necessidade de alimentação e do prazer* em conviver com as plantas e animais.

Para elas o território é do jardim *a gente mora no jardim. Não tem casa e jardim. Tem o jardim com uma casa. Eu sempre gostei é do mato.* Os vizinhos da oficina que cuidam de um jardim dentro dela e na área remanescente são pessoas com as quais ela troca muito mudas, couve e chuchu. O casal e Fabi, sua mãe e alguns vizinhos acompanham admirados o jardim na área remanescente que vem sendo plantado pelos irmãos da oficina. Eles também identificam o jardim com a solução do problema do lixo que é depositado em toda extensão de terra da área remanescente. *Está ficando bacana! Só*

faltam banquinhos para sentar. Ao invés de tacar lixo, eles plantam ali. Porque senão fica cheinho de lixo e de entulho. Eles fazem a vez da prefeitura.

Betim e Nil são irmãos e donos de uma borracharia na Rua Souza Aguiar e cresceram no bairro. O irmão mais velho nasceu no interior o outro já em Belo Horizonte. Eles gostam de plantar, mas como era preciso cimentar o lote para que a borracharia funcionasse e houvesse espaço para parar os carros, há apenas uma faixa de terra comprida que segue o muro. Nesse canteiro muito bem cuidado os irmãos cultivam couves e cana que consomem, trocam e dão para a vizinhança (FIGURA 85).

Mas para que a vontade de plantar não fique presa a gente planta aqui na frente. Assim os irmãos estão construindo um jardim em frente à oficina (FIGURAS 81 a 84). Ele surgiu porque no local, várias pessoas do bairro e de fora dele jogavam entulho de construção e lixo. Tinha muito colônio também. Esse capim que invade tudo. A gente foi capinando com vontade e agora dá para plantar nossas flores. Duas grandes paineiras marcam o território desse jardim que tem uma extensão considerável porque está localizado numa área mais plana e no início do alargamento da área remanescente próximo à passarela de travessia que conecta o bairro ao rio e ao outro lado da linha de trem (FIGURA 86). Os jardins também recebem uma quantidade boa de luz solar já que as folhas dessas árvores são mais esparsas.

Os irmãos usam para o plantio tanto a terra quanto várias sucatas como vasos. O jardim começou mais tímido e com plantas mais rasteiras e com uma caixa d'água furada. As plantas estão crescendo. A preferencia dos irmãos é por flores. *É uma beleza ver abrir as flores. Tem um perfume e atrai beija-flor, tudo que é pássaro. E as senhoras vêm admirar também e colher muda, e flor. A Dona Luiza leva sempre para Nossa Senhora. E ela é mãe também.* Tem pessoas da vizinhança que também trazem sempre mudas para eles. Eles pensaram no início que *os vasos de flor não iam vingar. Só que eles não mexeram em nenhum. Tá cada dia mais bonito.* O pé de ora pro nobis é apontado por Betim que conta que: *muita gente vem pegar para comer.* Ele usa o termo lobrobó para se referir à planta e destaca a rusticidade dela que está se alastrando e fechando o muro da ferrovia. O boldo, o funcho e a erva cidreira são ervas que sobressaem entre as flores. No meio das flores algumas são de plástico. Ele diz que ganhou e colocou lá para enfeitar.

Os micos, alguns bem-te-vis, o João de barro e muitos passarinhos vêm ao jardim além de joaninhas. Não há controle dos animais.

Os mobiliários são poucos: os vasos e uma cadeira de vime típica das varandas. *Eles estavam pedindo uns bancos. Era bom que a prefeitura ajudasse. Mas como somos só nós mesmo eu ganhei essa cadeira e pus ai. Ficou bonito que nem jardim de fotografia.*

Os vizinhos também têm pedido para que os irmãos estendam os jardins até as casas próximas. *Outro dia veio àquela mulher que mora aqui do lado com a irmã dela. E nós aqui mexendo e ela falou assim: minha irmã tem vergonha, mas vocês podem fazer para nós e cobrar o que vocês quiserem. Mas nós não vamos cobrar não. Nós vamos fazer. Devagar. Elas já estão na casa delas fazendo as mudas.* Sobre a participação do poder público tem o desejo de ter ajuda ou incentivo. *Se a prefeitura fizesse pelo menos um incentivo e limpasse o local do lixo. Limpasse ou desse umas mudas ficava bom. Mas a gente segue fazendo. Sem ajuda mesmo.* Mas essa falta não representa uma dificuldade para eles porque *fazer o que a gente gosta é muito bom.* Ele destaca também que o jardim é um meio para *fazer amigos. Toda hora a gente conhece alguém, para um para perguntar se é a prefeitura que está fazendo. Se pode pegar uma flor. À tarde, quando a gente está mexendo, para bastante gente para querer saber.*

No segundo momento quando passamos para convidar os irmãos para o segundo Café com Plantas, conversamos novamente sobre o jardim. Eles construíram uma contenção de telhas formando dois níveis para o jardim que era um talude. Essa contenção foi construída com o objetivo de manejar a água das chuvas. *As chuvas estavam desbarrancando nosso jardim. Ai nós usamos as telhas para segurar. O Doca ajudou a gente. Fizemos de uma forma que dá também para segurar a água na planta. Estava difícil ficar regando. Água é caro.* Os níveis construídos nos jardins tem uma leve caída que favorece a infiltração da água no solo.

Segundo os moradores que foram ao Café com Plantas, esse jardim está cada dia mais lindo. É muito gratificante, segundo várias opiniões, que o lugar seja transformado em jardim e que não seja um depósito de lixo. A predominância de plantas com flores também agrada muito. *E as flores eu levo sempre para nossa senhora. Ela protege a gente. Ela gosta de natureza.* Os pássaros também são motivo de contentamento. *É uma*

beleza ver tudo abrindo e os passarinhos. O cuidado dos irmãos foi motivo de admiração. Eles são caprichosos. Presenteiam a gente com aquela beleza. Nesse jardim as flores são os principais atores que tanto mobilizam a atenção quanto o cuidado. Por ser uma área de muita circulação, pois está perto da passarela, as flores dos irmãos já são famosas no bairro e atraem admiradores.

Um pouco mais à frente nos deparamos com uma sacola com chuchu num banco em frente a uma casa. Ao bater na casa uma senhora chama do ponto de ônibus: *não tem ninguém não. Eu estou de saída. Se quiser pode pegar uns.* Fala apontando para a sacola. A senhora cultiva várias hortaliças em seu quintal. Adora os bichos, menos os morcegos, dos quais ela tem medo. E num gesto de muita gentileza ela distribui o excedente em sacolas deixadas no banco. *Eu amo o São Geraldo. É de retribuir o lugar. Amizade das pessoas é coisa preciosa. Tenho só amigo aqui. Os vizinhos e as plantas. E tem os bichos também.* Fala exaltando o seu amor pelo bairro e a amizade que constrói nele.

Dona Lucinha estava apressada e respondeu rapidamente a entrevista (FIGURA 87).

Ao descer a rua nos deparamos com uma fileira de espadas de São Jorge (FIGURA 88). No passeio junto a uma casa. Assim conhecemos o Pai de Santo filho de Xangô. O jovem, que nasceu na Umbanda, está à frente da Casa de Caridade Umbanda Raiz de Jorge e é o pai de santo dessa casa. Segundo ele *desde sempre eu tenho planta. Sem planta não tem orixá.*

Com a vizinhança mantem uma relação harmônica. *Eles respeitam mesmo não concordando. E tem muita gente que vem me pedir remédio. Agora tá feio por causa da obra.* Ele conta que só um vizinho cria conflito com a casa *ele é daquela religião que não respeita as outras. Mas é só ele. Fica sem companhia. Para a Umbanda, as plantas são [elementos] dos Orixás, modo de sobrevivência. Se não tem mato a gente planta jardim. Tem que continuar.* Também chama atenção para o uso medicinal das plantas não só quimicamente, mas como um elemento místico que trata *para além do corpo* numa conexão mítica com os elementos naturais. *Melhor os remédios que vem da terra, como antigamente, não tinha química. Trata o corpo e a alma.*

Da espada de São Jorge ele não abre mão. *Eu quebrei a calçada para colocar elas aí. São elas as responsáveis por filtrar as energias. Proteger.* E introduz um agente que é

responsável pelo plantio e pelo jardim: a religião e a entidade. *Essa daqui foi uma entidade que pediu a uns dois ou três meses. Espada de São Jorge é benção.* Fala apontando para as duas plantas ao lado da porta que se encontram em posição simétrica de proteção marcando o território. *Essa espada de São Jorge está conectada ao chão, pois melhor que esteja na terra. Ao redor coloquei pedras do trilho de trem, são as pedras de Ogum, o orixá do ferro. Dentro do buraco, para plantar coloquei carvão para ajudar a purificar as energias que a planta pega e devolve para terra.*

Mas ele está preparando para achar um terreno maior para plantar e mudar a Casa, pois *a energia está de expandir.* E um agrônomo, filho da casa, contribui muito trazendo plantas medicinais. Ele cuida de vez em quando das plantas. Os filhos da casa ajudam na tarefa de cuidado. *É forma de se ligar.* As plantas também são usadas nos rituais religiosos. *Mas antes de usar peça licença. Agô.*

Ao ser perguntado sobre o rio: *a água está sumida. O rio tinha e hoje a gente não vê.*

Chegamos ao Tata através de seu amigo Daniel, que estava sentado à sombra de uma árvore, na beirinha da calçada, onde gosta de passar o tempo. Daniel também mora no bairro, *mais para cima, perto da praça,* e costuma, como outros moradores, descansar por ali na Souza Aguiar. Enquanto conversávamos, duas vizinhas, que não tem espaço em casa para plantar, disputavam a saltos e tom de brincadeira quem conseguia pegar a única goiaba madura da goiabeira plantada na área remanescente (FIGURA 90). Foi o amigo quem nos mostrou o Jardim do Tata. Mas esse jardim já se anuncia na calçada na frente do seu bar e de sua casa. Há um cavalinho de madeira embaixo do ipê da calçada (FIGURA 89).

À frente, Espadas de São Jorge, arruda, árvores nativas e plantadas, bananeiras e um balanço para adultos e crianças. As árvores frutíferas: abacateiros, mangueira, ingá, araçá, goiabeira e algumas paineiras proporcionam sombra que favorece a permanência e atraem animais domésticos e silvestres. Entre os balanços um toco de madeira faz às vezes de banco. Atrás, próximo ao muro da ferrovia numa clareira, há uma horta recém iniciada. Daniel conta que a Prefeitura fala que vai plantar ali e nunca planta, *ai o Tata resolveu plantar ele mesmo.* São dois canteiros marcados e cercados com barbante e o plantio é agroflorestal com tubérculos, hortaliças e árvores frutíferas. Ele também

mantem uma área onde ele junta as folhas numa pilha para compostagem. Do outro lado da via, um cavalo-de-pau que descartaram na rua o Tata instalou na calçada em frente à sua casa.

Tata nos conta que o jardim começou com ele. *Mas não fui só eu não. Eu furava os buracos e falava com os meninos: planta uma árvore ai para crescer junto com vocês. O Fabrício plantou o ipê, o Bi plantou o flamboyant, Rafael plantou o ipê rosa. O Hudson é mais religioso e adotou uma Santa Bárbara. Aquela que tem bolinhas de semente é linda! Ai foi cada um mandando o seu.* Para ele a falta de interferência do poder público os deixa mais livres nesse processo. *E a vida a gente traz para perto da gente. Tudo é amigo da gente. Os cachorros, os passarinhos, as plantas. Na coisa boa e na ruim.* A diversidade de plantas é bem grande (FIGURAS 89 a 94).

Tata é uma figura de referência no bairro, quando nos apresentamos como pesquisadoras de jardins o apontamento é certo: *Vocês tem que conversar com o Tata, ele é que é o ambientalista por aqui.* Ao lado de sua casa, está o "Bar do Tata" que também é ponto de referência e encontro de moradoras e moradores do São Geraldo. Decidimos então marcar um encontro no bar para conhecer e entrevistar o Tata, que trabalha fora durante o dia e à noite abre as portas do bar, onde vende cerveja e espetinhos, pendura notícias e cartazes de resistência política e se senta à mesa com os amigos. Os casos foram inúmeros e será preciso muitos outros para conhecer as histórias de alguém que há quarenta anos está no bairro, habitando e interagindo em seu espaço cotidiano com uma postura de respeito e valorização da vida. Em meio ao espetinho e ao churrasquinho o Tata foi o morador mais interessado que conhecemos. Com ele também filmamos uma entrevista num sábado à tarde. Foi ele que ajudou na organização do segundo Café com Plantas e que garantiu o seu sucesso.

Tata compartilha lembranças do rio, onde se brincava e nadava: *os meninos voltavam tudo marrom de lama, e no dia seguinte estava lá, tudo dentro do rio de novo.* Segundo ele, *o Arrudas já era poluído nessa época, ainda que em menor proporção, às vezes passavam manchas de esgoto e desviar o corpo delas fazia parte da diversão. Era fácil chegar ao rio. Sabe a passarela? Então, a gente descia por ali de manhã e só voltava na hora do almoço.* Para ele o muro da ferrovia deixou o rio longe. *Antes da obra do trem a*

gente já ia pouco ao rio. Tem que trabalhar. Mas os meninos iam. Já não dava para entrar naquele trem de concreto. Mas eles arrumavam brincadeira para fazer. Jogar pedra, corrida de folha. E tinha as árvores. As mães não gostavam não, mas sabe como é menino. Com o muro ninguém vai. Agora é outro lugar. Parece fora do bairro. A obra de transposição dos trilhos do trem pôs fim a alguns acidentes na linha que não comportava os trens modernos. Ela deixou a área remanescente, entretanto separou o bairro e o fundo de vale do rio com um muro. *A obra cortou um mundo de árvore que tinha lá. Era árvore da minha infância. Sangra d'água, ingá. Foi de chorar.* Lembra Tata, denunciando o desmatamento da mata ciliar promovido pela Vale e pela prefeitura para viabilizar o deslocamento da ferrovia.

Uma moto passa ruidosa e em alta velocidade, desviando nossa atenção da conversa, ao que Tata pontua: *essa rua deveria ter um quebra-molas.* Relata ainda que um dia fez um: pegou uns sacos de linhagem, encheu de terra e colocou atravessando a rua, para ver se as pessoas reduziam ao passar por ali preocupado principalmente com as crianças. *“As crianças atravessam sem olhar para ir ao balanço, colher fruta. E eles gostam daqui.”* Sobre o quebra molas ele conta que: *Funcionou, mas o feito recebeu o apelido de 'quebra-molas do Tata' e ele resolveu tirar. Quebra-molas do Tata. Se fosse quebra-molas de todo mundo tudo bem, mas quebra-molas do Tata não dá não. Aí eu resolvi tirar.* Pontuou que sabe que é conhecido na região, e às vezes é preciso recuar em algumas lutas para alcançar outras e que não adianta lutar sozinho. Tata se mostra bastante ativo e articula varias ações comunitárias como essa. Além disso, em torno dele e da sua *causa da ecologia* vários vizinhos se juntam para se relacionar com o aparato público: reivindicar, contrapor o poder público ou mesmo agir sem a sua anuência ou até sem seu conhecimento. Os jardins do Tata existem e são muito frequentados pelos moradores sem nenhuma ação do poder público. Ele não tem uma boa imagem daqueles que ele chama de *“os homi”*. *Eles chegam com trator e destrói tudo. Destrói todos os jardins. Possíveis né? No meu jardim tem o possível e a gente tenta o impossível* diz sorrindo num trocadilho com a pesquisa.

O caso mais emblemático de ação no sentido de preservar o jardim e contrapor o poder público foi o dia em que disseram que iriam cortar os abacateiros próximos à sua casa. Os abacateiros são presença importante no jardim do Tata. Eles são responsáveis pela

sombra nesse trecho da área remanescente e por atrair *um amontoado de pássaro de encher os olhos*. O que chegou primeiro a ele foi o rumor, *disseram que iam cortar e arrancar tudo fora. Limpar o terreno*. Depois, Tata começou a observar um homem que sempre vinha, acompanhado de um cachorro, caminhar pelas redondezas. Disse que estranhou por não reconhecê-lo. O São Geraldo conserva fortes relações de vizinhança e as pessoas costumam conhecer umas às outras, mesmo que de vista. Passado algum tempo, o vizinho, a quem chamam de "Capitão", alertou que iriam, no dia seguinte, cortar as árvores. O Capitão mantém uma relação antagônica com o Tata, pois apresentam posturas muito diferentes: o senhor é um capitão reformado de exército e o Tata um rastafári dono de bar. Eles são vizinhos há quase quarenta anos e se unem sempre na necessidade: *nós somos água e vinho, mas amamos isso aqui. São Geraldo é nossa vida*.

Fizemos uma arapuca. Havia cortado umas mangueiras anteriormente e os troncos ainda não tinham sido recolhidos. Tata e alguns amigos, *que moram ali perto*, posicionaram os troncos no meio da via de forma a bloquear a passagem dos caminhões que viriam fazer a supressão. Estes estacionaram, e os técnicos então *caminharam com uma motosserra, dispostos a fazer o serviço*. *Chegando aos abacateiros os moradores protestaram* e na insuficiência dos pedidos pela permanência dos abacateiros, à época carregados de frutos, *eles [os técnicos da prefeitura] chamaram a polícia comum e nós chamamos a florestal*. *A florestal chegou primeiro*. *O sargento pulou os troncos com cara bem brava*. *A estratégia do sargento foi requisitar os pedidos de licença*. *Você tem licença para realizar essa poda?* Retornaram aos carros e voltaram com a licença. A licença era para cortar cinco árvores. *Eu perguntei ao sargento: não tem como impedir? Ele respondeu: se a prefeitura autorizou não*. *O sargento era bom: e a licença da motosserra, vocês tem?* Os responsáveis voltaram aos carros, fizeram ligações e de fato, encontraram a licença: estava em Sete Lagoas, município da região metropolitana de Belo Horizonte, e a essa altura, devido aos atrasos da barricada e da negociação, tornava-se inviável o deslocamento para a obtenção da licença e a execução das operações de corte. Finaliza sorridente: *Tá aí ó, tudo de pé*. E conta que quando é época de abacate distribui aos vizinhos, do tanto de fruta que dá!

Os abacateiros, bem como as outras frutíferas, representam também a possibilidade de alimentação para os bichos, mas também para algumas pessoas. Ele conta de uma

senhora, da qual ele não fala o nome para preservar, o agradeceu: *o Tata, Deus te abençoa de ter plantado esses abacates aqui. Teve uma semana, que nós almoçamos, jantamos e tomamos café abacate.* Tem também um homem que colhe os abacates para vender: *esses seus abacates me deram uma semana de almoço.* A mangueira também alimenta muita gente. *As mangas dão sempre alimento. O pessoal enche as “sacholadas” e leva.*

O Tata está ampliando o jardim para os lados na frente de outros vizinhos. Fez uma pequena depressão para reter água da chuva junto a sua horta. No sentido oeste ele vem negociando com os vizinhos e plantando na área remanescente. *Os tucanos e o pau doce convenceram a eles.* Para leste o capitão impede a expansão do jardim (FIGURA 116). *Tinha uma quaresmeira e foi cortada. Tinha uma paineira e ele cortou também. O capitão varre as folhas xingando.* Tata ri do conflito apontando as mudas que brotaram semeadas pelos periquitos. *Os periquitos comem as sementes de paineira todas e ajudam a semear.* Diz Tata descrevendo com precisão as fazes reprodutivas da paineira. Ele nos conta da sua vontade de espalhar orquídea nas árvores. *Ainda vou tentar com as orquídeas.*

Os conflitos são vários principalmente devido às folhas e ao cocô dos passarinhos. *Tinha um Doutor que queria cortar aquela castanheira com um facão. A noite dava batidas. Acordou todo mundo. E conseguimos manter ela por um bom tempo. Tem histórias engraçadas, mas corta uma a gente planta dez.* Mais a frente ele mostra um local onde eles não cultivam e que fica cheio de entulho. *A prefeitura nem olha. E o pessoal da dengue também ignora. As plantas seguram o lixo. E não é gente daqui não. Vem de longe. Mas se a gente mostra que tem dono eles ficam tímidos.*

Foi no bar onde o segundo Café com Plantas aconteceu. Muitas das entrevistas aqui apresentadas são frutos desse encontro. Para os jardins do Tata o encontro trouxe uma sinalização com placas das histórias das pessoas com aqueles jardins e outros dois encontros promovidos lá pelos moradores. As placas o Tata guarda no bar quando fecha no fim da noite e coloca pela manhã quando sai para trabalhar. Um mês depois aconteceu o Musica com Plantas e depois o Almoço com Plantas nos moldes do café que promovemos, mas organizado por eles apenas como forma de juntar os moradores para festejar. Fomos apenas convidadas.

Um pouco mais à frente está a “Casa das Marias” como são conhecidas e onde o jardim é tradição de família. São quatro pessoas na casa, a mãe e as três filhas. Para elas o bairro *tem cheiro de roça*. As filhas aprenderam a tradição das plantas com a mãe e o pai que plantavam juntos e *eram unidos por isso. Era muito bonito de ver*. É enorme a variedade de espécies. Elas se alimentam do que plantam e aproveitam toda a planta. Elas cultivam no meio das flores, folhagens e das hortaliças muitas plantas medicinais. Essas plantas garantem a saúde da família e de toda a vizinhança. *Vem gente até da praça atrás de um remedinho nosso* (FIGURAS 95 a 102).

Elas são conhecidas como as “médicas” do bairro. Acreditam na medicina natural como a melhor forma de tratamento para as doenças. *Se as pessoas aprendessem com nossos antepassados e soubessem se apoiar na natureza os hospitais não estariam tão cheios*. Maria Helena tem anemia hemolítica e encontra na medicina natural a melhor forma de viver bem com a doença. *Hoje eu não faço mais controle no Hemominas. Quanto menos remédio de farmácia eu tomar, melhor para mim*. Elas demonstram um conhecimento enorme das plantas. E tem também uma responsabilidade com seu uso. *Não é todo dia que a gente toma os chás. Só quando precisa. Planta é bom, mas tem que saber usar. E tem planta que não combina com o organismo. As plantas tem que ter afinidade com a pessoa para ajudar*.

Como técnica de plantio elas aplicam a rotação de cultura. Os chás ficam nos canteiros menores, nas bordas, pois é mais fácil para colher. *Canteiros misturados parecem favorecer as amizades: uma planta ajuda a outra*. Produzem esterco caseiro, *juntado folhas secas e cascas em um cantinho* e logo, quando decompostas, utilizam a mistura como adubo natural. Para controle de pragas usam vinagre e caldo de fumo, além de contar com alguns pássaros como aliados. Ficam também atentas às borboletas como marcador biológico da qualidade do ar. *Borboleta não fica em lugar de ar sujo*. Ela aponta os animais silvestres que frequentam sua casa e o jardim do Tata logo à frente. São micos, borboletas, tucanos, e vários pássaros. *São todos lindos! Todos amigos da gente*. Tem também a presença da religiosidade como proteção. *A minha nossa Senhora tem uma capela no jardim* (FIGURA 102). *Ela protege a gente com as bênçãos. E eu honro com flor*.

Do rio elas se lembram das enchentes. Como não havia a barreira do muro e da linha, o fundo de vale *ficava tomado pelas águas do Arrudas* que segundo elas *chegavam até quase a linha antiga. Muita enchente. O rio cinquenta anos atrás já não era limpo. Não era tão sujo nem tão limpo. Só que a gente, menina, brincava nele.* Lembram-se dos tiradores de areia preta. Relembam uma história de uma antiga ponte de madeira que dava acesso ao São Geraldo. *A ponte estava deteriorada, mas a prefeitura não tomava providências. A população decidiu então atear fogo na ponte e por muito tempo, mais de anos, o acesso ao bairro se deu através de barqueiros que realizavam a travessia pelo pagamento de algumas pratinhas.*

Para o poder público uma das Marias têm várias sugestões. E usa o Tata como exemplo. Ela acha que o espaço remanescente deveria *ser um grande jardim com horta, plantas medicinais, árvores frutíferas. Olha o que o Tata começou ali?* Porém aponta a necessidade de educação ambiental no sentido de *entender os ciclos de maturação das plantas e respeitar os tempos de plantio e colheita.* As Marias são todas professoras e confiam na educação como parte importante de tudo.

Elas projetam o fundo de Vale como uma utopia facilmente realizável *se a gente tivesse um poder público só um pouquinho inteligente. O fundo do vale seria todo florido, com plantas perfumosas. Também teriam árvores frutíferas de todos os tipos para que ninguém passasse fome. Cada uma dando no seu tempo diferente. E teriam as medicinais. Podia cercar um pedaço e plantar. Dessas, eu mesma ficaria como a responsável. Seria como que uma floresta só que como um jardim. Seria o paraíso na Terra.*

Um pouco a frente das Marias um jardim muito bem cuidado na área pública sobre um muro de gabião chama nossa atenção. Ele possui duas grandes árvores e um canteiro mais baixo com algumas flores, espadas de São Jorge, couve e ervas. Ao fundo o melão de São Caetano sobe na grade que protege a ferrovia formando uma cortina verde salpicada por frutos alaranjados (FIGURA 103). Esse jardim é cuidado pelos donos e os funcionários do salão. Eles fazem questão das flores. *A gente trabalha com beleza. Tudo ao redor é melhor que esteja bonito. Tem flor de cheiro e sem.* Sobre a espada de São Jorge a resposta é a mesma que já ouvimos tantas vezes: proteção. A cortina formada pela trepadeira o melão de São Caetano trazida da África pelos escravos nasceu

espontaneamente. Mas é cultivada com cuidado e tem o *objetivo de formar uma cortina bonita e criar um ambiente bom*. Uma moça que trabalha no salão *tem usado para diminuir a acne. E não é que tem funcionado? Se fosse mais simples até ia usar nas clientes. Mas você sabe como é*. Diz um dos donos do salão receoso do uso da planta medicinal comercialmente. *Ela falou que é bom também para diminuir o açúcar no sangue. Que os negros trouxeram para ajudar eles na carestia. Ela é estudiosa da origem negra. Ela cuida das tranças aqui. É uma beleza!* Diz orgulhoso apontando fotos do seu álbum de trabalhos.

Ao fim da Souza Aguiar um viaduto sobre a linha férrea marca os limites entre os bairros São Geraldo e Caetano Furquim. A via constitui uma barreira geográfica que sintomaticamente interrompe a narrativa dos jardins, estipulando para bairro limítrofe uma distinta configuração espacial. Nesse ponto, a relação de pertencimento dos moradores também é outra.

Seu Geraldo mora justamente nessa transição e sua história carrega a herança de uma subjetividade que ainda resiste às alterações físicas e espaciais do desenvolvimento urbano e das obras de mobilidade. Sua casa está nos fundos de um estabelecimento que funciona como bar e armazém. Ali, Sr. Geraldo mora sozinho entre lembranças, quadros com retratos de familiares estampam as paredes que parecem contar de uma história que já não é mais. Nossa conversa a todo tempo escapou aos jardins, num alento nos tornamos ouvido para alguém que ansiava por compartilhar a luta diária de viver a vida.

Aposentado, o senhor de oitenta anos nos conta de quando sua esposa e filhos partiram em regresso ao interior, do acúmulo de *louças na pia e a falta de gosto para lavar* e das dificuldades em elucidar um aviso de recálculo em seu benefício de aposentadoria. Conta, que sua *vida de idoso agora é isso, e assim vou levando, cuidado da casa, do bar e da pracinha*. Na calçada em frente, o espaço residual da transposição do trem era menor e foi preciso alargar o passeio para criar uma pequena praça onde as pessoas costumam parar para conversar e descansar (FIGURAS 104). A experiência é convidativa, pois o espaço conta com grandes árvores, estando três delas protegidas por um canteiro de tijolos e pedra que preservam e formam bancos. O lugar é um ponto de referência para quem mora por ali e para Seu Geraldo seu significado é ainda maior: *foi seu pai quem*

plantou aquelas árvores quando ainda era vivo, uma árvore para cada filho. E ele trata as árvores como seus irmãos que já não estão mais presentes. Aqui não tinha uma árvore, não tinha nada para gente. No dia de sol num dava para ficar em casa. Aí plantamos as árvores. Plantamos ipês, castanheiras. Foi meu pai em homenagem a cada filho. Elas ficaram ligadas na gente, são família.

A vizinhança agradece ao senhor e gosta muito do espaço que ele fez. *Olha, só faltou mais colaboração, plantarem também. Mas eles gostam. Todo mundo para para sentar e ver a vista.* Ele também conhece e se interessa pelos outros jardineiros da Souza Aguiar. *A continuação [do jardim] da Souza Aguiar, normalmente são moradores antigos que cuidam. Conheço todo mundo.*

O rio era bem bonito, cheinho de árvore. Tinha a ponte de madeira que deu uma discussão com a prefeitura. Mas depois teve o muro do trem, e a gente não via mais a água. Eu vi enchente também. E os meninos brincando na beira dele. Hoje nem sei mais, com esse viaduto parece outra cidade.

Do fim da rua e do Senhor Geraldo volto ao início para entender melhor os jardins do fundo do Vale. A Rua Souza Aguiar se inicia à esquina da Avenida Itaituba, onde está à entrada da Escola Municipal Padre Francisco de Carvalho. Mesmo que a entrada oficial não seja na rua fomos visitá-la, pois a presença de área verde da escola e a importância dos jardins para infiltração e para o entendimento do conjunto do fundo de vale como a imagem de satélite apontou era relevante. *Só tem isso aqui*, disse o porteiro apontando para os canteiros com palmeiras, algumas plantas floridas e uma única árvore junto ao estacionamento (FIGURAS 105 e 108). Continuamos conversando, adentrando o portão em direção à secretaria onde nos disseram que quem sabia de plantas ali era Seu Geraldo. Esperamos um pouco e logo ele aparece, vestindo uma jaqueta jeans e prontamente desculpando-se pelo atraso.

Passamos o portão e o primeiro que vimos foi uma passarela inteiramente plantada (FIGURA 106). Ele conta que a passarela estava desativada e, portanto resolveu plantar. Com vinte centímetros de terra, a passarela demanda uma rega diária. *Só que estou estudando umas plantas mais duras. Que precisa de menos água.* Continuamos a caminhada pela lateral da escola, margeando o pátio central. Seu Geraldo tirou do bolso

um molho de chaves *têm que deixar trancado se não os meninos mexem* e entramos em uma salinha que funciona como depósito e área de descanso dos funcionários. Do outro lado da sala há uma saída para uma grande área plantada em formato retangular que ele mesmo construiu e hoje cuida. Alguns estão cercados com garrafas pets trazidas pelas próprias crianças da escola *para chuva não “arriá” a terra do canteiro* (FIGURAS 107 A 108).

Seu cargo na escola é de monitor de oficina infantil e em suas atividades faz questão de envolver os alunos com as suas plantas: *os meninos estão tomando uma autoestima com o meio ambiente porque eu explico a eles, sabe? Eu falo: se não vocês não vão saber ensinar seus netos o que é planta*. E eles gostam? - perguntamos e o senhor confirma que sim, as crianças de todas as idades ajudam e brincam nos canteiros e de vez em quando perguntam orgulhosas ao notarem uma muda que cresceu: *é aquilo que nós ajudamos a plantar, Seu Geraldo?*

Essa relação se estende aos pais dos alunos, funcionários, professores da escola e à vizinhança. Muitas pessoas entram para conhecer e passear pelo “jardim do Sr. Geraldo” já conhecido no bairro São Geraldo. Também vêm pedir conselhos ao Seu Geraldo sobre suas próprias plantas e assim ele já fez muitos amigos: *eu gosto de explicar como é que faz, como é que não faz*. Fala ainda dos jardins da Souza Aguiar, *eles tão enchendo de planta ali na beirada da rua. Eu acho isso legal, mostra que tem quem cuida*.

Era tamanha a infinidade de plantas e saberes que era difícil falar de uma só e propusemos então que nos assentássemos para conversar e anotar algumas coisas. Ficamos surpresas com a sugestão de São Geraldo de sentar mais adiante que, saindo pelo fundo dos canteiros nos apresentou mais um espaço. O talude de transição ao lado da construção estava todo plantado, com pés de chuchu, quiabo, carambola e árvores nativas. *Tem árvore aí desde o tempo antigo. Eu sou um que pede para não cortar. A prefeitura tem a tesoura frouxa. Mas eu e o diretor, que me apoia, estamos protegendo. Imagina sem árvore? Desbarranca tudo*. Foi ali que aprendemos a diferenciar a taioba do inhame: *a taioba não fecha o inhame é fechado e mais redondo. Você sabe o que significa o nome do ora pro nobis? Vem do latim, orai por nós. Vem de Deus e liga a gente nele*. Entre a quadra e a continuidade sem fim de um jardim que toma forma em toda a área

permeável do terreno da escola nós nos sentamos para conversar. Seu Geraldo acendeu um cigarro e contou estar adorando nosso momento juntos. *A mamãe falava comigo que eu comi bosta de papagaio quando eu era pequeno. Nunca vi falador.* E a prosa seguiu calma e risonha.

É porque desde menino eu via mamãe mexendo com aquilo. Eu era a companhia dela e quando eu via o que plantava crescer aquilo me dava uma alegria no coração. E isso aqui é uma terapia que eu faço também. Com setenta e um anos, Geraldo nasceu na Rua Potomaio no Bairro São Geraldo, mas nem sempre morou ali, viajou muito pelo interior de Minas e do Brasil e morou um tempo no Ceará, onde estudou durante um ano na escola de agronomia num curso de horta. Hoje, mora na mesma casa onde nasceu e não moraria em outro lugar. Perguntamos como era o espaço da escola antes e ele logo responde, *era só mato, só capim colonião. Isso é praga.* Aos poucos, foi limpando o terreno. *Eu meti a enxada na terra e tirei.* Reforça que a capina deve ser feita com frequência e é ele mesmo quem faz, amarra uma corda na cintura e a outra ponta no alto da grade de ferro no topo do talude que cerca o terreno e vai andando. *Que aí se escorregar não tem perigo,* diz protegido que está por esse engenhoso EPI.

Relata que um dia, em que estava de licença por conta de uma sinusite, a prefeitura foi fazer a manutenção do espaço e cortou uma quantidade enorme de pés de manga e árvores antigas. *Eu falei: vocês podem deixar que eu mesmo limpo com a enxada.* É quando nos conta da maior dificuldade com o jardim: o ato de cultivar *precisa se tornar uma forma de viver pois olha, a maior dificuldade é que você não pode bobear. Tem que arrancar capim todo dia. Hoje mesmo eu já capinei.* A menina outro dia falou para mim: *você tem mão boa. Não tem esse negócio de mão boa não, tem que plantar e cuidar. Tem que ter compromisso e amor todo dia.*

O jardineiro deixa dicas que explicitam um conhecimento espontâneo dos ciclos naturais: *Eu molho por gravidade [de cima para baixo, regando as folhas] porque se molhar direto ela [a terra] fica toda compacta, empoça.* Também faz compostagem, separa a comida e coloca apenas cascas de legumes e restos de folha, serragem e terra e *vai molhando e “ribulhando” igual massa de pedreiro.* Para aplicar o biofertilizante nos conta que é preciso esperar quatro meses, *tem que deixar curtir, senão ela queima a planta.* Sobre as

mudas: *um bocado vem da prefeitura, um bocado eu mesmo faço. O Nilson também compra muda perto do instituto agrônômico. Às vezes ele paga do dinheiro dele. O Nilson é o diretor da Escola e amigo querido de Seu Geraldo, e é quem cuida dos jardins na instância burocrática, junto à prefeitura, é ele quem vai e no computador comunica com o rapaz da prefeitura. Essa amizade também garante que ele leve para casa, onde mora com o filho, verduras e hortaliças para suas refeições. Verdura de comer eu levo daqui. Boto dentro da sacola. É só eu e meu menino. Sabendo que não tem veneno e é de graça dá até mais gosto de comer verdura. Levo mais taioba, que os meninos não comem. Para não atrapalhar a merenda deles.*

Um dos espaços do jardim conta com um mudário que Seu Geraldo alimenta para distribuir para mães e pais dos alunos e funcionários da escola (FIGURA 105). *Os pais dos alunos, professor tudo tem uva plantada em casa. Eu fiz muda e distribuí.* Assim o jardim cumpre a importante função de disseminação e educação. Através do consumo próprio e doação. As frutas são consumidas por todos, pessoas e animais. As verduras e legumes complementam a merenda da escola e a janta de Seu Geraldo e sua família. As ervas são colhidas por Seu Geraldo e receitadas a quem lhe pede conselhos de cuidados com a saúde. *Eu tenho meus chazinhos, diz apontando para o capim cidreira. Mas boas de chá são as Marias.*

O trabalho na escola é de segunda a sexta, mas Seu Geraldo conta que também aos sábados costuma ir ao local, para cuidar das plantas. *Para não deixar elas padecerem, eu venho quebrar o galho delas. São amigas. O dia de domingo que eu não venho cá eu sinto falta daqui, de ficar andando aqui no meio.* A relação com o jardim se estende também para além das plantas. Enquanto caminhávamos ele assobiava e dizia: *se você visse a quantidade de passarinho que tem aí. Eu gasto do meu bolso, são dois quilos de canjiquinha por semana.* Conta outro caso: *outro dia o macaco roubou meu boné! Subiu, levou lá pro outro lado. A moça da secretaria comentou: Ô Seu Geraldo, o senhor deixou o macaco te assaltar? Sorri e falei: Mas macaco é assim mesmo, você já viu? Eles são ladinos. Mas a gente se diverte junto.*

Sobre o rio ele se lembra com nostalgia. *Eu me lembro disso aqui quando o rio passava aqui.* Diz-nos apontando para o talude da escola. *O Rio empoçava mês de agosto. A gente*

não aguentava ficar aqui por conta do cheiro do rio. Não tinha muito cuidado, mas era bonito de ver. O dia que o rio transbordou com o parque municipal eu deitei os cabelos nos peixe. Eu já pesquei nesse rio. E são dois rios. Aqui é o encontro deles. O natural, porque agora é mais para frente. Tinha uma curva do Arrudas que ficava bem aqui na frente da escola. Não tem mais nada aí, nem sapo. Não tem no rio mais, que agora é rede de esgoto. Um está escondido debaixo da rua e o outro está no meio do cimento da Arrudas. Ele lamenta que a paisagem do bairro com o rio não exista mais e se recorda quando ele era parte do cotidiano.

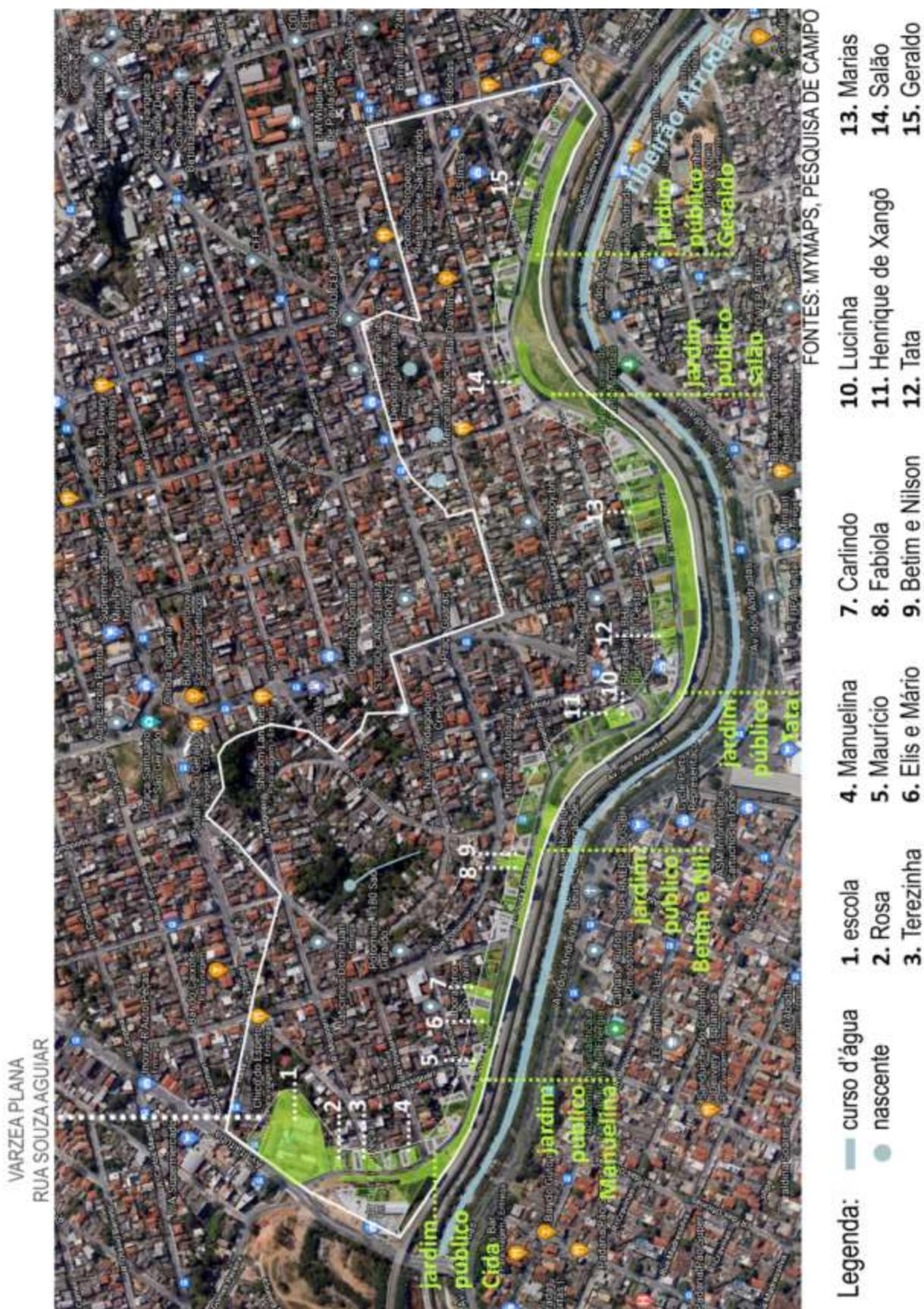
Ao nos despedirmos, agradecemos o encontro agradável e as tantas histórias e saberes compartilhados. Humilde, Seu Geraldo agradece: *A única coisa que eu não aprendi foi escrever direito. Mas tem uma coisa, ano passado eu formei no fundamental aqui. Sorridente fala que um dia lhe perguntaram: por que você não estuda? Aí eu falei, então vamos! Por fim, diz gostar de todas as plantas, mas conserva um carinho especial pelas "frutesas" porque elas rendem muito. Às vezes eu pego um balde cheio e levo para fazer suco para criançada. É carambola, manga, goiaba, araçá.*

As narrativas, as memórias, os saberes que se desenvolvem ao longo dos vários jardins reforçam esse fundo de vale como um elemento cotidiano do Bairro. As relações multiespecíficas são várias, desenvolvidas a partir da ideia de amor, amizade e companheirismo.

CADERNO DE IMAGENS 5:

A Várzea Plana e a Rua Souza Aguiar

Figura 54: Mapa de localização dos jardins da várzea plana e Rua Souza Aguiar



Fonte: mapa elaborado a partir do Mymaps, 2021.

jardim público da Cida

Figura 55: Jardim público da Cida, sofás colocados na área remanescente



Fonte: própria. 2018.

jardim público da Cida

Figura 56: Jardim público da Cida, diversidade de espécies, vasos, mobiliário



Fonte: própria. 2019.

jardim público da Cida

Figura 57: Jardim público da Cida. Dona do bar cuidando do jardim no início da Rua Souza Aguiar



Fonte: própria. 2018.

Figura 58: Jardim público da Cida. Sinalização.



Fonte: própria. 2018.

jardim público da Cida

Figura 59: Jardim público da Cida. Guirlanda de CDs

Fonte: própria. 2018.

Figura 60: Jardim público da Cida, bancos construídos pelos moradores.

Fonte: própria. 2018.

jardim público da Cida

Figura 61: Jardim público da Cida, área abaixo do jardim com água empoçada.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Rosa

Figura 62: Jardim da Rosa. Plantas de poder na entrada: pimenteira e comigo ninguém pode, bibelôs.



Fonte: própria. 2018.

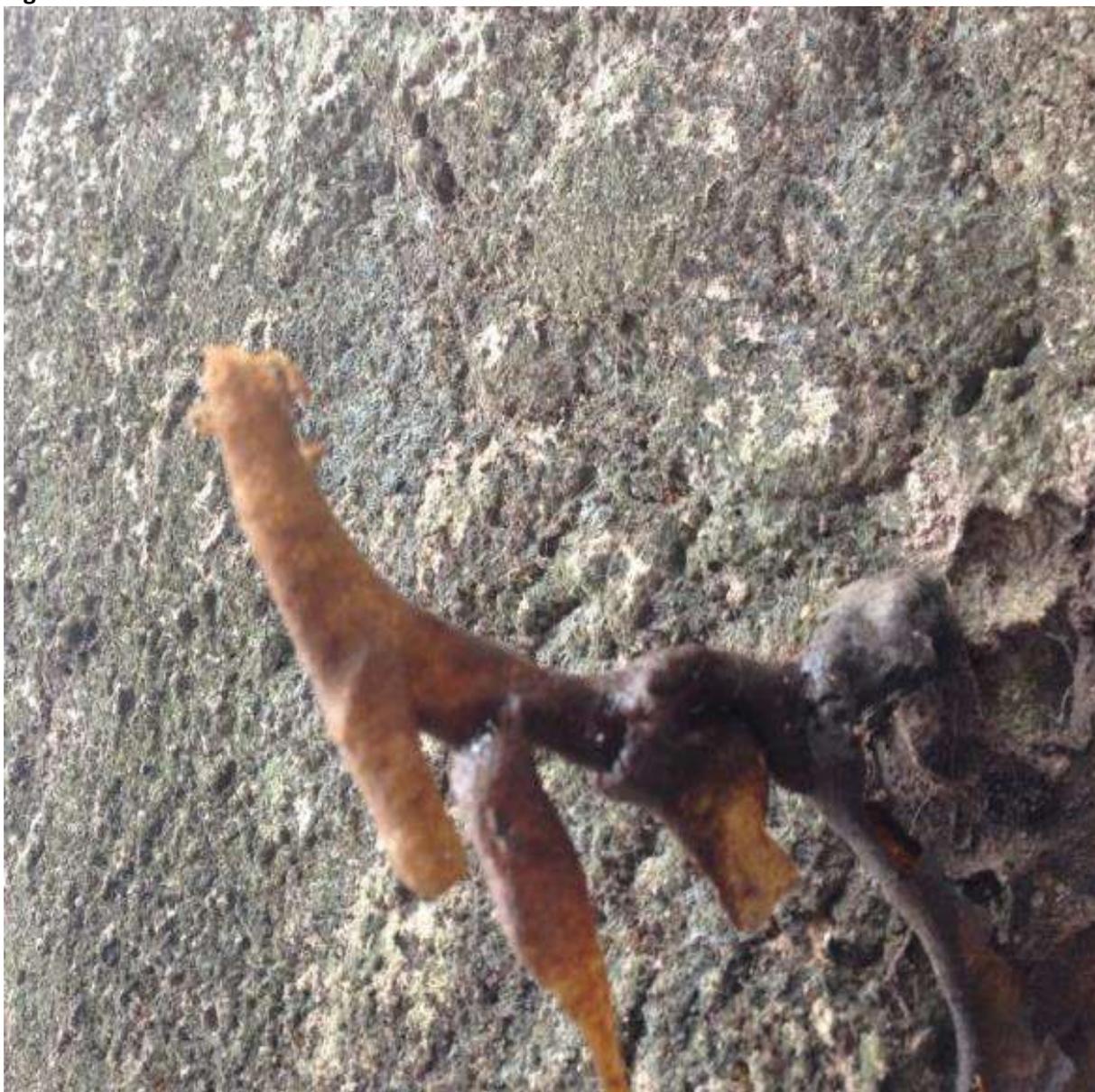
jardim da Rosa

Figura 63: Jardim da Rosa. Jardim lateral com parreira, azaleia, árvores, vasos, varal e garagem.



Fonte: própria. 2018.

Figura 64: Jardim da Rosa. Colmeia de abelha Jataí.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Terezinha

Figura 65: Jardim da Terezinha. Jabuticabeira do jardim de fundos, vasos e banco.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Terezinha

Figura 66: Jardim da Terezinha. Plantas e o cachorro da família entre elas.



Fonte: própria. 2018.

Figura 67: Jardim da Terezinha. Fundos da casa visto da área de serviço com muita variedade de plantas.



Fonte: própria. 2018.

Figura 68: Jardim da Terezinha. Vasos.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Manuelina

Figura 69: Jardim da Manuelina. Varanda com vasos.

Fonte: própria. 2018.

Figura 70: Jardim da Manuelina. Jardim público cuidado por Manuelina.

Fonte: própria. 2018.

Figura 71: Jardim da Manuelina. Jardim público cuidado por Manuelina, bebedouro dos pássaros.



Fonte: própria. 2018.

jardim do Maurício

Figura 72: Jardim da oficina do Maurício, pimenteira, fícus, decoração da fachada.



Fonte: própria. 2018.

jardim do Maurício

Figura 73: Jardim público da oficina do Maurício com rosa de plástico e cactos, ferrovia ao fundo.



Fonte: própria. 2018.

Figura 74: Jardim público da oficina do Maurício, inseto no cactos.



Fonte: própria. 2018.

jardim do Carlindo

Figura 75: Jardim da oficina do Carlindo.



Fonte: própria. 2018.

Figura 76: Jardim da oficina do Carlindo, maracujá gigante.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Elisete e do Mário

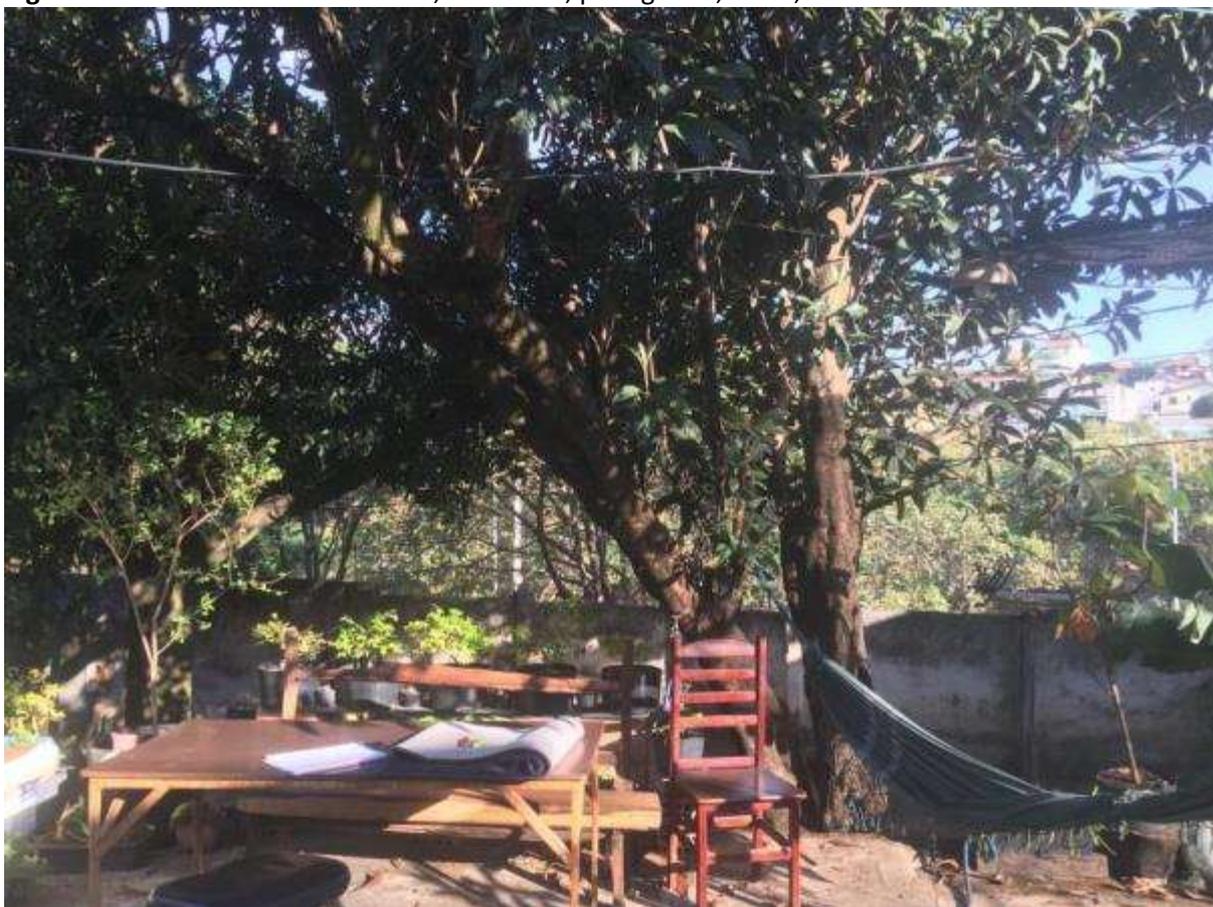
Figura 77: Jardim da Elisete e Mário, rede, mudário, vasos, árvores e casa do cachorro.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Elisete e do Mario

Figura 78: Jardim da Elisete e Mário, ameixeira, pitangueira, mesa, rede.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Fabíola

Figura 79: Jardim da Fabíola, jardim da varanda.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Fabíola

Figura 80: Jardim da Fabíola, horta, barracão, bananeiras e árvores nativas ao fundo .



Fonte: própria. 2018.

jardim público do Betinho e Nilson

Figura 81: Jardim público Betinho e Nilson no início.



Fonte: própria. 2018.

jardim público do Betinho e Nilson

Figura 82: Jardim público Betinho e Nilson, montagem panorâmica.



Fonte: própria. 2019.

Figura 83: Jardim público Betinho e Nilson em 2019.



Fonte: própria. 2018.

jardim público do Betinho e Nilson

Figura 84: Jardim público Betinho e Nilson em 2019, vasos e cadeira de vime.



Fonte: própria. 2018.

jardim público do Betinho e Nilson

Figura 85: Jardim Betinho e Nilson, canteiro de dentro da oficina.



Fonte: própria. 2018.

jardim público do Betinho e Nilson

Figura 86: Passarela sobre o metrô no fim do jardim público Betinho e Nilson.



Fonte: própria. 2018.

jardim Dona Lucinha

Figura 87: Jardim Dona Lucinha, sacola de chuchu na frente da casa.



Fonte: própria. 2019.

jardim Henrique de Xangô

Figura 88: Jardim Henrique de Xangô, espadas de São Jorge plantadas na entrada do terreiro.



Fonte: própria. 2018.

jardim público do Tata

Figura 89: Jardim público do Tata, bar e casa do Tata com cavalinho de pau instalado por ele.



Fonte: própria. 2018.

jardim público do Tata

Figura 90: Jardim público do Tata, amigas apanhando goiaba em frente ao bar do Tata.



Fonte: própria. 2018.

jardim público do Tata

Figura 91: Jardim público do Tata, balanços instalados em frente ao bar.



Fonte: própria. 2019.

Figura 92: Jardim público Tata e detalhe dos balanços.



Fonte: própria. 2019.

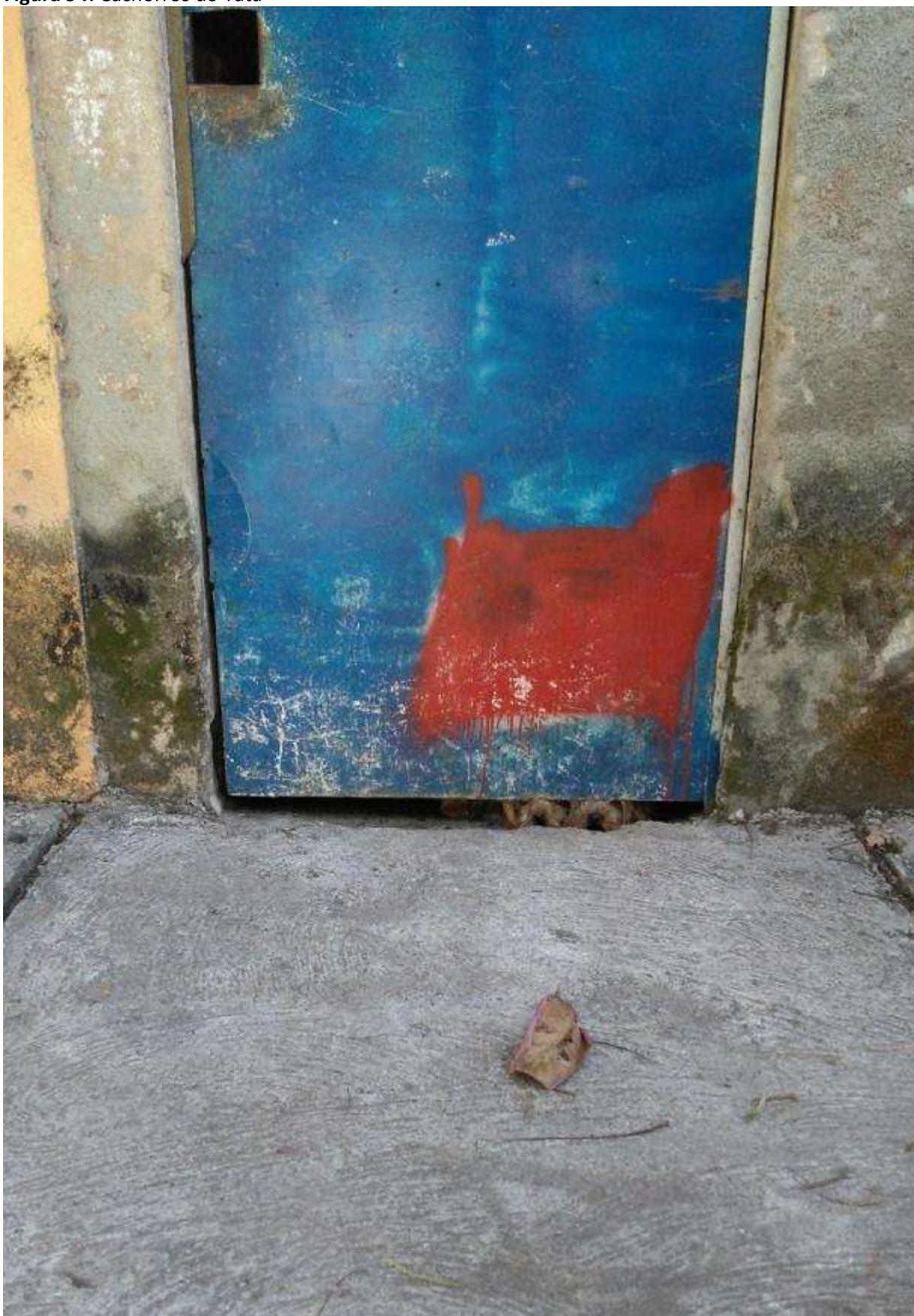
jardim público do Tata

Figura 93: Jardim público Tata e Frente da casa do Capitão sem árvores



Fonte: própria. 2019.

Figura 94: Cachorros do Tata



Fonte: própria. 2018.

jardim das Marias

Figura 95: Jardim das Marias, frente da casa: canteiro de hortaliças, ervas medicinais e flores.



Fonte: própria. 2018.

jardim das Marias

Figura 96: Jardim das Marias, adubação e rega com garrafas pet.



Fonte: própria. 2018.

Figura 97: Jardim das Marias, frente da casa com flores e ervas medicinais.



Fonte: própria. 2018.

jardim das Marias

Figura 98: Jardim das Marias, sementeira com fitas para espantar os pássaros.



Fonte: própria. 2018.

Figura 199: Jardim das Marias, pergolado lateral com chuchu e vasos.



Fonte: própria. 2018.

Figura 100: Jardim das Marias, jabuticabeira com repelente natural de mosquitos.



Fonte: própria. 2018.

Figura 101: Jardim das Marias, papagaio da família.



Fonte: própria. 2018.

jardim das Marias

Figura 102: Jardim das Marias, capela de nossa senhora.



Fonte: própria. 2018.

jardim público do Salão

Figura 103: Jardim público do salão e grade da ferrovia com melão de São Caetano plantado



Fonte: própria. 2018.

jardim público do Sr. Geraldo

Figura 104: Jardim público do Sr. Geraldo, as três árvores plantadas para os filhos.



Fonte: própria. 2018.

jardim da escola Sr. Geraldo

Figura 105: Jardim da escola do Sr. Geraldo e suas mudas.



Fonte: própria. 2019.

jardim da escola Sr. Geraldo

Figura 106: Jardim da escola do Sr. Geraldo, passarela plantada e talude ao fundo.



Fonte: própria. 2019.

jardim da escola Sr. Geraldo

Figura 107: Jardim da escola do Sr. Geraldo, canteiros laterais detalhe do manjeriço.

Fonte: própria. 2019.

Figura 108: Jardim da escola do Sr. Geraldo, canteiros laterais de flores, frutas e hortaliças.

Fonte: própria. 2019.

2.2 SUPERFÍCIES CÔNCAVAS:

2.2.1 A GROTA

No interior do quarteirão delimitado pelas Ruas Coari, Caiçara e Mogoari, há uma nascente preservada, rodeada de árvores nativas e bananeiras plantadas (CADERNO DE IMAGENS 6). No cadastro de parcelamento a mesma não é uma área que pertence aos lotes que a circundam. Os moradores chamam a área, superfície côncava e úmida da encosta, de Grotta. O acesso a essa área se dá pelo Beco da Grotta como é chamado pelos moradores do bairro, cadastrado na prefeitura como Beco Coarí ou pelos lotes que a circundam. As casas lindeiras ao beco da grotta são consideradas pela prefeitura uma vila ou favela com 59 lotes onde moram 182 pessoas.⁴ Chegamos à grotta pelo Cigano. Ele mora no fundo, na última casa do beco da Grotta.

A grotta tem uma nascente não cadastrada na prefeitura. Dona Fátima se lembra da grotta e também dos afluentes do ribeirão Arrudas. Ao ser perguntada sobre a água no bairro ela conta: *eu me lembro que tinha o córrego maior o que corre na rua Curi e também tinha um menorzinho na rua Coari. O da Coari tinha pouca água na verdade e tinham várias nascentes e o pessoal chamava de brejo da grotta. Não era um riacho grande como o da Curi era mais um monte de nascente que escorria por ali para o Arrudas. Nele tinham várias piabinhas coloridas que eram a festa das crianças. Os meninos iam pegar. Elas morriam logo, mas enfeitavam um pouco as casas. Meu pai não deixava eu ir porque falava que a Grotta era perigoso. Mas eu fazia uma combinação e os meninos traziam para mim em troca de manga. Eu lembro bem da Grotta, das piabas e das árvores enormes. E hoje ainda tem árvore e a água. Mas as casas estão chegando bem perto. Dava era para ter um parque ali. Não sei como está a água, mas no meu tempo os meninos tomavam banho lá. Só tinham os cavalos da família do Senhor Zezinho que traziam carrapato para os meninos. E tinha a pinguela para cortar caminho e chegar à Praça.*

O cigano mora em uma casa muito pequena onde tem muitas imagens de santos católicos e de orixás do candomblé. Ele respondeu à entrevista, mas pediu que não

⁴ Fonte BHMAPP. Disponível em: http://bhmap.pbh.gov.br/v2/mapa/idebhgeo#zoom=8&lat=7799131.36729&lon=615167.50784&baselayer=base&layers=bairro%2Cvila_favela . Acesso: set. 2020

fotografássemos sua casa, só a Grota (FIGURAS 110 a 111). Ele permitiu apenas uma foto de Oxum que fica no seu jardim, ao lado da casa na entrada da grota, mas pediu: *guarda só para vocês para dar sorte*. O cigano cultiva nele várias ervas: cidreira, capim limão, boldo, manjerição, taioba, macaé, agrião, alfavaca. Além de uma roseira, espada de são Jorge, pimentas e malva. Ele explica: *é importante para religião três weues: o conhecimento, o trabalho e o prazer. O ewe do conhecimento é aquele que manipula os vegetais e conhece as propriedades e encantos. O do trabalho é aquele que, na disciplina, vai catando as folhas. O ewe do prazer é aquele que produz boa comida, boa conversa, boa música e dança. E que tem que equilibrar. Porque o mundo fora dos ensinamentos está valorizando só o trabalho, o conhecimento é mais ou menos, e o prazer fica penalizado. Isso é desequilíbrio. Na natureza tem que ter equilíbrio*. Ele cultiva o que chama de jardim da nascente desde que se mudou. E o faz tanto para ter ervas para seus rituais quanto porque ele *sente com companhia no seu jardim. Eu moro sozinho. Sozinho de gente. Mas as minhas plantas e as árvores, senhoras da grota, moram comigo*. Dos animais ele conta dos pássaros. Que são muitos e de seu cachorro.

O cigano nasceu no bairro e mora na grota a mais de vinte anos. O Beco da Grota e as casas ligadas a ele são uma ocupação informal que começou, segundo o morador, na década de 1990: *porque o povo não tinha onde morar. Mas eu sei da importância da água e da nascente. E tem vez que não sei para que lado ir*. Ele conta que: *as águas estão diminuindo, mas ainda tem muito*. Para ele suas ervas são uma proteção para a nascente: *porque eles me respeitam. E a construção fica até aqui. Minha plantação é um limite para o povo que quer construir*. Os jardins da nascente, muito bem cuidados, *com as plantas crescendo uma ao lado da outra*, fazem uma transição para vegetação exuberante da Grota. As ervas e flores plantadas são também distribuídas a quem pede. *Eu não vendo não. Eu dou. E desse modo preservo também o respeito*. Cigano se preocupa com a nascente. *Ela tem água sempre, mas está minguando. Quando chove, ali onde tem a ponte que te mostrei, enche muito. Eu fico com um pouco de receio da água levar as casas mais de baixo. A prefeitura fez um tubo e a água desce pela Coari. Mas não sei se o tamanho é bom não. Ai, de vez em quando, aquela área lá embaixo perto da passarela fica alagada. Eles até fizeram um “murundum” de terra*.

Adriana mora no meio do Beco da Grotta. Ela é diarista e nasceu em Belo Horizonte. Adriana gosta de plantas desde pequena. Ela e o irmão aprenderam com o pai e sempre plantavam juntos. A graviola tem para ela um significado especial: *foi meu irmão quem plantou. Eu quando fico com saudades dele e vou lá conversar com ela* (FIGURA 112). As plantas foram sendo colocadas aos poucos, pois *eu queria ter um verdinho aqui, ai eu plantei todas essas. Foi escolhendo cada uma, de uma em uma, selecionando minhas companheiras. O meu jardim me dá muita paz. Eu me sinto calma e feliz* (FIGURAS 112 e 113). Na cidade ela acha: *que tem muito pouca planta e é tão bom que deveria ter mais*. Na casa com ela moram três pessoas, mas só ela cuida do jardim. Sua filha tem um cachorro *que fica sempre brigando com os micos que aparecem no pé de graviola. Late também para os passarinhos. Eles são muitos. Tem até tucano. São lindos!*

Adriana disse que a grotta não tem nenhuma relação com a casa dela, não afeta em nada e não tinha nada a dizer sobre ela, mesmo o fundo do lote sendo divisa com a mata da Grotta. Única referencia da moradora da Grotta foram os tucanos que moram nas árvores enormes de lá e pousam no seu pé de graviola. Ela respondeu o questionário com base no jardim que ela tem dentro do limite do lote. Só quando perguntada do rio e das águas que disse saber da nascente, mas que nunca foi lá.

Saindo do Beco na Rua Coarí, dona Rodaleia nos recebeu em seu jardim. Ela é uma senhora idosa que veio de Itabirito e já mora no bairro há quase dez anos. *Tem umas coisas assim que a gente nem lembra, depois de tanto tempo*. Ela planta o jardim com o filho que não mora com ela, mas vem sempre visitar. *Meu filho gosta muito de mexer com planta, tem duas coisa que ele gosta muito, é planta e comida! Não mora aqui, mas traz mudinha e ajuda a plantar*. Segundo ela: *o que ele põe a mão, pega. O que eu planto não pega tanto, não vai para frente nem para traz*. O jardim é sua diversão. *Gosto de mexer com as terrinhas, às vezes eu passo na frente [da casa de vizinhos] peço umas mudinhas e planto aqui. Eu peço para os vizinhos, outro dia pedi uma rosa vermelha ali no Artur, mas ela ainda não pegou aqui não. E é bonito, não sei, deixa a casa mais bonita, mais gostosa* (FIGURA 114 a 115).

Os fundos da casa da senhora dão para a mata da descida da Grotta. Ela conta que há um tempo o vizinho de lado começou a retirar as árvores: *ai não deu certo. Desceu muita*

*agua e terra na minha casa e na dele. Ele deixou quieto e o mato cresceu e pelo menos seguiu o barranco. Agora as árvores estão crescendo porque lá atrás era só mato, mas aí você acredita que começou a nascer árvore lá? Ficou bonito sozinho, nem precisou mexer nem nada. Cada árvore grande que você precisa ver. Com isso ela nos convida a subir uma escada improvisada no barranco que, realmente está desprotegido e representa um risco de desmoronamento. Dessa área acima do barranco que pertence, segundo a moradora, ao vizinho e a ela mesma sem uma divisão de muro, dá para ver realmente as árvores nascendo e um panorama privilegiado da Grotta. Sobre o rio ela diz achar *legal ter uma nascente perto. Mas tem tempo que não vou lá.**

Leia nos apresentou ao Senhor José Arthur um militar aposentado. Ele mora na Coari, do lado oposto ao do Beco da Grotta. Ele já foi logo esclarecendo: *aqui atrás tem uma Grotinha. Brota uma água aqui também e lá no Jurandir. Não é sempre, mas tem. E olha a beleza das árvores.* No fundo dos lotes do lado par da Rua Coari, entre as ruas Mogoari e Caiçara, está a continuação da superfície côncava que configura o conjunto da Grotta. Essa superfície foi separada pela implantação da Rua Coari. Na Rua Coari, entre Caiçara e Souza Aguiar, está correndo a tubulação de escoamento das águas da Grotta, onde era antigamente um pequeno curso d'água onde as crianças costumavam brincar.

O Senhor José Arthur mora no São Geraldo desde que casou. *Eu já fiz bodas de ouro.* Ele e a esposa Lica, que é do interior, cuidam juntos do jardim. *Já vim com o jardim para o casamento. Pegava nas latinhas e trazia. Eu pegava dos vizinhos, via, pedia: pode me dar uma mudinha? Eles davam. Lá na casa do meu pai, lá tinha de tudo. A gente morava no Horto. Conta o marido (FIGURAS 116 a 119).*

As árvores são presença importante no jardim. *Essas árvores aqui fora fui eu quem plantou. Reparou no fruto? [da árvore próxima à entrada da casa]. Ah, eu chamo de "viagra" mas é Marapoama o nome correto. Os outros pedem semente para plantar.* Seu Arthur conta que a vizinha pegou uma frutinha para levar para o marido e com uma semana voltou para pedir uma muda. *É porque o negócio funciona mesmo.* No jardim tem também uma árvore de canela *que estava aqui quando comprei o lote. Não deixei tirar de forma nenhuma. A gente tira a casca, dá para alguns vizinhos mas com cuidado para não ferir a árvore. O cheiro é ótimo (FIGURA 117).* No pequeno jardim em frente à sua

casa existem outras espécies: espadas de São Jorge, ixora, uma palmeira que o marido trouxe da Bahia o coco e plantou, tem camélia, uma goiabeira, jabuticabeira, um ipê nativo, íris, garrafinha, uma jurubeba que está crescendo espontaneamente junto ao muro. As preferidas de Dona Lica são as roseiras. José Arthur gosta de todas, mas adora samambaia.

O jardim foi pensado intuitivamente com técnicas e conhecimentos herdados das famílias. Muitos vasos são latas de tinta, baldes, galões. Como adubo eles usam esterco de cavalo, que pegam da rua. *Quando o esterco tá ficando fraco eu troco. Cato esterco de cavalo do Seu Zezinho. Vamos, eu cato, deixo secar, queimo.* Explica Dona Lica. *Seca ele bastante. Põe uma terra preparada, peneira a terra, para não vir pedra no meio. Cuidamos juntos, nós saímos [para catar esterco] eu mais ela.* Completa Seu Zé. No jardim também vimos arames e telas de contenção para direcionar o crescimento das plantas, Superfícies improvisadas, prateleiras de tijolo e de madeira construídas em conjunto. Dona Lica conversa com as plantas. *Eu converso. Falo: vocês tem que ficar bonitinhas, eu passo a mão nelas. E elas escutam. Planta criada com amor é outra coisa.*

Eles criam um cachorro. Observam sempre os passarinhos. *Aqui tem maritaca em bando, bem-te-vi, sabiá laranjeira, sanhaçu, canarinho da terra, alma de gato. Tem tucano também. Outro dia teve uma briga aqui em casa. O tucano queria mexer com um ninho. Ele apanhou viu. Aparecem micos também.* Zé brinca, às gargalhadas, com a esposa pelo medo de barata. *Dona Lica usa inseticida, Baygon, quando vê alguma. Eu não sei para que tanto medo dum bicho tão pequeno.*

Seu Zé varre a rua da esquina até a entrada de casa todos os dias. Sobre Belo Horizonte eles conversam: *olha, eu vou ser franco, eles tinham que fazer alguma coisa. É porque tem muita árvore podre, caindo. Tinham que plantar direito. Você sabe o que que é isso, Zé?* Intervém, Dona Lica. *Eles não fazem o buraco necessário para raiz crescer. Coitada das árvores espremidas naquele buraquinho.* O casal plantou junto duas árvores, da esquina até a porta de sua casa e cuidaram para crescer. Também construíram um banco de concreto em frente à casa. *Paguei o pedreiro, para fazer o banquinho.* Pergunto então à Dona Lica se ela se assenta muito ali, ao que ela responde: *Eu sento de vez em quando, os namorados que senta ali.* Zé e Lica gostam de passear na rua onde levam mudas e

conversam sobre os frutos das árvores. E também se assentam no banquinho que construíram.

Um pouco mais à frente Jurandir, um senhor de mais de oitenta anos, funcionário público aposentado também possui um jardim e tem os fundos do lote voltados para a “Grotinha” (FIGURAS 120 a 121). Ele gosta de plantar: *porque eu admiro muito o verde. Não tem coisa tão bonita. A frente do lote antes era vaga, aí eu fui plantando. No fundo é uma beleza com aquele mundo de árvore.* Jurandir conta que as plantas da entrada foram vindo junto com a construção da casa. *Eu e minha mulher fomos cuidando e cresceu com os meus filhos. Agora estão todos fora, com família. O jardim está um pouco judiado porque a gente está cansando, no físico porque na vontade eu não canso não. Sobre o cuidar: eu escolho pela praticidade também. Essas que eu tenho não exigem muito cuidado. Não tem muita regra. Cuido quando lembro. Acabei de podar a roseira porque estava dando formiga. Olha o tanto de muda. Depois vou distribuir. Mas eu quase nem rego, apenas podo quando necessário. A natureza vai desenvolvendo. Mas conta que precisou cortar duas árvores, uma goiabeira e um abacateiro, que ameaçavam cair. Estavam na moda na época da construção, as frutas. Algumas até já nem existem mais. Eu tive que cortar algumas porque estavam muito grandes, corria risco delas caírem pros vizinhos. Chamei a prefeitura para depor algumas árvores e o processo foi tranquilo.*

No jardim ele tem: roseira, pingo de ouro, bico de papagaio, jiboia, samambaia, manga, jabuticaba, acerola, manga, ameixa amarela, romã, bananeira, pitanga. Às vezes alguém pede uma muda. *Geralmente rosa. Eu tenho rosa branca que o pessoal pede para fazer chá para criança.* Começou a plantar flores, hortaliças e frutas: *por curiosidade e necessidade. Os filhos eram crianças, então eles gostavam muito de fruta. Cheguei a ter onze qualidades. Tenho também aquelas duas árvores que estavam aqui desde que cheguei. Essas eu não deixo cortar não. Tem história.* Ele conta também que os micos fazem a festa com as frutas. Ele observa as borboletas, os passarinhos, os tucanos e as maritacas. Jurandir tem um gato que é a paixão dele. *Faço questão de manter o bucho dele cheio. Ai ele não sai e não mata passarinho.*

Sobre os fundos da Grotinha ele explica que *antes era mato e compartilhado, agora quase todas as casas têm muros. E muita gente cortou as árvores antigas. De vez em*

quando tem água também igual a grotta. Só que agora tá mais raro (FIGURAS 167 e 168). No terreno de Jurandir já existiram mais espécies, hoje conta com menos variedades. Ele nos indica visitar o Luiz cuja casa faz fundos com seu lote. Ele é um morador antigo. A gente manteve cerca sem muro até quando deu. Depois foi ficando difícil.

A casa de Luiz ocupa dois lotes. Um deles tem a casa construída e o outro tem mangueiras, ameixa amarela, goiabeiras, algumas bananeiras. No fundo do lote na divisa com Jurandir, estão algumas árvores nativas preservadas: *elas estão ai desde que eu me lembro. Eu tinha uma cerca no fundo até uns dez anos atrás. É que corria uma água aqui no fundo. Juntava com a água da grotta e formava um córrego. Ele descia pela Coari até lá embaixo. Ai era canalizado e passava por baixo da linha de trem. A linha não era ali onde está não. Tinha um tipo de brejo nessa área toda [aponta para os fundos dos lotes], com muita água, muita nascente. Hoje é isso que você vê (FIGURAS 122 a 124). Os lotes do quarteirão estão todos construídos e drenados. Luiz conta que muito raramente brota água no fundo do seu lote e que antes isso era constante. A área permeável no lote de Luiz ocupa por volta de 80% do terreno.*

Sobre seus jardins quem cuida é sua mulher que gosta de cultivar flores. Tem roseiras, samambaias e orquídeas das quais ela cuida sozinha. Ele conta que a esposa gosta de colocar as orquídeas nas árvores. *Outro dia meu vizinho me perguntou por que eu mantenho essas árvores velhas. Tem que renovar ele falou. Ai eu chamei ele aqui em casa e mostrei o trabalho da minha esposa. Ele ficou encantado. Eu disse para ele essas árvores estão aqui há muito tempo. Enquanto eu puder e eu estiver vivo elas vão ficar. E vão ficar enfeitadas.* Ele conta também que se diverte vendo as maritacas: *gosto delas na barulheira delas.*

Para o senhor: *a prefeitura não faz muito pelo meio ambiente não. Ultimamente só sabe cortar árvore. E não sabe cuidar delas também não. Planta árvore grande onde não deve, depois aleija ela para passar fio, deixa apodrecer e ela cai ou alguém pede para cortar. Aqui embaixo caiu uma árvore outro dia. Estragou o muro da casa. Acontece isso e as pessoas pegam raiva de árvore. Eu acho que árvore, jardim, meio ambiente, dá trabalho e não dá voto. O que dá voto é asfalto. Então a prefeitura só faz asfalto.*

Subindo a Rua Coarí contornando a Grotta, entramos na Rua Mogoarí. A moradora Marlene nos recebeu em sua casa. Primeiramente não havia sido identificado seu lote como relevante para a entrevista, entretanto ao perguntarmos sobre jardins a um casal que passava na rua logo nos indicaram Marlene. O terreno dela é pequeno e quase não há área permeável. Os jardins de Marlene são todos plantados em vasos (FIGURAS 125 a 127). Ela cultiva jardins *desde sempre, sempre gostei de planta. Quando morava com minha mãe, tinha tudo, até pé de goiaba*. Após se casar ela não tinha casa própria. *Morei muito de aluguel. E eu não podia ter apego com o lugar. O remédio foram os vasos. Que eu carrego onde for. É bom demais meu jardim, é triste que tenha que ser tudo no vasinho, mas dá para dar um jeitinho né? E mesmo assim, deixa o quintal muito gostoso. Queria ver elas bonitas, maiores, ter um espaço maior que desse para plantar mais*. Conta que ganhou uma muda de parreira, mas o marido deu para outra pessoa porque parreira não dá em vaso: *daí ela [a muda de parreira] rodou, rodou e voltou para cá. Era destino. Abri um buraquinho no concreto e plantei a muda na terra mesmo, escondida do meu marido*.

Ela conta que antes de se mudar, há uns oito anos: *era só concreto, vazio, era a garagem da oficina do meu marido*. Sobre a vizinhança diz que: *muita gente aqui planta, a gente conversa, todo mundo gosta pelo menos um pouquinho, mas tem uns que não liga muito não. Eu aprendo cuidando das plantas, trocando conhecimento com os irmãos e vizinhos*.

Conta que deu caninha de macaco para o genro que estava com problema no rim: *meu genro estava morrendo de dor, de cólica, eu falei: bebe que vai fazer bem. Ele não queria porque é muito amargo, mas aí ele bebeu e a pedra saiu do rim dele você acredita? Ele tomou com responsabilidade e disciplina. Ele é militar aí você já viu. E tenho boldo também para quando a gente toma uma cervejinha a mais. E essa trepadeira aqui, faz bem para gripe, eles dizem que chama guaco, geralmente chá de planta é ruim, mas esse é docinho, e ainda é remédio, muito bom*. Marlene distribui as mudas quando pedem. Geralmente os vizinhos pedem mais as medicinais: *sai muito guaco*.

Marlene vai passeando pelo jardim e apresentando suas plantas. *Eu gosto de todas as minhas plantas, mas tem essa que dá em pedra, mas deu aqui, não sei o nome não, tem gente que diz que é suculenta. Essa eu acho bem chique mesmo. Estou pegando a raça*

com minha vizinha. Essa orquídea é especial. Eu ganhei de dia dos namorados, no ano passado. Ao cuidar do jardim ela diz que: meu jardim me descansa e desestressa, eu falo com elas [as plantas]: não fica feia, eu sou linda, vocês tem que ser lindas também, aí elas ficam todas lindas. Que nem a mãe! Às vezes alguma fica abatida. É a falta de espaço, mas eu dou um jeitinho. Onde eu vejo que pode colocar e fazer bem para mim, eu dou um espacinho para elas ficarem bonitas. Está até chamando borboleta e passarinho.

Sobre a água Marlene conhece a Grotta. Já viu a nascente. Mas tem muito tempo que não vai lá. *Da última vez que fui era seca e peguei carrapato. Tinha o burro do Senhor Zezinho. Não sei se é burro ou cavalo, eu só sei que atrai muito carrapato. Fiquei coçando um tempão. Mas dizem que a água está minguando. Quando chove escorre uma cachoeira ali embaixo na Coarí.*

Mais acima na Rua Mogoarí nós somos recebidas por Silvânia. Sua família é antiga no São Geraldo. Eles têm um bar que serve o caldo mais famoso do bairro. A casa era do Senhor Francisco, um dos primeiros moradores do bairro, já falecido e antigo dono do bar do Chico. Ela conta que quem realmente plantou o jardim foram seus pais. Hoje a família mantém como memória deles (FIGURA 128 a 130).

A construção, que está bem no fundo do lote, possui um grande jardim frontal gramado com roseiras. Esse jardim se estende para a lateral da casa com *uma jabuticabeira que deu frutos para a família inteira. Ela mesma já é da família.* Das laterais o jardim com juçaras plantadas, vai para o fundo. *A gente tem aqui palmeira do palmito. Meu pai dizia que tinha uma no local. Como achou bonita ele foi replantando os coquinhos. E é nativa. As maritacas, os passarinhos adoram quando dá fruto. Vem tucano, vem até mico. Nos fundos do lote as palmeiras se encontram com as grandes árvores localizadas no fundo da igreja.*

Quando foram derrubadas as árvores para construir aquele prédio enorme da praça, vários micos, tucanos, passarinhos, maritacas correram para esse fundo do meu lote e esse lote da quadra. Correram também para a Grotta. Eles estavam desesperados, pedindo socorro. Foram mais de cinquenta árvores derrubadas lá. Aquilo era um pequeno paraíso. Agora está lá aquele prédio. Ele destoa de tudo aqui. É alto. Você que é arquiteta acha ele bonito? Eu acho horroroso (FIGURAS 131 a 133).

Ao lado da casa está um lote bem grande que possui uma quadra. O lote pertence à paróquia do São Geraldo e nele está preservada a vegetação. A quadra está desativada. *Aqui corre muita água quando chove. É mais fundo. São muitas árvores também. Eu tenho medo de cair árvore. Mas a árvore ajuda a segurar a terra também.*

Nayara mudou-se há pouco mais de cinco anos para a casa, quando se casou. Ainda não conhece bem os vizinhos. Conhece Marlene com quem troca muda: *tenho feito algumas amizades na vizinhança por causa de planta. Os seus jardins são plantados na frente da casa. Aqui na frente é meu espaço. Eu planto tudo aqui. As plantas aqui da frente atraem as pessoas, elas vêm pegar sombra. Essa árvore fui eu que plantei, é a única árvore do quarteirão. Sobre seus jardins ela conta que: é bonito, e é bom preservar porque traz harmonia para casa. Ela plantou sua árvore no passeio. Embaixo dela espadas de são Jorge, clorofito, trapoeraba roxa. Minha preferida é a minha roseira que fica aqui dentro (FIGURA 134).*

Ela ocupa a casa da frente do lote da família do marido. *O terreno de trás não recebe muito cuidado ou atenção não. Ele pertence à família. No fundo tem umas árvores grandes bem bonitas. O problema é a enxurrada, quando chove muito desce muita água com lixo e terra. O lote tem uma topografia bem acentuada e dá fundos para a Grotá. Sobre a cidade ela acha que: tem bastante jardim, mas as pessoas não cuidam, jogam lixo, cortam as árvores. O rio Arrudas cheira mal, muito mal. tinha que ser tampado. É que jogam lixo, até animal lá dentro. Tem uma nascente aqui no fundo. É bonito. Mas lá é perigoso. Tem tráfico. Minha cunhada já me avisou.*

O jardim e as árvores no fundo do lote da família do marido atraem muitos insetos, pássaros, micos. Ela cria galinhas, um cachorro e um gato. *E eles são bem amigos. Só que correm atrás de um bem te vi que canta na minha árvore.*

Na Caiçara mora a família do Senhor José Adão. Essa família e a família do Senhor Expedito, são os primeiros proprietários e continuam donos da maioria dos fundos da Grotá. José, um dos filhos, foi quem nos recebeu. Ele mora nos fundos da casa principal bem abaixo dela. A casa principal foi construída no alinhamento do terreno que tem um grande declive (FIGURAS 135 e 136). Lá de cima ele nos mostra e explica a história da Grotá: *Aqui você pode avistar a baixada da grotá quase toda. E dá para ver também as*

montanhas lá no fundo. Tem muita árvore. E elas são antigas. Brota água lá embaixo. A gente planta banana aqui. Produz bem. Antes isso era tudo árvore. Agora os lotes estão ocupados. Tem o pessoal lá do beco também. Eles estão entrando para cá. Nunca precisou muito de cerca, mas tem o pessoal do tráfico que deu de entrar lá. Ai a gente tem reforçado.

Ao descer as escadas encontramos dois cachorros presos. Eles latem muito. A gente deixa preso até depois do almoço. À noite eles tomam conta daqui. Avisa! Depois prende de manhãzinha de novo. Não há muro que separa o terreno da família do lote do lado, de um parente, e sim uma cerca de arames. As árvores nativas são constantes na descida. Nos fundos do terreno, a casa ocupada por ele tem uma varanda onde ele cultiva alguns vasos (FIGURAS 137). Esse é o meu pequeno jardim. Tem samambaia, tinhorão, lírio branco. Meu pé de manjeriço está feio. Mas vou tratar dele. Tem essa palmeirinha vermelhada também. Vou plantar mais dela por aqui. Ainda Estou arrumando. Ele aponta para o limite da varanda mostrando a área a ser ocupada com os coqueiros de Vênus. Logo em frente, está plantado um pé de limão capeta, carregado de frutos. José retira a forquilha que sustenta o varal e apanha uns frutos. Para vocês levarem para casa. Esse limão é muito bom. Tem mais suco. Ele também é do meu jardim. Aqui para baixo começa a plantação e a matinha. É tudo junto. O meu jardim, a plantação e o jardim que Deus plantou e a gente ajuda.

O terreno ao redor da casa é uma mistura entre plantação de bananeiras e árvores nativas. A família planta bananas e vende para seu sustento desde que moram ali (FIGURA 139 e 140). Meu pai sempre plantou bananas. Olha só o tamanho delas. A gente produz bem. Aqui é um terreno bom para isso. Você sabe que banana gosta muito de água? E aqui tem a água que nasce aqui embaixo, mas também a grotta é úmida. Tudo que é água escorre para essa parte aqui embaixo. Ai nós conseguimos ter banana o ano todo. As árvores da grotta também protegem as bananeiras da ventania que de vez em quando sopra aqui. Meu pai não tirou as árvores daqui não. Elas convivem bem com as bananas, até ajudam. Ele gosta daquele coqueiro ali. Outro dia mesmo tinha um ninho de guacho lá. Olha o ninho ali. Você conhece costureiro? Aqui a gente luta mesmo é contra esse capim colonião. Invade tudo.

Descendo um pouco mais para dentro da Grotta, vemos mais árvores nativas, uma jabuticabeira e uma casa em ruínas. A casa está sendo tomada pela vegetação (FIGURA 138). *Essa casa foi uma invasão. Quando as casas da grotta estavam subindo. Fizemos uma combinação e a gente tirou o pessoal. Tinha um problema com uns malandros lá. Coisa de droga. A casa ficou aí. Eu queria tirar. Meu pai disse que era bobagem. E ele tinha razão. As plantas estão retomando o delas. A gameleira⁵ ao invés de matar o pau está é matando a casa.*

Descendo um pouco mais José me apresenta a nascente (FIGURAS 140 e 141). *Aqui ainda brota uma água. Estamos segurando para as casas do beco não invadirem. A gente não tira as árvores também não. Só que agora eu não confio que a água é limpa não. Já foi. Eu tomava banho aqui quando menino. A gente fazia uma festa. O poço é miúdo, mas menino se diverte com qualquer coisa. Hoje eu não sei. Tem muita casa e não é todo mundo que leva o esgoto para o lugar dele. Outro dia tiramos um cano que estava jogando aqui em cima. Mas a gente não controla tudo não. Eu tinha vontade de ser limpa. Mas é muita gente, e cada um com uma cabeça.*

Aqui ainda tem muitos bichos. Quando fez aquele prédio grande na praça eles correram tudo para aqui. Derrubou foi árvore lá. Deu dó dos bichos. Eu achei o prédio bonito. São Geraldo está virando lugar moderno. Daqui a pouco desce a serra essa moda. Vamos ver. Eu não me acostumo a morar em prédio fechado não. Ele lista vários animais: cachorros, gatos, passarinhos de vários tipos, micos, tucanos, gambás, borboletas, abelhas, besouros, morcegos, jacus. *Eles gostam das nossas bananas. De vez em quando tem um cacho todo comido.*

Mais abaixo na Grotta mora o Senhor Elias. Ele nasceu em Botucatu, região de Santa Bárbara. Mora na casa há quase cinquenta anos e desde que está lá cultiva seu jardim. Hoje na casa moram também seus filhos e netos que junto com ele cuidam das plantas. *Eu gosto de ensinar para eles a plantar, a regar, a cuidar. Quem tem amor por planta e bicho tem amor pela vida.* De plantar ele sempre gostou: *porque gosto da paisagem e das sombras, para manter esse clima, o ar bom.* Os jardins estão na frente e na lateral da casa

⁵ As gameleiras são conhecidas como “mata pau” porque suas sementes pequenas são comidas por morcegos e aves e dispersadas. Se elas caem em uma árvore, vão se desenvolvendo, abraçando a árvore com suas raízes e buscando o solo. Isso acaba por matar a árvore hospedeira.

(FIGURAS 142 a 144). *Antes as árvores iam até lá em cima, mas como tive que bater essa laje para construir aqui, só sobrou essa [árvore plantada no quintal] e esse espaço ai para trás. Mas podendo eu não corto não. Você viu a entrada? Construí ao redor da árvore. O jardim é como uma extensão da casa. Ele se embrenha pelos corredores, fundos e entrada. Vai entrando e a casa vai saindo.*

Como veio do interior, sempre conviveu com as plantas e os bichos. Aprendi a cuidar delas naturalmente, é porque eu vim da roça, ai já sabia como fazer. Taioba, por exemplo, dá fácil. É igual erva daninha, só plantar que dá. Aqui tem muita umidade, então elas gostam. Mas tem que saber a diferença da brava e da de comer. Algumas mudas eu fui ganhando e plantando, à medida que ia ganhando ia plantando onde dava e algumas que já tinham ficaram. Eu gosto dele assim mesmo, misturado. A planta que mais gosta é do pé de abacate. Eu gosto de comer as frutas e fazer as meninas gostarem de fruta de casa. Não essas estranhas. Outro dia a mais velha [neta] chegou aqui com uma fruta diferente. Qual é o nome? Lichia. Eu até gostei.

Ele gosta de observar os bichos com as netas. Tem abelha, borboleta, tucano mico. Eu fico mais minhas netas vendo eles. Elas gostam de acompanhar os caminhos das formigas. Gostam também das borboletas. Tem cada qualidade!

Sobre o rio ele se lembra de que tinha muita enchente. E hoje acha que ele está muito longe. Aqui no fundo tem um olho d'água no bananal. Dá para ver um pouco daqui. Olha lá a ponte de madeira. Ela fica em cima do poço que a água forma. A nascente é um pouco mais para cima. Às vezes escorre e às vezes seca. Do fundo do lote, na laje suspensa recém construída, é possível ver a vegetação da Grotta, algumas bananeira do vizinho e a ponte sobre o pocinho d'água (FIGURA 144). Do poço a água desce num tubo debaixo da Coarí.

*Sob a Rua Coarí, no trecho que desce da Grotta em direção à Rua Souza Aguiar, está a tubulação de esgotamento da água da Grotta. Como este trecho da rua está localizado na superfície côncava mais próxima ao fundo de vale onde antigamente havia um córrego, concentra a descida de grande parte das águas pluviais. Segundo Carlos *Quando chove muito a rua aqui parece uma cachoeira. Desce muita água. Aqui na Souza Aguiar, perto da subida da passarela está desbarrancando de tanta água e de vez em quando aquela**

parte da rua fica inundada. Vem água de tudo quanto é lado. Da Coari, da Caiçara, da Grota. Esse meu menino e o irmão consumavam brincar de soltar barco na correnteza. Olha esse lote aqui do lado com as árvores fica parecendo um brejo quando chove muito. Carlos mora na parte baixa da rua desde que se casou. Sua mulher vem plantando cuidadosamente o jardim (FIGURAS 145 e 146).

O jardim da frente de sua casa tem muitas plantas ornamentais, folhagens, arbusto e uma árvore. É minha mulher quem cuida e rega sempre. Outro dia ela ganhou esse vaso de capim cidreira e esta cuidando, tem um pouco de verdura misturada também, taioba, manjericão. É jardim com tudo que minha mulher gosta. Ela gosta muito desse arbusto avermelhado para colorir o ambiente. Eu mesmo gosto é de alimentar os beija-flores que vem muito aqui. Eles são atraídos por essa flor amarela [camarão amarelo]. Penduro muitos bebedouros.

A Grota é uma área ainda preservada. As presenças da nascente e da plantação de bananas ajudam a preservá-la. Também a igreja, que é dona do lote com a grande área vegetada no fundo do santuário e da casa paroquial, ajuda a manter a Grota.

2.2.2 TALVEGUES DO CÓRREGO SÃO GERALDO

Sobre o leito tamponado do córrego do São Geraldo, que corre sob as Ruas Fernão Dias, Janaitiba e Curi, *brotam nos lotes alguns olhos d'água. Eles mudam. Mas tem dois lotes, um na Janaitiba e outro na Potomaio onde as águas fazem parte da vida das pessoas, nos conta Tata. Esses lotes estão localizados nos talvegues da superfície côncava do córrego. Durante a entrevista foi localizado mais um lote onde há uma nascente na Rua Curi.*

A senhora Bete veio morar no São Geraldo há muito tempo. Mudou-se na década de 60 quando o bairro ainda tinha as ruas de terra. O Raimundo é filho de Bete. *Meu pai, comprou alguns lotes na Rua Janaitiba onde havia muitas árvores. Era barato, pois o córrego passava logo atrás. E ele era funcionário da rede [ferroviária] e não tinha tanta condição. Ele queria terra. Então veio parar aqui. As ruas eram de terra. Eu me lembro delas de terra. Era uma lama só quando chovia.*

Hoje Raimundo é quem mora na antiga casa dos pais, pois a mãe faleceu recentemente. Ele conta que a mãe gostava das plantas de perto do muro (FIGURAS 149 a 154). *Fez uma plantação de bananas. E tem manga. Tem essa árvore grande ai na frente que no tempo da minha mãe era cheia de bromélia, orquídea. Mas esta tudo desleixado.*

Quanto aos bichos: *sempre tem muito passarinho, tem mico, até jacu eu já vi aqui. É quase uma matinha. Minha mãe chamava de jardim de Deus. Eu estou ambientando ainda.*

Quanto à água ele se sente desconfortável com a pergunta. A nascente foi tubulada em manilhas e jogada na drenagem pluvial por ele. *Meus pais aproveitavam e distribuía água para a vizinhança quando faltava. Aqui faltava muita água, mas hoje não. Mas eu achei que era só problema. Então eu tirei.* Quanto ao rio ele se lembra muito. *Não era grande não. Está tubulado aqui na rua agora, mas passava no fundo do lote. Era mais como um reguinho que aumentava nas chuvas. Na Curi era como um brejo. E lá embaixo tinha o rio Arrudas e a ponte de madeira. Esse inundava com vontade. Lá tinha enchente e era um rio na verdade.*

Maria Helena mora na casa da sogra. Há cinco anos seu jardim foi cortado para construir uma garagem para os irmãos do marido. *Eu comecei a plantar em vasos porque as plantas foram tiradas para fazer a garagem. Antigamente aqui tinha uma plantação de milho e flor. Eu queria manter as plantas comigo. Então eu fiz meus vasos. São mais de duzentos. Agora eles não estão me deixando ter mais. Eu sempre gostei, sempre tive jardim.* Ela conta que tem seu jardim: *porque eu amo planta com força. Se estou chateada com algo vou para perto dos vasos e acaba. As plantas me aliviam. Sinto falta da planta dentro de mim.*

Outro dia eu gostaria de organizar. Eu tenho vontade de organizar, pois vou empilhando com outras plantas. Coloco os vasos menores em cima dos maiores. O gato faz xixi nas plantas e com os outros vasos em cima ele não faz. Uma planta precisa de outra perto. Estava fazendo por intuição para elas ficarem juntas. Uma mine família. As plantas se comunicam entre elas eu vi uma reportagem sobre isso. Elas conversam e eu converso com elas (FIGURAS 169 a 174).

Sobre o plantio em vasos. *É bom. Posso mudar para todos os cantos. O negativo é que dá muitos bichos. Na terra é mais fácil. Eles [os animais] ficam no chão e levam a vida deles. Aqui não dá. Tem que arredar os vasos para limpar.* Ela gostaria de poder ter mais vasos. *Para mim o jardim é parte da casa. Antes de casar eu podia manter as plantas dentro de casa. Aqui não cabe. A casa é pequena. Gostaria de ter uma casa com planta dentro e fora, na terra também. Aqui só a goiabeira está na terra. Eles a cortaram no toco. Não é que a bichinha resistiu. Ela é forte. Encheu de broto. Eu estou adubando e regando ela para ajudar. Faço meio escondido para não arrumar encrenca.*

Ela cultiva capim cidreira e hortelã pimenta, algumas suculentas, cactos vários, trepadeira, costela de adão, rosa, rosa branca, amarela, dália, rosa do deserto, alho, açafraão, cebolinha, taioba, couve mineira, jabuticaba, goiaba no chão, abacaxi, mamão, cajá manga, coração magoado, dália branca, dama da noite, espada de São Jorge e lança, guiné, comigo ninguém pode *de três qualidades*, pitaya, cactos. *Faço polinização com cotonete para ter pitaya. E faço muda de abacaxi com a coroa dele. Dá no vaso. Na cidade falta o inseto que poliniza ela. Aprendi no youtube e deu certo. A minha muda de rosa do deserto estou apaixonada. Pequi que eu trouxe da casa da minha mãe é minha preferida. Meu pai disse que eu tinha que trazer. Pois ela só pega se a casa que tem felicidade. ela pega o sentimento da família. Ela pegou então tenho felicidade.* Maria Helena solta então, uma gargalhada.

Sobre os animais ela diz que convive com piolho de cobra, caramujo, lesma, abelha na pitaya, beija-flor, borboleta (FIGURA 171), joaninha, besouro que dava no pé de maracujá, passarinho, tucano. *Faço uma composteira. As pessoas não tampavam os restos e ai deu uma infestação de caramujo e lesma. Fazia isca com a ração do gato e eu tirava as lesmas. Eu limpo os piolhos de cobra também. Como animal de estimação tem um gato. Eu tenho com quem conversar. Minha netinha que deixou ele aqui. Ele divide a comida com uma gatinha de rua. Eu falei com ele: pode parar. Não dá para alimentar dois. O povo fala mal de gato, mas é porque não conhece.*

Não gosto de vender planta. Eu dou muda. Desde que eu conheço por gente eu gosto de planta. Quando eu casei deixei minhas plantas na minha mãe. Fiquei chateada, pois

cortaram minhas plantas. Cortaram meu pinheiro sem dó. Não pensaram que é uma vida. Eu só dou muda pegada.

Troco muita muda, doo mudas, as pessoas saem muito felizes. Fui à casa da minha irmã e ela me deu uma muda. Todo mundo adorou. Ai não sobrou muda para mim. A vizinha falou: eu tenho. Vem aqui. Eu fui na casa da vizinha e o carro veio cheio de muda. Vasos, eu tenho mais de duzentos. Mais ou menos. O meu filho do exercito não vai mais me dar muda porque ele não consegue mais entrar na casa. Mas a casa é delas. Tenho abacate no vaso e laranja também. Tem é que colocar mais planta perto. Para não ficar sozinho. Ela conta que já fez muita amizade por causa dos jardins. Com relação aos vizinhos conta que: os vizinhos entram e sentem a diferença. Entram e logo falam que aqui está tão fresquinho.

Sobre os jardins de Belo horizonte: ai gente tem umas pracinhas lindas, com jardim, com flor, com árvore. Um show. Mas tem outras com as plantas mal tratadas. A do São Geraldo é meio largada. Mal tratada. Queria falar com o prefeito para ajudar os moradores de rua para terem a casa deles. Mas eles não têm nem lugar ai tem que morar na praça e no jardim. Tinha que dar lugar para essa gente. E ai cabia gente e jardim. Todo bairro deveria ter um Albergue para dar oportunidade para elas as plantas e principalmente para as pessoas, não deviam ter que disputar espaço. Cabe todo mundo no mundo. É só o politico querer que dá.

Quanto ao rio conta das nascentes. Eu tenho uma nascente de água. Ela está bem pouca. Eu tenho uma cisterna (FIGURA 169). Eu molho as plantas com ela. Ela é dentro do chão. Tem uma bomba que leva para essa caixa aqui. As plantas agradecem a água é sem cloro e elas ficam melhores. Já viu as plantas depois da chuva? Cloro é ruim para plantar. Tem uma nascente na casa da vizinha na Curí. Fui lá uma vez, mas a água vinha lá em cima. Água que brota pura do chão. Agora ela tampou para fazer uma varanda. Eu queria era ter dinheiro para comprar essa casa e fazer um jardim grande com água. E tem um rio na Curi.

Na Rua Curi está a casa da mina, como é conhecida a casa da esquina com Rua Janaitiba. Nela há um poço antigo que forneceu água para muitas pessoas do bairro. O proprietário

nos conta que: *essa nascente está bem pouquinha (FIGURA 175). Essa casa é da minha família e agora a água só dá para a gente. Eu molho meus vasos com ela e lavo o chão.*

Tatiane é de Belo Horizonte e vende salgados para lanchonetes. Ela mora nessa casa há seis anos e desde então mantém seu jardim. *Gosto muito de planta, minha mão não é muito boa não. Eu sou do interior, minha família toda tem flor, horta, é bom demais. Ela diz que tem jardim (FIGURAS 148) e horta: é tipo um hobby. E também é bom demais colher as coisas para comer, ter uma flor para colocar na jarra. Já tinha essa horta, mas não estava bem cuidada. Lá atrás, onde tem as galinhas não tinha nada não. Eu estou indo aos poucos.*

Sobre as relações conta que sempre que sobra distribui verduras. *As flores e vasos são para mim mesmo. Ela diz que aprendeu a plantar na prática. Ah, a gente vai plantando e vai vendo qual gosta de quê, mais sol, menos sol, mais água. Todos os dias converso com elas e cuido delas.*

Ela cultiva couve, tomates e suas roseiras, além de duas palmeiras *que ficam cheias de maritacas*. No fundo da casa cria galinhas e tem um pé de jabuticaba. *Mas lá atrás não é jardim mais não. Está muito largado. É casa das galinhas.* Ela tem dois cachorros e observa borboletas, joaninhas e passarinhos. *Odeio os pulgões e os mosquitos! Quando tenho aqui eu jogo veneno.* Ela conta também que: *com a horta frequenta menos o sacolão. Quando não tenho couve própria meu vizinho aqui, o Raimundo me dá. A vida é na troca mesmo. Eu dou ovo para ele sempre também.*

Sobre o rio conta que: *a água desce muito rápida aqui na rua para a Curi. Lá tem um rio enterrado. E perto da Souza Aguiar tem enchente.*

Raimundo mora pertinho de Tatiane que nasceu em Belém do Pará. Mas cresceu em Belo Horizonte. *O jardim com plantas novas tem quinze anos. Minha mãe morava antes na casa, que hoje eu estou fazendo reforma. Vou fazer um jardim bem bonito. Estou só começando. Olha meus vasos, e os canteiros. Deixei até um o canteiro no muro. Ai tem jardim até na rua. Você viu lá? Eu vou ganhando dinheiro e vou gastando. Vou ganhando muda e vou plantando (FIGURAS 149 a 154).* A Jabuticabeira já existia desde que ele se mudou para lá. *Minha mãe já gostava. Ela já morava aqui. Eu cresci nessa casa e agora*

voltei. Antes morava no apartamento. Quando era mais novo tinha plantas em vaso, begônia, azaleia, mas em apartamento não tinha muito como ter planta.

Ele planta por gosto principalmente. Porque tinham poucas [plantas], só frutíferas. Minha mulher gosta de flor. E flor ajuda a não dar praga. Sabia? Eu estava doido para fazer [horta]. É muito melhor você comer as coisas que você planta. E com as flores junto para minha mulher. Mas ainda estou mantendo as plantas nos vasos até o fim da bagunça de obra aqui. O terreno tem muitas árvores frutíferas. Minha esposa queria cortar o pé de Graviola. Aí uma moça veio pedir as folhas para o tratamento de câncer. Ela foi contando para mim: aumenta a imunidade. Decidimos não cortar. Mas eu não ia deixar cortar mesmo não.

O jardim acontece na lateral da casa. O canteiro é na lateral pelo espaço que eu tenho ao lado da casa. Mas também porque desce muita água quando chove (FIGURA 150). À sombra dos pés de Graviola e de Jabuticaba Raimundo pretende construir sofás de pallets. Na parede lateral da casa, na face direcionada ao jardim, ele pretende fazer um jardim vertical. Sabia que aqui tinha um córrego? Segundo ele os canteiros laterais margeiam um córrego natural que desemboca na Rua Coari.

Os vizinhos são tudo gente boa. Relação bacana. Eles gostam também de jardim.

Sobre os jardins da cidade ele diz que precisam ser mais bem pensados. Oh, principalmente as árvores. Tem que escolher espécies que não demandam muito trabalho, que são da região, que já sabem como crescer aqui. Mas a prefeitura não sabe cuidar também. Se tiver uma árvore diferente, é bonito para gente conhecer também. Horrroso o que aconteceu ali na Bernardo Monteiro. O Engenheiro Ambiental deveria rasgar o registro dele. A árvore preferida dele é o ipê. Os Ipês de BH são bonitos, muito bonitos. Minha mulher reclama que da flor por pouco tempo e eu brinco que espetáculo não é todo dia mesmo. A prefeitura só preocupa em cortar árvores que estão podres e não preocupa em replantar. Por que não planta um pé de manga coquinho? Na sombra ele não fica grande. Se tiver carro estacionado ele não amassa. Ou pitanga que tem fruta pequena? Aí alimentava os passarinhos. Sobre a relação de seu jardim com a cidade diz que não há muita. Mas tem o canteirinho na frente que ainda não está pronto. Aí vai ter um pouquinho. Se todo mundo tivesse um pouquinho de jardim na frente, na grade no muro

ia ser mais bonito. Está aí uma boa ideia que passou conversando aqui. Vou falar com meus companheiros.

Ele costuma distribuir frutas, principalmente acerola. Também distribui couve e costuma ganhar verduras e ovos. *Conheço muita gente com jardim. A gente troca experiências e eu ganho bastante muda. É só pedir que ganho.* Quanto começou a plantar, passou a comprar menos frutas e verduras. *A intenção é exatamente essa. Um pé de alface você compra e se não usar, perde na geladeira. Aqui eu vou tirar a quantidade de folhas de alface que eu quiser usar, e o pé continua lá, crescendo. Quando ele cresce muito e fica ruim de comer eu replanto.*

Ele cultiva nativas, frutíferas, ervas, temperos, hortaliças, leguminosas, tubérculos, verdes sem flores, flores, suculenta, cactos, árvores, arbustos e trepadeiras. *Eu planto jabuticaba, graviola, rosa do deserto, brasileirinho, ráfia, alface, couve, cenoura, coentro, hortelã, manjeriço, cebolinha, rosa, gerânio.* Conta que aprendeu *com a minha avó. Ela tinha um jardim na Rua Mogoari, gostava muito de planta. O jardim dela era muito bonito. Aqui vai ficar também. Tem planta medicinal, comestível e ornamental. Minha avó falava que planta gosta de planta. Tem que entender as combinações.*

Explico a ele sobre as plantas de poder e ele diz que não acredita: *mas uma vez, uma kalanchoe linda, viçosa que tinha no apartamento morreu logo depois de uma visita. Ela queimou todinha, como se tivesse pegado fogo. Morreu. Eu joguei fora. Acho que foi mal olhado que ela protegeu.* A planta que ele mais gosta é uma rosa do deserto. *Sua raiz para fora da terra é como se fosse Baobá.* Ele diz que nenhuma planta é especial para ele não. Mas conta que faz questão de conservar as plantas de sua mãe. *O jardim me faz um bem. Eu gosto. Descansa. No finalzinho da tarde a gente fica mais cansado. Mas também fica admirado de ver o que planta para comer crescendo. Gosto de sentar na cadeira depois de regar e ficar sentindo o cheiro de terra molhada, eu e minha esposa e as amigas plantas. Ela é devota de São Francisco, o santo da natureza.*

O jardim faz parte do dia a dia da gente aqui. Eu gosto, minha mulher gosta mais. Tanto é que a mangueira não fica enrolada, ela fica esticada que aí do jeito que tá eu já joga água. Ele gosta de cuidar do jardim todo dia. Sobre a poda comenta: *só acabar de dar jabuticaba, em novembro, vou podar.* Pergunto se a árvore já não está dando frutos

agora, ao que Raimundo responde que: *agora ela está em temporona. Eu aguei. Se aguar bem ela dá duas vezes no ano.*

Ele tem um gato e um cachorro. Diz que: *o jardim atrai muito bicho: abelha, borboleta, joaninha, libélula, formiga, bem te vi, sabiá, rolinha. E os pulgões. A gente aqui lava. Para pulgão faz assim: joga jatos de água, principalmente nas frutas. Agora é época de sabiá, eles aparecem na primavera. Principalmente quando floresce o pé de Jabuticaba, fica cheio de abelha.*

Sobre o rio conta que se lembra do ribeirão Arrudas. *Tem umas histórias trágicas viu. Tinha ponte entre o bairro Abadia e o São Geraldo. Era uma pinguela, passava só uma pessoa por vez. Naquela época quando chovia, [o rio] saía carregando gente. Tinha uma favela na beira, carregava barraco e morria muita gente. Balançava, o pessoal caía lá dentro, lá na água. Passava com carrinho de mão. Aí com a canalização do rio, aí ficou muito bom. Conta que também se lembra do córrego São Geraldo. Desse eu tenho saudade. Passava logo ali embaixo. Eu mais os meninos da vizinhança catávamos piabinha colorida. Tem umas nascentes ainda. Na casa da dona Bete, aquela com a matinha, tem olho d'água ainda. Tem tempo que não vejo, mas eu já vi.*

O Senhor Hélio é *nascido e criado no São Geraldo*. Antes morava perto da praça e desde que se casou está nessa casa. Ele conta que quando comprou o lote era um brejo. Ele diz que a mãe já gostava de ter um jardim bonito: *com muita flor, folhagem, e até arvores. Eu que era o irmão que gostava de ajudar.* Ele conta que na casa que comprou e construiu nos dois lotes *sempre teve muita planta. Agora com a garagem tem um pouco menos. Gosto do jardim aqui porque fica mais destacado e mais fresco* (FIGURA 155).

Ele diz que mora no jardim. *Os vizinhos gostam de ver. Bonito o verde. Traz mais vitalidade.* Ele cultivava frutíferas, verdes sem flores, flores, suculenta, árvores, arbustos e trepadeiras. *Já tive uma horta também. Agora tive que construir a garagem.* Sobre o aprendizado conta que aprendeu com a mãe e com as tentativas. *Ah, eu ia cuidando. Algumas ficavam bonitas e cresciam. Ai eu repetia. Só mando podar quando tá bem grande e incomodando. O pé de manga mesmo, já tá na hora de cortar porque entope calha. A unha de gato tem que podar pelo menos uma vez no ano. Gosto de podar em novembro, ou dezembro no início das chuvas. É que quando poda ela fica seca, mas com a*

chuva ela fica verdinha de novo bem rápido. Rego de manhã e quando está muito seco à tarde também.

A samambaia é sua planta preferida. Mas aqui tem o pé de manga, a unha de gato do muro, o tinhorão, o antúrio, a ameixa amarela ali atrás, aquela planta roxa [trapoeraba roxa] que eu não sei o nome, uma espada de São Jorge. Quanto aos animais: não dou muita notícia não. Só das formigas que quando começam a incomodar, coloco remédio.

Ele diz que não conhece outras pessoas com jardim, mas que seria interessante conhecer e conversar sobre o nome das árvores que tem aqui. Algumas das plantas que eu tenho, eu não sei identificar e eu estava interessado na possibilidade. Agora eu distribuo muda quando me pedem. E manga também. Conta que mesmo assim fez uma solicitação de corte à prefeitura: quando você bateu, até achei que era a prefeitura. Fiz uma solicitação com eles para cortar o pé de manga, porque ele tá rachando o muro e entupindo a calha.

Quanto ao rio e as nascentes diz que: tem muita nascente nos fundos dos lotes. Ali mesmo na dona Bete tem. Aqui na rua tem um rio enterrado. E você precisa ver a força que a água tem quando desce a Janaitiba e a Potomaio para a Curi. É tudo asfalto e a água vem correndo. Parece uma cachoeira mesmo. Esses bueiros não dão conta. Eu mesmo coloquei muro por isso. Entrava água aqui. As plantas também ajudam. Sempre gostei. É importante ter uma planta para dar água e para conter a água.

Fátima é uma professora de Belo Horizonte. Ela tem um jardim do qual cuida sozinha e foi sendo construído aos poucos com mudas adquiridas e ganhadas. Aprecio a beleza das plantas e fico feliz com o desenvolvimento delas, eu gosto de plantas e da beleza delas. Eu queria ter um espaço maior com mais flores. Mas eu não tenho nem o espaço e nem o tempo para cuidar delas (FIGURAS 157 a 159).

Ela cultiva nativas, frutíferas, ervas, temperos, verdes sem flores, flores, succulenta, cactos, árvores, e trepadeiras. No jardim da minha casa percebo as diferentes necessidades de cada espécie de planta: sol, água, adubo. No meu jardim eu uso conhecimento vindo de outras pessoas, amigos, vizinhos, conhecidos e dos meus antepassados minha mãe, minhas tias. Fátima diz não ter uma espécie preferida. Gosto de muitas daquelas que me lembram do tempo de criança: dália, jardineira.

Gosto de todos os animais, mas os que fazem mal às plantas eu tenho que combater. Eu uso inseticida. Como animal de estimação tem cachorro, chinchila e papagaio. Eu também adoto os passarinhos jogando alimento para as rolinhas, pombas, pardais, sabiás, bem te vis que aparecem.

O jardim me acalma. Queria ter mais tempo para me dedicar a ele. Ela diz que distribui muda. Gosto de ganhar flores e mudas da Mônica [vizinha]. Ela é quem mais me dá. Já fiz muito amigo por causa dos jardins.

Sobre os jardins públicos, Fátima conta sobre a Rua Souza Aguiar. Quando mudaram a linha de trem era só mato. Ai os moradores começaram a plantar jardins. Era um lugar feio, com muito lixo descartado. Agora se transformou num lugar charmoso pelo cuidado das pessoas do local e que moram próximo. Nas calçadas eu também observo que os moradores cuidam de pequenos jardins em frente a sua casa. A prefeitura mesmo não cuida muito bem das praças do bairro. E engraçado que a população não ajuda, joga lixo nas praças da prefeitura, mas está ajudando na Souza Aguiar. A praça da igreja esta muito suja com a construção daquele condomínio enorme lá. Eu acho que vai é piorar com aquilo lá. Sobre a cidade de Belo Horizonte: sempre foi voltada para árvores de grande porte. E já não dá mais para ser assim por causa da fiação, dos passeios e do envelhecimento delas. Deviam pensar também em plantas de pequeno porte. BH era conhecida como cidade jardim e hoje não é mais, a não ser nas praças. No bairro ela se recorda que: as ruas eram de terra até o início da década de oitenta. Elas foram asfaltadas aos poucos e o córrego que nascia na pedreira lá em cima todo tampado.

Hoje temos os córregos e os ribeirões quase todos canalizados. Os jovens não imaginam o ribeirão Arrudas correndo embaixo da Avenida dos Andradas. Eu cheguei a ver o ribeirão Arrudas quase limpo. Via peixes quando passávamos na ponte velha de madeira. O leito não era onde é hoje. Ele foi transportado mais para a direita o que foi para construir a Avenida dos Andradas. Eu lembro também do bambuzal na casa do Senhor Olímpio na beira do córrego do São Geraldo ali perto da rotatória, na Fernão Dias. Nos lugares onde corria rio surgiu rua, grande avenida, muro, posto de gasolina. Quando tinha enchente no Arrudas os moradores corriam para ver animais, móveis, plantas, tudo ser carregado pela força das águas. Nas décadas de cinquenta, sessenta e setenta tinha muita falta de água.

O bairro era abastecido por caminhão pipa. Tinha também as bicas que forneciam água. Eu mesma já fui ali à [rua] Janaitiba, buscar água na Bete. Na Rua Curi havia um corregozinho formado pelas várias nascentes da região igual à Coarí. O da Curi era maiorzinho. Nesse córrego havia umas piabinhas coloridas também, igual à Grota. As nascentes ficavam nos lotes. Lembro-me de três. Uma na casa da Bete que acho que tem até hoje, uma na Potomaio onde mora a Maria Helena e outra na Curi onde morava Dona Délia. Hoje está tudo coberto com asfalto. Falam que é o progresso que aconteceu. Será que esse progresso foi bom para nós? Hoje a gente vê o Arrudas correndo no concreto. Acabou o problema das enchentes aqui, mas elas só mudaram de lugar. Não viu o que aconteceu no centro?

Rosane mora na Rua Dourados há bastante tempo, desde que nasceu. *Desde pequena, minha mãe que cuidava do jardim. Eu não gosto não. Quem olha as plantas que tem aqui em casa é meu pai mesmo já que minha mãe está faltando.* Ela chama o pai que completa a entrevista junto com ela.

O pai conta que o jardim era da sua falecida mulher (FIGURA 160). *Eu continuo por ela. Porque as plantas ficam felizes, ai onde estão. Meus vizinhos não falam nada. Eles até gostam.* Nos fundos do lote tem uma casa que eles alugam. Na casa da frente, tem uma parte com árvore mas também com mato, o que mostra uma falta de cuidado recente. Na casa da locatária, que fica nos fundos, não houve indícios expressivos de áreas permeáveis e apenas alguns vasos, principalmente dentro da casa, na entrada e na varanda.

Sobre as plantas eles cultivam temperos, folhagens e verdes sem flores. Dentro do cercado eles pensam em fazer uma horta. *Aqui estou preparando canteiros para uma horta. Viu? E vou plantar uma roseira para eu me lembrar da minha mulher. Ela era das flores. Está um pouco triste agora sem ela para cuidar.* A filha diz que gosta muito do manjeriço. *Tem um cheiro bom e é bonito. Eu faço macarrão e coloco fica uma delícia.*

Ela tem dois cachorros, gosta de observar as rolinhas e sabiás que aparecem. O pai faz controle das formigas. *Faço com água mesmo. É simples. É só descobrir o buraco delas e colocar água. Agora o segredo é que tem que ser à noite. Quando está todo mundo lá dentro.*

Eles trocam e doam mudas de samambaia. *O manjeriço a gente come aqui em casa mesmo não vende nem doa nem nada. É bem pouquinho então não sobra. Quando o pai fizer a horta talvez [compre menos hortaliças].*

Ela não teve nenhum contato com o rio. A lembrança do pai sobre o rio é das enchentes. *Eu só me lembro de coisas negativas do rio. Aqui logo embaixo ainda tem inundação mesmo o rio estando tampado. Acho que tampar não é bom não. O aguaceiro vem com força daqui e da Curi. Ele bate no monte de terra que o trem construiu. Antes não tinha esse monte de terra não, o córrego ia direto para o rio Arrudas. A linha era mais baixa. Agora a água tem que passar por um tubo e ir. Ai quando chove muito o tubo não dá conta e inunda. Eu lembro também das enchentes do Arrudas. Saia carregando tudo.*

À leste da rua Curi, na rua Janaitiba, Eduardo diz que gosta demais de plantar. *Meu jardim é meio bagunçado (FIGURAS 161 a 163). Tem flor e verdura. Tenho o jardim para a gente ter a beleza e para consumo próprio. É terapia. É muito bom. Mas comecei porque sou do interior, de família que gostava. Aprendi. Ele é um idoso que trabalha como serralheiro e veio do interior há quarenta e cinco anos.*

Na sua casa: *tinham mais canteiros, a gente tirou para cimentar. E o jardim foi acontecendo como dava, sem muito planejamento. É que aqui tem sol bom e ai a gente fica mais livre. Eu planto miosótis, begônia, coração de estudante, algodão, carambola, cebolinha, capim cidreira, jabuticabeira. A gente veio do interior, já conhecia de tudo, tinha um terreno muito grande lá. Sobre os cuidados com as plantas conta que: todo dia mexe um pouquinho, mas não precisa mexer demais não, só de vez em quando. Ele diz que o jardim traz paz e que: com certeza, você morar num apartamento hoje, você não tem essa mordomia. Você ter um terreno desses hoje, nossa senhora, é o privilégio. Ele produz algumas frutas e hortaliças mas não muito. Então não doa ou troca pois: não sobra muito não, o que sobra eu dou para as galinhas.*

Sobre os bichos sempre vê abelha, borboleta, joaninha, libélula, formiga, besouro, aranha além de suas galinhas, seus quatro cachorros e de seus dois gatos. *Já vi até mico aqui. Teve uma época que deu muita aranha. Eles apareceram e comeram tudo. Eu não faço muito controle de animais não, mas construí essa proteção aqui para minhas galinhas não acabarem com as plantas. Tenho que controlar são elas. Mas solto de vez em quando.*

Galinha come escorpião e aqui já apareceu. Então elas são uma proteção para gente também (FIGURAS 163).

Ele não conhece outras pessoas com jardins. Eu não saio muito de casa não. E não fiz amizade por causa de planta, só de galinha e de ovo. A gente conversa com a vizinhança, mas não pelo intermédio de plantas. Pode ser legal fazer isso.

Ele afirma que: os jardins interferem [no bairro] com certeza. O verde no terreno é muito bonito, não é? E ajuda a natureza mesmo que a gente não vê. Das suas plantas: só aparece uma parte, o topo do pé de algodão, mas faz diferença na atmosfera da rua. Em Belo Horizonte é tudo mais mal cuidado nos bairros fora do centro. Mas tem mais gente com jardim em casa. Acho esquisitos demais aqueles jardins de condomínio chique. Parece figura de álbum. Não tem nem uma folhinha fora do lugar. Às vezes fico pensando se é de plástico.

Sobre o rio: eu me lembro do córrego da Rua Curi. Ele inunda de vez em quando. Eu achei bom ter asfaltado as ruas e tampado o córrego. Mas tinha que dar um jeito na inundação. Quando a linha mudou começou o problema maior. A água desce forte daqui de cima e o tubo não segura.

Maria nasceu no interior, mas mora em Belo Horizonte há quase cinquenta anos. Desde quando eu mudei para aqui já fui plantando horta, minhas florezinhas, minhas plantinhas. Planto desde nova. Minha mãe lá em casa, na fazenda do meu pai, tinha muita flor bonita, era muita planta. Tudo quanto é planta tinha no jardim lá em Ponte Nova. Dona Maria já tem idade avançada e hoje não consegue cuidar de seu jardim por condições de saúde. É diabética e sofre de varizes e dores na coluna. Quem assume os cuidados é seu filho, Gerson. Toda vida eu gostei de plantar, só que tem que agora não estou plantando mais, num dou conta. Mas faço questão de ficar perto das minhas amigas. Maria não cuida mais, seu filho molha sempre. Maria fica na entrada da casa conversando com elas. Só de conversar, já é cuidado uai (FIGURA 164).

As plantas estão aí. Esse é o meu jardim de hoje (FIGURAS 164 e 165). Já foi maior. Porque eu gostava e eu podia. Tinha água com abundância. Vinha da rua, da prefeitura. Agora é mais difícil por causa do custo da água, encarece. Conta que economiza no que pode,

lavando a varanda com água de reuso da máquina de lavar roupas, por exemplo. *Desejo a água. Num posso gastar porque não tenho dinheiro para pagar.*

A casa, que conseguiram comprar por intermédio da Empresa Central onde o marido trabalhava tinha apenas o lote e a construção. *O jardim, os canteiros, o muro e o barracão eu, meu marido e meu filho Gerson que construímos. As plantas também a gente plantou. Tinha nada. Hoje é tudo murado. Tudo de acordo com a nossa vida. Tudo construído com as nossas mãos.*

Ela planta Jabuticaba, samambaia e vários verdes sem flores. Aprendeu com os pais, que eram agricultores em Ponte Nova. Conta que alguns sobrinhos e tios ainda trabalham na roça: *eles plantam cana, café, mandioca. Tudo. Gosto de jardim já que não tem espaço de roça aqui. Planto com a ideia de fazer assim, enfeitar a frente da casa. Trazer passarinho. Num ficar pelada, né? Casa pelada é feia, é sozinho.*

Ela gosta: *de tudo que diz que é flor, eu gosto muito das flores.* O pé de jabuticaba diz que estão tentando salvar. *Ele pegou essa praga aí da rua, dá como se fossem umas traças. Igual traça de roupa, sabe? Buscamos dois pés lá no Ministério da Fazenda. Lembro como se fosse ontem, o menino [seu filho] tinha sete anos. Um morreu, o outro é esse que tá aí. Tenho rezado para Deus deixar ele comigo. É muita história junto.* Conta que quando vivo seu marido: *limpava o pé fazendo um buraco na base. Logo colocava um saco de esterco, um litro de sal grosso e tampava. Para deixar a jabuticaba bonita, as frutas boas. Era tratamento.*

Aqui vem muito bicho: abelha, joaninha, borboleta, maritaca, passarinho. Uns micos passam de vez em quando caminhando no fio. Vem família inteira. Tem meu gato. Ele é lindo (FIGURA 165). Perguntada sobre sua relação com eles ela responde: *ah minha filha, o que eu vou fazer, por que eu não vou gostar deles?*

A família construiu também um banco na entrada, sob a sombra do fícus que há na calçada, da qual o filho de Maria também cuida. *Eu sento aí para ver a rua. Mas os vizinhos sentam também.* Ela gosta de mostrar suas plantas para a rua, e os vizinhos: *para quem estiver passando. Já plantei duas árvores frutíferas na rua, mas fico brava porque as pessoas não deixam a fruta amadurecer.* Quando perguntada sobre as plantas de Belo Horizonte responde: *uai para mim toda planta é bonita. Toda planta tem um mistério de*

Deus, é coisa de Deus. Pensa numa flor, quanta coisa tem ali? Beleza, perfume, semente. É coisa divina.

Sobre o rio tem boas e más lembranças: *eu lembro demais do rio Arrudas e do córrego aqui embaixo, nossa! Lembro quando ele era podre. Tinha inundação logo aqui. Era meu tempo ainda. Demorou demais para eles encanarem ele. Me 'ocupa' demais a falta de educação dos moradores. Podia ser limpo e a gente ter água mais fácil.*

Adelaide e Renan são do interior, de Machacalis e vieram para o São Geraldo há nove anos. Ela é professora e nos conta que: *sempre tive jardim (FIGURA 166 e 167). Eu gosto demais de flor, de plantar. Eu adoro. Plantar, cuidar, colher. Nada melhor do que a felicidade de colher do pé e de ver uma flor abrir. Eu acabei de aposentar. Agora eu fico mais em casa. Quando eu era solteira minha mãe que cuidava sozinha. Aqui no lote, nós mães que cuidamos mais.*

O lote tem três famílias que são parentes e vivem juntas. *Aqui era da mãe do Renan [esposo]. Tinha rosa, fruta adoidado. Hoje tem bem menos.* O jardim foi reduzido ao espaço lateral das casas, pois grande parte do lote foi cimentada para a construção de um local para os dois filhos morarem. O canteiro é lateral pelo espaço disponível ao lado do lote e está mais elevado para evitar que a entrada dos cachorros. *Queria que fosse maior, mais espaço para fazer uma horta. Tem que ter verde. Onde a gente mora. Tem que ter sombra. Tem que ter flor. Natureza é meio mágica. Deixa a gente feliz. Mas é o que tem. Quando acabar a construção eu já estou preparando minhas roseiras. Vai ser só perfume aqui.* Para driblar a falta de espaço eles colocam arames para direcionar o crescimento das plantas trepadeiras.

No canteiro tem mamão, jabuticaba, goiaba, uva, chuchu, bananeira, samambaia, mangueira, pimenta, hortelã-pimenta e mudas de rosa. *Os chás acalmam seu filho, que tem paralisia. Minha mãe sempre gostou muito de planta. A gente aprende, gosta, acostuma. Vê a mãe da gente cuidar e vê o carinho de cuidar. O cuidado é diário. Água à noite. Tirar a folha seca. Se faltar terra a gente se vira para arrumar terra.*

Ela sempre vê abelha, borboleta, joaninha, besouro, formiga. Têm três gatos e a cunhada dois cachorros. *Adoro ficar vendo as borboletas. Eles estão colocando remédio para os ratos. Fico com medo do meu gato. Mas ele não está dando conta. Fazer o que?*

Costuma dar frutas para vizinhos e para familiares. Mas, quanto à vizinhança eles têm alguns problemas: *por causa de folhas que caem no lote, os vizinhos implicam um pouco. Os vizinhos reclamam quando algum galho passa para a casa deles pelo muro, deixando cair folhas. Gente que não gosta de vida, sabe?* Por isso as famílias mantêm as árvores podadas nas divisas com as casas vizinhas. *Podamos para não ter problema. No bairro tem muita gente que planta. Além da flor, do frescor, tem uma frutinha que dá de vez em quando. Eu ganho muito.* Sobre os jardins de Belo Horizonte: *tem que ser mais cuidado. Podar na época certa, fazer replantio, tirar as velhas e colocar uma nova. Podia ter mais um pouquinho de flor. Ai ia ter mais abelha, mais inseto bom e menos dengue.*

Quando perguntada sobre o rio ela respondeu: *nó, eu lembro! Eu me lembro de uma enchente que teve.* Conta que ela e as crianças haviam ido ao cinema e a enchente impedia o acesso ao bairro São Geraldo. *Teve que dormir na casa de uma amiga do lado de lá da ponte [sobre o ribeirão Arrudas], porque não tinha como passar.* Relembra também que já teve que tirar gente de dentro do rio. *Isso foi antes de arrumar o rio.* Conta também que: *aqui na rua tem um rio. Sabia? Ele nasce lá em cima perto da pedreira. E na minha vizinha, daquelas árvores ali, tem até nascente.*

Patrícia é uma jovem que está há dois anos no bairro. Ela e a família moram de aluguel. *As árvores aqui são bem antigas (FIGURA 168). Desde que mudamos meu pai e meu namorado cuidam dos jardins da casa. Eu não muito, não sou muito a fim de planta não. Gosto de ver, mas não ponho a mão na massa. E o jardim já estava aqui quando a gente alugou a casa, aí a gente cuida. É bom de preservar.* Mesmo não se importando muito, conta que vem aprendendo. *Eu queria ter mais bonitinho, organizado assim, um espacinho certinho para cada coisa. Com mais flores coloridas. E eu queria também muito essas árvores que dão florzinha amarela, assim.* E faz um gesto com as mãos indicando flores pequenas e em cachos.

Na casa tem: coqueiro, árvores, arbustos, frutíferas, o limoeiro e a mangueira, verdes sem flores e flores. *Tenho até aprendido só convivendo mesmo. Já é a segunda casa que eu moro que tem esse tanto de planta, a gente vai aprendendo. E como elas estão num lugar bom não precisa assim de muito cuidado. Que nem eu falei, meu namorado me ensinou um pouco a cuidar. Aí duas vezes por ano a gente capina, da bananeira a gente tira umas*

folhas para ela crescer melhor. Gosto mais da bananeira, a gente come demais. Eu gosto da manga, mas não gosto da árvore, porque ela dá muito trabalho. A gente tira folha quase todo dia, e sempre está dando frutas pros vizinhos. Ela conta que: estou pegando gosto. Descansar não descansa não porque dá trabalho, mas é gostoso, eu gosto.

Aqui dá bastante inseto depois da época de manga. Até que eu não ligo não. Aranha, por exemplo, que vem muita, é meio chato, mas a gente sabe que é por causa das plantas e pega pernilongo também. Colabora. Mas a gente não controla muito não. Ela tem duas gatas. Diz que vê muito passarinho e maritaca. Vi até um mico outro dia comendo as aranhas.

Ela acha que tem muitos jardins no bairro. O jardim deixa mais bonito, esse tanto de gente aqui que planta, é muito bom. É um bairro de jardim mesmo. Sobre as relações com a vizinhança: o vizinho do lado um dia cortou uma parte do pé de manga porque estava caindo na caixa d'água dele, mas fora isso o pessoal adora menina, principalmente manga e limão. E a gente sempre dá. O limoeiro aparece sobre o muro, mas não se imagina que haja um lugar tão grande, com um pé de manga daquele tamanho. Eles distribuem para vizinhos, família e amigos as frutas. A gente doa para todo mundo, tem vez que os meninos saem daqui com dois sacos gigantes de manga.

Em Belo Horizonte: acho que deveria ter mais jardim, acho muito bonito, além de dar muita sombra e fazer parte do espaço. Aqui não é cidade jardim? Mas tá pecando. Lá perto da casa da minha mãe tinha uma árvore grandona, enorme mesmo, aí eles foram e cortaram, ficou parecendo que estava faltando alguma coisa.

Sobre o rio conta o que escuta dos seus vizinhos: tem um rio logo ali na Rua Curi. Diz que inunda ali embaixo, mas eu nunca vi.

CADERNO DE IMAGENS 6:

Superfícies Côncavas

Figura 109: Mapa de localização dos Jardins da superfície côncava - Grota



Fonte: mapa elaborado a partir do Mymaps, 2021.

jardim do Cigano

Figura 110: Jardim do cigano, árvores da Grota, taiobas, flores e casa para os cachorros.



Fonte: própria. 2019.

Figura 111: Jardim do Cigano, horta de ervas com matinha da Grota ao fundo.



Fonte: própria. 2019.

jardim da Adriana

Figura 112: Jardim da Adriana, pé de graviola plantado pelo irmão na entrada da casa.



Fonte: própria. 2018.

Figura 113: Jardim da Adriana, vasos da lateral da casa com as árvores da Grota ao fundo.



Fonte: própria. 2018.

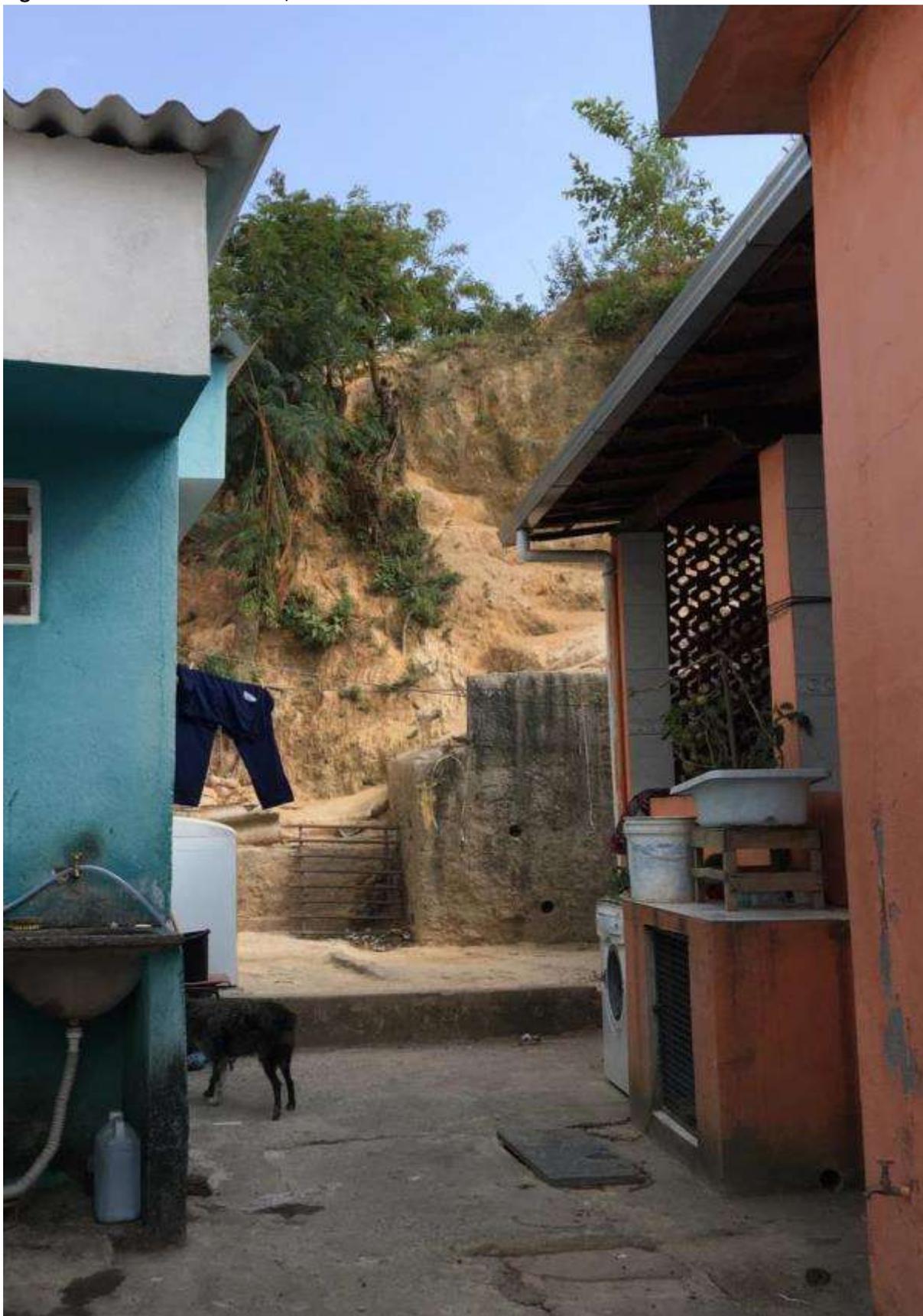
jardim da Rodaleia

Figura 114: Jardim da Rodaleia, plantas da entrada e galinhas criadas soltas.



Fonte: própria. 2018.

Figura 115: Jardim da Rodaleia, talude desmatado no fundo das casas.



Fonte: própria. 2018.

jardim de José Artur e Lica

Figura 116: Jardim José Artur e Lica, espadas de São Jorge, roseira, coqueiro, jabuticaba.



Fonte: própria. 2018.

jardim de José Artur e Lica

Figura 117: Jardim José Artur e Lica, tronco da árvore de canela cortado.



Fonte: própria. 2018.

jardim de José Artur e Lica

Figura 118: Jardim José Artur e Lica, lateral esquerda do jardim.

Fonte: própria. 2018.

Figura 119: Jardim José Artur e Lica, cachorro de estimação.

Fonte: própria. 2018.

Figura 120: Jardim Jurandir, flor de hibisco da entrada.



Fonte: própria. 2018.

jardim do Jurandir

Figura 121: Jardim Jurandir, árvores frutíferas e Grotinha ao fundo.



Fonte: própria. 2018.

jardim do Luiz

Figura 122: Jardim Luiz, jardim frontal e lateral aparecendo sobre a fachada.



Fonte: própria. 2018.

Figura 123: Jardim Luiz, lateral com árvores frutíferas e espécies plantadas sob elas.



Fonte: própria. 2018.

Figura 124: Jardim do Luiz visto da Grotinha.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Marlene

Figura 125: Jardim Marlene, vista geral.



Fonte: própria. 2018.

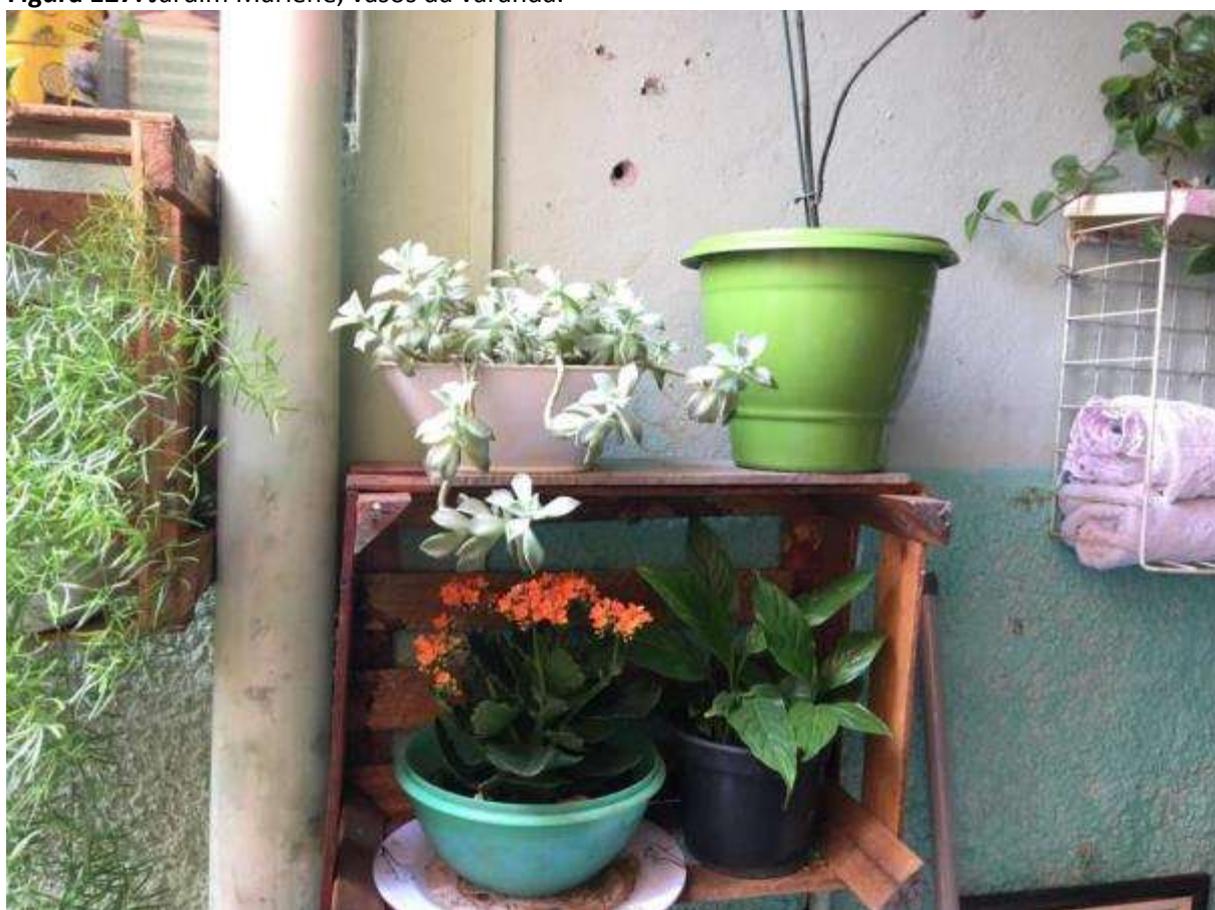
Figura 126: Jardim Marlene, detalhe dos vasos em recipientes improvisados.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Marlene

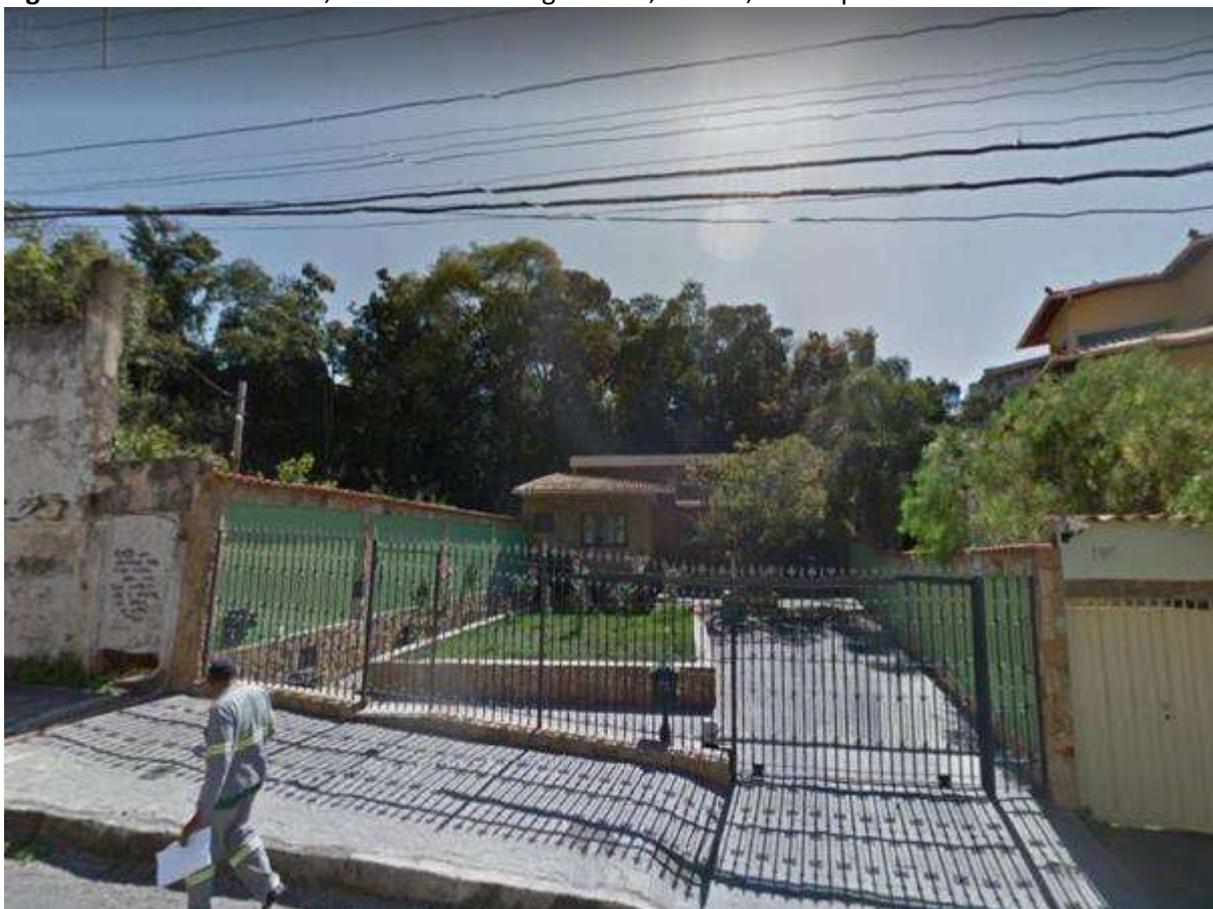
Figura 127: Jardim Marlene, vasos da varanda.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Silvânia

Figura 128: Jardim Silvânia, vista da rua com gramado, roseira, casa e palmeiras ao fundo.



Fonte: Google street view. 2018.

Figura 129: Jardim Silvânia, macaco que visita a casa.



Fonte: foto tirada por Silvânia, 2018.

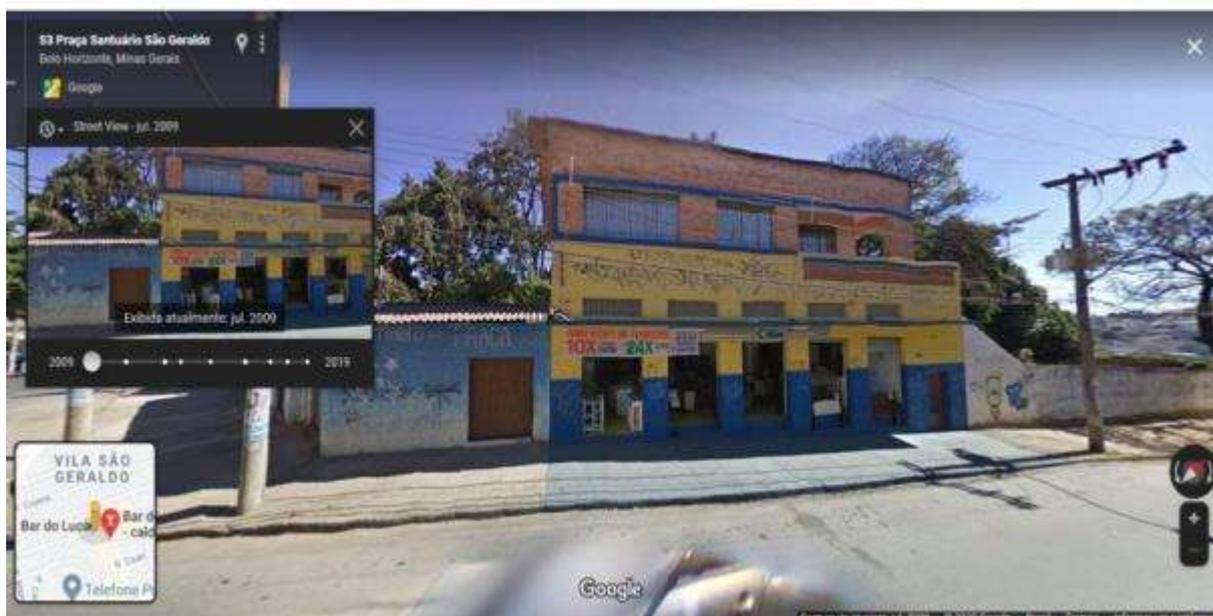
Figura 130: Jardim Silvânia, detalhe das roseiras



Fonte: foto tirada por Silvânia. 2018.

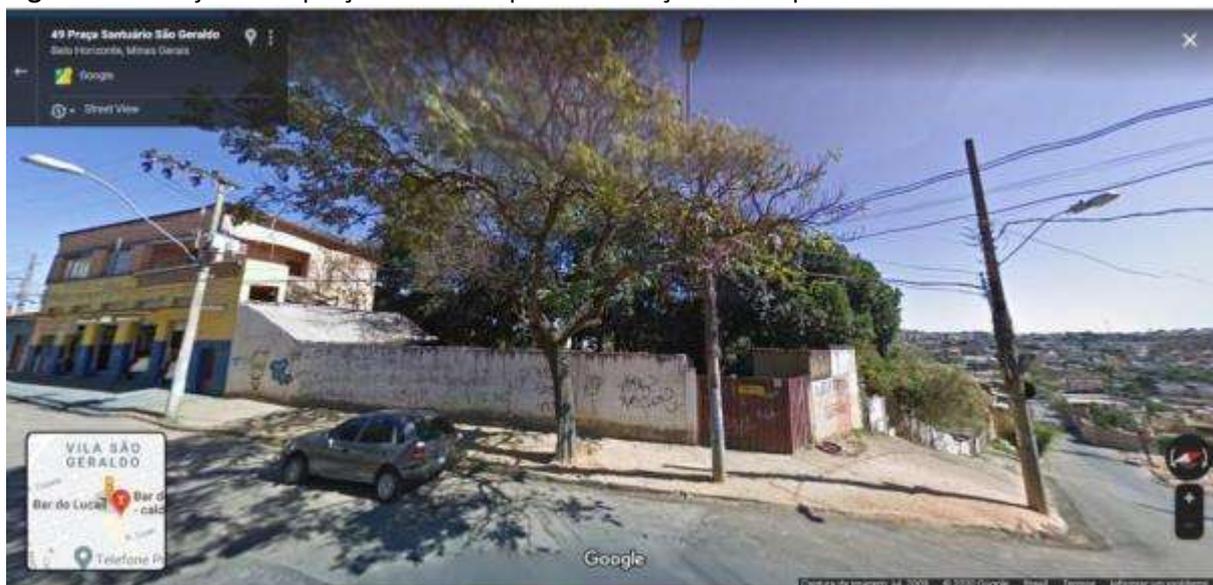
jardim da Silvânia

Figura 131: Conjunto da praça derrubado para construção de um prédio.



Fonte: Google street view. 2009..

Figura 132: Conjunto da praça derrubado para construção de um prédio.



Fonte: Google street view. 2009..

jardim da Silvânia

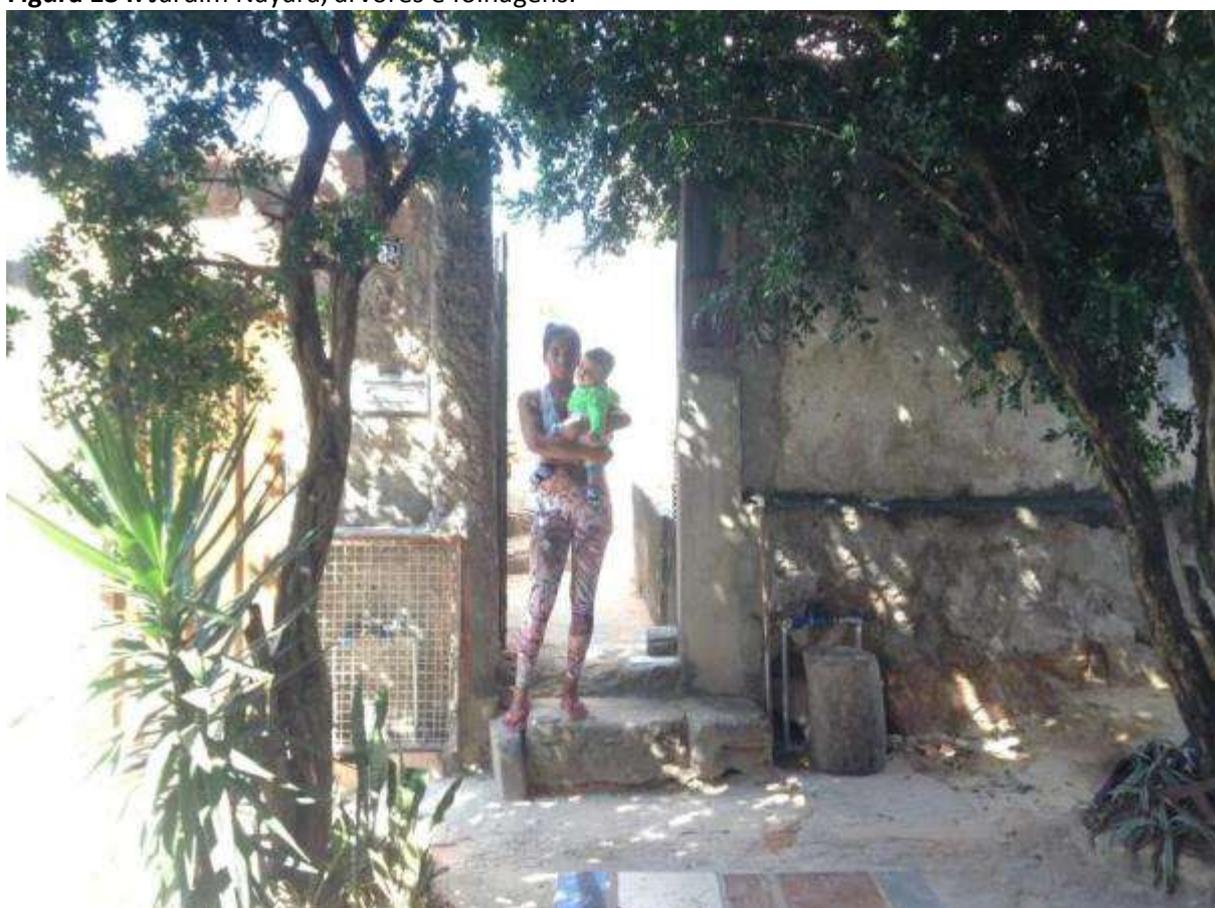
Figura 133: Conjunto construído na praça depois da derrubada das árvores do lote



Fonte: Construtora Líder Premium engenharia. 2018.

jardim da Nayara

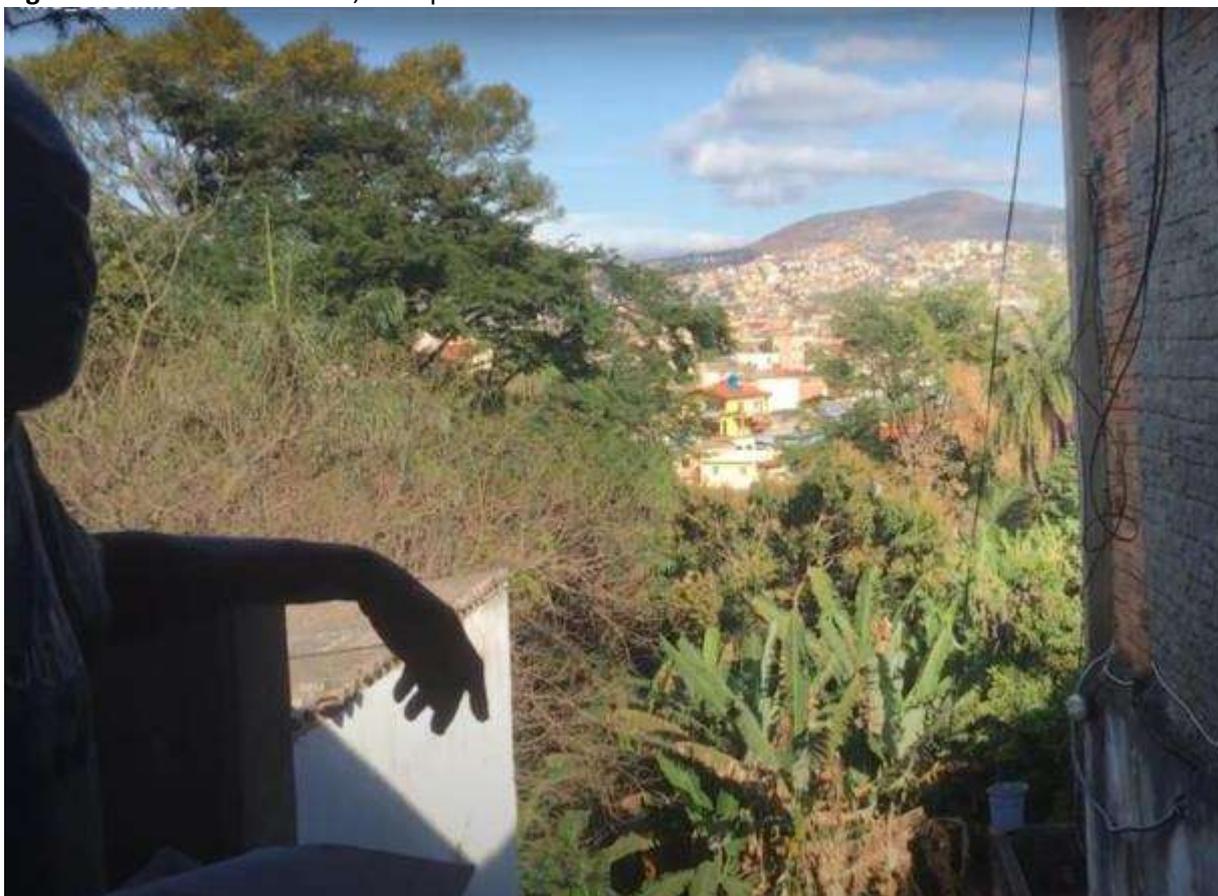
Figura 134: Jardim Nayara, árvores e folhagens.



Fonte: própria. 2018.

jardim do José Adão e José filho

Figura 135: Jardim José Adão, vista panorâmica da Grota com o Bairro São Geraldo ao fundo.



Fonte: própria. 2018.

jardim do José Adão e José filho

Figura 136: Jardim Josés, casa do José filho, bananeiras, pé de limão e árvores nativas.



Fonte: própria. 2018.

jardim do José Adão e José filho

Figura 137: Jardim Josés, jardim da varanda de José filho.



Fonte: própria. 2018.

jardim do José Adão e José filho

Figura 138: Jardim Josés, construção irregular abandonada sendo retomada pela vegetação.



Fonte: própria. 2018.

jardim do José Adão e José filho

Figura 139: Jardim Josés, bananeiras e vegetação nativa.



Fonte: própria. 2018.

jardim do José Adão e José filho

Figura 140: Jardim Josés, vegetação próxima à nascente.



Fonte: própria. 2018.

jardim do José Adão e José filho

Figura 141: Jardim Josés, laguinho da nascente.



Fonte: própria. 2018.

jardim do Senhor Elias

Figura 142: Jardim Sr. Elias, entrada.



Fonte: própria. 2019.

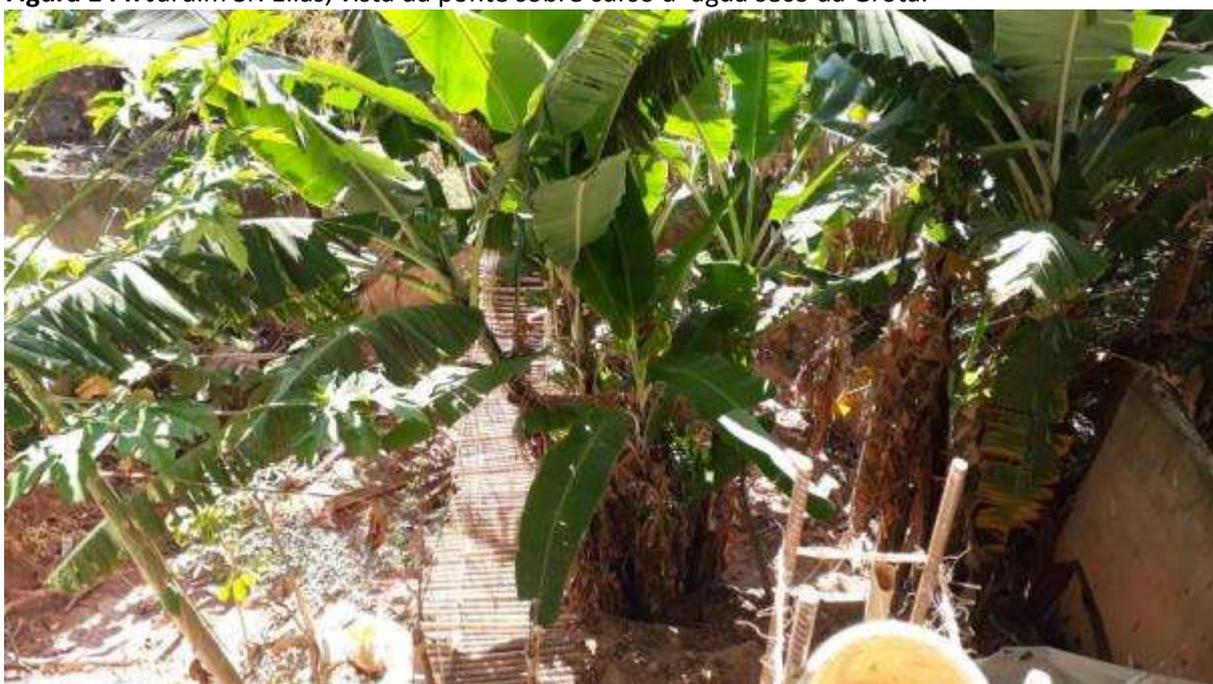
Figura 143: Jardim Sr. Elias, Recorte feito na laje para manter árvore nativa.



Fonte: própria. 2019.

jardim do Senhor Elias

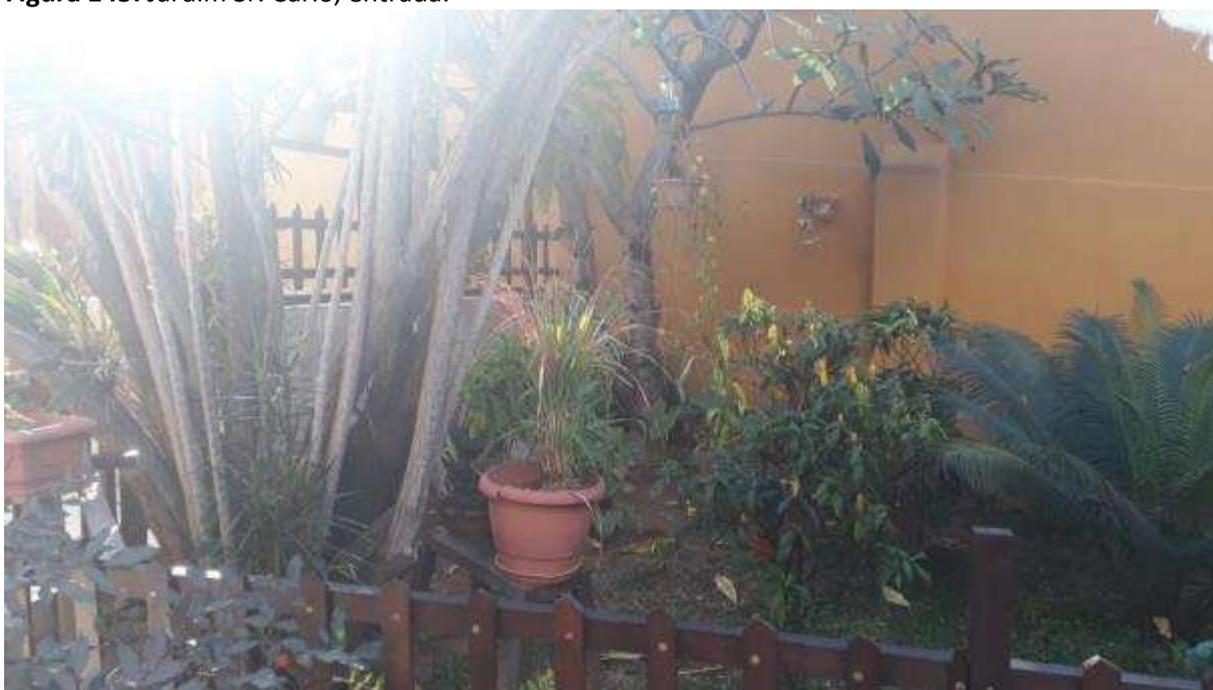
Figura 144: Jardim Sr. Elias, vista da ponte sobre curso d' água seco da Grota.



Fonte: própria. 2019.

jardim do Senhor Carlo e esposa

Figura 145: Jardim Sr. Carlo, entrada.



Fonte: própria. 2019.

jardim do Senhor Carlo e esposa

Figura 146: Área de alagamento no encontro da Rua Coarí com Rua Souza Aguiar.



Fonte: própria. 2018.

Figura 147: Mapa de localização, Jardins da superfície cônica – Talvegue do Córrego São Geraldo



Fonte: mapa elaborado a partir do Mymaps, 2021.

jardim da Tatiane

Figura 148: Jardim Tatiane, mudas de tomate plantadas em copos de café.



Fonte: própria. 2018.

jardim do Raimundo

Figura 149: Jardim Raimundo, fachada com espaço para jardim a ser plantado no muro recuado.



Fonte: própria. 2018.

jardim do Raimundo

Figura 150: Jardim Raimundo, jabuticabeira, cadeira, platôs, vasos, pé de cana de açúcar.



Fonte: própria. 2018.

Figura 151: Jardim Raimundo, detalhe da suculenta florida.



Fonte: própria. 2018.

jardim do Raimundo

Figura 152: Jardim Raimundo, fundos com árvore nativa, grama e bancos de toco de madeira.



Fonte: própria. 2018.

jardim do Raimundo

Figura 153: Jardim Raimundo, vasos e sementeiras.



Fonte: própria. 2018.

jardim do Raimundo

Figura 154: Jardim Raimundo, cadeira de vime sob a jabuticabeira.



Fonte: própria. 2018.

jardim do Hélio

Figura 155: Jardim Hélio, fachada com uma de gato no muro.



Fonte: própria. 2018.

Figura 156: Jardim Hélio, árvores.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Fátima

Figura 157: Jardim Fátima, samambaia, coqueiro de Vênus, lírio da paz.



Fonte: própria. 2018.

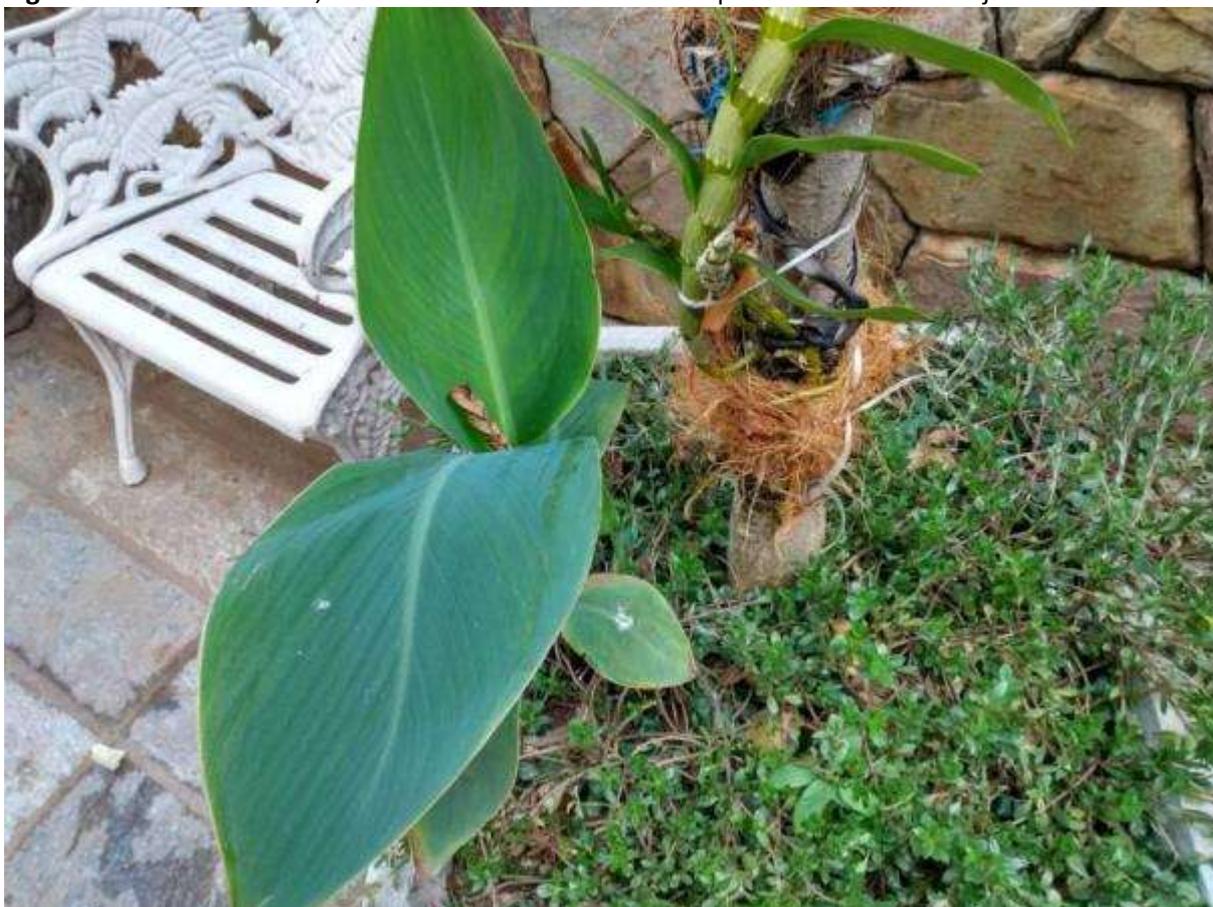
Figura 158: Jardim Fátima, flor de clorodendro.



Fonte: própria. 2018.

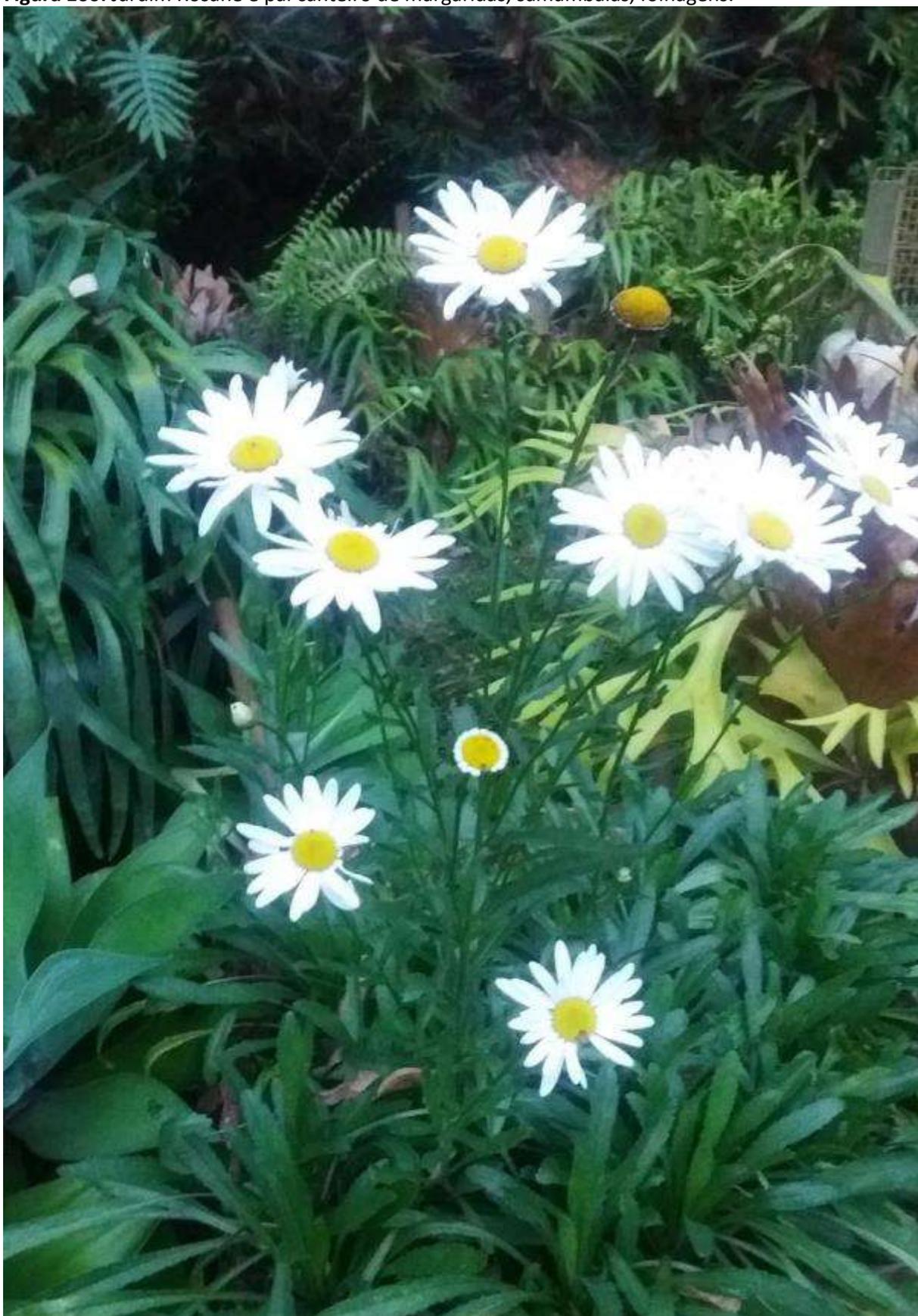
jardim da Fátima

Figura 159: Jardim Fátima, cadeira de ferro e detalhe da orquídea e bananeira de jardim.



Fonte: própria. 2018.

Figura 160: Jardim Rosane e pai canteiro de margaridas, samambaias, folhagens.



Fonte: própria. 2018.

jardim do Eduardo

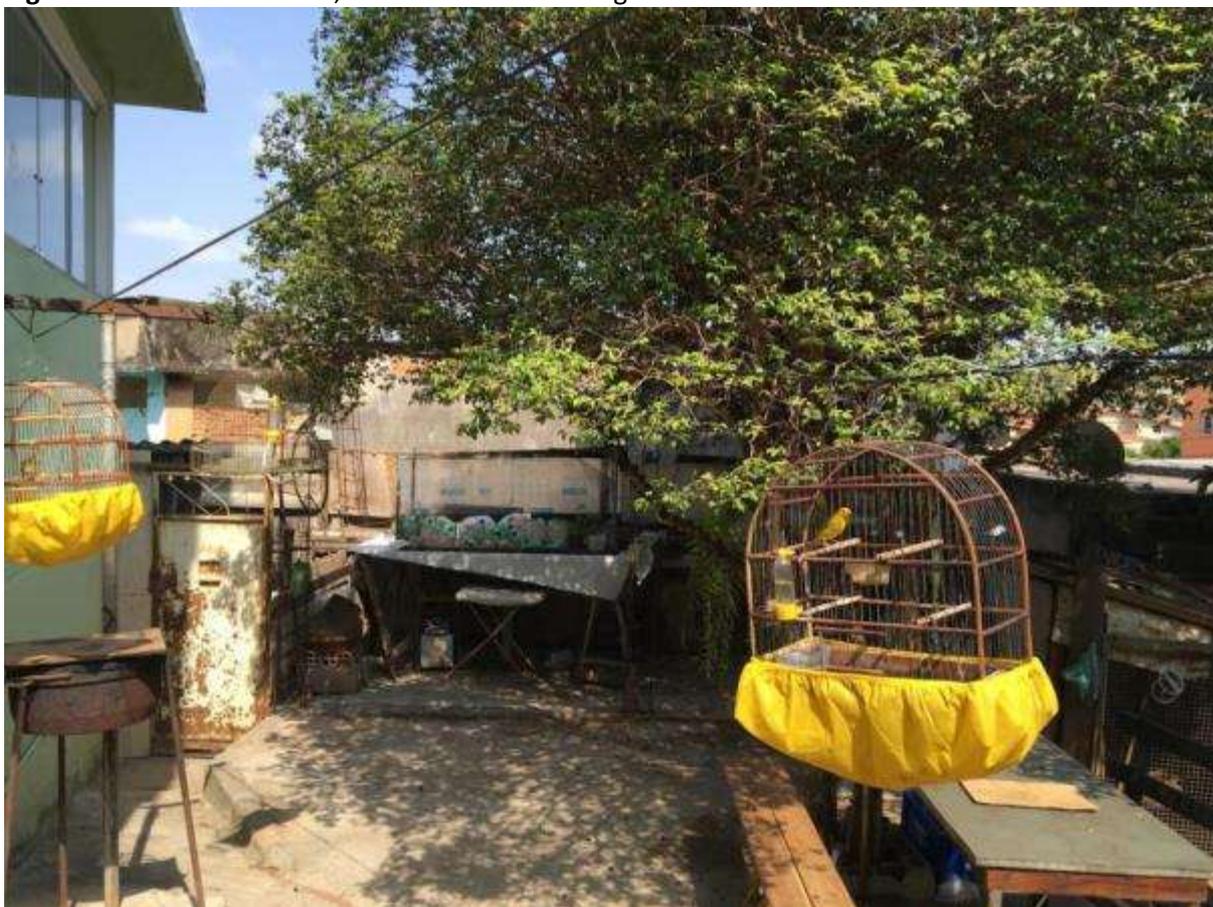
Figura 161: Jardim Eduardo, entrada da casa.



Fonte: própria. 2018.

jardim do Eduardo

Figura 162: Jardim Eduardo, fundos com árvores e gaiolas de canarinhos.



Fonte: própria. 2018.

Figura 163: Jardim Eduardo, galo pedrês.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Maria

Figura 164: Jardim Maria, banco e jardim na fachada da casa.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Maria

Figura 165: Jardim Maria, gato de estimação.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Adelaide e Renam

Figura 166: Jardim Adelaide e Renam, entrada com árvores e trepadeiras.



Fonte: própria. 2018.

Figura 167: Jardim Adelaide e Renam, canarinhos.



Fonte: própria. 2018.

Figura 168: Jardim Patrícia, vasos na varanda.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Maria Helena

Figura 169: Jardim Maria Helena, vasos e tampa do reservatório de água da nascente.



Fonte: própria. 2019.

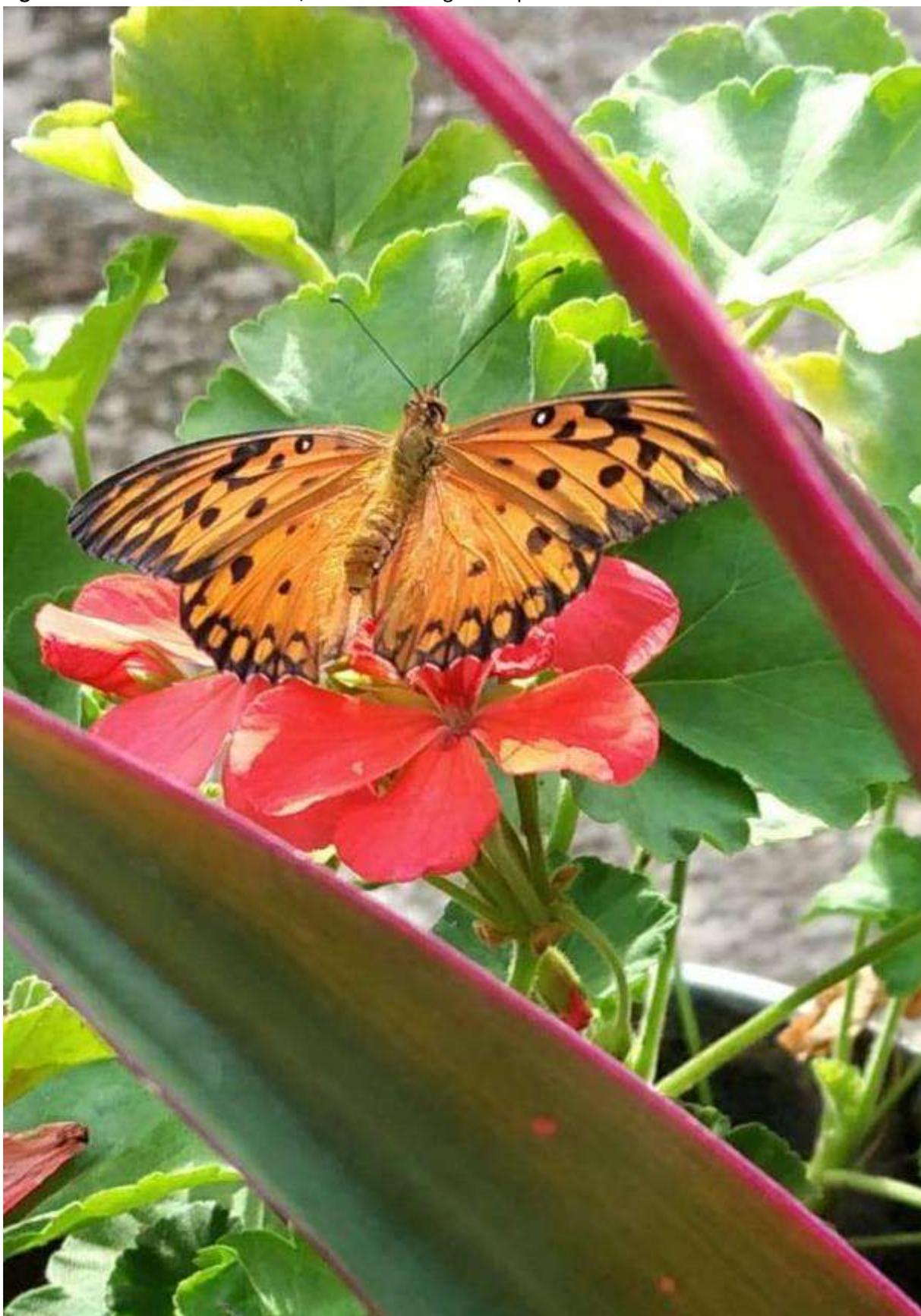
jardim da Maria Helena

Figura 170: Jardim Maria Helena, vasos na entrada da casa e garagem.



Fonte: própria. 2019.

Figura 171: Jardim Maria Helena, borboleta fotografada pela Maria Helena.



Fonte: foto enviada por Maria Helena, 2020.

jardim da Maria Helena

Figura 172: Jardim Maria Helena, vasos dispostos em conjunto uns sobre os outros.



Fonte: própria. 2019.

jardim da Maria Helena

Figura 173: Jardim Maria Helena, lança de São Jorge protegendo a entrada da casa.



Fonte: própria. 2019.

Figura 174: Jardim Maria Helena, roseira preferida pela moradora.



Fonte: própria. 2019.

Figura 175: Jardim Mina, poço de água construído pelos donos da casa.



Fonte: própria. 2019.

Figura 176: Jardim Bete e filho, fachada com vegetação vista sobre o muro.



Fonte: google street view, 2019.

Figura 177: Jardim Bete e filho, ameixeira, jabuticabeira e árvores nativas.



Fonte: própria, 2019.

Figura 178: Jardim Bete e filho, ninho de passarinho no muro da casa.



Fonte: foto enviada pelo filho de Maria, 2019.

Figura 179: Jardim Bete e filho, vasos na entrada da casa.



Fonte: própria, 2019.

2.3 SUPERFÍCIES CONVEXAS

2.3.1 ALTO DA ESCOLA

O alto da escola, superfície convexa localizada acima da escola entre esta e a Grota é uma área onde a ocupação é principalmente de casas, já bem consolidada. A Avenida Itaiaté e a via de meia encosta delimitam uma espacialidade e uma unidade de vizinhança própria. Próximo à escola que é uma superfície côncava, ainda existe uma vegetação relevante nos lotes.

Luzia e suas irmãs moram na casa que era de seus pais falecidos. O jardim é uma herança que ganhou junto com a casa. Os moradores não se interessam muito por ele: *então, eu não cultivo. Esse jardim era dos meus pais, da minha mãe na verdade. Faz dois anos que eles faleceram então eu passei do meu apartamento para cá junto com minha irmã. Como eu trabalho, não sobra tempo para cuidar. No meu apartamento mesmo eu não tinha jardim também. Então como eu não tenho tempo para cuidar, nem minha irmã, nem meu marido, acaba que eu só faço o necessário.*

O jardim é muito presente na rua (FIGURAS 181 e 182). O gradil vazado faz com que ele apareça. Três grandes árvores nativas sombreiam a casa que está voltada para a orientação noroeste. *O que eu gosto daqui é que essas árvores dão sombra. Ai a casa fica fresca. Queriam cortar e minha irmã não deixou. Eu não estava ligando até que ela me levou no Senhor João e eu vi o sol castigando. Na verdade, eu não faço questão porque quero ter mais tempo para outras coisas, para costuras e no tempo que sobra, para fazer uma unha, para descansar. Mas pretendo ter alguém para cuidar aqui do jardim. No tempo dos meus pais era muito bonito.* Sobre o rio ela fala da enchente. *Quando chove muito aqui embaixo, perto da escola costuma inundar. E aqui em casa desce muita água também.* Luzia conta que aparecem no jardim micos, maritacas, borboletas, tucanos e vários pássaros.

Luzia preferiu que não entrássemos porque estava sem tempo. Ela contou que nos fundos tinham mais árvores plantadas pelos pais e duas nativas. *Meu pai gostava dos chás e dos pés de couve. Minha mãe gostava das plantas bonitas e das flores. Tem o pé de acerola e*

de limão que a gente faz suco. As plantas que permanecem após a morte dos pais, são maioria ornamentais além das árvores.

Um pouco mais à frente está a casa de Alaé. A senhora que nasceu no vale do Jequitinhonha está em Belo Horizonte há trinta anos dos quais vinte e dois morando nesta casa. Professora aposentada pela rede estadual, ainda dá aulas de corte e costura na escola que montou em sua casa. *Trabalho que não é trabalho, é prazer. Gosto de ensinar.*

Gosto demais de planta, eu converso com elas. Porque a planta, quando a gente fica perto a gente sente uma atmosfera. Sempre falava pros meus alunos fazerem dever de casa debaixo de uma árvore. Eu acredito que as plantas têm poder espiritual, que nós, após morrermos, nascemos nas plantas. Ela nos conta que gostaria de mais espaço e da sua vontade de fazer jardins na rua, debaixo das árvores. *Queria um espaço maior, que as pessoas colaborassem e que deixassem as frutas crescerem em vez de pegar elas verdes. Que pudesse sair espalhando um jardim em cada cantinho por aí.*

Alaé vai organizando as plantas para o espaço ficar mais agradável *eu presto muita atenção na sombra, no frescor.* No canteiro de frente da casa, onde o gradil é vazado, há um grande diálogo com a rua (FIGURAS 183 e 186). *Eu gosto de mostrar as plantas para rua, para os vizinhos, para quem estiver passando. Além disso, já plantei duas árvores frutíferas na rua. Mas fico brava porque as pessoas não deixam a fruta amadurecer.* Mas seu diálogo com a vizinhança não é constante. *Ah, os vizinhos não converso muito não. Tem uns que pedem mudas, aí eu dou. Eu dou muda para todo mundo!* Sobre os jardins de Belo Horizonte acredita que: *devia ser mais bem tratado! Antigamente eu não tinha tempo, mas agora eu observo. O governo não liga para periferia, não dá apoio para rua aqui ficar bonita, não gosta muito de vida não.*

O jardim é privado. Sua maior parte está nos fundos da casa (FIGURAS 185). Mas de frente, há um grande canteiro. Além disso, Alaé ainda planta na calçada em frente à sua casa. *Tem murta, manjeriço, essa bananeira aqui, trombeteira, jasmim manga que é essa árvore, espada de São Jorge, beijinho, minhas folhagens, orquídea, jabuticaba, parreira, limão capeta, salsa, alho porró, chuchu, goiabeira. Esse aqui ó, me fugiu o nome agora, mas é para fazer chá para gripe, para criança, mas para adulto também.* Aprendeu com a mãe e na prática e *ensino até para o meu filho que é biólogo.*

Ela cuida de seu jardim todos os dias. *Todos os dias eu converso com elas [as plantas] e cuido delas me descansa demais, eu sinto prazer. Não é trabalho, é lazer. São minhas amigas, é o que eu tenho de amiga, companheiras. Que eu posso contar mesmo são minhas plantas, todo dia a gente pode conversar e trocar umas ideias. Eu gosto de todas, é o meu jardim, mas tem a mais especial. Minha nora querida morreu faz mais de vinte anos e me deixou dois netinhos para cuidar. Foi muito amor, muita confiança. Eu nem sou a mãe dela, mas era como se fosse. Ela plantava comigo, e me deu essa bananeira aqui ó. Não é uma bananeira não, como é que chama? É uma bananeira de jardim, porque não dá banana, dá essa flor. Olha só, tá aqui até hoje. Eu já te falei, ela está aqui comigo, a minha nora. Essa bananeira é minha filha.*

Sobre os bichos conta, fazendo cara de brava e sinal de punho fechado, que os morcegos estão sempre manchando a pintura da casa. *Saem da mangueira do vizinho, e passando por minha casa deixam cair a comida. Não gosto do gato também não. Nem dos morcegos, que estragam a pintura. Agora, os passarinhos não me aborrecem não, eles vêm em bando, sabe, e eles são felizes demais, eles vêm cantando: pa, pa, papa, pa, pa! Principalmente os periquitos. É muito bonito mesmo. E tem um macaquinho que vem aqui de vez em quando. Eu fico triste, porque eu fico com medo de transmitir doença. Meu filho disse que não é para preocupar que é mico. Mas eu fico desconfiada. Sobre os insetos diz que o filho quem ajuda a controlar: meu filho que cuida. Ele vai lá e em um litro d'água ele põe uma colher de vinagre branco e detergente. Ele tem uma bomba, aí ele bate uma vez por mês, ou quando precisa.*

Ela gosta de distribuir flores, mudas, frutas: *quanto mais eu dou, a planta fica mais feliz. É assim, se a gente dá amor, recebe amor de volta. Elas e eu.* Ela diz não se lembrar do rio. O filho biólogo vem pensando em armazenar água da chuva para reuso: *para regar o jardim, lavar o piso. Ajuda um pouco o rio, não é assim?*

No alto da Rua Mogoari dona Terezinha, uma senhora aposentada, tem um jardim com uma grande árvore da fortuna que é muito vista da rua (FIGURA 187 a 189). Os vizinhos que conversavam na esquina é que indicaram a senhora para a entrevista. Originária de Baldim ela se mudou quando casou: *desde aquela época eu tenho meu jardim. Agora ele está um pouco minguado porque eu estou um pouco cansada. Da rua, se vê a copa de*

uma árvore por trás do muro, dá impressão de que o jardim é enorme. Mas eu gosto muito. Casa sempre tem que ter jardim. É vida. Tá precisando é de mais planta pela cidade. Sempre gostei. Fui criada no interior, tinha muita planta, muito bicho, um jardim bonito, horta e a roça do meu pai. Fui pegando gosto na prática, eu e minhas irmãs. A gente gostava das flores, dos chás. A Maria da Glória era quase uma raizeira. Ela foi medicando a gente até crescer. Ela é a irmã mais velha que tomava conta dos menores. Eu sou das mais novas. Ela cuida quase diariamente do jardim com ajuda de uma irmã: Gosto muito. Está chateado, começa a mexer com planta que melhora!

Ela se lembra de que quando se mudou para o bairro: era mato puro, tinha poucas casas aqui, na época. Aqui do outro lado tinha a Grota. Era um brejão. Ela gosta que o rio tenha sido canalizado. Acho ótimo que é canalizado, antes tinha muita enchente. A senhora cuida de dois gatos e um cachorro e diz gostar muito dos micos que aparecem no seu pé de manga quando há frutas. Ela guarda as cascas de ovo e as coloca para secar nas espadas de São Jorge (FIGURA 189). Depois eu moo e coloco nas minhas plantas junto com as folhas que caem. Elas agradecem. Amigo a gente dá comida boa! Conta soltando uma gargalhada.

Regiane veio de São Paulo e trabalha como atendente no Chico do Churrasco, restaurante onde são servidos espetinhos e cerveja gelada. É ela quem cuida das plantas do restaurante. Gosto muito de plantar. Não acho pela importância não. Se eu disser que é para ajudar o meio ambiente é mentira. É porque eu acho bonito. Ela explica que o seu desejo em relação ao jardim seria um espaço para um cuidado maior. Você já ouviu falar numa estufa? Eu queria fazer tipo isso, aqui e lá em casa. Uma estufa com as plantinhas. E criar mais e distribuir. No restaurante queria uma estufa para poder colocar mais plantas porque é mais reservado. Às vezes tem gente que mexe, pessoas que vão com crianças e elas mexem nas plantas. A estufa é mais protegida. Dá para fazer mudas também. Nem precisa ser cercada. Podia ser só um lugar separado para levar as plantas sofridas, cuidar delas, fazer mudas.

Ela conta que o chefe perguntou quem queria a tarefa de cuidar dos vasos e que ela se ofereceu (FIGURAS 190 a 192). É meu serviço: molhar, arrancar as folhinhas quando amarelam. Conta que gosta muito e que se sente com sorte por fazer disso um trabalho.

Aqui fecha às 14:30h, quando dá 14:00h eu mexo nelas. Regiane conversa enquanto varre as flores da sibipiruna da esquina que caíram sobre a calçada (FIGURA 279). Faz isso diariamente e conta que quando são as folhas é mais trabalhoso. Mas ela não recolhe essas flores ou as folhas. Ela varre para o pé da árvore para dar adubo.

Existem duas árvores que ultrapassam a cobertura do restaurante (FIGURA 190). O telhado foi construído preservando-as, com dois buracos que permitem a passagem dos troncos, estando as copas acima da construção, visíveis externamente a partir da rua. *Quando o meu chefe comprou o terreno já estavam aqui essas árvores. Ele pôs o telhado de um jeito que não arrancassem elas. Ele é sensível com essas coisas. Não vê o tanto de planta? Ele falou que a mãe dele quem ensinou respeitar.* O jardim acontece em vasos porque não há espaço de terra disponível. Apenas para as árvores que foram preservadas.

Ela não vê relação do jardim nem das árvores com a cidade. *Tem uns vizinhos que perguntam, pedem mudas. Agora tem um pessoal que reclama, fala que ocupa muito espaço. Que isso é desperdício. Meu patrão gosta também ai ele [o jardim] fica.* Ela vê a cidade de Belo Horizonte como um lugar de jardins bonitos e pergunta: *Já foi no horto? É aqui pertinho. Uma colega me levou para conhecer, para a gente fazer um passeio já que eu sou nova aqui. Tem um jardim lindo na entrada. Ele vai virando o mato. Eu fiquei achando o paraíso. Começa umas plantas plantadas coloridas e vira aquelas árvores lindas. Lá tem uma estufa. Peguei muda de boldo e manjeriço lá. Tá plantado aqui olha.* Do rio ela nunca soube.

A Rua Taiassu não permite a circulação de carros em toda a sua extensão. Descendo do restaurante temos uma área com muitas árvores e bananeiras nos lotes localizados no alto da escola. Nela mora Aparecida, uma senhora idosa de oitenta e quatro anos que embora tenha nascido no interior de São Paulo se considera mineira. *Escreve aí: sou mineira de coração, de Belo Horizonte.* A área é inclinada e tem ainda árvores nativas (FIGURAS 193 a 195).

Desde que eu me conheço por gente eu gosto de planta. Era menos aqui, porque eu trabalhava. Agora como eu não saio de casa eu cuido das minhas plantas. Tenho essas árvores, as bananeiras, meus corações magoados. O início do lote, na parte mais alta

está com capim. *Precisa meu filho me ajudar. Eu quero plantar uma primavera lá. Para descer um punhado de flor. Os malvaviscos atraem beija-flor e eu gosto. Eu sinto bem com meu jardim. Eu sinto protegida com as plantas. Eu converso. Falo os meus problemas com elas. Parece que elas me entendem. Porque elas são vivas. Elas escutam a gente, ficam caladas, não xingam. Eu com elas sinto paz. Elas já me tiraram até depressão muito forte. Planta a gente conversa. Às vezes a gente muda de lugar, ela sente. Eu falo com elas: você gostou daqui? Vai ficar aqui. Não deixo ninguém mudar elas de lugar. Elas sentem se outra pessoa põe a mão.*

Sua história com os jardins é antiga. *Quando meus filhos eram pequenos eu tinha bastante planta. Meu jardim era mais cuidado, lindo você precisava ver. Teve uma época que eu tive uns problemas. Aí eu parei, senti mal. Aí eu voltei. Se não tiver plantinha não tem nada. Eu abro a porta aqui, vejo minha samambaia. Tá tudo viva. É vida para mim também. Eu falo aqui em casa, enquanto eu tiver viva eu faço isso. Agora está lindo de novo.*

O jardim dela é privado, mas Dona Aparecida leva plantas que encontra na cidade para casa. Conta sobre uma planta que estava na rua e hoje é parte de seu jardim: *os outros jogaram na rua, estava seca. Pus esterco, conversei. Completa: um jardim bem cuidado eu acho que toda casa deveria ter.*

Sobre a cidade comenta que: *eles estão enchendo de planta ali na beirada da rua. Eu acho isso legal, mostra que tem quem cuida. A cidade para mim podia ter mais jardim. Faz mais parte da prefeitura, não é isso? Tem muita árvore caindo. E eles não cuidam. Está doente, está sofrendo, é muita coisa viva que ninguém dá atenção. Jardim tem que ter cuidado, constância. Não é só colocar lá e esquecer. Já que a prefeitura não faz, eu queria fazer. Tinha que ter uma parceria. Eu queria cuidar desse pedaço todo aqui do alto da escola. O Geraldo mesmo da escola tenho certeza que me ajudava. Você tem que conversar com ele.*

Sobre o Rio ela se lembra do Ribeirão Arrudas: *lembro-me de tudo. Era uma tristeza só. Passava lá, onde era a linha de trem. Já era muito poluído, mas era bonito. Meu pai conta que este rio encontra com o Rio das Velhas e que eles até pescavam nele perto de Sabará. Mas no meu tempo eu gostava, hoje é só lixo, poluição. Não era igual agora, tinha árvore,*

tinha bicho. Hoje é só asfalto. Tinha aqui no fundo uma agua que nascia também. [aponta para a Grotta]. Nessa eu ia. Era limpinha no meu tempo.

Ela cultivava Ameixa, manga, acerola, romã, menta, hortelã, alecrim, coração magoado, samambaia, trapoeraba. Aprendeu sozinha. A mãe gostava e plantava flores e uma horta. Lembra também de seu pai plantando milho. O jardim foi pensado intuitivamente. Sem técnicas ou conhecimentos de livro. Eu testava e tinha amor pelas plantas. A gente vai aprendendo na vida. O chá de alecrim é bom quando a pessoa está se sentindo sufocada por dentro. A planta traz alívio e calma. Boldo dá proteção. As pimentas tiram o mal olhado. Falei para a minha nora levar uma para ela. Meu netinho é muito lindo.

A senhora tem um cachorro para ajudar a vigiar a casa e gosta de olhar os passarinhos que foram morar no meu jardim ali e nas arvores lá de cima. Ela tem um passarinho numa gaiola. Meu neto, Miguel, foi ao Mercado Central com os pais e quis um passarinho. Não compraram, para não ter passarinho na gaiola. Esse passarinho, o que hoje a família tem em casa, chegou até nós através de um barulho na janela. Estava com a asa quebrada. A avó e o neto cuidaram de sua recuperação e o neto se apagou. Hoje é o passarinho do menino e recebeu o nome de Milagre.

Perto da Rua Souza Aguiar e dos jardins da Cida mora Maria Helena junto com mais dez pessoas de sua família, seus filhos e netos. Ela é uma senhora idosa aposentada que veio de Congonhas há mais de sessenta anos mora nessa casa no bairro. Cuida de seu jardim, da sua horta e de seus animais junto com seus netos. Eu morava no sítio, e sempre plantei. Quando mudei para BH não parei. Aqui era cheio de plantas. O terreno é grande. Aqui é bom, grande. Tem minhas plantas, meu jardim, minha horta, meu quintal tudo juntinho. Está cheio de cana, inhame e banana. Tem minhas galinhas e minhas roseiras. Da rua aparecem apenas algumas árvores, mas quem me visita eu levo até os fundos. Meu jardim está aqui no fundo. Não aparece muito. Mas todo mundo sabe. Eu tenho ovos, verduras e rosas. É bonito, então trago sempre as visitas aqui.

As técnicas ela aprendeu com a mão plantando no sítio, fui fazendo, e foi acontecendo de aprender e agora de ensinar pros meus netos. Aqui não é muito planejado. A rega é todo dia, eu podo e replanto quando a planta pede. Sobre suas preferências e motivações gosto de todas igual, mas um pouco mais da roseira. É que é uma beleza e tem perfume.

As outras [plantas] tem uma necessidade na rosa é só gostar. No seu espaço tem couve, alface, funcho, manjeriço, , jabuticabeira, limão capeta, bananeira, chuchu, pimenta, erva doce, mamão, arruda, babosa, roseira, dama da noite, trombeteira, cravo de defunto e jardineira. Tudo distribuído nos canteiros e debaixo das árvores.

Quanto aos animais ela observa: abelha, borboleta, besouro, joaninha nas plantas, cabra passa na rua, na árvore aqui aparece mico. Eu crio as minhas galinhas. Elas botam uma grande quantidade de ovos. Eu não como elas não. Peguei amor. Aqui tinha muita formiga e rato, mas eu arrumei esse bandido aqui [gato] e ele fez o controle e diminuiu. Além do meu bandido tenho um cachorro. Distribuí verduras e frutas quando sobra, mas não sobra muito não porque muita gente mora na casa. Os ovos me dão um dinheirinho. Minhas galinhas são poedeiras de verdade. Só não gosto quando cismam de bicar minhas flores.

Sobre o rio a senhora se lembra de que era mais perto quando não tinha o muro da ferrovia. E tem alagamento aqui pertinho. Na frente da escola. É que tem um córrego lá debaixo daquela avenida. Água não dá para segurar, quando dá de sair leva tudo.

Um pouco mais a frente, na Rua Tupassiguari, mora Maria Lúcia que nasceu na capital e sempre morou no São Geraldo. Ela planta porque: eu gosto muito, acho que é uma alegria para mim. Eu tenho muito amor por meu jardim. Gosto de ficar nele, acho que sou parte dele. Ele é mais minha casa que aqui dentro. Com tempo bom, ou com chuva é aqui que fico. Ela conta apontando o banco que fica numa varanda onde tem orquídeas e samambaias. Não tem um porque do jardim estar aqui, só que eu quero, é perto e era o espaço que cabia e aí eu fui colocando planta. Precisei colocar as plantas no alto por causa do cachorro, que come tudo e faz xixi nas plantas e elas acabam morrendo, mas só por isso. Já tive hortas com alface, couve, mas o cachorro destruiu tudo, então agora vou ter só flores. Eu gosto desse safado..

No jardim tem várias orquídeas plantadas, chifres de veado, samambaias, uma jabuticabeira que dá frutas duas vezes por ano porque rego o pé sempre, um clerodendro que cobre o muro e estava bastante florido e um cróton (FIGURAS 198 a 199).

Não aprendeu a plantar: vou ao que dá na cabeça, ninguém me ensinou. Para regar depende do tempo, se tá chuva, vento, calor. Replantar geralmente é uma vez por ano.

Agora nesse tempo, elas ficam todas feias, mas daqui alguns meses começa a chover e elas ficam mais bonitas. A entrevista aconteceu em agosto, num período de seca, todavia o jardim estava muito bem cuidado e florido. Eu tenho muito prazer em ficar aqui e em cuidar do jardim. Eu costumava tirar um dia inteiro só para mexer com as plantas, mas agora fica mais difícil porque eu tenho uma mãe acamada e preciso cuidar da casa, fazer comida essas coisas. Mas ainda tenho meu jardim. Sou teimosa. E fico no banco trabalhando também. Pelo menos vejo minhas plantas, minha companhia.

Marlene é pedagoga e mora no São Geraldo há pouco mais de dez anos. Desde que está na casa ela planta o seu jardim (FIGURAS 200 a 202). *Jardim faz parte da vida, planta é vida, coisa saudável. A gente vai aproveitando o espaço, a vida fica mais colorida. Queria ter mais espaço aqui em casa e na rua. Ia ficar tudo mais bonito. Vivemos na cidade de pedras, cuidar de jardim ajuda a deixar o clima melhor.*

Quanto às relações com os vizinhos ela conta que a vizinhança: *fala nada não. Às vezes enchem o saco por causa das folhas. Mas gostam bem de ganhar erva para chá. É a contradição da gente que vinga mesmo. Mas eles não incomodam não. E tenho muitos amigos aqui no bairro que gostam de jardim. Estava conversando outro dia com a Maria da Souza Aguiar que foi professora também. A gente tem é que juntar e fazer ficar mais bonito. Seria ótimo, às vezes até um jardim comunitário. Ajudar o Tata.*

Para ela as plantas de Belo Horizonte: *são muito mal tratadas. As pessoas deviam saber se é bom elas ficarem na calçada, que precisa podar e que precisa de chuva. Não adianta só plantar ela lá. Para você ter ideia, tem gente aqui que já vi matando árvore com óleo quente. Planta e bicho ajudam a aprender a cuidar e a entender o outro. Falo na escola que eu trabalho aquela ali da entrada do bairro, que se quer ensinar às crianças a solidariedade, faz os meninos cuidarem de outro ser vivo. A gente tem um jardim com umas plantas lindas na escola. O senhor Geraldo que ajuda a cuidar e a animar os alunos. Ele é bom nisso, manda verdura para as famílias, manda rosa no dia das mães, manda palma para a igreja, deixa a entrada florida e cheirosa. Ai vai ensinando a se importar com os outros.*

Aprendi desde pequena a cuidar. E como a água está cara, aí eu reaproveito água das roupas. A planta que ela mais gosta é a orquídea. É muito bonita e diferente. Dá prazer

ficar vendo essa beleza delas. Mas é essa roseira aqui que minha mãe plantou que é especial para mim. Eu tenho também espada de São Jorge e Guiné para proteção e alecrim para dar alegria na casa. As plantas tem uma energia que se a gente aprende ajuda a absorver a energia positiva, ficar bem, em harmonia e equilíbrio. Esse jardim é igual a minha escola.

Ela tem um cachorro de estimação. Marlene observa os passarinhos e destaca os tucanos dos quais ela gosta mais e diz que observa muitos insetos: *tem alguns besouros coloridos, verdes e borboletas azuis e amarelas muito bonitas morando nas plantas.*

Do rio ela lembra-se pouco e afirmou que não tinha nada para dizer.

Paulo, um senhor aposentado, está assumindo, há um ano, o cuidado com o jardim da sua casa. Ele existe há mais de vinte anos. *Minha irmã quem cuidava. Ela faleceu e agora estamos eu e meu outro irmão tentando. [Cultivo] porque eu gosto de planta, fica mais bonito, mas também pela minha irmã e parte pelo resto da família também. As flores dela acabaram fazendo parte da família. Agora que ela está faltando, eu olho para a alamanda (FIGURA 203), a preferida dela, e é como se eu a visse ali. As técnicas ele vem aprendendo na prática, matando umas até acertar.*

Segundo o morador o jardim também ajuda para diminuir o calor da casa, pois é o lugar onde bate mais sol, e é onde tem espaço também. *Acaba deixando mais fresquinho. E é bom que a planta pule o muro, aparece para a rua. A planta pulando o muro deixa a rua mais colorida. A cidade mais bonita. No jardim encontramos a alamanda, suculentas uma ameixa amarela e algumas samambaias. Meus vizinhos comentam que é lindo de ver as flores. Eu tenho tido couve. Estou até comprando menos verduras, mas sobra bem. Ai eu distribuo. Outro dia ganhei um bolo de agradecimento.*

Paulo cuida também do cachorro que era da irmã: *ela morreu, mas continua aqui cuidando da gente aprender.* Além do cachorro ele conta que aparecem borboletas besouros, joaninhas, abelhas, formigas, muitos pássaros. *Eu gosto deles de ficar olhando. Sobre o rio: Arrudas? Nada. Muito ruim. Muito sujo. Pena. Quando mudei, o rio não era canalizado. Ficou melhor assim porque abriu a Avenida dos Andradas, ficou mais limpo. A grota aqui é bonita. O pessoal das bananas mantem lá limpo.*

2.3.2 ENTORNO DA RUA SILVA ALVARENGA

Depois da Rua Coari, o entorno da Rua Silva Alvarenga, uma rua comercial importante para essa parte do bairro, estrutura a outra superfície convexa. É também uma ocupação predominantemente residencial, todavia já há comércios e serviços ligados à via (FIGURA 204).

O senhor Júlio, um idoso que mora no bairro há mais de cinquenta anos, não considera seu jardim bem cuidado (FIGURA 205 e 206). *Considero o jardim como abandonado, apesar de não apresentar. Desde que a minha mãe morreu fiquei com essa responsabilidade. Eu não tenho a habilidade dela. Mas estou tentando, minha mãe sempre cuidou bem e agora eu tento cuidar por ela. Eu gosto, mas não cuido tanto, sou preguiçoso. Queria saber a cuidar bem, ter tempo e disposição para voltar a ficar bonito. Minha mãe cuidava muito bem, era muito bonito. Hoje está todo descuidado. Eu cuido porque acho bonito, mas não sou muito bom, exige tempo para aprender. Eu tento acompanhar podendo, cuidando, regando.*

Ele destaca que: *o jardim é bonito e importante para o bairro. Acha que todo mundo aqui devia cuidar um pouco, apesar de achar que eu mesmo não cuido o suficiente do meu jardim. Ia ficar mais fresco, mais perfumoso. E ia encher mais ainda de passarinho. Disso eu sei cuidar. Não corto a pitangueira ou o jerivá de forma alguma. É cheio deles lá. Sobre Belo horizonte: acho que é bom, bem arborizado, tem jardim. Já foi em São Paulo? Aquilo lá que precisava ser 'jardinado'. Aqui: o coração de estudante chama a atenção quando está florido. E as maritacas fervem nos coquinhos quando é época. No jardim tem mangueira, pitangueira e ameixa amarela, uma palmeira jerivá, alguns temperos, os vasos da mãe com flor de seda e a trepadeira. Tem a árvore do dinheiro, que alguns consideram de poder, mas eu não acredito muito. Não tiro porque vai que é verdade?*

Ele tem um gato e um cachorro e gosta dos pássaros. *No jardim são muitos passarinhos que cantam, tem joaninha, borboleta, besouro, aranha que alguns comem.* Júlio conta que não tem lembrança e nem se interessa pelo rio: *só sei que a água está cara.*

Mais à frente na rua mora Jaqueline, uma jovem que veio do interior. Como ficou desempregada tem se dedicado ao jardim (FIGURAS 207 e 208). *Fizemos esse jardim da garagem tem uns dois meses. Lá no fundo também tem, mas lá tem mais tempo. Sempre*

tive plantas. Minha sogra e meu sogro também gostam. Todo mundo cuida. Mas esse aqui na frente sou mais eu. Esse espaço estava vazio e a gente já gosta muito de planta então eu resolvi fazer esse jardim. Minha mãe também mexe muito com planta, ela tem uma casa em Casa Branca [Brumadinho]. Agora eu também moro no meu jardim igual ela. E isso me deixa sossegada. É muito prazeroso.

Ela faz questão de ensinar ao filho e à sobrinha: o gosto pelo jardim. Minha mãe me ensinou. Às vezes elas ficam feias [as plantas] e eu mando lá para casa dela. Aqui não tem muito espaço e lá minha mãe tem um lote enorme, então elas ficam lá na UTI. Depois elas voltam bonitas de novo. Eu ensino pro meu filho também, quando estou mexendo com as plantas, chamo ele para mexer com a terra e para ele aprender também. Hoje é difícil criança mexer com terra. Ele prefere o celular, mas eu insisto. Minha sobrinha já se interessa mais. Quando vem aqui ajuda e sai com flor no cabelo.

Aqui tenho folhagens, azaleia, bico de papagaio, suculentas, jiboia. Mas a que eu mais gosto são as orquídeas. Orquídeas, até as de plástico. Acho muito bonitas. Dou para minha mãe no dia das mães. Pena que as minhas estão sem flor para você ver. No fundo tem uma mangueira e grama. Eu acho grama chato e trabalhoso, mas meu sogro gosta. Eu tenho que respeitar. Mas estou negociando com minha sogra, que gosta de flor, para plantar uma roseira lá. O jardim é frequentado por: joaninhas, borboletas e um beija-flor quando tem orquídea. Aqui tem dois cachorros também.

Em belo Horizonte: deveria ter mais árvores, mas as que têm são bonitas. Andaram cortando várias aqui perto, inclusive na esquina tinha uma e foi cortada. Tem pouco tempo. Era enorme. Não sei o que essa prefeitura pensa. Para mim é maldade. Ela era uma senhora, a árvore.

Mário herdou a casa e junto com ela o jardim de sua tia (FIGURA 209 e 210). Ele é motorista de aplicativo e mora no bairro há quarenta anos, sendo que quinze nesse local. Era da tia, ficou aí, não dá para largar. Ele diz que não gosta muito de plantar não, mas: homem tem que plantar, casar e ter filho. Aí eu planto ajudando minha mãe que já está idosa. Se eu tivesse um lugar maior, teria um jardim bacana, todo mundo gosta de um jardim bonito. Mas como não tem, a gente faz o que pode. É bom, bonito e deixa o ambiente confortável, leve e tranquilo. Fica na boa, massa.

Os vizinhos não se conhecem mais. Minha mãe fala que essa muda ganhou de uma vizinha a gente coloca aqui porque é o lugar que tem, é o lugar que tem sombra e sol junto. As plantas gostam mais. Aprendi a plantar com a tia e com a mãe. Às vezes, quando dá errado, eu pesquiso na internet, como que faz para cuidar de tal planta, se gosta de sol ou de sombra. Mas as plantas da cidade podiam ser mais cuidadas, mas o povo não colabora muito não.

A planta que ele mais gosta é o pé de boldo que está plantado num vaso. Eu gosto mesmo é do boldo. Ele é meu companheiro da cervejinha. Conta do boldo, que cura ressaca: você pode tomar ele depois que adianta também, mas o melhor mesmo é tomar uma xícara enquanto esta enchendo a cara, no dia seguinte acorda como se nunca tivesse bebido. Boldo é o melhor amigo da bebedeira. O companheiro do barzinho!

Ele cuida de um cachorro e diz não gostar dos besouros. Não gosto desse bichinho amarelo que aparece aí não. já tentei combater com vinagre, mas não deu certo não, não gosto desses venenos que eles vendem por aí. Ai nós vamos convivendo. É isso ou veneno. Aparece borboleta e joaninha. Esses eu acho bonito. Minha mãe fica observando na paciência de senhora.

Sobre o rio diz não saber.

*Cleusa veio do interior, mas conta que nunca se esqueceu do jardim da casa em que nasceu: *minha mãe tinha muita coisa bonita. As roseiras eram enormes. As cristas de galo coloridas. Eu tenho o meu jardim aqui (FIGURAS 212 a 213). Com a obra ele está judiado agora.* Ela acha que as plantas de Belo Horizonte: *são poucas deveria ter mais. Meus vizinhos também gostam. As pessoas gostam de jardim. Descansa. Beleza limpa as vistas da gente. Tinha que juntar a gente e plantar tudo ali perto da passarela. Ali embaixo os irmãos da oficina estão fazendo isso. Como ia fazer obra dei um tanto de muda para eles. Ai quando eu puder replantar eu peço lá.* Sobre a cidade diz que: *no geral, não tem mais terra para plantar. Tem bastante prédio e ninguém mais tem paciência porque querendo ou não dá trabalho.**

Sobre suas técnicas diz que aprendeu errando. As plantas são generosas. Sinto bem. É minha festa. A gente vai aprendendo com elas o que fazer. É só olhar direitinho. Regar é dia sim, dia não. De Replantar eu não tenho costume, eu ganho a muda e planto quando

ela chega. Minha mãe fala que é bom plantar em agosto, mas depende de quando a muda chega. Ela cultiva uma parreira, cana e bananeiras, boldo, jardineiras, antúrios. Ali no meio tinha roseiras, mas com a obra elas não resistiram. Depois eu vou replantar. Vou ter é que cortar o abacateiro para ter mais um quarto aqui em cima.

Ele tem gato, coelho e galinha e gosta de ver os beija-flores que vêm visitar seu jardim. Para cuidar das pragas eu passo um remédio que faz com fumo e álcool ou sabão de coco. Não uso veneno não. Meu marido pegou umas joaninhas para mim também. Tem na prefeitura. Ele chegou com aqueles pontinhos coloridos e a gente soltou. Achei isso lindo. É uma beleza contra pulgão e é tão linda.

Sobre o rio lembra-se dos tempos em que não tinha muro no trem: meus meninos iam lá ver, brincar. Sabe como é menino. Ali perto da passarela tem enchente ainda. Não sei se colocar concreto é bom não. Melhor era antes.

Luciana e Marcio moram nessa casa há vinte e cinco anos. São dois lotes herdados da família dela. Eu ganhei a casa da minha mãe e o lote da minha tia (FIGURAS 214 e 215). Elas eram muito unidas. Tia Cilita não tinha filhos então deixou para mim. Eu gosto muito daqui. É meu paraíso. Eu crio meus filhos apegados na natureza igual eu fui criada. Essa árvore grande é um ipê rosa. Quando tem flor é um espetáculo, pena que dura tão pouco.

Ela conta que sempre gostou de estar no jardim e que: minha mãe ficava me ensinando a olhar as flores, as frutas, as chuvas, o tipo de terra. Eu tenho de tudo um pouco. Tenho frutas: bananeira, romã, pitanga, acerola, manga, maracujá. Eu tenho flores: o ipê, a buganvília, rosas, orquídeas nas árvores, flor de seda. Eu tenho folhagens: espada de são Jorge, coração magoado, Imbé, boldo, hortelã para um chá, capim cidreira, marcela. É tudo junto. Eu acho que as plantas ficam mais saudias juntas. Só que eu escolho as mais bonitas e deixo mais perto da casa.

Sobre a sua vizinhança conta que costuma ter: um pouco de amolação com os vizinhos. Eles não entendem e acham que é só mato, que as folhas sujam. Outro dia meu marido ficou um pouco nervoso com eles. Mas eu colhi uma hortelã e levei lá. Vizinho não dá para ficar brigado, mas que eles são meio ignorantes eu também acho. Isso de só gostar de cimento nem é mais tão bom. Planta é vida. E gente que não gosta de vida é gente estranha. Para não falar ruim.

Ela nos mostra as fotos dos micos que visitam sua casa: *tem muito. E tem de tudo que é passarinho. Meu gato fica de tocaia neles, mas é gordo e não pula tão rápido. Meus meninos ficam é rindo.*

Sobre o rio se lembra de quando visitava a tia: *e era sem o muro. O rio não tinha um cheiro bom não. Tinha enchente também. Acho que tampado ou com concreto é mais seguro. Só que é mais feio também. Antes as árvores eram bonitas. Só tinha que fechar o nariz.*

Aparecida nasceu nessa casa, e conta que o jardim existe desde quando ela assumiu o cuidado com a casa (FIGURAS 216 a 217). *Quando meu pai era vivo, meu pai plantava muita coisa, milho feijão, banana, mexerica. Aqui era mais para plantação grande. Ele vendia para ajudar na casa. Antes o lote ao lado pertencia à família também, e junto daqui era onde o pai plantava coisa maior. Tipo roça. Hoje o lote foi dividido e parte está alugada. Eu faço um jardim misturado com horta mais delicada. Eu gosto de flor e de comer verdura sem química. Não é produção igual de papai não, é para nós mesmos. Coisa mais íntima.*

O jardim eu faço questão de ter perto da casa. Eu escolhi essa área, justo por isso. O resto meu irmão aluga e o povo tirou as mangueiras e as bananeiras que tinham (FIGURA 316 e 217). Os vizinhos: não incomodam. Agora tem muitos que gostam de jardim não. Outro dia cimentaram ali na frente para parar a sujeira. E onde planta é sujeira? Agora eles são safados também. Vem pedir chá. Quando sobra verdura eu distribuo. Conta que aprendeu sozinha, por intuição: meu pai não gostava de flor não. Eu já gosto, então vou atrás das mudas que quero. Eu gosto tanto de flor que até planto aquelas para comer. Aquela laranja ali [capuchinha]. É gostosa, parece rúcula. Sobre os cuidados conta que: de manhã, antes do trabalho, joga um pouco d'água. Eu gosto me sinto bem. Se a gente não cuidar quem vai cuidar?

Sobre a cidade acredita que: *aqui em BH tem muita árvore. Algumas partes, algumas praças são bem cuidadas. Perto do instituto agrônomo tem muita árvore. Mas ultimamente tem tirado muita também. Sobre o rio conta que: esse Rio Arrudas aqui... tinha que passar de barco para chegar ao grupo onde eu estudava. Pessoal tirava muita areia dele. Agora não sei se a coisa melhorou ou piorou. Tinha enchente na Curi. Fechou o*

córrego e ainda tem. Então fico sem saber se fechar ajuda ou atrapalha. Eu gosto de ver água.

Ela cria um cachorro (FIGURA 318) *que gosta de correr e espantar os passarinhos* que frequentam o jardim. Ela conta que muitos pássaros frequentam a casa. Há uma construção abandonada no fundo do lote que está sendo dominada por plantas. *Eu estou deixando as plantas com o trabalho delas* (FIGURA 219). *Outro dia meu vizinho me chamou atenção.*

Quando subimos a rua nos deparamos com Dona Maria Tereza e o Senhor José varrendo a porta de sua casa e regando o jardim na calçada. Eles cumprimentam uma senhora que pergunta: *quando vai ter mais manga? Aquela estava uma delícia. Minha mãe pediu para agradecer.* Depois do cumprimento a senhora entrega um molho de couves. Eles se sentam no banco em frente ao portão da casa (FIGURAS 220 e 224). Eles são um casal de aposentados. *Eu trabalhei trinta anos como passadeira no Coração de Jesus. Agora estou aposentada. Ainda passo roupa para três meninos, vizinhos. Seu Zé trabalhou na prefeitura.*

Eu adoro folhagem, fruta. Os meus pais plantavam. Lá em casa [em Corinto] tem de tudo. Diz que é jardim eu gosto. Pegava nas latinhas e trazia. Eu pegava dos vizinhos, via, pedia, me dá uma mudinha, eles davam. Eu gosto dos passarinhos que o jardim atrai também. Na mangueira tem maritaca. O senhor conta que antes a casa era menor: *fomos construindo aos poucos, com muita dificuldade. A mangueira veio antes da casa. E as plantas foram crescendo junto com as paredes e com os meninos. Não foi Tê?* Dona Maria Tereza confirma: *eu gosto mais desse lado aqui na frente.* Ela aponta desde o interior de sua pequena casa para fora, um pequeno corredor de entrada dominado pelas plantas, que chegam até a porta. Dentro, sobre a cama, há uma flor de seda, a única no interior da construção.

O casal tem muito cuidado com o passeio em frente à casa. *Essas árvores aqui fora fui eu quem plantou.* Seu Zé me pergunta se eu reparei no fruto da árvore próxima ao banquinho na entrada da casa. *Ah, eu chamo de “viagre”. Ela é uma fruta que madurinha é gostosa. Os outros pedem semente para plantar, levar para o sítio. O negócio funciona mesmo. Lá perto da grota tem outro pé. O Artur de lá que me deu a muda e eu pus aqui*

na frente mesmo. O pé dele já é antigo o meu vai indo. Ele disse que é Marapoama. Só que ninguém tem muito o conhecimento. Agora eu já estou dividindo que o povo vem procurar. Diz fazendo referência ao remédio para impotência masculina Viagra. No pequeno jardim em frente à sua casa existem outras espécies ao pé das árvores: espada de São Jorge, boldo, antúrio, íris, begônia, samambaia do mato, de metro (FIGURA 222). Sabia se a samambaia de metro chega ao chão é porque a pessoa é boa? Seu Zé varre a rua da esquina até a entrada de casa todos os dias. Faço com muito gosto. Se todo mundo fizesse sua parte era bem melhor.

O casal gosta de todas as plantas, mas adora samambaia de metro. Dona Maria Tereza gosta também de conversar com as plantas. *Ela conta caso, conta das desavenças do meu menino, que é um cavalão de homem e mesmo assim ficam enchendo a mãe dele. Ela tem muita paciência. A mulher responde que: eu fico aqui, proseio com as minhas meninas e elas me ajudam com a solução. Tenho um filho mais esquentadinho e quando ele vem aqui ponho ele para ficar olhando as flores, conversando com elas, regando, sentindo o cheiro. Ele diz de tira stress. Eu acho que é que as minhas meninas querem me ajudar e ajudam.*

Eles têm um casal de galinha garnisé e um cachorro (FIGURA 223). *Ganhei para matar. Mas eu não tive coragem. A gente chama de princesa. Ponho milho na mão ela come mansinha. E dá um ovinho lindo. Gostam dos passarinhos principalmente das maritacas. Elas fazem uma algazarra bonita. Acho os besourinhos e joaninhas bem bonitos também. Já teve mais borboleta. Agora está pouco.*

O rio passava aqui pertinho. Era meio esbarrancado, não tinha passado o trator ainda. Feito nenhuma espécie de obra. Tinha casa aí embaixo depois eles tiraram porque o rio estava enchendo. Contam que o rio vinha trazendo tudo: em janeiro descia de um tudo nas águas da chuva. Vinha televisão, carrinho de supermercado. Às vezes o esgoto voltava para dentro das casas.

Ao nos despedirmos Dona Maria Tereza coloca alguns tomates de árvore na sacola (FIGURA 221). *Toma aqui. Leva para você. Põe um salzinho e faz uma salada. Tira a casca porque senão fica muito amargo. É muito sadio.*

Saulo mora na parte alta da Maracá. O jovem estudante de biologia ajuda a mãe a cuidar do jardim de sua casa: *eu gosto de plantar. Eu trabalho numa fazenda urbana, mas lá às vezes cansa. Tem que produzir com obrigação. Aqui em casa é mais relaxado. É minha mãe que cuida mais. Eu ajudo. Aqui para mim é por prazer só. Minha mãe acha bem bonito jardim, por isso ela quis ter. Ela fala que não há nada mais bonito no mundo. Que é um paraíso. Seu desejo é: colecionar, ter plantas mesmo. Gostaria de ter todas possíveis. Mas o espaço aqui não permite e é da minha mãe. Penso em achar um lugar para mim mais tarde para realizar isso. Mas aqui tá ótimo. Eu moro no jardim.* (FIGURAS 225 a 230).

Aprendi muito sobre plantar no curso [de biologia] e também por tentativa e erro. A gente coloca no lugar e vê se ela cresce ou morre, ai vamos mudando de lugar e observando se ela gosta de luz ou sombra, pouca água ou muita água. Tem também essa coisa que a teoria resume tudo. Às vezes o livro fala que é de uma forma e na verdade acontece de outra. Tem muita coisa envolvida na ecologia. Muita variável que só no dia a dia a gente conhece e faz. Sobre o cuidado ele vai acontecendo na medida da necessidade. Depende muito da planta. Nós nunca podemos as plantas, elas mesmo vão se quebrando à medida que crescem. Colocamos terra na medida em que pedem e assim vai, no cotidiano. Jardim é igual namoro, tem que adaptar. Ele conta que troca muda e frutas com os vizinhos. Mas que nunca vendeu nada: minha mãe conversa bastante sobre o jardim com as amigas. E até já fez amigos também. Tem um grupo no celular.

No jardim, embora não seja muito grande, todos os lugares são aproveitados para plantar: muros, grades, escada, guarda corpo (FIGURAS 225 e 226). Várias dessas espécies estão plantadas em vasos. Nele encontramos muitas espécies principalmente de flores e folhagens ornamentais. Logo na entrada há um muro com orquídeas. Encontramos: *capota vermelha, flor de São Miguel, marantas, lírio da paz, camarão alaranjado, bananeira de jardim, manjerição, palmeiras licualas, boldo, samambaia, várias espécies de suculentas, costela de adão, lança de São Jorge, beijinho, cactos candelabro, flor de seda, antúrio, coqueiro de Vênus, papiro, areca, dracenas e samambaias variadas.*

Aqui tem muito bicho também. Tenho uma gata, dois cachorros, um pavão, pato, peixe e tartaruga (FIGURAS 227 a 230). *Aparece abelha, borboleta, besouro, borboleta, joaninha que ajuda a combater os pulgões, mico e muitas espécies de passarinhos. Tirando as*

lagartas, eu gosto de todos. Tem uma planta específica que as lagartas sempre comem ela inteira e aí a gente precisa tirar as lagartas e lavar a folha. Sempre acontece em época de chuva.

No bairro ele observa a falta de plantas: tem muita casa e rua que não tem nenhuma árvore, nem um vasinho. É como o deserto sem a beleza do deserto. No deserto de verdade a vida dá um jeito de existir aqui é só a falta mesmo. Deserto de asfalto. E deserto de asfalto é sem vida. Sobre os jardins da cidade: poderia ser mais bem planejado. Muitas árvores são de espécies que tem raízes que não são apropriadas para ruas. Muita flor exótica. Tinha muito que prestar atenção nas invasões biológicas. É o que acontece quando espécies exóticas invadem o habitat e concorrem com vantagem sobre as nativas.

Sobre o rio ele não se lembra dele, só do canal e não vê relação só com seu jardim. Tem o ciclo da água e as chuvas que têm relação aqui. E numa escala maior com nossa casa, com todas as casas e com a cidade. A água é parte principal dos ciclos da vida. A terra é nossa casa.

Marilda é uma senhora que nasceu na casa onde mora atualmente. O jardim na frente existiu toda vida, antes meus pais cuidavam, e depois eu e os meus irmãos. Agora das orquídeas no fundo cuido eu. Ela conta que sempre gostou do jardim na casa e que sua mãe quem cuidava antes dela (FIGURAS 231 a 233). Eu gosto de planta. Agora minha paixão é por orquídeas. Aqui na frente o jardim era maior, já teve muito mais plantas, eu queria ter mais espaço ainda para plantar, mas precisamos tirar por causa da garagem. Eu fiz um pequeno espaço para minhas orquídeas lá atrás. Bobagem tirar fotos aí. Vem ver minhas orquídeas.

Ela nos conduz para um espaço gramado entre a casa principal onde mora e o barracão que é uma casa comercial. As orquídeas são especiais para mim. Eu sempre compro aí o povo percebeu que eu gostava e passei a ganhar. Tem uma que meu irmão me deu que veio de uma exposição, essa bordô. Chegamos lá, ele pediu para eu escolher qualquer uma que eu quisesse que ele ia me dar. Eu conversei com elas e elas ficam bonitas. Orquídea precisa de carinho e cuidado. Tenho um livro ensinando tudo delas. Vocês deram sorte de pegar as flores. Olha que lindas! Esse é o meu prazer. Sinto-me bem aqui (FIGURA 232 e 233).

Sobre o jardim da frente conta que: *sempre que possível rego todas pelo menos uma vez por semana com a mangueira. Tem umas que precisam de mais água. Eu rego sempre de manhã para não esquentar demais.* Sobre o cuidado: *não acho que tem dificuldade não. Agora eu quase não tenho é tempo mesmo.* No jardim da frente tem vasos com samambaias, cactos, roseira, camarão vermelho, capota vermelha, antúrio, palmeira, lírio, beijinho.

Aqui tem muita abelha e borboleta, mas está diminuindo. Quando o camarão está em flor é uma festa. Elas gostam das orquídeas também. Aqui já vi tucano, e até miquinho. Ela conta dos pés de fruta que foram cortados para construção dos prédios na praça. *Estavam cortando os pés de manga e de goiaba ali na praça no prédio que estava sendo construído. Ai eles podaram uma árvore e uma pomba do mato filhote veio parar aqui debaixo do banco. Como ela estava machucada, eu dei para ela uma sopa de feijão e cuidei dela até melhorar. Você acredita que ela vinha até esses dias aqui de volta. Eu deixo comida [de pássaro] num pratinho e ela vinha. Vinha e ficava andando atrás de mim. Agora que ela tá meio sumida, não sei o que aconteceu.* Ela diz não gostar dos pulgões. *Para pulgão eu uso chá de guaco para acabar com essas pragas.*

Ela conta que troca muda, flores e ganha orquídeas. Que já fez amigos por causa do jardim e que está sempre aprendendo. Como a frente da casa tem grade e o jardim é visível diz que: *muita gente gosta de admirar minhas plantas. E olha que nem veem as orquídeas. Acho que grade enfeita a cidade. Se no lugar de muro fosse tudo grade, os jardins das pessoas iam enfeitar a rua. A cidade ia ser mais bonita. Mas hoje tem a segurança que eles falam. Eu me sinto segura aqui. Conheço todo mundo.*

Em Belo Horizonte tem pouco jardim. Nem entendo isso de cidade jardim que falam. Deve ser antigamente. Agora não tem. Eu gosto das praças quando tem flor. Gosto mesmo, mas quase não tem nos lugares. Ela chama atenção para a falta de cuidado com as árvores. *Na cidade o que mais se maltrata são as árvores. Está vendo essa murta? Eu que plantei. Tinha uma quaresmeira que a CEMIG fez um estrago. Ai apodreceu e a prefeitura cortou e deixou o buraco. Eu comprei a muda e paguei um menino para colocar ela. Pelo menos é pequena. Vamos ver se a CEMIG deixa essa em paz.*

Sobre o rio e as águas não soube responder.

2.3.3 ENTORNO DO VIADUTO

O território próximo ao viaduto é uma superfície côncava que se localiza no limite do bairro que é o divisor de águas da Rua Uarirá e o viaduto sobre a linha de trem que faz a ligação com a Avenida dos Andradas (FIGURA 234).

Margarida, uma senhora aposentada nascida no interior conta que as plantas sempre estiveram na sua vida. *Fui criada sem pai nem mãe. Depois que eu casei, quando era nova, comecei a fazer horta. Criei meus filhos com isso. Só que eu gosto mesmo é de plantar flor. Agora que eu posso me dar ao luxo eu tenho minhas florezinhas também. Eu gosto muito do meu jardim. Porque é uma alegria para mim. Eu não gosto de ficar saindo de casa, ficar pela rua. Eu gosto de ficar aqui, ai fico com as plantas. Agora eu planto para me distrair, parei de plantar horta porque ficou sem espaço e sem muita vontade como aposentei e queria descansar, continuei a plantar essas aqui.* Para ela: *meus cômodos e meu jardim são a mesma coisa* (FIGURAS 235 a 236). *Eu estou dentro ou fora, mas estou em casa.*

Lá no fundo, é igual uma floresta. Tem pé de manga, acerola, roseira, e muito mais coisa. Mas como a casa tá em obra, sobrou apenas o canteiro bonito. Planta não gosta de cimento não. Elas ficam sentidas. Agora eu não preocupo não, assim que acabar a obra eu faço tudo ficar viçoso de novo.

No canteiro da frente ela cultiva couve, coração magoado, gerânio, jardineira, manjerição, boldo, limão, milho, rosa, lírio, babosa, taioba. *Essas três árvores são do início da casa. Eu não deixei tirar não. Elas dão uma sombrinha boa.* Ela observa vários animais: abelha, borboleta, joaninha, papagaio, maritaca, tucano, galinha, pulgão e outras pragas. Ela cria um gato amarelo. *É meu companheiro agora que meus filhos não estão mais aqui.*

Meus vizinhos acham bonito meu jardim. Eles gostam de pedir muda de coração magoado. Sobre suas técnicas de plantio explica que nunca teve alguém para ensinar: *tenho a mão boa, aprendi sozinha. Ninguém me ensinou. Tenho amor também. Amor por minhas plantinhas. Molho de manhã e de tarde com a mangueira, eu ponho adubo que consigo com um vizinho que cria cavalos. Eu converso com elas e elas agradecem.*

Sobre o rio não soube responder. Sobre as águas disse que gosta de chuva. *Chuva é abençoada. As plantas e as gentes ficam melhores. Agora nas cidades é só cimento. Ai tem inundação. Aqui embaixo, na Curi tem.*

Ana, dona de casa, nasceu no São Geraldo, na Rua Barreiros. Mora nessa casa há vinte e oito anos e a escolheu pela possibilidade de plantar. *Gosto muito de plantar. O quintal é todo de jardim. Eu tenho jardim por gosto. Eu gosto, gosto, gosto muito de planta. Ver elas crescerem depois florirem é viver. Eu gosto de horta também, mas o quintal é muita árvore aí num dá, muita sombra. Então eu faço jardim nelas. Tem orquídea, tem bromélia.*

Foi meu pai que comprou o lote, construiu a casa e o jardim no quintal e na frente da casa. Já tinha algumas árvores que estão aqui até hoje. Tinha uma árvore que seu pai plantou na frente da casa. Com mais de 6 metros de altura, ocupava quase toda a calçada. Os vizinhos reclamavam e diziam para que eu fosse à prefeitura. Mais tarde a árvore teve que sair por causa da ampliação da casa. Eu fiquei triste, mas não tinha outra forma. Ela nos mostra o jardim e conta como plantou (FIGURAS 237 a 241). Plantei muita flor aqui porque é na frente da casa. Eu gosto de flores na frente da casa. Aí no quintal, tem fruta e minhas orquídeas.

Ela planta: *orégano, ora pro nobis, chuchu, manga, abacate, ameixa, laranja, acerola, caqui, jabuticaba, limão, figo, cana, canela, íris, orquídea, chifre de veado, lírio da paz, antúrio, helicônia, samambaia, buganvília, coração de estudante, rosa, jasmim manga, coqueiro de Vênus, taioba, maranta, hibisco. A planta que mais gosto é a rosa do deserto. E essa jade que vai trepando em um dos pilares da varanda da casa.*

Ela cria dois cachorros, galinhas e um gato (FIGURAS 241). *Eu vejo passarinhos, tucano, beija-flor, mico, vários insetos. O controle desses animais eu mesma faço. Fumo, detergente ou sabão de coco. Até comprei um negócio para por remédio, aquele que espirra. Mas é caseiro.*

Eu limpo mais o jardim do que a casa. Gosto de ficar sentada no quintal. Não é depressão não. Eu fico lá um tempão. Às vezes tem uma cana lá eu pego, descasco e como lá mesmo.

Ela distribui flores, mudas, frutas. *Ah, eles pede muito aí, eu dou. Tem uma amiga que vem cá chupar cana. Ela sempre me pergunta como é que tá a cana? Ana também nos*

conta que fez amigos: *teve uma moça, eu não a conhecia não. Pediu os galhos das buganvilas para fazer o arco do casamento dela. Passando pela rua, ela tocou e pediu os galhos de flores para a decoração de seu casamento. Eu dei à moça. Hoje em dia a gente se encontra pelo bairro e sempre se cumprimenta ou conversa um pouco.*

Sobre as plantas de Belo Horizonte: *ô menina, não sendo coqueiro eu gosto. Porque eu sou assim, eu gosto de planta, mas eu tenho pavor de lagarta. E palmeira não tem nem sombra. Eu gosto é de árvore grande e de flores. Falta flor na cidade. A relação do meu jardim com a cidade é boa. É visível do lado de fora, através da grade. Eles falam que minha casa é uma fazenda.*

Onde eu morava, quando eu cresci, num tinha muita água não. A gente tinha que pegar água fora. As plantas não cresciam. Aí eu era doida para ter. E sobre o rio ela diz que se lembra: eu lembro muito. Já atravessei esse rio lá da Curi. Raso, limpo. Eu me lembro do Seu Tião, um moço que tirava areia. Tirava areia para vender. Eu lavava vasilha no rio, roupa. Agora a gente nem vê.

O Senhor Josué tem jardim desde que se casou e cuidava dele com sua esposa (FIGURAS 242 e 243). *Mas, desde que minha esposa faleceu, eu cuido sozinho. Têm uns dois anos já. Ele conta da saudade da esposa e como as flores o fazem lembrar-se dela. E como gosto do meu jardim. Ele me lembra da minha velha. Agora eu só não planto mais porque não tenho mais condição [física], mas eu cuido do que tem aqui. E não é pouca coisa.*

Aprendi sobre as plantas quando era criança. Quando ganho mudas eu planto aonde dá. Aguar é de dois em dois dias sempre de manhã, para replantar demora mais. Tenho problema de coluna ai fica mais difícil.

Eu tenho um cachorro. Por aqui aparecem micos e passarinhos. No fundo tem laranja e uma mangueira. Tem as rosas da minha mulher, e as folhagens. Não é mais tão bem cuidado, mas eu sinto que moro nele. Seu Josué estava sentado na rua durante a entrevista e mostrou apenas a entrada da casa.

Sobre o rio ele nos conta que: *agora tá bom com ele fechado, antes até entrava nas casas ali embaixo na Souza Aguiar em época de chuva. Ainda enche. Só ali no encontro da Curi.*

A senhora Maria das Graças veio do interior para morar no bairro São Geraldo e desde a infância gostava de jardim. *Desde que tenho a casa que tem jardins, não era do jeito que está hoje, mas sempre tive porque sou muito ligada a isso. Gosto muito de flor. No passado eu tinha até horta grande, quando tinha menos casas no lote. Mas mantive o jardim, tem vaso, tem na terra, tem orquídea (FIGURAS 247 a 251). A horta agora é que é pouca.*

Ela conta que aprendeu as técnicas na roça da família e quando se casou trouxe essa paixão por planta. *Eu cuidei toda vida, minha família tinha roça, plantava arroz, feijão, verdura. Mexo com isso desde os oito anos. E sei cuidar. Tem uns vizinhos que acham que é só colocar na terra. Só que tem que ter interesse, gastar tempo. Gastar não, ganhar. A gente ganha com as plantas, os bichos. Eu moro no jardim. Geralmente eu tiro um dia inteiro, pego e vou replantando as flores. Do lado de fora sempre precisa podar e eu estou sempre tirando os espinhos do cacto, mas isso é sempre que eu passo aqui na entrada. Às vezes também jogo um remédio para pulgão feito com fumo de rolo curtido. As joaninhas que me ajudam com isso. Você sabia que até a prefeitura reconhece? Eles dão joaninha. Eu rego todo dia, principalmente de manhã. O jardim me descansa demais.*

Ela cultiva: *escova de garrafa, licuri, jardineira, cactos candelabro, coração magoado, trapoeraba, boldinho, tromba de elefante, bananeira de jardim, camarão vermelho.* No fundo da casa ela nos conta que tem uma mangueira e uma pitangueira bem grande e antiga. *Mesmo com a construção eu não abri mão delas não. Aqui aparecem muitos bichos: joaninha, abelha, borboleta, mico, pulgão, besouros, ratos, rolinhas, alma de gato, beija-flores e araras. As araras fizeram até ninho. Tenho cachorro e gato, peguei o gato justamente para ele caçar os ratos. Tinha tanto rato aqui, alguns agarravam nas trepadeiras e eles ficavam ai, mortos. Ai depois que peguei o gato, ele espanta esses bichos todos.*

Sobre sua rede de relações construída a partir dos jardins ela conta que: *às vezes eu pego muda, às vezes eu ganho, mas eu compro muito também. Compro na floricultura perto do extra. Já parei nessas construções de reforma. Estavam jogando fora um coqueiro, ai eu parei o carro, peguei e coloquei dentro do carro. É esse bonito ai. Meus filhos não gostam não, eles falam que vira uma floresta. Eu adoro meu jardim floresta. Meus vizinhos acham*

que eu tenho muito tempo livre para cuidar das plantas, mas no fim acham bonito. O povo pega as mudas, daqui de fora então, eles arrancam, acabam com tudo. Ai eu mandei minha filha pedir para todo mundo parar de fazer isso, que era só pedir. Se eu ver eu xingo também, eu até dou as mudas mas precisa deixar crescer primeiro. Já teve carro que parou aqui na frente para pegar as mudas. Eu já tirei um monte de muda, deixei ai no cantinho e ninguém pegou. O povo vem para pegar as que estão aqui, plantadas. Mas a gente vai conversando.

Ela conta que apesar desse conflito já fez amigos por causa do jardim na frente de sua casa. O povo vem e tira foto aqui na frente. A gente mesmo quase não tem foto daqui, mas os vizinhos vêm aqui e tiram, quando a gente vê tá cheio de selfie tirada aqui perto das plantas. Eu conheço muita gente também. Minha amiga aqui na Fernão Dias mesmo, tem orquídeas, jabuticaba. Aqui na Souza Aguiar também teve um moço ali que plantou para ninguém jogar lixo e acabou que virou um jardim bonito. A gente fica brincando que quando aqui for uma praça a gente vai ir lá cuidar, porque aqui tá desse jeito tem uns 10 anos. Quando a linha saiu daqui ficou esse espaço e tá ai abandonado, perigoso. E o pessoal já está começando. Não vê o moço do bar [Tata]? Podia ser um lugar para passear com as crianças. Eu e esse moço ali da Souza Aguiar já combinamos que vamos ser os protetores da praça. Mas a prefeitura mesmo não faz nada.

Na rua ela conta que: tinham outras árvores, mas elas apodreceram, morreram todas. Ai eu plantei outras. Eu gosto de planta na frente da casa, acho que fica bonito. Na casa também, elas já mudaram de lugar umas vezes. Lá no fundo tinha mais, mas teve que construir para o meu filho morar ai a gente foi diminuindo.

Em Belo horizonte: acho que ninguém gosta mais. O povo tem medo, porque ladrão pode subir na árvore e entrar em casa, essas coisas. Nem criança não liga para isso mais, tinha pau doce aqui na rua de baixo [Souza Aguiar] e eles nem sabem o que é. Aqui tem licurí ninguém nem come. Só eu e uns poucos.

Do rio: eu lembro muito pouco. Só sei que tinha enchente. Mas eu gostaria que fosse limpo e a gente pudesse frequentar.

CADERNO DE IMAGENS 7:

Superfícies Convexas

Figura 180: Mapa de localização dos Jardins da superfície convexa – Alto da escola



Fonte: mapa elaborado a partir do Mymaps, 2021.

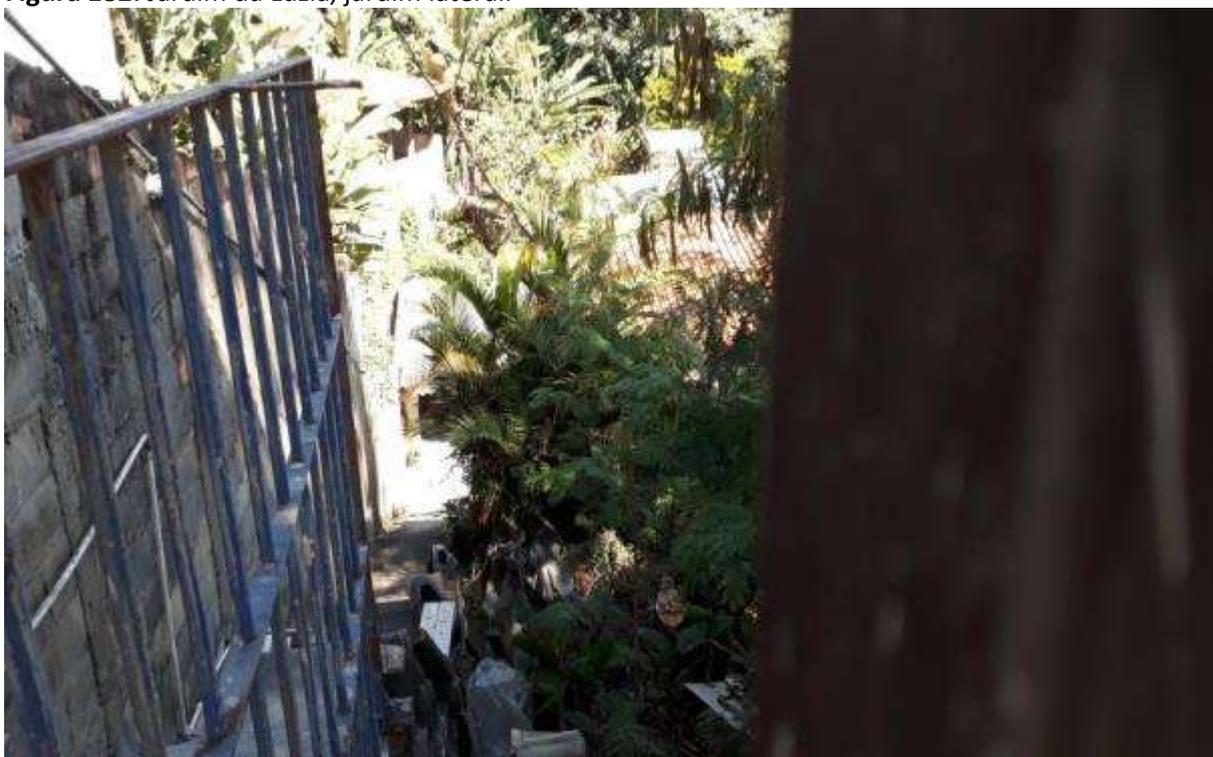
jardim da Luzia

Figura 181: Jardim da Luzia, fachada com as árvores nativas.



Fonte: própria. 2019.

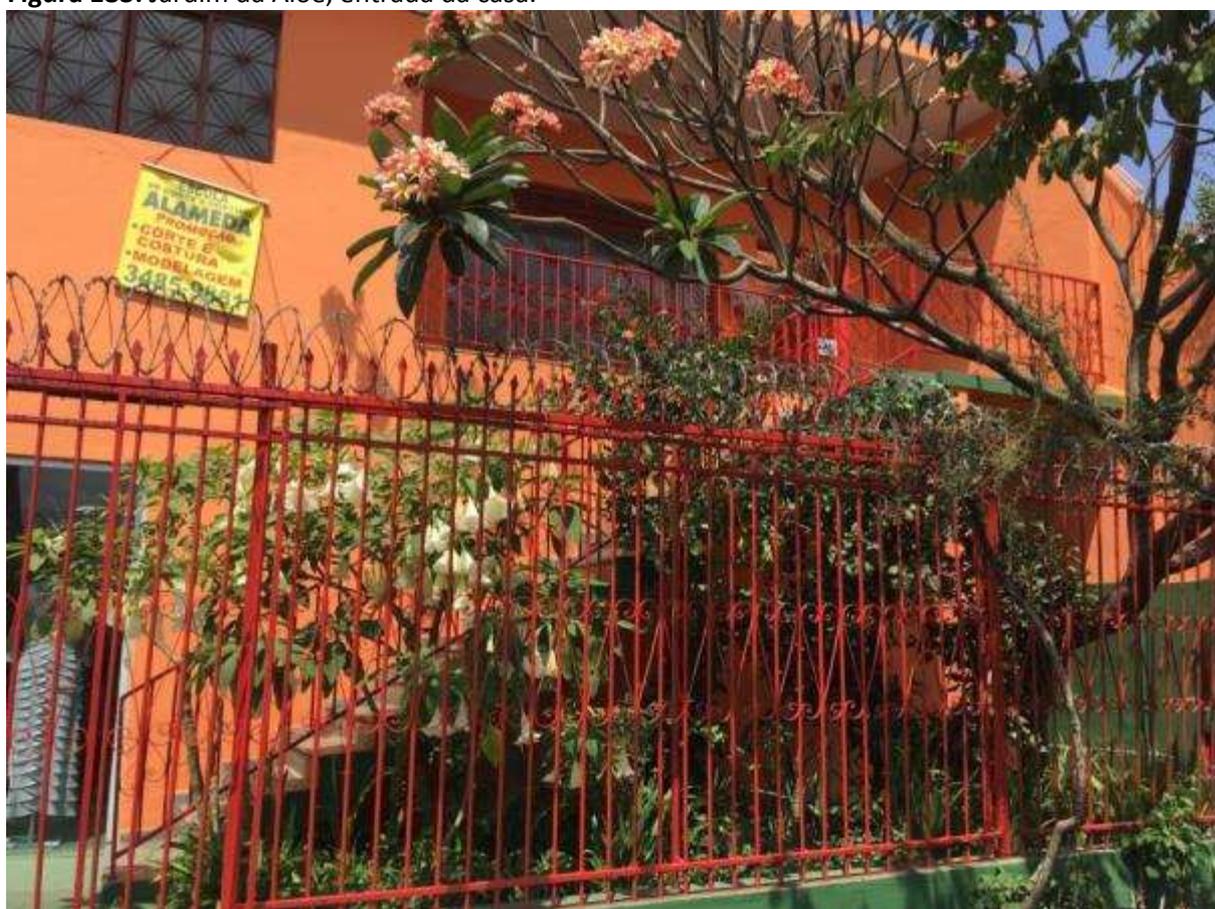
Figura 182: Jardim da Luzia, jardim lateral.



Fonte: própria. 2019.

jardim da Aloé

Figura 183: Jardim da Aloé, entrada da casa.



Fonte: própria. 2019.

jardim da Aloé

Figura 184: Jardim da Aloé que está mostrando suas plantas na lateral da casa.



Fonte: própria. 2019.

jardim da Aloé

Figura 185: Jardim da Aloé, jardim dos fundos.



Fonte: própria. 2019.

Figura 186: Jardim da Aloé, parreira.



Fonte: própria. 2019.

jardim da Terezinha

Figura 187: Jardim Terezinha visto sobre o muro.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Terezinha

Figura 188: Jardim, Terezinha, entrada e canteiro de coração magoado e jardineira.



Fonte: própria. 2018.

Figura 189: Jardim Terezinha, espada de São Jorge com casca de ovos de codorna para adubo.



Fonte: própria. 2018.

jardim do Chico do Churrasco

Figura 190: Jardim Chico do churrasco, fachada com as árvores da rua e sobre a cobertura.



Fonte: própria. 2018.

Figura 191: Jardim Chico do churrasco, funcionária varrendo folhas e flores para o pé da árvore.



Fonte: própria. 2018.

jardim do Chico do Churrasco

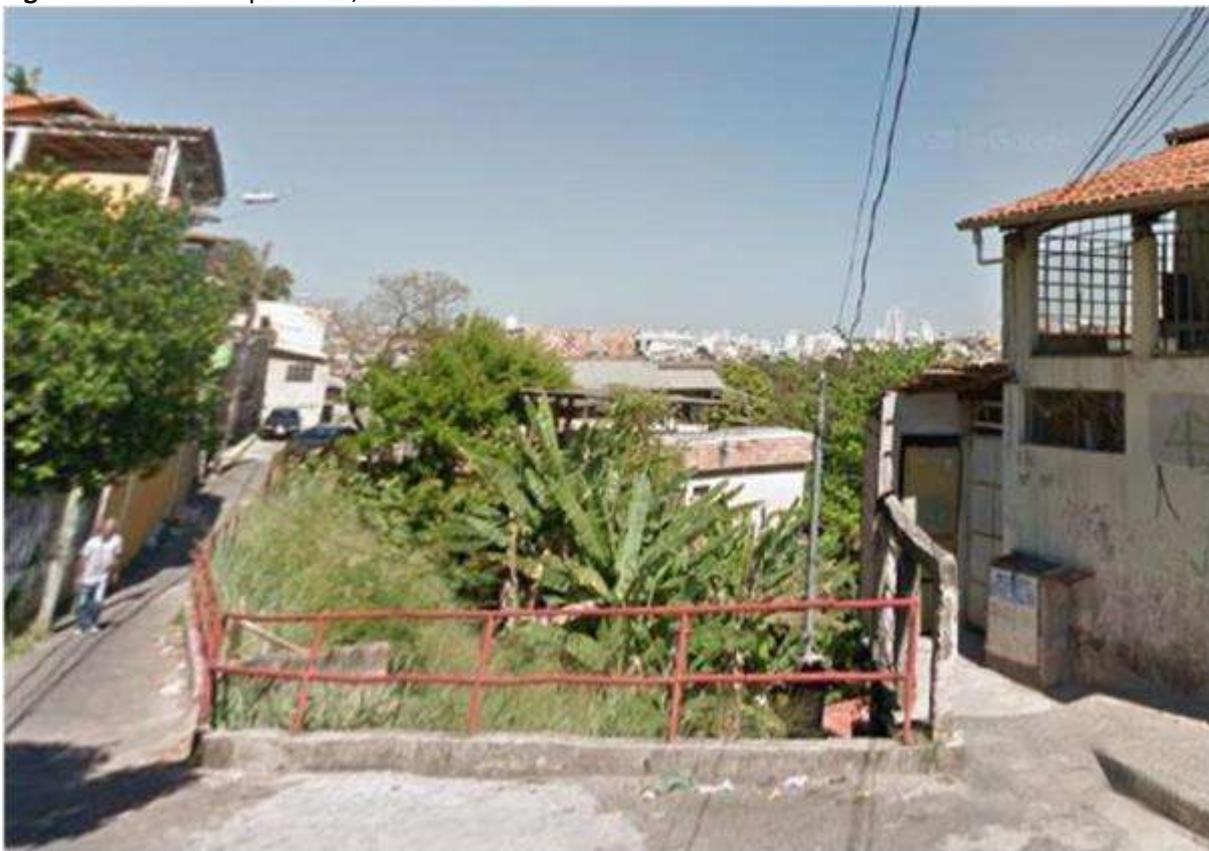
Figura 192: Jardim Chico do churrasco, troncos das árvores dentro do restaurante.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Dona Aparecida

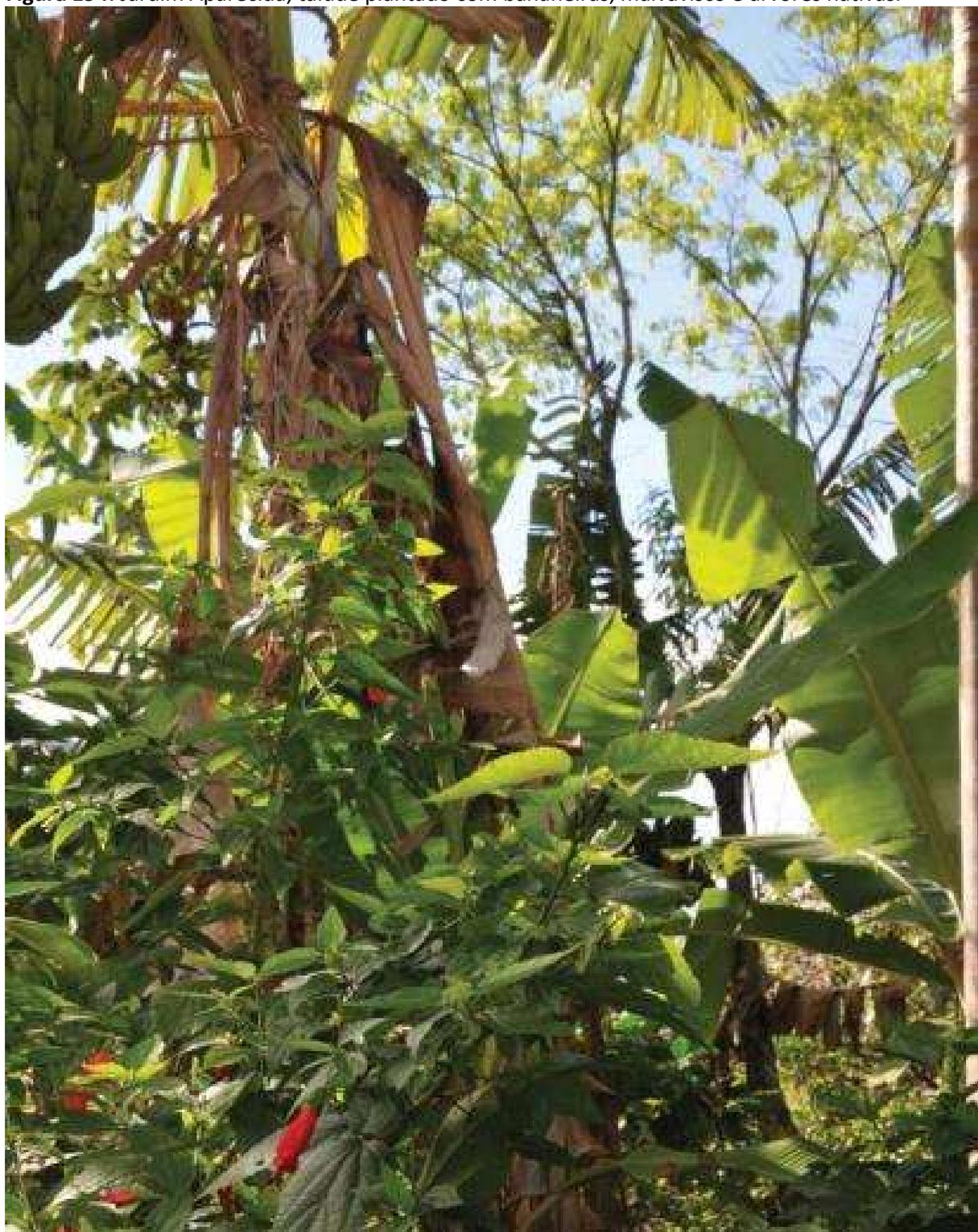
Figura 193: Jardim Aparecida, entrada da casa.



Fonte: Google street view. 2018.

jardim da Dona Aparecida

Figura 194: Jardim Aparecida, talude plantado com bananeiras, malvaisco e árvores nativas.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Dona Aparecida

Figura 195: Jardim Aparecida, vasos nas janelas com dinheiro em penca, trapoeraba roxa.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Maria Helena

Figura 196: Jardim com Maria Helena e os canteiros de hortaliças, frutas e flores.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Maria Helena

Figura 197: Jardim Maria Helena, galinhas e patos sendo alimentadas com restos de verdura.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Maria Lúcia

Figura 198: Jardim Maria Lúcia, canteiro da entrada com brita e vegetação.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Maria Lúcia

Figura 199: Jardim Maria Lúcia, orquídeas e samambaias da varanda.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Marlene

Figura 200: Jardim Marlene, jardim lateral com canteiros, vasos e árvores.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Marlene

Figura 201: Jardim Marlene, vasos de suculentas e avenca.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Marlene

Figura 202: Jardim Marlene, detalhe do suporte para vasos.



Fonte: própria. 2018.

jardim do Paulo

Figura 203: Jardim Paulo, muro com trepadeira alamanda.



Fonte: própria. 2018.

Figura 204: Mapa de localização, Jardins da superfície convexa – Entorno da Rua Silva Alvarenga



Fonte: mapa elaborado a partir do Mymaps, 2021.

Figura 205: Jardim Júlio aparente sobre o muro.



Fonte: própria. 2018.

Figura 206: Jardim Júlio, detalhe da trepadeira amor agarradinho.



Fonte: própria. 2018.

jardim do Jaqueline

Figura 207: Jardim Jaqueline, vasos na entrada.



Fonte: própria. 2018.

jardim do Jaqueline

Figura 208: Jardim Jaqueline, muro lateral.



Fonte: própria. 2018.

jardim do Mário e sua mãe

Figura 209: Jardim Mário e mãe, fachada.

Fonte: própria. 2018.

Figura 210: Jardim Mário e mãe, tanque e vasos.

Fonte: própria. 2018.

jardim da Luiza

Figura 211: Jardim Luiza, vista da rua com jardim aparecendo sobre o muro.



Fonte: Google street view. 2019.

jardim da Cleusa

Figura 212: Jardim Cleusa, vasos no terraço e passarela da ferrovia ao fundo.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Cleusa

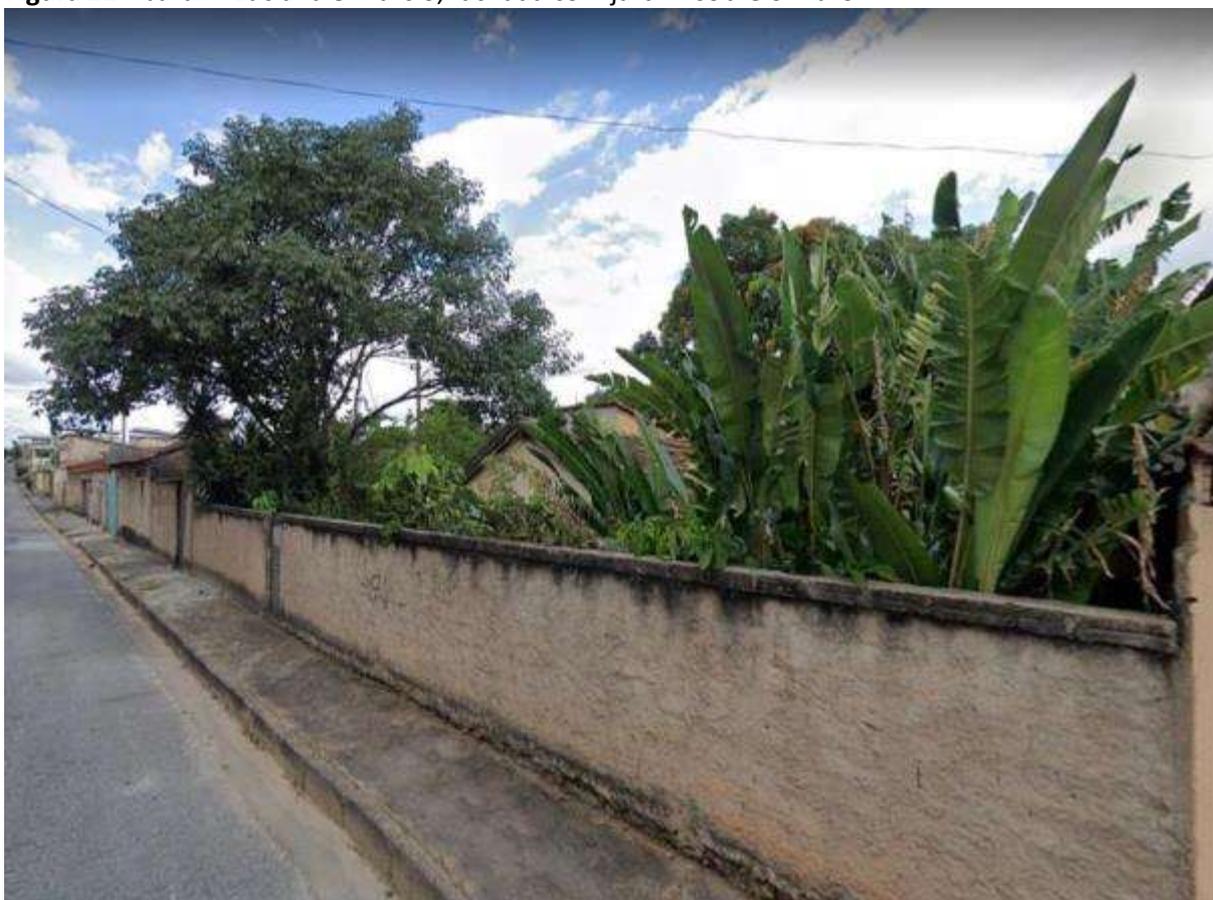
Figura 213: Jardim Cleusa, vista dos fundos com bananeiras, laranjeira, limoeiro, cana, parreira.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Luciana e Marcio

Figura 214: Jardim Luciana e Marcio, fachada com jardim sobre o muro.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Luciana e Marcio

Figura 215: Jardim Luciana e Marcio, jabuticabeira, bananeira, vasos e canteiros com folhagens.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Aparecida

Figura 216: Jardim Aparecida, fachada com jardim visível sobre o muro.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Aparecida

Figura 217: Jardim Aparecida, trepadeira do muro de entrada.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Aparecida

Figura 218: Jardim com vasos, Aparecida e seus cachorros.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Aparecida

Figura 219: Jardim Aparecida, barracão dos fundos tomado pela vegetação.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Maria Tereza e Zé

Figura 220: Jardim com Maria Tereza e Zé varrendo a calçada.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Maria Tereza e Zé

Figura 221: Jardim Maria Tereza e Zé, tomate de árvore.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Maria Tereza e Zé

Figura 222: Jardim Maria Tereza e Zé, corredor de entrada da casa.



Fonte: própria. 2018.

Figura 223: Jardim Maria Tereza e Zé, galinha Princesa.



Fonte: própria. 2018.

Figura 224: Jardim Maria Tereza e Zé, flor de seda sobre a mesa.



Fonte: própria. 2018.

jardim do Saulo

Figura 225: Jardim Saulo, entrada com árvore e vasos no muro.



Fonte: própria. 2018.

Figura 226: Jardim Saulo: escada, guarda corpo e corredor dos fundos.



Fonte: própria. 2018.

Figura 227: Jardim Saulo, marreco e pavão.



Fonte: própria. 2018.

jardim do Saulo

Figura 228: Jardim Saulo, jardim de pedras com bacia para tartaruga.



Fonte: própria. 2018.

Figura 229: Jardim Saulo, vasos e cachorro.



Fonte: própria. 2018.

Figura 230: Jardim Saulo, gato deitado na cama do dono.



Fonte: própria. 2018.

jardim da Marilda

Figura 231: Jardim Marilda, fachada com gradil permeável.



Fonte: Google street view. 2018

Figura 232: Jardim Marilda, orquídea.



Fonte: própria. 2018

Figura 233: Jardim Marilda, flores das orquídeas.



Fonte: própria. 2018

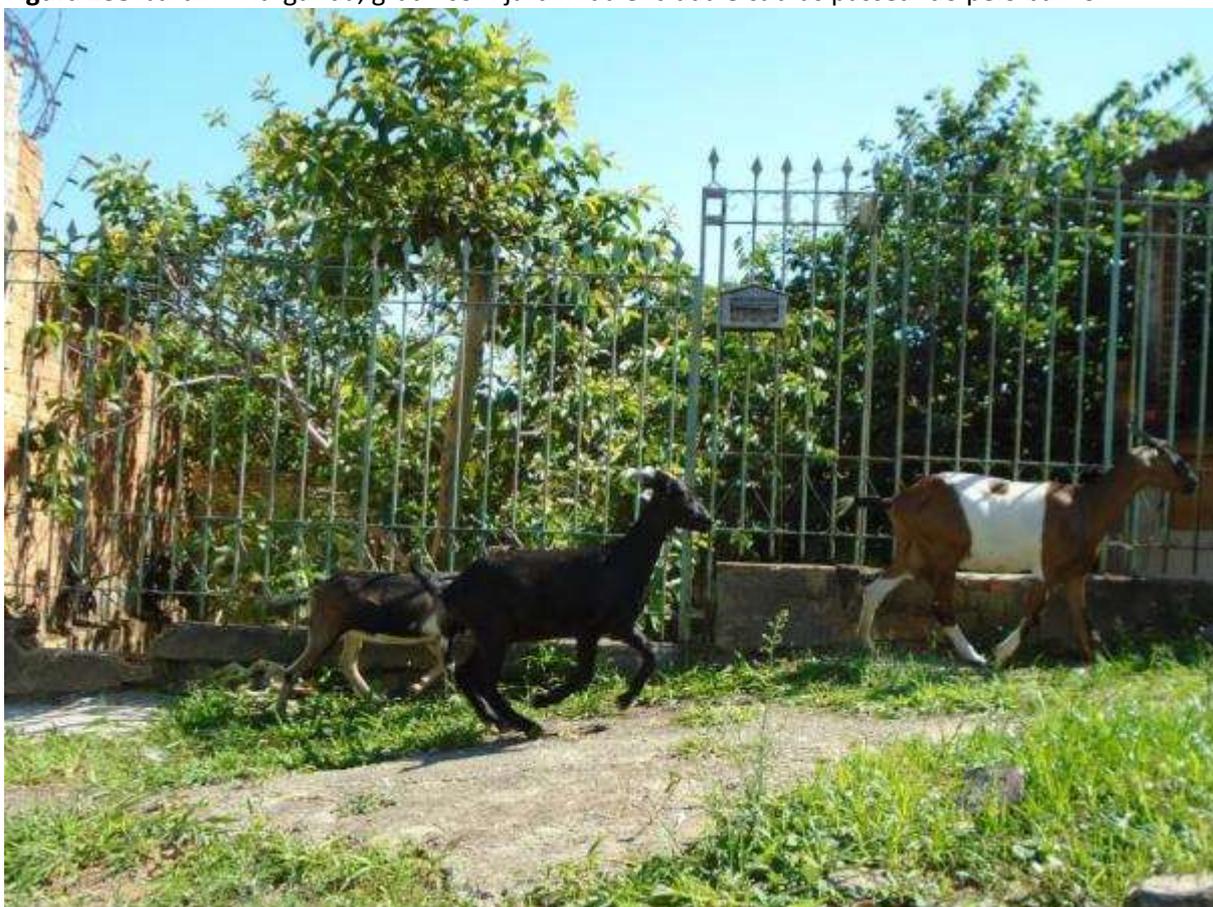
Figura 234: Mapa de localização dos Jardins da superfície convexa – Viaduto.



Fonte: mapa elaborado a partir do Mymaps, 2021.

jardim da Margarida

Figura 235: Jardim Margarida, gradil com jardim da entrada e cabras passeando pelo bairro.



Fonte: própria. 2018

jardim da Margarida

Figura 236: Jardim Margarida, corredor lateral e fundos.



Fonte: própria. 2018

jardim da Ana

Figura 237: Jardim Ana, gradil com jardim visível da rua.



Fonte: própria. 2019

Figura 238: Jardim com Ana apresentando suas plantas.



Fonte: própria. 2019

Figura 239: Jardim Ana, lateral da cozinha.



Fonte: própria. 2019

jardim da Ana

Figura 240: Jardim Ana, área dos fundos com árvores frutíferas, folhagens e horta.



Fonte: própria. 2019

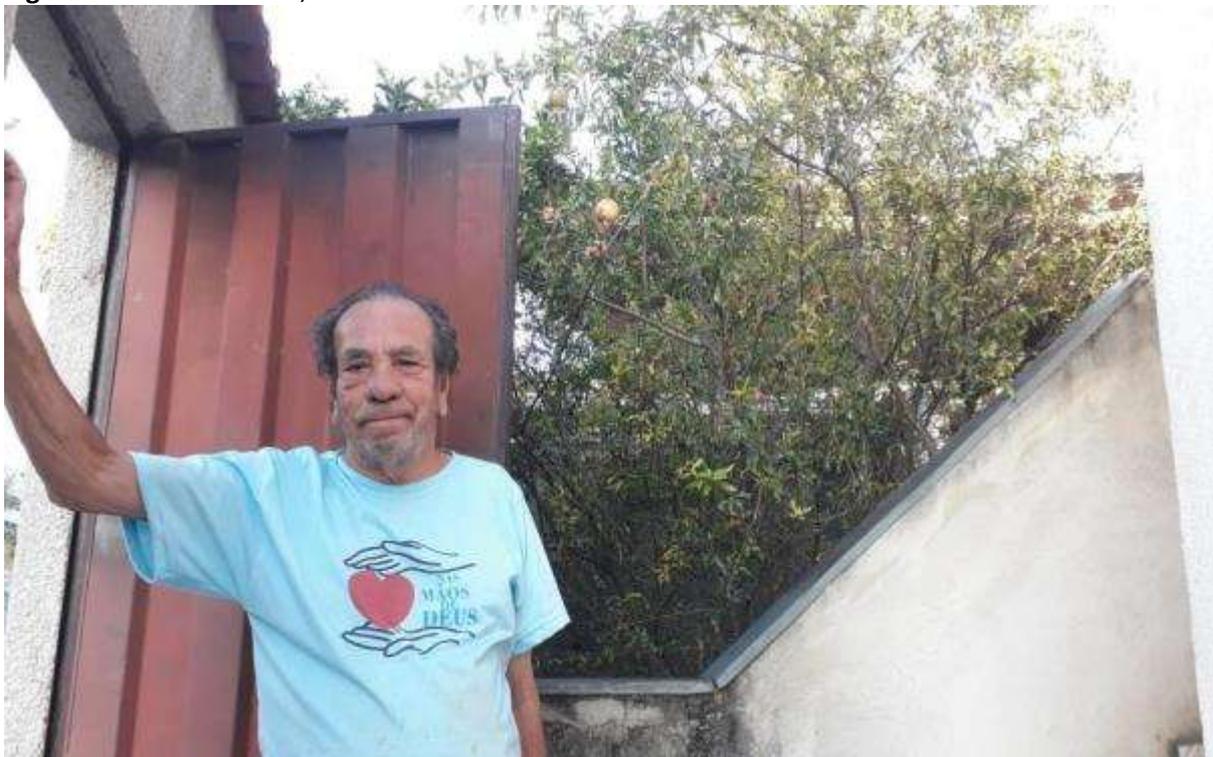
Figura 241: Jardim Ana, galinhas.



Fonte: própria. 2019

jardim do Josué

Figura 242: Jardim Josué, árvores frutíferas.



Fonte: própria. 2019

Figura 243: Jardim Josué, varanda com vasos de flor de seda.



Fonte: própria. 2019

jardim da Maria Eulália

Figura 244: Jardim Maria Eulália, vista da rua.



Fonte: própria. 2019

jardim da Maria Eulália

Figura 245: Jardim Maria Eulália, jardim junto ao muro.



Fonte: própria. 2019

Figura 246: Jardim Josina, vasos.



Fonte: própria. 2019

jardim da Maria das Graças

Figura 247: Jardim Maria das graças, canteiros na rua plantados e cuidados pela moradora.



Fonte: própria. 2019

jardim da Maria das Graças

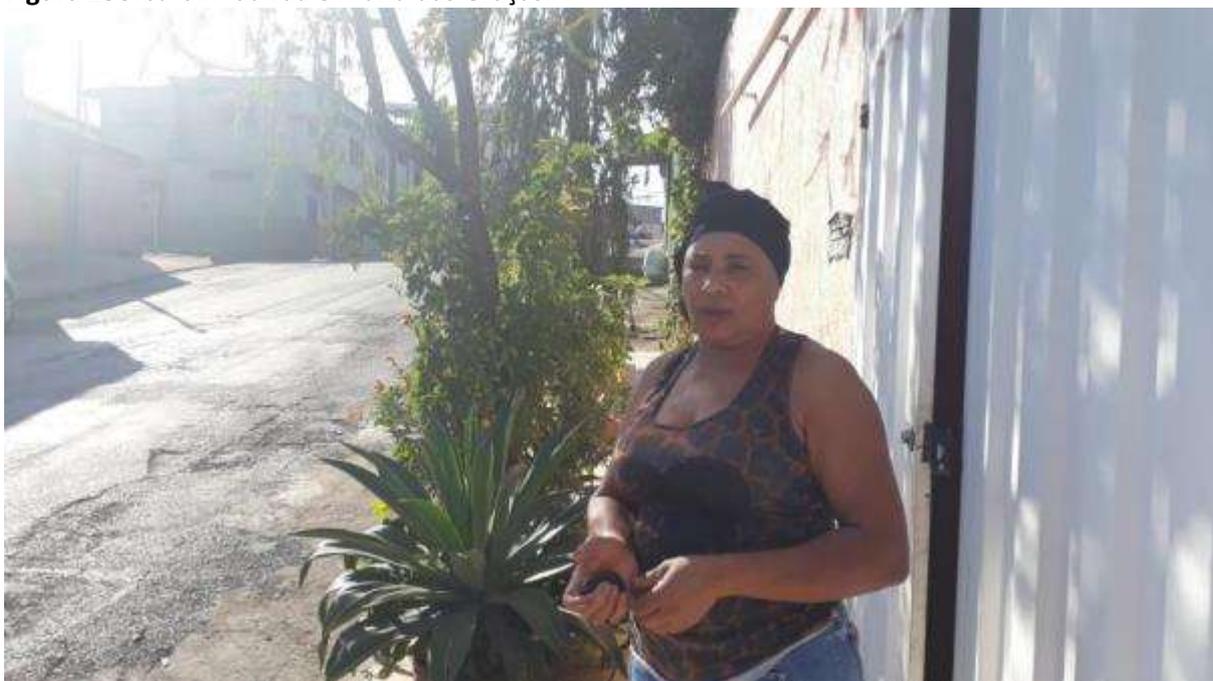
Figura 248: Jardim Maria Das Graças, varanda.

Fonte: própria. 2019

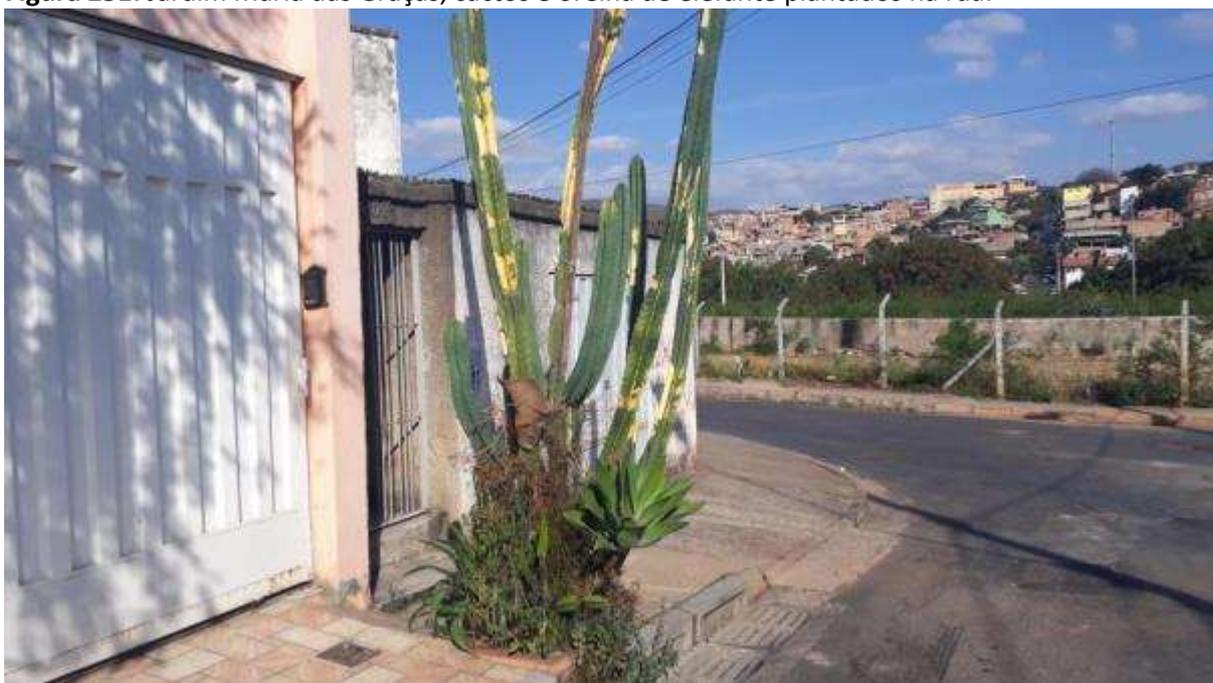
Figura 249: Jardim Maria das Graças, coqueiro.

Fonte: própria. 2019

jardim da Maria das Graças

Figura 250: Jardim da rua e Maria das Graças.

Fonte: própria. 2019

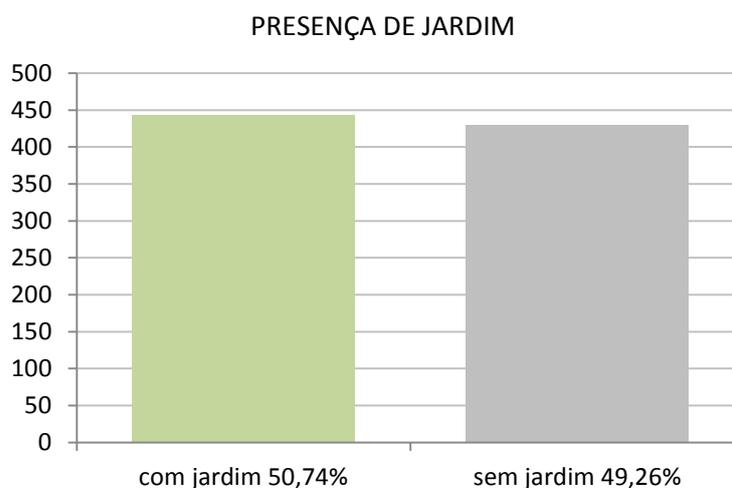
Figura 251: Jardim Maria das Graças, cactos e orelha de elefante plantados na rua.

Fonte: própria. 2019

3. OS MUNDOS DOS JARDINS

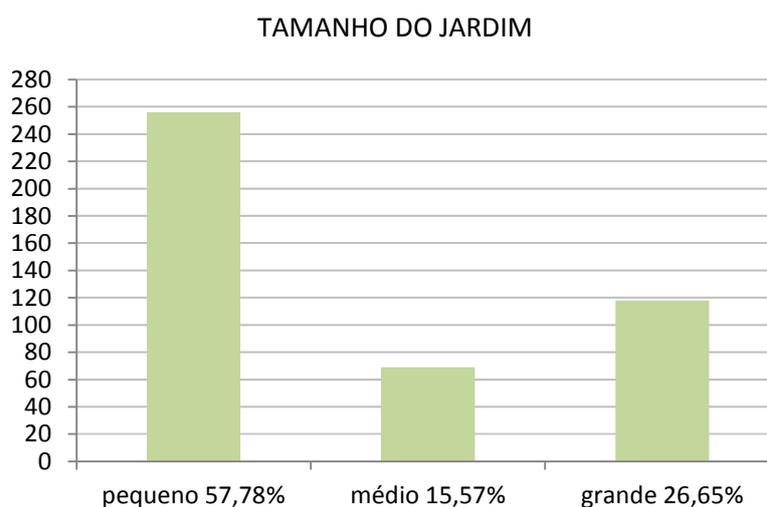
Das 873¹ áreas analisadas 50,74% tem jardim, ou seja, 443 jardins foram encontrados (FIGURAS 252 e 253, GRÁFICO 1).

Gráfico 1 . Gráfico de quantidades elaborado a partir dos dados da Tabela I



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

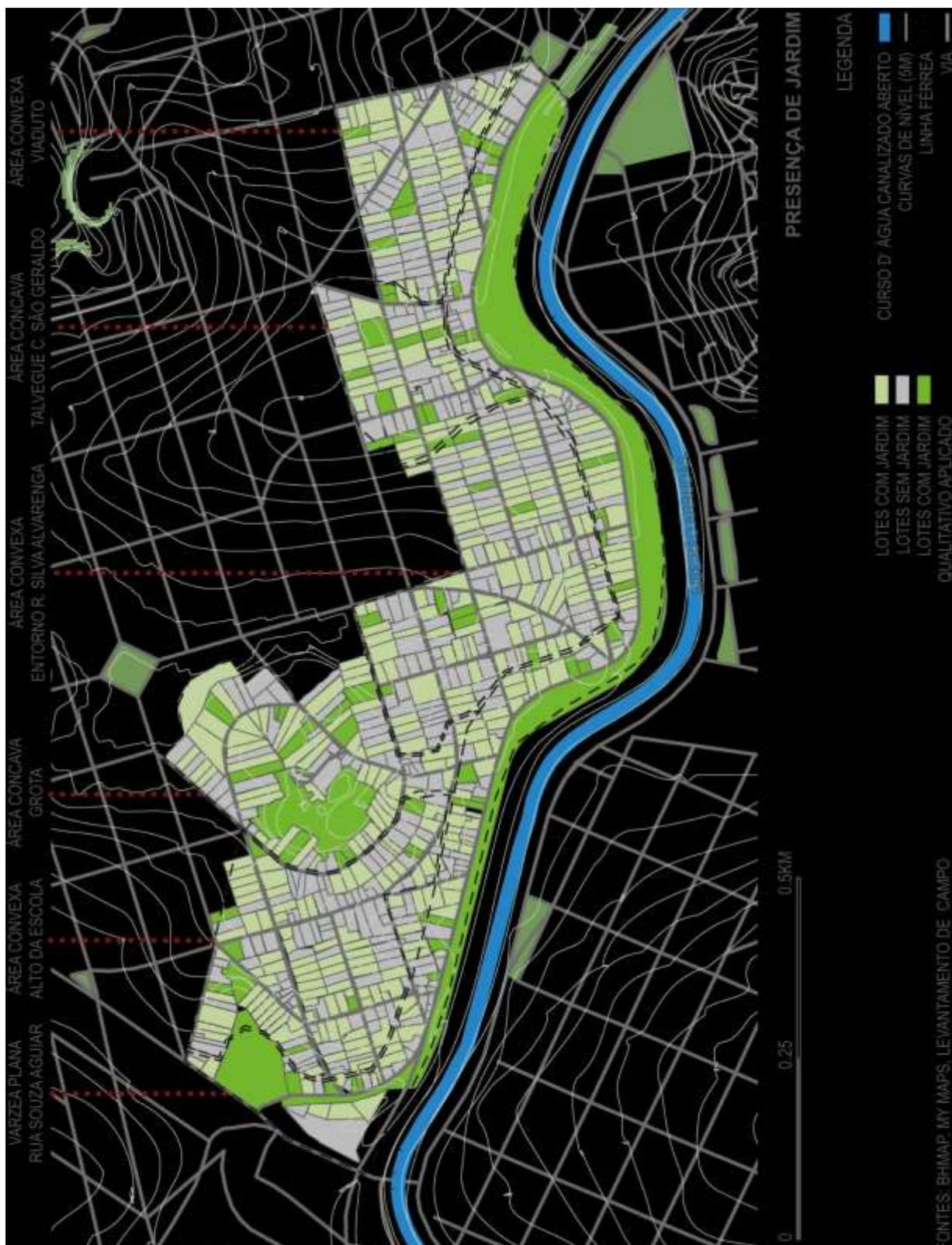
Gráfico 2 . Gráfico de quantidades elaborado a partir dos dados da Tabela I



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

¹ Os dados da totalidade das áreas, 873 áreas incluindo lotes com ocupação, lotes vagos com jardim cuidado, áreas remanescentes, áreas públicas e semipúblicas, foram coletados e compilados para o território de pesquisa escolhido a partir dos mapas virtuais *Google My maps*, *BHmaps*, *Google maps*. Os dados levantados pelos mapas virtuais foram checados em campo. A planilha Tabela I, em que se basearam os gráficos aqui apresentados está disponível no Apêndice B.

Figura 252: Mapa de Presença de jardim, base com curvas de nível.



Fonte: Mapa elaborado a partir do trabalho de campo 2020.

Desses jardins encontrados 57,78% são pequenos, 15,57% são médios e 26,65% são grandes. Foram considerados jardins pequenos aqueles que estão entre 18% e 25% da área estudada, ou seja, próximos da taxa de permeabilidade exigida na maioria do território. Foram considerados médios os jardins entre 26% e 36% da área e grandes aqueles acima de 36% (GRÁFICO 2).

A grande maioria do uso e ocupação dos espaços com jardim estudados é de casas. Algumas dessas casas têm pessoas que cuidam dos canteiros em áreas públicas ou nas calçadas em frente a elas. É uma área com tipologia de uso e ocupação predominantemente residencial sendo que as áreas comerciais, educacionais e de serviço se encontram principalmente na Avenida Itaiaté e na Rua Silva Alvarenga (FIGURA 07).

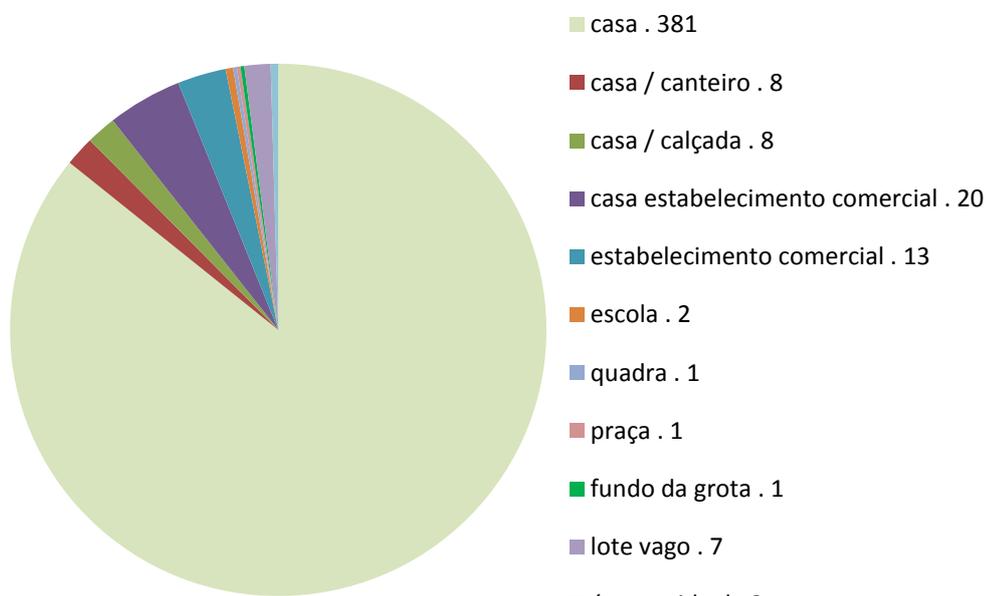
Podemos concluir que os jardins se encontram principalmente nas casas. Entretanto com uma comparação entre o gráfico de Jardins por Tipologia de Uso e Ocupação (GRAFICO 3) e do gráfico de Área permeável por Tipologia de Uso e Ocupação (GRAFICO 4) pode-se concluir que as áreas residuais localizadas ao longo da Rua Souza Aguiar e no encontro da Rua Silva Alvarenga com a Rua Souza Aguiar, a área no fundo da Grota, os sete lotes vagos com jardins cultivados e a quadra da igreja representam uma área expressiva no que diz respeito à presença de jardins e áreas vegetadas e à permeabilidade do solo.

Numa comparação das áreas com jardim e sem jardim levando em consideração lotes e áreas remanescentes, os jardins encontrados representam 30,02% da área permeável². Se incluído o arruamento considerando a área total do território estudado a área permeável passa a representar 21,97%. A presença dos jardins, mesmo que não estejam em todos os lotes consegue ainda garantir uma permeabilidade acima e próxima da taxa de permeabilidade mínima (20% para maioria do território) exigida por lei do território estudado.

² A legislação de Uso e Ocupação do Solo considera os lotes e áreas a serem edificadas para o cálculo de taxa de permeabilidade assim como nesse cálculo apresentado.

Gráfico 3 . Gráfico de quantidade de jardins por Tipologia de Uso e Ocupação em unidade, elaborado a partir dos dados da Tabela I

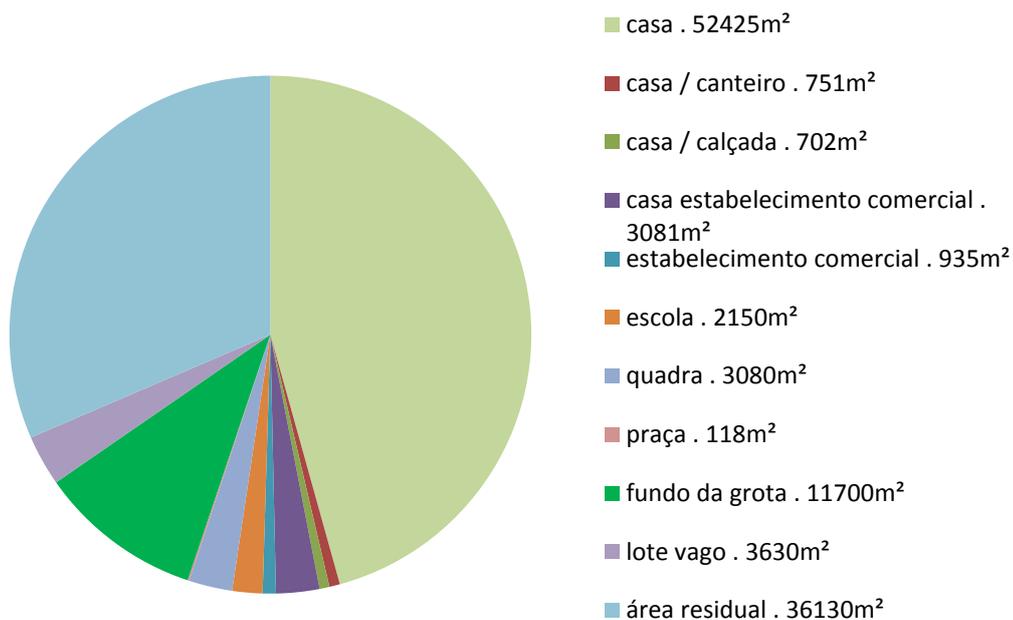
QUANTIDADE DE JARDINS POR TIPOLOGIA DE USO E OCUPAÇÃO



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Gráfico 4 . Gráfico de área permeável em m² distribuída pela tipologia de uso e ocupação das áreas com jardim elaborado a partir dos dados da Tabela I

ÁREA PERMEÁVEL POR TIPOLOGIA DE USO E OCUPAÇÃO



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

O território da Várzea plana e o entorno imediato da Rua Souza Aguiar se apresenta ainda bastante permeável. Essa permeabilidade é garantida, principalmente pela área remanescente transformada em jardim comum e pelos inúmeros jardins que se desenvolvem nas casas ao longo da Rua Souza Aguiar. Das 143 áreas estudadas 77 possuem jardins, ou seja, 53,84%. Os jardins representam uma permeabilidade de 34,44%. Uma permeabilidade bem acima da exigida por lei que é de 20% para esse território. A área remanescente representa sozinha 26% de toda área permeável.

Por ocasião da relocação da linha de trem, foi elaborado o projeto de um parque para essa área remanescente. A companhia Vale foi a responsável financeira pelo projeto. A empresa repassou o dinheiro da execução da obra para prefeitura de Belo Horizonte na administração do prefeito Marcio Lacerda. O Projeto³ propõe a pavimentação de grande parte da área remanescente, hoje ocupada pelos jardins comuns. Entretanto o projeto não foi implantado e o dinheiro usado em outro local segundo informações de um vereador que esteve presente no segundo Café com Plantas.

Em 2018, um projeto da Secretaria Municipal de Assistência Social, Segurança Alimentar e Cidadania (SMASAC), em parceria com a Secretaria Municipal de Política Urbana (SMPU), propôs o Corredor Agroecológico do Arrudas, com propostas de incentivar a agricultura urbana no local. Entretanto, segundo os moradores, não houve sequencia no mesmo.

Daniela Adil, diretora de Fomento à Agricultura Familiar, Agricultura Urbana e Abastecimento da SMASAC, ressalta que o projeto busca dialogar com diferentes questões urbanas. “Diversas áreas da administração pública e da sociedade civil têm se engajado para pensar a cidade através da agroecologia. São discutidas a importância da agroecologia e da adoção de uma alimentação saudável, além de mostrar que é possível produzir alimentos em áreas urbanas”, pontua.⁴

A implantação da via 710, um projeto contemplado no Programa de Estruturação Viária de Belo Horizonte VIURBS, é outro projeto que irá impactar significativamente a vertente estudada e principalmente a várzea (FIGURA 254).

³ Não foi possível ter acesso a esse projeto. A companhia Vale e a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte não responderam às solicitações. Portanto essa informação que consta aqui é a que foi dada no Café com Plantas tanto pelos moradores quanto pelo vereador.

⁴ Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/corredor-agroecologico-revitaliza-margens-do-arrudas>. Acesso: setembro 2020.

Figura 254: Planta geral Via 710 e detalhe do Bairro São Geraldo.



Fonte: VIURBS, PBH, 2008.

A Via 710 é classificada no “Plano de Classificação Viária do Município de Belo Horizonte” como via arterial primária. Trata-se de uma via transversal (sentido Leste-Oeste) que se inicia junto à Avenida Presidente Carlos Luz (Via 800), sobrepõe-se às avenidas Américo Vespúcio e Bernardo Vasconcelos, desenvolve-se ao longo da linha do metrô (Rua Conceição do Pará) e finda na interseção da Avenida dos Andradas, na região Leste. A intervenção proposta, além de fazer parte

de um grande eixo de deslocamento transversal entre a Avenida dos Andradas e Av. Cristiano Machado (trecho da Via 710), também permite uma importante articulação entre os bairros São Geraldo, Boa Vista e Sagrada Família e as avenidas dos Andradas e José Cândido da Silveira. (PBH, 2008)

É um projeto que, no bairro São Geraldo, propõe o alargamento da Avenida Itaituba com o aumento significativo do trânsito de veículos. Segue-se o pressuposto modernizante da avenida localizada no fundo de vale sobre o córrego canalizado. A via arterial já ocupava esse papel, mas a avenida irá ampliar bastante o impacto da circulação nesse local e seus desdobramentos tanto na drenagem quanto nos modos de vida do bairro.

O território côncavo da Grota também se apresenta bastante permeável. Das 144 áreas estudadas, 52% ou seja, 75 delas possuem jardim. A porcentagem de áreas permeáveis na Grota é de 36,78% (FIGURAS 252 e 253). Há uma nascente e uma área com vegetação nativa preservada significativa junto à plantação de bananas. Todavia na Grota, superfície côncava, a ocupação informal que acontece no beco tem avançado sobre a área da nascente. Esse avanço é motivo de negociação entre a família que cultiva bananas na Grota, proprietária inicial de todo o terreno, e os moradores do Beco e na qual o Cigano tem papel relevante como apresentado no capítulo anterior. A prefeitura reconhece esta área como vila ou favela. O restante do território da Grota é inserido na legislação como ADE de Interesse Ambiental onde a taxa de permeabilidade é de 30% e não os 20% como o restante da área estudada. A ADE se estende até a Praça do Santuário São Geraldo incluindo o topo de morro onde está implantada a igreja. A superfície côncava da Rua Coarí não está incluída nessa ADE, mesmo concentrando o escoamento de toda a água pluvial e da nascente.

A superfície côncava localizada no talvegue do Córrego São Geraldo, que está totalmente canalizado, tem uma taxa de permeabilidade bem menor. Os jardins estão presentes nos lotes. Em três deles há afloramento de água de nascente. Esse é um ponto importante para o entendimento da água nesse território. Desses lotes 49% possuem jardim. A área permeável desses jardins é de 18,63% do território estudado, ficando próximo do mínimo de 20% exigido pela lei mesmo que um pouco mais da metade dos lotes não possuam jardim. As propostas da lei de uso e ocupação para as áreas não se diferem do restante do território e não há projetos específicos para o local mesmo que ele esteja localizado na

área côncava do talvegue de um córrego, uma área ambientalmente menos indicada para ocupação. A presença do corpo hídrico nesse caso não é objeto de nenhuma proposta de plano ou projeto urbano diferenciado. O curso d'água é completamente desconsiderado.

Nas superfícies convexas a permeabilidade é a menor encontrada. Das áreas estudadas 48,31% possuem jardim (FIGURAS 252 e 253). A permeabilidade garantida por esses jardins é bem abaixo da taxa de permeabilidade de 20% exigida por lei e é de 15,64% do território estudado. Na área do alto da escola essa taxa é um pouco maior: 16,85%. No entorno da Rua Silva Alvarenga e do viaduto essa taxa é ainda menor por volta de 14,98%.

A percepção da água de alguma forma e o reconhecimento desse agente são presentes em 69,23% das 65 entrevistas de caráter etnográfico.⁵ Essa percepção varia de acordo com o território no qual se localiza a entrevista. A Grota, o Talvegue do córrego São Geraldo e depois a várzea plana e a Rua Souza Aguiar são os territórios onde a percepção da água, do rio, da bacia e dos ciclos naturais a eles ligados é mais constante bem como sua relação mais direta com os jardins estudados. Nas superfícies convexas essa percepção é bem menor.

Os ciclos hidrológicos foram citados em 75%, doze das dezesseis entrevistas, localizadas no território da Várzea plana e da Rua Souza Aguiar. Eles são considerados apenas negativamente para um entrevistado, apenas positivamente para quatro dos entrevistados enquanto sete deles ressaltaram aspectos positivos e negativos do rio e das águas no território. É uma agência percebida fortemente.

Foi citado por onze dos doze entrevistados na Grota, 91,66%, considerados por sete entrevistados apenas positivamente e por quatro positiva e negativamente. Não houve menção apenas negativa da água. Na superfície côncava do talvegue do córrego São Geraldo tamponado essa percepção aconteceu na totalidade das entrevistas 100%, contudo elas foram mais negativas. Três entrevistados ressaltaram apenas os aspectos negativos dessa relação, dois os positivos e o restante em aspectos positivos e negativos.

Já nas superfícies convexas, quando perguntados sobre a água, o rio, as respostas como “não sei dizer”, “não conheço o rio”, “não me lembro muito”, “chove mas não sei falar

⁵ Os dados aqui apresentados foram compilados a partir das entrevistas de caráter etnográfico e estão disponíveis nos Apêndices B e C, Tabelas I e II.

não” foram bastante frequentes. Apenas em dez das vinte e cinco entrevistas, ou seja em 40%, essas perguntas foram respondidas. A agência da água é menos intensa nos territórios convexos e por isso mesmo menos percebida.

Os aspectos positivos estão bastante relacionados às memórias, ao manejo cultural da água e do rio, a existência de uma nascente com água no meio da cidade e a contribuição da água para o crescimento das plantas como podemos perceber nas falas: “O ribeirão Arrudas era quase limpo”. “Cheguei a ver peixes quando passava na ponte de madeira.” “A chuva faz a rega melhor que tem! Água sem cloro.” “Você já viu a água que brota aqui dentro [grotas]?” A interação dos jardins com o ciclo da água também é percebido principalmente nas superfícies côncavas e no fundo de vale. “A terra chupa a água e não dá enchente.” “As plantas agradecem.” “Nada melhor para as minhas flores que a água da Grotas.” “A água da Grotas faz as bananas deliciosas.”

Os aspectos negativos são relacionados às enchentes e a poluição dos rios. A canalização do rio é vista como um fator positivo pela maioria dos entrevistados, pois “diminui a enchente” e “acaba com o mau cheiro”. Mas também é citado como uma forma de “jogar o problema para longe” e ser bom “apenas para o asfalto”. As mudanças promovidas pela urbanização são citadas com desconfiança “o Arrudas não era nesse local que ele é hoje. Ele foi mudado para colocar a Avenida dos Andradas. Surgiu uma grande avenida e muito asfalto.” E a devastação da vegetação à beira dos córregos é motivo de pesar: “deixei adeus às árvores da minha infância.” A urbanização e o tamponamento dos rios são também questionados: “será que isso [asfalto] é bom para a gente?”

A contradição da percepção e do manejo da água e da sua interferência no terreno e no clima é presente. As chuvas e o rio são vistos como “uma benção para as plantas, para os bichos” e como “um vilão nas cidades”, pois “as chuvas desbarrancam tudo”, “quando o rio enche vira uma catástrofe. Leva tudo.” Também é perceptível que a experiência dos ritmos e ciclos naturais e suas mudanças constituem um elemento relevante para a organização dos jardins e da vida. Expressões como “tudo mudou hoje em dia”, “antigamente não era assim”, “tem chovido menos, fica mais difícil do jardim ficar bonito, pois a água está cara” são citadas nas entrevistas e revelam as várias perdas de ordem material e simbólica, provocadas principalmente pela urbanização que provocou um

desmantelamento das relações que contribuía para a existência tanto dos jardins e principalmente de um modo de vida.

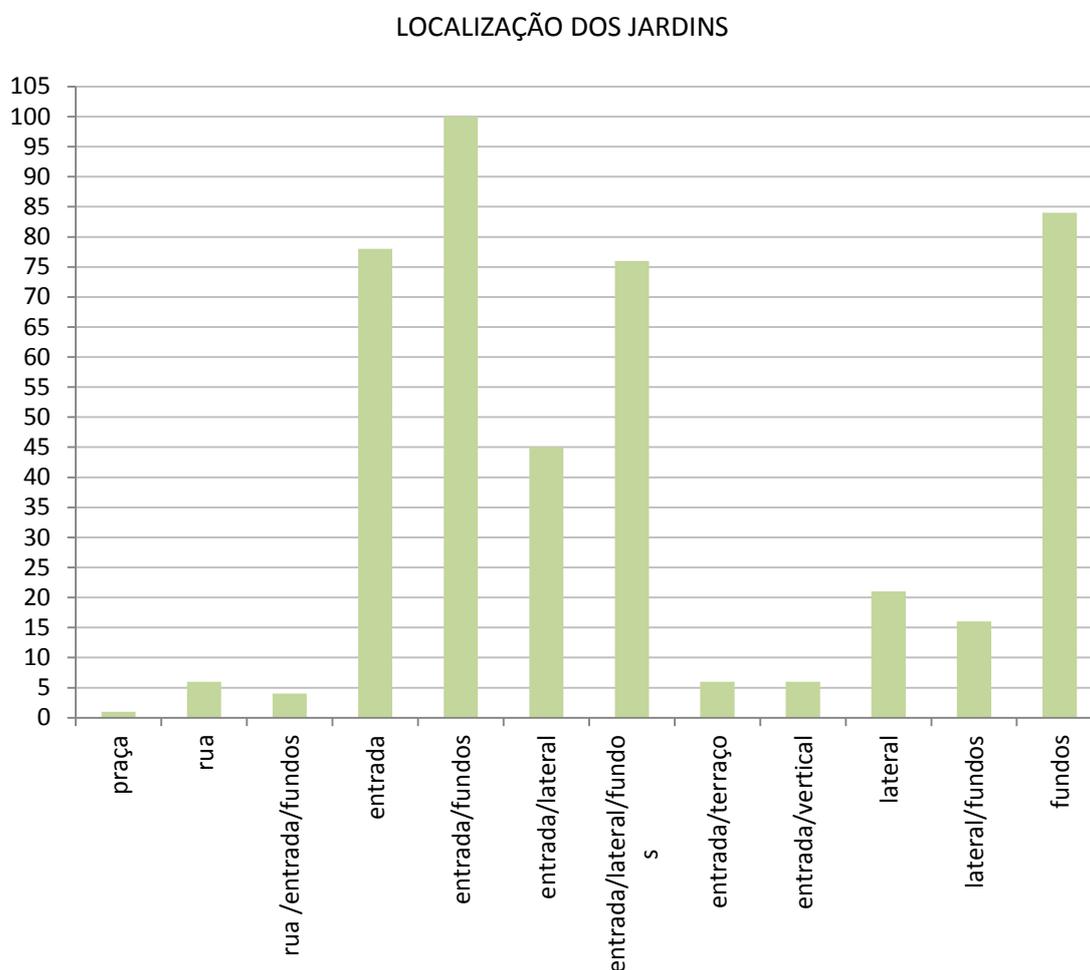
Como apontado na introdução, as unidades de relevo (CARVALHO, 2001) ajudam a explicar os escoamentos superficiais e seus efeitos sobre o território. A percepção desse processo nas entrevistas confirma que onde o rio e as águas são presentes fisicamente e sua agência é clara essa percepção é mais positiva principalmente se tratando das nascentes e que há relevância dos jardins como memória da água e da preservação e uso dessas nascentes incorporadas aos territórios de plantio e cuidado. Nas áreas onde o corpo hídrico está tamponado e sua presença é ignorada na legislação e projetos prevalecem os aspectos complicados da urbanização como as enchentes e desabamentos, o que é claro no talvegue do Córrego São Geraldo.

Como era de se esperar as várzeas apresentam maiores riscos de inundação, mas a presença da grande área permeável dos jardins comuns da Rua Souza Aguiar contribui positivamente nesse processo diminuindo os impactos da urbanização. Isso não acontece no talvegue do córrego São Geraldo completamente canalizado, superfície côncava onde o curso d'água não é aparente ou considerado na legislação. Neste território são percebidas cotidianamente a força da água que corre sobre o asfalto impermeável no antigo leito do rio e as inundações. Por isso as águas causam transtornos onde o rio foi apagado do território e sobrevive apenas nas nascentes dos lotes particulares e na memória. A urbanização age contra o ciclo da água e os jardins servem para abrigar nascentes ou tem menor influência nessa situação. As superfícies convexas de topo são mais seguras e indicadas à ocupação urbana (CARVALHO, 2001) nelas os jardins são elementos importantes nas características da ocupação, mas tem menor influência na permeabilidade do solo e a percepção dos ciclos hidrológicos é menos presente.

Os jardins se localizam principalmente na frente ou entrada dos lotes, 315 possuem jardim nesse local. Em segundo lugar a maior frequência da localização dos jardins é nos fundos ou quintais, 280 áreas possuem jardim nesse local. Mas na maioria dos lotes particulares o jardim é presente em vários espaços. A existência de jardins públicos e comuns presentes na rua, embora seja bem menor, traz de forma mais evidente o jardim

para a cidade. Algumas casas com gradil permeável também cumprem esse papel (GRÁFICO 5).

Gráfico 5 . Gráfico de localização dos jardins elaborado a partir dos dados da Tabela II



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Foram entrevistados 65⁶ jardineiros dos 443 encontrados. Desses a maioria é de mulheres (GRAFICO 6). São elas que, em seu cotidiano, cuidam das plantas dos animais e da vida. Seleccionam e guardam em seus jardins as espécies vegetais, o conhecimento sobre a medicina tradicional e os desdobramentos religiosos e míticos envolvidos com esse cuidado. Escolhem como, quando e o que plantar a partir de suas preferências estéticas, memoriais e afetivas e de seus conhecimentos adquiridos por herança, por conversas e por trocas entre as amigas. Às mulheres são muito atribuídas as “mãos boas”, porque na

⁶ Os dados apresentados a seguir foram compilados a partir das 65 entrevistas de caráter etnográfico realizadas e as 5 entrevistas narrativas. As tabelas I e II que basearam os gráficos aqui apresentados estão disponíveis nos Apêndices B e C.

terra “onde botam a mão tudo cresce”. Ser mulher no jardim tem “muitas dessas vantagens, mulher é igual rio que muda todo mês” facilitando a comunicação “com essas coisas de ciclos” já que guardam em seus corpos as mesmas possibilidades “mais naturais” que movem determinadas energias.

Gráfico 6 . Gráfico de Distribuição do cuidado dos jardins por sexo elaborado a partir dos dados da Tabela II



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

O feminino, ligado até a uma desconfiança social dada a construção do papel da mulher no capitalismo moderno (FEDERICI, 2017), no espaço doméstico verticaliza seus atributos em relação à terra e também ao universo mítico religioso onde tais atributos podem ser aceitos e valorizados. A memória de um relacionamento multiespecífico entre mulheres, plantas e animais nos jardins descritos na introdução permanece nos jardins pesquisados. O cultivo de plantas ornamentais, de plantas relacionadas à medicina popular; seu papel relevante nas relações entre humanos e não-humanos ao ponto de torná-los amigos, companheiros e parte da família; as preocupações com seus filhos humanos e também não-humanos e as sutis relações com o sagrado e consigo mesmo realizam esse papel de destaque feminino nos jardins.

Por um lado o universo feminino é relacionado à vida doméstica e é constantemente ligado a valores outros, diferentes do masculino, como “a ênfase no relacionamento interpessoal, a atenção e cuidado com o outro, a proteção da vida, a valorização da intimidade e do afetivo, a gratuidade das relações. Em uma palavra, uma identidade que provém da interação com outros” (DARCY DE OLIVEIRA, 1991, p.103). Essa ligação inicial das mulheres ao mundo doméstico as coloca em maior contato com os jardins. Todavia, essas mulheres usam exatamente essas características para se colocarem também no mundo político trazendo, junto com os jardins que cultivam sua experiência de cuidado e afeto nas suas casas para a convivência pública.

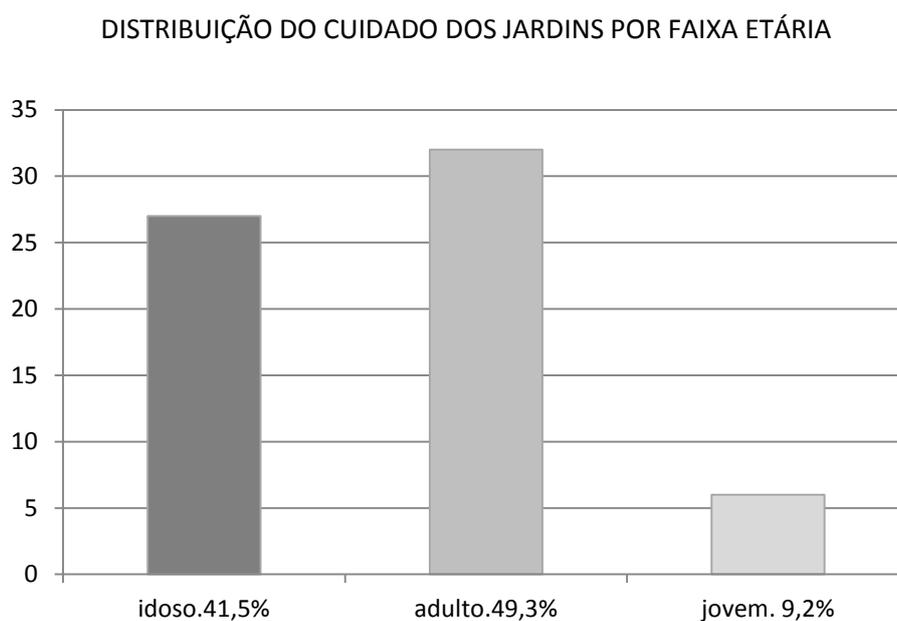
A dualidade “congela características que se encontram de maneira mais predominante, em um ou outro grupo, mas sobre as quais nenhum grupo de gênero possui monopólio, nem da experiência, nem dos valores a elas associados” (DARCY DE OLIVEIRA, 1991, p.103). Os homens também cuidam dos jardins. A erosão das fronteiras entre um comportamento privado e o público, entre o mundo da competição e o da convivência podem sinalizar que, tão somente por isso, as mulheres poderiam ter um lugar privilegiado na luta ecológica. Todavia o envolvimento das mulheres e das lutas feministas na luta ecológica se deve também ao acesso a experiência política que escapa da exclusividade doméstica e de comportamentos atribuídos ao feminino e vem de um processo de conquista de outros espaços e de uma relevância no mundo público.

Nos jardins públicos pesquisados Cida, Bené e Manuelina, Geraldo, os irmãos da oficina e principalmente Tata se destacam em seu cultivo e na associação de seu ato a uma ação política sendo que todos atuam na construção do jardim comum da área remanescente. Nos jardins das casas as mulheres são a maioria e transbordam a convivência doméstica para as relações no bairro. Essa constatação abre perspectivas importantes para entender o papel feminino no movimento ecológico organizado como no ecofeminismo que será discutido no próximo capítulo.

Os jardins são, na sua maioria, cuidados por pessoas adultas que representam 49,3% e também por idosos que representam 41,5% dos jardineiros. Os jovens representam uma parcela pequena dos cuidadores, inferior a 10% (GRÁFICO 7). Uma das justificativas mais apresentadas são o tempo disponível dos idosos e a companhia que as plantas

representam para esses idosos. A aposentadoria e o fim das atividades econômicas remuneradas são assim possibilitadores dos jardins. As memórias e heranças familiares e o respeito por pais, mães e irmãos falecidos que são representados nesses jardins também foram bastante citadas principalmente pelos adultos. As plantas em várias entrevistas são a personificação e a memória dos entes queridos.

Gráfico 7 . Gráfico de Distribuição do cuidado dos jardins por faixa etária elaborado a partir dos dados da Tabela II

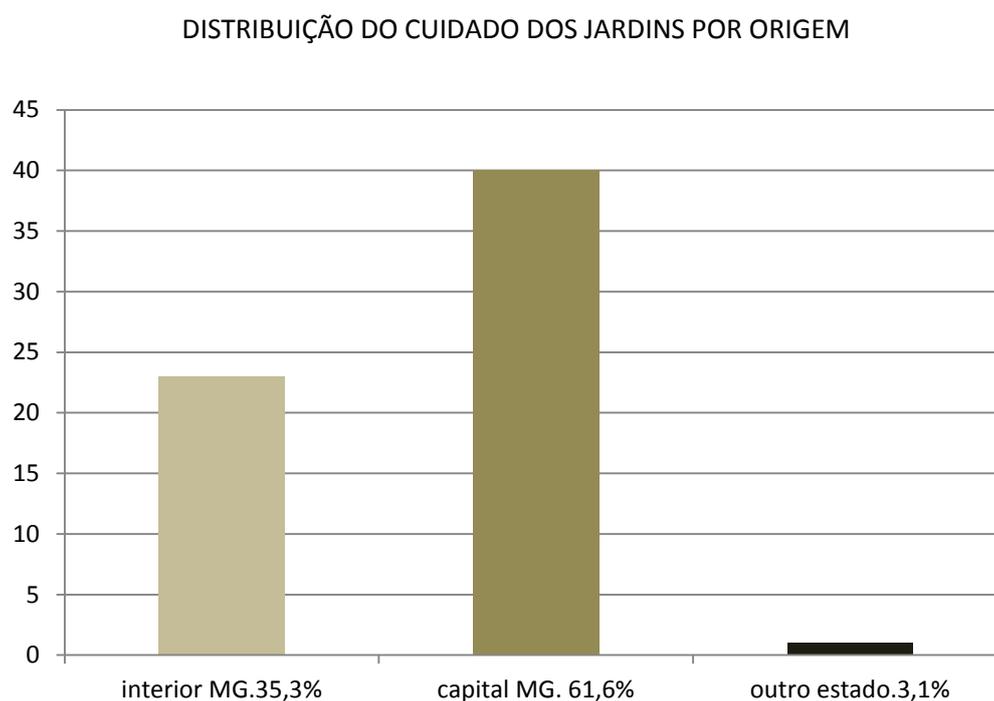


Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

As jardineiras e jardineiros do bairro São Geraldo são 61,6% nascidos em Belo Horizonte. Uma grande parte deles no próprio bairro. Outra parcela, 35,3%, é nascida no interior do estado e apenas uma pequena parcela é de fora do estado de Minas Gerais (GRÁFICO 8). Essa informação contraria a hipótese da origem interiorana dos jardineiros como justificativa para a presença de jardins pouco controlados e cheios de diversidade e aponta para o processo de modernização incompleto da criação moderna da capital mineira onde o título de Cidade Jardim foi uma das estratégias usadas. A cidade de Belo Horizonte tem, ela própria, origens rurais e o próprio bairro também têm origens rurais recentes. Embora o projeto de modernização empreendido na criação da cidade da nova capital de Minas tenha sido implantado, a tentativa de redesenho dos espaços e dos comportamentos não foi suficiente para apagar totalmente a memória do arraial de

Curral Del Rei e das origens rurais dos bairros fora do plano original de Aarão Reis. Bem como, na gestão de Juscelino Kubitschek, o uso dos jardins modernos, pouco diversos e muito desenhados da cidade jardim, como estratégia de modernização belorizontina não foi totalmente realizado⁷. A memória é um componente importante nesse processo e se mantém viva nesses jardins.

Gráfico 8 . Gráfico de Distribuição do cuidado dos jardins por origem, elaborado a partir dos dados da Tabela II



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

A memória dos lugares (ASSMANN, 2011), inscrita nos jardins da cidade é uma forma de entender essa agencia a partir dos dados produzidos pela pesquisa. A partir dos jardins a memória dos locais é uma memória abrangente que integra todos os agentes, sejam eles humanos ou não-humanos, e está inscrita no território. A singularidade dos espaços dos jardins é uma possibilidade dos locais tornarem-se sujeitos portadores de recordações e dotados de uma memória que ultrapassa a dos humanos (ASSMANN, 2011), pois os outros seres mesmo que não possuam memória imanente fazem parte da construção de

⁷ Essa história da implantação da cidade de Belo Horizonte e o processo de modernização empreendido foi apresentada na introdução.

espaços de recordação significativos (ASSMANN, 2011, p.318). Isso se deve à corporificação como continuidade que supera a brevidade dos indivíduos.

Para Assmann não existe uma essência da memória. Ela é dinâmica, plástica e um fenômeno transdisciplinar. Lembrar-se não é uma prerrogativa dos indivíduos. Grupos e as mais diversas coletividades também o fazem de acordo com sua cultura própria. Assim os modos de recordar variam ao longo do tempo e a partir de uma formação cultural. Partindo desse entendimento a autora argumenta que não há um desaparecimento da memória e sim um descrédito de algumas formas de recordar.

No conceito de memória cultural desenvolvido pela autora, está incluída não apenas uma memória voluntária, mas de uma memória coletiva involuntária que se alimenta da tradição e da comunicação, o que é muito presente nas narrativas dos jardins. Os rituais, as religiosidades pertencem ao campo da memória cultural, da mesma forma que símbolos, ícones, representações como memoriais ou o espaço. São formas que "ultrapassam o horizonte da memória das coisas", pois costuram elos entre tempo, lembrança e identidade. E não há apenas a tradição consciente, mas há também, na transmissão da cultura "de geração a geração, uma dinâmica de entrega e repúdio, de sacralização e demonização, de rupturas e reatamentos" (ASSMANN, 2011).

A memória não é mais considerada como vestígio ou armazenamento. Ela ganha a plasticidade para ser reformulada sob diferentes perspectivas do passado e diferentes ontologias. Nesse processo, que parte da mnemotécnica antiga, um passo importante foi a mudança da audição para a visão como fonte da memória. Isso colocou em destaque a dimensão espacial em detrimento da temporal e a possibilidade reconstrutiva da memória o que possibilita distorção, renovação e revalorização de algo lembrado. Assim essa memória é um agente relevante no território estudado construindo e reconstruindo formas de relacionamentos multiespecíficos e pode ser um elemento para se pensar a cidade.

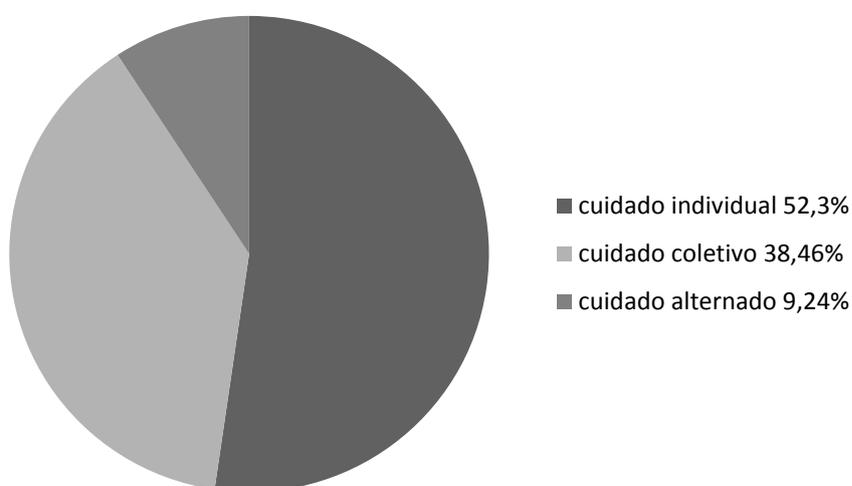
A idade média dos jardins encontrados é de 27 anos. Portanto os jardins são, na média, mais antigos. Alguns deles têm a idade próxima do bairro e poucos são mais recentes.

Das pessoas que cuidam de jardins, 52,3% o fazem individualmente. O cuidado coletivo acontece com 38,46% dos entrevistados. Uma minoria fez questão de explicar que há

uma alternância entre o cuidado individual e coletivo com os jardins (GRÁFICO 9). Entretanto cuidar de jardins constrói redes de troca e compartilhamento na vizinhança tornando a ação comum a várias pessoas no que diz respeito às trocas que eles proporcionam. Os espaços públicos cultivados são cultivados coletivamente, todavia sempre há alguém que inicia e chama os demais nessa tarefa.

Gráfico 9 . Gráfico de Distribuição do cuidado dos jardins elaborado a partir dos dados da Tabela II

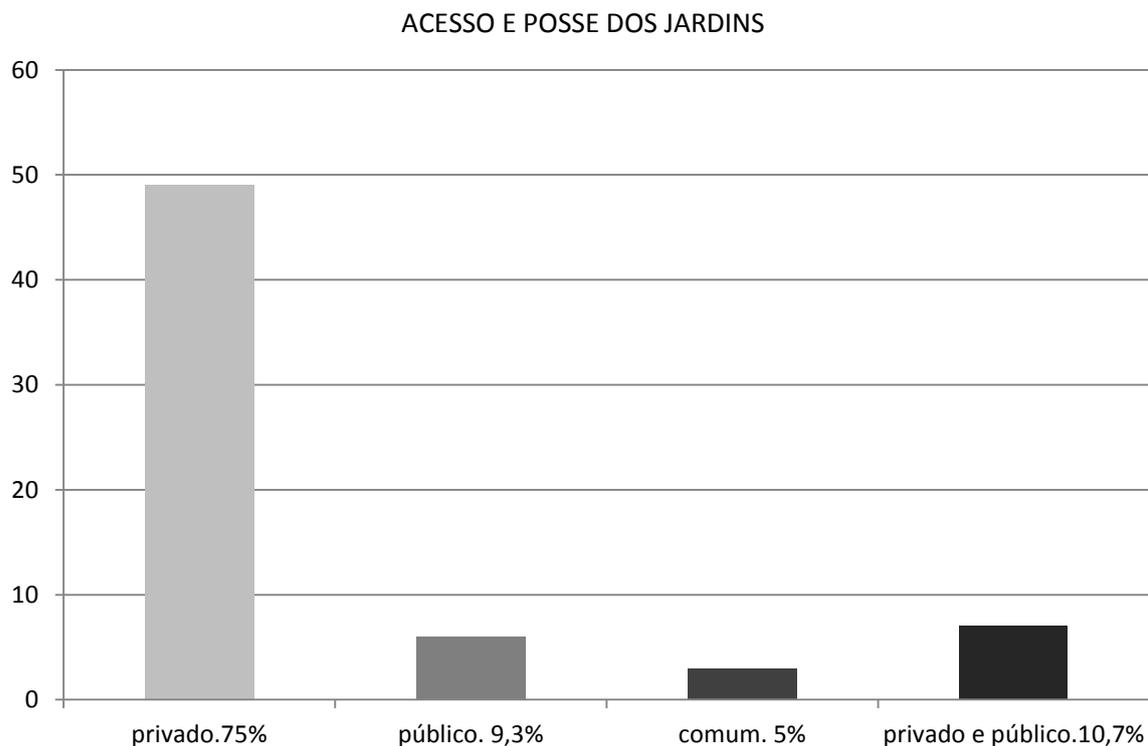
DISTRIBUIÇÃO DO CUIDADO DOS JARDINS



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

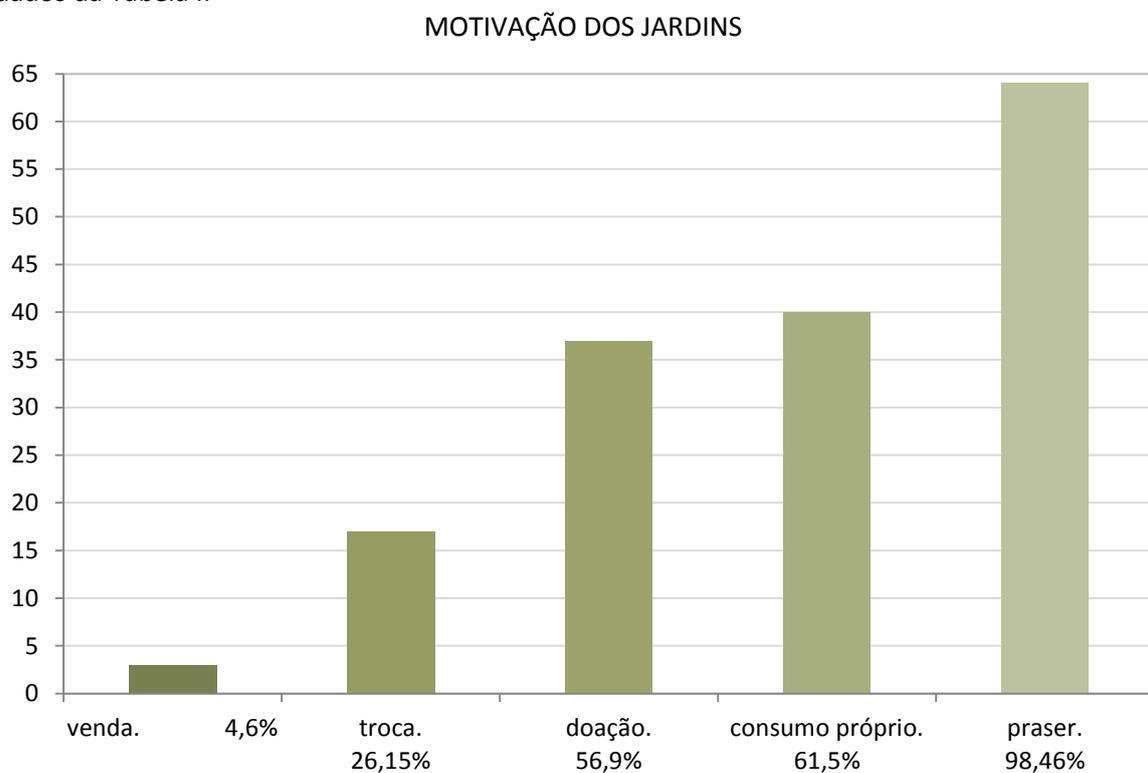
O espaço público é aquele de uso comum e posse de todos e representa 9,3% dos jardins estudados. Os espaços privados são de propriedade privada de pessoas na sua maioria ou de empresas. Os responsáveis pela manutenção e preservação dos locais são os proprietários. Esses jardins correspondem à grande maioria dos espaços, 75%. Existem também locais de uso comum 5%, mas que a posse não é bem definida ou é particular (GRÁFICO 10). As relações nesses casos acontecem na maioria da porta para dentro, em jardins que são tanto parte da casa quanto da rotina das famílias. Embora esses jardins sejam privados eles articulam uma forte rede de trocas, doação de mudas e sementes que configuram um estreitamento dos laços de vizinhança bem como os laços com o território. Os jardins que se desenvolvem dentro dos lotes criam laços para além desse limite expandindo sua configuração do privado para o comum.

Gráfico 10 . Gráfico de Distribuição do acesso e posse dos jardins elaborado a partir dos dados da Tabela II



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Gráfico 11. Gráfico de Distribuição da motivação para plantio dos jardins elaborado a partir dos dados da Tabela II



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

A motivação principal de praticamente todos os jardineiros, 98,46%, é o prazer de plantar, de cuidar, “de colher uma flor, de ver crescer, de acompanhar como a um filho”. A beleza também é bastante citada “as flores são lindas”, “beleza dá sempre alegria para gente” bem como o perfume de flores e a atração dos pássaros pelos jardins. O consumo próprio de espécies comestíveis e ervas medicinais também é uma motivação importante para 60% das jardineiras e jardineiros seguida de perto por 56,9% pela doação de flores, de chás e de alimentos. A troca representa uma parcela menor das motivações 26,15%. Todavia a rede de trocas se conforma também nas doações sem uma devolução imediata ressaltada por vários entrevistados. Essas redes são responsáveis pela transmissão de gostos, espécies e conhecimentos e pela construção do território. A venda é pouco citada, apenas por 4,6% (GRÁFICO 11).

A presença das plantas ornamentais em praticamente todos os jardins (GRÁFICO 12) reafirma o prazer como principal motivação. Assim as motivações estão relacionadas mais com esse prazer, a memória, a religiosidade e a convivência e com uma troca baseada em afetos e afinidades muitas vezes como dádiva do que com relações econômicas que envolvam ganho financeiro. Nas entrevistas também foi citado por quatro entrevistados o plantio de jardins em áreas públicas como alternativa para evitar que seja jogado lixo no local. Cinco jardineiros cuidam do seu jardim em memória de algum familiar. “É Herança de berço, aprendi com meus avós” ou “aprendi com meus pais.” Dois dos entrevistados possuem jardim com a motivação principal religiosa. A trabalhadora do salão da Rua Souza Aguiar citou como motivação a possibilidade de fazer cosméticos com as plantas do jardim público cuidado pelos trabalhadores do salão. O Sr. Geraldo, zelador da escola, tem como motivação além do prazer o enriquecimento da merenda e o aprendizado dos alunos.

Como nos alerta Krenak (2020) no título de seu livro “A vida não é útil.” Os jardins pesquisados também não. Não há essencialmente uma utilidade capitalista moderna de transformação dos outros seres em ativos para o lucro. Os jardins são entendidos como territórios relacionais da vida, organismos vivos eles próprios, com dinâmicas relacionais e com vontades muito além do consumo. Microcosmo de um cotidiano que é realidade para um pouco mais da metade do território e para muitos outros nas cidades. Esse entendimento pode ser ampliado para a Terra, Gaia viva e respirando com a qual

precisamos nos relacionar (LATOIR, 2020; STENGERS, 2018). Essa constatação abre possibilidade de questionar conceitos como sustentabilidade e desenvolvimento sustentável e da natureza como categoria excludente e a amplitude desses conceitos no cotidiano das cidades que serão desenvolvidos no próximo capítulo.

A grande maioria dos jardins possui plantas ornamentais: 98,46%. Em muitos deles também são cultivadas outras plantas: comestíveis em 80%, medicinais em 60% e de poder⁸ em 56,9% (GRÁFICOS 12 e 13).

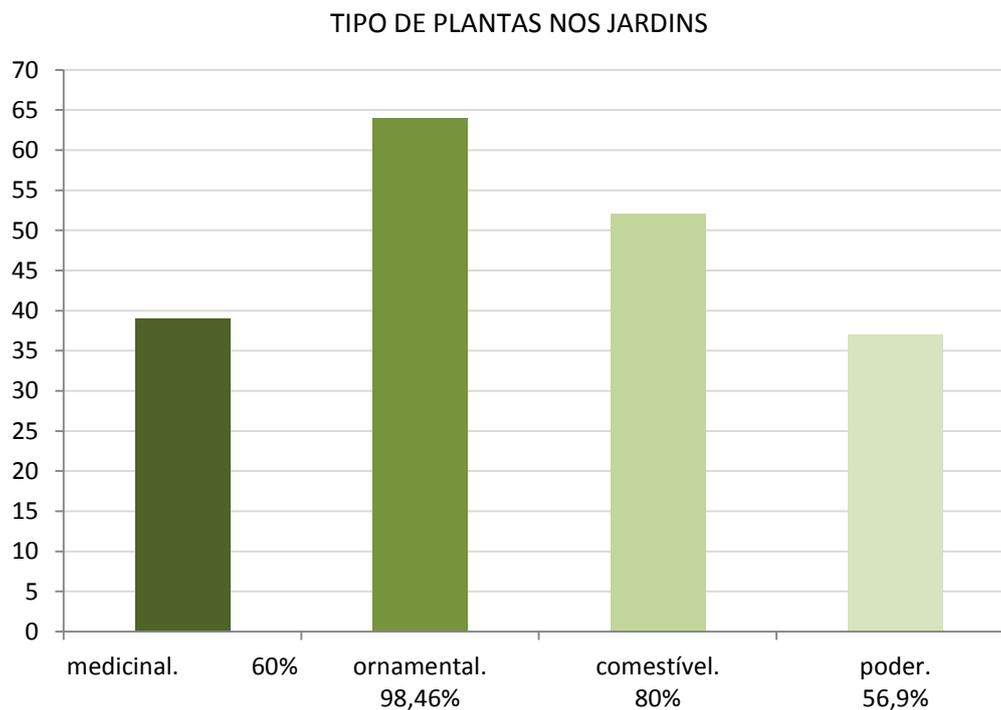
O jardim e sua produção de plantas comestíveis e medicinais são elementos que configuram uma alimentação baseada nos ciclos naturais e não no consumo e no mercado. O prazer de cultivar sua verdura, sua fruta, seu chá é muito constante bem como o conhecimento adquirido com parentes.

Das plantas de poder as mais comuns são a espada de São Jorge, pimenteira, arruda e boldo. Também foram citadas: a rosa branca ou rosa de nossa senhora, a guiné, a marcela, o manjeriço, o pequi, o comigo ninguém pode, a macaé, o guaco, a avenca, a árvore da fortuna e árvore do dinheiro. As plantas medicinais são várias e muitas vezes as fronteiras com as de poder e ornamentais não são bem definidas, pois as mesmas espécies ocupam as duas definições em entrevistas distintas⁹. Em vários jardins é possível ver a presença de capim limão, erva cidreira, melão de São Caetano, guaco, alfavaca, quebra pedra, erva doce, funcho, babosa, caninha de macaco, alecrim e o uso dessas ervas de herança indígena, negra e europeia entendidas como da cura e da religiosidade. Em algumas falas como de Henrique de Xangô e do Cigano, a imbricação do jardim, que não faz parte originalmente da cultura afro-brasileira, como forma de sobrevivência no meio urbano dessa cultura e do “ewe” é construída através das plantas de poder. O jardim se desenvolve nesses casos principalmente pela religiosidade.

⁸ As plantas de poder são aquelas que têm alguma relação com o mundo mítico religioso.

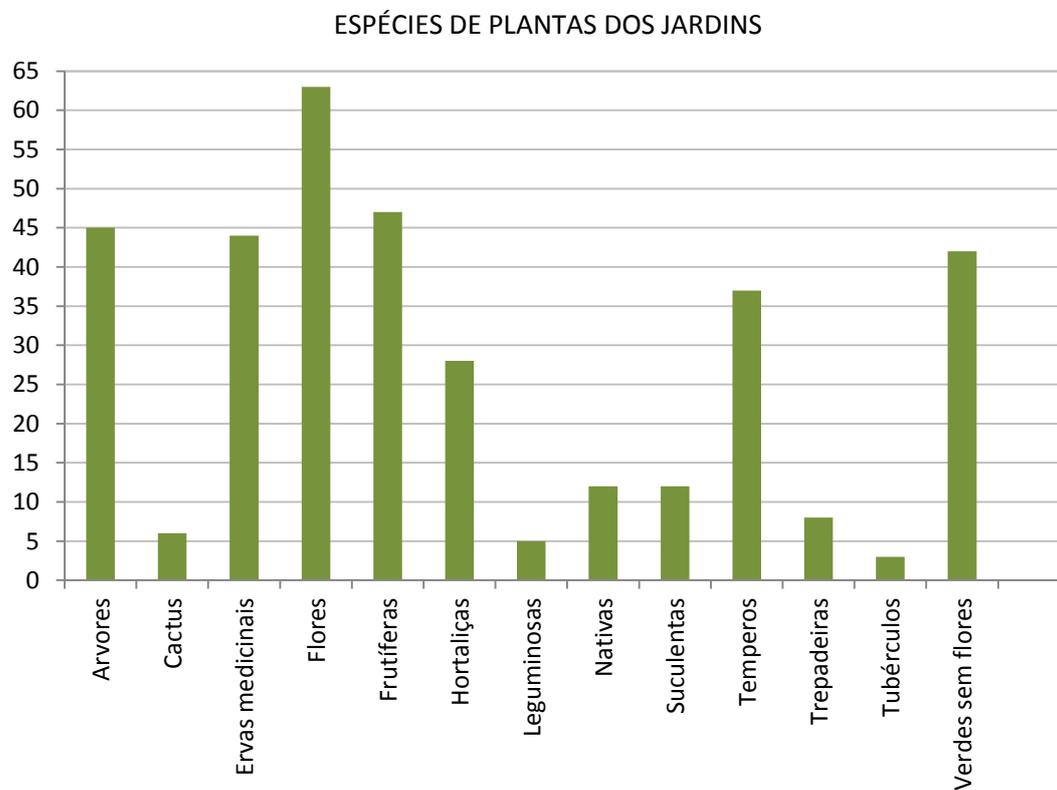
⁹ As denominações contabilizadas foram aquelas definidas nas entrevistas.

Gráfico 12 . Gráfico de Distribuição do tipo de plantas por categoria nos jardins, elaborado a partir dos dados da Tabela II



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Gráfico 13 . Gráfico de Distribuição de espécies de plantas dos jardins elaborado a partir dos dados da Tabela II



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

A essas plantas, de poder e medicinais, são associados a saberes que perpassam gerações em torno dos usos destinados às plantas e às receitas para uma infinidade de mazelas, referentes tanto ao corpo quanto à alma. Guardam um conhecimento atribuído à memória de afetos multiespecíficos. Nessas relações mítico religiosas há o cultivo da terra pelos humanos, mas também, numa reciprocidade, a planta cultiva o humano e cura seus males, amplifica suas potências numa simbiose energética. Há uma familiarização e a construção de uma parceria num acolhimento recíproco. Existem chás para tudo, plantas sagradas das religiões afro-brasileiras e católicas, catalizadores de força, alegrias e bons casamentos numa rede de sociabilidade que envolve cuidados comuns, agências sutis que significam afinidades amalgamando a matéria das coisas ao sobrenatural por intermédio do sensível e, por isso mesmo, do imaginário cultivado nesses jardins. “É planta de proteção. Ela é meu soldado. Melhor que alarme é confiar nela. Nunca teve mal olhado ou desgraça que me pegasse. E eu pago ela com amor e água fresquinha.”

As árvores são os agentes mais citados dos jardins públicos. Nos jardins dos lotes as flores são as mais citadas, seguidas de perto pelos verdes sem flores e frutas (GRÁFICO 13). Na conformação e estruturação dos territórios públicos e das disputas a sombra é parte relevante na correlação de forças que conformam os jardins seja na configuração espacial, na hierarquia, e na motivação. Nas redes dos jardins as árvores assumem um papel de destaque. A beleza das flores, a possibilidade do alimento e a medicina, como já destacado, são também papéis desempenhados pelas plantas dos jardins. As flores são comumente relacionadas à Nossa Senhora e à religiosidade católica. As plantas com propriedades medicinais são motivo de troca e respeitabilidade, “elas [as Marias] são as médicas do bairro”, “se você tem um problema vai conversar com as Marias que elas têm uma planta, uma folha, uma flor, um chá, um tempero pra ajudar”, “eles vem pedir para chá”. Nesse caso a agência dessas plantas se dá pelo cuidado e pela beleza, por suas características associadas ao feminino. Essas plantas estão presentes nos jardins domésticos com maior intensidade, mas também nos públicos.

A “invisibilidade das plantas” (MANCUSO, 2019) não se concretiza e é quebrada pela presença forte e imponente das árvores de características relacionadas ao masculino nos espaços públicos, mas principalmente pela sombra e também pelos frutos que esses vegetais proporcionam e pela beleza e o cuidado das flores e plantas medicinais e de

poder. “O resultado é que as plantas não tem rosto, membros ou, em geral, qualquer estrutura reconhecível que as aproxime dos animais, o que as torna praticamente invisíveis” (MANCUSO, 2019). Se essa invisibilidade é real num mundo onde a utilidade, a velocidade da produção são o que rege a vida, nos jardins a presença, a agência e a visibilidade das árvores, das flores, das plantas medicinais e de poder, das folhagens é muito destacada nas entrevistas.

As plantas são amigas, são sagradas, incorporam a presença de Deus. Vários traços de religiosidade podem ser entendidos também a partir desta escolha de espécies. Além disso, em dois jardins foram encontrados espaços de oração: uma capela de Nossa Senhora rodeada de rosas e a imagem de Oxum próxima à nascente da Grotta. “Plantas são presença de Deus.”

As espécies são, na maioria dos jardins, dispostas sem uma hierarquia clara entre elas diferentemente de alguns projetos paisagísticos. Muitas espécies são colocadas juntas evocando a sabedoria dos “jardins de avós” descritos na introdução. A sociabilidade entre as espécies vegetais é um elemento citado por alguns jardineiros. “Planta gosta de estar junto” porque “uma planta ajuda a outra a ficar bem.” Esses plantios mistos, aumentam as relações ecológicas, a oferta de polinizadores e evitam a proliferação de pragas e doenças e proporcionam a comunicação entre essas espécies, estratégia muito utilizada na agroecologia.

Para Stefano Mancuso (2019) as plantas também tem memória. A memória das plantas deve ser entendida tão somente pelo que é: “a capacidade de reter dados sobre passado para guiar ações no futuro”. Um vegetal pode aprender com a experiência. Além disso, o biólogo apresenta a mimese das plantas, a capacidade de um ser enviar um sinal (visual, olfativo, auditivo) para outro. As plantas se comunicam e assim nada mais natural do que colocá-las próximas nos jardins. Os espécimes vegetais se organizam em uma inteligência coletiva, com módulos individuais que passam a compor um todo.

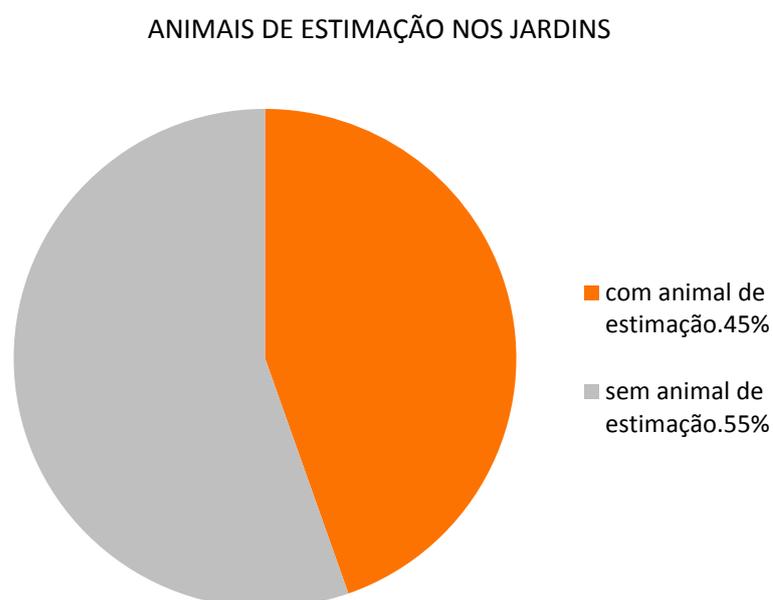
A diferença crucial entre a organização social de espécies animais como a formiga e a de plantas está no fato de que os vegetais operam em um sistema descentralizado, com a tomada de decisões sendo feitas coletivamente. Para os animais a resposta adaptativa é a velocidade de fuga frente ao perigo. As plantas respondem diferente, elas precisam se

adaptar apesar do perigo. Nesse sentido, elas respondem com adaptação. Para tal é importante seu desenvolvimento fractal que acontece nas raízes como um organismo coletivo e onde as proximidades são vantajosas. Os ápices das raízes vegetais se comunicam e agem junto para sobrevivência da espécie. Isso torna “as plantas organismos capazes de usar as propriedades surgidas a partir das interações entre grupos para responder aos problemas” (MANCUSO, 2019, p.104). Nos jardins, intuitivamente lançando mão de um conhecimento incorporado culturalmente, humanos colaboram para essa interação construindo proximidades e misturas de espécies.

Se a urbanização e o uso dos jardins como estratégia de modernização empreendido em Belo Horizonte e nas cidades promovem um jardim monocultural muito controlado os jardins pesquisados, onde as pessoas se envolvem diretamente, são biodiversos. Nesse sentido a reflexão de Vandana Shiva (2003) desperta o questionamento sobre o pensamento unilateral que se instalou no mundo, denominando pela autora como o processo de monoculturas da mente. Esse processo se torna espaço na produção oficial das cidades e da arquitetura e do urbanismo com o tamponamento de cursos d'água e sua desconsideração no planejamento, com a produção de jardins cenários onde não se pode pisar ou tem produtos tóxicos para os animais e ainda nos jardins “para se ver” enclausurados em gradis envidraçados. A “monocultura inicia-se na mente para só depois chegar ao solo”. Quando um grupo ou um sistema se autodetermina superior e cria mecanismos para expandir em outras sociedades as suas formas de pensar e de estarem no mundo os sistemas locais de saber sofrem uma série de violências como serem considerados desprezíveis e ter sua forma de existência inviabilizada. “O resultado disso – o de subjugar países e camponeses – pode ser visto hoje, já que 65% de toda a biodiversidade e dos recursos de água doce do planeta foram contaminados por agrotóxicos” (SHIVA, 2003, s.p.). A presença de territórios com vários jardins plantados em sistemas locais de saber e mistura de espécies, que guardam semelhanças com os plantios tradicionais agroecológicos, é um repositório r-existente de espaços onde há biodiversidade mesmo em meio à cidade. Eles fazem parte da luta por essa biodiversidade e pela vida. Nesses jardins o manejo recíproco das espécies é a forma com que se relacionam os diversos agentes e não a seleção violenta e excludente da monocultura.

Numa provocação Mancuso (2019) aponta o sistema democrático contemporâneo como um mecanismo político que reflete a vaidade de poucos indivíduos que desejam o poder e que apagam outras experiências que não as próprias, nesse ponto um conceito muito próximo da colonialidade. Para ele, uma organização social mais descentralizada como a das plantas, bem como a arquitetura ou “arquiplantas” e a cosmologia ou “cosmoplantas” pode ser eficiente para o ser humano e outros animais com a construção de pactos sociais multiespecíficos, pois as plantas se adaptam através da memória e da cooperação. Para ele um mundo mais sustentável é em síntese não somente aquele onde há mais plantas, mas um mundo que pensa como a planta ou é construído à sua imagem e semelhança. Nesse sentido é possível entender a participação ativa e não só passiva das plantas nas redes de relações analisadas guardadas as dificuldades impostas pelo campo disciplinar abrindo possibilidades de entendimento.

Gráfico 14 . Gráfico de Distribuição presença de animais de estimação nos jardins elaborado a partir dos dados da Tabela II



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Quanto aos animais 45% dos entrevistados possuem animais de estimação (GRÁFICO 14). Os animais domésticos mais presentes são gato e cachorro, mas também foram encontrados outros como papagaio, chinchila, passarinhos, tartarugas, pavões e galinhas. Os animais domésticos são presença constante nos jardins. Esses animais muitas vezes andam soltos pelas ruas como as cabras. Só os cachorros são mais presos. Animais criados

para alimentação e transporte andam também soltos pelo bairro. É possível ver cabras, galinhas, vacas, cavalos, pelas ruas “fazendo uma capina”, “fazendo uma limpa”, “vivendo com a gente”.

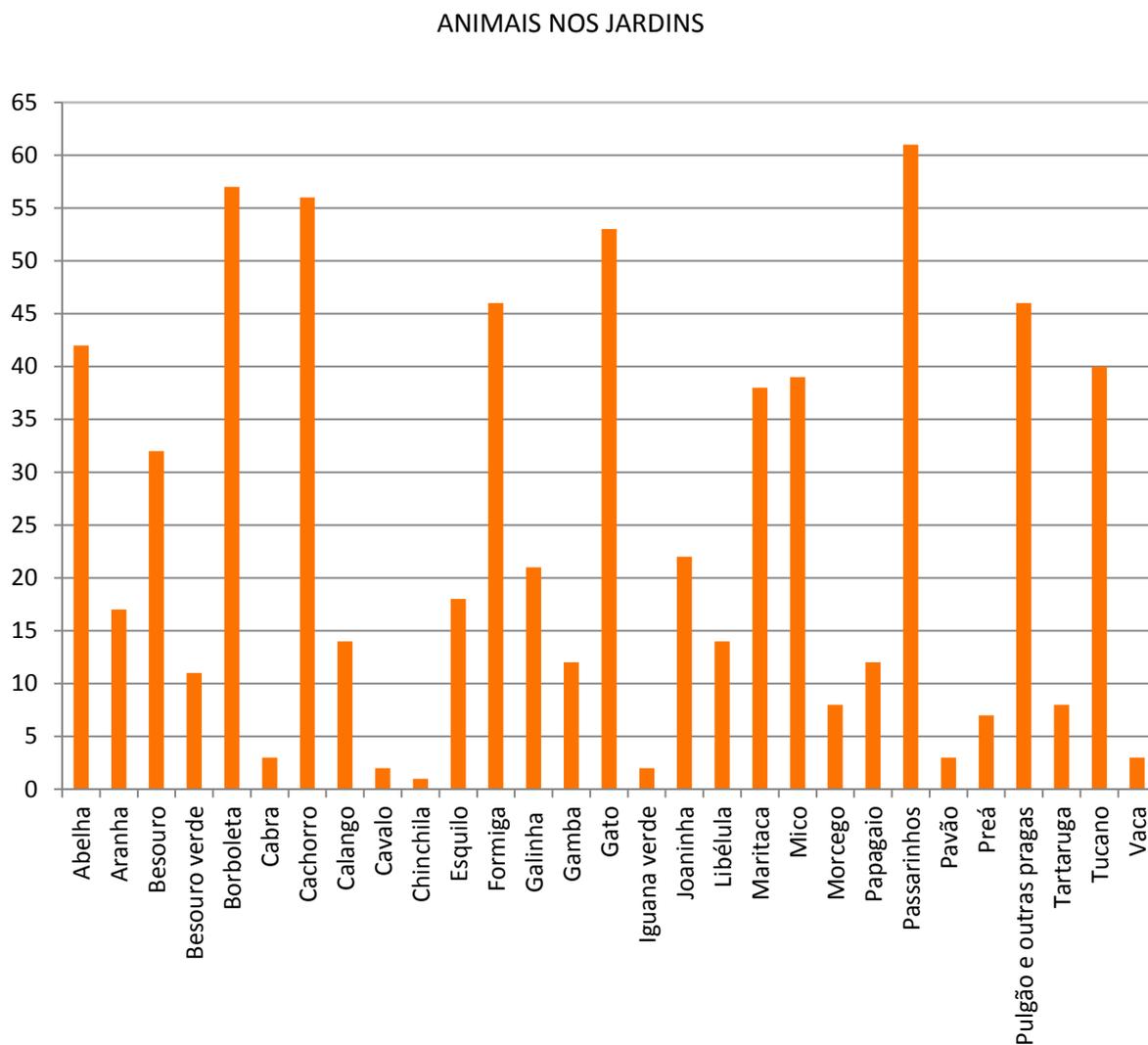
A variedade de animais citados como frequentadores dos jardins é grande. As aves e os insetos são os principais animais apontados e observados em campo além dos domésticos (GRÁFICO 15). As aves são vistas como agentes bem vindos pelos humanos. A “beleza de seu voo”, de “suas penas”, de sua cor e principalmente de seu canto são bastante admirados. Como é de seu comportamento habitual, participam da dispersão das plantas e essa ação é apontada por alguns entrevistados como de grande ajuda nos jardins e até nas disputas que eles criam como a de Tata e do Capitão pelo plantio do espaço remanescente. “As maritacas semeiam a grama do capitão e as árvores vão nascendo e crescendo mesmo que ele só queira a grama. Eu acho é graça e gosto. Não vou mentir.” Caracterizações como “parceiros”, “brothers”, “ajudantes”, “queridos” são frequentes. Outro ponto destacado é a anúncio dos ciclos da água pelas aves “elas cantam antes da chuva” e do dia “elas se recolhem naquela árvore antes de escurecer, parece pé de passarinho.”

Já os insetos são vistos com mais desconfiança pelos humanos. São frequentemente tratados como “praga”, “invasores”, “infestação” e também como vetores de doenças “não pode colocar pratinho [no vaso] senão dá mosquito da dengue.” Alguns humanos admiram a beleza desses insetos. Os besouros “parecem joias”, “tem cores lindas.” As borboletas “tem desenho de Deus”, são apontadas pelas cores e também como marcadores biológicos “borboleta não fica em ar sujo” ou dos ciclos da água “tem mais borboleta na seca”. Os insetos também são valorizados por seu papel na cadeia alimentar, são “comida de passarinho”, “prato cheio pras aves”, “enchem o pandú das aranhas”. As formigas embora sejam consideradas pragas são admiradas por seu comportamento “de disciplina”, pois “é bicho organizado”. Assim como as formigas as abelhas são bem vindas tanto por ter seu comportamento admirado quanto por sua fabricação de mel e sua participação em “fazer as plantas nascerem” numa clara referência ao seu papel polinizador. Quanto aos aracnídeos foram citadas várias espécies de aranhas que são vistas como parceiras no combate à dengue e também como comida de micos. Apenas duas pessoas citaram o perigo de picadas desses animais. “Tem mais é

aranha de jardim mesmo. Tem fio de ouro que tem uma teia linda, vem ver. Mas não tem perigo para gente não.”

Gráfico 15 . Gráfico de Distribuição de animais nos jardins, elaborado a partir dos dados da Tabela

II



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Alguns mamíferos silvestres são encontrados nos jardins como micos, gambás, esquilos, preás. São vistos pelos humanos com dúvida “isso aqui não é lugar desse bicho.” A cidade é vista no imaginário de vários entrevistados como locais exclusivos de humanos e alguns tipos permitidos de animais. Mas também sua presença é apontada como consequência

do desmatamento¹⁰ “eles estão fugindo para cidade para comer” e também da expansão da verticalização e da urbanização “quando construiu o prédio na praça veio um tanto de bicho assustado para a Grotá.” Mas a maioria dos jardineiros não espanta esses animais e muitas vezes os alimentam já que as cidades se tornaram lar para diversos animais silvestres, devido à grande expansão urbana. Os hábitos noturnos desses animais silvestres também são notados bem como seu aprendizado de convivência. “De noite no Tata, quando a gente fica na cervejinha até mais tarde, já vi gambá, preá e até um esquilo. Eles aproveitam que tem pouca gente na rua. Espertos.” O medo do ser humano bem como a rapidez com que esses animais retomam o espaço quando não estamos são pontos percebidos. Os animais, como os humanos, possuem memória e vida social que se dá no território a partir de suas necessidades.

“Os animais estão rebolando para sobreviver.” “O rio não é mais o mesmo.” Longe de ser uma percepção isolada nos jardins a mudança nos tempos naturais, nos ciclos de migração e reprodução animal, nos ciclos hidrológicos, consequência da urbanização e da ação humana, vêm se tornando uma questão perceptível na cidade há muito tempo. As evidências da “mudança dos tempos” vêm se avolumando. Como coloca Latour (1995, 2002, 2020) este advento da ação humana no planeta que vem sendo responsável pela extinção de animais e plantas em escalas planetárias e que configuram o antropoceno. As relações antes evidentes do comportamento animal e os ciclos das plantas e da água são eventos memoriais dos entrevistados. Essa percepção nos jardins vai além das evidências exclusivamente estudadas pela ciência do clima e representam uma mudança cotidiana perceptível e narrada com frequência, e ultrapassa as percepções individuais. “Os tempos são outros.”

Mesmo assim, seja por meio da tradição ou por menor inserção nas técnicas modernas de plantio, predominam na grande maioria dos jardins as técnicas ecológicas de manejo. O uso de algum defensor químico contra insetos ou outras pragas foi citado em apenas quatro das sessenta e cinco entrevistas. O manejo cultural da água e do rio também é encontrado como prática no represamento da água da chuva favorecendo a infiltração

¹⁰ Segundo o relatório anual da ONU, em 2015 a população mundial chegou a 7,3 bilhões e 54% dessas pessoas vivem em grandes centros urbanos. A expansão das cidades e a devastação de ambientes naturais têm obrigado animais selvagens a migrar para habitats humanos.

nos jardins públicos, na construção de cisternas para armazenar água, na prevenção de deslizamento de encostas com plantas de raízes em rede que seguram o solo, na utilização da nascente para rega. As relações multiespecíficas que se desenvolvem na vertente colocam em relevo alguns aspectos de práticas que tem implicações realmente ecológicas. Os manejos dos jardins são em sua extensa maioria baseados em práticas herdadas da tradição, sem uso de aditivos químicos. Os animais e as plantas são vistos como parceiros e principalmente como amigos.

Como locais de memória (ASSMANN, 2011), os jardins, de alguma forma, detêm o progresso. Progresso esse entendido como processo de modernização espacial da cidade. Os locais de geração foram por muito tempo entendidos como lugar do homem arcaico ligado aos locais e a terra em contraponto ao homem moderno móvel. A modernidade e nela a colonialidade se desvinculam de culturas que são vinculadas aos locais e que cultivam contato com os mortos e as tradições ou são ontologicamente ligadas a culturas da terra apagadas pela modernidade. Na direção oposta, a modernização está liberta de forças ligadas à locais fixos. A força dos locais carregados de recordação é substituída por um espaço neutro. Nessa dupla situação é relevante destacar o interesse pelas temáticas cotidianas. Ao associar memória, humanos e não-humanos, incorporam-se as temáticas cotidianas e aproxima-se, como entendimento neste estudo, às distintas paisagens de memória construídas por mulheres e homens, plantas, animais, água, terra, suas emoções e imaginários e sua constituição orgânica e inorgânica. Assmann (2011) baseia a argumentação sobre os locais das gerações a partir do embate entre: a força do vínculo familiar em relação ao local e a condição móvel do indivíduo moderno que, associada à necessidade inerente da modernidade de progredir, impossibilita uma conexão afetiva e profunda dos indivíduos em relação a um local. A memória geracional, portanto, configura-se uma produção do espaço em uma lógica não hegemônica. Mesmo em tempos de urbanização planetária podemos descobrir os jardins como locais de memória.

Algumas ausências, disputas e contradições também ficaram evidentes nas entrevistas. A presença de plantas exóticas é um problema para as espécies nativas, pois, não raro, essas plantas tem vantagem na competição ecológica. Algumas delas como o capim braquiária são vistas como “praga”, pois “invade o jardim” e “acaba com minha horta.”

Outras espécies como a mangueira não são entendidas como invasoras e já estão incorporadas, mas ocupam o lugar de frutas nativas. Algumas das árvores frutíferas presente são exóticas: manga, ameixa amarela, limão, banana, laranja, romã. Outras são nativas: jabuticaba, coqueiro baba de bode, jussara, goiaba, pitomba e araçá.

O rio é visto como “o vilão da enchente”, mas também como “caminho”, “força da vida” e a água como “problema sério” e como “necessidade e benção.” Alguns entrevistados conseguem estabelecer a relação da enchente com o asfalto e o tipo de urbanização e a modernização que não leva em conta de fato as pessoas como nos aponta Fátima: “o que dá voto é asfalto” e “isso é progresso?”, mas muitas consideram a canalização dos cursos de água como positiva.

O maior fator de supressão dos jardins nas casas se dá pela necessidade de construção de barracões para os filhos casados iniciarem a vida. Esses espaços mais tarde representam uma renda extra para a família. A construção de garagens também é muito apontada. Na Grota a disputa entre a moradia informal e a nascente é mediada pelos jardins do Cigano e a plantação de bananas, mas essa ocupação vem avançando. A falta de espaço para plantar para alguns moradores é resolvida com o uso de vasos. Os vasos são também apontados como forma de mobilidade principalmente em casas alugadas. “Não quero me separar das minhas plantas. Eu as carrego comigo para onde for.”

Nos jardins públicos ausência do poder público é um ponto muito questionado. Como exemplo os jardins do Tata que r-existem e são muito frequentados pelos moradores sem nenhuma ação do poder público que quando intervêm é para “cortar árvores.” O corte e a poda de árvores também são questionados. Os irmãos da oficina acham que a prefeitura “não faz nada e quando faz é para por cimento” e que “podia ao menos distribuir umas mudas e uma terra com adubo para gente ir fazendo.” Acreditam que os jardins coletivos são mais interessantes “quando a gente faz é melhor. Esses desenhos de prefeitura são tudo igual. Aqui tem um pedacinho de cada um.”

Nas entrevistas alguns outros nomes foram dados ao território onde se planta e se cuida que a pesquisa chama de jardim. Uma entrevistada estranhou que perguntássemos por jardim, mas a maioria das pessoas com as quais conversamos nos mostrou seus lugares de troca multiespecífica com os outros seres - animais, plantas, solo, água - assim que

perguntados se poderíamos conversar sobre seu jardim. Mesmo assim esses espaços foram renomeados algumas vezes. Para pesquisa é interessante entender essas nomeações e os desdobramentos dessas palavras. O território dos jardins se apresenta também a partir delas como um microcosmo de infindas simbologias possíveis.

Uma das palavras muito usada, citada em onze entrevistas, para denominar esse espaço foi casa. “Eu morro nele, é a minha casa.” “Isso aqui [jardim] não faz parte da minha casa, aqui é a minha casa.” A associação da palavra casa ao jardim traz o reconhecimento da importância desse espaço, não hierarquicamente, na vida dessas pessoas. Não há uma separação entre o espaço onde se dorme, come do espaço onde se planta e se convive com outras espécies. O jardim, junto a todos os outros lugares, é a casa. A casa comum a humanos e não-humanos, onde se vive junto. A casa também é o lugar de se criar a família, o lar onde vivem juntos os familiares. Essa familiaridade com indivíduos de outras espécies é construída na Terra, macrocosmo vivo, como manifestação da memória.

A chave da memória faz uma referência à ancestralidade como o próprio exercício da memória (KRENAK, 2019a). Ancestralidade essa que tem a vida como laço de parentesco comum a tudo, habitando a Terra viva, casa de todos. Ela seria ao mesmo tempo, orgânico, físico, uma herança cultural e o desenvolvimento da semente da ancestralidade num contínuo. A ideia desse contínuo é a de algo sem começo e sem fim. A memória seria remota, muito anterior à herança imediata. Seria desvendada a partir do entendimento de qual humanidade seríamos parte. A familiarização dos seres vivos tem um papel importante na memória e na constituição dessa casa ancestral. Para o autor seria possível compartilhar essa memória e estimular esse vínculo de familiarização com valores que são ancestrais. “Não existe um abismo entre o que nós vivemos no cotidiano, comemos, falamos e a cultura dos povos indígenas, os saberes. Eles são apropriados o tempo inteiro, na culinária, na linguagem, na geografia, na topografia.” Os traços de familiaridade descritos entre plantas animais e pessoas sinalizam essa memória e está no espaço casa, indistinto do jardim, e que abriga todos os seres da família.

As palavras mato, mata e matinha foram usadas por um total de três pessoas. As palavras arvoredos e floresta foram usadas em uma entrevista cada uma para designar o espaço. Assim, cinco pessoas associaram o espaço com plantas à floresta e à mata. Dois desses se

referem a uma área com muitas plantas junto a uma nascente e onde há uma vegetação nativa preservada. Na nascente da Rua Janaitiba convivem espécies nativas com cultivadas nos três lotes da casa e há uma vegetação arbórea. Os lotes tem uma gradação espacial que começa com um jardim cultivado, com vegetação ornamental perto da casa, passa por árvores frutíferas – mangueira, jabuticaba e bananeiras - e chega a algumas poucas espécies nativas. A outra área perto da nascente se localiza na Grota e possui a mesma gradação do lote da Rua Janaitiba. Perto da construção há espécies ornamentais e frutíferas. Há também uma grande plantação de bananas. Entretanto a vegetação nativa é mais bem preservada na Grota com a presença de “coqueiros jerivá, imbaúba, capixingui e sapuva” próximo à água. Nesses casos o jardim acontece e o território se identifica imediatamente com a floresta onde a intervenção antrópica é menor e onde a agência dos outros seres é mais bem percebida. Nos outros três casos, os lotes possuem um jardim cultivado e algumas poucas árvores. O mato aparece na fala de Elisete como memória e gosto. Dona Lucinha diz da sua saudade e a trabalhadora do salão de seu conhecimento de medicina e cosmética popular dos princípios ativos e propriedades que são relacionados por ela com as plantas da floresta numa referência a conhecimentos afrodescendentes.

A composição da vegetação, da água, da nascente, dos animais e da memória traz a lembrança da mata atlântica e do cerrado de altitude que um dia ocuparam esse local. Fazem tornar consciente na memória, no imaginário e no vocabulário a mata, a floresta que a cidade e a urbanização subtraíram. Se a urbanização foi, historicamente, o oposto da barbárie a cidade é nesse sentido antípoda da mata e da floresta selvagens. Mas ela está latente em locais como esses e principalmente sobrevive sob o asfalto (CANÇADO, 2019). Ao relembrar que a floresta é um grande jardim historicamente construído pelos povos originários (KRENAK, 2019a), por interações multiespecíficas que nelas aconteceram e acontecem com mútua afetação, atribuir à mata, ao mato e à floresta ao que a pesquisa chama jardim pode dizer de que humanos são esses presentes nessa relação. Se os humanos modernos que se reconhecem apenas na cidade habitam e constroem seu espaço a partir de um urbanismo que se afasta de outros seres, os humanos que plantam e criam mundos nos seus jardins não reconhecem ou se reconhecem apenas no asfalto e na impermeabilização. Sobrevive no imaginário e nas

práticas de convivência outros mundos possíveis com a memória da floresta e da mata assim como ocorreu historicamente.

Uma entrevistada usa a palavra roça, uma usa plantação e outro usa plantas para nomear o jardim. A palavra meio ambiente foi usada por um entrevistado bem como namoro e beleza. Dois dos entrevistados chamam de farmácia o lugar onde plantam. Uma dela é Dona Maria que é conhecida como a “médica” do bairro. Ela cultiva uma série de ervas medicinais e distribui a quem pede e chama seu espaço de “jardim de cura” e de “farmácia”. Fabíola também planta e distribui ervas medicinais e ensina aos vizinhos a fazer xarope de guaco para tosse e asma na sua “farmácia”.

A atribuição de palavras e expressões com significado religioso ao jardim também aconteceu. Um entrevistado chamou o espaço próximo à nascente de jardim de Deus, o Sr. Geraldo da escola usou a expressão jardim divino. Uma entrevistada atribuiu o nome de paraíso e outra de benção. Como analisado anteriormente muitos traços de religiosidade aparecem nos jardins e a presença de certas espécies vegetais também colaboram para essa ligação.

O uso de palavras que tinham relação com a água para definir os jardins também apareceu nas entrevistas realizadas em seis espaços nas superfícies côncavas. Foram usadas pelos entrevistados as expressões jardim da nascente, brejo, casa d’água, nascente e água. A memória da água e sua percepção como elemento presente e ativo no território representa também um elemento estruturador que fica evidente nessas nomeações dos territórios. Como analisado anteriormente o papel da urbanização que cobre com asfalto esse agente e invisibiliza sua presença é claramente perceptível nos territórios convexos e também onde o rio é completamente canalizado. Assim a água é um agente mais percebido no fundo de vale e nas superfícies côncavas principalmente nas nascentes onde denomina os espaços.

São atribuídos as plantas e animais alguns comportamentos normalmente relacionados aos humanos. Eles foram definidos como protetores em cinco entrevistas e como soldado em uma entrevista. Isso aconteceu onde havia plantas de poder relacionadas também à proteção como espada de São Jorge e pimenteira. As pessoas também disseram em oito das entrevistas que tem o hábito de dialogar com as plantas e que elas “escutam, falam e

respondem” a esse diálogo e que “ficam bonitas” como resposta relacional. Além disso, elas “fazem companhia” para cinco entrevistados. “Elas [as plantas] são um remédio para a solidão da cidade.”

As palavras mais citadas para definir, nomear ou qualificar principalmente as plantas e os animais e também a água, a terra, o sol tem relação com amizade e parentesco. As palavras amigos ou amigas e amizade aparecem em vinte e duas das sessenta e cinco entrevistas. Companheira ou companheiro aparecem em treze entrevistas. Família aparece quatro vezes, filho ou filha seis vezes, mãe duas vezes e irmão ou irmã aparece oito vezes. “As plantas são filhas minhas [Cida] são todos amigos. A gente se protege um ao outro. A gente segue junto.” Ainda é usado amor em sete entrevistas e queridas em duas delas. “Eu amo o São Geraldo. Meu jardim é amor. É de retribuir o lugar. Amizade é coisa preciosa. Tenho só amigo aqui, são minha família. Os vizinhos e as plantas. E tem os bichos também.”

O amor, a amizade entre seres de diferentes espécies esteve muito presente nas entrevistas. Os jardins são apresentados nas falas como uma grande família multiespecífica. Esse amor e essa amizade podem ser analisadas a partir de alguns conceitos como a topofilia (TUAN, 2012) e a biofilia (WILSON, 2002), mas principalmente pelo entendimento do amor como uma condição de existência da vida (MATURANA, 2002, 2001, 1997).

Topofilia é um conceito de origem da geografia humanística, cunhado por Yi Fu Tuan (2012). O autor apresenta uma forma alternativa para os estudos geográficos, que perpassa a percepção e a representação espacial, as culturas e as relações sócio-espaciais e que essencialmente, valoriza a relação entre pessoas e o espaço. O estudo vai além dos aspectos essencialmente econômicos e sociais da geografia crítica e os aspectos racionalistas e aritméticos da geografia física para se atentar também aos aspectos subjetivos, culturais e pessoais, considerando a experiência espacial. Ele associa ao sentido geográfico de lugar a escala da experiência.

Topofilia é um neologismo definido como: “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, mas vívido e concreto como experiência pessoal” (TUAN, 2012, p.19). Nota-se então, que o termo topofilia “associa sentimentos com meio

ambiente com objetivo de promover a ideia de lugar”. Além disso, destaca-se a influência fundamental das culturas, gêneros, raças e circunstâncias históricas sobre as percepções. A partir do conceito de sentido de espaço, o autor explica como várias pessoas e culturas constroem sua vida tendo como ponto determinante o conceito da memória ligada a uma atitude espacial topofílica. Outro aspecto a ser considerado tendo em perspectiva os jardins estudados é como a perda do espaço implica na ameaça da perda da identidade.

A perspectiva de uma relação amorosa com a Terra levantada pelo termo Topofilia abre a possibilidade de estudos que considerem as manifestações afetivas e nesse sentido o termo exprime a associação da pessoa com o lugar de vida numa relação de inclusão. O autor também destaca a Topofilia como um contraponto às forças culturais homogeneizadoras, não sem se atentar para a ilusão de centralidade e superioridade também gerada por essa prática.

Outro neologismo a partir do qual podemos entender a relação de amor e amizade nos jardins é dada pelo termo Biofilia. Popularizado pelo ecólogo americano Edward Olssem Wilson (2002) significa, segundo o autor, a ligação emocional que os seres humanos têm com outros organismos vivos. O autor defende que essa ligação é genética e tem raízes evolutivas de preservação da vida. Também a biofilia é impactada pelas experiências pessoais, sociais e culturais no qual a pessoa está inserida, e vive desde a primeira infância. Nesse sentido, há a necessidade de reforçar o contato com a vida para que essa conexão se perpetue. As emoções ativadas pelo contato com o outro variam, segundo o autor, da atração à aversão, da admiração à indiferença, da paz à ansiedade.

Para Wilson (2002, p. 153) a Biofilia depende de três graus de altruísmo. O primeiro é dado pelo antropocentrismo, onde o que é importante é o que afeta a humanidade. O segundo é definido como empatocentrismo, onde se julgam que os direitos devem ser estendidos a cavalos, cães, chimpanzés e outros animais inteligentes com os quais sentimos certo grau de empatia e nesse sentido seria mais fácil de acontecer entre mamíferos e mais difícil com plantas e insetos pela proximidade das espécies. Por último, o biocentrismo, segundo o qual todos os organismos possuem direitos intrínsecos, como o direito à vida. Entretanto, para o autor esses três níveis não são excludentes e muitas vezes coincidem. São essas perspectivas que também embasam os movimentos

ecológicos que serão discutidos no próximo capítulo. Todavia a biofilia cria uma hierarquia e coloca em graus diferentes de importância os outros seres. Ambos os termos – topofilia e biofilia – são definidos a partir do laço afetivo e em menor ou maior grau podem se aplicar ao entendimento das relações que se desenvolvem nos jardins.

Para o neurobiólogo chileno Humberto Maturana (2002, 2001, 1997), a emoção constitutiva da vida humana é o amor. O amor é "a condição biológica que é à base da humanidade" (MATURANA, 1997, p. 186). É a condição dinâmica espontânea de aceitação por um sistema vivo de sua existência comum com outro sistema vivo. O amor é um fenômeno biológico e se ele ocorre há socialização, se não ocorre não há. Assim ele seria o fundamento do fenômeno social e não sua consequência. "A origem antropológica do Homo Sapiens não se deu através da competição, mas sim através da cooperação, e a cooperação só se pode dar como uma atividade espontânea através da aceitação mútua, isto é, através do amor" (IDEM, p. 185). Todavia as emoções não são, para o autor, o que chamamos de sentimento. Do ponto de vista biológico ele explica que as emoções significam "disposições corporais dinâmicas e definem os diferentes domínios de ação." O autor também ressalta a negação dessa práxis devido à insistência na racionalidade como definidora da práxis humana.

No contraponto do amor há a rejeição que é o espaço de conduta que nega o outro como legítimo na convivência. A rejeição nega e culmina na separação e o amor constitui a convivência. O amor é entendido como "a emoção que constitui aceitar o outro como legítimo na convivência." (MATURANA, 2002, p. 67). É um fenômeno cotidiano e não tem nada de especial ou eventual. Assim, para o autor, o amor está associado à constituição da sobrevivência e da evolução. A possibilidade da humanidade é a maneira particular de viverem juntos como seres sociais na linguagem sendo o amor o fenômeno biológico que "nos permite escapar da alienação antissocial criada por nós através de nossas racionalizações. É através da razão que justificamos a tirania, a destruição da natureza ou o abuso sobre outros seres na defesa de nossas propriedades materiais ou ideológicas" (MATURANA, 1997, p. 186). A negação da alteridade de outros seres bem como de sua existência estaria na base da devastação do planeta.

O ser humano não vive só, vivemos com os outros seres vivos e, portanto, compartilhamos com eles o processo vital. A história da humanidade mostra que o amor está sempre associado à sobrevivência, pois só se sobrevive na cooperação. Assim amar implica ocupar-se do bem estar do outro, respeitando o espaço desse outro para que ele exista em plenitude. Nessa noção de amor será incorporada a palavra amizade que foi amplamente escutada nas entrevistas e, portanto será base de entendimento. Esse amar se estende a todos os seres vivos, biofilia, e como nos coloca a topofilia também aos lugares e contribuem para uma noção de coletivos multiespécies. O amor e a amizade, a cooperação entre espécies diferentes, a convivência legitimada por esse amor faz dos jardins famílias multiespecíficas com pais, mães, irmãos, convivência essa de encontros e conflitos, hierarquias e aproximações.

Recuperando a definição do jardim como um microcosmo do infinito, a representação de um mundo, de uma cosmologia (MONGIM, 2013) o mundo do jardim é o da interação entre amigos de todos os tipos. É ele mesmo o jardim um organismo vivo, microcosmo de Gaia a Terra Viva. E entendido a partir do ponto de vista mágico animista pelo xamã Yanomami Davi Kopenawa (2015) a vida e a terra viva fala, sente também amor e dor, abençoa ou amaldiçoa e, sobretudo, ela é a condição absolutamente fundante para a vida. Nas palavras do xamã somos todos um, com plantas, animais, terra, espiritualidade, amor e reciprocidade.

Gostaria que os brancos parassem de pensar que a nossa floresta é morta e que ela foi posta lá à toa. Quero fazê-los escutar a voz dos xapiri, que ali brincam sem parar, dançando sobre seus espelhos resplandecentes. Quem sabe assim eles queiram defendê-la conosco? Quero também que os filhos e filhas deles entendam nossas palavras e fiquem amigos dos nossos, para que não cresçam na ignorância. Porque, se a floresta for completamente devastada, nunca mais vai nascer outra (KOPENAWA e ALBERT, 2015, p. 64).

Os jardins também estruturam ações políticas tanto no cotidiano de onde partem quanto na estrutura formal de planejamento e gestão das cidades como é o exemplo do Tata. As narrativas dos agentes refletem o ponto de vista cultural, e traçam o mundo a partir das relações do lugar de onde é visto e por quem é visto. Os jardins, em uma escala reduzida e espraiada no espaço urbano, num “jardim planetário” e “da resistência” (CLEMENT, 2002) como retalhos de coletivos multiespécies (TSING, 2019) espalhados em meio ao

urbano, estão no aspecto do ordinário e do cotidiano. Ainda assim, esses locais se fixam no território e criam memórias, guardando potência na sua capilaridade, na aparente espontaneidade. Portanto, jardins conformam-se como dispositivos imanentes à uma outra produção de cidades, baseada em práticas não-hegemônicas e mais horizontais.

Partindo do entendimento de que as narrativas hegemônicas da produção moderna do espaço dominam as narrativas espaciais, foi possível notar que a infiltração da memória de um relacionamento multiespecífico dos jardins como memória de afetos, a vivência cotidiana do amor e amizade como numa família, e da resistência ligada aos territórios dos jardins são uma ferramenta realmente sustentável de se pensar a cidade que será discutida no próximo capítulo. A partir dessa possibilidade de recriação de territórios dada pela memória cultural de Assmann e pelo “Pensamento da Terra” de Escobar (2016) isso se faz importante como ação para a tarefa de qualquer “pensamento crítico na conjuntura atual, à qual nos referiremos como a reconstituição de mundos” (ESCOBAR, 2016).

Os jardins, enquanto resultado de um tempo vivido que une humano e não-humanos como amigos, migrações de plantas e saberes, proporcionam pensar a cidade e reconstruir o entendimento de sua história ambiental, podendo ser entendidos como um espaço r-existente no cotidiano. Os jardins são espaços territorializados que conformam um mundo de sociobiodiversidade e formas de viver contra hegemônicas no contexto da cidade contemporânea. O patrimônio dos jardins, as memórias e r-existências e resistências a eles associados inserem-se, sem uma ação confrontativa, nas lutas cosmopolíticas. São mundos que existem e resistem pela sua memória coletiva e individual, humana e não-humana, de amigos que cooperam, espacializada nas espécies de plantas e animais, objetos, sistemas de manejo e saberes ecológicos que os constituem.

4. TERRA VIVA, GAIA, COSMOPOLÍTICA, ECOLOGIA.

Se cotidianamente os jardins constroem na cidade espaços de relacionamentos entre os diferentes, as ideias de natureza, ecologia, desenvolvimento sustentável e sustentabilidade direcionam o imaginário difundido em nossa sociedade, as lutas ambientais bem como as políticas públicas e os projetos para a construção dos espaços urbanos. A ecologia e os movimentos ecológicos, de certa feita buscam defender os direitos dos não-humanos englobados na natureza com repercussões e objetivos variados. Contudo a disseminação, no projeto colonial, de uma ideia de natureza em oposição ao humano consolidada na modernidade coloniza os imaginários nas cidades. Como os jardins podem contribuir para a descolonização desses imaginários? Que outros mundos possíveis eles apontam?

Para se entender os jardins como artefatos multiespécies, microcosmo de Gaia a Terra viva, retalhos de mundos relacionais, confluências relacionais espaciais na cidade impermeável como apontado anteriormente pelo entendimento desses territórios é preciso, pois abandonar o naturalismo que é a crença ocidental moderna na existência da natureza como entidade separada. E se a natureza não existe, a não ser como categoria moderna, abstrata e colonial que apaga outras cosmologias, não há relações com uma entidade externa nos jardins, mas sim relações sociais entre seres, humanos e não-humanos, gente e bicho, animais e plantas, pessoas e plantas, parentes. Há relações entre amigos. Como essa constatação pode contribuir para o debate ecológico e quais os aliados presentes nas cidades e nesses movimentos ecológicos?

4.1 CONFLUÊNCIAS MICROCOSMOPOLÍTICAS

Para Porto-Gonçalves (2006), o conceito de Natureza não é natural, e sim uma construção social, pois toda sociedade, toda cultura cria e institui uma determinada ideia de natureza. Aproximando-se de Porto-Gonçalves, Duarte (2005) defende que o termo Natureza é uma criação cultural, humana. Segundo a autora existem na verdade diversas

naturezas, o termo tem significado abrangente e depende do objetivo do discurso para obter um significante e tem hoje seu significado ditado principalmente pelo processo colonial. Nesse sentido o entendimento do termo natureza desconsidera em sua definição outros cosmos e, como coloca Bispo (2015), é produzido a partir de um ponto de vista único sobre bases cosmo-fóbicas. No planejamento das cidades o entendimento moderno de uma natureza a serviço do homem domina as propostas que podem também ser entendidas como cosmo-fóbicas. Entretanto, a existência dos jardins com um relacionamento entre amigos dos diversos seres vivos em mais da metade do território estudado abre a possibilidade de outro entendimento construído a partir de uma territorialidade comum ainda muito presente nas cidades.

Se com a agricultura nos tornamos sedentários e não mais nômades, é ela que estabelece as bases para a fixação estável no território e a criação das cidades. A partir da produção de alimentos diminui-se a dependência da coleta, dos ciclos das plantas. “Dominar a natureza é dominar a inconstância, o imprevisível; é dominar o instinto, as pulsões, as paixões” (PORTO-GONÇALVES, 2006, p36). O humano ocidental moderno na cidade acredita não depender tanto dos instintos animais e se desenvolve pelo racional, além de abandonar sua paixão e sua magia presentes nos símbolos, que podem ser definidos por nossas crenças ou por um sentido construído de forma mais ampla em nossa sociedade que abandonou o amor (MATURANA, 2002, 2001, 1997) que o fez e o mantém social. É também com esse entendimento do mundo das plantas e com a capacidade de interagir com ele que começam os jardins¹ como forma de relacionar-se com o divino, e também com prazer e a paixão. O amor também r-existe nos jardins onde mais que humanos e não-humanos, separados pela negação, existem amigos.

No nosso mundo ocidental o processo de sedimentação da ideia de uma natureza objetiva e exterior ao humano e a ideia de humano não natural e fora dessa natureza teve início na era medieval onde foi gestada essa separação e se aprofundou principalmente com a industrialização. Esse dualismo se mostra primordial para afirmar a preponderância dos humanos sobre os não-humanos e também sobre os humanos outros², estes

¹ Esse surgimento dos jardins foi desenvolvido na introdução.

² Um apontamento relevante é entender que nem todos os humanos são aceitos nessas relações como dominantes. A exclusão social e o domínio sobre os outros povos se mostram também essenciais. Bispo

englobados pelo conceito moderno de natureza, e para a exploração dos bens naturais. A “humanidade do humano é, também, a trágica consciência da invenção moderna da exterioridade da natureza e da exclusão social” (HISSA, 2008, p.261).

No conceito moderno de natureza ela é aquilo que se opõe à cultura e ao humano. Esta cultura seria então algo superior que domina a natureza. Pessoas e os outros seres são afastados numa relação hierárquica. O comportamento cultural sobre os outros seres pode ser “caracterizado por serem antropocêntricos e orientados a controlar e manipular em função de uma atividade econômica”. Concede-se aos humanos um papel de privilegiado. “Dessa maneira, unicamente os humanos podem ser sujeitos de valor, fazendo os demais elementos que nos rodeiam, tais como plantas ou animais, como objetos de valor” (GUDYNAS, 2019, p.20).

Com o desenvolvimento científico alcançado no Renascimento a natureza passa a ser o não-humano que agora deve ser usado e moldado pelas pessoas conforme sua necessidade. Um tema central do Iluminismo é a conquista da natureza. É também no Renascimento que o processo colonial³ avança sobre os humanos outros com outras ontologias onde a natureza como categoria excludente não faz sentido.

No mundo politeísta medieval havia lugar para a cultura pagã e para as forças da Terra que incluíam as pessoas. Na medida em que a religião cristã se sobrepõe ao mundo pagão, a natureza passa a existir e os elementos contidos nela são dessacralizados. A religião cristã é, pois, peça central no processo de legitimação do papel humano superior. “O cristianismo, então, iria se apoiar numa distinção entre o natural e o convencional e na diferenciação, grosso modo, platônico de alma e de corpo para defender sua concepção de que o homem não pertence à Natureza, mas seria fruto da graça divina” (SIMONI, 2009). Em paralelo à divindade humana, cria-se a ideia de que, por ser também criação divina, essa mesma natureza que contém os não-humanos, as coisas e as outras vidas, devia servir ao homem, ser superior.

(BISPO DOS SANTOS, 2015) coloca, por exemplo, que os negros escravizados no Brasil estavam ao lado das coisas. Foi essencial desumanizar os africanos para que fossem construídas as bases morais da escravidão. Tudo isso com apoio da religião cristã. As mulheres também foram apartadas do mundo social pelo florescimento do capitalismo (FEDERICI, 2017)

³ O processo de colonização brasileiro e seu avanço sobre a floresta selvagem original bem como sobre os outros mundos que existiam para além do europeu no Brasil foram desenvolvidos na introdução.

Assim a religião cristã cria os alicerces morais para o uso dessa natureza juntamente com o desenvolvimento técnico científico que desenvolve os meios de exploração. A natureza dessacralizada pode ser tornada objeto. O mesmo se dá com as outras culturas e os outros humanos que não os ocidentais no processo de colonização que deslegitima outras cosmovisões. A tensão entre percepções integradas e espirituais do mundo Medieval e visões da natureza como entidade externa e matemática, projeto racional da criação de Deus, cria as condições para o Renascimento.

Nesse processo a modernidade cunha o conceito de natureza como algo exterior à pessoa, local de retirar recursos e laboratório para a ciência (PORTO-GONÇALVES, 2006). Esse dualismo surge na própria cosmogonia judaico-cristã. O homem e a natureza são duas coisas ontologicamente (e religiosamente) distintas. O utilitarismo seria o objetivo real dessa ação sobre a Natureza, já que ela existia tão somente para usufruto humano. A visão de natureza entendida enquanto sistema de leis guiadas por uma contingência externa a si mesma rompe com a ideia auto emergente e matricial (SIMONI, 2009). A religião cristã, que aproximou homem e Deus, teve sua importância diminuída pelo fortalecimento do humanismo. A Modernidade se caracteriza pelo humanismo que ao nascer faz nascer conjuntamente a não humanidade das coisas ou a não naturalidade dos humanos e de um Deus fora do jogo (LATOURE, 2014).

A modernidade se faz então existir pela prática da purificação onde cada ator se encaixaria em uma das duas categorias possíveis: os humanos dotados de agência no polo da sociedade, e os não-humanos, passivos à ação humana no polo natureza. Neste contexto, “cabe à ciência a representação dos não-humanos, mas lhe é proibida qualquer possibilidade de apelo à política; cabe à política a representação dos cidadãos, mas lhe é proibida qualquer relação com os não-humanos” (LATOURE, 1994, p.33-34). O pensamento ocidental baseia-se nos pressupostos da filosofia positivista e vê a natureza como algo objetivo. O autor aponta duas vertentes do conceito de natureza: a visão antropocêntrica que concebe a natureza como algo onde se manifesta a hostilidade e a visão naturalista, que considera a natureza como algo harmonioso e bondoso, “mas que ao criticar a primeira vertente se depara com o mesmo ponto de vista, ou seja, os homens destroem a natureza, trazendo à tona a dicotomia” (PORTO-GONÇALVES, 2016).

Se a existência da natureza como categoria foi base tanto para a modernidade quanto para a expansão capitalista com um pouco de observação é possível entender que há seres e coisas que participam de mundos relacionais onde essa dicotomia não faz sentido. Essa percepção foi clara nos jardins estudados. Cada povo constrói seu conceito de natureza, estabelecendo-o ao mesmo tempo em que institui suas relações sociais. “Estávamos acostumados à ideia de que nossa fisiologia, nossa anatomia descende dos primatas. Deveríamos habituar-nos à ideia de que o mesmo acontece com o nosso corpo social” (PORTO-GONÇALVES, 2006, p.82). As sociedades humanas, ao longo de sua evolução, desenvolveram um patrimônio de saber imprescindível para a vida. Mas tal fato não quer dizer que os humanos saltaram da natureza para a cultura. Com isso revela-se o que a sociedade moderna tenta realizar e teima em ignorar: que a cultura não exclui a natureza em um par dicotômico e que sequer essa exclusão construída pelo termo natureza faz sentido. E que são possíveis caminhos outros e “novas agri-culturas, novas formas de mediação entre o homem e o seu outro orgânico-inorgânico” (PORTO-GONÇALVES, 2006, p.92).

Latour (1994, 2004) coloca em xeque o estatuto da modernidade e a crença de que é possível realizar a separação ontológica moderna entre o mundo natural, das coisas inatas, e o mundo social e político, da ação humana. Qualquer fenômeno natural implica em um político (LATOURE, 2013). Não é possível purificar essas alianças (LATOURE, 2004). Esse salto da natureza para a cultura não consegue, segundo o autor, entender o meio do caminho e é justamente esse meio do caminho que dá significado aos acontecimentos (LATOURE, 2011, 2017a).

A divisão moderna dos humanos e não-humanos, dominante no ocidente, é uma simulação que funciona por meio de dois conjuntos de práticas: o primeiro produz, por tradução, “misturas entre gêneros de seres completamente novos, híbridos de natureza e cultura”; o segundo cria, por purificação, “duas zonas ontológicas inteiramente distintas, a dos humanos, de um lado, e a dos não-humanos, de outro” (LATOURE, 1994, p.16). Essa divisão traz a separação entre ciência e política, quando a ciência parte para o estudo da natureza independente da ação humana e a política se ocupa da coletividade humana idealizada. Foram desenvolvidos para o autor três contextos distintos para falar do nosso

mundo: a naturalização, a socialização e a desconstrução. Entretanto, não há um só elemento que não seja ao mesmo tempo real, social e narrado.

Foi a confiança em uma certa concepção da “natureza” que autorizou os Modernos a ocuparem a Terra de uma tal maneira que impediu outros de habitarem de modo diferente seu próprio território. Isso porque, para fazer política, precisamos de agentes que conjuguem seus interesses e capacidades de ação. Mas não se pode fazer alianças entre atores políticos e objetos quando eles são considerados exteriores à sociedade e desprovidos de potência de agir (LATOUR, 2020).

Essa situação se não cria, intensifica o afastamento cotidiano do meio natural fomentando uma relação de estranhamento e aversão às águas, à flora e à fauna urbanas. Esses elementos devem ser dominados, controlados e erradicados do convívio nas cidades e são, muitas vezes, reconhecidos como inimigos. Especialmente a modernidade cumpre na cidade seu papel de eliminar o diferente e outras possibilidades. Os jardins pesquisados proporcionam justamente o encontro questionando esse afastamento com vivências cotidianas.

O paradigma dualista que está na base da modernidade reafirmando a preponderância do sujeito sobre o objeto é, entretanto, questionado por Latour (1994, 2002, 2019). Isso acontece numa revisão da noção de natureza como algo objetificado e sujeito às leis imutáveis que podem ser descritas cientificamente, reforçando a separação entre seres naturais e objetos culturais. Revelando, como Gonçalves (2014), a ineficácia da dualidade construída entre humanos e não-humanos para se pensar cidades. Para Hissa (2008) a temática urbana ambiental e os estudos para ela direcionados são desafiados constantemente por essas dicotomias e pelas reduções disciplinares.

Em torno das disciplinas modernas existem as grandes narrativas e as unidades conceituais. Em oposição a elas, Latour (2012) propõe retomar as expressões sociais e as explicações sociais como objetos de incertezas, apresentando uma concepção de socius – em associações – que estarão sempre em movimento e estabelecendo conexões. Para seguir estes movimentos, Latour (2012) sustenta que é preciso seguir os atores em seu curso de associações, e não explicar o social como um conjunto de conceitos interligados. Dessa forma, o mundo social é um mundo com objetos e coisas e não um mundo livre das coisas relegadas aos cientistas da natureza. Ao recolocar o lugar das coisas, assim como dos humanos e seus artefatos, se desfaz a divisão moderna entre natureza e cultura ou

ainda entre humanos e não-humanos. O autor reafirma que, em algum momento todas as entidades se associam delimitando formas vivas e prontas a se conectarem em novas associações compostas heterogeneamente. Os jardins nesse sentido são exemplares, pois convergem num mesmo espaço relacional humanos e não-humanos como amigos, como família que mora e convive na mesma casa.

Entender e agir sobre as questões apontadas anteriormente vem sendo abordado de muitas formas. Para Latour é preciso “alargar nosso círculo político” (LATOURE, 2004), incluindo agentes não-humanos. O parlamento das coisas (LATOURE, 1994) é uma visão do que poderia ser esse alargamento. Essa proposta suscita o entendimento de como tal ação pode se dar e que tipo de política seria essa. Stengers (2011) propõe a cosmopolítica como forma de ampliação e de pensar que tipo de círculo político seremos capazes de constituir se pudermos pensar as coisas e a política para além dos elementos humanos habitualmente a ela associados numa postura claramente animista.

Nas comunidades animistas em que os elementos não-humanos são portadores de alteridade e certo encantamento (STENGERS, 2017) o que acontece nas relações não é exatamente o domínio e sim a dupla afetação e portanto a relação multiespecífica tem relevância. Tal afetação dupla foi encontrada em muitos jardins pesquisados e embora o domínio puro sobre os outros seres pela imposição também tenha aparecido ele é uma exceção⁴. Esse é, pois um importante ponto colocado à luz pelo entendimento nos jardins pesquisados. Ao encontrar a dupla afetação é possível questionar a preponderância do humano bem como o domínio por ele exercido como forma única de se relacionar nas cidades e também de pensar seu espaço questionando a validade da natureza moderna como categoria excludente.

Para a autora quando se trata de negociar problemas que parecem globais, é sempre o “nosso conhecimento, mas também os julgamentos associados com ‘nossas’ práticas que estão predominantemente no controle” (STENGERS, 2004, p. 2). Seria necessário trazer a ciência para a política, mas com uma equalização que faz ouvir outras vozes, que não as modernas ocidentais, na arena política. Assim surge a expressão “cosmo” utilizada pela autora que contesta a validade universal das práticas modernas, pois aponta a presença

⁴ Essa situação aponta para o manejo dos territórios dos jardins como possibilidade para as cidades que será discutida no próximo capítulo.

de outros que seriam provavelmente desqualificados como não tendo nada a propor para a política. Dessa forma a cosmopolítica faz emergir as vozes ativas dos não-humanos bem como à possibilidade do estabelecimento de “possíveis modos não-hierárquicos de convivência” (STENGERS, 2011, p. 356).

Com a proposta cosmopolítica, pretende-se abrir caminho para a composição de um poder inventivo capaz de resistir ao poder axiomático capitalista (STENGERS, 2011, p. 413). Um caminho possível para abordar a catástrofe ecológica para Stengers seria nos moldes da ecologia cosmopolítica, incorporando à visão política para todos humanos da ecologia política à capacidade tanto de reconhecer a agência de novos seres quanto de tratar como legítimas as diferentes maneiras como a questão ecológica é colocada para diversos seres existentes. A autora abre a possibilidade de retomar certas práticas, julgadas equivocadas ou irracionais, desqualificadas pelo mundo moderno capitalista. Para Stengers, quando os “não convidados” das assembleias modernas insistem em permanecer é um ato de resistência que requer desaceleração dos nossos modos de pensar e agir no mundo. Essa resistência política a autora associa a feitiçaria, a magia e o animismo.

Essas práticas não estariam restritas à regimes ontológicos específicos ou ao passado sinalizando justamente sua possibilidade de resistência. São práticas, como evidenciado nos jardins, que r-existem, ocupam e constroem a cidade cotidianamente e mesmo assim não ocupam seu planejamento. Resistência não no sentido de denúncia ou reação, mas sim como modo de afirmar uma existência, fazer visível outros possíveis, reativando vínculos julgados perdidos ou inexistentes com a Terra, com os deuses e com os espíritos. Mas não se trata de recuperar um passado ou se apropriar de algo inteiramente outro, mas sim de produzir agenciamentos, novas conexões. Resistência como modo de recusar a captura pelo Estado e pelo regime de subjetividade capitalista, que mata os possíveis, recusando a supressão de um comum e também a ideia de progresso ligada tão somente à razão e à técnica.

A autora também atenta para o colonialismo implícito nos conceitos da modernidade. Para autora é preciso descolonizar a ciência e a política, se conectando à soluções locais, e não apenas transcendentais, vendo aí modalidades de resistência política e

possibilidades de recuperação de um comum. É dessa forma que podemos considerar a contribuição dos jardins, buscando esses possíveis territorializados na cidade resistentes pela sua própria existência e que reconhece a alteridade dos outros seres.

Como convergência de modos de pensar a relação entre humanos e não-humanos e para uma ciência politizada, Gaia⁵ é um dos nomes que vem sendo convocado por Latour (2015, 2018, 2020) e Stengers (2002). É uma metáfora para a Terra viva, o contraponto da natureza moderna. “Gaia é apresentada aqui como a oportunidade de um retorno para a Terra, permitindo uma versão diferenciada das respectivas qualidades que podemos exigir das ciências, das políticas e das religiões.” (LATOURE, 2015, p.11).

“Com Stengers, a resposta exigida por Gaia não pode ser a de uma tomada de poder, mas sim a de engajamentos que promovem possíveis capazes de interromper o sentimento de impotência” (SZTUTMAN, 2018). A questão está na perda de vínculos que constituem o comum, dos vínculos com a terra, sendo possível a reativação desses vínculos com a terra furiosa, por meio da ciência e da política que não podem mais se separar. “A proposta cosmopolítica stengersiana revela-se também uma Gaia-política: não se trata de mover-se sobre o solo comum da Natureza, mas sim potencializar encontros, conectar práticas.” (SZTUTMAN, 2018). Reativar o conhecimento que faz o comum, a comunidade – sem cair na ideia de um mundo comum unificado, mas sim na proliferação de vínculos. Como já apontado anteriormente os jardins, microcosmos do infinito em sua definição, surgem como microcosmos de Gaia e nesse sentido jardins políticos.

As catástrofes naturais são tanto fruto da bipartição moderna no conceito de natureza que separa humanos e não-humanos quanto do reconhecimento de suposto universalismo de tal bipartição. Julgar universal a modernidade coloca em evidência as bases cosmo-fóbicas (BISPO DOS SANTOS, 2015) do colonialismo que expropriou outros povos e outros seres, de seus modos próprios de existir, de produzir e de se relacionar. Nas cidades, o planejamento urbano e a arquitetura agem de forma a também ignorar outros mundos. Outra questão que se abre como possibilidade é esse reconhecimento de que as epistemologias não são únicas. A separação radical dicotômica tende a invalidar

⁵ A hipótese de Gaia para os autores é a de James Lovelock e Lynn Margulis da Terra como entidade viva produzida por organismos que geram seu próprio ambiente.

outras epistemologias, e a reforçar o conhecimento de regularização que se presta ao controle. Essa oposição dicotômica entre os seres não é universal porque carece de sentido para aqueles que não são modernos e também porque as relações que os humanos mantêm entre si e com os não-humanos não pode apoiar-se em uma única cosmologia e ontologia. Para Escobar (2016) os conhecimentos dos povos em movimento, das comunidades em resistência estão “na dianteira do pensamento para as transições e ganham uma relevância incomum para a reconstrução de mundos diante das graves crises ecológicas e sociais que enfrentamos.” Esse conhecimento nascido da r-existência, ausente no arcabouço do conhecimento ocidental, se espacializa na cidade como jardins possíveis e está presente como potência.

Nego Bispo (2015) coloca a biointeração como possibilidade frente ao modelo ecocida e autodestrutivo do desenvolvimento econômico na contemporaneidade. Biointeração essa que possibilita que os jardins r-existam. A colonização e a expansão do modelo capitalista, ocidental judaico cristão são, segundo ele, produzidas e produtores da cosmofobia, pois substituem o plural pela unidade. A cosmofobia é o distúrbio do povo colonialista provocada pelo medo do cosmos, pelo medo de Deus. Esse seria o cerne dos processos violentos das várias formas de colonização: a violência colonizadora que avança sobre outros mundos. Para o autor a forma de viver e se relacionar com os diversos, de forma mais harmoniosa se dá através da biointeração. Analisando os pressupostos da religiosidade monoteísta que foi a base, como colocado anteriormente, para criação da natureza objetificada transformada em produto, ele aponta que os que vivem sob o pecado vivem o trabalho com a terra como castigo. Para aqueles que guardam a vivência politeísta que acolhe a sacralidade dos não-humanos, o trabalho com a terra é pois a vivência de sua espiritualidade. A interação entre os humanos e o território é, portanto interdependente o que contrasta com a visão limitada ao utilitarismo. A essa possibilidade Stengers (2002) acrescenta ao processo relacional o entendimento da dupla afetação motivado pelo prazer e pela religiosidade como exemplificado nos jardins.

Essa abordagem não dicotômica de humanos e não-humanos fornece-nos elementos importantes para pensar a crise ecológica ou o colapso ecológico como propõe Latour e Stengers, que marcam nosso espaço-tempo a partir de uma visão não moderna. Latour

(2014, 2020) e Stengers (2002) rejeitam a palavra crise, pois a mesma suscita a indesejável impressão de transitoriedade.

Recolocar elementos não-humanos como animais, solos, relevo, água, fenômenos meteorológicos, plantas como agentes políticos dotados de alteridade e não como frágeis elementos a serem protegidos ou recursos a serem explorados significa reconhecer e inventar outros modos de viver de modo a estabelecer uma convivência mais harmônica para além da dicotomia contida na ideia de natureza. Buscar, pois nos territórios da cidade as confluências e os aliados para pensar uma cosmopolítica foi assim o percurso da pesquisa e a partir dessa possibilidade os jardins se apresentaram como exemplos de microcosmopolíticas onde confluências acontecem.

4.2 TERRA VIVA, ECOLOGIA COSMOPOLÍTICA

A aposta no crescimento ininterrupto que pressupõe o modelo capitalista e a consequente predação do planeta amparada na natureza excludente estão na raiz das questões que são levantadas ao se discutir ecologia, sustentabilidade e desenvolvimento sustentável. Os limites impostos pela Terra à acumulação capitalista globalizada já compõe o imaginário global. O estudo dos jardins levou ao questionamento da natureza como categoria excludente e da utilidade. Da mesma forma são base para entender que as propostas que se colocam a partir da sustentabilidade e do desenvolvimento sustentável, mais que questionar esses limites do planeta, procura meios de contorná-los. A consideração e evolução das propostas construídas pelas ideias de sustentabilidade e do desenvolvimento sustentável se deu sobre o mesmo pensamento antropocêntrico e excludente apontado anteriormente. Todavia também convergem na sustentabilidade e no discurso ecológico lutas importantes que divergem desse entendimento inicial. É em busca desses aliados como nos jardins que esse estudo se concentrou.

A sociedade contemporânea vive uma série de problemas diretamente ligados a seu modo de se relacionar com os outros seres. O momento atual que vivemos no Brasil é exemplar para explicitar essa situação que, se não tem nada de novo e já se desenhava no período colonial desde a derrubada da mata Atlântica, vem se intensificando com as possibilidades de catástrofes ambientais. As queimadas na Amazônia em 2019, o

derramamento de petróleo no nordeste em 2019, o avanço da cultura da soja sobre o cerrado, a flexibilização das leis ambientais exemplificada pela proposta de afrouxamento da legislação ambiental proposta pelo projeto de lei nº 3.729/2004 e a forma como a urbanização se desenvolve já apresentam consequências imediatas como a falta de água, as nuvens de fumaça em São Paulo, o surto viral de COVID-19.

Nos jardins a biointeração multiespecífica acontece fora da utilidade. Nas cidades, entretanto ela é abordada pelo planejamento urbano e se desenvolve como parte de uma cadeia produtiva, e é definida pelas relações de produção (e reprodução) vigentes. Portanto, a complexidade da destruição da Terra e da urbanização que a subjuga não pode estar afastada da produção capitalista onde não é a relação cotidiana que está em questão, mas sim os não-humanos transformados em bens naturais com possibilidade de ser mercadoria e meio de produção. Incorporar humanos e não-humanos ao círculo produtivo é a base para que o capital se expanda. Essa expansão contínua é tanto o fundamento de sua existência como aponta para seu esgotamento. O desenvolvimento técnico ainda não consegue sobrepor-se à questão de que só temos um planeta e sua vida é limitada.

O movimento ecológico pode ser entendido como produto da relação entre humanos e não-humanos, fundamentado como um movimento de caráter político que se posiciona frente a essa situação do planeta. O debate ecológico e o discurso sobre a sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável têm crescido a partir das décadas de 1960 e 1970, vislumbrando esses limites do planeta e as consequências da urbanização. Nessas décadas o enfoque era predominantemente preservacionista. A partir da década de 1980 foram enfocadas as relações entre crescimento econômico e preocupação ambiental e cunhados conceitos importantes como sustentabilidade e desenvolvimento sustentável (COSTA, 2008).

Em 1972 o relatório *"The Limits to Growth"* publicado pelo MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts) e elaborado pelo Clube de Roma⁶ previa, por simulação

⁶ O clube de Roma teve sua origem num encontro promovido pelo empresário italiano Aurelio Peccei, presidente honorário da Fiat, e o cientista escocês Alexander King. A ideia era discutir o futuro das condições humanas no planeta. Foram convidadas 20 personalidades da época para avaliar questões de ordem política, econômica e social com relação ao meio ambiente. Hoje o clube se tornou uma organização

computadorizada, que num planeta com recursos limitados crescimento infinito e exponencial é impossível. Esse relatório foi elaborado sob influência neomalthusiana⁷ e previa a catástrofe ambiental. A corrente neomalthusiana sublinha que a pressão demográfica força o aumento da demanda e, conseqüentemente, o ritmo das atividades industriais, causadoras de danos ambientais. A abordagem desconsiderava a faceta norte-sul do debate e impunha desafios grandes ao sul que precisava superar suas limitações históricas sem lançar mão dos recursos como fizeram o norte no processo de industrialização (COSTA, 2008), além de confiar no controle de natalidade para conter a degradação ambiental. Também em nenhuma instância questionou as imposições cosmo-fóbicas do processo colonial.

Os fóruns internacionais foram o espaço para discussão de teses ambientais. A Conferência de Estocolmo, Suécia, 1972, foi emblemática e visou “à preservação do ambiente natural e artificial, proteção do bem-estar humano, e do direito de desenvolver-se a partir da exploração dos recursos naturais disponíveis.” O enfoque da preocupação ambiental era claramente utilitarista e preocupado em atender as necessidades humanas e pode ser entendido como uma manifestação do humanismo clássico proveniente da doutrina moderna, liberal, racional e principalmente individualista e que em última instância está na causa dos problemas ambientais gerados pelo antropocentrismo.

O Relatório Brundtland ou “Nosso Futuro Comum” (1987), coordenado pela então primeira-ministra da Noruega, diagnosticava os problemas ambientais com foco nos padrões de produção e consumo e estava baseado também em padrões antropocêntricos. O documento reafirmou a forma de interação entre o ser humano e o ambiente baseada no desenvolvimento sustentável proposta em Estocolmo. Os pontos levantados aguçam os antagonismos existentes entre os países considerados desenvolvidos e subdesenvolvidos, o que se dá tanto pela crítica ao estágio de desenvolvimento social, técnico e científico, tanto pela real participação no processo de

não governamental cujos membros são acadêmicos, cientistas, políticos, empresários e membros da sociedade civil.

⁷ Malthus defendeu que crescimento populacional compromete os meios de subsistência e é gerador de miséria humana e mazelas sociais. Segundo Malthus as causas da pobreza e conseqüentemente das mazelas sociais não seriam contradições do capitalismo industrial, mas elementos negativos do crescimento geométrico da população agravado pelo crescimento aritmético dos alimentos. A proposição determinista sustenta que o homem não pode escapar de sua natureza.

depauperamento dos recursos naturais⁸. A tese central, grosso modo, defendia que as técnicas tradicionais desempenhadas principalmente por países em desenvolvimento promoviam grandes desmatamentos e proporcionavam contaminação da água e do solo demonstrando mais uma vez desconsideração do processo colonial e as bases cosmo-fóbicas de suas propostas e uma crença tecnicista.

A Organização das Nações Unidas, através desse relatório, publicado pela Comissão Mundial para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, definiu os conceitos de sustentabilidade e desenvolvimento sustentável. “Desenvolvimento sustentável é aquele que busca as necessidades presentes sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atender suas próprias necessidades.” (ONU, 2018). Esse conceito foi atualizado em 2002 na Cúpula Mundial⁹ para: “O desenvolvimento sustentável procura a melhoria da qualidade de vida de todos os habitantes do mundo sem aumentar o uso de recursos naturais além da capacidade da Terra” (ONU, 2018).

Os princípios do desenvolvimento sustentável estão também presentes implicitamente em várias outras conferências da ONU. Podemos citar: A Segunda Conferência da ONU sobre Assentamentos Humanos (Istambul, 1999); a Sessão Especial da Assembleia Geral sobre Pequenos Estados Insulares em Desenvolvimento (Nova York, 1999); a Cúpula do Milênio (Nova York, 2000) e seus Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (cujo sétimo objetivo procura “Garantir a sustentabilidade ambiental”) e a Reunião Mundial de 2005 (ONU, 2018) definiu também a Ecologia para a organização.

Ecologia “é a ciência que estuda as condições de existência dos seres vivos e as interações, de qualquer natureza, existentes entre esses seres vivos e seu meio” (ONU, 2018). Ecologia é a disciplina que estuda os processos e interações incluindo os aspectos econômicos, sociais, culturais e psicológicos peculiares ao homem, aos demais seres vivos além do meio físico químico.

Em 1989 são realizadas as primeiras conferências sobre o estado global do planeta e criado o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC, em inglês), que tem

⁸ O termo “recurso” natural reforça a divisão entre humanos e não-humanos e legitima a exploração desse último tornando-os sem possibilidade de agencia.

⁹ Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável foi um evento organizado pela Organização das Nações Unidas (ONU) para discutir sobre as questões ambientais. A Conferência aconteceu em Johannesburgo, na África do Sul, entre os dias 26 de agosto e 4 de setembro de 2002.

como um dos entendimentos o fim das esperanças do capitalismo de conquista ilimitada e dominação total sobre a natureza (LATOURE, 1994). Entretanto as respostas propostas a essas questões não abriam mão do crescimento econômico ininterrupto com norteador das soluções. São esses conceitos, que surgem nas conferências e que, na cidade moderna, abordam esse entendimento e a relação dos elementos humanos e não-humanos e direcionam a política urbana. Essas relações baseadas no desenvolvimento sustentável e mais recentemente na economia verde podem reforçar, ao invés de questionar, pois pressupõe a manutenção, a sobrevivência, e não a inviabilidade do capitalismo predatório.

O novo papel do estado emergiu na década de 90 com a incorporação da participação da sociedade como um dos elementos do desenvolvimento sustentável muito baseada na ideia de governança e de um estado mínimo neoliberal. Costa (2008) e Herzog (2013) apontam também uma nova ética do discurso onde formas mais solidárias de vida social aparecem. Mas novamente há uma dificuldade em enfrentar e combater assimetria de poder e a inexistência de solidariedade no capitalismo.¹⁰

Para Acselrad (1996, 2015) questionar o conceito de sustentabilidade à luz das desigualdades econômicas, sociais e culturais traz ao debate a importante questão de para quem é posta a sustentabilidade e como poderia ser construída uma sustentabilidade incluyente. Para o autor, a noção da sustentabilidade econômica coexiste com a sustentabilidade sociopolítica na qual o discurso de equidade, com ênfase nas relações internacionais, se funda. Mesmo que o discurso econômico tenha melhor se apropriado do termo, a noção de sustentabilidade está em disputa, abrindo-se uma luta simbólica entre diferentes práticas e formas sociais como portadoras da sustentabilidade. A partir do reconhecimento de que para uma definição de sustentabilidade é necessário reconhecer desigualdades econômicas, sociais e culturais propostas por Acselrad ao questionar a sustentabilidade para quem e em que sentido. A partir dos jardins é importante acrescentar e reconhecer também agentes não-humanos nessa disputa.

¹⁰ Os textos: “Meio ambiente e desenvolvimento: um convite à leitura” (COSTA, 2008); “Breve História Ecológica Urbana” (HERZOG, 2013) desenvolvem com aprofundamento a evolução do conceito de Ecologia, sustentabilidade e desenvolvimento sustentável. Esses textos baseiam algumas conclusões aqui apresentadas.

Sustentabilidade não pode ser entendida sem que todos participem dela já que falamos de Gaia a Terra viva onde tudo a todos afeta.

Segundo Costa (2008) o desenvolvimento sustentável é indissociável do desenvolvimento global da sociedade em contraste com o desenvolvimento econômico convencional. Entretanto ela aponta que para teóricos como Barbier, a pobreza ainda aparece como agravante das degradações ambientais para o desenvolvimento sustentável, fazendo “com que a análise se ressinta de uma ligação mais explícita com os condicionantes e limitações inerentes ao funcionamento do capitalismo, particularmente na periferia” (COSTA, 2008, p.84). Como avanço nessa abordagem de desenvolvimento sustentável a autora apresenta o pensamento de Sachs onde são necessárias para a sustentabilidade cinco dimensões: social, econômica, ecológica, espacial e cultural. É também apontada a justeza das estratégias como também há certa ingenuidade das mesmas na medida em que secundarizam condicionantes estruturais como desigualdade econômica, social e de poder político.

Desenvolvimento sustentável e sustentabilidade pelas definições oficiais da ONU são “expressões ligadas ao crescimento e equidade econômica, conservação de recursos naturais e do meio ambiente e desenvolvimento social.” (ONU, 2018). Embora apresentem convergência de dois campos separados o da economia associado ao desenvolvimento e da ecologia associado à preservação natural, as aproximações tem graus e predominâncias diversas. Sua definição ainda prescinde do entendimento das assimetrias econômicas mundiais e de sua repercussão no território e na aplicação de políticas efetivas que não criminalizem a pobreza como elemento predatório da natureza sem entender as razões históricas dessa situação. Outra questão que fica a margem desses temas é a existência de outras cosmologias e outras ontologias onde essas questões tem outros entendimentos. A agência de outros seres e seu papel relevante na vida da Terra também são completamente ignorados.

Com base na Modernidade, em seu modo de vida e no modelo de desenvolvimento majoritário e expansionista, desenvolvimento sustentável é ainda um conceito mais ligado à economia que à ecologia e tende a ser tanto definido quanto aplicado sob a ótica de uma racionalidade europeia ou do norte global. Conceitos derivados como capital

ecológico, capital natural, serviços ecológicos, recursos naturais reforçam essa conotação econômica dessa abordagem dos elementos não-humanos. Essa conotação está também muito longe das de amigos, companheiros e membros da família encontrados nos jardins.

Enquanto os ecologistas falam do uso racional dos recursos naturais e das condições de sobrevivência de todos os seres vivos, os economistas se preocupam com o preço e com o valor de troca das mercadorias. Essas são falas completamente excludentes, onde valor de uso e valor de troca necessariamente se opõem (PORTO-GONÇALVES 2006, p.112). Nesse sentido vale entender que expressões como desenvolvimento sustentável ou sustentabilidade carregam em si contradições que se originam justamente no entendimento do valor de uso e de troca. Por definição a mercadoria é produzida não para o uso de quem a faz, mas sim para a troca, para a produção de lucro. Esse fenômeno foi instituído pela sociedade burguesa e obviamente não é natural. Ele separa o trabalhador das condições naturais de produção. Numa sociedade onde a generalização das relações mercantis é a tônica, o ecológico fica subordinado ao econômico e o sustentável se afasta desse ecológico. (PORTO-GONÇALVES, 2006, p.113). A noção de tempo que está por trás desse processo é o tempo do capital e não a temporalidade dos ecossistemas. A partir da técnica, os tempos da natureza são substituídos pelos tempos da produção. Se nos jardins foi possível entender a importância de sua agência aqui ela é completamente desconsiderada. Sustentabilidade é, portanto, um conceito mais ligado à economia que à ecologia. Nesse sentido é essencial a perspectiva Decolonial que aponta o apagamento de outros mundos fora da lógica hegemônica europeia da ONU para quem esses conceitos tem outros significados ou são irrelevantes.

Uma tese muito difundida entre os ecologistas é a de que o homem está destruindo a natureza. Segundo Porto-Gonçalves (2016), essa afirmação mais confunde do que esclarece quem são os verdadeiros amigos e inimigos de uma prática socialmente justa e ecologicamente responsável. Na nossa sociedade, a maior parte da população não dispõe da terra e dos demais “recursos naturais e, portanto, não é diretamente responsável pelo uso que é dado a esses recursos”. No cultivo dos jardins o conhecimento e manejo da biodiversidade é praticado por pessoas comuns, muitos utilizando a memória e saberes tradicionais. De alguma forma o entendimento dos jardins relativiza a ideia difundida por alguns movimentos ecológicos de que essas comunidades humanas tem um efeito apenas

destrutivo sobre o meio ambiente, e que suas formas de vida são responsáveis pelo desaparecimento de outras espécies. A responsabilização individualista não se sustenta frente ao cotidiano dos jardins. Ela também traz para o cotidiano a convivência multiespecífica que se contrapõe ao utilitarismo e afastamento dos outros seres. É relevante entender que a individualização das questões mascara as grandes ações antropocêntricas devastadoras para a Terra e concentradoras de riquezas como a urbanização modernizadora.

Zizek (2017) chama atenção para a prontidão com que assumimos para nós indivíduos a responsabilidade, seja comprando orgânicos ou reciclando. Essa atitude “mostra claramente os limites deste ambientalismo predominante, estranha combinação de catastrofismo e de rotina, de culpa e indiferença.” As implicações dessa individualização são danosas, pois ao se ocupar com ações individuais “eu esqueço de me colocar questões muito mais pertinentes sobre a nossa civilização industrial como um todo.” Esse entendimento também abre campo para criação e consumo de toda uma gama de produtos sustentáveis que atendem nossa necessidade de consciência e que acabam por reforçar o problema que pretendem combater. Retoma-se aqui a dimensão técnica da sustentabilidade, uma abordagem equivocada uma vez que desloca para o campo técnico um problema político e para o campo individual uma questão coletiva.

Mesmo que racionalmente saibamos da eminência da possibilidade de catástrofe não cremos nela e a sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável colaboram para essa descrença. E longe de desacreditar o capitalismo, a ameaça ecológica corre o risco de talvez promovê-lo ainda mais ao impor sua agenda às contradições ecológicas. Isso se dá pela incorporação do discurso ecológico tanto ao desenvolvimento “sustentável”, quanto ao marketing de produtos e também pela normalização da possibilidade de catástrofe (ZIZEK, 2017).

“Os políticos e gestores que, ainda recentemente, excluía a ameaça de aquecimento global como um complô crypto-comunista ou, ao menos, como um prognóstico alarmista e infundado, nos asseguram que não há qualquer razão para pânico, considerando agora o aquecimento global como um fato estabelecido, como um elemento normal.” (ZIZEK, 2017)

É relevante para a discussão de desenvolvimento sustentável a crítica de Illich (1990) ao modelo de expansão do capitalismo e a criação de necessidades que são construídas para

manter o consumo constante, “mais difícil que sobreviver com as mudanças ambientais é o horror de viver com as necessidades habituais estabelecidas em quatro décadas de desenvolvimento.” (ILLICH, 1990). São nessas necessidades criadas que se justificam a espoliação constante e crescente e o envenenamento da Terra e são elas que transmutaram a natureza humana. Baseado em Illich é possível questionar a cultura do desperdício e do consumo que é modelo para o desenvolvimento ocidental e assume proporções hegemônicas assumidas na globalização. O conceito de desenvolvimento sustentável, principalmente o proposto no Relatório Brundtland, fundamenta-se no mito das necessidades (ILLICH, 1990). Apesar de uma retórica conservacionista, esse conceito corrobora a perspectiva desenvolvimentista do capital que entende a natureza como recurso a ser utilizado para satisfação das necessidades humanas, muitas vezes por produtos sustentáveis. Essas necessidades são colocadas principalmente sob o ponto de vista ocidental.

Se não há mais alternativas ao crescimento global ininterrupto, numa tentativa de resolução paliativa desse esgotamento surgiram conceitos como desenvolvimento sustentável como apresentado acima. Todavia tal adjetivação não altera o conceito principal de crescimento constante e ininterrupto, além de ter o êxito de destruir alternativas realmente viáveis (SANTOS, 2007). Desenvolvimento sustentável traz, portanto, uma contradição intrínseca já apontada anteriormente: com a população mundial crescendo, crescer economicamente para sempre de modo a não impactar os processos naturais é uma ilusão. Desenvolvimento sustentável também ignora assimetrias do desenvolvimento econômico e a existência de outros modos de vida não hegemônicos bem como o cotidiano que se desenvolve nas cidades como no exemplo dos jardins. Finalmente verifica-se que é essencialmente antropocêntrico, uma vez que ignora as necessidades dos demais participantes da comunidade da vida.

O Movimento Ecológico, em paralelo às conferências oficiais e as suas propostas, surge como forma de dar respostas aos limites do planeta, entretanto tem suas raízes criadas anteriormente em 1960. É relevante destacar que surge criticando não exclusivamente o modo de produção, mas também o modo de vida. O cotidiano é central nesse questionamento. E mesmo que cotidiano e História não se excluam, há um deslocamento na ênfase: o movimento operário marxista defendia a missão histórica do proletariado e

os movimentos ecológicos que emergem nessa época partem para situações concretas de vida. “É como se observássemos um deslocamento do plano temporal (História, futuro) para o espacial (o quadro de vida, o aqui e o agora)” (PORTO-GONÇALVES, 2006, p12). É a partir dessa colocação que os jardins se apresentam como lente de análise e é possível levantar aproximações com questionamentos propostos pela pesquisa dos jardins e os movimentos ecológicos analisados.

Gorz (2010), influenciado por Illich, propõe uma “Reestruturação Ecológica” originada numa mudança radical nas organizações do trabalho e da produção para diminuir radicalmente a dependência dos indivíduos em relação ao trabalho como forma de satisfazer suas necessidades materiais. A solução apontada pelo autor está na Ecologia Política, que se constitui por uma reestruturação ecológica que incorpore tanto a redução do tempo de trabalho, quanto à mudança na relação dos indivíduos com o meio em que estão passando pelo fim de uma cultura do desperdício e implicando em decrescimento produtivo aproximando-se do movimento “Degrowth”¹¹. Assim, essas reorganizações do trabalho e da produção teriam como fundamento o respeito aos outros seres, conciliando reorganização da sociedade com o imperativo ecológico.

A ecologia política é uma corrente de pensamento que reúne estudiosos numa abordagem que propõe consideração de influências políticas sobre as interações entre os humanos e não-humanos e sobre a mudança ambiental. As contribuições conceituais e teóricas da ecologia política concentram-se principalmente na consideração do meio ambiente não como uma entidade única ou como a somatória de elementos bióticos e abióticos “mas como um campo de conflitos entre significados diferenciados e formas desiguais de acesso e apropriação da natureza pelos diversos grupos sociais.” Essa abordagem tem o relevante papel de reintroduzir a análise política na ecologia e ao retomar os debates sobre as relações de poder entre os diferentes atores e grupos sociais. Como contribuição da pesquisa seria importante reconhecer como atores todos os seres aproximando-se da ecologia cosmopolítica proposta por Stengers.

¹¹ O movimento *degrowth* ou decrescimento tem como principal meta o abandono do objetivo do crescimento ilimitado e expansão contínua do modelo capitalista exponenciado pelo neoliberalismo devido suas consequências desastrosas para o meio ambiente e, portanto, para a humanidade. Sua meta é uma sociedade em que se viverá melhor trabalhando e consumindo menos. É uma ideia que ganha força principalmente na França, Espanha e Itália (LATOUCHE, 2006).

O movimento *degrowth*¹² passa pela crítica ecológica à crítica do sistema de necessidades, da entropia à crítica da economia política, da crítica democrática à crítica culturalista, e pelas crises de sentidos por que passam as sociedades pós-industriais. Essa pluralidade é organizada para evidenciar que a formulação geral do decrescimento - "consumir menos para viver melhor" - não é uma aparente banalidade, mas, ao contrário, "é o próprio coração do modo de vida mercantil-industrial que está sendo tocado e que chama para uma revolução em um sentido muito diferente àquele do projeto socialista do século XX" (BAYON; FLIPO; SCHNEIDER, 2011 p. 60). Os objetivos do decrescimento fazem uma crítica à economia mercantil, à industrialização, à modernização e à mundialização. Como forma de rompimento com a universalização do conceito de desenvolvimento do neoliberalismo atual propõe romper "com a dependência econômica e cultural com relação ao Norte. Retomar o fio de uma história interrompida pela colonização, o desenvolvimento e a mundialização. Reencontrar e reapropriar-se de uma identidade cultural própria" (BAYON; FLIPO; SCHNEIDER, 2011, p. 195).

O movimento de decrescimento não entende sua aplicação como abrangente para todos os lugares e vislumbra que os recursos naturais utilizados pelos ricos hoje não estarão disponíveis para os pobres dados os limites ambientais do planeta. De alguma forma entendem as assimetrias do desenvolvimento e suas implicações. Mas ao assumir a existência de limites para o uso de diversos recursos naturais e entender que os níveis atuais de consumo dos países ricos não são possíveis para todos, a ideia fica exposta, de imediato, à acusação de que é neomalthusiana. A essa crítica, a proposta de decrescimento responde com ampliação do empoderamento feminino, educação universal e planejamento familiar e os resultados advindos dessa prática para o controle principalmente do consumo e menos da população. Por outro lado é ainda uma proposta antropocentrada e considera os outros como recurso.

As implicações do decrescimento para os países periféricos são menos abordadas na literatura internacional se comparados aos conteúdos dedicados ao contexto dos países centrais. Isso se deve ao desenvolvimento do debate em países com alto consumo. Entretanto isso reforça a desconsideração do Sul como fortemente implicado, "seja por

¹² Decrescimento em português.

arcar desproporcionalmente com os passivos ambientais desse sistema econômico, ou pelo seu papel fundamental como fonte de trabalho e *commodities* desde a estruturação do capitalismo moderno.” Um avanço apontado é o reconhecimento de que “as responsabilidades pelos impactos ambientais estão relacionadas à escala de uso de recursos das populações, portanto atribuindo responsabilidade ao Norte pelos problemas ambientais.” (SILVA, DIAS, 2017). Tal reconhecimento se contrapõe a concepção de que a pobreza é o principal fator de impacto ambiental global.

No decrescimento o Norte Global faz uma abertura de espaço conceitual para a emergência de paradigmas autônomos no Sul, o que se refere essencialmente ao decrescimento enquanto liberação do imaginário do crescimento (BENASAYAG; REY, 2012) Seria preciso o recuo da ideologia do desenvolvimento para “abrir espaço conceitual que permita a sobrevivência e o resgate de culturas originárias, assim como a emergência de novas visões de mundo que partam das realidades experienciadas nos países do Sul.” (D’ALISA; KALLIS; DEMARIA, 2015, p.5). Partindo dessa perspectiva, a visão do decrescimento para o Sul não é a necessidade apenas do decrescimento do “consumo de recursos materiais e energéticos”, mas de uma reorientação dos objetivos socioeconômicos no sentido oposto aos impostos pela modernização. Nesse sentido abre espaço também à crítica cosmo-fóbica (BISPO DOS SANTOS, 2015) que cabe também a algumas correntes do movimento ecológico.

Nesse ponto é relevante a crítica decolonial às considerações da natureza e suas implicações nos movimentos ecológicos latino-americanos. O decrescimento e o decolonialismo dialogam enquanto crítica ao desenvolvimento sustentável e à economia verde¹³. São apontados como alternativas aliadas do decrescimento: o Ubuntu da África do Sul, a Economia da Permanência, da Índia, e o Bem Viver latino-americano (D’ALISA; KALLIS; DEMARIA, 2015). Apesar disso a questão central da crítica decolonial da assimetria do poder é pouco explorada pelo decrescimento e pelos autores europeus.

¹³ O termo economia verde surgiu na primeira década do século 21 e vem sendo adotado por órgãos da ONU ligados ao meio ambiente e pelo Banco Mundial diante do desgaste e do esvaziamento de sentido do termo desenvolvimento sustentável. Embora não haja até o momento uma definição canônica “a economia verde não se trata mais do que fazer, mas de como fazer.” (MORENO, 2016).

A crítica pós-estruturalista decolonial à modernidade, ligada à ecologia política desenvolvida por Escobar (2005, 2016, 2017) coloca o discurso do desenvolvimento sustentável, que cresceu após a segunda guerra, como uma imposição generalista da racionalidade europeia. Ao definir os valores como referencia no mundo desenvolvido criou como contraponto os não desenvolvidos e reforçou a assimetria do poder. Ao analisar o desenvolvimento sustentável o autor ressalta que está em questão principalmente a sobrevivência do ecossistema global e não a sustentabilidade de culturas e realidades locais. Escobar também critica a responsabilização dos pobres pelas suas ações “sem consciência ambiental.” Como forma estratégica de ação o autor pondera que as ações são mais atentas às consequências da degradação ambiental sobre a expansão do capitalismo que ao contrário como se parece.

Um ponto importante para Escobar é a morte simbólica do conceito de natureza como lócus relacional promovido pela Modernidade e abordado anteriormente. A essa morte ele contrapõe o conhecimento dos povos originários, os conhecimentos dos povos em movimento, dos povos da Terra, das comunidades em resistência e de muitos movimentos sociais que “estão na dianteira do pensamento para as transições e ganham uma relevância incomum para a reconstrução de mundos diante das graves crises ecológicas e sociais que enfrentamos” (ESCOBAR, 2017). Nesse sentido, o autor define o pensamento crítico latino-americano como a trama de três grandes correntes: o pensamento de esquerdas, o pensamento autonômico¹⁴ e o pensamento da Terra.

Os pensamentos da Terra são ontologias ou mundos relacionais. Eles se baseiam na noção de que “todo ser vivo é uma expressão da força criadora da terra, de sua auto-organização e constante emergência” (IDEM) aproximando-se da noção de Gaia a Terra viva. Esse pensamento, segundo o autor, confronta os estudos ambientais na medida em que mantem o aterramento, uma forte referência do lugar.

“Verdadeiros movimentos de apego ecológico e cultural a lugares e territórios– mas que também confrontam a crescente compreensão de que qualquer saída alternativa deve levar em consideração os modelos da natureza baseados no lugar, assim como as práticas e racionalidades culturais, ecológicas e econômicas que as acompanham” (ESCOBAR, 2005).

¹⁴Os pensamentos de esquerda e autonômicos também foram desenvolvidos pelo autor nos textos citados e em todo seu trabalho, mas pela relevância para o tema irei me dedicar apenas ao pensamento da Terra.

É, portanto no lugar onde as entidades sicionaturais habitam e se formam historicamente. O lugar tem a capacidade de coordenar as “relações entre os domínios biofísicos e humanos e de esclarecer configurações particulares”. A luta pelo território transforma-se em luta pela autonomia e autodeterminação (ESCOBAR, 2008) em última análise uma luta por todos os seres.

O autor embora não questione a validade do termo natureza devido a sua significação moderna, critica seu significado e sua abrangência. Ele contrapõe à natureza moderna os modelos locais de natureza que são construídos “de formas impressionantemente diferentes das formas modernas dominantes: eles designam e, portanto se relacionam com os ambientes naturais de maneiras muito particulares.” O termo é considerado sob o entendimento de que não existe uma visão unificada acerca do que caracteriza precisamente os modelos locais da natureza. Ele destaca que a noção mais importante é que eles não dependem da dicotomia moderna natureza/sociedade e da estrita separação entre o mundo biofísico, o humano e o supranatural. Mesmo assim o autor aponta também os seguintes pontos em comum:

“um interesse pelas questões epistemológicas, que inclui a natureza dos dispositivos cognitivos que se encontram em jogo nos modelos culturais do mundo natural e a comensurabilidade ou não dos distintos modelos; os mecanismos gerais através dos quais a natureza é apreendida e construída, em especial a existência ou ausência de esquemas gerais para a construção da natureza, sejam universais ou não; e a natureza do conhecimento local, incluindo se este conhecimento está plasmado e desenvolvido através da prática ou se é explícito e desenvolvido através de algum tipo de processo do pensamento.” (ESCOBAR, 2005).

Ao Pensamento da Terra, torna-se essencial “agir no domínio hegemônico da academia, onde a ideia de natureza como algo fora dos seres humanos foi consolidada e persiste. Descolonizar o conhecimento consiste exatamente nesse tipo de pesquisa” (MIGNOLO, 2017).

Aqui cabe a crítica já apresentada, desenvolvida por Viveiros de Castro (2017), ao termo modelo que de alguma forma reproduz o domínio que quer criticar e sua substituição, na pesquisa, pelo termo exemplo. Todavia a importância da crítica decolonial e do pensamento da Terra no sentido de alargar o círculo dos participantes dos mundos relacionais e de criticar a ideia de natureza excludente moderna com a inserção de outras

ontologias no debate é essencial e se aproxima dos mundos dos jardins, locais onde esses mundos relacionais multiespecíficos sobrevivem.

Um dos desdobramentos mais relevantes, e que será entendido como exemplar para os projetos urbanos é o entendimento de *Pacha Mama*¹⁵ como sujeito de direitos um desdobramento da crítica decolonial. No campo do direito, com repercussões no campo urbanístico é exemplar citar o caso da constituição do Equador, que reconheceu *Pacha Mama* como esse sujeito dotado de direitos¹⁶, estendendo a abrangência da constituição a entes não-humanos que ganham personalidade jurídica. Embora críticas apontem para a dificuldade de aplicação e para a ausência de precisão técnica para conceituar o que se entende por esse sujeito, há avanços reais na superação da objetificação dos não-humanos e a Terra passa a ser reconhecida como sujeito e não mais como objeto de utilização exclusivo do ser humano, principalmente no contexto de degradação ambiental operado pelo sistema capitalista para o qual essa objetificação e consequente transformação em meio de produção é relevante.

Nos jardins pesquisados a maioria dos jardineiros são mulheres. O envolvimento feminino no cuidado com outros seres traz para o debate a relevância do ecofeminismo nas lutas ecológicas. O termo ecofeminismo foi criado nos anos 70 pela feminista francesa Françoise d'Eaubonne¹⁷ para explicar como a luta pelos direitos das mulheres está relacionada com as reivindicações dos movimentos ambientais por um mundo mais sustentável. O argumento central relacionava a superpopulação do planeta a uma ameaça ao meio ambiente com as bases neomaltusianas e o colocava como fruto da insistência do patriarcado em controlar os corpos das mulheres.

As contribuições ecofeministas do início da década de 90 e na ECO-92 “foram muito mal recebidas e fortemente criticadas desde a perspectiva dos feminismos de viés culturalista, seja na corrente de cunho liberal, socialista ou radical, como eram chamadas algumas das

¹⁵ *Pacha Mama* na cosmovisão andina de origem Inca é a divindade máxima, mãe Terra que está presente provendo vida, sustento e harmonia, representando o sentido da vida. Outra acepção de origem *quéchua* refere-se à maternidade *Mama* e ao tempo, ao espaço, ao sagrado *Pacha*.

¹⁶ O artigo 71 da Constituição do Equador afirma que: “*Pacha Mama*, onde se reproduz e se realiza a vida, tem direito a que se respeite integralmente sua existência e a manutenção e regeneração de seus ciclos vitais, estrutura, funções e processos evolutivos”.

¹⁷ O termo ecofeminismo teria sido utilizado pela primeira vez em 1974, por Françoise d'Eaubonne, que, em 1978, fundou, na França, o movimento Ecologia e Feminismo. A relação entre ciência, mulher e natureza estaria entre as primeiras preocupações do movimento ecofeminista (FLORES, 2015).

principais tendências feministas do movimento” (FLORES, 2015). Todavia traziam uma perspectiva de valorização do papel das mulheres em relação ao cuidado da terra, das águas, das sementes, da biodiversidade, da economia, do cuidado e da vida em geral, consolidando a correlação do feminismo com a ecologia no âmbito dos movimentos ecológicos.

A luta ambiental no novo milênio “tem sido especialmente assumida e visibilizada pelas mulheres” (FLORES, 2015) com o objetivo de enfatizar os impactos que o modelo de desenvolvimento provoca sobre a vida cotidiana da população. O destaque do papel feminino na luta ecológica propõe uma perspectiva que reconheça que a vida na sociedade de humanos é também multiespecífica e deveria se fundamentar na cooperação, entre amigos como nos jardins, e valorização do papel feminino do cuidado e de detentora do conhecimento do mundo das plantas e animais historicamente condenado como bruxaria. Se ambos, mulheres e não-humanos, encontram-se no polo passivo das relações antropocêntricas da modernidade (FLORES, 2015), sua aproximação abre perspectivas para além do produtivismo e do domínio humano representado pelo patriarcado. Para Shiva (2020) o ecofeminismo é “uma cosmovisão que reconhece que os seres humanos são parte da natureza, não uma entidade separada dela” questionando a separação ontológica da natureza moderna excludente. Pela noção de interconexão através da vida, “a natureza e as mulheres são seres vivos e autônomos, não objetos inertes passivos, explorados e violados pelo poder masculino.” O Ecofeminismo seria, portanto uma cosmovisão onde todos os viventes têm agência. Assim um entendimento do papel do feminismo e dos outros seres nesse processo é essencial e foi sinalizado nos jardins. O movimento ecológico ecofeminista e o questionamento do desenvolvimento sustentável e da sustentabilidade por ele empreendido apresentam-se como uma necessidade surgida da prática de resistência das mulheres e da r-existência de mundos do cuidado a “um modelo de desenvolvimento insustentável” (SHIVA, 2020) que está impactando cada dia mais fortemente as próprias bases da sobrevivência, significação, religiosidade e trazendo do mundo dos jardins a amizade e o prazer.

O próprio movimento ecológico apresenta por vezes caráter antagônico de suas vertentes. Ao situar Ecocentrismo, Antropocentrismo e Biocentrismo nos movimentos ecológicos brasileiros pode-se evidenciar esse caráter no emprego das orientações

discursivas que embasam a atuação de cada um deles. O Ecocentrismo ou Holismo recupera a visão dos filósofos pré-socráticos, afirmando que o ser da natureza antecede às contingências, ou seja, está atrás de nós além da visão espiritual onde as pessoas estão dentro da natureza em comunhão. No Antropocentrismo a posição central a ser ocupada na discussão ambiental é do homem/tecnologia e no Biocentrismo é dos demais seres vivos. Essas visões distintas proporcionam atuações e reivindicações por vezes díspares e concorrentes na medida em que quem ocupa a posição central domina os objetivos e as formas de ação dos movimentos ecológicos. Nas resoluções de situações conflitantes quem é o objetivo final - homem, seres vivos ou ambos em conjunto com o meio físico – definem as posturas (LOURENÇO, 2019).

A posição ambientalista tradicional, clássica sustenta uma posição conservacionista limitada à “considerabilidade moral à própria humanidade” e, nesse sentido ela afirma “axiologicamente uma posição humanocentrada/antropocêntrica.” Não é preciso muito para perceber que “os critérios fundantes de uma cosmovisão antropocentrada são excessivamente restritivos, e ignoram a dimensão da vulnerabilidade presente no mundo natural” sem que uma real perspectiva de alteração desse caminho esteja evidente (LOURENÇO, 2019, p. 410). Dois projetos éticos alternativos a essa visão tradicional são o biocentrismo e sua preocupação com a proteção da vida e o ecocentrismo e sua valorização dos conjuntos naturais dos quais as considerações sobre os jardins, bem como os apontamentos da pesquisa se aproximam.

Na discussão ecológica, um tema relevante também a ser levantado e que é discutido sem muito aprofundamento nas correntes do ecocentrismo é a perda da dimensão do sagrado associado à Terra. A recuperação da reverência ao mundo natural é uma condição necessária para ecologia. Segundo Pádua ecologia e espiritualidade estão imbricadas uma vez que a Terra e suas relações multiespecíficas podem ser vivenciadas e entendidas através da espiritualidade e podem aproximar. Para que a sustentabilidade seja um conceito capaz de mobilizar uma mudança de costumes e do consumo a ecologia precisaria “radicar-se num Ser superior aos homens, um Ser que se identifique com essa ordem cósmica, seja qual for o nome que se lhe dê” (PADUA, 1992, p. 60). Essa sacralidade também traz a agência da Terra.

Como conclusão sobre a sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável retomo Costa para identificar que “se o desenvolvimento sustentável representa um discurso de reprodução e manutenção do capitalismo em nível global, é também em torno dele que vários movimentos socioambientais vêm se articulando” (COSTA, 2008, p. 97). Portanto mesmo que seu entendimento seja contraditório e reforce a expansão contra a Terra, sua formulação converge também formas potentes dos movimentos que precisamos atentar para entender as reais possibilidades ecológicas. Precisamos também incluir as existências não hegemônicas que permanecem no território significando uma resistência cuja existência tem potencial norteador para os movimentos ecológicos e para a construção de uma memória espacial. Nesse sentido os jardins são relevantes para as cidades.

O crescimento do pensamento ambiental surge do questionamento ao projeto de modernidade e do capitalismo e questiona também a organização social a ele associada tendo a urbanização contemporânea como uma forma visível. Os caminhos do pensamento ambiental e da ecologia tem sua evolução da sustentabilidade e do desenvolvimento sustentável à ecologia política, com a potencial catalisação de processos de emancipação social (COSTA, 2008) além de questionar o projeto de modernidade de expansão contínua. Acrescento aqui a evolução rumo ao decrescimento, ao decolonialismo, ao contracolonialismo, ao ecofeminismo, e convergindo para os pensamentos da Terra, para Gaia a Terra viva numa ecologia cosmopolítica. Num outro sentido, oposto ao primeiro, também está presente a economia verde em torno da qual está se reorganizando o discurso hegemônico, principalmente depois da crise de 2018 numa “nova forma de acumulação primitiva” (MORENO, 2019, p. 257) que não pretende mudar o rumo das questões ecológicas ou do desenvolvimento questionados acima.

Para se efetivar realmente é preciso assumir que para ecologia, aqui com especial atenção e consequências mais devastadoras na América Latina e no Brasil,

também está implícita o conceito de crise civilizatória, sempre e quando se assume que a crise atual é causada por um modelo particular de mundo (uma ontologia), a civilização moderna da separação e da desconexão, onde humanos e não-humanos, mente e corpo, indivíduo e comunidade, razão e emoção, etc são vistas como entidades separadas e auto constituídas (ESCOBAR, 2017).

E é o entendimento dessa crise que nos coloca “que a ecologia não soube produzir uma mobilização social à altura dos desafios” e que coube a ela apenas “desacelerar o curso da história” por não se associarem ecologia e socialismo e por “acreditarem que era preciso escolher entre questões sociais ou questões ecológicas” (LATOURE, 2020a). Que mudemos de rumo, junto com os Povos da Terra latino-americanos e de Gaia, a Terra viva. E, nas cidades, que possamos visibilizar a “biosociotopo” diversidade de possíveis territorializados, coletivos multiespécies como os jardins que apontam horizontes e perspectivas exemplares frente a esses desafios.

5. A PARTIR DOS JARDINS POSSÍVEIS

De humanos a não-humanos, separados ontologicamente pela ideia moderna de natureza¹, à amigos. Esse foi o possível que os jardins trouxeram para se pensar os espaços, os territórios, a cidade.

O grande paradoxo dos Modernos apontado por Latour (2004) em Políticas da Natureza, como discutido anteriormente, é ter proporcionado para a distinção absoluta entre Ciência² e Política a tarefa de manter atores, fatos e valores o mais separadamente possível bem como os humanos e os não-humanos. Essa separação existe na ação, no discurso, mas principalmente para a tese está presente nas redes de relações que acontecem na cidade e que direcionam seu planejamento e projetos.

A negação presente no sufixo não do não-humanos se cria pela negação do outro para se afirmar e tem conotação antropocêntrica, pois sinaliza o humano como modelo, como o centro. Tal negação reafirma o não pertencimento ao mesmo grupo, o afastamento. Viveiros de Castro utiliza, dialogando com Latour, extra-humanos e extra modernos, o que, segundo o autor, não daria uma conotação negativa e antropocêntrica como se o humano e o moderno fossem o modelo, mas sim de categorias que estão fora. Nos jardins esses atores são nomeados nas entrevistas como amigos, família, companheiros e constrói-se assim essa outra forma de entender esses agentes como amigos onde cabem seres que se relacionam nesse território de convergências.

Também é importante se atentar que nem mesmo a categoria dos humanos é unificadora. Com a “irrupção de Gaia” (LATOURE, 2020) no Antropoceno, findam simultaneamente a paz e a unidade oferecidas pela Natureza dos modernos como discutido no capítulo anterior, bem como a própria concepção de “espécie humana” como um povo unificado, pois é de se esperar que outras ontologias e outras formas de

¹ A construção dessa separação proporcionada pela ideia de natureza moderna foi levantada no capítulo anterior.

² Uma das preocupações principais de Latour (1994, 2000) é distinguir entre “as ciências” no plural, a prática dos cientistas, e “a Ciência” no singular, recurso moderno de “naturalização” da natureza.

compreender as relações multiespecíficas ganhem espaço, pois permanecem vivas no imaginário e no cotidiano de muitos. Os jardins são territórios onde foi possível encontrar as permanências dessas formas de relacionar-se. “Não há conflito entre ciência e política, mas há conflito entre duas epistemologias políticas radicalmente opostas, cada uma com sua própria definição do que vêm a ser ciência e política, e de como ambas poderiam colaborar uma com a outra.” A guerra é uma guerra de mundos pela ocupação, composição e definição desse mundo “uma guerra que coloca uns contra os outros – para ser um pouco dramático, Humanos que vivem no Holoceno e os Terranos que vivem no Antropoceno (LATOURE, 2014, p.23).” Os Terranos possuem uma visão distinta dos humanos modernos quanto à distribuição de agência no mundo, que não se restringe somente ao domínio das coisas humanas. Nesse sentido são os terranos que estão presentes nos jardins. Para os terranos os entes não-humanos, tanto orgânicos quanto inorgânicos, são capazes de agir e modificar seu entorno, e por isso a dicotomia entre sujeito, o agente humano, e objeto, o receptor não-humano da ação humana, não tem sentido (LATOURE, 2014, 2020).

Nessa disputa, que traz a ecologia e as crises ecológicas como forma evidente, é central entender o território como algo sem o qual não podemos viver e é nele que podemos identificar aliados e inimigos como foi feito nos jardins. “Descobrem-se amigos e inimigos totalmente diferentes, assim como fazemos todos nós. Não há mais fronteira modernizadora. Em vez disso, há tantas novas linhas de conflitos que uma Gaia-política totalmente diferente passa agora a redesenhar todos os mapas” (LATOURE, 2014, p.25). E seria preciso “declarar guerra para que se possa pensar a paz, entendida como a construção, por meio de um trabalho de diplomacia, de um mundo em comum no qual diversas ontologias e cosmologias possam conviver” (LATOURE, 2014, p.27).

Se formos mais que seres de espécies distintivas e podemos, como nos jardins, ser amigo, ser família, entendimento que é construído pelo amor (MATURANA, 2002), é preciso, pois uma cosmopolítica³ onde o planejamento e os projetos dos espaços urbanos precisam ser pensados também para esses cosmos se quisermos realmente nos comprometer com a Terra e com os “Povos da Terra” (MIGNOLO, 2004; ESCOBAR, 2017). Se o jardim é a

³ O termo Cosmopolítica é usado no sentido dado por Stengers e Latour desenvolvido na introdução.

“casa” onde moram todos esses seres não faz sentido que só alguns, os humanos, sejam contemplados. E no final, nem mesmo todos os humanos são contemplados. As cidades são pensadas para serem produtivas e qualquer ação fora da produção se torna um possível rápida e facilmente invisibilizado.

O projeto urbano moderno é de uma cidade estandardizada e fácil de ser vendida e onde o discurso sustentável sustenta não a Terra viva e todos os seus seres, mas essa visão moderna de mundo de expansão econômica contínua que se desdobra numa expansão territorial das funções produtivas sobre todos os outros territórios como discutido no capítulo anterior. Os jardins desse mundo⁴ não podiam ser senão jardins controlados e presos em aquários de vidro. “Ver e não tocar.”⁵ Onde a visão é o sentido dominante e os jardins são paisagens para serem apenas vistas e não vividas.

Também são esses jardins padronizados comercialmente que ajudam a conformar uma “*urban jangle*”, assim mesmo em inglês, língua universal do mercado imobiliário, que cria desejos e mercadorias enquanto coloniza a linguagem da cidade “verde, global e conectada” (MONGIN, 2013). A nova sensação da decoração e paisagismo, o estilo *urban jangle* “busca estabelecer conexão com o ‘verde’⁶. Além de ter plantas o estilo se traduz nos materiais, móveis obras de arte e até papeis de parede.”⁷ Traduzida, a expressão significa floresta urbana que, se poderia ter significação potente de transformação e retomada pelos pensamentos da floresta que guardam relação com os povos originários brasileiros e uma cultura memorial, é despida dessa potência ao ser chamada de *urban jungle* e abandonar seus significados para essa cultura e se transformar em imagem comercial. Imagens essas de um mundo “verde” sempre renovadas, mercadoria preciosa para a “economia verde” que surge para substituir o já desgastado conceito de

⁴ As ideias de jardim foram apresentadas na introdução.

⁵ “Ver e não tocar: Com os gradis envidraçados, a vida interior dos edifícios tornam-se telas onde quem está do outro lado limita-se como num aquário. Elas são as novas vitrines de um *lifestyle* oferecido nas propagandas do mercado imobiliário. Uma cegueira do relacionar-se num comercial de uma vida inexistente. Assim só resta ver e nunca poder tocar.” Este é um dos padrões mapeados em Belo Horizonte pelo projeto “Default Urbano” (CANUTO, BRAGANÇA, 2013) apresentado na X Bienal de Arquitetura de São Paulo.

⁶ O “verde” como um bem moral (ANGELO, 2020) foi discutido na Introdução.

⁷ Texto explicativo do estilo *Urban Jungle*, retirado da revista Casa e Jardim, edição de janeiro de 2021, da editora Globo. Disponível em: <https://revistacasaejardim.globo.com/Casa-e-Jardim/Decoracao/noticia/2021/01/24-ambientes-que-exalam-um-verdadeiro-urban-jungle.html>. Acesso: abril de 2021.

sustentabilidade no papel de sustentar uma vida predatória e extrativista com um verniz ambiental com colocado no capítulo anterior.

Todavia a pesquisa pôde fazer ver outros mundos, outros territórios, outros jardins possíveis, jardins microcosmos do infinito (MONGIN, 2013) esses como um microcosmo da Terra viva, ontologia de mundos relacionais⁸. À luz desses jardins foi possível iluminar diferentemente o regime de visibilidade da arquitetura e do urbanismo e ver essas famílias multiespecíficas que se preservam pelo cuidado, amor e amizade, onde as disputas não são primordialmente econômicas, coletivos multiespécies territorializados que sobrevivem nas bordas do capitalismo e do seu planejamento e ocupam um pouco mais de 50% do território estudado. Todavia nossa forma de construir espaços interconectados apenas ao humanismo antropocêntrico ou ao mercado em expansão não é suficiente para esses mundos. É preciso, num ato de resistência, levantar esses possíveis cosmopolíticos da arquitetura e do urbanismo baseados em alianças afetivas e confluências, imanência das possibilidades presentes nos jardins para Cidades Jardins Possíveis. Reativar aquilo de que fomos separados no planejamento e na invisibilização, mas que sobrevive no cotidiano e na memória dos jardins.

Como conclusão gostaria de propor, numa roda contínua da vida, novas hipóteses para alargar os horizontes, mesmo que os utópicos, de como podemos pensar a cidade como um lugar para esses aliados, amigos de todos os tipos, e também para aqueles com os quais disputamos, mas onde essas disputas acontecem sem que haja um vencedor a princípio. Onde todos tem agência reconhecida. Cidades para todos, Cidades jardins possíveis, e não apenas “Cidades para Pessoas”⁹. É como uma conclusão provocação e

⁸ Os mundos dos jardins foram descortinados nos capítulos dois e três.

⁹Em seu livro “Cidade para Pessoas” muito referenciado no campo do urbanismo e desenho urbano, Jean Gehl urbanista Dinamarquês, apresenta o que seria importante para essa cidade. Seu argumento é que ter uma estratégia de planejamento urbano voltada para as pessoas é uma maneira eficiente de criar qualidade de vida nas cidades. A partir de uma análise de cidades que são exemplos de bom desenho urbano propõe transformar ruas de tráfego de veículos em lugares para pedestres. Ele aborda as questões que considera fundamentais: a escala humana dos espaços, a mobilidade, a vitalidade, a sustentabilidade, a segurança, os espaços públicos, a cidade ao nível dos olhos. As propostas apresentam um avanço no sentido de pensar cidades para além do automóvel e do produtivismo que a circulação alçada à função urbana prioritária alcançou devido a sua importância para a expansão do capitalismo e para as cidades modernas. A circulação como função urbana prioritária e suas repercussões nas cidades foram discutidas em minha dissertação de mestrado (BRAGANÇA, 2005). A questão central era: “o que pode ser feito para que as intervenções urbanas, como as de circulação, melhorem os locais em que elas se instalam, em vez de torná-los piores, e para que o planejamento seja uma ferramenta de inclusão mesmo sabendo-se que nenhum projeto ou

convocação aos arquitetos e urbanistas para fazer do espaço a possibilidade concreta de extensão da subjetividade e das formas de alteridade aos outros seres, orgânicos e inorgânicos, que não os humanos como visto nos jardins. Como um “Direito à cidade” também para os não-humanos afirmando territorialmente uma posição nessa disputa. Seremos capazes de alargar o círculo político e considerar a todos sujeitos e não mais objetos? Essa é a grande provocação que os jardins mostraram. Os jardins possíveis tornados visíveis pela pesquisa não seriam, teriam a potência para outra Cidade jardim possível? Como proposta de base foram buscados possíveis caminhos para pensar o que significa resistir enquanto arquitetos e urbanistas diante da chamada crise ecológica que vivemos e quais são os reais aliados nessa busca. Daí, partindo do entendimento da cosmologia dos jardins e do termo cosmopolítica¹⁰ como proposto por Stengers e Latour, gostaria de começar a abrir a possibilidade cosmopolítica dos jardins como ferramentas de entender e de propor Cidades.

Como experiência investigativa e apontamento metodológico será apresentada a disciplina: PRJ087 PROJETO DE ARQUITETURA - Como pensar a Natureza¹¹ e a Cidade (CADERNO DE IMAGENS 8). Esse é um exemplo investigativo, proposto a partir do que a pesquisa dos jardins abriu. Espero que a provocação traga muitos outros possíveis, de como poderíamos inverter algumas lógicas trazendo os amigos para serem sujeitos e não apenas objetos de propostas. Desenvolvida no segundo semestre de 2018 na escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, a disciplina foi pensada e proposta como uma hipótese investigativa de como poderiam ser incluídos outros agentes no processo de projeto e planejamento urbano. A ideia levantada na disciplina é a possibilidade de pensar todos esses agentes a partir de bases espaciais que os levem em consideração não apenas passivamente ou para usufruto dos humanos.

planejamento é capaz de assegurar integralmente tal possibilidade.” A tese, numa evolução da dissertação, propõe novamente alargar o círculo da arquitetura e do urbanismo e a sua real vinculação aos territórios urbanos e ao espaço da vida, agora não apenas para todas as pessoas, mas também para os outros seres.

¹⁰ A “proposta” cosmopolítica de Stengers e apresentada na introdução é tomada como um caminho para pensar que tipo de círculo político nós seremos capazes de constituir se pudermos pensar a política para além dos elementos habitualmente a ela associados, como a representação, a linguagem e o consenso, e que tipos de divergências e antagonismos esses elementos mascaram além de como podemos incluir esse outros agentes não-humanos na arena política.

¹¹ A palavra natureza foi usada no sentido de significar envolvimento dos agentes humanos e não-humanos. Todavia, com o desenvolvimento da tese ela se tornou imprecisa como discutido no capítulo anterior.

Por trás dessa investigação de propostas espaciais estão algumas ferramentas com as quais a arquitetura e o urbanismo trabalham e que foram levantadas e discutidas: legislações urbanísticas, legislações ambientais, planejamento urbano e principalmente desenho urbano e projetos. Como dito, longe de ser uma experiência conclusiva tanto a disciplina quanto as hipóteses metodológicas levantadas nesta conclusão são no sentido de ampliar a discussão mais que dar soluções, ajudando a construir outras perguntas. O que foi realmente colocado em jogo pela disciplina e pela tese é principalmente a pergunta: é possível se pensar a “cidade para todos” como sinalizado nos jardins? Qual seria essa Cidade jardim possível? Outro ponto central tanto para a disciplina e principalmente para as possibilidades levantadas na tese é a ciência de que é importante também entender, enquanto arquiteto e urbanista, o que não fazer e quando não fazer, abrindo espaço tanto conceitual quanto propositivo para outras agências.

O objetivo geral da disciplina foi pensar todos os agentes da cidade no projeto, construindo outras perguntas. Ela foi desenvolvida em módulos com objetivo final de propor pequenos projetos em casa, na arborização, num espaço público. Foram levados em consideração elementos como: plantas, animais, água, relevo, clima, ventos, insolação e pessoas. Os resultados esperados foram projetos que especulassem um modo de pensar a relação entre humanos e não-humanos na produção espacial. Os objetivos específicos foram: estudar a complexidade das relações sócio-espaciais que envolvem um meio a ser modificado por um projeto urbano incluindo o jardim e que trabalha com a ecologia; compreender as relações entre os diversos agentes nas cidades; buscar formas de projeto contextualizado nas dinâmicas próprias dos seguintes agentes: plantas; animais; águas urbanas; clima, relevo e solo; pessoas. O território da cidade escolhido foi o bairro Santa Tereza. A disciplina contou com a oferta de vinte vagas totalmente ocupadas.

Na aula inicial foi apresentada a proposta e discutidas as ideias de sustentabilidade, desenvolvimento sustentável, ecologia, natureza e as políticas da e para a ‘natureza’, suas possibilidades e seus limites. As problematizações foram conduzidas no sentido de iluminar as limitações das formas que são considerados os outros seres pela arquitetura e o urbanismo e que são direcionadas por esses conceitos. O objetivo de preservar o crescimento econômico e não a vida e as implicações antropocênicas apontadas no

capítulo anterior foram muito presentes nas colocações feitas por mim e nas falas dos alunos.

Os alunos foram inicialmente divididos em cinco grupos de quatro pessoas. Cada grupo devia buscar entender esses agentes citados acima a partir do recorte espacial escolhido e levantar hipóteses projetuais para esse grupo. Eles deveriam responder projetualmente às questões: e se¹² fosse para a água? e se fosse para bicho? e se fosse para planta? e se fosse para o sol, o relevo, o solo, o vento? e se fosse para gente? Era premissa das propostas entender que as mesmas estavam inseridas na cidade e que, de alguma forma, esta cidade deveria fazer parte do projeto apresentado, portanto não era possível subtrair totalmente os humanos e seus espaços.

Houve uma apresentação para toda a turma das propostas de cada um dos grupos. Foi muito interessante ver as propostas apresentadas pela potência investigativa e propositiva que foi construída. Os alunos relataram a dificuldade em entender ou supor as necessidades de agentes como plantas e bichos. Com a água, o relevo, o solo, o vento e o sol foi uma tarefa mais fácil segundo os alunos, pois muitos deles já haviam se deparado com essas questões em outras disciplinas de urbanismo do curso. Nenhum dos alunos, entretanto havia proposto algum projeto pensando na centralidade desses agentes, eles eram estudados como objetos que privilegiassem a vida nas cidades para as pessoas, que promovessem sustentabilidade e também como infraestrutura “verde”. Como forma de contornar essa dificuldade esses dois grupos fizeram excelentes pesquisas e também observação de campo bem como escolheram o seguinte recorte de elementos essenciais para a vida de qualquer espécie: acesso à água, à comida e a abrigo como primordiais para as propostas, o que embora possa ser uma simplificação, traz os requisitos essenciais

¹² O exercício de tentar responder espacialmente às perguntas provocativas e incomuns pode levar a um alargamento das possibilidades quebrando a ligação inicial com padrões conceituais e espaciais preestabelecidos e o comprometimento com perguntas e respostas prontas. Além disso, gera a necessidade de se entender outros seres como agentes da cidade e estabelecer outras possibilidades sócio-espaciais. O exercício foi inspirado pelo pensamento contrafactual que é um tipo de pensamento imaginativo, caracterizado por sentenças condicionais do tipo “E se...”, ou seja, alternativas hipotéticas à realidade geralmente elaboradas espontaneamente após situações negativas ou inesperadas. No âmbito da psicologia, apresenta importantes funções para adaptação do indivíduo ao seu meio, ajudando a reelaborar pensamentos sobre eventos vividos e a estabelecer uma inversão da noção de dependência entre os dois processos. “E se” é também uma das tendências apontadas no âmbito das discussões do planejamento computacional para extrapolar possibilidades e pensar fora dos padrões em processos de planejamento. Em outras palavras, aproveitar as oportunidades para explorar a empatia e a imaginação (SENOS, 2008).

para uma vida de qualidade e foi importante para o tempo da disciplina. Nesse ponto surge um apontamento para a conclusão que é a necessidade de criar instrumentos metodológicos e recortes críticos para o entendimento dos agentes envolvidos. Essa tarefa depende de experimentação e crítica¹³.

Na segunda parte da disciplina outros quatro grupos de cinco alunos foram formados juntando um aluno de cada grupo anterior. Dessa forma uma nova proposta deveria ser feita levando em consideração os projetos anteriores. Deveriam ser apresentados além do projeto as discussões empreendidas e o porquê de cada escolha tendo em vista como cada agente participou das discussões. A proposta era de construir uma assembleia entre os mundos¹⁴ descobertos e propostos anteriormente. Sem a pretensão de unificação, os alunos foram incentivados nas orientações a pensar sobre as decisões espaciais a partir de disputas territoriais de vontades e possibilidades de cada agente e no enredamento desses amigos e dessas disputas muito presentes nos espaços dos jardins. Foram levantados vários tipos de divergências e antagonismos nas propostas, principalmente ao se cruzar plantas, bichos e água com a cidade formal e o grupo das pessoas.

As propostas foram construídas mirando na cosmopolítica espacial possível como uma nova Cidade jardim numa composição progressiva do mundo em comum a compartilhar e onde a agência de todos está presente como nos jardins pesquisados. Houve uma apresentação das quatro propostas para toda a turma e para uma banca formada pela professora e dois convidados: Alceu Brito Corrêa Filho, Danilo Caporalli Barbosa.

Lembro que na disciplina houve trabalhos muito diversos e vários que se destacavam por apresentações muito bem elaboradas. Um grupo chegou a fazer boa parte das representações à mão, com desenhos lindíssimos em aquarela. Outro grupo apostou em meios de trânsito não só de pessoas, mas também de animais, como passarelas sobre as grandes vias e no meio dos quarteirões. Todos apresentaram propostas que tratavam tanto o terreno, as águas quanto as áreas verdes e animais de forma muito respeitosa. Nenhuma era revolucionária ou disruptiva

¹³ Nesse sentido é relevante retomar as críticas à Constituição do Equador e apontam para a dificuldade de aplicação e para a ausência de precisão técnica para conceituar o que se entende por natureza e como a mesma deve ser considerada e como deve ter voz.

¹⁴ A ideia foi baseada no último capítulo "O parlamento das coisas" do livro *Jamais Fomos Modernos* (1994) e em *Políticas da Natureza: como associar a ciência à democracia* (2004) de Bruno Latour onde o autor propõe "dar voz, representação política a esses não-humanos, libertá-los do cativeiro aonde vinham sendo mantidos sequestrados sob o triste rótulo de 'objetos'" e principalmente da proposta da eto-ecologia cosmopolítica de Stengers.

em relação aos projetos urbanos que vemos normalmente nas escolas de arquitetura, mas cada uma delas continha um ou dois elementos muito criativos, que deslocados da forma habitual de uso se transformam completamente, pensados e elaborados para imprimir no território novas formas de olhar para os elementos da natureza.

Avalio que essa relação sutil entre as propostas de intervenção e a criatividade seja um elemento central para as práticas de projeto na arquitetura, afinal a progressiva experimentação dos alunos instrumentaliza-os para enfrentar desafios do planejamento urbano convencional. E algumas ou várias soluções técnicas já estão dadas, mas o uso delas em situações e formas distintas e com propósitos de servir a outros agentes amplia sua potência espacial de forma muito singular e promove muito mais a ecologia e a natureza como foi proposto. (Trecho da entrevista com Danilo Caporalli Barbosa, 2021).

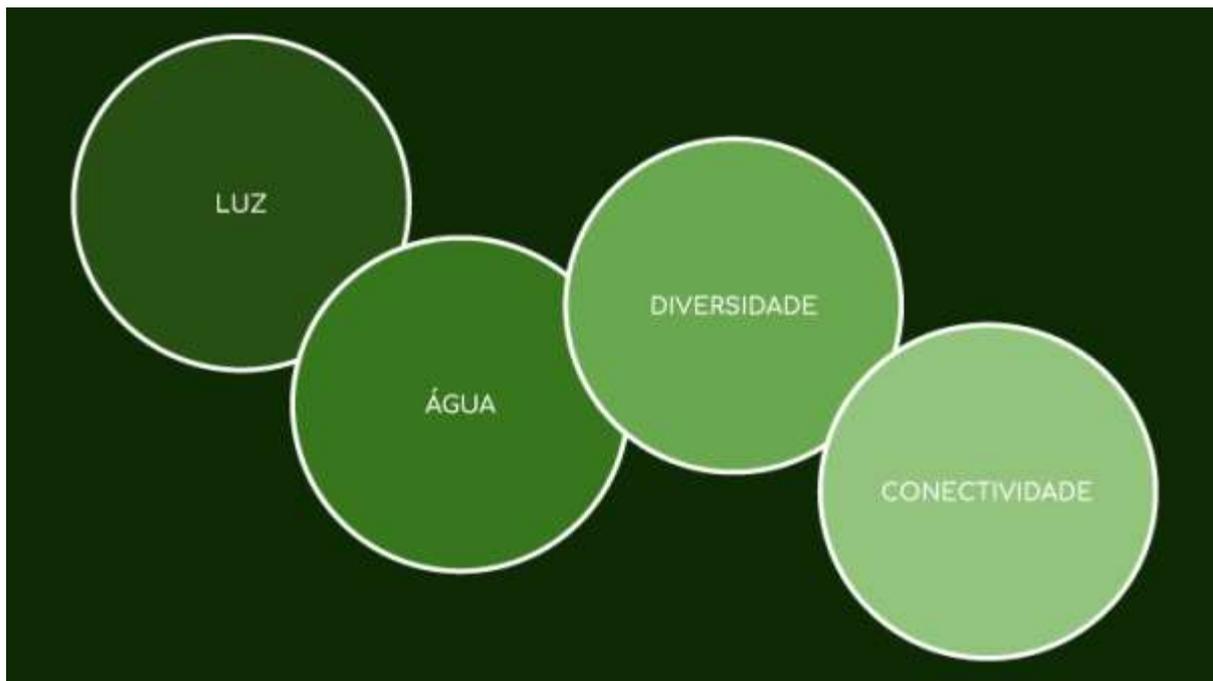
Para o grupo que teve as pessoas como pesquisa inicial, uma discussão bastante interessante levantada pelos alunos e pela banca é se essa cidade realmente representa todos os humanos e se de fato as propostas espaciais tem eles como objetivo. Muitos humanos são deixados de lado na cidade, crítica essa já bastante avançada nos estudos urbanos. Afinal “humanos e terranos estão em guerra” (LATOUR, 2014, 2020) e “alguns humanos estão mais do lado das coisas” (BISPO DOS SANTOS, 2015). As alianças entre os humanos foram muito questionadas e a crítica apontada em “Cidades para Pessoas” permaneceu constante nas discussões.

Todavia não é raro que sejam colocados em lados opostos o direito à cidade para todas as pessoas e as lutas ambientais ou o direito à cidade para os outros seres, criando rivalidades que só reforçam os problemas e impedindo a ampliação do círculo político como proposto aqui numa cidade para todos. Antagonizar essas críticas como excludentes acaba por rivalizar aliados potencialmente muito semelhantes nas disputas urbanas. Tal rivalidade, além de enfraquecer a ambos os campos, desvia o foco dos principais elementos a serem transformados. Essa estratégia de rivalizar potenciais aliados é presente em outras disputas e só tem a prejudicar os que estão implicados na construção de uma cidade incluyente. Outra forma de desmerecer alguns possíveis é homogeneizar a todos como acontece nos jardins, como se todos esses jardineiros fossem iguais e como se todos se movessem pelos desejos criados pelo mercado, enfraquecendo mundos memoriais dos jardins e se esquecendo de outras formas de recriar um mundo proporcionadas por eles.

CADERNO DE IMAGENS 8:

PROJETO FLEXIBILIZADO DE ARQUITETURA - Como pensar a Natureza e a Cidade

Figura 255: Propostas desenvolvidas pelo grupo das Plantas



DIRETRIZES

INTERVENÇÕES NO PARQUE LINEAR DO ARRUDAS

Troca do asfalto do Parque por blocos de concreto que permitem a infiltração da água e o crescimento de uma vegetação rasteira.

Recomposição da mata ciliar em todo o trecho aberto do Ribeirão Arrudas (manutenção de faixas de vegetação ao redor do rio).

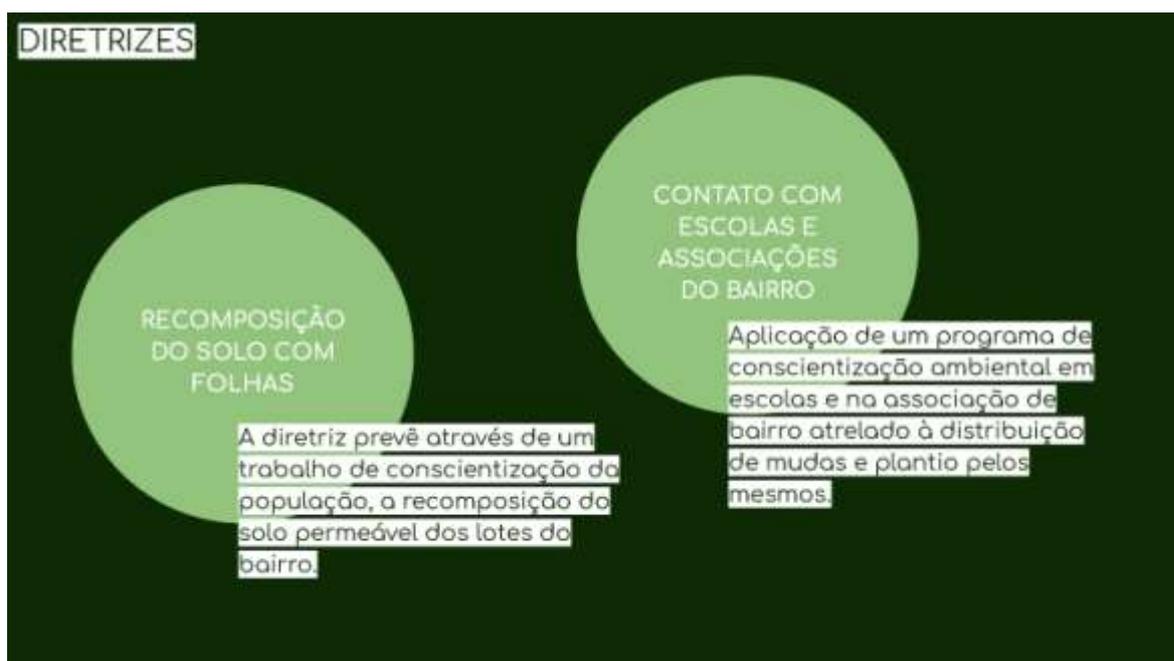
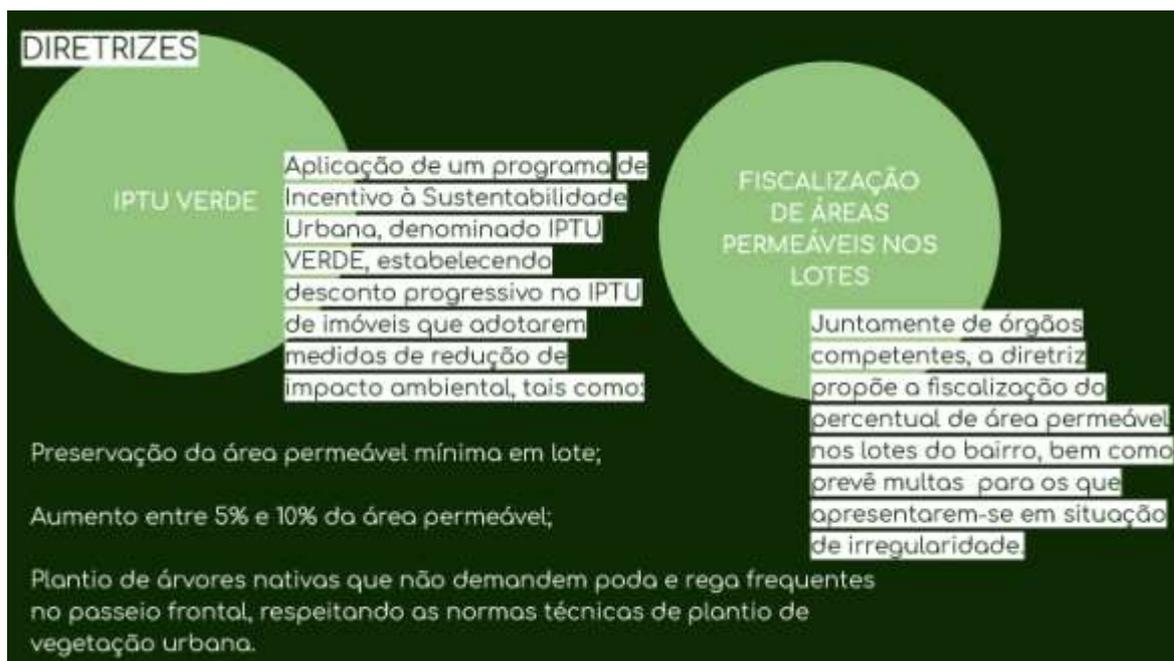
Arborização de toda a extensão do Parque.

Ao lado, exemplo da Avenida Corvalho Pinto, Penha, zona Leste de São Paulo.

<http://quemnova.com.br/insira/empresario-gilberto-17-885-avozes-e-cria-13-parque-linear-da-cidade/>

Fonte: trabalho dos alunos Gabriela Freitas, Lygia Lott, Natielle Benvindo, Pedro Lopes

Figura 256: Propostas desenvolvidas pelo grupo das Plantas



Fonte: trabalho dos alunos Gabriela Freitas, Lygia Lott, Natielle Benvindo, Pedro Lopes

Figura 257: Propostas desenvolvidas pelo grupo do Vento, sol, terreno.



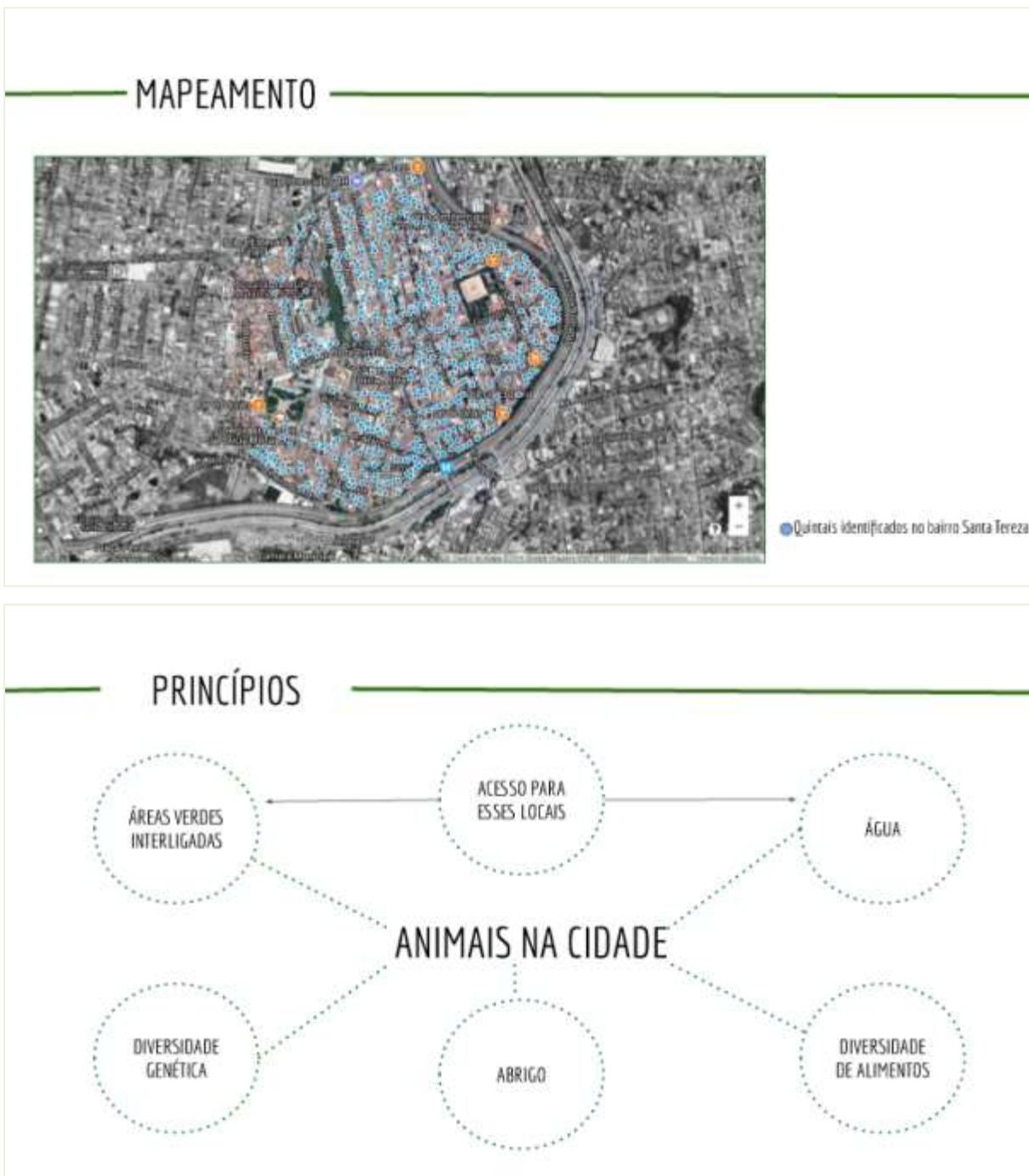
Fonte: trabalho dos alunos Arcanjo Rafael, Alix Marie, Maria Isabel, Samuel Lorenzato

Figura 258: Propostas desenvolvidas pelo grupo da água.



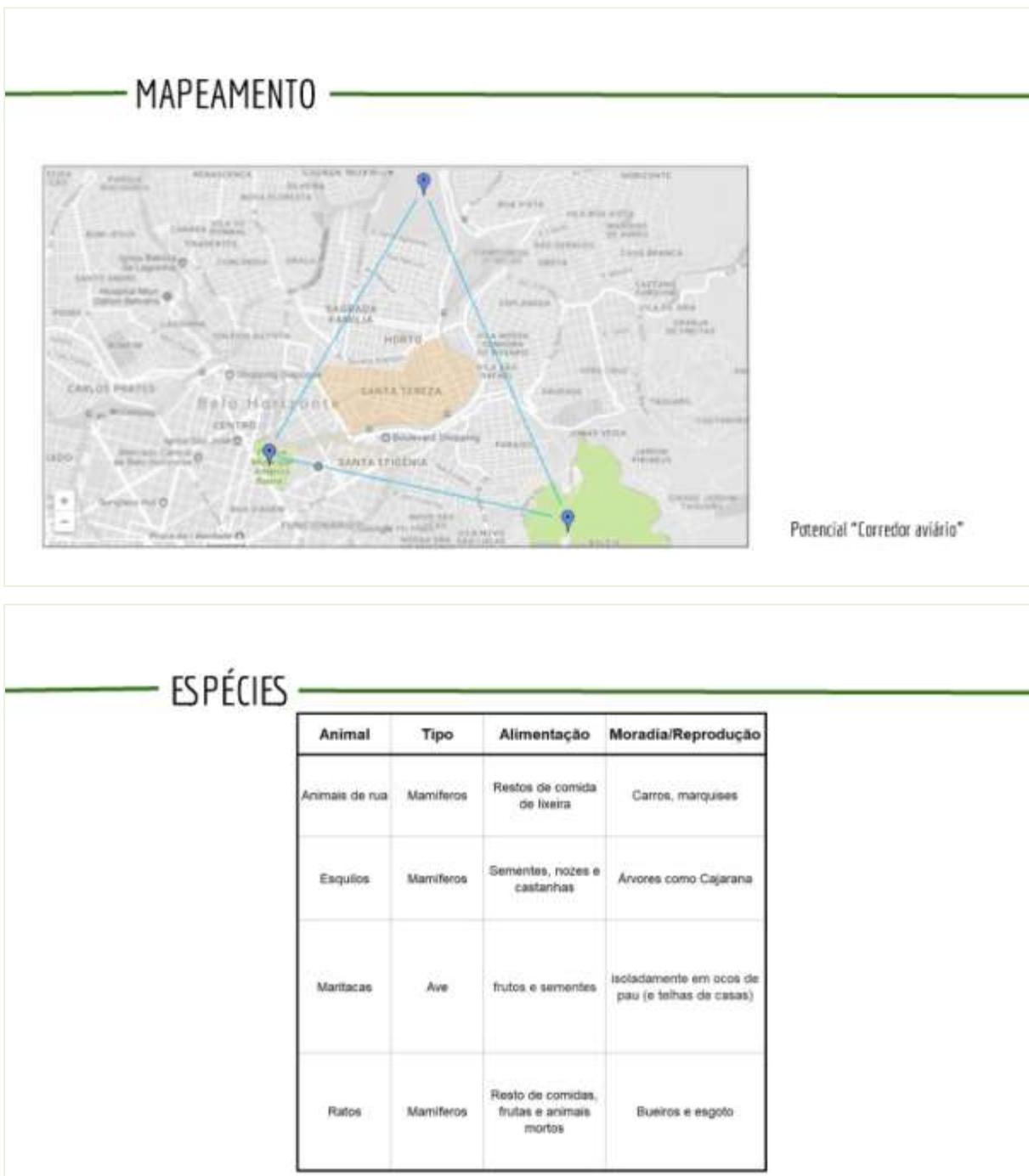
Fonte: trabalho dos alunos Anna Beatriz Amarante, Marco Antônio Benini, Mirela Matos, Yago Assis.

Figura 259: Propostas desenvolvidas pelo grupo dos animais.



Fonte: trabalho dos alunos Gabriel Spagnol, Letícia Dumont, Laís Bernardes, Letícia Nunes

Figura 260: Propostas desenvolvidas pelo grupo dos animais.



Fonte: trabalho dos alunos Gabriel Spagnol, Letícia Dumont, Laís Bernardes, Letícia Nunes

Figura 261: Placa instalada na Avenida Silviano Brandão, grupo das pessoas.



Fonte: trabalho dos alunos Andre Dornelas, Jonathan Gomes, Leonardo, Alice

Figura 262: Propostas desenvolvidas pelos alunos no segundo trabalho



Fonte: trabalho dos alunos Laís Barbosa, Leonardo Salvaterra, Lygia Lott, Marco Antônio, Samuel Lorenzato

Figura 263: Propostas desenvolvidas pelos alunos no segundo trabalho



brejo



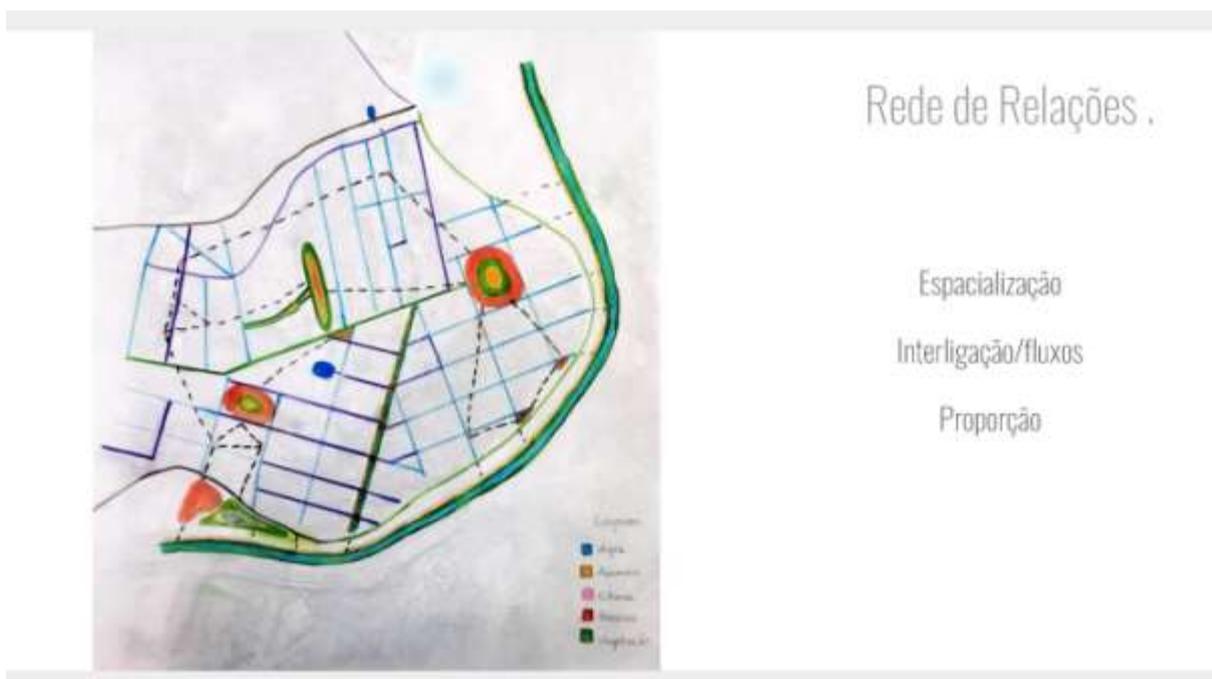
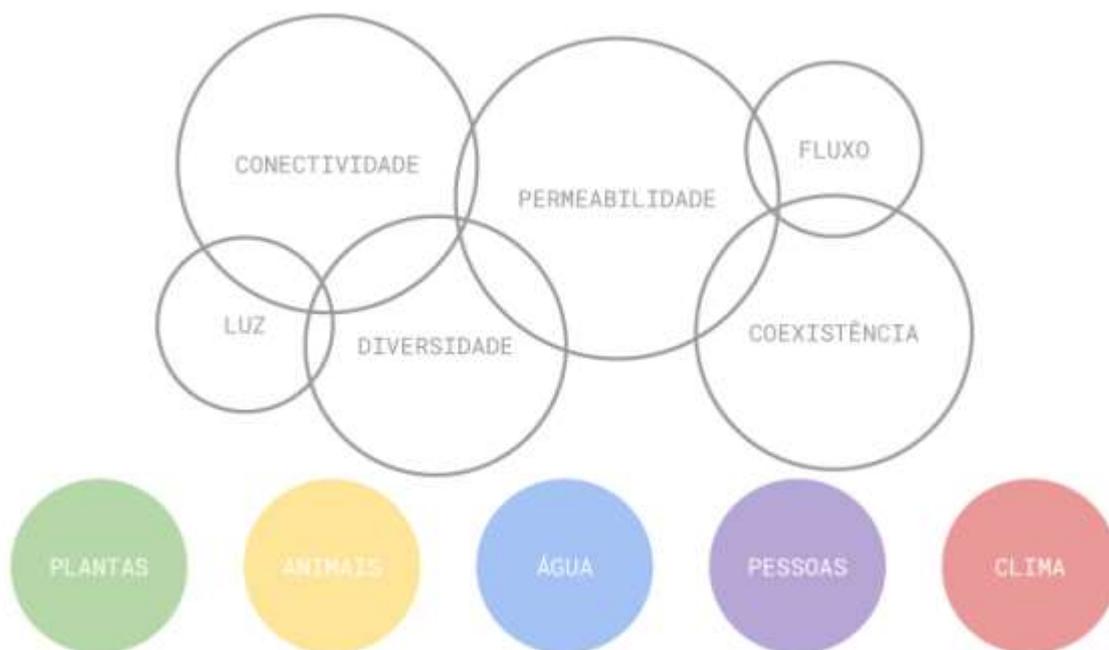
Fonte: trabalho dos alunos Laís Barbosa, Leonardo Salvaterra, Lygia Lott, Marco Antônio, Samuel Lorenzato

Figura 264: Propostas desenvolvidas pelos alunos no segundo trabalho



Fonte: trabalho dos alunos Laís Barbosa, Leonardo Salvaterra, Lygia Lott, Marco Antônio, Samuel Lorenzato

Figura 265: Propostas desenvolvidas pelos alunos no segundo trabalho

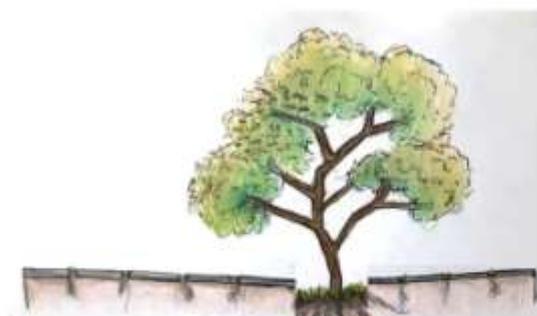


Fonte: trabalho dos alunos Laís Barbosa, Leonardo Salvaterra, Lygia Lott, Marco Antônio, Samuel Lorenzato

Figura 266: Propostas desenvolvidas pelos alunos no segundo trabalho



Parque Ecológico.



Calçamento de pedra

Tamanho da via

Inclinação 3%

Canteiro rebaixado

Canaleta



Fonte: trabalho dos alunos Laís, Leonardo, Lygia, Marco Antônio, Samuel

Em entrevista a alguns alunos foi bastante relatado primeiramente um estranhamento e também uma perspectiva ainda não explorada da percepção dos animais, plantas, águas, territórios e da cidade como agentes. Para o grupo que inicialmente trabalhou com os animais, a presença de animais silvestres foi a princípio um desafio. Também foi questionada sua presença nas cidades que, muitas vezes é resultado da destruição de seus habitats naturais e o avanço da urbanização sobre esses territórios naturais. Sobre o trabalho proposto pela disciplina e sobre a metodologia de projeto proposta a aluna Laís tem a seguinte opinião:

Para o meu grupo inicial trabalhar com animais foi um grande desafio, pois não é comum. Achei a inversão interessante. Nunca pensei em ser arquiteta de bicho. Foi muito divertido. Focamos principalmente no abrigo e no alimento, pois seria muita coisa para considerar ai escolhemos o principal para a vida deles. Pesquisamos e achamos até fotos de vários animais silvestres vivendo aqui, além dos domésticos. Uma pena na verdade. Mas se eles estão aqui temos que pensar neles. Para os domésticos é mais fácil, pois eles estão nas casas e os abandonados já têm opções pensadas é só fazer funcionar. A gente sabe que é difícil, mas já existe.

Lembro muito que pesquisamos sobre os pássaros comuns em Belo Horizonte, o voo deles. Ai a gente definiu o triângulo do Voo de Pássaros na Zona Leste de acordo com um trabalho de pesquisa dos pássaros de BH que lemos, e tratou essa região para o de transito de pássaros. No projeto criamos um brejo também. Numa região que era tipo uma grota que alagava naquela faixa vaga de terreno. Tem muito mosquito e falta sapo e passarinho. Então o brejo serve tanto para eles morarem quanto para água. A gente trabalhou em muitas escalas diferentes. Foi bem legal.

Quando juntou em cinco, cada grupo tinha uma contribuição, mas o maior dos conflitos foi pessoas x animais. O grupo pendia para as pessoas. Como eu que estava nos animais tentava puxar para o lado deles. Mas foi difícil. Acho que é o costume. Mas pelo menos tivemos que conversar. Sempre tinha a justificativa: mas e os idosos? Com as plantas era mais fácil conciliar. Com a água e com os animais principalmente tinha uma concorrência. Mas conseguimos fazer uma área de preservação de animais e plantas cheia de água. Nosso brejo ficou! (Trecho da entrevista com Laís Bernardes, 2021).

As noções de animalidade e humanidade são dicotomias do pensamento moderno ocidental e essas duas noções são interdependentes na medida em que tudo o que é atribuído à ideia de humanidade é, ao mesmo tempo, negado aos animais, como a vontade, a linguagem, a razão, o intelecto e a moral. Todavia, "os animais são com

certeza diferentes de nós em sua morfologia e em seu comportamento; contudo, a existência social que eles têm à nossa revelia é idêntica à nossa" (DESCOLAS, 2016). Segundo Descolas a relação cotidiana com o animal na Amazônia, considerando os mitos, ritos de caça, mediação xamânica da relação com os espíritos, a presença de humanos, plantas e animais estão em um mesmo plano ontológico. Nos jardins pesquisados essa existência é apontada embora não com a mesma disseminação, mas serve como possibilidade sinalizada de ampliação dos direitos espaciais desses seres.

O grupo que trabalhou inicialmente com as plantas apontou uma proporção razoável de vegetação em algumas partes do bairro; a presença de espécies nativas e exóticas; uma grande presença de jardins nos lotes; uma vegetação expressiva na linha férrea; a poda agressiva da CEMIG; poucos jardins nos passeios e sob as árvores; disputa de espaço entre pedestres, carros e arborização; a inexistência de árvores frutíferas na arborização urbana; a falta de vegetação nas praças do bairro. As propostas foram no sentido de aumentar as áreas vegetadas: plantio nas praças e áreas livres; IPTU verde e concurso de jardim; arborizar intensamente o Parque linear do Arrudas; grandes áreas permeáveis nas calçadas e calçadas mais largas; aumentar a diversidade de espécies; gramíneas ou vegetações mais rasteiras nos pés das árvores; plantar árvores nativas de médio e grande porte nas praças; recomposição do solo com folhas de varrição; contato com a associação de bairro e escolas para distribuição de mudas e plantios coletivos.

Achei muito legal pensar a inversão de papéis, no lugar, no projeto. Criou para mim outra percepção. Entender a planta como atuante. A gente pesquisou muito aquele livro "A vida secreta das árvores." Foi possível fazer uma melhor leitura, bem mais completa e difícil também. Complementou muito aquilo que foi estudado em urbanismo, de uma forma nova. Um olhar menos focado nas pessoas que foi criando bagagem para outros projetos. As plantas, que foi meu grupo inicial, são no fim iguais às pessoas. Por que não? Vento, território, sol, animais trazem análises mais aproximadas, mais reais. Foi como tirar uma viseira que me direcionava. Quando misturou, no meu grupo eu tive um pouco de dificuldade em fazer valer a planta. Mas as discussões tinham uma coisa interessante também: pensar se a cidade era pra gente mesmo. Eu usava muito a pergunta: isso é para gente ou para carro? Isso quebrava um pouco o preconceito com as árvores por exemplo. Isso é decorrente da disciplina. Foi meu primeiro PFLEX. Fiquei um pouco assustado, mas empolgado também. Não fiz outro PFLEX de natureza, mas gostaria. No fim a gente fala em cidades melhores e esquece os outros. A gente não consegue sozinho. (Trecho da entrevista com Pedro Henrique Caetano Lopes, 2021).

Para o grupo que teve a água inicialmente como objetivo das propostas as principais questões levantadas foram: a grande impermeabilidade do solo, as nascentes enterradas, as inundações, a vegetação ciliar presente ou ausente, a grande presença de jardins e áreas permeáveis, o grande número de ruas asfaltadas e sem vegetação. As propostas foram no sentido de pensar a bacia hidrográfica e todos seus elementos: pensar em sistemas de micro drenagem para proporcionar maior infiltração nas ruas paralelas às curvas de nível; manter ruas que ainda não foram asfaltadas com pedras, pois diminuem a velocidade da água principalmente nas ruas perpendiculares às curvas de nível e ajudam a evitar enchentes; manter as áreas vegetadas no entorno do Ribeirão Arrudas, ajudando na infiltração da água ao longo do fundo de vale; buscar medidas que mitiguem os danos causados às duas nascentes presentes na região de estudo ou que procurem recuperar essas nascentes; aumentar a permeabilidade ao longo dos córregos da Mata e Petrolina que estão atualmente tamponados sob as avenidas Petrolina e Silviano Brandão; abrir o córrego da Petrolina; legislações que incentivem a manutenção dos quintais no bairro Santa Tereza, para auxiliar na infiltração; legislações urbanísticas que levem em consideração as bacias hidrográficas como unidades de planejamento e não os limites burocráticos. Segundo a aluna Mirela:

Tem pontos que a gente não leva em consideração no planejamento como as bacias hidrográficas e a água que foi o meu grupo. Para nós é importante reconhecer tais pontos que são os fundos de vale, as nascentes, e procurar respeitar a área de alagamento natural durante as cheias de ambos os rios. Entender que água, vegetação e o terreno são inseparáveis. Aquela placa na Av. Silviano Brandão é uma piada. Reconhece a incompetência da urbanização. Parece tão obvio que a água é importante para nós e é tão ignorado. Tive aulas disso em urbanismo só não vi ainda nada na prática sendo aplicado de verdade. (Trecho da entrevista com Mirela Marques, 2021).

O grupo que trabalhou inicialmente com o território o solo, o vento e o sol as abordagens destacaram a horizontalidade do bairro e a presença de um único conjunto mais alto o que dificulta a corrente natural do vento. Eles identificaram também a falta de vegetação da vertente norte. Algumas propostas foram: arborização intensiva dessa vertente; vegetar o prédio alto da rua, manter a horizontalidade do bairro, fiscalizar as construções.

A Disciplina é a única na arquitetura que eu cursei que era voltada para a natureza que não era exatamente paisagística. Uma discussão ampla,

diferente mesmo. Comentava com meus colegas que não estavam na disciplina e eles achavam estranhíssimo. Eu gostei da inversão. E essa inversão acrescenta. Faz a gente pensar [no projeto] com empatia. Fizemos um brejo para os mosquitos e sapos e uma reserva! Isso é legal demais de pensar para a cidade. Onde isso pode caber? Parece absurdo, estranho como outros alunos falaram, mas devia ser é normal. Pensamento outro pela natureza. O povo que fez achou que cria outras possibilidades. Para mim ampliou demais. (Trecho da entrevista com Laís Bernardes).

Uma das maiores dificuldades como já dito foi como dar voz a esses agentes, como criar esses modos de participação desses seres. No caso da disciplina isso se deu por meio de pesquisa e da representação por um humano. Um questionamento importante levantado na banca pelo convidado Alceu foi que no final essa proposta continuaria sendo humana, pois esses seres não possuem linguagem falada para expressar seus desejos e preferências. Se essa questão traz à luz uma limitação, a mesma não inviabiliza o debate.

Planejar para e com os outros seres é uma grande chance de sair de sua própria narrativa e praticar o exercício de estar em outra pele. A planta, o animal tem outras formas de viver, mas como a pessoa ela vai precisar de água, comida, reprodução, uma existência segura para viver. É uma chance de viver a narrativa do outro de sair de dentro de si mesmo, deixar de lado um pouco a auto centralidade de nós homens. Para o jovem que ainda está para dentro, com pouco exercício de perceber o outro, se ele tiver oportunidade de habitar outra existência vai permitir a ampliação da percepção da alteridade. Vai fazer muito bem para ele. Porque no final estamos falando daquele profissional que está sendo formado para transformar questões complexas em espaço. E o desenho, por exemplo, torna tudo muito simplificado e basicamente sintetizado em partes simples e articuladas. E não é! É uma forma de perceber as outras formas de vida bem interessante para o projeto. (Trecho da entrevista com Alceu Brito Corrêa Filho, 2021).

Os jardins pesquisados são exemplos de microcosmopolíticas. A existência desses territórios multiespecíficos como os jardins nos faz ver outros possíveis que não os produzidos para a expansão econômica moderna e proporciona a fabricação de novos imaginários capazes de multiplicar saídas, perspectivas exemplares frente a esses desafios, daí a hipótese de uma Cidade jardim possível. Algumas questões se colocam a partir do debate da disciplina, da pesquisa desses jardins e da noção de exemplo: como proceder a cosmopolítica no projeto urbano, nas legislações ambientais, nos projetos, frente às discordâncias desses mundos sem o artifício de pressupor respostas e consensos universais? Seria pertinente e principalmente possível se orientar segundo critérios e

agentes próprios dados em cada situação da cidade? Como redesenhar as políticas urbanas sem que essas sejam elevadas à categoria universal trazendo formas que funcionaram em determinadas situações para todas as outras? Uma hipótese é que para que outros seres que não os humanos tenham suas alteridades contempladas é preciso criar assembleias nas propostas urbanas e mecanismos próprios de participação desses seres nessas disputas. Todavia, é preciso se atentar ao fato de que as assembleias ao fim continuam humanas ou, na melhor das hipóteses, assembleias representativas onde os representantes são humanos como na nossa democracia representativa.

Eu penso na ideia de tutoria como possibilidade. Como a gente faz com as árvores. Deixa lá uma guia até não precisar mais aí você tira. E a tutoria guia as pessoas também sem podar o que elas pensam. Pode ser uma forma de atuar também: representar os outros seres e tutorar só na necessidade. Reconhecer esse outro no momento onde ele está. Reconhecer esse outro e ser capaz de guia-lo pelo que ele quer e não pelo que eu quero. É claro que sempre haverá a vontade do homem. É ingênuo achar que não e a gente tem que lidar com isso quando aparece que vai ser principalmente nas disputas. Reconhecer a pluralidade envolvida no espaço. E espaço é convivência, onde habitantes disputam os espaços. Mas aí entra a tutoria para ajudar aquilo que está frágil possa ficar mais robusto. (Trecho da entrevista com Alceu Brito Corrêa Filho, 2021)

Para a composição da assembleia cosmopolítica Stengers (2018) introduz duas figuras: a expert e da diplomata¹⁵. A expert é aquela cuja prática “não é ameaçada pelo problema discutido, e seu papel exigirá dela que se apresente, e apresente aquilo que sabe de um modo que não prejudique a maneira como esse conhecimento será levado em conta.” Em contrapartida “a diplomata está lá para dar voz àqueles cuja prática, o modo de existência, o que comumente chamamos de identidade, estão ameaçados por uma decisão.” Todavia é “preciso evitar pensar aqui em termos de papéis estereotipados, pois, nos termos da ecologia cosmopolítica, é em torno de cada problema que eles devem se determinar” (STENGERS, 2018, p. 460). Nesse ponto o profissional de arquitetura e urbanismo pode atuar como ambos a depender da situação, atento às especificidades de

¹⁵ A diplomacia diz respeito a um movimento anterior à decisão, sem inicialmente pretender criar unicamente a paz. Para a autora, o mais importante na composição do mundo comum seria a proliferação das divergências, que se aproxima da ideia de controvérsia de Latour (2012), essencial para que as decisões sobre uma questão sejam tomadas diante de todos os envolvidos, e não motivadas por interesses previamente estabelecidos. O papel da diplomacia é antes de mais nada suspender a anestesia produzida pela referência ao progresso ou ao interesse geral (STENGERS, 2018).

cada uma dessas situações, sem se esquecer da técnica com suas possibilidades e limitações, mas também como um diplomata capaz de atuar ao lado de outros seres que não os humanos na produção do espaço.

A nós profissionais é preciso ter a coragem de pensar para além dos consensos. “Pensar é sempre seguir a linha de fuga do voo da bruxa” (STENGERS, 2007). A cidade jardim possível requer o exercício de pensar a cosmopolítica que corresponde aos experimentos de reinvenção política e espacial que reconhece as formas de coexistência não-hierárquica dos coletivos multiespecíficos de habitarem a Terra. Para tal é preciso pensar o projeto como uma “arte da heterogeneidade” onde a “confrontação dos corpos enquanto heterogêneos” sem se referir ao “cosmos” como forma de instituir ideais universais (STENGERS, 2007). Ação esta que requer especialista e diplomata, arquiteto e urbanista, técnico e político. Faz-se, portanto necessária uma mudança que oriente uma forma de pensar e agir, instaurando essa assembleia para a arquitetura e o urbanismo, o direito urbano, capaz de mudar o padrão de vínculo estabelecido entre os seres nos projetos. Nesse sentido a pesquisa nos jardins aponta algumas possibilidades.

Os jardins apontam que existe a possibilidade de se criar espaços de refúgio onde possam conviver todos. Esses espaços são diversos e não monoculturais, assim todos que participam dele devem ser considerados nas assembleias. A relação que os seres estabelecem entre si é mais horizontal, portanto sua agência e consideração em projetos também deveria ser. A existência de jardins como territórios multiespecíficos é uma forma de r-existir que traz também a insistência e a ressurgência¹⁶. A memória e a religiosidade contribuem para a ressurgência, a descolonização do pensamento e para uma confrontação frente à homogeneização de formas de convivência e de estar no mundo que muitas vezes são cristalizadas pela arquitetura e pelo urbanismo nas cidades. Assim, uma cidade jardim possível tem sua cultura territorializada e é um possível construto dessas memórias. Se pensar os espaços com os outros seres apresenta dificuldades metodológicas o tencionamento dos consensos pode se apresentar como

¹⁶Tsing chama de ressurgência as relações de cooperação interespecífica, “negociação por sobre as diferenças” entre os diversos organismos que permitem a recriação de paisagens habitáveis (TSING, 2019).

resposta. Explorar perguntas provocativas como “e se?” pode ser um exemplo. Outras possibilidades precisam ser pensadas de acordo com cada situação.

Outra possibilidade dos jardins é o manejo que só se realiza a partir do entendimento de todos os seres construído cotidianamente. Manejar requer tanto a ação como a não ação, pois é preciso conhecer e reconhecer o outro para se colocar ou se retirar, porque onde não haverá consenso, haverá negociação. Tal negociação implica nos jardins a consideração ou desconsideração de espécies nativas, as espécies estrangeiras, as plantas ruderais, as plantas invasoras, as plantas memoriais e afetivas, os animais polinizadores, os que se beneficiam, as “pragas”, a água, o sol, o solo, os tempos da Terra, a sucessão ecológica. O manejo nos jardins é uma forma de diplomacia, pois requer negociação e reconhecimento, uma diplomacia com técnica, e essas técnicas são na maioria ancestrais e agroecológicas. É preciso conhecer profundamente as necessidades, hábitos, funções, expectativas e saber quando agir ou não. Além disso, há a centralidade do cuidado como é nos territórios dos jardins que desenvolve ações ecológicas em sua essência como discutido no capítulo anterior. Cuidado esse muito ligado à atuação feminina e historicamente desvalorizado pelo sistema econômico, mas que r-existe e ressurge.

E nos jardins mesmo que haja características e particularidades locais, eles são planetários (CLEMENT, 2017), retalhos antropocênicos (TSING, 2019) de modos de existir que escapam ao dualismo ocidental moderno. Eles se espalham pelo tecido urbano com grande potencial de fazer transbordar, de inverter mesmo as hierarquias, trazendo para o primeiro plano como feito na pesquisa outras concepções, outras vidas e outras formas de coexistência não hierárquicas como os jardins da minha avó que germinaram no meu imaginário frente aos buracos de mineração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACSELHAD, H. *Vulnerabilidade social, conflitos ambientais e regulação urbana*. O Social em Questão - Ano XVIII - nº 33 – 2015, p. 57-67.
- _____. *Sustainability and Territory*. In: International Seminar on “Sustainability as a Concept for Social Sciences”. Frankfurt: ISOE/Unesco, 1996.
- ALMADA, Emmanuel Duarte; SOUZA, Mariana Oliveira (Orgs). *Quintais: memória, resistência e patrimônio biocultural*. Belo Horizonte: UENG, 2017.
- ALMEIDA, Daniela A. O. Agricultura urbana. Isto e Aquilo. In: COSTA, G.M. COSTA, H.S.M. MONTE-MÓR, R. L. M. (Org.) *Teorias e práticas urbanas: condições para a sociedade urbana*. Belo Horizonte: C/Arte, 2015. p.419-447.
- ANGELO, Hillary. *O imaginário do esverdeamento urbano: a natureza urbanizada na região alemã do Vale do Ruhr*. Revista e-metrópolis: Revista eletrônica de estudos urbanos e regionais, v.41. Rio de Janeiro: UFRJ, 2020. Disponível em: <http://emetropolis.net/artigo/318?name=o-imaginario-do-esverdeamento-urbano>. Acesso em: julho 2020.
- ARAUJO, Roberto. *Grandes temas do paisagismo: história e estilo de jardins, volume 1* (biblioteca Natureza). São Paulo: Editora Europa, 2014.
- ARREGUY, Cintia Aparecida Chagas; RIBEIRO Raphael Rajão. *Histórias de bairros [de] Belo Horizonte: Regional Leste*. Belo Horizonte: APCBH, 2008.
- ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: forma e transformações da memória cultural*. Campina: Editora da UNICAMP, 2011.
- BAGGIO, Ulysses da Cunha. *A luminosidade do lugar. Circunscrições intersticiais do uso de espaço em Belo Horizonte: apropriação e territorialidade no bairro de Santa Tereza*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – NPGAU, Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.
- BAYON, D.; FLIPO F.; SCHNEIDER, F. *Decrecimiento: 10 preguntas para comprenderlo y debatirlo*. Mataró: Ediciones de intervención cultural/El Viejo Topo, 2011.

- BARROS, José Flávio Pessoa de. *O segredo das folhas: sistema de classificação de vegetais no candomblé jêje-nagô do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 1993.
- BERARDI, Franco. *Futurabilidad: la era de la impotência y el horizonte de posibilidad*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Caja Negra, 2019.
- BENASAYAG, M.; REY, A. del. O decrescimento e os países do Sul. In: LÉNA, P.; NASCIMENTO, E. P. do (Eds.). *Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 289-302.
- BISPO DOS SANTOS, Antônio. *Colonização, Quilombos, Modos e Significações*. Brasília: INCTI/UnB, 2015.
- _____. *Somos da terra*. Belo Horizonte: PISEAGRAMA, número 12, página 44 - 51, 2018.
- BOAES, Giovanni. *A Floresta e o Jardim: esboço de um estudo sobre as representações do elemento vegetal nas religiões afro-brasileiras e judaico-cristãs*. CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/caos/article/view/46960>. Acesso em: mar. 2019.
- BOFF, L. *Sustentabilidade: O que é - o que não é*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BORSAGLI, Alessandro. *Rios Invisíveis da Metrópole Mineira*. São Paulo: Clube de Autores, 2016.
- BRAGANÇA, Luciana S. *Do planejamento da circulação ao microplanejamento integrado*. 2005. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – NPGAU, Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.
- BRUNDTLAND, G. *Nosso futuro comum*. São Paulo: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1987.
- CALVET-MIR, L.; GÓMEZ-BAGGETHUN, E.; REYES-GARCIA, V.. *Beyond food production: Ecosystem services provided by home gardens. A case study in Vall Fosca, Catalan Pyrenees, Northeastern Spain*. *Ecological Economics* 74: 153-160, 2012.
- CANÇADO, Wellington. *Sob o pavimento, a floresta: cidade e cosmopolítica*. 2019. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – NPGAU, Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- _____. *Florestas virtuais, Cidades concretas e vice versa*. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proplan/wp-content/uploads/florestas-virtuais.pdf>. Acesso: janeiro 2020.

- CANÔVAS, Raul. *O Jardim Como Remédio Receitas de um Paisagista, v.1*. São Paulo: Casa do psicólogo. 2003.
- CANUTO, Frederico; BRAGANÇA, Luciana Souza. Default Urbano: X Bienal de Arquitetura de São Paulo. São Paulo: Vitruvius, 2013. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.199/6342>. Acesso: março 2021.
- CARVALHO, Edézio Teixeira de. *Geologia Urbana para todos: uma visão de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: do autor, 2a edição revisada, 2001.
- CLEMENT, Gilles. *The Planetary Garden*. 2002. Disponível em: <http://www.gillesclement.com/cat-jardinplanetaire-tit-Le-Jardin>. Acesso em: janeiro 2017.
- _____. The Third Landscape. (2002a) Disponível em: <http://www.gillesclement.com/art-454-tit-The-Third-Landscape>. Acesso em: janeiro 2017.
- _____. *Gardens of Resistance*. (2002b) Disponível em: http://www.gillesclement.com/fichiers/_jardinresistance_68614_Gardens-of-Resistance-English-version. Acesso em: janeiro 2017.
- _____. *The Garden of moution*. (2002c) Disponível em: <http://www.gillesclement.com/cat-mouvement-tit-Le-Jardin>. Acesso em: janeiro 2017.
- COLE, L., McPhearson, T., HERZOG, C., Russ, A. *Green Infrastructure*. In: Russ, A. and Krasny, M. (Eds.), *Urban environmental education review*. Cornell University Press, Ithaca, New York, 2017 (in press). Disponível em: <https://naaee.org/eeopro/blog/green-infrastructure>. Acesso em: janeiro 2019.
- COSTA, Heloisa S. M. *Meio Ambiente e Desenvolvimento: um convite à leitura* (In) HISSA, Cassio Eduardo Viana (Org.): *Saberes Ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2008, p. 79-107.
- Clube de Roma. *The Limits of Growth*. 1972. Disponível em: <http://donellameadows.org/the-limits-to-growth-now-available-to-read-online/> Acesso em: janeiro 2019.
- D' ALISA, Giacomo; DEMARIA, Federico; KALLIS, Giorgios. *Degrowth: A vocabulary for a new era*. New York: Routledge, 2015.
- DARCY DE OLIVEIRA, R.. *Elogio da Diferença: o feminino emergente*, São Paulo: Brasiliense, 1991.

- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI*. Trad. ; Echalar, Mariana. São Paulo: Editora Boitempo, 2017.
- DARCY DE OLIVEIRA, Rosiska. *Elogio da Diferença: o feminino emergente*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- DEAN, Warren. *A ferro e fogo: a história e a devastação da mata atlântica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DELEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.
- DESCOLA, Philippe. *Outras naturezas, outras culturas*. São Paulo: Editora 34, 2016.
- _____. *Beyond nature and culture, Proceedings of British Academy*, vol. 139, PP.137-155. British Academy, 2006. Tradução: Bruno Ribeiro.
- DIEGUES, Antonio Carlos S. *O Mito Moderno da Natureza Intocada*. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.
- DOURADO, Guilherme Mazza. *Belle Epoque dos Jardins*. São Paulo: SENAC. 2011.
- _____. *Modernidade Verde*. São Paulo: SENAC. 2009.
- _____. *Vegetação e quintais da casa brasileira*. Paisagem Ambiente: ensaios - n. 19 - São Paulo - p. 83 - 102 – 2004.
- ESCOBAR, Arturo. *De baixo, pela esquerda e com a Terra*. 2016. Disponível em: <https://singa2017.wordpress.com/2016/12/01/de-baixo-pela-esquerda-e-com-a-terra/> Texto original disponível em: <http://pueblosencamino.org/?p=2213>>. Acesso em: fev. 2019.
- _____. *Territórios de diferença: a ontologia política dos “direitos ao território”*. 2016(a). Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/territorios-de-diferenca-a-ontologia-politica-dos-direitos-ao-territorio/>. Acesso em: fev. 2019.
- _____. *Territorios de diferencia*. Lugar, movimiento, vida, redes. Popayán: Envión. 2010.
- _____. *O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento?* Buenos Aires: CLACSO. 2005. Disponível em: <https://singa2017.wordpress.com/2016/12/01/de-baixo-pela-esquerda-e-com-a-terra/>
- ESCOBAR, Arturo. *Culture sits in places: reflections on globalism and subaltern strategies of localization*. In: *Political Geography*. n. 20. 2001. Disponível em: http://aescobar.web.unc.edu/files/2013/09/escobar_culture_sits_in_places.pdf.
- FAUSTO, Boris. *A História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1996.

- FAUSTO, Carlos; NEVES, Eduardo A. *Já houve um Neolítico nos Neotrópicos? Familiarização com plantas e biodiversidade na Amazônia*. Antiquity: Cambridge Press. 2018. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Was-there-ever-a-Neolithic-in-the-Neotropics-Plant-Fausto-Neves/71633bd09970c2c43498f1bbadafa043e9da1>. Acesso: março, 2019.
- FLORES, Barbara. *Ecofeminismo e comunidade sustentável*. Florianópolis: Revista de Estudos Feministas, vol.23 no.1 . 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2015000100011#fn5. Acesso em: Fevereiro 2021.
- FOUCAULT, Michel. *O Corpo Utópico; As Heterotopia*.. São Paulo: n-1 Edições, 2013.
- FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Editora Elefante, 2017.
- GALLUZZI, G.; EYZAGUIRRE, P.; NEGRI, V. *Home gardens: Neglected hotspots of agro-biodiversity and cultural diversity*. Biodiversity and Conservation 19(13):3635–3654, 2010.
- GANEN, R. S. (Org.). *Legislação brasileira sobre meio ambiente: fundamentos constitucionais e legais*. Brasília: Edições Câmara, 2013. v. 1.
- GORZ, A. *Ecológica*. São Paulo: Annablume, 2010.
- GUDYNAS, Eduardo. *Direitos da natureza: ética biocêntrica e políticas ambientais*. São Paulo: Editora Elefante, 2019.
- HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiplicidade*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2009.
- _____. *Territórios alternativos*. São Paulo: Contexto, 2002.
- HERZOG, Cecília Palacow. *Cidade para todos: reaprendendo a conviver com a natureza*. Rio de Janeiro: Mauad X, Inverde, 2013.
- HISSA, Cassio E. V. *Cidade e Ambiente: dicotomias e transversalidades* (In) Cassio Eduardo Viana (Org.): *Saberes Ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar*, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 259-281.
- ILLICH, Ivan. *Necessidades*. 1990 (texto não publicado)

- KAPP, Silke. *Entrevistas na pesquisa sócio-espacial*. 2020. Revista brasileira de estudos urbanos e regionais, v.22. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/6067>. Acesso em: março 2020.
- KRENAK, Ailton. *Avida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras. 2020.
- _____. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras. 2019.
- _____. ROLNIK, Suely. *Constelações insurgente: fim do mundo e outros mundos possíveis*. 2019a. Canal: Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ. (2h20m). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k5SP0GHjWfw>
- _____. *A natureza não é uma fonte inesgotável de recursos*. 2015. Canal: Sempre um Papo. (55m32s). disponível em: <youtu.be/JizR5UOm4uw>
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras. 2015.
- LANGER, Johnni. *A bruxa no medievo: origens e imaginário*. João Pessoa: UFPB. 2017.
- LATOUCHE, S. *O decrescimento como condição de uma sociedade convivial*. Cadernos IHU, Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo: UNISINOS, Ano 4 - nº 56 – 2006.
- LATOUCHE, S. *Pequeno tratado do decrescimento sereno*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- LATOUR, Bruno. *Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no antropoceno*. São Paulo/Rio de Janeiro: Ubu. 2020.
- _____. *Onde aterrar?* PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 14, página 100 - 109, 2020 (1).
- _____. *Seven Objections Against Landing on Earth*. 2020b. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/168-INTRO-CATALOG-CZ.pdf>
- _____. *A esperança de Pandora: Ensaio Sobre a Realidade dos Estudos Científicos*. São Paulo: Ed. UNESP. 2017.
- _____. *Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno*. Revista de Antropologia, v. 57, n.1, 2014.
- _____. *Reagregando o social: uma introdução à teoria ator-rede*. Salvador: Ed.UFBA, 2012.
- _____. *Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia*. Bauru: Edusc, 2004.
- _____. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

- LATOUR, Bruno. LENTON, Timothy. *Extending the Domain of Freedom, or Why Gaia Is So Hard to Understand*. 2018. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/157-CRITICAL-INQUIRY-GAIA-FREEDOM.pdf>. Acesso em: março 2020
- LEVIS, Carolina. *et al. Persistent effects of pre-Columbian plant domestication on Amazonian forest composition*. Science. v. 355, n. 6328, p. 925-31. 2017. Disponível em: <https://science.sciencemag.org/content/355/6328/925>. Acesso em: janeiro 2020.
- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Ed. 34, 1996.
- LODER, Letícia Ludwig, , "*O modelo Jefferson de transcrição: convenções e debates*", In: *Fala-em-interação social: introdução à Análise da Conversa Etnometodológica* (Letícia Ludwig Loder, Neiva Maria Jung, eds.), Campinas, São Paulo (Brazil)), Mercado de Letras, pp. 127–161. 2008.
- LORENZI, H. *Manual de identificação e controle de plantas daninhas*. 6ª ed. Nova Odessa, SP: Plantarum. 2006.
- LOURENÇO, Daniel Braga. *Qual o valor da natureza? Uma introdução à ética ambiental*. São Paulo: Editora Elefante, 2019.
- MACEDO, Silvio Soares. *Quadro do Paisagismo no Brasil*. São Paulo: 1999. Coleção Quapá, USP.
- MAGALHÃES, Cristiane. *O Desenho da História no Traço da Paisagem: patrimônio paisagístico e jardins históricos no Brasil - memória, inventário e salvaguarda*. Tese (Doutorado em História) – IFCH, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas(SP), 2015.
- _____. *A arte de modelar a paisagem: os ornatos de arquitetura para jardins no ecletismo do paisagismo brasileiro*. In: Revista Espaço Acadêmico - Edição especial 13 anos: Dossiê Jardins históricos. V.13, n. 156, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/23774>. Acesso em: julho de 2020.
- MANCUSO, Stefano. *Revolução das Plantas*. São Paulo: Ubu, 2019.
- MATURANA, Humberto. VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 2002.
- MATURANA, Humberto. *Cognição, Ciência e Vida Cotidiana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

- _____. *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.
- MIGNOLO, Walter. *COLONIALIDADE: O lado mais escuro da modernidade*. Tradução de Marco Oliveira. Revista Brasileira de Ciências Sociais - vol. 32 n° 94. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v32n94/0102-6909-rbcsoc-3294022017.pdf>.
- _____. *Histórias locais, projetos globais*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2004.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. 6a Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.
- MONGIN, Olivier. *Les jardins front la ville*. Rio de Janeiro: Fundação Total, 2013.
- _____. *A condição urbana*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- MONTE-MOR, Roberto L. Belo Horizonte, capital de Minas do século XXI. Belo Horizonte: Vária História. N. 18, 1997. Disponível em: https://static1.squarespace.com/static/561937b1e4b0ae8c3b97a702/t/5727a2c7cf80a157cb742714/1462215368182/24_Monte-mor%2C+Roberto+Luis+M.pdf Acesso: ago 2020
- _____. *Urbanização extensiva e lógicas de povoamento: um olhar ambiental*. In: SANTOS, M. et.al.(org.) Território, Globalização e Fragmentação. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994.
- MORENO, Camila. *As roupas verdes do rei*. In DILGER, Gerhard (Org.). *Descolonizar o imaginário*. São Paulo: Editora Elefante, 2016.
- MOURA, Adriana Maria Magalhães de. *Trajectoria da política ambiental federal no Brasil*. Brasília: IPEA, 2016. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8470/1/Trajeta%20da%20pol%C3%ADtica%20ambiental%20federal%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em: janeiro 2020.
- MOURA, Debora C., *Fanatismo religioso: elogio ao Estado, à Igreja e repúdio ao caboclisto*. In.: LEITE, Antonio Attico de Souza. *Fanatismo Religioso: Memórias sobre o Reino Encantado na comarca de Vila Bela*. 4. Ed. Recife: Cepe. 2018.
- ONU. *A ONU e o meio ambiente*. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/acao/meio-ambiente/> 2018.
- OLIVEIRA, Ana Rosa. *Tantas vezes Paisagem Entrevista com Roberto Burle Marx*. P. 21-49. Rio de Janeiro: SE, 2007.
- OLIVEIRA, Joana Cabral de. *Alguns conhecimentos sobre agricultura*. Programa Wajãpi IEPE. Amapá: Amapari Iepé. 2007a. Disponível em: <https://www.institutoiepe.org.br/> >. Acesso em: setembro 2020.

- ORLANDI, Eni; RODRIGUES, Felipe. *Deontologia marginal : dando voz ao “outro” presente nos morros cariocas*. Em: Entretextos, Londrina, v. 10, n. 1, p. 140-155, jan./jun. 2010. Acesso em: 05/08/2020
- _____. *As formas do silêncio: No movimento dos sentidos*. 7ª ed. Campinas: UNICAMP, 2007.
- PÁDUA, José Augusto. *Valores pós-materialistas e movimentos sociais: o ecologismo como movimento histórico*. In MANGABEIRA UNGER, Nancy (org). *Fundamentos filosóficos do pensamento ecológico*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- PINSKY, Jaime. *As primeiras civilizações*. São Paulo: Ed. Contexto, 2001.
- PIVETTA, Marcos. *Mais gente na floresta*. São Paulo: Revista FAPESP. N. 267. 2018.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *O Desafio Ambiental*. São Paulo: Record, 2016.
- _____. *Lucha por la tierra, lucha por la Tierra - ruptura metabólica y reapropiación social de la naturaleza*. Revista de Pensamiento Cristiano - Iglesia Viva, volume: 267. 2016(a). Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0718-65682016000300015&lng=es&nrm=iso&tlng=pt . Acesso em: mar 2020.
- _____. *A Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- _____. *Os (dés)caminhos do Meio Ambiente*. São Paulo: Contexto, 2006
- _____. *Os Porquês da Desordem Mundial: o Desafio Ambiental*. São Paulo: Record, 2004
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter.; LEFF, E. . *Political Ecology in Latin America: the Social Re-Appropriation of Nature, the Reinvention of Territories and the Construction of an Environmental Rationality*. Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFPR), v. v. 35, p. 65-88, 2015. Disponível em: <http://pesquisadores.uff.br/academic-production/political-ecology-latin-america-social-re-appropriation-nature-reinvention>. Acesso em: janeiro 2019.
- PRADO, Isabela. *(In)visível sob a cidade: o projeto entre rios e ruas*. Belo Horizonte: revista UFMG, v. 20, número 1. 2013. Disponível em: https://www.ufmg.br/revistaufmg/downloads/20/15invis_vel_sob_a_cidade_isabela_prado.pdf . Acesso em: junho 2020.
- PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixas*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- _____. *Segredos guardados: orixás na alma brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

- _____. *Encantaria brasileira*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.
- PBH - PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. *VIURBS: Programa de Estruturação Viária de Belo Horizonte*. 2008.
- ROGER, Alain. *Breve tratado del paisaje*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2014.
- RONCHETTI, Costanza. "*Do jardim místico ao jardim profano. Para uma leitura dos jardins medievais portugueses*", in *Revista de História da Arte*, n.º 7 (2009), pp. 264-281
- RUSSEL, Jeffrey B; BROOKS, Alexander. *História da Bruxaria*. São Paulo: Aleph, 2008.
- SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993
- SANTOS, Rosalira Oliveira dos. GONÇALVES, Antonio Giovanni Boaes. *A natureza e seus significados entre adeptos das religiões afro-brasileiras*. ANAIS DO III ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES – ANPUH. 2011. ISSN 1983-2859. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>. Acesso em: fevereiro de 2019
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101. Acesso: janeiro 2017.
- _____. *A Gramática do Tempo. Para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006.
- SANDEVILLE JUNIOR, Euler. *As sombras da floresta: vegetação, paisagem e cultura no Brasil*. 1999. 371 f. Tese - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- SENOS, Jorge. *Pensamento contrafactual e raciocínio causal: Efeito de facilitação recíproca e modelo de integração*. Lisboa: UNL. 2008. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/207>. Acesso: julho, 2018.
- SHIVA, Vandana. *Ecofeminismo*. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos – IHU . 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/602416-ecofeminismo-artigo-de-vandana-shiva>. Acesso em Fevereiro 2021.
- _____. *Monoculturas da Mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia*. São Paulo: Gaia, 2003.
- SILVA, Maria Angélica. *Histórias de paisagens: a natureza verde e o surgimento das vilas e cidades coloniais do Brasil*. *Revista Locus (UFJF)*, Juiz de Fora, v. 13, n.1. 2015.

- _____. *Os Jardins Fazem a Cidade. Bonito por natureza: das vastidões selvagens aos quintais, o jardim no Brasil*. 2013. (Seminário).
- _____. *Entre a Arcádia e os Jardins do Éden: a América, as vastidões selvagens e a domesticação da natureza*. In: Paisagem e Arte, 2000, São Paulo. Paisagem e Arte. São Paulo: Assahi Gráfica, v. 1. 2000.
- SILVA, Gabriel. DIAS, Sylmara. *O decrescimento: leituras a partir do Sul global*. 2017. Disponível em: http://www.ecoeco2017.sinteseeventos.com.br/simposio/view?ID_SIMPOSIO=11. Acesso em: ago 2020.
- SILVEIRA, Sergio Amadeu da ; SVAZONI, Rodrigo. *O conceito do comum: apontamentos introdutórios*. Rio de Janeiro: Liinc em Revista. v.14. 2018. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/4150/3690>. Acesso: ago 2020.
- SILVEIRA, Sergio Amadeu da (Org.). *Comunicação digital e a construção dos commons*. São Paulo. Ed. Fundação Perseu Abramo, 2007.
- SIMONI, Yuri. *O natural não natural: a concepção de criação da Natureza pelo homem moderno e sua inserção na cidade (séculos XVIII e XIX)*. In: ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. Fortaleza: 2009. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/30-snh25>. Acesso em: ago 2019.
- SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- STENGERS, Isabelle. *A proposição cosmopolítica*. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 69, p.442-464, abr. 2018.
- _____. *Reativar o animismo*. Tradução Jamille Pinheiro Dias. Belo Horizonte: Chão de Feira, 2017.
- _____. *No Tempo das Catástrofes*. São Paulo: Cosac Naify, Coleção EXIT, 2015.
- _____. *Gaia, the urgency to think (and feel)*. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL OS MIL NOMES DE GAIA: DO ANTROPOCENO À IDADE DA TERRA. Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro. Departamento de Filosofia/PPGAS Museu Nacional/UFRJ. set. 2014. Disponível:

<<https://osmilnomesdegaia.files.wordpress.com/2014/11/isabelle-stengers.pdf>>. Acesso em: set. 2019.

- _____. *The cosmopolitical proposal*. 2004. Disponível em: <<http://mnissen.psy.ku.dk/Undervisning/Stengers05.pdf>>.
- _____. *A invenção das ciências modernas*. Trad. Max Altman. Rio de Janeiro: Editora 34, 2002.
- _____. *Quem tem medo da ciência? Ciência e poderes*. São Paulo, Siciliano: 1990.
- STENGERS, Isabelle. PRIGOGINE, Ilya. *O Fim das Certezas: tempo, caos e as leis da Natureza*. São Paulo: Editora UNESP, 2011
- SZTUTMAN, Renato. *Reativar a feitiçaria e outras receitas de resistência – pensando com Isabelle Stengers*. São Paulo: Revista IEB, USP, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/145658>. Acesso: out. 2019.
- TSING, Anna. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.
- _____. *Margens indomáveis*. Belo Horizonte: PISEAGRAMA, número 12, página 02 - 11, 2018.
- _____. *Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras*. In: Ilha - Revista de Antropologia, v. 17, número 1, 2015. Florianópolis: UFSC/ PPGAS, 2015.
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Eduel, 2012.
- VELDEN, Vander. *A relação entre natureza e cultura em sua diversidade: percepções classificações e prática*. Avá. Revista de Antropologia. 2011. Disponível em: <HTTP://www.redalyc.org/articulo.oa?id=169029211002>. Acesso em: janeiro 2019.
- VELHO, Ana Lucia de Oliveira Leite; MAGALHÃES, Claudio Freitas de. *Sinalizar é comunicar a informação a alguém, em um determinado espaço*. In 7º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design – P&D. Curitiba: Anais do 7º P&D, 2006.
- VERGER, Pierre. *Ewé: o uso das plantas na sociedade ioruba*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Ciclo UFMG, 90: Desafios Contemporâneos - Eduardo Viveiros de Castro. *O modelo e o exemplo: dois modos de mudar o mundo*. Conferência Ministrada na Universidade Federal de Minas Gerais em 9 de outubro de

2017. https://www.youtube.com/watch?v=_PfE54pj1wU. Acessado em novembro de 2020.

- _____. *A Inconstância da alma Selvagem*. São Paulo: Ubu, 2017a.
- _____. Algumas reflexões sobre a noção de espécie. Nova York: E-misférica 10.1. 2013. Disponível em: <http://archive.hemisphericinstitute.org/hemi/en/e-misferica-101/viveiros-de-castro>. Acesso: abril,2021.
- _____. *Darcy Ribeiro – Encontros*. Apresentação Guilherme Zarovs. - Rio de Janeiro : Beco do Azougue, 2007.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; DANOWSKI, Deborah. *Ha mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Cultura e Barberie, São Paulo: Instituto Socioambiental, 2014.
- WILSON, Eduard. *O futuro da vida: um estudo da biosfera para a proteção de todas as espécies, inclusive a humana*. Rio de Janeiro: Campos, 2002.
- ZIZEK, Slavoj. *Reciclagem, comidas orgânicas, andar de bicicleta...não é assim que nós salvaremos o planeta*. Lavrapalavra: março de 2017. Disponível em: <https://lavrapalavra.com/2017/03/07/reciclagem-comidas-organicas-andar-de-bicicleta-nao-e-assim-que-nos-salvaremos-o-planeta/>. Acesso em: janeiro 2019.

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA QUALITATIVA

Endereço:

Entrevistador:

Perfil do Cultivador:

Nome(s):

Telefone:

Faixa etária

- Criança:
 - 0-9 anos
 - 10-15 anos
- Jovem:
 - 16-21 anos
 - 22-29 anos
- Adulto:
 - 30-59 anos
- Idoso:
 - + de 60 anos

Onde mora:

Cidade de origem: _____

Sexo:

- Feminino
- Masculino

Ocupação:

Idade do Jardim: _____

Há quanto tempo cultiva jardins: _____

Quantas pessoas cuidam do jardim (alguém te ajuda?):

Quanto ao cuidado

Individual

Selvagem

Coletivo

Outro: (contrata um profissional ou ...)

Quantidade de pessoas/m²:

Fale sobre o seu jardim, conte sua história.

Porquê:

- Você gosta de plantar?

- Por que você tem jardim?

- Qual era seu desejo? Gosta de... começou a plantar

- O que fez você acreditar que...?

- Porque você se envolveu com isso?

Rede de relações

- Quais são os eixos de articulação?

(Moradores, apoiadores, poder público, igrejas, terreiros de umbanda, associação)

Lugar:

- O que havia antes nesse lugar?

- **Por que o jardim acontece nesse lugar?** (Pontos negativos e positivos)

- **Como você relaciona (o jardim) essa ação com seu bairro?**

Relação moradia x jardim:

Mora próximo à ele, mora nele, com ele?

O que os seus vizinhos acham?

O que você pensa sobre as plantas de Belo Horizonte?

Qual a relação desse jardim com a cidade?

E e rio? As águas, as nascentes, as chuvas, enchentes?

Produção:

Quanto aos tipos de plantas

- | | | |
|-------------------------------------|--|--------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Nativas | <input type="checkbox"/> Leguminosas | <input type="checkbox"/> Cactus |
| <input type="checkbox"/> Frutíferas | <input type="checkbox"/> Tubérculos | <input type="checkbox"/> Árvores |
| <input type="checkbox"/> Ervas | <input type="checkbox"/> Verdes sem flores | <input type="checkbox"/> Arbustos |
| <input type="checkbox"/> Temperos | <input type="checkbox"/> Flores | <input type="checkbox"/> Trepadeiras |
| <input type="checkbox"/> Hortaliças | <input type="checkbox"/> Suculentas | |

Quais são as espécies cultivadas? Como aprendeu sobre elas?

o Como o jardim foi pensado e feito? (Técnicas, conhecimentos, recursos)

o Qual a frequência que você rega/poda/replanta? Em quais meses ou estações do ano?

Quanto ao uso

- | | | |
|-------------------------------------|------------------------------------|---------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Comestível | <input type="checkbox"/> Medicinal | <input type="checkbox"/> Outro: |
| <input type="checkbox"/> Ornamental | <input type="checkbox"/> De poder | |

o De qual planta você mais gosta?

o Alguma planta representa algo especial para você? (Se possui alguma significação emocional, religiosa ...)

o Quando você cuida do jardim? Como ele participa do seu cotidiano?

o Como você se sente ao fazer isso? O jardim te descansa?

Fauna:

Quanto à presença e observação de animais

- | | | |
|------------------------------------|-----------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> Abelha | <input type="checkbox"/> Papagaio | <input type="checkbox"/> Cavalo |
| <input type="checkbox"/> Borboleta | <input type="checkbox"/> Maritaca | <input type="checkbox"/> Vaca |
| <input type="checkbox"/> Joanelha | <input type="checkbox"/> Tucano | <input type="checkbox"/> Pulgão |
| <input type="checkbox"/> Libélula | <input type="checkbox"/> Gato | <input type="checkbox"/> outros insetos: |
| <input type="checkbox"/> Formiga | <input type="checkbox"/> Cachorro | <input type="checkbox"/> Outro: |
| <input type="checkbox"/> Besouro | <input type="checkbox"/> Cabra | |
| <input type="checkbox"/> Aranha | <input type="checkbox"/> Mico | |
-

o Você gosta ou não deles?

o Você faz o controle desses animais? Como?

o Tem animal de estimação? Quais?

o Como convive com os animais? E como os outros convivem? Tem alguma história?

Socialização:

o Você distribui flores? Mudas? Frutas? Verduras? Legumes?

o Você ganha algum dinheiro com isso?

Quanto ao objetivo

- Venda
- Troca
- Doação
- Consumo próprio
- Prazer ou Hobby
- Outro: _____
- Já fez amigos por causa do jardim?

Conhece outras pessoas com jardim?

Trocam conhecimentos/experiências?

Acha que esse contato seria interessante?

Quais são as maiores dificuldades enfrentadas no jardim?

Qual a relação do jardim com os órgãos públicos? Quais são os agentes que atuam (sobre esse território)? Eles fazem um bom serviço?

ESPECIFICIDADES

Jardins públicos

Como as outras pessoas/transeuntes interagem com o jardim?

Apesar de público, esse jardim é comum?

Jardins portáteis

Por que você tem um jardim que te acompanha?

Como ele é transportado?

Para quais lugares ele o acompanha?

- o Por que essa(s) planta(s)?

Jardins produtivos

- o Quem usa o que você planta? Através de venda, troca ou doação?
- o O que faz quando existem sobras?
 - o Quanto começou a plantar, passou a comprar menos frutas/verduras?

O jardim configura uma prática de resistência à dominação do mercado? Sim

Jardins espontâneos

Diversidade biológica

- o Trata-se de um espaço negligenciado/abandonado? Quem é o proprietário do terreno?
- o É influenciado/guido pela ação humana?
- o O que você acha das plantas que nascem ali? (Para os vizinhos)
- o Qual a história dessas plantas/lugar?

Jardins de entrada

Haviam espécies existentes antes da construção?

O jardim é uma projeção/extensão/ faz parte da casa?

Ele é visto a partir do espaço público?

Jardins de poder

- o Você tem alguma religião? Como ela vê as plantas?
- o Por que nesse local? Por que essa espécie?

Observações:

APÊNDICE B

Tabula I – Tabulação dos dados quantitativos

Obs.:

Os dados da totalidade das áreas, 873 áreas incluindo lotes com ocupação, lotes vagos com jardim cuidado, áreas remanescentes, áreas públicas e semipúblicas, foram coletados e compilados para o território de pesquisa escolhido a partir dos mapas virtuais Google Mymaps, BHmaps, Google maps. Os dados levantados pelos mapas virtuais foram checados em campo.

QUANTO A PRESEÇA DE JARDIM	STATUS	ENDEREÇO	SUPERFÍCIE	PONTO DE REFERÊNCIA	ÁREA APROX. TERREIRO (M2)	QUANTO TAMBORIM (JARDIM)	ÁREA APROX. JARDIM (M2)	QUANTO AO LUGAR	QUANTO A MOBILIDADE	QUANTO A PERMEABILIDADE	QUANTO AO ACESSO	QUANTO AO ESPAÇO	QUANTO A VISIBILIDADE
com jardim	quadrante aplicado	Grotto	CONGAVA Grotto	gruta	11700	grande	11700	fundo da gruta	livro / portais	permeável	semi-público	total	visível
com jardim	quadrante aplicado	Beco da Gruta 13	CONGAVA Grotto	gruta	180	pequeno	70	casa	livro / portais	permeável	privado	entradas / fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Beco da Gruta 28	CONGAVA Grotto	gruta	145	grande	27	casas	livro	permeável	privado	entradas / fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Beco da Gruta nora 1	CONGAVA Grotto	gruta	440	pequeno	200	casas	livro	permeável	privado	fundos	não visível
com jardim	quadrante aplicado	Avenida Itaipu, 42	CONVEXA	esquina com Av. Itaipu	420	pequeno	85	casas	livro	permeável	privado	entradas / lateral / fundos	não visível
com jardim	quadrante aplicado	Avenida Itaipu, 50	CONVEXA	prós. à esquina com Av. Itaipu	400	pequeno	90	casas	livro	permeável	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Avenida Itaipu, 60	CONVEXA	prós. à esquina com Av. Itaipu	1000	pequeno	500	casas	livro	permeável	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Avenida Itaipu, 80	CONVEXA	prós. à esquina com Av. Itaipu	450	pequeno	180	casas	livro	permeável	privado	lateral / fundos	não visível
com jardim	quadrante aplicado	Avenida Itaipu, 105	CONVEXA	prós. à esquina com Av. Itaipu	400	pequeno	84	casas	livro / portais	permeável	privado	entradas	visível
com jardim	quadrante aplicado	Avenida Itaipu, 122	CONVEXA	prós. à esquina com Av. Itaipu	420	pequeno	84	casas e estabelec. comercial	livro	permeável	privado	entradas / lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Avenida Itaipu, 210	CONVEXA	esquina com Av. Itaipu	670	pequeno	150	casas	livro	permeável	privado	entradas / lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Avenida Itaipu, 258	CONVEXA	prós. à esquina com Av. Itaipu	400	pequeno	180	casas	livro / portais	permeável	privado	entradas / lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Avenida Itaipu, 12	V PLANA	Escola Municipal Fr. Francisco Camillo Moyses	7000	grande	2000	escola	livro / portais	permeável	semi-público	entradas / lateral / fundos / abas	não visível
com jardim	quadrante aplicado	Avenida Itaipu, 60	V PLANA	ao lado do estabelecimento Dr. Auto Car	400	pequeno	90	casas e estabelec. comercial	livro / portais	permeável	privado	entradas	visível
com jardim	quadrante aplicado	Avenida Itaipu, 78	V PLANA	em frente ponto de ônibus	210	pequeno	80	casas	livro	permeável	privado	lateral	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Araucária, 13	CONVEXA	prós. à esquina com Rua Souza Aguiar	150	pequeno	30	casas	livro	permeável	privado	entradas / lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Araucária, 19	CONVEXA	prós. à esquina com Rua Souza Aguiar	370	pequeno	145	casas	livro	permeável	privado	entradas / lateral	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Araucária, 31	CONVEXA	prós. à esquina com Rua Souza Aguiar	780	pequeno	460	casas	livro	permeável	privado	entradas / lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Araucária, 36	CONVEXA	em frente à casa real	470	pequeno	161	casas	livro	permeável	privado	entradas / lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Araucária, 46	CONVEXA	prós. à esquina com Rua Souza Aguiar	260	pequeno	53	casas	livro	permeável	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Araucária, 47	CONVEXA	prós. à esquina com Rua Souza Aguiar	260	pequeno	53	casas	livro	permeável	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Araucária, 48	CONVEXA	ao lado da casa laranja	320	pequeno	64	casas	livro	permeável	privado	entradas	não visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Barroco, 9A	CONVEXA	prós. à esquina com Rua Souza Aguiar	430	pequeno	88	casas	livro	permeável	privado	entradas / lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Barroco, 17	CONVEXA	prós. à esquina com Rua Souza Aguiar	580	pequeno	175	casas	livro	permeável	privado	entradas / lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Barroco, 40	CONVEXA	prós. à esquina com Rua Souza Aguiar	560	pequeno	120	casas	livro	permeável	privado	lateral	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Barroco, 51	CONVEXA	prós. à esquina com Rua Souza Aguiar	470	pequeno	181	casas	livro / portais	permeável	privado	entradas	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Barroco, 68	CONVEXA	prós. à esquina com Rua Souza Aguiar	410	pequeno	198	casas	livro	permeável	privado	lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Barroco, 77	CONVEXA	prós. à esquina com Rua Souza Aguiar	450	pequeno	98	casas	livro	permeável	privado	lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Barroco, 101	CONVEXA	entre Rua Maracá e Rua Souza Aguiar	400	pequeno	320	casas	livro	permeável	privado	total	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Barroco, 121	CONVEXA	entre Rua Maracá e Rua Souza Aguiar	430	pequeno	129	casas	livro / portais	permeável	privado	total	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Barroco, 135	CONVEXA	entre Rua Maracá e Rua Souza Aguiar	360	pequeno	178	casas	livro	permeável	privado	entradas / lateral / fundos	não visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Barroco, 165	CONVEXA	entre Rua Maracá e Rua Souza Aguiar	980	pequeno	211	casas	livro	permeável	privado	entradas / lateral / fundos / abas	não visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Capara, 23	CONGAVA Grotto	prósimo Av. Itaipu	500	pequeno	102	casas	livro	permeável	privado	entradas / fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Capara, 47	CONGAVA Grotto	prósimo Av. Itaipu	460	pequeno	97	casas	livro	permeável	privado	entradas / fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Capara, 61	CONGAVA Grotto	prósimo Av. Itaipu	400	pequeno	78	casas	livro	permeável	privado	entradas / fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Capara, 173	CONGAVA Grotto	esquina com Rua Magalhães	230	pequeno	48	casas	livro	permeável	privado	entradas / lateral	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Capara, 195	CONGAVA Grotto	limite com Grotto	230	pequeno	30	casas	livro	permeável	privado	fundos	não visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Capara, 205	CONGAVA Grotto	limite com Grotto	600	pequeno	260	casas	livro	permeável	privado	entradas / fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Capara, 211	CONGAVA Grotto	limite com Grotto	970	pequeno	560	casas	livro	permeável	privado	total	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Capara, 225	CONGAVA Grotto	limite com Grotto	640	pequeno	120	casas	livro	permeável	privado	entradas / fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Capara, 263	CONGAVA Grotto	limite com Grotto	230	pequeno	48	casas	livro	permeável	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Capara, 265	CONGAVA Grotto	limite com Grotto	380	pequeno	190	casas	livro	permeável	privado	entradas / lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Capara, 269A	CONVEXA	paralelo à Rua Mangaribás	400	pequeno	180	casas	livro	permeável	privado	lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Capara, 294	CONVEXA	paralelo à Rua Mangaribás	400	pequeno	164	casas	livro	permeável	privado	entradas / lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Capara, 296	CONVEXA	paralelo à Rua Mangaribás	510	pequeno	500	casas	livro	permeável	privado	entradas / lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Capara, 305	CONGAVA Grotto	limite com Grotto	330	pequeno	120	casas	livro	permeável	privado	entradas / lateral	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Capara, 317	CONGAVA Grotto	limite com Grotto	320	pequeno	100	casas	livro	permeável	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Capara, 329	CONGAVA Grotto	limite com Grotto	320	pequeno	70	casas	livro / portais	permeável	privado	entradas / fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Capara, 350	CONGAVA Grotto	paralelo à Rua Potomaco	150	pequeno	30	casas	livro	permeável	privado	entradas / lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Capara, 375	CONGAVA Grotto	limite com Grotto	480	pequeno	280	casas	livro	permeável	privado	entradas / fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Capara, 385	CONGAVA Grotto	limite com Grotto	470	pequeno	220	casas	livro	permeável	privado	abas ou vertical / fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Capara, 397	CONGAVA Grotto	limite com Grotto	490	pequeno	170	casas	livro	permeável	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Capara, 402	CONVEXA	paralelo à Rua Potomaco	180	pequeno	35	casas	livro / portais	permeável	privado	entradas	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Capara, 411	CONGAVA Grotto	limite com Grotto	400	pequeno	200	casas	livro	permeável	privado	total	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Capara, 428	CONVEXA	esquina com Rua Grotto	420	pequeno	164	casas	livro	permeável	privado	entradas	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Capara, 427	CONGAVA Grotto	limite com Grotto	400	pequeno	258	casas	livro	permeável	privado	entradas / fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Capara, 434	CONVEXA	esquina com Rua Coeli	400	pequeno	117	casas	livro	permeável	privado	entradas / fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Capara, 409	CONGAVA Grotto	esquina com Rua Coeli	570	pequeno	114	casas	livro	permeável	privado	fundos	não visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Capara, 468	CONVEXA	paralelo à Rua Potomaco	650	pequeno	130	casas	livro	permeável	privado	fundos	não visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Capara, 500	CONGAVA Grotto	fundos área privativa	500	pequeno	100	casas	livro	permeável	privado	entradas / fundos	não visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Capara, 512	CONVEXA	paralelo à Rua Potomaco	440	pequeno	80	casas	livro	permeável	privado	entradas / lateral	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Capara, 526	CONVEXA	quadrante entre ruas Coeli e Moss	450	pequeno	90	casas	livro	permeável	privado	entradas	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Capara, 556	CONVEXA	quadrante entre ruas Coeli e Moss	280	pequeno	51	casas	livro	permeável	privado	entradas / lateral	não visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Capara, 563	CONGAVA Grotto	fundos área privativa	112	pequeno	112	casas	livro	permeável	privado	fundos / lateral / fundos	não visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Capara, 581	CONGAVA Grotto	fundos área privativa	970	pequeno	530	casas	livro	permeável	privado	entradas / lateral / fundos	visível

com jardim	quadrante aplicado	Rua Calçaria, 591	CONGAVA Gosa	fundos área greenfields	450	grande	200	casa	lateral	privado	fundos / lateral	não visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Calçaria, 601	CONGAVA Gosa	fundos área greenfields	450	pequeno	112	casa	lateral	privado	fundos	não visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Calçaria, 615	CONGAVA Gosa	fundos área greenfields	450	pequeno	103	casa	lateral	privado	fundos	não visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Calçaria, 618	CONGAVA Gosa	o espaço é um núcleo pedagógico	800	pequeno	150	escola	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Calçaria, 648	CONGAVA Gosa	próximo ao núcleo pedagógico Crescer	500	pequeno	98	casa	lateral	privado	fundos / lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Calçaria, 664	CONGAVA Gosa	esquina com rua Silva Avarenga	420	pequeno	81	estabelecimento comercial	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Calçaria, 672	CONGAVA Gosa	zona esquina com rua Silva Avarenga	450	pequeno	88	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Coari, 56	CONGAVA Gosa	zona esquina com rua Souza Aguiar	500	pequeno	98	casa	lateral	privado	fundos	não visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Coari, 58	CONGAVA Gosa	esquina com Rua Poloméias	510	pequeno	100	casa	lateral	privado	fundos / lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Coari, 71	CONGAVA Gosa	esquina com Rua Poloméias	370	pequeno	76	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Coari, 100	CONGAVA Gosa	prós esquina com Rua Poloméias	440	grande	200	casa	lateral	privado	fundos / lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Coari, 112	CONGAVA Gosa	prós esquina com Rua Poloméias	210	pequeno	43	casa	lateral	privado	fundos / lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Coari, 153	CONGAVA Gosa	linda com Grotã	450	pequeno	138	casa	lateral	privado	fundos / lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Coari, 163	CONGAVA Gosa	linda com Grotã	410	pequeno	127	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Coari, 200	CONGAVA Gosa	linda com Grotã	270	pequeno	54	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Coari, 216	CONGAVA Gosa	linda com Grotã	390	pequeno	167	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Coari, 221	CONGAVA Gosa	linda com Grotã	330	pequeno	70	casa e estabelec. comercial	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Coari, 244	CONGAVA Gosa	linda com Grotã	800	grande	648	casa	lateral	privado	fundos / lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Coari, 250	CONGAVA Gosa	linda com Grotã	440	pequeno	91	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Coari, 254	CONGAVA Gosa	linda com Grotã	540	pequeno	289	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Coari, 257	CONGAVA Gosa	linda com Grotã	720	pequeno	143	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Coari, 261	CONGAVA Gosa	linda com Grotã	980	pequeno	197	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Coari, 267	CONGAVA Gosa	linda com Grotã	1080	grande	698	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Coari, 274	CONGAVA Gosa	linda com Grotã	1120	pequeno	368	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Coari, 277	CONGAVA Gosa	linda com Grotã	710	grande	318	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Coari, 287	CONGAVA Gosa	linda com Grotã	730	pequeno	298	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Curt, 743	CONGAVA c 86	prós com rua Jamatã	670	pequeno	190	casa	lateral	privado	fundos / lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Curt, 725	CONGAVA c 86	esquina com rua Jamatã	840	pequeno	235	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Curt, 591	CONGAVA c 86	esquina com rua Jamatã	410	pequeno	190	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Curt, 742	CONGAVA c 86	zona rua Jamatã	410	pequeno	200	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Curt, 748	CONGAVA c 86	esquina com rua Jamatã	180	pequeno	35	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Curt, 790	CONGAVA c 86	zona Souza Aguiar	470	pequeno	87	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Dourados, 41	CONGAVA	esquina com rua Souza Aguiar e Silva Avarenga	550	grande	200	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Dourados, 50	CONGAVA	zona esquina com Souza Aguiar e Silva Avarenga	480	grande	200	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Dourados, 62	CONGAVA	zona esquina com Souza Aguiar e Silva Avarenga	280	pequeno	35	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Dourados, 86	CONGAVA	quadrante entre rua Viga e Silva Avarenga	400	pequeno	77	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Dourados, 97	CONGAVA	quadrante entre rua Viga e Silva Avarenga	410	grande	223	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Dourados, 101	CONGAVA	quadrante entre rua Viga e Silva Avarenga	350	pequeno	79	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Dourados, 109	CONGAVA	quadrante entre rua Viga e Silva Avarenga	350	pequeno	71	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Dourados, 110	CONGAVA	quadrante entre rua Viga e Silva Avarenga	80	pequeno	20	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Dourados, 119	CONGAVA	quadrante entre rua Viga e Silva Avarenga	400	grande	162	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Dourados, 124	CONGAVA	quadrante entre rua Viga e Silva Avarenga	250	pequeno	52	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Dourados, 129	CONGAVA	quadrante entre rua Viga e Silva Avarenga	330	pequeno	106	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Dourados, 221	CONGAVA	quadrante entre rua Viga e Souza Aguiar	440	pequeno	90	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Dourados, 233	CONGAVA	quadrante entre rua Viga e Souza Aguiar	450	pequeno	90	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Dourados, 256	CONGAVA	quadrante entre rua Viga e Souza Aguiar	430	pequeno	129	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Dourados, 267	CONGAVA	quadrante entre rua Viga e Souza Aguiar	430	pequeno	80	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Dourados, 268	CONGAVA	quadrante entre rua Viga e Souza Aguiar	460	grande	186	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Dourados, 269	CONGAVA	quadrante entre rua Viga e Souza Aguiar	420	pequeno	86	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Dourados, 276	CONGAVA	quadrante entre rua Viga e Souza Aguiar	430	pequeno	81	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Dourados, 288	CONGAVA	quadrante entre rua Viga e Souza Aguiar	300	pequeno	60	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Dourados, 300	CONGAVA	quadrante entre rua Viga e Souza Aguiar	400	pequeno	80	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Dourados, 317	CONGAVA	quadrante entre rua Viga e Souza Aguiar	440	pequeno	80	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Dourados, 341	CONGAVA	quadrante entre rua Viga e Souza Aguiar	420	pequeno	87	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Dourados, 389	CONGAVA c 86	quadrante entre rua Viga e Souza Aguiar	400	pequeno	83	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Dourados, 398	CONGAVA c 86	quadrante entre rua Viga e Souza Aguiar	600	pequeno	187	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Dourados, 401	CONGAVA c 86	quadrante entre rua Viga e Souza Aguiar	350	pequeno	72	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Faria D'Alc., 708	CONGAVA c 86	quadrante entre rua Jamatã e Rua Marçã	210	pequeno	80	casa e estabelec. comercial	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Faria D'Alc., 715	CONGAVA	quadrante entre rua Jamatã e Rua Marçã	430	pequeno	160	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Faria D'Alc., 725	CONGAVA	quadrante entre rua Jamatã e Rua Marçã	410	pequeno	90	casa e estabelec. comercial	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Faria D'Alc., 735	CONGAVA	quadrante entre rua Jamatã e Rua Marçã	340	pequeno	50	casa e estabelec. comercial	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Faria D'Alc., 777	CONGAVA	quadrante entre Rua Marçã e Rua Souza Aguiar	280	grande	100	casa / comércio em frente	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Jaramã, 15	CONGAVA	quadrante entre Rua Poloméias e Rua Souza Aguiar	500	pequeno	204	casa	lateral	privado	fundos / lateral	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Jaramã, 32	CONGAVA	quadrante entre Rua Moço e Rua Souza Aguiar	480	pequeno	148	casa	lateral	privado	fundos / lateral	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Jaramã, 52	CONGAVA	quadrante entre Rua Moço e Rua Souza Aguiar	410	pequeno	227	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Jaramã, 134	CONGAVA	quadrante entre Rua Moço e Rua Silva Avarenga	400	pequeno	83	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Jaramã, 143	CONGAVA	quadrante entre Rua Moço e Rua Silva Avarenga	400	pequeno	81	casa	lateral	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante aplicado	Rua Jaramã, 155	CONGAVA	quadrante entre Rua Moço e Rua Silva Avarenga	470	pequeno	93	casa	lateral	privado	fundos	visível

com jardim	quartizimo apicoado	Rua Prodanh, 24	CONVEXA	quartizo entre Rua Souza Aguiar e Rua Tupassiguani	360	meio	157	casa	fuco	permissivel	privado	entradas / laterais / fundos	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Prodanh, 28	CONVEXA	quartizo entre Rua Souza Aguiar e Rua Tupassiguani	360	pequeno	79	estabelecimento comercial	fuco	permissivel	privado	entradas	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Prodanh, 35	CONVEXA	quartizo entre Rua Souza Aguiar e Rua Tupassiguani	360	pequeno	77	casa	fuco	permissivel	privado	entradas / laterais	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Prodanh, 42	CONVEXA	quartizo entre Rua Souza Aguiar e Rua Tupassiguani	410	pequeno	83	casa	fuco	permissivel	privado	entradas / laterais / fundos	não visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Prodanh, 54	CONVEXA	quartizo entre Rua Souza Aguiar e Rua Tupassiguani	910	grande	470	casa	fuco	permissivel	privado	entradas / laterais / fundos	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Prodanh, 67	CONVEXA	quartizo entre Rua Souza Aguiar e Rua Tupassiguani	360	pequeno	71	casa	fuco	permissivel	privado	fundos	não visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Prodanh, 81	CONVEXA	quartizo entre Rua Souza Aguiar e Rua Tupassiguani	430	pequeno	102	casa	fuco	permissivel	privado	entradas / fundos	não visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Prodanh, 120	CONVEXA	quartizo entre Rua Tupassiguani e Rua Mangaribás	160	pequeno	85	casa	fuco	permissivel	privado	fundos	não visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Prodanh, 130	CONVEXA	quartizo entre Rua Tupassiguani e Rua Mangaribás	200	pequeno	38	casa	fuco	permissivel	privado	entradas	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Prodanh, 154	CONVEXA	quartizo entre Rua Tupassiguani e Rua Mangaribás	460	meio	142	casa	fuco	permissivel	privado	entradas / laterais / fundos	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Prodanh, 155	CONVEXA	quartizo entre Rua Tupassiguani e Rua Mangaribás	160	pequeno	37	casa / calcada	fuco	permissivel	publico / privado	entradas / fundos	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Prodanh, 157	CONVEXA	quartizo entre Rua Tupassiguani e Rua Mangaribás	430	pequeno	86	casa / calcada	fuco	permissivel	publico / privado	entradas / fundos	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Prodanh, 160	CONVEXA	quartizo entre Rua Tupassiguani e Rua Mangaribás	430	grande	162	casa	fuco	permissivel	privado	laterais	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Prodanh, 171	CONVEXA	quartizo entre Rua Tupassiguani e Rua Mangaribás	450	pequeno	90	casa	fuco	permissivel	privado	fundos	não visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Prodanh, 178	CONVEXA	quartizo entre Rua Tupassiguani e Rua Mangaribás	400	meio	120	casa	fuco	permissivel	privado	entradas / fundos	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Prodanh, 180	CONVEXA	quartizo entre Rua Tupassiguani e Rua Mangaribás	370	pequeno	76	casa	fuco	permissivel	privado	entradas / fundos	não visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Prodanh, 202	CONVEXA	quartizo entre Rua Tupassiguani e Rua Mangaribás	540	pequeno	112	casa	fuco / portão	permissivel	privado	entradas / fundos	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Prodanh, 219	CONVEXA	quartizo entre Rua Tupassiguani e Rua Mangaribás	360	pequeno	74	casa	fuco	permissivel	privado	entradas / fundos	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Pradourinhos, 15	CONVEXA	quartizo entre Rua Barreiro e Rua Maracá	1340	grande	1000	casa e estabelecimento comercial	fuco	permissivel	privado	entradas / laterais / fundos	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Pradourinhos, 36	CONVEXA	quartizo entre Rua Barreiro e Rua Maracá	200	pequeno	42	casa	fuco	permissivel	privado	entradas	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Pradourinhos, 180	CONVEXA	quartizo entre Rua Janelinha e Rua Maracá	460	pequeno	91	casa / calcada	fuco	permissivel	publico / privado	entradas / fundos	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Polonário, 23	CONVEXA	quartizo entre Rua Mangaribás e Rua Capota	330	grande	160	casa	fuco	permissivel	privado	entradas / fundos	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Polonário, 25	CONVEXA	quartizo entre Rua Mangaribás e Rua Capota	330	grande	145	casa / calcada	fuco	permissivel	privado	entradas / fundos	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Polonário, 28	CONVEXA	quartizo entre Rua Mangaribás e Rua Capota	310	grande	128	casa	fuco	permissivel	privado	entradas / fundos	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Polonário, 49	CONVEXA	quartizo entre Rua Mangaribás e Rua Capota	380	pequeno	77	casa	fuco	permissivel	privado	entradas / fundos	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Polonário, 55	CONVEXA	quartizo entre Rua Coari e Mangaribás	300	pequeno	66	casa	fuco / portão	permissivel	privado	fundos	não visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Polonário, 70	CONVEXA	quartizo entre Rua Coari e Mangaribás	300	pequeno	62	casa	fuco	permissivel	privado	entradas / laterais	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Polonário, 90	CONVEXA	quartizo entre Rua Coari e Mangaribás	370	pequeno	78	casa	fuco	permissivel	privado	entradas / laterais	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Polonário, 93	CONVEXA	quartizo entre Rua Coari e Mangaribás	400	pequeno	81	casa	fuco	permissivel	privado	entradas / laterais / fundos	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Polonário, 110	CONVEXA	quartizo entre Rua Coari e Mangaribás	360	grande	115	casa	fuco	permissivel	privado	entradas / laterais / fundos	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Polonário, 120	CONVEXA	quartizo entre Rua Coari e Mangaribás	250	pequeno	52	casa	fuco	permissivel	privado	entradas / fundos	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Polonário, 137	CONVEXA	quartizo entre Rua Coari e Mangaribás	350	pequeno	73	casa	fuco	permissivel	privado	entradas	não visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Polonário, 140	CONVEXA	quartizo entre Rua Coari e Mangaribás	210	pequeno	50	casa	fuco	permissivel	privado	fundos	não visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Polonário, 160	CONVEXA	quartizo entre Rua Coari e Mangaribás	230	pequeno	41	casa	fuco	permissivel	privado	entradas / laterais / fundos	não visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Polonário, 184	CONVEXA	quartizo entre Rua Coari e Mangaribás	630	pequeno	42	casa	fuco	permissivel	privado	entradas / laterais / fundos	não visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Polonário, 207	CONVEXA	quartizo entre Rua Coari e Rua Moja	730	grande	320	casa	fuco	permissivel	privado	entradas / laterais / fundos	não visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Polonário, 222	CONVEXA	quartizo entre Rua Coari e Rua Moja	620	pequeno	98	casa	fuco	permissivel	privado	entradas	não visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Polonário, 248	CONVEXA	quartizo entre Rua Coari e Rua Moja	900	meio	152	casa	fuco	permissivel	privado	entradas / laterais	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Polonário, 290	CONVEXA	quartizo entre Rua Coari e Rua Moja	360	pequeno	72	casa	fuco	permissivel	privado	fundos	não visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Polonário, 331	CONVEXA	quartizo entre Rua Coari e Rua Moja	520	pequeno	142	casa	fuco / portão	permissivel	privado	terraceo / laterais / fundos	não visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Polonário, 427	CONVEXA	quartizo entre Rua Moja e Rua Silva Avereanga	430	pequeno	88	casa	fuco	permissivel	privado	entradas / fundos	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Polonário, 435	CONVEXA	quartizo entre Rua Moja e Rua Silva Avereanga	430	pequeno	88	casa	fuco	permissivel	privado	entradas / fundos	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Polonário, 443	CONVEXA	quartizo entre Rua Coari e Rua Moja	400	pequeno	76	casa	fuco	permissivel	privado	entradas / fundos	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Polonário, 450	CONVEXA	quartizo entre Rua Coari e Rua Moja	400	pequeno	62	casa	fuco / portão	permissivel	privado	entradas / fundos	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Polonário, 468	CONVEXA	quartizo entre Rua Coari e Rua Moja	350	pequeno	78	casa	fuco	permissivel	privado	entradas / fundos	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Polonário, 688	CONVEXA e 80	quartizo entre Rua Coari e Rua Fênix Das	480	pequeno	76	casa	fuco / portão	permissivel	privado	entradas / fundos	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Polonário, 712	CONVEXA e 80	quartizo entre Rua Curú e Rua Fênix Das	360	pequeno	70	estabelecimento comercial	fuco	permissivel	privado	entradas / fundos	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Polonário, 722	CONVEXA e 80	quartizo entre Rua Curú e Rua Fênix Das	440	pequeno	81	casa	fuco	permissivel	privado	entradas / fundos	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Polonário, 732	CONVEXA e 80	quartizo entre Rua Curú e Rua Fênix Das	440	pequeno	83	casa	fuco	permissivel	privado	entradas / fundos	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Polonário, 744	CONVEXA e 80	quartizo entre Rua Curú e Rua Fênix Das	400	pequeno	81	casa	fuco	permissivel	privado	entradas	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Polonário, 766	CONVEXA e 80	quartizo entre Rua Curú e Rua Fênix Das	820	pequeno	140	estabelecimento comercial	fuco	permissivel	privado	entradas / fundos	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Polonário, 782	CONVEXA e 80	quartizo entre Rua Curú e Rua Fênix Das	440	pequeno	81	casa	fuco	permissivel	privado	fundos	não visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Polonário, 794	VARSEIA PLANA	quartizo entre Rua Curú e Rua Fênix Das	440	pequeno	83	casa e estabelecimento comercial	fuco	permissivel	privado	entradas / fundos	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Silva Avereanga	VARSEIA PLANA	quartizo entre Rua Moja e Rua Souza Aguiar	138	grande	130	area residual	fuco	permissivel	publico	total	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Silva Avereanga, 55	CONVEXA	quartizo entre Rua Moja e Rua Souza Aguiar	470	pequeno	100	casa / calcada	fuco	permissivel	publico / privado	entradas	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Silva Avereanga, 102	CONVEXA	quartizo entre Rua Dourados e Rua Viga	580	meio	148	casa	fuco / portão	permissivel	privado	entradas / fundos	não visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Silva Avereanga, 107	CONVEXA	quartizo entre Rua Moja e Rua Janelinha	180	pequeno	38	casa	fuco	permissivel	privado	fundos	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Silva Avereanga, 114	CONVEXA	quartizo entre Rua Moja e Rua Janelinha	750	pequeno	157	casa	fuco	permissivel	privado	fundos	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Silva Avereanga, 119	CONVEXA	quartizo entre Rua Moja e Janelinha	600	pequeno	103	casa	fuco	permissivel	privado	fundos	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Silva Avereanga, 142	CONVEXA	quartizo entre Rua Moja e Janelinha	580	pequeno	118	casa	fuco	permissivel	privado	entradas / fundos	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Silva Avereanga, 207	CONVEXA	quartizo entre Rua Polonário e Janelinha	400	meio	124	casa	fuco	permissivel	privado	entradas / laterais / fundos	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Silva Avereanga, 217	CONVEXA	quartizo entre Rua Polonário e Janelinha	410	pequeno	89	casa	fuco	permissivel	privado	entradas / fundos	não visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Souza Aguiar, 253	CONVEXA	quartizo entre Rua Calcada e Rua Polonário	220	pequeno	45	casa	fuco	permissivel	privado	entradas / laterais	não visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Souza Aguiar, 253	CONVEXA	quartizo entre Rua Calcada e Rua Polonário	250	pequeno	51	casa	fuco	permissivel	privado	entradas	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Souza Aguiar, 1	VARSEIA PLANA	ao longo da parte norte de toda via 684, fôrno	38.000	grande	32520	area residual	fuco / portão	permissivel	publico	total	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Souza Aguiar, 6	VARSEIA PLANA	quartizo entre Rua Fênix Das e Rua Barreiro	810	pequeno	174	casa / comê incubadora	fuco	permissivel	publico	entradas	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Souza Aguiar, 6	VARSEIA PLANA	100m tudo parede verde, ao lado do numero 6	200	grande	80	estabelecimento comercial	fuco / portão	permissivel	privado	entradas	visivel
com jardim	quartizimo apicoado	Rua Souza Aguiar, 8	VARSEIA PLANA	parte do lote	720	grande	90	casa	fuco	permissivel	privado	entradas	visivel

com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 67	VARSEIA PLANA	ao lado da escola	600	grande	360	casa	estabelec. comercial	uso / portão	permi / impem	privado	entrad. lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 77	VARSEIA PLANA	parte de baixo	300	pequeno	77	casa	estabelec. comercial	uso / portão	permiável	privado	lateral	não visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 92	VARSEIA PLANA	parte de baixo	700	pequeno	146	casa		uso	permiável	privado	lateral	não visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 97	VARSEIA PLANA	prox. jardins da Cida	480	grande	145	casa		uso / portão	permi / impem	privado	entrad. lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 98	VARSEIA PLANA	corre de baixo	800	pequeno	87	casa e estabelec. comercial		uso / portão	permi / impem	privado	entrad. lateral / fundos	não visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 105	VARSEIA PLANA	cor. ant. em Cida	135	pequeno	27	casa / contêiner em frente		uso / portão	permi / impem	privado	total / entrada	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 111	VARSEIA PLANA	ao lado da escola	170	médio	56	casa		uso	permiável	privado	entrad. lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 121B	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Mangarabá e Rua Prodiak	210	médio	64	casa		uso	permiável	privado	entrad. lateral / fundos	não visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 382	VARSEIA PLANA	Esquina com Turunçu	720	grande	356	casa		uso	permiável	privado	entrad. lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 413	VARSEIA PLANA	Entre Rua Turunçu e Rua Mangarabá	300	grande	138	casa		uso	permiável	privado	lateral	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 423	VARSEIA PLANA	ao lado do Centro Educacional	440	grande	292	casa		uso	permiável	privado	lateral	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 427	VARSEIA PLANA	Entre Rua Turunçu e Rua Mangarabá	475	médio	165	casa e estabelec. comercial		uso	permi / impem	privado	entrad. lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 453	VARSEIA PLANA	Entre Rua Turunçu e Rua Mangarabá	500	médio	160	casa		uso	permiável	privado	entrad. lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 477	VARSEIA PLANA	Entre Rua Turunçu e Rua Mangarabá	400	pequeno	87	casa		uso	permiável	privado	entrad. lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 489	VARSEIA PLANA	Esquina com Rua Mangarabá	480	médio	130	casa		uso	permiável	privado	entrad. lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 553	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Mangarabá e Rua Coari	220	pequeno	90	casa		uso	permiável	privado	fundos	não visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 557	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Mangarabá e Rua Coari	90	pequeno	18	casa		uso	permiável	privado	entrad. lateral	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 555	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Mangarabá e Rua Coari	150	pequeno	35	casa		portão	permiável	privado	terrace	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 505	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Mangarabá e Rua Coari	250	pequeno	52	casa		uso	permiável	privado	entrad. lateral	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 595	VARSEIA PLANA	Muro gradado	250	pequeno	56	casa		uso	permiável	privado	entrad. / FUNDOS	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 601	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Coari e Rua Mangarabá	580	grande	560	todo vazio		uso	permiável	privado	total	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 617	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Coari e Rua Mangarabá	350	grande	160	casa		uso / portão	permiável	privado	entrad. lateral / fundos / terrace	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 623	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Coari e Rua Mangarabá	160	pequeno	38	estabelec. comercial / cabala		uso / portão	permi / impem	privado	entrad. lateral	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 747	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Coari e Rua Moju	360	pequeno	73	casa		uso	permiável	privado	fundos	não visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 797	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Coari e Rua Moju	460	pequeno	80	casa		uso	permiável	privado	entrad. lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 795	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Jmaelita e Rua Silva Azevêga	350	pequeno	82	casa		uso	permiável	privado	entrad. lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 801	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Jmaelita e Rua Silva Azevêga	550	pequeno	112	casa e estabelec. comercial		uso	permiável	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 811	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Jmaelita e Rua Silva Azevêga	710	médio	216	casa		uso	permiável	privado	entrad. lateral / fundos / terrace	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 833	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Jmaelita e Rua Turunçu	410	médio	176	casa		uso	permiável	privado	entrad. lateral / fundos / terrace	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 845	VARSEIA PLANA	ao lado do Centro Educacional Pize (ao lado do quarteirão)	280	pequeno	53	casa / cabala		uso / portão	permi / impem	privado	rua / entrada / fundos	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 859	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Souza Azevêga e Rua Jmaelita	260	pequeno	53	casa		uso	permiável	privado	entrad. lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 961	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Dourados e Rua Viga	240	médio	73	casa		uso	permiável	privado	entrad. lateral	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 967	VARSEIA PLANA	Calçada do Pauri perto	150	médio	46	casa		uso	permiável	privado	entrad. lateral	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 985	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Souza Azevêga e Rua Jmaelita	160	grande	67	casa		uso	permiável	privado	entrad. lateral	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 1001	VARSEIA PLANA	Bar do Tati	310	pequeno	72	estabelec. comercial / cabala		uso	permiável	privado	rua / entrada	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 1075	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Dourados e Rua Viga	360	pequeno	75	casa		uso	permiável	privado	entrad. lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 1075	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Dourados e Rua Viga	510	pequeno	102	casa		uso	permiável	privado	entrad. lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 1082	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Dourados e Rua Viga	280	médio	91	casa		uso	permiável	privado	entrad. lateral / fundos	não visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 1091	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Dourados e Rua Viga	310	pequeno	56	casa		uso	permiável	privado	visível	
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 1145	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Dourados e Rua Viga	480	grande	230	casa		uso	permiável	privado	entrad. lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 1161	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Dourados e Rua Viga	1040	grande	450	casa e estabelec. comercial		uso	permiável	privado	entrad. lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 1179	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Dourados e Rua Viga	560	médio	162	casa		uso	permiável	privado	entrad. lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 1181	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Dourados e Rua Viga	600	grande	300	casa / contêiner em frente		uso / portão	permi / impem	privado	entrad. lateral / fundos	não visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 1193	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Dourados e Rua Viga	590	médio	176	casa		uso	permiável	privado	fundos	não visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 1203	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Dourados e Rua Viga	640	pequeno	140	casa		uso	permiável	privado	entrad. lateral	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 1215	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Dourados e Rua Viga	630	pequeno	126	casa		uso	permiável	privado	entrad. lateral	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 1235	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Dourados e Rua Viga	620	pequeno	121	casa		uso	permiável	privado	entrad. lateral	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 1236	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Dourados e Rua Viga	630	pequeno	126	casa		uso	permiável	privado	entrad. lateral	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 1237	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Dourados e Rua Viga	620	pequeno	121	casa		uso	permiável	privado	entrad. lateral	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 1239	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Dourados e Rua Viga	440	pequeno	91	estabelecimento comercial		uso	permiável	privado	entrad. lateral	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 1251	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Dourados e Rua Viga	480	pequeno	90	casa		uso	permiável	privado	entrad. lateral	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 1445	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Dourados e Rua Viga	460	pequeno	3	estabelec. comercial / cabala		uso	permiável	privado	entrad. lateral	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 1645	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Fêmio Das	840	pequeno	172	casa		uso	permiável	privado	entrad. lateral	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 1801	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Fêmio Das	260	pequeno	63	casa		uso	permiável	privado	entrad. lateral	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 1821	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Barreiro e Rua Uvarra	200	pequeno	42	casa / contêiner em frente		uso	permiável	privado	entrad. lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Souza Aguiar, 1833	VARSEIA PLANA	quadrante entre Rua Barreiro e Rua Uvarra	510	médio	152	casa		uso	permiável	privado	entrad. lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Tabasso, 29	CONCAVA ES	quadrante entre Rua Souza Aguiar e Avenida Itah	450	pequeno	83	casa		uso	permiável	privado	entrad. lateral / fundos	não visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Tabasso, 33B	CONCAVA ES	quadrante entre Rua Souza Aguiar e Avenida Itah	450	pequeno	210	casa		uso	permiável	privado	fundos	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Tabasso, 43	CONCAVA ES	quadrante entre Rua Souza Aguiar e Avenida Itah	450	pequeno	230	casa		uso	permiável	privado	fundos	não visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Tabasso, 43	CONCAVA ES	quadrante entre Rua Souza Aguiar e Avenida Itah	500	pequeno	250	casa		uso	permiável	privado	fundos	não visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Tabasso, 63	CONCAVA ES	quadrante entre Rua Souza Aguiar e Avenida Itah	400	pequeno	260	casa		uso	permiável	privado	fundos	não visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Tabasso, 65	CONCAVA ES	quadrante entre Rua Souza Aguiar e Avenida Itah	400	pequeno	160	casa e estabelec. comercial		uso	permiável	privado	fundos	não visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Tabasso, 72	CONCAVA ES	quadrante entre Rua Souza Aguiar e Rua Moggiari	560	pequeno	270	casa		uso	permiável	privado	entrad. lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Tabasso, 80	CONCAVA ES	quadrante entre Rua Mangarabá e Rua Moggiari	270	pequeno	130	casa		uso	permiável	privado	fundos	não visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Tabasso, 115	CONCAVA	quadrante entre Rua Turunçu e Rua Prodiak	1560	grande	35	casa		uso / portão	permi / impem	privado	entrad. lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Tupassiguari, 37	CONCAVA	quadrante entre Rua Prodiak e Rua Moggiari	400	pequeno	70	casa		uso / portão	permiável	privado	entrad. lateral / fundos	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Tupassiguari, 74	CONCAVA	quadrante entre Rua Prodiak e Rua Moggiari	300	médio	175	casa		uso / portão	permi / impem	privado	entrad. lateral	visível
com jardim	quadrante apoiado	Rua Tupassiguari, 81	CONCAVA	quadrante entre Rua Prodiak e Rua Turunçu	260	pequeno	76	casa		uso	permiável	privado	lateral / fundos	não visível

Célula: A1

Comentário: _ 172 jardins identificados como de maior relevância.

_50 questionários quantitativos (30%)

_ 10 entrevistas

Célula: G1

Comentário: pequeno - entre 18 e 25% do lote

médio - entre 26 e 36%

grande - maior que 36%

Célula: I1

Comentário: _casa

_estabelecimento comercial

_apartamento

_calçada

_praça

_escola

_universidade

_ lote vago

_área residual

_vila

_canteiro em frente

Célula: J1

Comentário: _fixo: plantas no solo

_portátil: plantas em vasos

Célula: K1

Comentário: _permeável: plantas afixadas no solo

_impermeável: plantas em vasos

Célula: L1

Comentário: _público: acesso exclusivo ao proprietário do lote.

_semi-público: acesso público em propriedade privada ou de acesso restritivo (ex: escolas)

_público: acesso público

Célula: M1

Comentário: _entrada: entre o portão e a casa

_fundos

_lateral

_aéreo ou vertical

_passarela

_terraço

Célula: N1

Comentário: _visível: é possível identificar a presença de jardins (ainda que não se identifique sua dimensão) a partir da rua

_não visível: não é possível identificar a presença de jardins a partir da rua

APÊNDICE C

Tabela II – Compilação dos dados qualitativos

Obs.:

Os dados aqui apresentados foram compilados a partir das entrevistas de caráter etnográfico. O questionário está disponível no Anexo I.

VÁRSEA PLANA E R SOUZA AGUIAR

NOME	endereço	jardineira e jardineiro				animal				jardim			
		sexo	idade	origem	ocupação	animal estimação	publico privado	cultivo	idade	cuidado	publico privado	cultivo	idade
1 Rosa	Rua Souza Aguiar, 67	F	idoso	interior	costureira	sim	pri	ind	30	diaria			
2 terezinha	Rua Souza Aguiar, 97	F	idoso	interior	do lar	sim	pri	ind	35	diaria			
3 cida fer	Rua Souza Aguiar, 101	F	adulto	interior	oficineira/arte		publi	col	6	2x/s			
4 mauelina	Rua Souza Aguiar, 105	F	idoso	interior	aposentada		pri publi	ind col	10	diaria			
5 mauricio	Rua Souza Aguiar, 327b	M	adulto	bh	mecanico		pri publi	ind	15	3x/s			
6 carlindo	Rua Souza Aguiar, 477	M	adulto	bh	mecanico	sim	pri	ind	8	diaria			
7 elisete mario	Rua Souza Aguiar, 423	F/M	adulto	bh	ourives	sim	pri	col	12	3x/s			
8 fabiola	Rua Souza Aguiar, 617	F	adulto	bh	do lar	sim	pri	col	13	diaria			
9 betinho e nilson	Rua Souza Aguiar, 623	M	adulto	interior	borracheiro		publi	col	2	diaria			
10 d lucinha	Rua Souza Aguiar, 833	F	idoso	bh	aposentada	sim	pri	col	50	2x/s			
11 henrique Xangó	Rua Souza Aguiar, 845	M	jovem	interior	pai de santo		pri publi	ind	1	diaria			
12 Tata	Rua Souza Aguiar, 985	M	adulto	bh	pedreiro bar	sim	publi	col	20	diaria			
13 marias (helenas)	Rua Souza Aguiar, 1181	F	adulto	bh	professora	sim	pri com	col	60	diaria			
14 salão	Rua Souza Aguiar, 1445	F/M	adulto	bh	cabeleireiro		publi	col	5	3x/s			
15 sr Geraldo	Rua Souza Aguiar, 1921	M	idoso	bh	aposentado		publi	ind	30	3x/s			
16 sr Geraldo da escola	Avenida Itaituba, 12	M	idoso	interior	oficineiro		publi	col	20	diaria			

VARSEA PLANA SOUZA AGUIAR													
NOME	jardim						jardim						água e rio
	medicinal	ornamental	comestível	poder	uso		venda	troca	doação	objetivo	prazer	outros	
entrevistados													água e rio
1 Rosa		ornamental	comestível	pi				doação	c. próprio	prazer			neg
2 terezinha	medicinal	ornamental	comestível	pi arr esj			troca	doação	c. próprio	prazer			pos e neg
3 cida fer	medicinal	ornamental	comestível	pi arr esj cnp				doação	c. próprio	prazer	c/ lixo		pos e neg
4 mauelina		ornamental		esj						prazer			pos e neg
5 maurício		ornamental		pi						prazer			pos e neg
6 carlindo		ornamental	comestível						c. próprio	prazer			
7 elisete mario		ornamental	comestível	pi			troca	doação	c. próprio	prazer			pos
8 fabiola	medicinal	ornamental	comestível	pi			troca	doação	c. próprio	prazer			
9 betinho e nilson	medicinal	ornamental	comestível	rosa boldo			troca			prazer	c/ lixo		pos
10 d lucinha		ornamental	comestível					doação	c. próprio	prazer			
11 henrique Xangô	medicinal			esj, boldo, pi,				doação			religião		pos
12 Tata	medicinal	ornamental	comestível	esj, arruda boldo, pi			troca	doação	c. próprio	prazer	c/ lixo		pos
13 marias (helenas)	medicinal	ornamental	comestível	rosa marcela esj			troca	doação	c. próprio	prazer	medicina		pos e neg
14 salão	medicinal	ornamental		esj						prazer	cosmetico		
15 sr Geraldo		ornamental		esj						prazer	c/ lixo sombra		pos e neg
16 sr Geraldo da escola	medicinal	ornamental	comestível	arruda marcela boldo				doação		prazer	merenda		pos e neg

VARSEA PLANA SOUZA AGUIAR													
NOME	Palavras para animais e plantas						comportamento humano			nomes			
	amigo	companheira	irmão(o)	família	amor		protetor	outros		outro nome para jardim			
entrevistado													
1 Rosa	amigo	companheira					protetor			outro nome para jardim			
2 terezinha	amiga	companheira	irmã				protetor			casa			
3 cida fer	amiga			filhas						minhas plantas			
4 mauelina													
5 maurício													
6 carlindo	amigo						protetor						
7 elisete mario													
8 fabiola		companheira			amor					visita/ companhia		casa, mato	
9 betinho e nilson							protetor			farmacia			
10 d lucinha	amiga											arvoredo, mora no jardim	
11 henrique Xangô													
12 Tata	amiga	companheira		filhas			protetor						
13 marias (helena)	amigas		imas	mães						gentil (erva)		farmácia, roça, paraíso,	
14 salão												floresta	
15 sr Geraldo				filhos						abraço			
16 sr Geraldo da escola				família						ladino(macaco)			meio ambiente, beleza, jardim divino

NOME	endereço	jardineira e jardineiro				animal		jardim		
		sexo	idade	origem	ocupação	animal estimação	publico privado	cultivo	idade	cuidado
Grota										
17 Cigano	beco da grota ,28	M	adulto	BH	pai de santo	sim	pri publi	ind	20	diário
18 Adriana	beco da grota ,13	F	adulto	BH	Diarista	sim	pri	ind	6	4x/s
19 Rodaleia	coari 267 a	F	idosa	interior	aposntada	sim	pri publi	ind col	5	2x/s
20 José artur/Lica	coari 244	F/M	idosos	bh	aposentados		pri	col	50	2x/s
21 Jurandir	coari 254	M	idoso	bh	aposentado		pri	ind	50	as vezes
22 Luiz (esposa cuida)	caiçara 581	F	idoso	bh	aposentado	sim	pri	ind	50	as vezes
23 Marlene	mogoari 626	F	adulto	BH	manicuri	sim	pri	ind	20	diário
24 Silvânia (filha Xico)	mogoari 591	F	adulto	bh	medica		pri	ind	30	2x/s
25 Nayara	Mogoari 378	F	jovem	BH	dona de casa		pri com	ind	5	diário
26 José Adão/José filho	Rua Caiçara 215	M	adulto	BH	comerciante	sim	pri	col	50	2x/s
27 Sr Elias	Rua Caiçara 285	M	idoso	interior	aposentado	sim	pri	col	50	diário
28 Sr Carlo mulher	Rua Coari 55	F/M	adulto	Bh	proj. mecanico		pri	col	6	3x/s
Talvegue do córrego São Geraldo e Nascentes ruas Janaitiba, Curi e Potomaio										
29 Tatiane	Rua Janaitiba 414	F	adulto	interior	salgadeira	sim	pri	ind	6	diário
30 Raimundo	Rua Janaitiba 431	M	adulto	interior	marceneiro	sim	pri publi	col	15	diário
31 Helio	Rua Curi	M	adulto	BH	corretor		pri	ind	30	diário
32 Fátima	Rua Maracá 189	F	adulto	BH	professora		pri	ind	15	3x/s
33 Rosane/pai	Rua Dourados 389	F/M	adulto	BH	deseempregada		pri	ind(pai)	30	2x/s
34 Eduardo	Rua Janaitiba 734	M	idoso	interior	serralheiro		pri	col	45	diário
35 Maria	Rua Potomaio 744	F	idosa	interior	aposentada	sim	pri	col	50	3x/s
36 Adelaide Renam	Rua Janaitiba 648	F/M	adulto	interior	professora		pri	col	9	diário
37 Patricia	Rua Maracá 329	F	jovem	bh	estudante		pri	ind	2	2x/s
38 Maria Helena MINA	Rua Potomaio 686	F	adulto	bh	costureira	sim	pri	ind	5	diário
39 Mina	Rua Curi	F	adulto	bh	professora		pri	ind	50	diário
40 Dona Bete (filho)	Rua Janaitiba 697	M	adulto	bh	pedreiro		pri	sem	50	as vezes

SUPERF CÔNCAVA E NASCENTES											
NOME	uso				objetivo				água e rio		
	medicinal	ornamental	comestível	poder	venda	troca	doação	c proprio		prazer	outros
Grota											
17 Cigano	medicinal	ornamental	comestível	ervas de axe			doação		prazer	religião	pos
18 Adriana		ornamental	comestível					c proprio	prazer		
19 Rodaleia	medicinal	ornamental	comestível				doação	c proprio	prazer		pos e neg
20 José artur/Lica	medicinal	ornamental	comestível	espada de são jorge			doação	c proprio	prazer		pos
21 Jurandir	medicinal	ornamental	comestível				doação	c proprio	prazer		pos
22 Luiz (esposa cuida)		ornamental	comestível						prazer		pos
23 Marlene		ornamental	comestível	pimenteira			doação	c proprio	prazer		pos e neg
24 Silvânia (filha Xico)	medicinal	ornamental	comestível					c proprio	prazer		pos
25 Nayara	medicinal	ornamental		espada de são jorge					prazer		pos e neg
26 José Adão/José filho	medicinal	ornamental	comestível		venda			c proprio	prazer		pos
27 Sr Elias		ornamental	comestível	pimenteira				c proprio	prazer		pos
28 Sr Carlo mulher		ornamental							prazer		pos e neg
Talogue do córrego São Geraldo e Nascentes ruas Janaítila, Curli e Potomalo											
29 Tatiane		ornamental	comestível				doação	c proprio	prazer		pos e neg
30 Raimundo	medicinal	ornamental	comestível				doação	c proprio	prazer		pos e neg
31 Helio		ornamental	comestível	espada de são jorge					prazer		pos e neg
32 Fátima	medicinal	ornamental	comestível						prazer		pos e neg
33 Rosane/pai		ornamental	comestível					c proprio	prazer		neg
34 Eduardo	medicinal	ornamental	comestível					c proprio	prazer		neg
35 Maria		ornamental	comestível	espada de são jorge					prazer		neg
36 Adelaide Renam		ornamental	comestível				doação	c proprio	prazer		pos e neg
37 Patricia	medicinal	ornamental	comestível				doação	c proprio	prazer		pos e neg
38 Maria Helena MINA	medicinal	ornamental	comestível	lança S J, arruda, pequi, comigo ninguém pode			doação	c proprio	prazer		pos
39 Mina	medicinal	ornamental							prazer		pos
40 Dona Bete (filho)	medicinal	ornamental	comestível	pimenta			doação	c proprio	prazer		pos e neg

SUPERF CÔNCAVA E NASCENTES									
NOME	Palavras para animais e plantas					comportamento humano		nomes	
	entrevistado	amigo	companheira	irmão(o)	família	amor	protetor	outros	outro nome para jardim
Grota									
17	Cigano						proteção		jardim da nascente
18	Adriana			irmão(o)		amor			
19	Rodaleia	amigas	companheira						
20	José artur/Lica	amigas				amor		respondem	casa
21	Jurandir								
22	Luiz (esposa cuida)								
23	Marlene		companheira		filhas	amor		ficam lindas	brejo, água
24	Silvânia (filha Xico)	amigas			família				
25	Nayara								
26	José Adão/José filho								plantação, mata
27	Sr Elias								
28	Sr Carlo mulher	amigas	companheira					escuta	casa
Talvegue do córrego São Geraldo e Nascentes ruas Janaitiba, Curi e Potomalo									
29	Tatiane	amigas						conversa	
30	Raimundo	amigas							casa
31	Helio								
32	Fátima								
33	Rosane/pai								
34	Eduardo		compamheiros						
35	Maria	amigas	companheiras					conversa	casa
36	Adelaide Renam								
37	Patrícia								
38	Maria Helena MINA								
39	Mina				irmão				
40	Dona Bete (filho)							faz companhia	benção, casa d' água nascente, matinha, jardim de deus

SUPERFÍCIES CONVEXAS											
NOME	endereço	jardineira e jardineiro				animal		jardim			
		sexo	idade	origem	ocupação	animal estimação	publico privado	cultivo	idade	cuidado	
3 alto da escola											
41 Luzia	Avenida Itaiaté 100	F	idosa	interior	costureira			ind		50	as vezes
42 Aloé	Avenida Itaiaté 238	F	idosa	interior	prof aposentada	sim		ind		22	diário
43 Terezinha	Rua Mogoari 352	F	idosa	interior	aposentada			ind		50	2x/s
44 Chico do churrasco	R. Mangaratiba 321	F	jovem	São Paulo	atendente	sim		ind		10	4x/s
45 D Aparecida	Rua Itaiassu 67	F	idosa	sp	aposentada			ind		60	diário
46 Maria Helena	Rua Mogoari 81	F	idosa	interior	aposentada	sim		col		60	diário
47 maria Lúcia	rua Tupassiguari	F	idosa	bh	aposentada	sim		ind		30	3x/s
48 Marlene	Rua Potomaio 55	F	adulta	bh	pedagoga			ind		10	2x/s
49 Paulo	Rua Caiçara 424	M	idoso	bh	aposentado			ind		20	diário
4 entorno da rua Silva Alvarenga											
50 Julio	Rua Caiçara 556	M	idoso	bh	aposentado			ind		50	as vezes
51 Jaqueline	Rua Caiçara 672	F	jovem	bh	desempregada	sim		ind		1	3x/s
52 Mario e a mãe	Rua Silva Alvarenga 217	F/M	adulto	bh	motorista			col		15	3x/s
53 Luiza	Rua Janaitiba 167	F	adulta	bh	professora	sim		ind		30	3x/s
54 Cleusa	rua Mojo 59	F	adulta	interior	dona de casa	sim		ind		20	3x/s
55 Luciana e Marcio	Rua Dourados 50	F	adulta	bh	dona de casa			col		30	3x/s
56 Aparecida	Rua Vigia 180	F	adulta	bh	secretária			col		45	3x/s
57 Maria Tereza e Zé	Rua Vigia 210	F/M	idoso	interior	aposentada			col		40	diário
58 Saulo	Rua Maracá 70	F/M	jovem	bh	estudante	sim		col		20	diário
59 Marlida	Rua Maracá 117	F	adulta	bh	dona de casa			ind		20	diário
5 entorno do Viaduto											
60 Marlida	Rua Janaitiba 792	F	idosa	interior	aposentada			ind		50	diário
61 Ana	Rua Janaitiba 900	F	idosa	bh	aposentada	sim		ind		50	diário
62 Josué	Rua Barreiros 60	M	idoso	interior	aposentado			ind		50	3x/s
63 Maria Euália	Rua Barreiros 160	F	adulta	BH	Professora	sim		col		50	2x/s
64 Josina	Rua Maracá 473	F	idosa	bh	aposentada			col		25	diário
65 Maria das Graças	Rua Fernão Dias 777	F	idosa	interior	aposentada			ind		42	diário

SUPERFÍCIES CONVEXAS												
NOME	USO						objetivo					água e rio
	medicinal	ornamental	comestível	podér	venda	troca	doação	c proprio	prazer	outros		
3 alto da escola												
41 Luzia		ornamental	comestível	comestível					prazer	memória pais	neg	
42 Aloé	medicinal	ornamental	comestível	espada de são jorge		troca	doação	c proprio	prazer			
43 Terezinha		ornamental	comestível	espada de são jorge				c proprio	prazer		neg	
44 Chico do churrasco	medicinal	ornamental	comestível	espada de são jorge, pimenteira, arruda				c proprio	prazer			
45 D Aparecida	medicinal	ornamental	comestível	espada de são jorge, pimenteira, arruda		troca	doação	c proprio	prazer		pos e neg	
46 Maria Helena	medicinal	ornamental	comestível	espada de são jorge, pimenteira, mangleiricão		troca	doação	c proprio	prazer			
47 maria Lúcia		ornamental							prazer			
48 Marlene	medicinal	ornamental	comestível	espada de são jorge, pimenteira, mangleiricão		troca	doação	c proprio	prazer			
49 Paulo	medicinal	ornamental	comestível				doação	c proprio	prazer	memória irmã		
4 entorno da rua Silva Alvarenga												
50 Julio	medicinal	ornamental	comestível	árvore do dinheiro					prazer	memória mae		
51 Jaqueline		ornamental							prazer			
52 Mario e a mãe	medicinal	ornamental	comestível	espada de são jorge, pimenteira				c proprio	prazer	memória tia		
53 Luiza	medicinal	ornamental	comestível	pimenteira, romã		venda	doação	c proprio	prazer			
54 Cleusa	medicinal	ornamental	comestível				doação	c proprio	prazer		pos e neg	
55 Luciana e Marcio	medicinal	ornamental	comestível	espada de são jorge, pimenteira		troca	doação	c proprio	prazer		pos e neg	
56 Aparecida		ornamental					doação	c proprio	prazer		pos	
57 Maria Tereza e Zê	medicinal	ornamental	comestível	espada de são jorge, guiné			doação	c proprio	prazer		pos e neg	
58 Saulo	medicinal	ornamental	comestível						prazer		pos	
59 Marilda		ornamental					doação		prazer			
5 entorno do Viaduto												
60 Marilda		ornamental	comestível				doação		prazer			
61 Ana		ornamental	comestível	guiné		troca	doação	c proprio	prazer		pos	
62 Josué	medicinal	ornamental	comestível			troca	doação	c proprio	prazer		neg	
63 Maria Eulália	medicinal	ornamental	comestível	arvore da fortuna, pimenteira, espada de s j		troca	doação		prazer			
64 Josina	medicinal	ornamental	comestível				doação	c proprio	prazer			
65 Maria das Graças	medicinal	ornamental		boldinho					prazer			

SUPERFÍCIES CONVEXAS									
NOME	Palavras para animais e plantas					comportamento humano		nomes	
	entrevistado	amigo	companheira	irmão(o)	família	amor	protetor	outros	outro nome para jardim
3 alto da escola									
41	Luzia								
42	Aloé	amigas	companheira		filhas	amor			
43	Terezinha	amigo							
44	Chico do churrasco								
45	D Aparecida	amiga						conversa, escuta	casa
46	Maria Helena								
47	maria Lúcia		compania						casa
48	Marlene	amiga						faz companhia	beleza
49	Paulo				família				
4 entorno da rua Silva Alvarenga									
50	Julio								
51	Jaqueline								casa "eu moro no jardim"
52	Mario e a mãe		companheira			amor		faz companhia	
53	Luiza	amigas							
54	Cleusa								
55	Luciana e Marcio		companheira					conversa, escuta	paraíso
56	Aparecida								
57	Maria Tereza e Zé			irmão	meninas				
58	Saulo	amigo			filhos na				casa, namoro
59	Marilda								paraíso
5 entorno do Viaduto									
60	Marilda	amigas				amor		conversa, escuta	
61	Ana					queridas			casa, fazenda
62	Josué								
63	Maria Eulália	amigo b	companheira	broder				escuta	casa
64	Josina					queridas			
65	Maria das Graças			irmã					